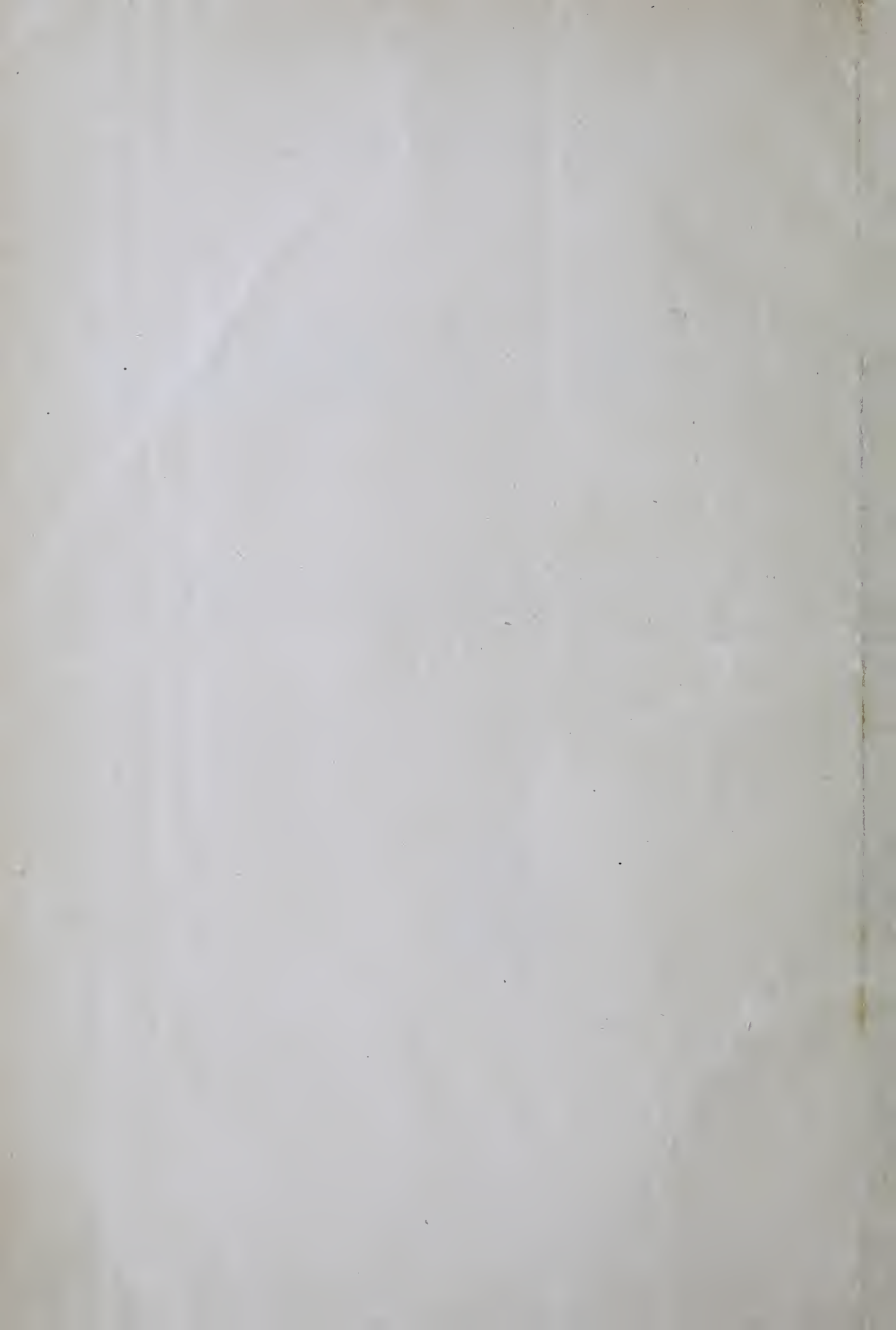
BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

INDICE DO SEPTIMO TOMO

DA

Terceira Série do Boletim

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Titulos dos artigos	Auctores	Numeros e paginas em que foram publicados
Relatorios ácerca da Bibliotheca da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, pelo socio bibliothecario	Visconde da Torre da Murta	2, p. 22 a 25; 6 e 7, p. 106 a 109; 9, 129 a 134.
Restos (Os) mortaes de Vasco da Gama. Providencias tomadas em 1845. — O monumento commemorativo da batalha contra os mouros nos campos de Castro Verde. — A torre de menagem da cidade de Beja		3 e 4, p. 41 a 43
Riqueza archeologica de Portugal. — Nota de um viajante inglez		1, p. 8 e 9.
Ruinas na Zambezia	Gabriel Pereira	3 e 4, p. 54.
Satyro (O) da fonte de S. Domingos de Bemfica. — *Gravura.*	Idem	1, p, 7.
Sé de Vizeu	José d'Almeida e Silva	3 e 4, p. 36 a 38.
Sé (A) velha em Coimbra e a archeologia historica		3 e 4, p. 39.
Sociedade (A) Archeologica Lusitana. — As antiguidades extrahidas das ruinas de Troia e onde é que se acham depositadas. — *Duas gravuras*	João Carlos d'Almeida Carv.º	5, p. 70 a 75; 6 e 7, p. 82 a 92.
Tangêr (O) dos sinos. (Providencias ecclesiasticas adoptadas no seculo XVI)	Dr. F. M de Sousa Viterbo	2, p 17 e 18.
Torre dos Coelheiros. — Solar dos Coguminhos. — *Gravura*	Gabriel Pereira	3 e 4, p. 53 e 54.
Vida e milagres de Santo Antonio (Excerptos de um manuscripto do seculo XV)	Idem	3 e 4, p. 48 a 51.
Vieiras (Os)	Joaquim Conceição Gomes	10, p. 150 e 151.
Villa Franca de Xira		1, p. 11.
Villa Viçosa		1, p. 12.
Visconde de Alemquer	Augusto Ribeiro	10, p. 146 e 147.
Vizeu		1, p. 12 e 13.

PREÇO DO BOLETIM

Anno, 4 numeros, 600 réis. — Numero avulso, 200 réis. — Tomo VII, réis 1$800; pelo correio, 1$920 réis. — Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio.

Assigna-se e vende-se, em Lisboa, no Museu do Carmo, e nas livrarias Pereira (rua Augusta), José Bastos (rua Garrett) e Ferreira (rua Aurea).

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Director do *Boletim* — no Museu do Carmo.

Jornaes, Bibliothecas e Corporações a que é offerecido e enviado este Boletim

Boletin de la Real Academia de Ciencias y Artes (Barcelona)
Commercio do Porto
Correio da Noite
Correio Nacional
Diario Illustrado
Diario de Noticias
Economista
Folha do Povo
Jornal de Lisboa
Jornal do Commercio
Jornal do Fundão
Jornal dos Conductores d'Obras Publicas e Minas
Mala da Europa
Manuelinho d'Evora
Nação
Novidades
Occidente
Popular
Primeiro de Janeiro (Porto)
Provincia (Porto)
Reporter
Revista de Archeologia (Porto)
Revista Colonial
Revista Critica de Historia y Literatura Españolas (Madrid)
Revista de Obras Publicas e Minas
Seculo
Tarde
Tempo
Universal
Vanguarda

Academia Real de Bellas Artes (Lisboa)
Académie de Littérature (La Rochelle)
» des Antiquaires d'Athènes
» des Inscriptions et Belles Lettres (Paris)
» des Sciences Ethnographiques (Paris)
Asociación Artistica y Arqueologica de Barcelona
Association des Architectes Neerlandais (Hollanda)
Associação dos Engenheiros Civis
Associação dos Soccorros Mutuos dos Artistas de Coimbra
Athenée d'Archéologie de Bordeaux
Atheneu Commercial de Lisboa
Bibliotheca da Academia Real das Sciencias
» da Camara Municipal de Thomar
Bibliotheca da Universidade de Coimbra
» Municipal da Figueira da Foz
» » de Alcobaça
» Nacional de Lisboa
» Publica de Braga
» » de Evora
» » de Villa Real de Traz os-Montes
» » do Porto
» Real de Mafra
Bibliothèque du Musée Teyler (Harlem)
Camara Municipal de Beja.
Colegio de Ingenieros de Venezuela (Caracas)
Collegio dos Engenheiros e Architectos de Palermo
Fédération Archéologique et Historique (Enghien)
Gabinete de Leitura Gabriel Pereira (Evora)
Gremio Artistico
Institut de France (Paris)
Institute of Architects (New-York)
Minister for Mines and Agriculture (Sydney)
Museu Districtal de Santarem
» Ethnologico
» Lapidar Infante D. Henrique (Faro)
» Municipal d'Elvas
» » da Figueira da Foz
Real Academia de Historia de Madrid
Real Academia de las Tres Nobles Artes de San Fernando (Madrid)
Real Bibliotheca da Ajuda
Reale Academia di Belli Arti (Bologna)
Royal Institute of British Architects (Londres)
Sociedad Arqueologica de España (Madrid)
Sociedade Carlos Ribeiro (Porto)
Sociedade de Geographia de Lisboa
Sociedade Martins Sarmento (Guimarães)
Società Siciliana per la storia patria (Palermo)
Société Académique Hispano-Portugaise (Toulouse)
» Centrale d'Architecture de Belgique
» Centrale des Architectes Français (Paris)
» d'Archéologie de Stockholm
» d'Architecture de Berlin
» de Beaux-Arts (Caen)
» de Beaux-Arts du Département de la Loire
» de Belles Lettres, Sciences et Arts (La Rochelle)
» de l'Histoire (Compiègne)
» de l'Histoire (Pensylvanie)
» Française d'Archéologie pour la conservation des monuments historiques (Compiègne).

3.ª SERIE ANNO DE 1894 TOMO VII

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 1

COMMISSÃO DOS MONUMENTOS NACIONAES

QUESTIONARIO GERAL

Monumentos prehistoricos; antas ou antinhas; pedras levantadas, ou grandes marcos a que se liguem tradições; mamoas ou mamunhas; cavernas ou grutas onde se encontrem vestigios ou testemunhos da passagem do homem, armas, ceramicas ou ossadas; cercas muralhadas; pedras de raio, armas ou utensilios de pedra lascada ou polida, achados isoladamente; ardosias lavradas.

Noticia de thesouros achados casualmente.

Antiguidades romanas, restos de povoações, edificios ou casas isoladas. Mosaicos, aqueductos, estradas e pontes, marcos de estrada, inscripções ou letreiros em pedras, templos e fortalezas, moedas, ceramicas ou objectos de barro, tijolos e telhas com marcas de oleiros, amphoras, objectos de vidro, etc.

Tradições locaes; designações locativas, nomes de logares, aldeias, casaes, montes, ribeiros.

Antiguidades romanicas e gothicas. Egrejas, torres, castellos. Signaes de constructores ou canteiros gravados nas antigas silharias. Sepulturas. Inscripções. Moedas.

Monumentos arabes. Fortificações ou edificios attribuidos a mouros, na voz do povo. Moedas. Designações locativas ou nomes de logares que pareçam de origem mourisca.

Monumentos portuguezes. Egrejas e ermidas, palacios, mosteiros, castellos. Solares de antigas familias. Tumulos. Cruzeiros. Padrões. Brazões. Sellos. Moedas. Objectos de mobiliario Ornatos. Imagens notaveis em pedra, barro, madeira ou metal. Pinturas em madeira ou em téla. Ourivesaria, custodias, cruzes, calices, navetas, etc. Antigas baixellas. Tapeçaria Bordados. Entalhados. Ferragens artisticas. Sinos. Pelles lavradas ou pintadas. Peças de vestuario. Relogios de torre e de parede notaveis. Cofres. Arcas. Bandejas e taboleiros. Relicarios.

Antiguidades a que se não possa marcar origem conhecida.

Noticia de retratos, estampas ou cartas geographicas, antigas.

Notas sobre o estado de conservação dos objectos mencionados.

Ill.mo e ex.mo sr. — Temos a honra de enviar a v. ex.ª o questionario junto.

Os estudos historicos chamam cada vez mais as attenções das sociedades cultas, e assim o conhecimento dos edificios notaveis pela arte, ou a que se ligam recordações historicas, impõe se como indispensavel para a perfeição e acabamento do trabalho do historiador.

Além d'esta poderosa razão o brio natural, reforçado e tornado bem consciente pelo estudo, obriga-nos a respeitar os veneraveis monumentos antigos testemunhas dos feitos portuguezes, e provas das phases de civilisação que a nossa brilhante nacionalidade tem percorrido.

Ainda tambem, no momento actual, esse volver

de olhos pelo passado como que nos levanta o espirito e nos dá alento para vencermos difficuldades que hão de passar se houver coragem civica. Não devemos esquecer a influencia moral do estudo dos monumentos nacionaes.

Ao mesmo tempo tornar conhecidos os monumentos augmenta-lhes o valor; e é escusado lembrar como nos ultimos annos tem crescido o apreço de moveis, tecidos, ceramicas a que, ha alguns annos apenas, nenhum merito se attribuia.

Como se vê do questionario, abrange elle grande numero de assumptos; responder-se-ha ao que fôr possivel, fazendo diligencia por approximar quanto possivel da certeza.

Não deve tambem esquecer a menção de letreiros, datas e assignaturas de architectos, pintores, etc.

Quando a leitura de uma inscripção fôr duvidosa ou incerta será conveniente tirar um calco em papel, para que um perito o possa examinar.

Respondendo cuidadosamente a este questionario ficarão compendiados muitos dados importantes para a historia.

A commissão não tem pressa da resposta, nem é conveniente que se responda precipitadamente, todavia ousa esperar que v. ex.ª se digne remetter as suas informações, e quaesquer ampliações que v. ex.ª julgar convenientes, até o 1.º de outubro proximo.

Deus guarde a v. ex.ª — Sala da commissão dos monumentos nacionaes, .. de julho de 1894.

Ill.mo e ex.mo sr.... etc. (Seguem as assignaturas do presidente e vogaes.)

QUESTIONARIO MILITAR

Montes fortificados, corôas, *castellos* e castros. Por exemplo: Citania de Briteiros, no Minho. Tentinolho, proximo da Guarda. S. Romão de Ceia. Colla e Castro Verde, districto de Beja. Se tem uma, duas ou tres cercas. Avenidas, corredouras ou carreiras de cavallos. Calçadas. Vestigios de povoação. Se no recinto se encontram manufacturas, objectos de barro, de pedra, etc.

Muralhas romanas, torres quadradas, reparando no apparelho, silharia, cimentos. Fossos. Portas de volta redonda. Exemplos: Muralhas da cerca velha e arco de D. Izabel, em Evora.

Se ha torres ou muralhas em sitios hoje ermos ou sem povoado importante, ex.: o castello real de Vallongo.

Se nas proximidades teem apparecido moedas, inscripções lapidares ou outros objectos.

Cercas muralhadas apresentando modificações, juxtaposições, etc. Torres, bastiões ou cobellos, encostados ás muralhas, de construcção posterior.

Material empregado e seu apparelho; alvenaria sem ordem e construcção por fiadas parallelas.

Se no material empregado nas muralhas se descobrem elementos lavrados que mostrem ter pertencido a construcções mais antigas, por exemplo, muralhas de Faro e outras muitas.

Escadas no interior das torres, escadas de caracol, etc.

Pontes. Portas fortificadas. Portas de castellos. Designações locaes e tradições que possam ter relação com o uso particular de torres, exemplo, a torre de *Máhora*, no castello de Montemór o Novo. Torres de castellos com usos municipaes, relogios sinos da camara, etc. Castellos portuguezes. Couraças. Cisternas. Barbacans. Caminhos subterraneos. Postigos. Poternas. Entradas. Ameias. Seteiras. Frestas. Angulos ou dentes de serra flanqueantes. Portas de cidade. Parapeitos sobre cachorros e vãos para artificios, guaritas e vigias. Ermidas, egrejas ou mosteiros isolados, com torres, ameias, etc.

Fortificações ou castellos a que se liguem factos historicos. Castellos que tenham servido de prisões do estado, S. Julião, Belem, etc. Castellos a que estejam ligados nomes de artistas, exemplo, S. Filippe de Setubal, a torre de Belem. Castellos comprehendendo edificações notaveis, Guimarães, Leiria, Montemór o Novo. Inscripções de importancia militar, romanas, medievaes ou nacionaes. Torres de solares antigos, por exemplo, a Torre dos Coelheiros.

QUESTIONARIO PAROCHIAL

Situação da egreja matriz ou da freguezia, diocese, concelho.

Orago:

Orientação da egreja. Se tem a porta principal voltada a poente, a sul, etc.

Data da fundação; certa, approximada ou tradicional.

Se tem signaes de grandes reparações, reconstrucções ou ampliações, e as datas certas ou provaveis d'essas obras.

Se pertenceu a ordem religiosa ou a ordem militar.

Se teve padroeiro ou padroeiros.

Se teve ou tem collegiada ou capellas.

Se possue ainda documentos de antigos rendimentos, prazos, testamentos, instituições, cartas, bullas, breves pontificios, avulsos ou em masso ou codificados, formando volumes ou cartularios.

Que irmandades ou confrarias teem ahi a sua séde.

Exterior:

Se tem adro ou alpendre. Se no adro ou em redor ha campas ou pedras de sepultura com letreiros, cruzes ou outros signaes. Se tem cruzeiro ou calvario exterior, ou cruzes de via sacra. Se tem pulpito exterior.

Particularidades da frontaria. Se tem ornatos, esculpturas, nichos, estatuas ou imagens.

Portal, se é simples, duplo ou mesmo se tem tres portas na frontaria. Se tem galilé ou arcada. Se o portal termina em linha recta, em arco semicircular ou em ogiva.

Se tem columnas no portal, e se estas columnas são todas cylindricas, ou se alguma é faciada. Se os capiteis do portal são lavrados; se teem figuras symbolicas, pombas, serpentes, sereias ou figuras humanas, ou se a ornamentação consiste apenas em formas vegetaes, folhas, flores, fructos.

Se tem uma ou duas torres, se estão na frente ou ao lado da capella mór. Se tem coruchéos.

Se tem cataventos de ferro, antigos, com bandeira, cruzes ou figuras ornamentaes.

Se tem gargulas ou canos com feitios ou lavores, figuras humanas em posições extraordinarias, ou figuras de phantasia.

Se tem misulas ou cachorros, com esculpturas, caraças ou mascaras. Se tem ameias.

Se o aspecto exterior da egreja accusa ou mostra bem definidas as construcções de alpendre, galilé, corpo da egreja, capella-mór, braços do cruzeiro, sacristia.

Se nas janellas, cornijas, etc. ha lavores na pedra ou na alvenaria.

Se ha zimborio ou cupula.

Se na galilé ou alpendre ha inscripções, esculpturas.

Entrada, se está de nivel com o exterior, ou se ha degráus a subir ou descer.

Interior:

Aspecto geral do interior da egreja. Se parece comprida ou mui larga. Escura ou bem illuminada.

Se tem uma ou tres naves. Se tem columnas ou pilastras. Se é abobadada, especie das abobadas. Se as paredes e as columnas são de silharia pura, ou se estão rebocadas, pintadas ou azulejadas, ou se são de simples alvenaria. Se os arcos são de volta redonda ou de ogiva. Se tem capellas lateraes.

Baptisterio. Grades de ferro ou madeira, se tem algum quadro em madeira ou em tela, se a pia baptismal é lavrada ou tem merito artistico.

Se nas capellas, nos altares ou oratorios ha imagens de merecimento artistico, de pedra, barro, madeira ou metal.

Os quadros, pinturas em madeira ou em tela. Se essas pinturas teem datas e assignaturas dos artistas, por extenso ou em monogrammas, ou iniciaes agrupadas.

Se nas capellas ha altares ou decoração das paredes e abobada em madeira entalhada e doirada, ou em marmore, mosaicos ou embrechados.

Inscripções ou lapides com letreiros de instituições de missas, capellas ou anniversarios, datas, nomes de pessoas.

Inscripções tumulares nas capellas ou nos pavimentos da egreja, naves ou cruzeiro; campas, arcas em ediculos, sarcophagos, etc., nomes, datas ou copias na integra. Se teem brazões.

Se nas paredes ha pinturas a fresco.

Se tem côro com antigos cadeirados, estantes, pinturas, entalhados doirados. Livros de côro em pergaminho ou papel, com letras capitaes ou versaes illuminadas, ou pinturas em paginas inteiras. Datas, nomes dos calligraphos e artistas. Encadernações em couro lavrado ou em taboas forradas de couro, com pregaria, fechos e cantos de merito artistico.

Orgãos; datas, assignaturas de fabricantes.

Musicas antigas, missas, officios, etc., nomes dos compositores.

Relogios de torre, datas, nomes de artistas; antigos relogios de parede de sacristia.

Sinos, seus nomes ou invocações, se teem inscripções ou letreiros; datas, nomes dos fundidores.

Se ha mobiliario especial; cadeiras ou espaldares antigos, de merecimento artistico; cadeira parochial, bancadas, arcazes de sacristia, ou mesmo grandes arcas antigas para recolher donativos, esmolas em cereaes. Armarios entalhados; se teem assignaturas do entalhador, monogrammas, iniciaes, datas.

Se ha utensilios ou alfaias especiaes a festividades do sitio.

Se nas paredes ha azulejos, se teem data ou assignatura do pintor. Azulejos de relevos ou lisos, desenhos geometricos, ou representando quadros biblicos, allegorias, symbolismo catholico, etc.

Se ha vidraças antigas, coloridas, vidros fixos em aros de chumbo.

Se teem marcas, monogrammas, iniciaes isoladas, datas.

Se nos fechos das abobadas, capiteis ou nas misulas ha algum letreiro, brazão ou escudo de armas.

Se ha campainhas antigas, forradas, com capa de metal lavrado ou aberto, ou campainhas de bronze lavrado, e com letreiros.

Alfaias do culto, custodias, calices, pixides, navetas, cruzes processionaes, cereaes, lanternas, thuribulos, estantes, etc., de estylos antigos, com merecimento artistico. Se em algumas imagens ha tambem alfaias de metal, notaveis pelo trabalho ou pela antiguidade. Se esses objectos são de prata, estanho, latão, etc.

Paramentos, lhamas, tecidos preciosos. Bordados. Setins pintados. Rendas antigas de linho ou

oiro. Frontaes dos altares. Pannos do pulpito. Palios e umbellas. Tapetes.

Nos vestuarios das imagens apparecem por vezes amostras de antigos tecidos raros, rendas, matizes. Antigas joias.

Livros de registo parochial, os mais antigos, onde estão?

Se ha imagens de grande devoção local; se entre os objectos offerecidos a essas imagens haverá antigos quadros ou pinturas de milagres, representando pessoas, navios, terremotos, interiores caseiros; grilhões, algemas, fitas antigas.

Costumes cultuaes particulares na freguezia. Cultos das imagens de maior devoção, festas annuaes, romarias. Ornatos especiaes de certas romarias.

Armações para illuminação exterior, de fórma tradicional.

Se o baptismo se faz por immersão total ou parcial.

Se no casamento ha offertas, flores, trigo, confeitos, pequenas moedas.

Se o povo leva objectos a benzer, creanças, doentes.

Se ha benção de searas, de manadas.

Se no sitio da freguezia ha logar, sepultura, fonte, gruta, que seja objecto de culto tradicional, ainda que não tenha cruzeiro ou capella consagrada.

Se ha lendas de martyrios dos primeiros christãos na localidade.

Se ha capellinhas das almas nas estradas. Se ha ermidas ou outros templos na freguezia.

Oragos, situações e mais particularidades d'esses edificios.

Lendas ou ditos do povo respectivos a logares onde apparecem antiguidades, thesouros escondidos, encantamentos, etc.

Tradições historicas.

Factos historicos ligados ás egrejas ou a qualquer edificio da freguezia.

Ill.^mo^ e rev.^mo^ sr. — Temos a honra de enviar a v. ex.ª um questionario relativo ás egrejas e monumentos da freguezia de que v. ex.ª é dignissimo parocho. Ousamos esperar que v. ex.ª o leia com attenção e se digne responder-nos, em conformidade com as indicações marcadas a todas ou ás que fôr possivel dar resposta, na fórma mais conveniente para v. ex.ª, sem preoccupações litterarias.

Conhecer da existencia e estado dos objectos, chamar sobre elles as attenções cultas, concorrer para a sua conservação, estes são os alvos que visamos. Tem-se perdido muito; extraviaram-se, estragaram-se muitos objectos; todavia existe ainda bastante, que é preciso conservar, conhecer e respeitar. A classe ecclesiastica, a que melhor tem sabido guardar edificios e preciosidades, será, assim o esperamos, efficaz cooperadora da commissão dos monumentos nacionaes.

O conhecimento e o estudo dos monumentos realça a nação; o ignorado é inutil; e nós, póde affirmar-se com segurança, ignoramos as nossas riquezas; e por desconhecermos, por não termos elementos de apreciar, perdemos enormes valores; é fabuloso o que se tem deixado arruinar, estragar, e o que tem sahido para o estrangeiro em alfaias, moveis, louças, tapeçarias, joias, milhares de objectos de valor artistico ou de raridade e curiosidade, que tem ido opulentar museus e collecções de amadores, enriquecendo os mercadores dos grandes centros.

Ha verdadeiro e pratico patriotismo n'esta missão; tentamos contribuir para realçar a nação e augmentar consideravelmente o valor.

Os inventarios, os questionarios respondidos, as monographias e estudos particulares que podem resultar d'este impulso formarão um fundo precioso para as indagações dos estudiosos, das sociedades scientificas; os artistas, os eruditos, os historiadores da arte e os da vida nacional terão mais recursos, maior quantidade de materiaes de trabalho.

O amor da patria, o brio natural que nos leva a amar a nossa terra, a nossa aldeia, a envaidecer-nos das notabilidades da nossa localidade, se tornará mais intenso se soubermos apreciar e explicar os monumentos e os factos que se lhe relacionam; ao mesmo tempo o conhecimento do passado, dos trabalhos e dos factos das gerações que se succederam inspira virtudes austeras e impulsos generosos.

Assim estes trabalhos fecundos e pacificos são essencialmente patrioticos.

Mais uma vez pedimos a v. ex.ª que se não preoccupe com fórmas litterarias; a sua resposta ainda que singela será bem recebida pela commissão, e é muito desejada.

Mencionamos tambem que não pretendemos só o inventario ou a noticia do bello, do grandioso, o ponto de vista esthetico não nos deve impressionar exclusivamente; um objecto, um edificio, uma ermida de aspecto mediocre póde ser importante na historia da nação ou na arte; de bem rude trabalho são algumas estatuas tumulares da idade media, não raras nas nossas egrejas, e todavia preciosas como documentos de vestes, joias, armas que os artistas esculpiam ingenuamente; singelissima é a pia baptismal que se mostra em Guimarães, onde se conta ter sido baptisado o fundador da nacionalidade portugueza, não é um objecto de belleza artistica, mas tem um alto valor historico.

Ousamos esperar que v. ex.ª nos remetta com a possivel brevidade o questionario respondido.

Deus guarde a v. ex.ª — Sala da commissão dos monumentos nacionaes, . de julho de 1894.

Ill.^mo^ e rev.^mo^ sr. parocho de ... etc. — Seguem as assignaturas do presidente e vogaes.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE OBRAS PUBLICAS

Repartição de estradas, obras hydraulicas e edificios publicos

Sua Magestade El-Rei ha por bem approvar o regulamento para a commissão dos monumentos

nacionaes, que baixa com a presente portaria, assignado pelo director dos serviços de obras publicas.

Paço, em 27 de fevereiro de 1894. = *Carlos Lobo d'Avila.*

Regulamento para a commissão dos monumentos nacionaes

Artigo 1.° Para os effeitos do presente regulamento são considerados monumentos nacionaes todos os edificios, construcções, ruinas e objectos artisticos, industriaes ou archeologicos:

a) Que importem á historia do modo de ser intellectual, moral e material da nação nas diversas evoluções e influencias do seu desenvolvimento;

b) Que testemunhem e commemorem factos notaveis da historia nacional;

c) Os megalithicos, e em geral os que constituam vestigios dos povos e civilisações anteriores á formação da nacionalidade, quando existentes ou encontrados em territorio portuguez.

Art. 2.° Á commissão dos monumentos nacionaes incumbe:

a) Estudar, classificar e inventariar os monumentos nacionaes;

b) Propor as providencias necessarias á guarda, conservação, reparação e exposição publica d'esses monumentos;

c) Indicar as respectivas reparações, apropriações, acquisições e destinos;

d) Informar ácerca da restauração, remoção, emprestimo ou alienação dos mesmos monumentos;

e) Promover a propaganda e o culto publico pela conservação e pelo estudo d'esses monumentos, e de velar por elles.

§ unico. Os trabalhos descriptos nas alineas *a*), *b*), *c*), *d*), servirão de elemento de apreciação para o conselho superior de obras publicas e minas.

Art. 3.° A commissão será composta de dez vogaes, dos quaes um será presidente, outro vice-presidente e outro secretario.

§ 1.° A nomeação para todos estes cargos será feita por despacho ministerial, precedendo proposta da commissão para o preenchimento das vagas que de futuro se derem.

§ 2.° A commissão nomeará d'entre si os relatores ou inspectores especiaes temporarios para os diversos serviços ou assumptos de que tenha de occupar-se.

§ 3.° Será gratuito o serviço dos vogaes, com excepção do secretario, que continuará a ser remunerado, tendo sómente direito os mesmos vogaes ás ajudas de custo e transporte que se achem fixados por lei, quando em serviço de inspecção e estudo fóra da séde da commissão.

Art. 4.° Haverá vogaes correspondentes nas localidades em que forem julgados necessarios, sendo de nomeação do governo, sobre proposta da commissão. As suas funcções serão opportunamente regulamentadas pela commissão, ficando o respectivo regulamento dependente de approvação superior.

Art. 5.° A commissão corresponder-se-ha com o ministro por intermedio da direcção dos serviços de obras publicas.

Art. 6.° Por conta do estado serão impressos os annaes da commissão, que serão constituidos pelos estudos de investigação, descripção e informação dos vogaes e pelos relatorios, consultas, actas e mais documentos da commissão.

Art. 7.° Para o serviço da commissão ser-lhe-hão fornecidos casa, mobiliario e artigos de expediente.

Direcção dos serviços de obras publicas, 27 de fevereiro de 1894. = O director, *Frederico Augusto Pimentel.*

(*Diario do Governo*, de 28 de fevereiro de 1894).

MUSEU ETHNOGRAPHICO

Senhor. — Um museu ethnographico, onde esteja representada a parte material da vida de um povo, as suas industrias, os seus trajos, os seus usos, etc., tem grande valor educativo. Em relação á historia, serve elle para ministrar documentos de toda a ordem, pelos quaes se apreciarão melhor, assim em globo, os caracteres d'esse povo, e as relações d'elle com outros, tanto no presente como no passado. Pelo que toca ao sentimento da nacionalidade, faz que o povo, tendo de si mais amplo conhecimento, e sabendo as razões historicas da sua propria existencia, ame e venere a patria com conhecimento de causa, e siga afouto na via do progresso. Quanto ás artes, contribue para que ellas se aperfeiçoem, porque é só quando o artista allia ás impulsões do seu genio e á largueza do seu estudo a inspiração nas tradições do paiz, que produz obras verdadeiramente de cunho.

É por isso que em todos os paizes cultos ha museus d'esta natureza.

Temos, pois, a honra de propor a Vossa Magestade o seguinte projecto de decreto.

Ministerio dos negocios das obras publicas, commercio e industria, em 20 de dezembro de 1893. = *Bernardino Luiz Machado Guimarães.*

Attendendo ao que me representaram os ministros e secretarios d'estado dos negocios do reino e das obras publicas, commercio e industria;

Considerando que em Portugal, pela passagem

ou permanencia de varios grupos ethnicos, e pelas diversas circumstancias da nossa vida historica, ficaram materiaes abundantissimos com os quaes se póde constituir um museu ethnographico digno d'este nome;

Considerando que já ha muitos materiaes archivados, mas se acham dispersos, convindo pois reunil-os, porque só assim adquirem real importancia;

Considerando que muitos outros jazem ainda nos proprios locaes em que desde tempos antigos os deixaram, e são por isso como se não existissem, se não forem devidamente aproveitados:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º É organisado um museu denominado *Museu Ethnographico Portuguez*, que sirva em parte como que de desenvolvimento do museu de anthropologia, installado na Commissão dos Trabalhos Geologicos.

§ unico. O museu dividir-se-ha em duas secções, podendo porém de futuro, se as circumstancias o exigirem, ser ampliado. Estas secções são:

a) *Secção archeologica*, comprehendendo monumentos desde os tempos prehistoricos até o seculo XVIII;

b) *Secção moderna.*

Cada uma d'estas secções dividir-se-ha ainda em sub-secções.

Art. 2.º Tanto a uma como a outra secção ficam pertencendo desde já os objectos que existem espalhados pelos diversos estabelecimentos do estado, sem fazerem parte integrante das collecções respectivas aos mesmos estabelecimentos, nomeadamente o Museu do Algarve, provisoriamente depositado na Academia de Bellas Artes, e quaesquer outras collecções adquiridas pelo governo.

Art. 3.º De futuro farão parte do museu ethnographico todos os objectos ou copias (photographias, moldes, desenhos, etc.), que se puderem obter, quer por compras, dadivas, depositos, quer directamente.

Art. 4.º O Museu Ethnographico terá catalogo impresso, e poderá fazer ou facultar á iniciativa particular, uma publicação illustrada dos materiaes existentes no Museu, com o fim de os tornar conhecidos e de despertar interesse no publico

Art. 5.º A Commissão dos monumentos nacionaes, e todas as auctoridades municipaes, administrativas, ecclesiasticas, militares, etc., são obrigadas não só a auxiliar o Museu Ethnographico, ministrando-lhe informações e facilitando acquisições para elle, mas a dar-lhe parte de todas as descobertas archeologicas de que tiverem noticia.

Art. 6.º O Museu Ethnographico poderá estabelecer relações com outros museus ou estabelecimentos analogos, tanto do paiz, como de fóra.

Art. 7.º A direcção e conservação especial do Museu Ethnographico serão incumbidas a um individuo de reconhecida competencia, sem vencimento inherente ao cargo.

Art. 7.º A administração do Museu Ethnographico Portuguez será incumbida a um director, nomeado vitaliciamente para esse cargo, sem gratificação especial.

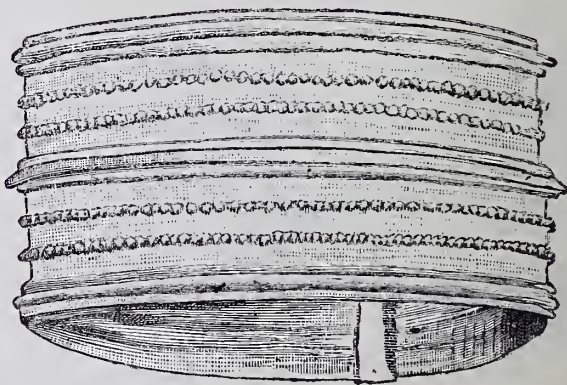
Art. 8.º A dotação do Museu Ethnographico sairá da verba orçamental destinada a exposições, concursos, etc.

Art. 9.º O governo fará publicar o regulamento necessario para a execução d'este decreto.

Os ministros e secretarios d'estado dos negocios do reino e dos das obras publicas, commercio e industria, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, aos 20 de dezembro de 1893. = REI. = *Bernardino Luiz Machado Guimarães.*

(*Diario do Governo*, de 21 de dezembro de 1893).

BRACELETES PRE-ROMANOS

Em 1840 e tantos foram achados junto de Evora dois braceletes de oiro; o feliz que os encontrou foi vendel-os a um ourives, que os derreteu. Era o trivial então; e ainda hoje se derrete muito. Felizmente o ourives, antes de lançar no cadinho as duas joias velhas, mostrou as ao dr. Rivara que as fez desenhar n'um papel, pondo á margem uma nota do peso e valor.

O escripto diz assim: — Braceletes romanos de ouro achados junto de Evora em 1840 e tantos. Foram vendidos a um ourives que os derreteu. O maior pesava um marco menos uma oitava, o mais pequeno nove onças menos duas oitavas. Ouro de 22 e meio quilates. Cada oitava vale 1880; e as 17 onças menos 3 oitavas que pesam valem, em

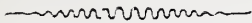
quanto ao peso, 255$680 réis. (Bibliotheca de Evora, Gabinete Rivara. Armario VII, 2-21).

Reproduzimos o desenho do maior; o menor tem o mesmo diametro, os mesmos vincos; é na largura a metade exacta do maior, com a unica differença de ter só uma série de bossas salientes. Ambos eram abertos; os desenhos parecem mui cuidadosos.

Eram, pois, duas bonitas laminas de ouro finissimo.

Sobre o que eu duvido é na classificação de romanos. Não me parecem de arte romana.

O Montfaucon (L'antiquité expliquée, 3.° vol., 1.ª parte) e o Daremberg e Saglio, na palavra *Armila*, apresentam muitos typos de braceletes e manilhas, gregos e romanos, que nada teem de commum com este aqui desenhado.

Na arte chamada *neo-celtica*, sim, que vamos encontrar um estylo, uma escola seguida por muito tempo, tendo por bases decorativas as nervuras parallelas e as fiadas de bossas salientes. Escudos, elmos, utensilios, joias, etc., nos apresenta Evans (L'age du bronze), com esta ornamentação (pag. 428 a 481), classificando estes objectos de néo-celticos. Nós podemos chamar-lhes pre-romanos.

O SATYRO DA FONTE DE S. DOMINGOS EM BEMFICA

A estatua do satyro conserva-se na situação em que fr. Luiz de Sousa a conheceu.

Estando no claustro d'aquelle extraordinario convento de S. Domingos de Bemfica, toma se a porta, ao canto, que diz para a fonte e horta. Desce-se uma breve escada e entra-se n'um pequeno recinto, com assentos de pedra; ao fundo a fonte rasteira; lá está o satyro e uns pedaços de marmore com um verso latino. O muro que separa a horta do recinto da fonte é mais recente.

Felizmente eu tirei o desenho do satyro ha tempos; modernamente houve obras no edificio, e um alvanéo mais gracioso divertiu-se a lançar cal sobre a pobre estatua.

Eu estou convencido que este satyro é romano. Fr. Luiz de Sousa já o conheceu assim, n'aquella posição; ora em tal posição a estatua não podia estragar-se da maneira que se vê; a superficie está desigual; ha pontos em que se conserva o primitivo estado, na parte superior do peito, nas madeixas das coxas; em outros sitios a superficie está gasta, frusta, ou por longo attrito ou por inhumação prolongada. As mãos foram arruinadas por causa da adaptação de torneiras, obra provavel dos frades; porque primitivamente a agua não sahia de taça ou urna que o satyro tivesse nas mãos; sahia de outro sitio; a estatua é pagan e bem pagan.

Apesar de frusta ainda a physionomia é notavel, e é bem propria a phrase de fr. Luiz de Sousa, a *simplicidade montanheza;* ha estatuas de *Pan* com aquella attitude e expressão.

Trabalho da renascença não me parece, nem estaria assim estragado em tempo do celebre chronista; gothico, romanico, impossivel; nunca trabalharam assim em taes tempos. Porque a estatua tem expressão, ha observação anatomica nos musculos, nos hombros, as claviculas bem marcadas, as madeixas elegantes.

É por isto que me convenço que a estatua é romana.

Ha mais antiguidades romanas ali pelos sitios, e o nome *Monsanto* chama logo a attenção.

Naturalmente os dominicanos encontraram, por acaso, a estatua e aproveitaram-n'a para a sua fonte; e assim a salvaram.

Que interessante e mimosa a descripção que fr. Luiz de Sousa escreveu da *fonte do satyro!* Vem na *Historia de S. Domingos* (2.ª parte, livro 2.°, cap. 1.° — Do principio e fundação do real convento de Bemfica). Diz assim:

— Passado o claustro, quem busca a horta do convento, dá a poucos passos em uma praça empedrada, que ficando na parte mais alta, e como a meia ladeira da cerca, descobre grande parte do vale.

Aqui sahem os religiosos a gosar o fresco da tarde em o verão, e o soalheiro de inverno, depois que deixam o refeitorio. Porque além da vista desabafada, e larga para fóra, tem na mesma praça de uma parte uma graciosa fonte, e da outra um espaçoso tanque, que cada cousa per si alegra e deleita os olhos.

A fonte se faz em um arco, que formado de brutescos varios e vistosos, arremeda uma gruta natural. Dentro parece assentado um grande e bem proporcionado satyro, imitando com propriedade os que finge a poesia. Em toda sua figura mostra em rosto risonho e alegre uma simplicidade montanheza, com que está convidando a beber de uma concha natural, que tem apertada com o braço e mão esquerda, da qual sae um fermoso torno de agua: e juntamente com a direita acode como arrependido a cobril a; e faz geito de a querer retirar, dando com uma e negando com outra.

A agua é quanto póde ser excellente, e de uma qualidade propria das que nascem nas serras, fria e desnevada na maior força do sol do estio; temperada no inverno, como um banho.

Acompanham a gruta de um e outro lado em igual distancia dois grossos e altos pilastrões, que sendo feitos de boa cantaria para estribo de uma abobada a que se arrimam, foi a natureza cobril-os de uma era muito espessa e viçosa, que subindo por elles até a mór altura, assim esconde e senhoreia a pedraria, que faz parecer foram fundados, mais para honra da fonte, que segurança do edificio; assim ajuda a natureza a arte, e o accidental ao bem cuidado.

E porque entre gente que professa letras é bem que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso a quem folga de o ver, com um verso latino entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida e os annos sem parar, nem tornar atraz, ao modo d'aquelle licor, que lhe sae das mãos. Advertencia de sabio não de rustico: que agoas e annos se senão aproveitam com bons empregos, perdidos são, e pouco de estimar. Cae a agoa, por não pejar a praça, em um pequeno tanque, deixando-o cheio some-se n'elle, e vae por baixo da terra, fazer outra fonte na boca de um leão.

E' de ver aquelle rosto fero coberto de guedelhas crespas e medonhas, que ameaçam sangue e morte, feito ministro de mansas agoas. Verdadeiro poder e symbolo da religião, que amansa *leões* e faz *Satyros doutos*.

MATERIAES DE CONSTRUCÇÃO

Observação de um antigo viajante em Lisboa

. . . Dans le *Bairro Alto*, qui veut dire la Ville haute, il y a quelques rues montueuses; les autres sont à une pente douce, plus larges et plus nettes. On y voit de beaux palais, et généralement parlant toutes les maisons de Lisbonne sont assez jolies. Celles du premier ordre sont baties de belles pierres de taille, et quelques-unes d'une sorte de pierre quasi-marbre; mais qui, à dire le vrai, est très defectueux, étant rempli de crevaces qu'on est obligé de boucher avec du mastic. . .

(Pag. 8-9 da *Description de la ville de Lisbonne;* Paris, chez Pierre Prault, 1730, in-12).

Transcrevemos este trecho porque se refere á qualidade do material empregado nas construcções da capital. Em obras de consideração, para durar, só se devem empregar materiaes bons.

Ainda ha pouco tempo tivemos occasião de examinar demoradamente a torre de Belem; as ultimas grandes reparações ali executadas estão a desfazer-se; saltam, escarificando-se, grandes pedaços de pedra; o material antigo está mais ou menos dourado ou escurecido; o empregado recentemente está a esboroar-se e a manchar-se como feia lepra.

É um assumpto em que sempre insistiremos, a precisão de empregar bons materiaes em obras destinadas a durar.

RIQUEZA ARCHEOLOGICA DE PORTUGAL

(Nota d'um viajante inglez)

— The traveller in Portugal, unless he have long before imbibed the tastes of an antiquarian, is apt to get his appetite more than satisfied with the vestiges of Roman dominion. I doubt if the monumental inscriptions in all Great Britain, all the English-Roman mosaics, baths, coins, milliary columns, put together in a single county, would lie so thickly on the ground as they do in the small district round Evora, Elvas, and Beja.

The traveller finds these remains at every step. In a house at Mertola, on the Guadiana, is a handsome square bas-relief with an inscription wanting but a letter or two. Such a monument as would make the pride of any provincial museum in France or England has only been preserved at Mertola because it made a convenient lintel to the door of a cow-house.

Near Ponte de Lima, by the roadside, lies a milliary column half imbedded in the earth, with a mouldering inscription, from which a good antiquary could no doubt fix the exact position of the ancient Forum Limicorum.

On the bank of the Douro, near its embouchure, and close to its very dangerous sea bar, I found lying uncared for the curious inscribed beacon formerly set on a rock in the main channel; but antiquarians are rare in Portugal, and to the non antiquarian mind such inscriptions are often singularly poor in interest.

(John Latouche, Crawford, Travels in Portugal).

Crawford viu bem; são mui frequentes as antiguidades romanas na região mencionada. E não só estas, as prehistoricas, as pre-romanas; e depois os vestigios dos primeiros seculos do christianismo; o maior numero dos letreiros lapidares christãos, e os mais importantes, pertencem á mesma região (Evora, Beja, Mertola).

No littoral algarvio ainda as antiguidades são mais frequentes. Os mosaicos, os fragmentos de esculpturas, de ceramicas, etc., surgem a cada hora, sem exploração.

Por isto, acreditamos, em poucos annos veremos cheios de objectos importantes os museus começados recentemente.

ANTIGAS FORTIFICAÇÕES

Temos deixado perder muita cousa de valor; que quantidade de castellos abandonados completamente por esse paiz fóra!

Que extraordinarias cercas muralhadas, torres formidaveis, castellos coroando cerros de asperos declives, de todos os tempos, de todas as raças que possuiram este solo portuguez! Em alguns d'estes castellos ha construcções de epocas mui afastadas; Palmella, Montemór-o-novo, por exemplo; outros guardam a construcção primitiva, feita por uma vez; o castello de Silves, que é arabe; o de Arraiollos, o de Terena, do seculo XIII.

O Ministerio da Guerra, com os seus veteranos, póde concorrer efficazmente para a conservação de alguns de taes monumentos, que tem tambem importancia na historia militar e na historia da fortificação permanente; recentemente vimos testemunho de que se entra n'este caminho.

No *Projecto para uma nova lei de servidões militares*, pag. 12, titulo V, da classificação das fortificações, ha um artigo importante e significativo; é o:

— Art. 56.° Das antigas fortificações, que venham a ser desclassificadas, na conformidade do artigo anterior, serão conservadas na posse do Estado, quando tenham interesse historico, valor archeologico, ou qualquer outra utilidade pratica, porém, sem lhes ser attribuido o caracter de fortificação.

Isto é, não serão vendidos os castellos, as torres, etc., nas condições declaradas; e ficando na posse do Estado, do Ministerio da Guerra, este tratará da sua conservação.

O que succedeu com o castello de Palmella, é eloquente e bem frisante. Ha 50 annos ainda ali havia casas de habitação (ali nasceram os mais velhos dos srs. Capelos), ainda o templo tinha culto, etc. Um triste dia o castello deixou de ser habitado.

Alguem foi buscar umas portas, umas taboas entalhadas; e atraz foi o povinho; levaram portas, grades, vidraças; depois as telhas, as traves, os barrotes; e as pedras das hombreiras, das vergas; em poucos mezes a destruição foi completa; e assim ficou annos até que mandaram para lá, cremos que por indicação de pessoa da maior valia e de fino gosto, uns dois veteranos para guardar o que resta e policiar aquelle recinto, cheio de recordações, tão procurado pelos viajantes que desejam admirar o esplendido panorama que se avista do terraço da torre de menagem.

GARCIA DE REZENDE E A TORRE DE BELEM

E' no capitulo 180 da chronica de D. João II que o prosador, poeta, musico e *debuxador* Garcia de Resende se refere á torre de Belem.

O titulo do capitulo é — De como elrey em Setuvel inventou e achou em caravellas e navios pequenos trazer bombardas grossas.

Eis o trecho — E assi mandou fazer então a torre de Cascaes com sua cava, com tanta e tão grossa artilheria que defendia o porto; e assim outra torre e baluarte de Caparica, defronte de Belem, em que estava muita e grande artilheria, e tinha ordenado de fazer uma forte fortaleza, onde ora está a *Fermosa* torre de Belem, que elrei D. Manuel, que santa gloria haja, mandou fazer, para que a fortaleza de uma parte, e a torre da outra tolhessem a entrada do rio.

A qual fortaleza eu per seu mandado debuxei, e com elle ordenei á sua vontade, e elle tinha já dada a capitania della a Alvaro da Cunha, seu estribeiro mor e pessoa de que muito confiava, e por que elrei (D. João II) logo faleceo não houve tempo para se fazer, e a sua nao grande que foi a maior, mais forte, e mais armada que se nunca viu, mais a fez para guarda do rio, que para navegar. —

E' muito importante este trecho para a historia da architectura em Portugal. A torre de Belem como construcção militar é unica, e é uma joia. Tem elementos indianos, como o templo e claustro dos Jeronymos.

A decoração da entrada relaciona-se immediatamente com o portico monumental da Conceição Velha.

CETOBRIGA

(POESIA)

Em Setubal imprimiu-se ha pouco um livro de versos que eu acho encantador, porque me parece sincero e espontaneo. Setubal é terra de poetas; por aquelles laranjaes, e pelas doces collinas que olham as graciosas praias do Sado, ha trilos de rouxinoes e voam inspirações ; parece que se respira o rythmo. E' a patria do Vasco Mousinho de Quevedo, do Santos e Silva, do Bocage, de Angelica de Andrade, do nosso consocio Portella. O poeta novo é Arronches Junqueiro. Manuel Maria Portella tem escripto sentidas poesias e noticias dos monumentos da sua querida patria ; o novo poeta não esquece as ruinas ; a poesia moderna setubalense parece sympathisar com a archeologia. E a verdade é que na ruina, no vetusto monumento ha profunda suggestão de idéas e sentimentos ! Setubal tem a sul o branco areial da Troia, onde jaz Cetobriga ; tem a norte o altivo cabeço de Palmella, coroado pelas torres e muralhas do castello dos spatharios ; e a poente, entre os pinhaes, na encosta da serra, os antigos conventos silenciosos, um d'elles em completa ruina.

Os versos de Arronches Junqueiro formam um volume com o titulo *Flores d'Alma ;* uma de tees flores é o enlevo do poeta ante as ruinas de *Cetobriga* :

....

E além por entre as dunas se divisa,
Cetobriga, a cidade dos romanos
occultando na areia branca e lisa
seus passados arcanos.

....

Ergue-se aqui em lousa funeraria
pesada columnata trabalhada,
E mais além, mesquinha, solitaria,
sómente de tijolo outra formada.

Perdõe-me o poeta o meu commentario, que é feito unicamente com o fim explicativo. Abundam nas ruinas de Cetobriga as construcções de tijolo ; se ali ha só areia ! os marmores encontrados foram importados de longe. A estatua de marmore achada na Troia, e que por muitos annos eu conheci eravada n'uma parede da praça do Sapal, agora de Bocage, existe hoje n'um pateo pertencente á Academia das Bellas-Artes.

....

Aqui um muro. Além um tanque aberto,
Moedas acolá... mais uns destroços...
um capitel cahido... aqui mais perto
n'esta campa entreaberta, uns restos d'ossos...

Lacrimatorios ha n'algumas lousas...
e amphoras partidas... lampadarios,
e varios utensilios, varias cousas
p'ra dias de ventura, ou funerarios.

O poeta dá perfeita idéa d'aquella enorme ruina, que se dilata á beira do Sado por mais de dois kilometros ; a praia está alastrada de fragmentos de tijolo; das collinas de areia branca, mosqueada de raros arbustos, surgem pedaços de muros negros, tanques ou salgadeiras, fornos, pedaços de casas que foram moradas.

E foi outr'ora aqui uma cidade !
....
Brotou talvez aqui algum talento !

O sr. Almeida Carvalho possue uma inscripção, achada na Troia, que falla de Cornelio Boccho, escriptor conhecido, embora apenas restem algumas citações, pequeninos fragmentos de suas obras.

E noss'alma em presença do passado
de sympathia vibra e de saudade,
buscando profundar o que é vedado ;

Seguramente, ha profunda poesia na ruina.

O poeta sentiu bem essa dolorosa impressão, e esse anceio jámais satisfeito de saber, de explicar o que foi, e o que se sumiu

nos abysmos enormes do passado !

ANTIGUIDADES DE ENTRE DOURO E MINHO

Memorias resuscitadas da provincia de Entre Douro e Minho escriptas em seis livros, pelas correições de que se compõem, a saber, Guimarães, Porto e Vianna, Barcellos, Braga e Valença, restituidas á Real Academia de Portugal pelo bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, familiar do Santo Officio, cavalleiro fidalgo da casa S. Magestade, do seu desembargo, corregedor da comarca de Guimarães e academico da Academia Real da Historia Portugueza deste Reino. Anno de MDCCXXVI.

São dois grossos in-folios, de 281 -- 300 pag. numeradas na frente, o que dá na maneira usal 1:162 paginas.

Pertencem estes volumes á collecção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Começa por tratar em geral das quatro villas que formavam a correição, Guimarães, Amarante, Basto e Canavezes ; e os seus 14 concelhos, Cabeceiras de Basto, Felgueiras, Gestaçó, Gouvêa, Lanhoso, Montelongo, Ribeira de Soaz, Roças, Santa Cruz, S. João de Rei, Tuias, Vieira, Villaboa de Rodão, Unhão.

Depois os 16 couios, Abadim, Cerzedello, Codeçoso, Fonte Arcada, Lagiosa, Mancellos, Moreira de Rei, Parada de Bouro, Pedraido, Pombeiro, Pousadella, Refoios, Rufe, S. Torcato, Taboado e Travanca.

E as tres *honras* de Ovelha, Sepães, Villacães.

A correição comprehendia ainda em Traz os Montes os concelhos de Aguiar, Jalles e Penna.

Vou seguindo rapidamente o indice.

A paginas 18 começa o capitulo que trata de Guimarães antiga ; a pag. 40 a nova Guimarães e as suas tres freguezias intra-muros : Santa Maria da Oliveira, S. Miguel do Castello e S. Payo. Fóra dos muros, a freguezia de S. Sebastião, pag. 138.

A pag. 166 começam as noticias das parochias do termo.

Por me parecer interessante no ponto de vista das designações locativas, vou transcrever essa comprida relação de nomes. O termo de Guimarães tinha então 98 freguezias. S. Adrião de Vizella, S. Bartholomeu de Villa Cova, S. Cypriano de Tabuadello,

S. Claudio do Barco, S. Clemente de Sande, S. Clemente de Silvares, Santa Comba de Regilde, SS. Cosme e Damião de Garfe, S. Cosme de Lobeira, Santa Cristina de Agrella, Santa Cristina de Aroes, Santa Cristina de Longos, S. Christovão de Avação, S. Christovão de Cima de Selho, S. Estevam de Barrosas, S Estevam de Briteiros, S. Estevam de Urgueses, Santa Eulalia de Barrosas, Santa Eulalia de Frementões, Santa Eulalia de Gontim, Santa Eulalia de Nespereira, Santa Eulalia de Pentieiros, Santa Eufemia, S. Faustino de Vizella, S. João de Airão, S. João de Brito, S. João das Caldas, S. João de Castellãos, S. João de Gundar, S. João de Pencelho, S. João da Ponte, S. Jorge de Selho, S. Jorge de Vizella, S. Julião de Carafão, S. Lourenço de Calvos, S. Lourenço de Gallaes, S. Lourenço de Sande, S. Lourenço de Selho, Santa Leocadia de Briteiros, Santa Maria de Airão, Santa Maria de Ataes e Caide, Santa Maria de Corvite, Santa Maria de Enfias, Santa Maria dos Gemeos, Santa Maria de Matamá, Santa Maria de Silvares, Santa Maria de Souto, Santa Maria de Souto de Sobradello, Santa Maria de Villa Nova dos Infantes, Santa Maria de Villa Nova de Sande, Santa Maria de Villafria, S. Mamede de Aldão, Santa Marinha de Aroza, Santa Marinha da Costa, S. Martinho de Candoso, S. Martinho do Conde, S. Martinho de Espinho, S. Martinho de Fareja, S. Martinho do Gondomar, S. Martinho de Leitões, S. Martinho de Penacova, S. Martinho de Sande e Cever, S. Martinho de Silvares, S. Miguel das Caldas, S. Miguel de Creixomil, S. Miguel de Cunha, S. Miguel de Gonça, S. Miguel do Monte, S. Miguel de Paraiso, S. Miguel de Serzedo, S. Miguel de Vilarinho, S. Paio de Figueiredo, S. Paio de Moreiros dos Conegos, S Paio de Ruilhe, S. Paio de Vizella, S. Pedro de Azurei, S. Pedro de Freitas, S. Pedro de Fins de Guminhaes, S. Pedro de Polvoreira, S. Pedro de Queimadella, S. Romão de Aroes, S. Romão de Mezão-frio, S. Romão de Rendufe, S. Salvador de Balazar, S. Salvador de Briteiros, S. Salvador de Donim, S. Salvador de Pinheiro, S. Salvador de Souto, S. Salvador de Tagilde, S. Thiago de Candoso, S. Tirso de Prasins, S. Thomé, S. Thomé de Caldellas, S. Thomé de Travassos, S. Vicente de Filgueiras, S. Vicente de Mascotellos, S. Vicente de Oleiros, S. Vicente de Passos.

A pag 240 entra a descripção de Amarante, que fórma o *titulo* 3.º do volume, chegando a pag. 284, onde principia a villa de Basto e freguezias do termo.

E assim vae continuando o volumoso manuscripto, descrevendo freguezia por freguezia toda a vasta correição.

E' um trabalho vastissimo; muitas inscripções lapidares estão aqui transcriptas, ou copiadas linha a linha, quem sabe de quantas terão desapparecido os originaes?

Comprehende letreiros romanos e christãos, desenhos de escudos ou brazões d'armas, etc., ao que parece copiados cautelosamente, não com perfeição artistica, mas sufficientemente estudados, ao que parece, repito, para os julgarmos exactos ou proximos da verdade, com alto valor archeologico, por consequencia.

Na collecção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha muitos numeros com valor archeologico, de que iremos dando noticia, mais ou menos minuciosa, conforme o tempo nos permittir.

FUNDÃO

Apontamentos para a historia do concelho de Fundão por José Germano da Cunha. Lisboa, Typ. Minerva central, 1892, in 8.º, 267 pag.

Mappa das freguezias do concelho de Fundão e numero de seus habitantes. *Preliminares*, Serra da Gardunha, Zezere, Meimoa, Alperiade.

Fundão, paços do concelho, pelourinho, egreja matriz, casa da Misericordia, capella de Santo Antonio, adúa, chafarizes, Alpedrinha, Castello Novo, Atalaia do Campo, Escarigo, Telhado, Alcaide e Barroca.

Organisação e distribuição da propriedade. Producções agricolas, gados, industria, caça e pesca.

No cap. IV o sr. Cunha trata dos mercados e feiras, estradas, correios, escolas, etc.

Cap. V. Invasão franceza, revolução da Maria da Fonte, malfeitores. Crise alimenticia.

Cap. VI. Historia do jornalismo.

Cap. VII. *Lendas*. Senhora do Seixo ou do Miradoiro, Senhora da Serra da Gardunha, do Mosteiro, das Cabeças, do Fastio, da Oliveira, sino de ouro, duas lages, lavandeira, e finalmente a lenda da torre dos namorados.

O cap. VIII é dedicado aos usos e costumes, crenças e canções populares. As procissões; o encommendar das almas; rezas de mandado, ladainhas; folias, o chorar o entrudo. Bolos, filhozes, magustos, folares, maios; adufes e dansas, romarias, o cepo do Natal, receita para acabar zangas, jogos de roda.

Cap. IX. Noticias biographicas.

Como se vê é um volume interessantissimo, tocando assumptos bem diversos, archeologia, historia; vida social, economica e popular; não esquecendo ainda as caseirices locaes.

VILLA FRANCA DE XIRA

Lino de Macedo. Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira. — Estudo historico-archeologico contendo muitas notas e documentos ineditos relativos aos principaes periodos da historia patria. Descripção das sepulturas e lapides dos extinctos conventos de Santo Antonio e Santa Clara da Castanheira, Nossa Senhora dos Poderes de Vialonga e dos Anjos, de Alverca. E um notavel estudo, acompanhado do desenho dos perimetros dos craneos romanos encontrados no Monte da Boa Morte pelo sabio anthropologo dr. F. F. de Macedo. Com photographias e gravuras. Villa Franca de Xira, Typ. do *Campino*, 1893, in-8.º Tem 380 pag.

Este trabalho é offerecido a D. Manuel Telles da Gama.

No prologo diz: — Depois de alguns annos de trabalho, despezas e aborrecimentos, sem o minimo subsidio nem auxilio de qualquer poder constituido, e luctando com a indifferença e o desprezo do publico, consegui terminar a serie de apontamentos sobre as antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira. —

As photographias são: Vista tirada da estrada nova de Arruda, frontispicio do Foral (Armas de Portugal, espheras, tarja illuminada com flores e aves), convento de Santo Antonio, fachada.

No rosto as armas da villa, armas de Portugal entre a esphera e a torre, por baixo a setta; pag. 155 — armas de Povos, torre sob o pinheiro; pag. 190, cruz, triangulos sobrepostos formando a estrella de 6 pontas; pag. 191, uma campa ou caixão com o vão para a cabeça; oito figuras de craneos, e um quadro craneometrico.

O auctor tem muita leitura, e reuniu n'este volume grande copia de noticias interessantes.

No verso da capa representa-se um sello da villa, com a torre e a data 1597.

VILLA VIÇOSA

Compendio de noticias de Villa Viçosa, concelho da provincia do Alemtejo e reino de Portugal, composto pelo padre Joaquim José da Rocha Espanca, prior de S. Bartholomeu da mesma villa. Redondo, typ. F. Carvalho, 1892, in 8.º

— Sente-se n'esta villa, ha seculos, a necessidade inadiavel d'um livro, grande ou pequeno, da sua historia; porque a nossa povoação representa um papel importante na historia portugueza, antiga e moderna...

Villa Viçosa devia ter ha muito um livrinho seu, como o teem povoações de menos importancia geographica e historica; porque os proprios filhos do seu berço ignoram a maior parte dos acontecimentos realisados n'ella.

— ... A segunda razão do apparecimento d'este opusculo (é modestia do auctor; não é opusculo, é um bello volume), precedendo as *Memorias de Villa Viçosa*, em que trabalhei muitos annos, e que ainda não abandonei de todo nas horas vagas, é suspeitar que as ditas *Memorias*, por diffusas, não tenham venda larga fóra da villa, e, d'esta sorte, eu me comprometta com a despeza da publicação d'ellas por não poder rehaver o desembolso. —

O livro, copioso repositorio de noticias, revelando longo trabalho, comprehende:

Topographia da villa e seu concelho. Freguezias ruraes. Archeologia da villa e concelho.

Tempos prehistoricos. Breve noticia do idolo Endovellico (refere-se ao santuario de Endovellico, S. Miguel da Motta, junto de Terena, tão celebrado; e pela copia de inscripções um dos mais importantes da Europa). Breve noticia do culto de Proserpina. Questão sobre o nome da cidade ou concelho a que pertenceu Villa Viçosa no tempo dos romanos.

Fundação da actual villa, seu progresso: foral.

O fronteiro Alvaro Gonçalves. Doação do senhorio ao condestavel D. Nuno População.

Esplendor de Villa Viçosa e resumo da historia da Casa de Bragança Noticias dos duques D. Affonso I, D. Fernando I, D. Fernando II, D. Jaime, D. Theodosio I, D João I, D. Theodosio II, D. João II; serie dos duques.

Contribuições. Rendas do concelho. Preços do trigo, etc.

Cerco de Villa Viçosa pelos hespanhoes Victoria de Montes Claros; chronicas até á actualidade.

Seguem a estes estudos muito interessantes as monographias dos conventos de S. Agostinho, S. Paulo, Capuchos, Santa Cruz, Chagas de Christo, Esperança, collegio de S. João Evangelista, recolhimento do Carmo, Real Collegiada ou Capella, collegio dos Santos Reis, Hospital e Misericordia, Meninos orphãos, asylo de N. S. da Conccição, egreja matriz da Conceição, egreja da Lapa, Paço Real do Reguengo, Tapada Real, porta dos nós, palacio do bispo, paços do concelho, brazão d'armas da villa, fontes publicas.

Instrucção publica, bellas-artes, bibliothecas, agricultura, feiras e mercados, estatisticas. Finalmente noticias biographicas de pessoas notaveis da villa.

Como se vê é trabalho dilatado (446 pag., mais duas de indice e uma de erratas); contém grande numero de noticias; é um valioso livro.

VIZEU

Vizeu — Apontamentos historicos por Maximiano Pereira da Fonseca e Aragão. — O sr. dr. Aragão é formado em theologia e direito pela universidade de Coimbra, advogado e professor no lyceu nacional de Vizeu. O livro é impresso em Vizeu, typ. Popular, em 1894. E' um in-8.º de IV — 218 pag.

O sr. dr. Aragão é natural de Fagilde, concelho de Mangualde. Nasceu em 1853. Desde os doze annos que conhece Vizeu, ahi tem residido, e por isto diz, no prologo: — D'este modo a minha vida ligou-se estreitamente desde a infancia a esta cidade, que considero e amo como minha patria.

E' um nobilissimo sentimento.

— Nada mais natural, pois, que um dia surgisse no meu espirito a idéa de fazer estudos e de colligir os factos e lendas que a ella se ligam. —

Vê-se que é um bom feitio de estudioso: são raros estes.

Nada mais natural? O mais natural, o vulgarissimo, é os proprios filhos da terra nem pensarem sequer em memorias, louvores ou amor da sua localidade. Ha *gentes* que passam a vida junto dos monumentos, das memorias dos avós, e que ignoram completamente tudo, e que vivem muito satisfeitas. Uns sabem dos visinhos, outros das celebreiras politicas, dos casos salientes, especialmente dos escandalos bem apimentados, mas da historia da *nossa terra*, do *pobre cantinho*, isso sim, para que? Quem fez a sé, quem fundou o palacio, que vida se agitou na praça, que dramas deslisaram pelos vetustos terreiros, pelas sombrias vielas, ninguem sabe. Quem seria o homem de que falla o letreiro na gasta pedra sepulchral da nave? Que significa o escudo d'armas sobre o portal do palacio em ruinas? para que saber?

Mas para quem sabe tudo isso tem vida; as carcomidas silharias respiram, fallam em tom vibrante os brazões, tudo se anima, tudo tem voz! Ai! dos que ignoram porque para elles a vida é deserta! os olhos do misero não teem vista, os ouvidos não ouvem; tudo lhes é mudo e sombrio.

Trabalhe, doutor, não esmoreça na lida, e verá como, dia a dia, os muros, as torres, as egrejas, as arvores até, terão para si uma lembrança e uma saudade. Ai! chega-se a amar o passado como o ouvido, instinctivamente, ama e acha poesia nos sinos da nossa terra. Eu, além da sciencia, encontro uma divina poesia no estudo do passado, na contemplação dos antigos monumentos.

Vou indicar rapidamente os assumptos do notavel livro do sr. dr. Aragão.

Capitulo I — Factos da historia geral que illus-
ram a historia de Vizeu.
Capitulo II — Fundação da cidade de Vizeu. No-
nes que lhe são attribuidos. Sua antiguidade.
Cava de Viriato (pag. 37).
Viriato (pag. 74).
Torres romanas (pag. 81).
Inscripções e moedas romanas (pag. 85).
Egreja de Vizeu no tempo dos romanos (pag. 93).
Capitulo III — Vizeu no tempo dos barbaros.
Invasão dos mouros. D. Rodrigo e seu tumulo
pag. 110).
Capitulo IV — Vizeu desde a fundação da monar-
hia das Asturias até á fundação da monarchia por-
ugueza.
Armas de Vizeu (pag. 140).
Miragaia, romance de D. Ramiro, lendas e canti-
as (pag. 153).
Carta do conde D. Henrique e noticia do foral
ado por D. Thereza em 1123 (pag. 187-189).
Priores da Sé de Vizeu. O bispo Hermenegildo
pag. 202).

O sr. dr. Aragão é um erudito de valor, estuda e
abe reunir elementos como bem poucos.

Todo este seu trabalho é muito documentado.

Parece que por muitos annos procurou, e feliz-
nente achou, noticias e verificações.

Elle paga n'este volume o seu tributo d'amor á
ua querida Vizeu; que os homens de Vizeu, oxalá,
aibam avaliar o grande serviço que o sabio profes-
or lhes presta, e o coadjuvem na sua empreza.

Eu applaudo e agradeço, com todo o meu enthu-
iasmo, este volume; anceio pelo segundo, porque
estudioso é bom, e o campo a que elle se dedicou
de primeira ordem na historia do paiz, na vida
o povo portuguez.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

CORPOS GERENTES EM 1894

Presidente — Conselheiro Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Vice-presidente — (secção de architectura) Valentim José Corrêa.

Vice-presidente — (secção de archeologia) conde de S. Januario.

Secretarios — Visconde de Alemquer e Gabriel Victor do Monte Pereira.

Vice-secretarios — Eduardo Augusto da Rocha Dias e monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.

Thesoureiro — Ernesto Augusto da Silva.

Conservador da bibliotheca — Visconde da Torre da Murta.

Adjunto — José Joaquim da Ascensão Valdez.

Conservador do museu — José da Cunha Porto.

Adjunto — Zeferino Norberto Gonçalves Brandão.

SECÇÕES

Architectura

Valentim José Corrêa
Antonio José Gaspar
Francisco Soares O'Sulivand
Joaquim da Conceição Gomes
Licinio Neonisio da Silva

Archeologia

Gabriel Victor do Monte Pereira
Visconde de Alemquer
Eduardo Augusto da Rocha Dias
Henrique Casanova
Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa

Construcção

Caetano Xavier de Almeida da Camara Manuel
Bernardino José de Carvalho
Jacintho Parreira
Antonio Pinto Bastos

CORRESPONDENCIA

Ministerio da Fazenda. — Direcção superior dos serviços aduaneiros e contribuições indirectas - 1.ª repartição. — Ill.mo e ex.mo sr. — Existindo na Alfandega de Lisboa uma lapida tumular que parece ter valor archeologico, rogo a v. ex.ª se digne mandar examinal-a por pessoa competente, e dizer-me se a julga digna de figurar no museu archeologico de que v. ex.ª é dignissimo director, afim de que se promova a entrega da alludida lapida ao referido museu.

Deus guarde a v. ex.ª — Direcção superior dos serviços aduaneiros e contribuições indirectas, 2 de agosto de 1893.

Ill.mo e ex.mo sr. director do museu archeologico. — O conselheiro director, *João de Sousa Calvet de Magalhães.*

Tendo s. ex.ª o ministro da fazenda determinado por despacho de hoje que, em vista do parecer contido no officio de v. ex.ª de 19 do corrente, fosse entregue ao museu archeologico, ao digno cargo de v. ex.ª, a lapida a que se refere o meu officio n.º 310 de 29 de julho ultimo, rogo a v. ex.ª se digne mandar apresentar na alfandega de Lisboa pessoa competente, afim de se effectuar a entrega de que se trata, conforme as ordens que n'esta data se expedem áquella casa fiscal.

Deus guarde a v. ex.ª — Direcção da 1.ª repartição da direcção superior dos serviços aduaneiros e contribuições indirectas, em 25 de agosto de 1893.

Ill.mo e ex.mo sr. director do museu archeologico. — O conselheiro director, *João de Sousa Calvet de Magalhães.*

Ministerio do Reino. — Direcção geral de administração politica e civil. — 3.ª repartição. — Com referencia ao officio que v. s.ª dirigiu a este ministerio em nome da Real Associação dos Architectos Civis, sobre os inconvenientes das obras que se pretendiam levar a effeito sobre o terraço que cobre as abobadas do edificio historico do Carmo, devo dizer a v. s.ª que segundo informou o commandante geral das guardas municipaes, que foi ouvido sobre o

assumpto, que as obras alludidas se reduzem á substituição de duas escadas de madeira, que desde época remota, que não póde fixar-se, existiam para dar communicação a dois dos terraços mais pequenos, e que estavam deterioradas pela acção do tempo; e bem assim que foram mandadas retirar, por terem apodrecido, umas pesadas peças de madeira, que circumdavam as abobadas mais elevadas, as quaes deverão ser substituidas por pequenas hastes de ferro, ligadas por arame consistente.

Deus guarde a v. s.ª – Secretaria d'estado dos negocios do reino, em 9 de novembro de 1893.

Ill.mo sr. secretario da meza da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes. — *Arthur Fevereiro.*

Ill.mo e ex.mo sr. — Cabe-me hoje a honra de me dirigir a v. ex.ª a dar-lhe conhecimento, de ter recebido um officio da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em que descreve minuciosamente o apreço dos torques d'ouro que me pertencem, e dos quaes em tempo mandei a photographia a essa Real Associação. Sou pois a agradecer tão elevado estudo e a confessar-me summamente agradecido; pedindo a v. ex.ª o especial favor de dar conhecimento á Real Associação d'esta minha declaração, o que muito agradeço.

Deus guarde a v. ex.ª — Santarem, 20 de novembro de 1893. — Ill.mo e ex.mo sr. Eduardo Augusto da Rocha Dias. — *Laurentino Verissimo.*

Academia Real das Sciencias de Lisboa. — Ill.mo e ex.mo sr. — Devendo a Academia Real das Sciencias de Lisboa celebrar sessão solemne no dia 17 do corrente á 1 hora da tarde, sob a presidencia de sua magestade el rei o senhor D. Carlos I, tenho a honra de convidar a v. ex.ª, em nome da Academia, para assistir a esta solemnidade.

Deus guarde a v. ex.ª — Academia Real das Sciencia, 11 de dezembro de 1893.

Ill.mo e ex.mo sr. presidente e secretario da Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — O secretario geral, *Manuel Pinheiro Chagas.*

Gremio Artistico. — A direcção do Gremio Artistico encarrega-me de communicar a v. ex.ª que desejando esta sociedade contribuir quanto esteja ao seu alcance para a conservação das nossas riquezas d'arte, do melhor grado se porá ao lado d'essa illustre corporação em todas as tentativas em que por ventura se empenhe a pró da integridade dos monumentos e outras obras d'arte existentes no paiz.

Deus guarde a v. ex.ª — Lisboa, 16 de dezembro de 1893

Ill.mo e ex.mo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, dignissimo presidente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes. — O 1.º secretario, *D. José Pessanha.*

Camara municipal do concelho de Beja. — Cabe-me a honra de levar ás mãos de v. ex.ª, em cumprimento do deliberado pela camara, uma copia de parte da acta da sessão ordinaria de 15 d'este mez, e permitta v. ex.ª que eu aqui renove os agradecimentos a essa Real Associação pela amabilidade com que se houve para com a corporação que represento.

Deus guarde a v. ex.ª — Beja, paços do concelho, 23 de fevereiro de 1894.

Ill.mo e ex.mo sr. presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — O presidente, *Adolpho Augusto d'Almeida Doria.*

COPIA DE PARTE DA ACTA DA SESSÃO ORDINARIA DE 15 DE FEVEREIRO DE 1894

No dia quinze de fevereiro de mil oitocentos noventa e quatro, pelas duas horas de tarde, reunidos nos paços do concelho, sala das sessões da camara, sob a presidencia do presidente Almeida Doria, os vereadores effectivos Fonseca, Castro e Pinto, França e Branco, e os substitutos Vaz e Almodovar, faltando com motivo justificado o vereador effectivo Oliveira e sem motivo justificado o vereador Palma, tambem effectivo, o presidente declarou aberta a sessão.

Correspondencia

Leu se a seguinte:

Outro officio da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, communicando que a associação, em assembléa geral de vinte e um de janeiro ultimo, approvou unanimemente um voto de louvor á camara pelo zelo, intelligencia e proficuo patriotismo que tem mostrado na organisação do já notavel museu archeologico, aproveitando a occasião para manifestar ainda a gratidão dos estudiosos á camara por tal instituição e á generosidade dos habitantes de Beja que teem concorrido para o engrandecimento do museu.

Deliberaram que se consignassem na acta agradecimentos á Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, e que d'esta deliberação se lhes enviasse copia.

E não havendo negocio algum mais a tratar, o presidente levantou a sessão eram cinco horas da tarde. E para constar lavrei em minuta esta acta eu José Umbelino Palma, secretario da camara. Declara-se que os vereadores Vaz e França não assignaram por terem faltado á sessão em que esta minuta foi lida, approvada e assignada. Adolpho Augusto de Almeida Doria, Henrique Maria da Fonseca, Manuel Guerreiro da Costa Branco, Manuel Pereira de Castro e Brito, Silverio Joaquim Ribeiro Almodovar.

Está conforme. Beja, paços do concelho, 23 de fevereiro de 1894. — O secretario da camara, *José Umbelino Palma.*

Sociedade de Geographia de Lisboa. — Ill.mo e ex.mo sr. — Em cumprimento da deliberação tomada na reunião que em 1 de dezembro de 1892 se realisou n'esta sociedade, a direcção diligenciou junto do governo do estado, quando e como pareceu mais opportuno e conveniente, a nomeação da commissão central para a celebração do quarto centenario da partida da expedição que descobriu a India, e tem a honra de enviar por copia a v. ex.ª o decreto real que nomea essa commissão.

Congratulando-se com v. ex.ª e com a corporação que v. ex.ª dignamente dirige pelo facto de nos traços geraes ter sido officialmente adoptado o nosso pensamento, a direcção julga-se dispensada pelo esclarecido e patriotico criterio de v. ex.ª de acentuar

a necessidade de apressar a definitiva constituição da commissão e a iniciação dos respectivos trabalhos, e considerando que a demora havida e as indicações do decreto naturalmente modificam os termos das communicações anteriores de v. ex.ª permitte-se solicitar com a possivel urgencia a nomeação dos representantes d'essa respeitavel corporação.

Deus guarde a v. ex.ª — Sociedade, 15 de maio de 1894.

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. presidente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes. — O presidente, *F. Amaral.* — O secretario perpetuo, *L. Cordeiro.*

4.º Centenario da Descoberta da India

Presidencia do conselho de ministros. — Devendo a commemoração do quarto centenario da expedição, que descobriu o caminho maritimo da India, assumir o caracter de uma verdadeira fes'a nacional, em tudo condigna do glorioso feito que se vae celebrar;

Convindo, por isso, preparar com a alludida antecipação todos os elementos e concentrar todos os esforços no intuito patriotico que se tem em vista, interessando no explendor d'esta celebração representantes de todas as forças e actividades da sociedade portugueza;

Attendendo ao que a este respeito me tem representado, em seu nome e por parte de diversas corporações por ella consultadas, a Sociedade de Geographia de Lisboa;

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Para preparar, organisar e dirigir a celebração nacional do quarto centenario da partida de Lisboa da expedição que descobriu a India, é nomeada uma commissão que é presidida pelo conselheiro Manuel Pinheiro Chagas, composta da direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa e dos presidentes das suas secções e commissões permanentes, de tres membros delegados por cada uma das seguintes corporações: Academia Real das Sciencias, Real Academia de Bellas Artes, Sociedade das Sciencias Medicas, Associação dos Engenheiros, Associação dos Advogados, Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, Sociedade Pharmaceutica Lusitana, Club Militar Naval, Gremio Artistico, Real Associação Naval, Real Associação da Agricultura Portugueza, da Commissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa e de tres delegados eleitos pelos directores dos periodicos diarios de Lisboa.

§ unico. O governo poderá, quando o julgar conveniente, aggregar á commissão quaesquer outros individuos ou representantes de corporações do paiz.

Art. 2.º A commissão completará por eleição a mesa que deve dirigir os seus trabalhos e uma commissão executiva, que elaborará o programma geral da celebração, o qual, depois de approvado pela grande commissão, deverá ser submettido á approvação do governo.

Art. 3.º A correspondencia e mais documentos e trabalhos que tenham de ser impressos sel-o-hão na imprensa nacional por proposta da commissão auctorisada pelo governo, devendo o producto de todas as publicações feitas pela commissão ser destinado á creação de um fundo para as despezas da celebração com as mais receitas, que para tal fim hajam de crear-se.

O conselheiro d'estado presidente do conselho de ministros e os ministros e secretarios d'estado de todas as repartições, assim o tenham entendido e façam executar. — Paço, em 15 de maio de 1894. — Rei. — *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, João Ferreira Franco Pinto Castello Branco, Antonio d'Azevedo Castello Branco, Luiz Augusto Pimentel Pinto, João Antonio de Brissac das Neves Ferreira, Carlos Lobo d'Avila.*

EXTRACTOS DAS ACTAS

SESSÃO DE 25 DE MAIO DE 1893

Pelouro de Odivellas. Este pelouro estava proximo da porta da egreja do extincto convento, acompanhado por uma lapide com inscripção explicativa. O sr. Cavalleiro e Sousa, a proposito da recente remoção do pelouro para o museu de artilheria, faz sentir a repugnancia que se deve ter em deslocar qualquer monumento historico, especialmente quando, como succede n'este caso, não se justifica a deslocação para salvar o objecto da ruina. O sr. Valentim Correia participou que o pelouro iria com a lapide respectiva para o museu do Commando Geral de Artilheria (Fundição) e que se lavraria outra lapide explicando a proveniencia.

Boletim. A assembléa approvou a publicação do *Boletim*; que o formato seja in-4.º, com 16 paginas; que dos primeiros numeros se faça uma tiragem superior; que a assignatura seja de 600 réis por anno, com quatro numeros; que o numero avulso se venda por 200 réis; delega na commissão respectiva em quanto á tiragem ordinaria, numero de gravuras no texto ou em separado, attendendo ás forças do cofre.

Socios effectivos: Guilherme de Sousa, José Joaquim de Ascensão Valdez.

Socio correspondente: Eugenio Duquesne.

Medalha de cobre. — Proposta. Havendo o digno socio effectivo, ex.^mo^ sr. Joaquim da Conceição Gomes, publicado memorias artisticas de merecimento, principalmente a que se refere ao grandioso edificio de Mafra, em que analysa com criterio os trabalhos architectonicos de esculptura e pintura, que tanto servem para melhor se apreciar o merecimento d'esta importante fabrica artistica, em que se encerram obras de differente genero executadas com primor, fazendo conhecer dos visitantes nacionaes e estrangeiros este magestoso edificio, prestando assim realmente serviço ao paiz e ás bellas artes, além de ter concorrido na redacção do nosso *Boletim*, sendo pois merecedor de uma medalha de cobre, proponho para que esta Real Associação lhe conceda esta distincção, laureando-lhe os seus trabalhos e os serviços prestados á nossa Associação. Lisboa, etc. (Assign.) *J. Possidonio da Silva.* A assembléa concedeu unanimemente esta distincção,

elogiando-se muito os serviços e meritos do laureado.

Retrato do imperador do Brazil, D. Pedro II. O sr. Antonio Felix da Costa offereceu-se para pintar o retrato gratuitamente.

SESSÃO DE 8 DE SETEMBRO DE 1893

Pedra com lettreiro. Officio do sr. Calvet de Magalhães participando estar na alfandega uma lapide com inscripção, que no caso de ter valor archeologico, bem ficaria no museu do Carmo. O ex.[mo] ministro da fazenda mandou entregal-a á Associação. A lapide tem agora o n.º 3:909, na grande nave do Museu.

Livro: Paginas de pedra, pelo sr. Joaquim José Lapa.

Livro: Antiguidades de Villa Franca de Xira, pelo sr. Lino de Macedo.

Socios correspondentes: os srs. J. J. Lapa e L. de Macedo foram eleitos socios correspondentes.

Retrato de Herrmann Schaaffausen: foi presente este retrato, em boa photographia, offerta da viuva do celebre sabio allemão, que tanto concorreu para os progressos dos estudos prehistoricos.

Torqués de Almoster. Presente a photographia: um *torqués* completo e metade de outro. São de ouro puro. Estes objectos foram vendidos, recentemente, em Santarem, e o comprador pede um parecer sobre elles; o assumpto é remettido á commissão de archeologia.

Medalhas da Hollanda: o sr. visconde da Torre da Murta apresenta os fasciculos d'esta valiosa publicação; o auctor pede troca com as publicações da Associação.

Livro: A cava de Viriato, pelo sr. major Henrique das Neves, com um appendice intitulado: *os moinhos do pintor* (relativo ao celebre Grão-Vasco). Agradecido.

Livro: Memoria sobre Oliveira do Hospital, pelo sr. Adelino Julio Mendes d'Abreu.

Socio effectivo: o sr. Adelino Julio Mendes de Abreu.

Egypto: leu-se uma carta do sr. Abarques de Soster sobre descobertas recentes no Egypto.

Antiguidades: fallou-se de algumas apparecidas recentemente: um tumulo que existe nos Loyos, outro descoberto ha pouco nas obras da Escola Polytechnica, etc.

O sr. Cavalleiro e Sousa offereceu dois:

Livros: Uma visita á Exposição universal de Paris e *A circumnavegação de Africa.*

SESSÃO DE 19 DE SETEMBRO DE 1893

Torqués de Almoster, pertencentes ao sr. Laurentino Verissimo.

Discussão sobre o parecer da secção de archeologia: srs. presidente N. da Silva, L. Cordeiro, visconde da Torre da Murta, visconde de Alemquer e Cavalleiro e Sousa tomaram a palavra. Foi approvado o parecer da secção de archeologia, classificando estes torqués de pre-romanos.

Santa Cruz de Coimbra: officio do Ministerio das Obras Publicas enviando duas photographias do arco e capella-mór da egreja de Santa Cruz de Coimbra, antes e depois de restaurada. O sr. L. Cordeiro censurou energicamente o facto de se alterarem os trabalhos originaes onde, como no caso presente, deve ser conservada a feição primitiva; nem ser serio deixarem de ser ouvidos os homens competentes para estes indicarem o modo de restaurar e não reconstruir, como geralmente se tem feito com os monumentos nacionaes, que assim são alterados sem criterio.

Castello de Nodar. O sr. L. Cordeiro propoz que se solicitasse dos poderes publicos a suspensão da venda annunciada do antigo castello de Nodar, para evitar a sua destruição.

Edificio do Carmo. Trocaram-se algumas observações sobre construcções ordenadas pelo commando da Guarda Municipal, proximo e sobre a abobada de uma capella do Carmo.

Corpos gerentes. Foram eleitos os de 1894.

A Direcção do *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* pede aos Ex.[mos] Socios honorarios, effectivos e correspondentes a fineza da sua collaboração. Com muito prazer e o devido agradecimento publicaremos no *Boletim* os artigos, noticias ou mesmo simples informações sobre quaesquer assumptos que interessem á architectura e á archeologia, que os Ex.[mos] Socios tiverem a bondade de nos enviar. — A DIRECÇÃO.

ASSIGNATURA. =**Anno, 4 numeros, 600 réis.—Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio.—Numero avulso, 200 réis.**

1894, Typ. Franco-Portugueza, (Off.ª Lallemant)

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 2

O TANGER DOS SINOS

(Providencias ecclesiasticas adoptadas no seculo XVI)

É o sino um dos instrumentos mais bellos do culto catholico, quer nos cante as alegrias da vida, quer exprima as tristezas da morte, sobretudo quando a voz do bronze se faz ouvir nas quebradas da montanha, na solidão das aldeias, á hora melancolica do pôr do sol. O toque das ave-marias, compassado, melodioso, vem palpitante d'uma poesia indefinida, que tanto impressiona as almas rudes como faz vibrar o cerebro de maior cultura intellectual. Chateaubriand, Schiller, Herculano, para não citar senão alguns nomes da litteratura profana, deixaram-se enlevar pela harmonia do campanario e no verso e na prosa traduziram deliciosamente as impressões d'esse muezzim do bronze, que falla mais alto do que a voz do homem e que repercute de algum modo, longiquamente, a voz do eterno. Mas se o dobre do sino, n'estas condições, tem um encanto irresistivel, ha circumstancias em que elle se torna insupportavel, em que o seu martellar é um verdadeiro pezadello. Que o diga quem tantas vezes, ou na hora silenciosa do estudo, ou no momento afflictivo d'um desgosto intimo, sente o badalar importuno d'um sino ridiculamente galhofeiro, melindrando o ouvido e o sentimento com as canções brejeiras das operetas em voga. N'estas circumstancias o sino produz-nos o mesmo effeito que um padre, que, em vez de entoar as matinas ou de cantar o responso em volta d'um sarcophago, estivesse batendo o fado, n'um acompanhamento obsceno de guitarras.

Ha annos houve um governador civil em Lisboa, o conselheiro Arrobas, que, apiedando-se dos nossos ouvidos, produziu um ukase contra as arbitrariedades e profanações philarmonicas dos srs. sineiros, mas as providencias então adoptadas foram cahindo em desleixo e o abuso dos impenitentes *Quasi modo* continúa florescendo. O mal, porém, não é de hoje, é muito antigo, e o conselheiro Arrobas teve antecessores. Em 1541—ha tres seculos e meio!—a auctoridade ecclesiastica, o arcebispo de Lisboa, D. Fernando, attendendo aos queixumes das pessoas principaes da cidade, publicava um alvará regulando o toque dos sinos, e impondo graves penas pecuniarias a quem o não cumprisse á risca. São curiosos os fundamentos do seu alvará. O toque frequente dos sinos não só dava logar a que elles se partissem, mas quebrava a devoção nos catholicos sinceros, que de certo não deixariam de rogar a sua praga quando a sinalhada os apoquentasse. Se o conselheiro Arrobas fosse vivo, subscreveria gostosamente o alvará do arcebispo e seria o primeiro, com o seu braço secular, a pôl-o em execução.

Quer-nos parecer que prestaremos um serviço

publicando esse documento, curioso para a historia do direito ecclesiastico, para a historia dos costumes e da linguagem da epoca. Eil-o na sua integra este monumentosinho da archeologia religiosa do seculo XVI:

«Dom Fernamdo per merce de D.s e da samta Igreja de Roma metropolitano arçebispo de lixboa, do conselho delRey meu sñor e seu capelão mor, etc, fazemos saber aos que este noso alvará virem que muytas das p.as (pessoas) prymcipaes da dita cidade e asy outras nos fizerão saber per suas enformações como nas Igrejas da dita cidade pelos tesoureiros dellas se tamgia muy a meudo os synos pelos defumtos e muito tempo por cada defumto e que semdo as freguesyas da dita cidade pela mayor parte de muytos moradores se acomtecya muytas vezes aver finados em modo que os synos das Igrejas se tamgiam casi todo dia e toda a noite em especyall por se dar algum pouquo de dinheiro aos tesoureiros das Igrejas para que tangessem muytas vezes e comprido o que era causa que pela mayor parte os visinhos das taes Igrejas recebiam niso mao trato e vizinhamça o que tambem podia ser causa de rezarem pouquo pelas allmas dos ditos defuntos e não per pompa e vaidade e asy hera causa pera os synos quebrarem amcude e se receber niso perda e por que ho tamger dos ditos synos ao tempo do fallecimento das pesoas e asy ao tempo dos saimentos sómente se hordenou para os fieis xpãos (christãos) com caridade rezarem pelas allmas dos ditos defumtos e não per pompa e vaidade do mundo mandamos a todos os pryores, viguayres, curas, benefyciados e iconymos que teuerem carreguo de guouernar as igrejas e asy aos tesoureiros delas que por cada hum defumto homem tamguão somente tres synaes loguo ao tempo do falecymento de cada hum deles e depois ao tempo de os tyrarem de casa hum e ao tempo de os lançar na cova outro e cada hum dos ditos synaes não posa mais durar que ho espaço que durão huas ave marias quamdo se tamgem a noite sobpena de o tal pryol, viguayro ou cura ou beneficyado ou Iconimo paguar por cada vez cem reis de alljube e alem da dita pena paguará o tezoureyro outros cem reis de aljube e semdo caso que cada hum d'eles caya na dita pena de cimquo vezes acyma paguará dehi em diamte quinhentos rs. e quamdo se ouverem de fazer saimemtos se farão tres synaes pello homem e dous por molher nem seram mays compridos do que dito he e sob a mesma pena e semdo caso que allguma pesoa queyra mays synais podera pedir a nos ou a noso prouisor p.a se ver se ha hy causa de se dar e parecendo que se deve dar se dara é porem em tall caso o que pedir a tal licemça depositará dinheiro ou prata que abaste para o corregimento dos taes synos se se acomtecer hum todos quebrarem no tal tanger e o deposito será na audiemcia do noso viguayro e se julgará por semtamça e quamdo se a tal licemça ouuer de dar não seja para mays synaes que ho dobro do que dito he e cada pesoa nem mais compridos do que dito he. As quaes penas apricamos ao noso m.ro e porem semdo caso que ele as não demãde no luguar homde estiuer dentro em cymquo dias e nos outros outrem por ele abemos por bem que quallquer p.a posa requerer a dita pena e aver os dous terços dela e dará o outro terço ao dito meirinho e mãdamos ao noso vyguayro gerall desta cidade e asy ao de santarem e a todos os padancos em suas comarcas que asy o julguem sem apellação nem agrauo sem alguma lomgura de juizo e que loguo cimcoemtyuente fação execuçam sem por a yso duuida allguma e posto que os ditos cymquo dias pasem sem o m.ro ou outrem per ele ou per sy demãdar a dita pena avemos por bem que em qualquer tempo cada hum deles a posa demãdar e lhes seja julguado como dito he. Dado em lixboa sob noso synal e sello. esteuão glz de bulhão o f z esereuer e sobserevi de minha mão ao primeiro de nouembro de mill b" R j. E não pasará pola chancelaria.

O Arcebispo de Lisboa.»

Ao fundo:

«Regimento sobre o tamger dos synos polos defumtos ao tempo de os emterramentos e dos saimentos para a ygreja de são João de mocharro »

Copiamos este diploma d'um codice, que pertenceu ao distincto archeologo Borges de Figueiredo, e que se acha hoje em nosso poder. E' o *Livro das visitações da egreja de S. João de Mocharro da Villa de Obidos* e comprehende documentos de 1447 a 1560.

SOUSA VITERBO.

ALGUMAS NOTICIAS PARA A DESCRIPÇÃO HISTORICA DO LOGAR E FREGUEZIA DE ALCAINÇA

Obras consultadas para a coordenação d'estas noticias:

Capellas da Corôa, L.º I — *Torre do Tombo. Registo*, L.º XXIII — no Real Arch. da Torre do Tombo.

Mss. Pombal - *Inventario* — Cod. n.os 179 e 196 na Bib. Nac. de Lisboa.

Livro das grandezas de Lisboa, pelo P. N. de Oliveira.

Geog. hist., por D L. C. de Lima.

Chorog. portug., pelo P. A. Carvalho da Costa.

Dic. geog. de Portugal, pelo P. L. Cardoso.

Descrip. corog. de Portugal, por A. de Oliveira Freire.

Vest. da lingua arabica em Portugal, por F. J. de Sousa.

Estat. de Portugal, População — Censo, 1.º janeiro 1878.

Dic. postal corog. de Portugal, por J. B. da Silva Lopes.

O logar de Alcainça é séde da freguezia de S. Miguel do patriarchado de Lisboa, no concelho de Mafra, districto administrativo de Lisboa.

Fazem parte d'esta freguezia os logares da Malveira e Carrasqueira, os Casaes da Abrunheira, Casaes do Moinho, Casal dos Moinhos, Casal Novo, Lage, Casal da Pedra e parte do logar da Venda do Pinheiro, pertencendo a outra parte á freguezia

de S. Miguel do Milharado, tambem do concelho de Mafra.

Alcainça é palavra derivada do arabe, composta de *alcai* o encontro, e de *néça* as mulheres; e significa pois, povoação do encontro das mulheres.

A egreja parochial está no logar de Alcainça, denominada Grande; porque proximo está outro logar, que, para se differençar, chamam Alcainça Pequena, que pertence á freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Egreja Nova do mesmo concelho de Mafra.

É o logar de Alcainça Grande, ou simplesmente Alcainça, um logar pittoresco, assente na encosta sul de um monte, e do lado esquerdo da linha do caminho de ferro em viagem ascendente de Lisboa a Torres Vedras, entre as estações de Mafra e Malveira, realçando em meio do verde dos pinheiros, do matto da serra e do campo cultivado, as casas bem caiadas, e em baixo, proximo á estrada districtal, a egreja com seu campanario.

Em 1620 tinha esta freguezia noventa fogos com tresentas pessoas, em 1736 noventa e oito fogos com tresentos sessenta e seis habitantes, em 1747 era a população cento e cinco visinhos, e em 1878 o censo no primeiro de janeiro indica cento e oitenta fogos com tresentos setenta e dois varões e tresentas quarenta e duas femeas.

O logar de Alcainça tem trinta e sete fogos.

Era priorado que apresentava o visconde de Villa Nova da Cerveira, e depois o marquez de Ponte de Lima, donatarios, que foram de Mafra, e senhores directos de muitos terrenos n'esta freguezia.

Rendia para o parocho, no seculo decimo oitavo, uns tresentos mil réis.

Governava-se até 1833 pelo juiz de vintena, sujeito á correição do juiz de fóra de Cintra e ao corregedor e provedor da comarca de Alemquer. A comarca de Alemquer era antigamente muito extensa, abrangia oito villas: Cintra, Alemquer, Aldeia Gallega da Merceana, Chamusca, Ulme, Caldas da Rainha, Obidos e Salir do Porto, com cincoenta e cinco freguezias. Actualmente no judicial pertence a freguezia de S. Miguel de Alcainça á comarca de Mafra.

Da instituição da freguezia nada se póde averiguar, sendo com certeza dos primeiros tempos da monarchia. A noticia mais antiga que pude encontrar é de 25 de março de 1321 «a taxa de setenta e cinco libras na egreja de S. Miguel de Alcainça» decima, que el-rei D. Diniz, durante tres annos, para subsidio da guerra contra os mouros, lançou sobre todas as rendas ecclesiasticas do reino; exceptuando d'esta decima as egrejas, commendas e beneficios pertencentes á ordem de S. João de Jerusalem, do Hospital ou de Malta «porque os professos d'ella se empregavam continuamente em militares exercicios contra os mesmos infieis.»

Foi o papa João XXII, no quarto anno do seu pontificado, que fez esta concessão a D. Diniz, por bulla dada em Avinhão a 23 de maio de 1320, e foram juizes executores, na conformidade da mesma bulla, o bispo de Coimbra D. Raymundo, o deão da mesma cathedral D. Gonçalo de S. Jorge, e o nuncio, que era n'aquelle tempo em Portugal, João de Solerio, conego de Herfordia. Fallecendo o deão, foram executores os dois.

Em 31 de março de 1363 Vicente Annes Froes, prior de Santa Maria de Cheleiros, fez em Belmonte, sua residencia, testamento escripto e assignado pelo tabellião de Cintra Rodrigo Esteves, e por este testamento instituiu a capella de S. Silvestre na egreja de S. Miguel de Alcainça, para n'ella ser sepultado junto a seu pae, legando bens muito importantes para o cumprimento dos encargos que determinou.

Na crasta da Sé de Lisboa, em 17 de dezembro de 1379, o tabellião da cidade Martim Amado, por ordem e auctoridade do vigario Guilherme Carbonal, fazendo alli audiencia com os conegos Gonçalo Dominguez e Affonso Annes, prior de Santo Estevão, e João Gil, procurador da audiencia do bispado, deu o treslado d'este testamento, que se achava em poder de Martim Affonso, mestre escola, para o que tinha sido citado a apresental-o em juizo, a pedido do prior de Alcainça, pelo seu procurador Martim Pirez; visto que a elle, seu constituinte, pertencia fazer cumprir as disposições do dito testamento, pela expressa determinação do testador «rogo ao Priol dalcainça que seia requeredor para se comprir esto que eu mando, e haja em cada hum anno por seu afam trinta soldos e se o não acuzar nem requerer não lhos dem, e morrendo todolos do meu divido, ou não sendo pertencentes para ello leixo o carrego dello ao Priol dalcainça que o haja de auer, e comprir todo esto que eu aqui leixo.»

O prior Affonso Estevez, em 18 de junho de 1405, pediu ao tabellião de Mafra, Martim Affonso, a publica forma do treslado; pois «que o dito estromento era uelho e lixozo, e que se temia de o não poderem cedo ler, ou de o perder per fogo, ou agoa, ou per outra couza» e lhe foi dada a publica forma em «Mafora no adro da egreja da dita villa sendo em conselho Joanne Annes e Gonçalo Annes alvazis ordinarios» e testemunhas presentes Gonçalo Estevez e Lourenço Dominguez moradores na villa, e Affonso Dominguez morador no Outeiro.

Mas em 16 de maio de 1426, na claustra da egreja cathedral de Lisboa, fazendo alli audiencia João Paes, mestre em direito canonico e vigario geral do arcebispo D. Pedro, foi apresentado por Gonçalo Froes, morador em Mafra, um outro testamento

de Vicente Annes Froes, feito tambem em Belmonte a 6 de dezembro de 1356, pelo tabellião de Cintra Nuno Martins «escritto em perguaminho são e sem alguma suspeição salua que no comesso nas primeiras duas regras era Razo que senão podia bem ler» e visto em audiencia este testamento, o procurador do cabido, Gonçalo Martins, fez saber que o dito instrumento pertencia ao cabido, ou d'elle cumpria haver o treslado para conservação do seu direito, ao que se não oppoz Gonçalo Froes, e pelo tabellião de Lisboa, João Gonçalves, foi extrahida para o cabido a publica forma em um publico instrumento, sendo testemunhas Martim Affonso e João Vasques, escrivães; Joanne Anes, procurador; e Pero Carrilho, inquiridor da dita audiencia.

Quem seria este Gonçalo Froes, que veiu apresentar ao cabido um testamento sem valor; porque tinha sido annullado pelo de 31 de março de 1363? Naturalmente, pelo appellido, algum descendente da familia d'aquelles que tinham sido desherdados; pois que dizia o testador «arredo todos meus irmãos, primos, sobrinhos de todos os meus bens, e os lque comigo hão deuido com cinquo soldos especiasmente arredo Esteuão Pirez de torres uedras e seu irmãos meus sobrinhos por muito nojo que fiserão.»

A apresentação foi de certo para enredar os administradores dos bens da capella de S. Silvestre em Alcainça e do morgado da quinta do Arneiro em Torres Vedras, já instituidos. Porém o cabido não devia ter tomado conhecimento d'este testamento, por quanto em 17 de dezembro de 1379 já tinha sido apresentado em audiencia na Sé, como se viu, o testamento válido, por ser a sua «postrimeira uontade.» Mas n'este testamento, ainda que sem valor, o testador ordenava ao testamenteiro «que mantenha tres capellães na sé de Lisboa, e dê ao cabido de Lisboa en cada hum anno sincoenta e seis liuras pera tres aniuersarios e isto faça em cada hum anno pera sempre, e fasendo o elle assim aja minha benção» legado que o ultimo testamento não mencionava, e não era coisa, que, em questão se deixasse perder, e por tanto ficou a copia em poder do cabido «pera guarda e conseruação do ditto seu direito» e para ter valor «en juiso e fora delle assy como o proprio original» e tanto assim que, o prior de Alcainça, João Lourenço, requer a copia d'este testamento, pois «que a elle pertençia auer o treslado do ditto estromento pera a ditta igreja e pera guarda e conseruação do ditto seu direito» e em publica audiencia, na claustra metropolitana da cidade de Lisboa, Luiz Anes, vigario geral do arcebispo D. João, mandou dar em 10 de maio de 1455 a publica forma por João Duarte, vassallo d'el-rei e seu publico tabellião na cidade, para o que antes foi ouvido o procurador do cabido, Alvaro Anes, quartanario, que disse «não auia embargos e que lhe praseria de lhe ser dado» o treslado ao qual foram testemunhas Gomes de Paiva, escrivão; Jorge Anes, porteiro das audiencias ecclesiasticas; João Pires e Pedro da Crus, procuradores.

E n'esta enredada questão de testamentos, os administradores da capella de S. Silvestre em Alcainça, e do morgado da quinta do Arneiro em Torres Vedras, foram sobnegando, aforando e vendendo bens, até que el-rei D. Manuel mandou em 1498, pelo doutor Alvaro Fernandes, fazer o tombo dos bens da quinta do Arneiro, e entregar a administração d'elles a João Froes, escudeiro, parente mais chegado do instituidor, visto andar alheada, e em 1499 mandou por João Vaz, corregedor e sobre juiz da casa do civel, e João Diaz, escrivão, atombar todos os bens, como bens da corôa, incluindo os da capella e os da quinta, completando-se em 1506 o tombo, em separado, dos bens do Arneiro.

Pelo anno de 1594 era administrador da capella e da quinta o prior de Alcainça, Diogo de Abreu, que trazia tudo usurpado, e dissipou os bens, vendendo terras, emprazando casaes, e deu a capella de S. Silvestre a Miguel Vaz Brandão, e a quinta do Arneiro ao irmão Lourenço Vaz Brandão.

El-Rei D. Filippe II sabendo que muitos dos bens de capellas andavam alheados e sobnegados, e não se cumpriam inteiramente os encargos e obrigações, que os instituidores tinham deixado, poz termo, ordenando em seu alvará, passado em Lisboa a 4 de outubro de 1619, que o doutor Thomé Pinheiro da Veiga, com os dois adjuntos nomeados pelo regedor da justiça, procedessem ao tombo de todos os bens de capellas, com a declaração de que, ás pessoas que as possuissem sem titulo, faria mercê d'ellas em suas vidas, vindo manifestal-as no praso de dois mezes, residindo na cidade de Lisboa, e quatro mezes para as que vivessem fóra pelos mais logares do reino, e que executassem suas sentenças sem admittir manifestação aos bens das capellas, que já estivessem julgadas pertencentes á corôa.

Pelas sentenças de 26 de agosto de 1621 e 30 de setembro de 1624 contra Miguel Vaz Brandão, foram declarados por nullos os prazos e alheações feitas, e sequestrados os fructos das propriedades, e novamente julgados bens da corôa, mandando incorporar e fazer o tombo de todos os bens com novas medições e confrontações, determinando-se pela ultima sentença de 1624 que, a capella de S. Silvestre em Alcainça e o morgado da quinta do Arneiro em Torres Vedras, eram instituições diversas, e que podiam ter differentes administradores; porque Vicente Annes Froes, antes de instituir a

capella de S. Silvestre, tinha feito doação inter vivos a seu sobrinho, Alvaro Domingues, da quinta do Arneiro para andar em morgado e com a obrigação de um capellão perpetuo na egreja de Alcainça.

E n'esta ultima sentença, de 30 de setembro de 1624, quando declara a divisão dos administradores dos bens, declara tambem, que se revoga «a clausula da primeira sentença, que referia ser a dita quinta do Arneiro annexa á capella, por ser posta por enleio de um testamento nullo antigo que não tinha vigor.» E assim ficou resolvida a questão dos dois testamentos de Vicente Annes Froes.

(Continúa)

Ascensão Valdez.

PLINIO (O NATURALISTA) E A LUSITANIA

Tenho por muito interessante uma excursão de vez em quando atravez uma obra antiga, um d'aquelles livros de gregos e romanos, repositorios da velha sciencia, onde tantas vezes apparecem noticias, allusões ao paiz hispanico-occidental. Seria bom serviço um exame demorado de todas essas antigas fontes. Eu tenho trabalhado n'esse campo, e tresladei para vulgar muitos trechos de Estrabão, Plinio, Mella, Plutarcho, etc., que correm impressos.

Outros d'esses trabalhos conservo-os ineditos. Mas além dos grandes trechos, dos capitulos inteiros referentes á peninsula hispanica, topam-se nos auctores antigos allusões, referencias accidentaes, noticias suggeridas por idéas associadas, por factos approximados, ás vezes muito interessantes em differentes pontos de vista.

Nem só nos geographos e historiadores antigos; nos litteratos, nos grammaticos tambem se encontram allusões ou noticias curiosas.

Na extensa e monumental obra de Plinio, *o naturalista*, apanhei n'uma leitura rapida algumas noticias; é bem possivel que mais contenha; mas vou aproveitar já este apontamento.

Liv. 8, § 67 — Trata-se de solipedes. Elle allude ás famosas eguas da Lusitania. Conhece na peninsula duas raças de cavallos *thieldons* e *asturcons*, sendo estes mais pequenos.

Nas moedas ibericas apparece frequentemente o cavallo, e ainda hoje nos brasões de alguns terras portuguezas. O cavallo peninsular, curto, grosso, pescoço curvo, em tempo de romanos era vulgar tambem na Gallia meridional. No museu de *S. Germain en Laye* ha esculpturas, altos relevos, onde apparece o mesmo cavallo. Eu acho isto muito curioso, até para a historia do solipede na peninsula e em Portugal. O cavallo do Terreiro do Paço tem o mesmo typo, e sabe-se que elle é, com ligeiras modificações artisticas, a copia de um cavallo da raça d'Alter.

Os solipedes tem nos ultimos tempos augmentado de corpo; talvez se possa dizer nos dois ultimos seculos. Póde avaliar-se da estatura dos cavallos pelo *excesso* da perna do cavalleiro, e ainda em pinturas, tapeçarias, estatuas do seculo XVI nós vemos a perna do cavalleiro exceder muito a linha inferior do cavallo.

Disse-me o sr. Salomão Reinach, em S. Germain en Laye — «A rainha Isabel visitando ha tempos este museu, ao ver estes cavallos, disse logo que eram de raça hespanhola»; e teve razão, viu bem. Ora esses relevos são do sul da França e do tempo do dominio romano. E' claro que tem entrado sangue de varias raças cavallares; de modo que ao ver esses antigos testemunhos, relevos, nas moedas, etc., e o cavallo de bronze do D. José, parece concluir-se que ha tendencia e reversão a um typo de solipede proprio do paiz.

Mas voltemos ao Plinio.

Liv. 8, § 73. — Lans de Hespanha, e especialmente a lan de Salacia (Alcacer do Sal) na Lusitania — *Quas nativas appellant aliquot modis Hispania... et quam Salacia scutulato textu commendat in Lusitania.* — *Scutulato textu* póde traduzir-se *em xadrez*. Note-se que na idade media, em Portugal, ainda havia, e vulgar, a manufactura de tecidos enxadrezados. Lan de Salacia parece-me que seria a que ía de Salacia ou fabricada alli; os arabes tiveram tambem tecelagens celebres ao sul do Tejo, em Beja por exemplo. Ainda hoje se fabricam lans no Alemtejo; as mantas do campo de Ourique (Garvão, Castro Verde, etc.) que conservam um cunho bem antigo, não são em xadrez, são em faixas, mais ou menos largas, brancas e escuras, os tons naturaes da lan.

(15, § 4). — Azeitonas. — *Sunt et superbae... sunt et praedulces per se tantum siccatae, uvisque passis dulciores, admodum rarae in Africa, et circa Emeritam Lusitaniae.* — E' possivel que a azeitona soberba e extraordinariamente doce, então se encontrasse limitada á região de Merida, que ainda hoje produz bella azeitona de comer. Hoje a região da bella azeitona grada, soberba, abrange Elvas, Olivença e vae até Sevilha.

(15 — § 30). — Cerejas, *cerasi*; na Belgica preferiam as lusitanas! *in Belgica vero lusitanis!* Mas isto suppõe uma somma enorme de factos! que antiguidade terá a arboricultura! os romanos já conheciam as variedades de cerejas que hoje temos; e os belgas, os celticos da Belgica, já tinham provado de todas e preferiam as da Lusitania!

(22, § 3.) — Tinturaria: a famosa *gran* da Lusitania. *Atque ut sileamus Galatiae, Africae, Lusi-*

taniae granis, coccum imperatoris dicatum paludamentis. É o kermes vegetal produzido pelo *quercus coccifera.* L., reservado ás cotas d'armas dos generaes.

(33, § 21). — Ouro nas areias do Tejo: *fluminum ramentis ut in Tago Hispaniae.* E' n'este capitulo que elle se refere extensamente ás operações mineiras e metallurgicas. Eram extraordinarios os trabalhos de exploração no tempo de Plinio; na Asturia, na Galliza e na Lusitania os jazigos e filões de quartzo aurifero eram atacados por milhares e milhares de pobres operarios. E era antiga, diz Plinio, era já de muitos seculos esta exploração e esta fertilidade — *Vicena millia pondo ad hanc modum annis singulis Asturiam atque Gallaeciam et Lusitaniam praestare quidam prodiderunt, ita ut plurimum Asturia gignat. Neque in alia parte terrarum tot saeculis perseverat haec fertilitas.*

A meu ver deve ser muito velha a exploração mineira; pondo de parte os recentissimos instrumentos de trabalho, a machina de vapor, etc., os processos de exploração de hoje foram já usados pelos romanos; e que somma de trabalho, que longo soffrimento para chegar a esses resultados. No territorio, hoje portuguez, já em tempos prehistoricos se abriam minas, se cosiam fornadas e se martellavam minerios.

Os *escoriaes* (alguns são collinas extensas de milhões de metros cubicos) são frequentissimos.

No Minho, nas Beiras, no Alemtejo ha vestigios d'esses colossaes trabalhos, montanhas perfuradas de galerias e caboucos, enormes fojos escavados, porque em muitos pontos lidaram a céo aberto. Uns notaveis tanques que ha na Tourega, e perto de Estremoz, foram, a meu ver, destinados a tratamento de minerio, talvez de cobre, pela via humida, como ainda hoje se pratica.

Em outro trecho (*l.* 34, § 47) nos apparece tambem citada a Lusitania, a proposito da producção do chumbo — *Nunc certum est, in Lusitania gigni et in Gallaecia.*

Allude-se, como a fabula ou a lenda velha e fallaz, ao que diziam os gregos, de que o tiravam das ilhas do oceano Atlantico, e de que o traziam em barcas de vimes forradas de coiro *vitilibusque navigiis circumsutis corio advebi.* Recordemo-nos dos barcos de sobreiro achados em lameiros das Britannicas.

Liv. 37, § 9. *Cristal.* — Cornelio Boccho conta que na Lusitania se acham blocos de cristal, de peso admiravel, cavando nos montes de Ammaia poços até o nivel das aguas. *Cornelius Bocchus et in Lusitania, p rquam mirandi ponderis Ammaenibus jugis, depressis ad libramentum aquae puteis.*

Parece-me possivel que se alluda aqui ás notaveis cavernas da serra de Marvão, vestidas de admiraveis e singulares quartzos cristallinos.

Haverá uns trinta annos entraram e devastaram uma gruta, a alguns kilometros de Marvão, que produziu grande quantidade de stalactites, stalagmites, géodes, arborisações, raizes revestidas de quartzo cristallino, de fórmas mui singulares. O achador andou com a collecção em exposição pelo paiz; esteve muito tempo aqui em Lisboa, n'uma casa proxima do passeio publico, hoje Avenida, logo no começo, do lado oriental.

Cornelio Boccho, aqui citado, é escriptor conhecido e subsistem inscripções que se lhe referem (de Troia, *Cetobriga*, e de Alcacer do Sal, *Salacia*).

RELATORIOS A'CERCA DA BIBLIOTHECA DA ASSOCIAÇÃO

Senhores. — Em sessão da assembléa geral celebrada em 18 de dezembro do anno proximo passado, tivemos a honra de apresentar a esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, um relatorio em que demos conta do estado da bibliotheca até áquella data, demonstrando em um mappa junto o seu desenvolvimento. N'esse relatorio mencionamos além de 509 obras catalogadas, varias outras, de apreço scientifico e merito artistico, jornaes, gravuras e estampas que se achavam por catalogar, e ainda o não estão por motivos justificaveis que não nos permittiram dispor de tempo applicavel a esses trabalhos, não merecendo menção o seu pequeno adiantamento.

É por isso que limitamos o presente relatorio, que nos cumpre apresentar hoje á Real Associação, a uma succinta demonstração, no mappa appenso, das publicações recebidas, com destino á bibliotheca d'esta associação, no decurso que vae de 18 de dezembro de 1892 até ao presente, e que mais tarde devem ser descriptas no catalogo geral com as devidas indicações, e grupadas pelas materias de que tratam.

Constam essas publicações de 33 volumes e 99 folhetos e fasciculos, sendo algumas interrompidas na regularidade das suas remessas, e não avolumando a nossa bibliotheca pelo seu pequeno numero, e principalmente por fazerem, algumas d'ellas, parte de obras já alli existentes; entretanto encontram se entre ellas bastantes de subido merito e que serão sempre consultadas com prazer e proveito por aquelles que se dedicam ás sciencias.

E' dever de gratidão recordar que as publicações recebidas são, na sua maioria, devidas ao favor e interesse que esta Real Associação tem sabido merecer ao estado, a associações scientificas, nacio-

naes e estrangeiras e aos cavalheiros seguintes: srs. Gabriel Pereira, Rocha Dias, Ascensão Valdez, Cavalleiro e Sousa, dr. Lino de Macedo, Antonio Padula, Joaquim José Lapa e Alfredo da Cunha, que elaborou e leu em sessão solemne d'esta Associação o elogio historico de Sua Magestade o Imperador do Brazil o Senhor D. Pedro II, notavel trabalho que se encontra archivado na nossa bibliotheca; bem como os numeros 3:954 e 3:968 do jornal *O Seculo* de 29 de janeiro e 12 de fevereiro, em que se dá uma interessante noticia do Museu do Carmo e da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em dois artigos devidos á apurada penna do nosso presado collega o sr. Guilherme de Sousa.

Tambem temos, com referencia ao corrente anno e até ao presente, as collecções completas do *Diario do Governo*, *La Semaine des Constructeurs* e o *Journal of Proceedings*.

E' para sentir que a exiguidade dos meios de que dispõe a bibliotheca, não permitta, por emquanto, a acquisição de algumas obras que é muito para desejar a venham enriquecer; porém temos confiança, que com tempo, boa vontade e sobretudo a valiosa coadjuvação dos nossos illustrados socios, tudo se conseguirá. São esses os nossos sinceros votos.

Sala das sessões da Real Associação, 24 de novembro de 1893. — O conservador da bibliotheca, *Visconde da Torre da Murta.*

Mappa demonstrativo das publicações adquiridas para a Bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes desde 18 de dezembro de 1892 até 24 de novembro de 1893

Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações
Boletins da direcção geral de agricultura de 1891.......	3	-	
Ditos do anno de 1892......	11	-	
Inquerito industrial de 1890 .	1	-	Exemplar em duplicado.
Boletim da Sociedade de Geographia, o n.º 12 da 10.ª série do anno de 1891......	-	1	
Dito da XI série do anno de 1892	-	12	
Indice e catalogos da bibliotheca	-	1	
Congrès archéologique de France—Séances générales tenues à Evreux en 1889...... ..	1	-	
Annales de la Société Académique d'Architecture de Lyon	1	-	
Société Central des Architectes Français — Annuaire pour l'année de 1893.........	1	-	
Idem - Bulletin--Comptes rendus annuels de l'exercice 1892 .	1	-	
Les reclus de Toulouse sous la Terreur................	1	-	
Académie des Inscriptions et Belles-Lettres—Comptes rendus des séances de l'année 1892	-	1	
Idem — Bulletin de Septembre — Octobre 1892....	-	1	
Idem—Bulletin de Mars—Avril 1893.....	-	1	
Les Matinées Espagnoles.....	-	5	Interrompidos.
Quatrième centenaire de la découverte de l'Amérique, 1492-1892 — Rapport sur les travaux du comité de la Loire-Inférieure................	-	1	
L'Alliance Scientifique.......	-	1	É um só numero, e não continuou a remessa.
Smithsonian Rapport, de 1890.	2	-	
Revista da Sociedade Central dos Architectos...	-	10	Falta o n.º 6.
Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes....	-	1	Pertence ao volume 2.º
Annuario do Gremio Artistico relativo a 1892-1893.....	-	1	
Representação dirigida ao governo de S. M. pelos preparadores do Instituto Industrial e			
	22	36	
	22	36	
Commercial de Lisboa em abril de 1893....	-	1	Em duplicado.
Annali d'ella Società degli Ingenieri e degli Architecti Italiani......	-	3	Fasciculo IV de 1892 e 1.º e 2.º de 1893.
Ati del Collegio degli Ingenieri e degli Architecti in Palermo — 1891 a 1893..... ..	-	3	
Annali d'ella Società degli Ingenieri e degli Architecti Italiani — Buletino, 1 de março a 15 de agosto de 1893...	-	12	
Union Ibero Americana.......	-	5	Do 1892 e 1893 interrompidos e truncados.
Resumen d'Architectura.....	-	2	N.os 11 e 12 do anno de 1892
The Royal Institut of British Architects — Kalender 1892-1893.................. ...	1	-	
Revista de la Sociedad Guatemalteca de Ciencias... ...	-	5	Interrompidos.
Atlas de numismat.ª neerlandeza	3	-	Em hollandez.
O Problema medico-legal no processo Urbino de Freitas.	1	-	
Documentos respectivos á conferencia a que se procedeu para examinar o relatorio toxicologico relativo ás materias suspeitas de Mario Guilherme Augusto Sampaio. .	-	1	
Centenario do Descobrimento da America - Memorias da commissão portugueza.........	1	-	Offerecido pelo sr. Gabriel Pereira.
Esmeraldo de Situ Orbis, por Duarte P. Pereira - Edição do centenario da descoberta da America por C. Colombo....	1	-	Idem.
Noticia da nau S. Gabriel em que Vasco da Gama foi a primeira vez á India.... .	-	1	Idem.
Estudos Eborenses — Evora e o Ultramar	-	1	Idem.
Estudos Eborenses — As Caçadas - 2.ª parte: O Lobo..	-	1	Idem.
Elenco dos livros, mappas, etc., enviados á secção portugueza da Exposição de Madrid...	-	1	Idem.
	29	72	

Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações
	29	72	
Catalogo da Secção Maritima portugueza na Exposição de Madrid em 1892	-	1	Offerecido pelo sr. Gabriel Pereira.
Apontamentos Historicos — Recopilados por José Joaquim d'Ascensão Valdez	-	1	Dois exemplares offerecidos pelo auctor.
Architectura Religiosa — Um quadro da Virgem, pintado pelo evangelista S. Lucas, por Antonio Maria Seabra d'Albuquerque	-	1	Offerta do sr. Rocha Dias.
As armas do senhor D. Affonso Henriques e a Jornada d'Africa, por Antonio Maria Seabra d'Albuquerque	-	1	Idem.
A circumnavegação d'Africa, por Cavalleiro e Sousa	-	1	Offerta do auctor.
Uma visita á Exposição Universal de Paris, por Cavalleiro e Sousa	1	-	Idem.
Numa Pompilio e il misterio d'ella Ninfa Egeria, por Antonio Padula	-	1	Offerta do auctor.
A Vénézuéla, por Antonio Padula	-	1	Idem.
L Idea Cristiana nell'Educazione, por Antonio Padula	-	1	Idem.
Cenni Biografici su Gianvincenzo Gravina, por Antonio Padula	-	1	Idem.
In Morte di S. M. Vittorio Emanuel II, Re d'Italia — com traducção em francez, por Antonio Padula	-	1	Idem.
Paginas de Pedra, por Joaquim José Lapa	-	1	Em duplicado — Offerta do auctor.
Eduardo Coelho — A sua vida			
	30	83	

Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações
	30	83	
e a sua obra, por Alfredo da Cunha	1	-	Offerta do auctor.
Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira, pelo dr Lino de Macedo	1	-	Offerta do auctor.
Relatorio e contas da gerencia do anno de 1891-1892, apresentado pela direcção da Associação Auxiliar da Missão Ultramarina, etc	-	1	Offerta da direcção.
A eleição de Thomar — Allegação publica pelo conde de Burnay	-	1	
A Confederação de Tamoyos — Poema por Domingos José Gonçalves Magalhães	1	-	
Catalogos em differentes idiomas sobre archeologia, architectura, geographia, ethnographia prehistorica, mythologia, numismatica, epigraphia, etc., e sobre obras de escriptores latinos	-	15	
Diario do Governo — Collecção completa desde dezembro de 1892 até ao presente	-	-	
Seculo n.os 3:954 e 3:968 de 29 de janeiro e 12 de fevereiro de 1893	-	-	
Journal of Proceedings — Collecção de 1893	-	-	
La Semaine des Constructeurs — Collecção de 1893	-	-	
Galicia Diplomatica — Oito numeros interrompidos	-	-	
	33	100	

Senhores. — No decurso do presente anno continuou esta Real Associação a receber obras e publicações nacionaes e estrangeiras, posto que em menor numero do que nos annos anteriores, como é sabido dos seus socios a quem sempre foram presentes por occasião da celebração de assembléas geraes; por isso dispensamo-nos de as mencionar aqui, apresentando-as conjunctamente com outras que formam a segunda série do catalogo da nossa bibliotheca e vão indicadas no mappa junto, que faz parte d'este singelo relatorio.

Sem intenção de especialisar nenhuma das corporações que nos obsequiaram com a offerta das suas publicações, consignando-lhes aqui, como interpretes do reconhecimento d'esta Real Associação, a sincera homenagem do nosso agradecimento, não podemos deixar de fazer menção da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, que sempre e com pontual regularidade tem enviado para a nossa bibliotheca o seu boletim, e ainda outras publicações de não menos apreço e attenção.

Figuram n'esta segunda série do catalogo obras, que avolumam e enriquecem a nossa bibliotheca, offerecidas pelos seguintes membros d'esta Real Associação: Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, de saudosa memoria, que a dotou com um bello volume, numero um da *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental em Lisboa* em 1882, album de phototypias, de que só se tiraram vinte exemplares numerados, e os senhores: Possidonio da Silva, Zephyrino Brandão, Rocha Dias, Gabriel Pereira, Cavalleiro e Sousa, padre Patricio, Pereira Caldas, Lino de Macedo, Joaquim José Lapa, Joaquim José Pinheiro, Ascensão Valdez, Santos Firmo, Armelim Junior, Joaquim d'Araujo e José Augusto Coelho, que offereceu os *Principios de Pedagogia* em 4 volumes, obra de grande interesse e merito pela fórma e sabio criterio com que o auctor trata uma questão de tão subida importancia e alcance.

Dos socios offerentes estrangeiros figuram os nomes dos senhores: Schaaffausen, Charles Lucas, barão de Bouglon, Antonio Padula, Barr Tarree, Chauvet e dr. Pierre Hospital. A todos, em nome d'esta associação, tributamos a expressão da nossa gratidão.

Adquirimos para a bibliotheca, como foi deliberado em assembléa geral, a obra do sr. Oliveira Martins — *Vida de Nun'Alvares* —. O nome d'este fecundo escriptor e o assumpto são sobeja recommendação da obra, interessante para todo o portu-

guez que preza os vultos historicos da patria, e especialmente para esta Real Associação, que estabeleceu a sua séde á sombra d'estas venerandas ruinas, restos vetustos que attestam a piedade do grande Condestavel.

Igualmente adquirimos a *Ribeira de Lisboa*, pelo sr. visconde de Castilho, que tambem se recommenda pelo nome d'este mimoso poeta, pela sua escrupulosa investigação e primor da descripção com que o auctor pinta um meio a que nos transporta e identifica.

Foi com particular satisfação que archivámos o primeiro numero do tomo VII da 3.ª serie do *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, que finalmente reappareceu, graças á illustre commissão encarregada da sua publicação, e não menos aos proficuos esforços, trabalho e sabia direcção do seu membro e nosso presado e erudito socio o sr. Gabriel Pereira, sempre zeloso e solicito em servir a associação.

Com prazer registamos outra publicação da Real Associação: a *Biographia do socio fundador, architecto e archeologo o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, elaborada e lida em sessão solemne celebrada em 17 de junho do corrente anno, pelo nosso prestante socio o sr. Costa Goodolphim. O illustre biographo, em phrase aprimorada e vivo colorido, põe em relevo, com verdade e sem lisonja, os dotes elevados e serviços prestantes do nosso venerando presidente, tecendo-lhe os devidos e merecidos elogios.

Em o nosso relatorio de 18 de dezembro de 1892 demos conta de 509 obras e publicações que se achavam catalogadas até áquella data, e a essas acrescentamos hoje 181, indicadas no mappa junto n.º 1, a que acima nos referimos, e comprehendem: architectura, archeologia, historia, anthropologia, numismatica, artes, bibliographia, agricultura, publicações da associação e variedades, escriptas nos seguintes idiomas: portuguez, latim, hespanhol, francez, italiano, allemão e hollandez. É para sentir que muitas estejam incompletas, especialmente as publicações periodicas, taes como o *Diario do Governo*, que só pudemos completar desde julho de 1890 até 31 de outubro proximo passado; o *Journal of Procedings*, a *Semaine des Constructeurs*, *Building News*, *Builder* e outros a que faltam numeros, e muitos, bem como illustrações; sendo ainda assim numerosas as estampas e gravuras que possuimos d'estas duas ultimas publicações; por isso que da primeira archivámos 1:073 e da segunda 1:567, que formam uma interessante e curiosa collecção. Finalmente todas as faltas, e são numerosas, acham-se notadas no catalogo.

Resta-nos mencionar 329 estampas, lithographias, photographias e gravuras archivadas, comprehendendo assumptos de architectura, vistas de Portugal, projectos de monumento a Sua Magestade o Senhor D. Pedro IV, retratos, um livro com desenhos e aguarellas, reproducção d'um desenho da caravela que se presume ter sido do infante D. Henrique, encontrado na Universidade de Liège em um manuscripto em pergaminho da era de 1410, uma photographia, em duplicado, da celebre faca de mato, modelada pelo notavel artista Raphael Zacarias da Costa; uma planta do Real Paço da Ajuda, um plano hydrographico da costa de Loanda e um panorama orographico da cidade e arredores de Milão, tudo designado no mappa n.º 2.

Temos esperança que no futuro anno sejam mais numerosas as acquisições para a nossa bibliotheca, e fazemos votos para que ella prospere e attinja proporções dignas d'uma associação scientifica e notavel como é a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Edificio do Carmo, 18 de novembro de 1894. — O bibliothecario, *Visconde da Torre da Murta*.

N.º 1

Mappa demonstrativo das obras e publicações catalogadas no presente anno de 1894, suas materias, numero de volumes, folhetos, fasciculos e mais publicações, apresentado conjunctamente com o relatorio do conservador da bibliotheca em sessão de assembléa geral celebrada em 18 de novembro de 1894

Designação das materias	Numero de								
	Obras e publicações	Volumes	Folhetos e fasciculos	Manuscriptos	Publicações periodicas e jornaes avulso	Illustradas	Atlas	Encadernadas	Brochuras
Architectura	31	68	35	-	8	7	4	3	20
Archeologia	19	15	17	1	-	7	1	1	17
Historia	42	114	45	-	-	7	-	1	37
Anthropologia	5	-	5	-	-	-	-	-	4
Numismatica	1	-	-	-	-	-	4	1	-
Artes	16	14	12	-	1	1	-	1	16
Bibliographia	3	1	64	-	-	-	-	-	3
Agricultura	2	23	-	-	2	-	-	-	1
Publicações da associação	2	-	2	-	-	2	-	-	2
Variedades	60	16	73	1	9	9	-	4	46
Somma	181	251	253	2	20	33	9	11	146

N.º 2

Mappa demonstrativo do numero de gravuras, estampas e lithographias, photographias, desenhos, planos, plantas e panoramas pertencentes á bibliotheca da associação, apresentado com o relatorio do conservador em sessão de assembléa geral celebrada em 18 de novembro de 1894

Designações	Numeros
Gravuras	76
Estampas e lithographias	69
Photographias	177
Desenhos	2 [1]
Retratos	2
Plantas	1
Planos	1
Panoramas	1
Somma	329

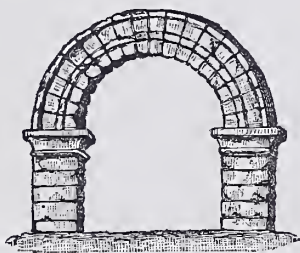
[1] Sendo um livro com desenhos e aguarellas.

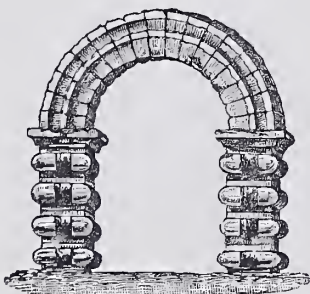
AS NOSSAS GRAVURAS

Portas romanas de Beja

Nos primeiros annos do presente seculo estavam ainda de pé tres portas da muralha romana da cidade de Beja, a gloriosa *Pax Julia*. Chamavam a essas portas de Aviz, de Evora e de Mertola; isto

Porta de Mertola

quer dizer que eram as sahidas para estradas que levavam a essas povoações; ainda que se póde reparar nas designações Aviz e Evora; porque a estrada para norte de Beja, que ía a Evora, deveria

Porta de Evora

ser caminho tambem para Aviz. O que é certo é que são estes os nomes que davam aos tres arcos no começo do nosso seculo. As *necessidades da civilisação*, o *anceio do embellesamento urbano*, tal-

Porta d'Aviz

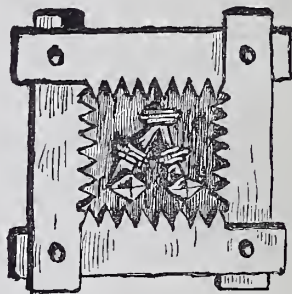
vez o *muito transito* impozeram o *bota abaixo* a esses monumentos. E a cidade perdeu tres joias de altissimo valor. A que mais resistiu foi a porta de Mertola, que eu ainda vi de pé.

Existem os desenhos, felizmente, feitos por mão habil e sincera, e offerecidos ao illustre bispo de Beja, Cenaculo, depois arcebispo de Evora. Conservam-se com muitos outros desenhos de antiguidades de Beja e da diocese pacense, na bibliotheca de Evora.

Tinham os arcos semicirculares, os classicos arcos romanos. Na porta de Mertola a silharia era singela, apenas com um almofadado rudimentar. Na de Evora havia uma dupla moldura. Na de Aviz uma só moldura, mais larga e trabalhada; n'esta os silhares das fortes hombreiras eram em almofadas mui salientes, cortadas na frente por meias canas.

Em Evora conserva-se a porta romana, vulgarmente chamada arco de D. Izabel, no lanço norte da antiga cerca.

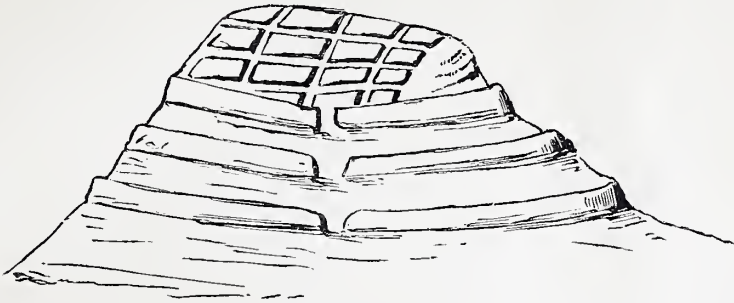
A empreza da infanta D. Brites

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, na collecção dos manuscriptos, ha muitos codices importantes no ponto de vista archeologico. Um de taes, é o n.º 885, *Antiguidades de Beja;* tem algumas aguadas nada primorosas artisticamente, mas de incontestavel valor, porque me parecem ingenuas, verdadeiras; copias de inscripções lapidares, a celebre

torre de D. Diniz, monumental construcção, com a parte superior completa, etc. Entre essas aguadas vem uma representando o enygmatico brazão ou empreza da infante D. Brites; um Y estylisado, moldurado por quatro folhas de serra, fortemente dentadas, e sobrepostas nos extremos.

Uma vista antiga da Citania

No *Specimen antiquitatis a Josepho Laurentio do Valle* (Genuae, MDCCXCI) exemplar pouco vulgar, pertencente á bibliotheca de Evora, encontra-se um desenho da Citania de Briteiros, feito no seculo passado, de que a nossa gravura é fac-simile. É tosco o desenho, mas interessante; elle indica que ha um seculo ainda se conservavam

bem distinctas as tres cercas e suas entradas; e nitidamente mostra que na cerca interna existiam ruas que se cruzavam.

As descobertas do nosso socio laureado, dr. Martins Sarmento, de Guimarães, revelaram a existencia de ruas lageadas n'aquelle povoado, as tres muralhas, etc. Mas as edificações antigas da Citania são circulares e não quadradas.

O ARCHITECTO BOYTACA

Do nosso assignante, ex.^{mo} sr. D. José Pessanha, recebemos a copia de um interessante documento que se refere ao architecto Boytaca e á construcção de uma torre em *Restelo Velho*. Esta carta, assignada Lourenço Fernandes, e escripta em Belem, não tem infelizmente a designação do anno.

Senhor: Como quer que meu servyr seja sempre enformações e cartas nom dej..... merçee em mym ter tamanha e porventura maior servydor que ho que....... mais tem e que ho tempo me nom desse lugar mostral o prazera........ jmda nesta pouca ydade que fica dar me poder pera n ereçer h......... sempre em vosa merçee pera mym senty. Dejxo, senhor, ho mais pera se em *hobras* (?) de me servyço mostrar; e digo, senhor, que huuns amygos (*de*) mestre boytaca disserom agora aqui que el rrej mamdava por elle pera que lhe vyesse fazer huma torre em Restelo velho, que çerto, senhor, he muy neçesarea, e a quem lh o contrayro pareçer, se pasara as hafrontas que despois que aqui estou pasej, vira a neçesydade d'ela, que dejxo de dezer por lomgura e por, em alguma parte, ser meu louvor, senhor, halem d estar aqui como frontejro porque crea que em nom menos me vejo muytas vezes em afronta, que por mym, com ajuda dos meus e regestida por servyço de su alteza, que, se a torre y ouvesse, non pasara; alem de poder vyr cousa ou parte d ela, como agora vemos que com ajuda e mostra d ela fecta poder e sescamsso seria pera este porto e çidade em muyta parte. Ho que mais nysto cabe, nom e d escrever; soomente, senhor, pedir vos por merçee faça palavra a su alteza, quando vyr tempo, que, por estar aqui e ter lhe alguum mereçimento, non quejra mandar a outrem fazel a; porque, alem de mais lhe aprovejtar sua fazemda que todos outros que aqui esteverom, como he notorio a todos, e sempre em todo mais que me foy encomendado fyz, mande praticar comygo, nom sendo baram [1] e vera sse soom pera lh a mandar fazer como ho que mylhor pera ysso s achar; e, sse asy nom for, nenhuma coussa m encomende; e, se su alteza nom ouver por seu servyço ter lhe d isto carrego, — por aqui estar, se a outrem a mandar fazer, fyco em alguma quebra, por...... desfaleçer mynha omrra; soo reverençia e poder de R. ...... peço primejro me mande d aqui tirar; nom por que me de bata..... .... rrego, — porque bem sej quam menos he do que em mym cabe; mas........ aqui estou e os nejçios sam mais que os avysados jmfamar ...... por ho poobo da patria; que, ajmda que em mym nom ha nenhuma....... groria la cabe..... (?) nas coussas que alguna quebra dam. *Su alteza* (?) avera huum ano que me mandou aqui que lhe mandasse la..... huuns seisçentos sylhares; e, porque eu tinha lavrados aqui *huuns?* oytoçentos, lembre lh o vossa merçee porque podera ser que os quejya (*sic*)........ esta torre nom vy que nysto mais paça porque por ho que confyo..... ndo que em vossa merçee for por me fazer merçee seja em. .. endo me, senhor em sua merçee, cujas mãos beyjo. De belem.... o 1 de dezembro.

LOURENÇO FERNANDES.

[1] Oito — diz um summario antigo.

O CASTELLO DA FEIRA

Encontro uma descripção poetica d'este famoso castello, n'um livro de versos intitulado: *Emma ou a esperança e a tumba, com as cartas de Silvano e Lilia, seguidas de outras poesias* (Porto, Typ. Commercial, 1845, in-8.º). O auctor, Nuno Maria de Sousa Moura, tenente de cavallaria, não era grande poeta, valha a verdade; mas o aspecto severo d'aquellas muralhas impressionou-o muito, e resultaram umas dezenas de quadras d'essa suggestão; e nós registaremos aqui, como que formando um album de litteratura archeologica, alguns dos versos de Sousa Moura. A composição intitula-se: *O Castello da Feira.*

Salvo, soberbo gigante
....
Dize-me do que serviram
Estes baixos corredores!
....
Este poço quadrilongo,
Quem lhe descia as escadas?
E p'ra que? D'elle só contam
Incantamentos e fadas!

Dizem que no fundo escuro
Habitam m uras formosas
Que veem assoalhar thesouros
Só em manhans milagrosas!

Eu vou aproveitando apenas a parte descriptiva, porque Sousa Moura conheceu o castello melhor conservado do que actualmente.

A bôca d'uma cisterna,
Vê se alli no pavimento!
De terra e pedras a encheram
A perversidade e o vento!

....

O senhor d'este Castello
E suas cativas bellas
Habitaram lá no alto,
Onde estão as tres janellas,

A do sul inda tem grade,
E dois assentos tambem!

....

Uma porta aqui... Entramos
Escadas de caracol,
Pelas esguias setteiras
Cruzam-se os raios do sol.

....

Outra porta! Um passo ávante,
Eis o espaçoso eirado!
Uma torre em cada canto,
D'altas ameas cercado!

....

E das pontagudas torres,
Nos estreitados postigos,
Se acclamaram as victorias,
Se espreitavam os perigos!

Como se vê, o auctor dá idéa da ruina. A' impressão de respeito causada pelo castello em abandono, succede logo a de espanto pela destruição vandalica commettida em tempos modernos:

As ameas que aqui faltam
P'ra que foram derribadas?
Para escarneo do passado
Alem remendam calçadas!

....

Dê-se aos vandalos do seculo
A mais severa lição.
Sem ella serão em breve
Nossos templos arrasados,
Os mortos escarnecidos,
Os santos despedaçados!

E quantas ruinas a mais de 1845, data do livro, para cá! Ha falta de juizo e de respeito; chega a ser espantoso como n'este paiz se carece de espirito conservador dos monumentos, e se não veneram os restos dos mortos.

Nos paizes dos grandes progressos e das constantes e violentas luctas, ha mais espirito conservador. A Hespanha mesmo, *tão nossa visinha*, tem sabido conservar mais e melhor do que nós.

CONTUCCI «O SANSOVINO» EM PORTUGAL

O famoso architecto e esculptor italiano veiu a Portugal a instancias de João II; e aqui se demorou de 1491 a 1500. Eis o trecho do Vasari que se refere á estada em Portugal do eminente artista do renascimento italiano:

— Per queste, e per l'altre opere d'Andrea, divulgatosi il nome suo, fu chiesto al magnifico Lorenzo vecchio dé Medici, nel cui giardino avea, come si é detto, atteso a gli studj del disegno, dal re di Portogallo, perché mandatogli da Lorenzo, lavoró per quel re molte opere di scultura, e d'architettura, e particolarmente un bellissimo palazzo, con quattro torri, ed altri molti edifizj. Ed una parte del palazzo fu dipinta, secondo il disegno, e cartoni di mano d'Andrea, che disegnó benissimo, come si puó vedere nel nostro libro in alcune carte di sua propria mano, finite con la punta d'un carbone, con alcun'altro carte d'architettura benissimo intesa.

Fece anco un altare a quel re, di legno intagliato, dentrovi alcuni profeti. E similmente di terra, per farle poi di marmo, una battaglia bellissima, rappresentando le guerre, ch'ebbe quel re con i Mori, che furono da lui vinti; della quale opera non si vide mai di mano d'Andrea la piú fiera, né la piú terribile cosa, per le movenze, e varie attitudini dé cavalli, per la strage dé morti, e per la spedita furia dé soldati in menar le mani.

Fecevi ancora una figura d'un S. Marco di marmo, che fu cosa rarissima.

Attese anco Andrea, mentre stette con quel re, ad alcune cose stravaganti, e difficili d'architettura, secondo l'uso di quel paese, per compiacere al re, delle quali cose io vidi giá un libro al Monte Sansovino, appresso gli erede suoi, il quale dicono, che é oggi nelle mani di maestro Girolamo Lombardo, che fu suo discepolo, ed a cui rimase a finire, come si dirá, alcune opere cominciate da Andrea; il quale essendo stato nove anni in Portogallo, increscendogli quella servitú, e desiderando di rivedere in Toscana i parenti, e gli amici, deliberó, avendo messo insieme buona somma di danari, con buona grazia del re tornarsene a casa. E cosi avuta, ma con difficoltá, licenza, se ne tornó a Fiorenza, lasciando chi lá desse fine all'opere, che rimanevano imperfette. Assinato in Fiorenza, cominció nel 1500 un s. Giovanni di marmo... (pag. 168 e 169 do *Tomo secondo* das «Vite de piu eccelenti pittori, scultori e architetti. da Giorgio Vazari...» (Roma, 1759) in Vita d'Andrea dal Monte Sansovino, Andrea Contucci). —

Nada se tem conseguido averiguar ácerca das obras do Sansovino em Portugal. O sr. Haupt julga que o palacio de quatro torres deve ser o do marquez de Alvito.

Ha no paiz algumas esculpturas da renascença italiana; nenhuma attribuivel a A. Contucci.

Para nós a passagem mais interessante do trecho é a que allude á arte especial do paiz; cousas extravagantes e difficeis de architectura, segundo o uso d'aquelle paiz (note-se bem), e que elle fez por comprazer ao rei. Sansovino esteve aqui nos ultimos annos de João II e primeiros de D. Manuel.

O PROGRAMMA DO ULTIMO CONGRESSO DA SOCIEDADE FRANCEZA DE ARCHEOLOGIA

Com o fim de mostrar aos nossos confrades o numero e complexidade das questões archeologicas, publicamos o programma do ultimo congresso realisado pela *Société française d'Archéologie*.

Os 20 artigos d'esse programma comprehendem

importantes assumptos; alguns são susceptiveis de grande desenvolvimento. Applicados a uma determinada região, como se fez n'este congresso, formam uma inventariação completa das antiguidades, uma historia da civilisação perfeitamente documentada. O Congresso reuniu se em La Rochelle (a séde é diversa todos os annos), e por isto se trata especialmente do departamento da Charente inferior.

PROGRAMME

1. État des études archéologiques dans le département de la Charente-Inférieure depuis cinquante ans. — Donner une vue d'ensemble des principaux travaux accomplis soit par les Sociétés savantes, soit par les particuliers.

2. Découvertes préhistoriques dans le département de Charente-Inférieure.

3. Étudier les *fines* des peuplades santones et des peuplades limitrophes.

4. Signaler les monuments romains mis au jour depuis cinquante ans dans l'Aunis et la Saintonge, et notamment les découvertes constatant l'importance de Saintes aux époques gauloise et romaine.

5. Déterminer le nombre, l'importance et la direction des chemins gaulois et des voies romaines en Aunis et en Saintonge.

6. Étudier les piles, leur forme, leur destination.

7. Étudier et décrire les cimetières gaulois, romains, mérovingiens et ceux du moyen âge.

8. Décrire les principaux monuments d'architecture religieuse de la région (diocèses de Saintes et de La Rochelle) aux différentes époques et en indiquer les caractères particuliers.

9. Signaler les particularités archéologiques des lanternes des morts, des cavaliers au portail des églises, des zodiaques, etc.

10. Étudier et décrire les principaux châteaux féodaux et de la Renaissance, et les édifices civils des villes et des campagnes.

11. Déterminer le caractère et la date des caves, chapelles souterraines, et souterrains creusés ou utilisés au moyen âge ou à la Renaissance eu Saintonge et en Aunis. — Dans quelles circonstances les souterrains ont-ils servi pour la défense ou l'approvisionnement des habitants?

12. Signaler les hôpitaux, maladreries, léproseries et les chemins de Saint-Jacques.

13. Étudier les œuvres des artistes de la région et de ceux qui ont habité le pays et y ont laissé de leurs œuvres.

14. Étudier l'influence exercée sur les arts en Aunis et en Saintonge par les Anglais, aux différentes époques de la domination anglaise.

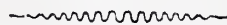
15. Signaler l'emploi du bois au moyen âge et à la Renaissance dans la construction des maisons.

16. Décoration et mobilier des édifices religieux et civils. — Signaler les verrières, peintures murales, tapisseries, objets d'orfévrerie, meubles, etc., conservés dans la région, soit dans les églises et les monuments publics, soit dans les collections particulières.

17. Étudier la construction et l'aménagement des ports, les fortifications du littoral, les phares.

18. Archéologie navale. Faire connaître les différentes espèces de navires de guerre et de commerce construits dans les ports de l'Océan depuis l'antiquité jusqu'à la fin du XVIe siècle. — Décrire leurs formes, analyser les documents pouvant fournir des renseignements sur leur construction, leur aménagement, leurs équipages et leurs navigations.

19. Étudier les différentes industries locales au moyen âge et jusqu'à la Révolution: exploitation des carrières, fabrication des poteries et des faiences, verreries, industrie vinicole, eaux-de-vie, raffineries, tonnellerie, fabrication des étoffes de laine et de fil, salines, pêcheries, élevage des huîtres et des moules, etc. — Faire connaître les conditions de fabrication, les règlements et statuts, les prix de façon et de vente, ainsi que les débouchés des produits de ces industries.

20. Épigraphie, campanographie, numismatique et sigillographie. — Indiquer les inscriptions curieuses, faire connaître les monnaies et les médailles ainsi que les sceaux concernant l'Aunis et la Saintonge, restés inédits jusqu'à ce jour.

O LEGADO DE THEODORO DA MOTTA AO LYCEU DE LISBOA

O nosso fallecido socio effectivo, Theodoro da Motta, que por muitos annos foi professor de desenho no lyceu de Lisboa, fechou a sua util carreira com uma instituição que será animadora para as artes graphicas. Como homenagem a tão levantado intuito transcrevemos a parte do testamento que se refere a este ponto:

«Inscreve tambem o legado de 1 conto de réis, em dinheiro corrente n'esta cidade, para que seja capitalisado como o lyceu entender, e o respectivo juro em cada anno seja dividido em partes eguaes pelos tres annos do curso geral de dezenho, a fim de em cada anno haver um premio de vinte mil réis, que vem a ser egual, ou correspondente ao que recebem os alumnos mais distinctos na academia de bellas artes; o qual premio será conferido aos alumnos matriculados na aula de dezenho, sendo um no 1.º, outro no 2.º e outro no 3.º anno, que durante o anno lectivo tiverem tido mais assiduidade, bom comportamento, distincção, e sendo auctorisado para exame pelo seu respectivo professor.

«Como a frequencia do 1.º anno dá a passagem para o 2.º, o alumno d'esse anno, para obter o premio, deve fazer no fim do anno lectivo um exame pratico, segundo os trabalhos que fez durante esse tempo, exame que deve ser feito no mesmo dia e na mesma occasião, por todos os requerentes, sendo o trabalho premiado collocado na aula em exposição até ao anno seguinte pelo menos.

«No 2.º e 3.º annos, seguir-se-ha em tudo como no 1.º anno, advertindo que os concorrentes a premio ficam separados dos mais alumnos que fizerem exame no mesmo dia e forem classificados entre si».

O benemerito e distincto professor diz no seu testamento que este legado representa apenas «uma lembrança da sua estada no lyceu, onde trabalhou com muito gosto e interesse durante trinta annos, no desempenho do seu curso e no aperfeiçoamento dos seus queridos discipulos.»

ELVAS

Elementos para um diccionario de geographia e historia portugueza. — Concelho d'Elvas *e extinctos de Barbacena, Villa-Boim e Villa Fernando* por Victorino d'Almada. – Elvas, Typ. Elvense, de Samuel F. Baptista, Tom. I; 1888. Tom. II; 1889. Tom. III; no prelo.

Vastissimo repositorio de subsidios para o estudo da historia patria e cuja impressão bem merecia que fosse feita por conta do Estado. Tem o 1.º tomo 505 paginas, e o 2.º 559; 8.º Ambos comprehendem as noticias que o seu illustrado, consciencioso e modesto auctor subordinou á letra A.

Em especial consideramos, sob o ponto de vista archeologico, muito dignos de attenção os artigos sobre a provincia do *Alemtejo*, aqueducto da *Amoreira*, *Amuletos*, *Antas*, *Armas* ou brazões secção *archeologica* (na camara elvense), e o que se occupa da biographia do sr. *Antonio Thomaz Pires*, por conter a enumeração dos trabalhos que tão illustre folklorista tem dado á estampa.

O artigo *Annaes d'Elvas* faz referencia a um livro de 791 paginas, que deixou manuscripto de seu proprio punho o desembargador dr. José Avelino da Silva e Matta, e que se intitula: *Annaes d'Elvas; ou apontamentos historicos para a topographia elvense; ou breve descripção physica, politica e historica da nobre e sempre leal cidade d'Elvas, dedicada e offerecida a seus patricios, em testemunho da mais distincta e particular estima de seu auctor, o dr. José Avelino da Silva e Matta, commendador da ordem de Christo, juiz de direito da comarca d'Estremoz.*

Chegou ainda a imprimir-se d'esta obra uma folha de 4 paginas em quarto (Elvas, typographia da *Voz do Alemtejo*, 1860); mas por transtornos typographicos e falta de assignaturas não proseguiu a publicação.

Sem espaço para mais detida analyse do valioso trabalho do sr. Victorino d'Almada, acompanhamol-o sinceramente no desejo de levar a cabo o seu utilissimo emprehendimento.

R. DIAS.

CORRESPONDENCIA

Cher Président et illustre ami. — Il paraît que la découverte que j'ai faite, dans un manuscrit de notre bibliothèque, d'une caravelle dessinée d'après nature par un artiste fort habile qui travaillait vers l'an 1415, a la plus grande importance pour les spécialistes. Ce qui avait attiré mon attention sur cette représentation d'un esquif maritime dont on reconnaît toute la configuration était que j'avais cru comprendre de l'une de vo précieuses lettres, que pour le monument à ériger à l'immortel Infant de Portugal, Dom Henri le navigateur, il était question de représenter le genre de navire, perfectionné à l'Institut de Sagres, qui servit aux grandes découvertes géographiques activées par le noble Infant portugais. Je me croyais d'autant plus en présence d'un dessin exact, qu'outre les moindres détails prouvant que l'artiste avait *vu* son modèle, je remarquais la bannière de l'Ordre du Christ sur le drapeau flottant au dessus du château du navire. J'ai donc fait photographier cette intéressante image et l'ai joint à ma dissertation complémentaire sur un sujet, assez mal traité jusqu'aujourd'hui, faute de documents contemporains complets, la caravelle de l'Infant Dom Henri. Ma longue étude du manuscrit de Khalaf Abul'Cassem, ne me laissait aucun doute sur la date que j'assigne au dessin. Depuis que, grâce à votre protectrice et bienveillante intervention, j'ai pu avoir l'honneur d'offrir à Sa Majesté le Roi de Portugal mes recherches historiques et mes conclusions sur la grande œuvre de l'Infant Dom Henri le navigateur, j'ai songé à faire contrôler un détail — celui de la caravelle — par un savant espagnol, officier de marine, qui s'est fait une spécialité de l'étude des navires du XV^e^ siècle. J'ai donc envoyé un second petit exemplaire de la photographie à Mr. le commandant Duro; et il a trouvé ma découverte si précieuse pour l'histoire maritime, qu'il a de suite fait reproduire le dessin du manuscrit de Liège dans la Revue espagnole: «Revista de navigacion y comercio» numéro du 30 avril 1894 (año VI, num. 132). L'auteur y ajoute un commentaire savant, exaltant fort ma trouvaille dont j'avais été si heureux d'offrir la première à votre auguste Souverain. Comme probablement on s'occupe encore du piédestal de la statue de Dom Henri, je vous adresse, en même temps que ces lignes, deux nouveaux exemplaires de la reproduction du dessin qui peut aider l'artiste qui exécutera le monument. Comme Président de la chère association royale des architectes et antiquaires du Portugal, à laquelle vous avez bien voulu m'affilier, vous en userez de la façon la plus propice à mon désir sincère de voir un jour la noble statue de l'immortel Infant dont j'ai si avidement étudié la grande œuvre, si glorieuse pour le Portugal, si féconde pour le progrès de la civilisation.

Veuillez toujours, bien cher et illustre ami, croire à mes sentiments de vive gratitude et de profonde estime. — *Eugène M. O. Dognée.* — Liège, 20, place des Carmes. — 16 mai 1894.

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. Tenho a honra de participar a v. ex.ª que na casa n.º 30, loja, do becco de S. Vicente, d'esta capital, existem uns azulejos muito antigos, em perfeito estado de conservação.

N'elles se encontram brazões d'armas, que não tenho tido tempo de estudar.

A casa, que está muito arruinada, pertence, segundo me informam, ao ex.mo sr. conde de Casal Ribeiro.

N'ella habita uma familia pobre, minha conhecida, que não tem duvida em mostral-a a quem desejar vel-a.

Talvez não seja difficil conseguir que o ex.mo sr. conde offereça taes azulejos ao Museu Archeologico.

Na rua do Salvador, d'esta capital, existe uma lapide com uma inscripção antiga, regulando a passagem dos coches, liteiras, etc.

Muito conviria obtel-a para o referido Museu.

N'esta freguezia de Santa Engracia acaba de estabelecer-se uma fabrica de *vitraux*, a primeira que ha em Portugal.

Lembro-me de recommendal-a á Real Associação, da qual v. ex.ª é mui digno presidente e fundador.

Peço desculpa a v. ex.ª de não ter ha muito assistido ás sessões por motivo de serviço.

Deus guarde a v. ex.ª — Real e Parochial Egreja de Santa Engracia de Lisboa, 28 de maio de 1894.

Ill.mo e ex.mo sr. presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — O socio effectivo, mons. *Alfredo Elviro dos Santos.*

Ex.mo sr. — Tenho a honra de enviar a v. ex.ª, com destino á bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a que v. ex.ª tão dignamente preside, a obra intitulada — *Principios de Pedagogia* — de que sou auctor.

Tendo o tratado, a que me refiro, por fim apresentar ao publico, quer uma theoria geral da educação humana, quer a maneira como o ensino deva ser organisado na familia, na escola infantil, na escola primaria e na escola secundaria ou media, isto é, como deva organisar-se a nossa instrucção geral e encyclopedica, parecerá, á primeira vista, descabida uma tal offerta, pois que pensar-se-ha serem diversas — a indole da associação a que v. ex.ª preside e a indole da obra que me atrevo a offerecer-lhe; cumpre, porém, notar o seguinte: que, devendo abranger o ensino encyclopedico da mocidade todas as manifestações fundamentaes do espirito humano no que teem de mais geral, em todas as bibliothecas terão cabimento obras destinadas a occupar-se de tão levantado como importante assumpto; que, por isso mesmo, no plano geral dos *Principios de Pedagogia* houve o cuidado de introduzir uma secção contendo as leis geraes da esthetica philosophica (tomo 1.º, pag. 270 e seg.) — principios que, constituindo a base das bellas artes em geral, virão a constituir, em particular, as bases das noções architectonicas; que, considerando-se a instrucção primaria e secundaria d'um ponto de vista elevado, lá se introduziram, como objecto de ensino, as leis destinadas a disciplinar as faculdades estheticas do homem e, portanto, o que ha de mais fundamental em relação ao espirito e composição das bellas-artes em geral e da architectura em particular (tomo 3.º, pag. 418 e seg.); que, finalmente, ao considerar-se a sociologia como a coroa de toda a instrucção geral e encyclopedica, lá se inclue, como indispensavel, a apresentação, aos alumnos dos lyceus, da evolução geral dos productos artisticos e, portanto, architectonicos (tomo 4.º, pag. 169 e seg.)

Como v. ex.ª vê, a obra que tomo a liberdade de offerecer á bibliotheca d'essa benemerita associação, dando tão eminente logar, no ensino primario e secundario, á especialidade de que ella se occupa ou antes a uma das especialidades que lhe absorvem os seus cuidados, terá, ouso crêl-o, no seu seio, um logar apropriado; por outro lado, v. ex.ª verá, com olhos de sincera estima, uma tentativa philosophica que tão altamente proclama a necessidade de levar até ás massas profundas da população as noções fundamentaes d'uma arte que v. ex.ª tem amado com tanto ardor na sua longa e prestantissima carreira; por outro lado ainda, honrado, ha já annos, por essa associação com o titulo de socio correspondente — titulo que tão altamente aprecio, cumpro o grato dever de lhe apresentar o fructo d'um trabalho — modesto pelo valor intrinseco, mas de algum preço pelo longo e intenso esforço de concepção que representa.

Deus guarde a v. ex.ª — Lisboa, 20 de junho de 1894.

Ex.mo sr. presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — *José Augusto Coelho*, socio correspondente.

La Rochelle le 18 juillet 1894.

Monsieur et très vénéré président. — Je suis très heureux de vous adresser le numéro du journal «La Charente Inférieure» qui a publié le procès-verbal de la séance du 13 juillet de «l'Académie des belles «lettres, sciences et arts de La Rochelle, Société des «sciences naturelles reconnue établissement d'utilité «publique» dans laquelle j'ai lu votre biographie traduite en français par M. Samuel Meyer, mon neveu

Ce procès-verbal a été également imprimé par «Le Courrier de La Rochelle» «l'Echo Rochelais» et «Le Journal des Débats» de Paris.

Veuillez agréer, monsieur et très vénéré président, l'hommage de mes sentiments les plus respectueux d'entier dévouement.

Meschinet De Richemond, membre honoraire de l'Association Royale des Architectes Civils et des Archéologues Portugais.

Bordeaux, le 26 juillet 1894.

Bien vénéré maitre et très honoré collègue. — Je viens de recevoir votre belle biographie qui fait le plus grand honneur à la typographie portugaise et je suis, on ne peut plus, reconnaissant de cet envoi qui me donne une preuve bien précieuse de votre bienveillant souvenir.

J'ai lu, sans m'arreter un seul instant, toute l'exposition de votre vie et de vos travaux et j'applaudis de tout cœur la péroraison de votre biographe.

Il a pourtant oublié de dire combien il est rare de voir un savant conserver, malgré les années, la même ardeur aux recherches, la même intelligence du bon et du bien, le même zèle a poursuivre la réalisation du progrès.

Autant que notre Chevreul, et notre Pasteur, vous avez été et vous êtes un de ceux-là et ce [illegible]ra votre sure gloire en même temps qu'une foule de monuments élevés par vous conservera à jamais la mémoire de votre nom.

Je vais essayer de la rappeler ici en parlant de la démonstration dont vous venez d'être le héos. Notre société en sera prochainement avisée et nous

espérons bien vous revoir à Bordeaux en 1895 pour le 2.e congrès, chez nous, de l'Association française pour l'avancement des sciences.

Je vous adresse, comme hommage respectueux, un exemplaire de mes recherches sur l'âge du bronze, en Gironde. Je ne puis soumettre mon œuvre à un auteur plus compétent.

Acceptez-le comme un remerciment de votre très respectueux collègue.

Monsieur le chevalier da Silva, président de la Société des architectes et archéologues portugais, membre honoraire de la Société archéologique de Bordeaux, etc.

Dr. E. Berthon, secrétaire général de la Société archéologique de Bordeaux et ancien président de l'Académie des Sciences, Belles lettres et arts de la même ville.

Coimbra, 31 de julho de 1894.

Ex.mo sr. e amigo. — Com os meus sinceros votos pela preciosa saude de v. ex.a, as minhas não menos sinceras felicitações pela solemne consagração, feita pela nossa Real Sociedade, dos innumeros e relevantissimos serviços que desde tanto tempo vinha recebendo do seu venerando presidente. Pagou uma divida, e mais e mais se ennobreceu por esta publica e solemnissima confissão do seu amor pela justiça Em telegramma opportunamente enviado ao ex.mo conde de S. Januario me associei a essa tão sympathica como justa manifestação.

Hontem remetti a v. ex.a pelo correio os 2 volumes da *Historia da Rainha Santa Izabel*, publicada pelo dr. Ribeiro de Vasconcellos, cuja assignatura tinha tomado por ordem de v. ex.a Peço me diga se recebeu. Se por qualquer circumstancia, não quizer a obra, póde devolver-m'a pela mesma via.

Sempre de v. ex.a — Amigo, att.o, ven.dor e cr.o obrigadissimo, *Ricardo Simões dos Reis*.

Il.mo e ex.mo sr. e meu venerando amigo. — Recebi a biographia de v. ex.a coordenada pelo eximio collega e confrade Costa Goodolphim, com uma soberba gravura. Beijo as mãos pela offerta, que vae occupar o logar de honra na minha livraria, por muitos e justificados motivos.

Não agradeci logo, porque um rheumatismo pertinaz me retinha no leito, e me torturava dia e noite; agora vou melhor, e me apresso a tomar a penna para o agradecimento.

O narrar a vida de varões illustres foi tarefa a mais importante entre os povos mais cultos da antiguidade, e digna de todos os Plutarchos.

Gloriosa corôa esta que cinge a fronte de tão benemerito e infatigavel archeologo e architecto, o verdadeiro fundador da sciencia prehistorica no nosso paiz, que sem a alavanca de v. ex.a ainda teria como credo as patranhas de Pinho Leal.

Honra pois ao sabio mestre, ao cidadão emerito e ao artista trabalhador e patriota!

Permitta me que deponha a minha mais respeitosa homenagem como discipulo constante e admirador muito grato.

Releve-me v. ex.a este tardio mas sincero testemunho do que me vae na alma, que desejava ter occasião de significar.

Com o mais profundo respeito me subscrevo de v. ex.a — Discipulo grato e dedicado.

Vianna (Ponte da Barca) 31 de julho de 1894.— *Luiz de Figueiredo da Guerra.*

Ill.mo e ex.mo sr — Muito agradeço a v. ex.a o relatorio da ex.ma commissão dos monumentos nacionaes e o numero do Boletim da sociedade a que v. ex.a dignamente preside.

Tenho o prazer de communicar, que a 1.a sala do «Museu archeologico lapidar — Infante D. Henrique» erecto nos paços do concelho, se acha definitivamente organisada, contando na sua collecção alguns monumentos verdadeiramente classicos, principalmente epigraphicos.

Com summo louvor para a ex.ma camara municipal — que de limitadissimos recursos dispõe — se cuida já da ordenação da 2.a sala, onde, entre outras peças, figuram elementos de primeira ordem — taes como um monumento votivo consagrado pela «Republica Ossonobense» ao imperador Domicio Aureliano; o qual brevemente será acompanhado pela celebre inscripção lapidar votada á *Fortuna*, pelo *sevir Primitivus*, com referencia a jogos athleticos, combates nauticos, etc.

O primeiro é inedito; e o seu calco em pouco será remettido á ex.ma sociedade.

Aproveito o ensejo de pedir venia para lembrar a alta conveniencia de ser nomeado, sem perda de tempo, um delegado da ex.ma commissão dos monumentos nacionaes; em quanto não houver pessoa mais competente, presto-me eu da melhor vontade.

Sob este ponto de vista, esforcei-me pelo desentaipamento de uma interessante janella *ogival gemea com trifolium*, cujos caracteres architectonicos accusam o segundo periodo da ogiva; e bem assim me empenhei por identica reconstituição em uma dita de lanceta, na capella fronteira á primeira, em a Sé cathedral, de que sou modesto conego fabriqueiro; e não perco de vista esta ordem de serviços. Assim vae, com effeito, ficando em relevo a parte mais architectonicamente importante d'este edificio religioso.

Reconheci que a janella ogival, a que me refiro, foi violentamente intrusa em mais edosa construcção — que me parece ser romano-bysantino da transição para o ogival, com adaptações que ainda supponho mais antigas — talvez mesmo, wisigodas.

Deus guarde a v. ex.a — Ill.mo e ex.mo sr. presidente da Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Faro, 14 de dezembro de 1894. — Monsenhor conego *Joaquim Moniz Pereira Bollo*, conservador do Museu archeologico lapidar — Infante D. Henrique.

EXTRACTOS DAS ACTAS

SESSÃO DE 24 DE NOVEMBRO DE 1893

Hermann Schaaffhausen. Foi presente uma biographia d'este notavel archeologo, escripta pelo sr. J. Ranke, com uma minuciosa noticia bibliographica dos seus muitos trabalhos.

Socio effectivo. Foi eleito socio effectivo o sr. Augusto Ribeiro.

Seemans. Voto de sentimento pelo fallecimento do dr. C. Seemans, que foi director do museu de antiguidades de Leide.

1895, Typ. Franco-Portugueza, (Off.a Lallemant)

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.os 3 e 4

DISCURSO DO SR. ADÃES BERMUDES NA SESSÃO DE 24 DE MARÇO DE 1895

Meus senhores. — Cumpre-me agradecer penhoradissimo a honra que esta associação me fez, recebendo-me no seu gremio.

Não foi, comtudo, o vão desejo de honrarias — que não mereço nem cubiço —, que me levou a solicitar a minha admissão n'esta benemerita sociedade.

Foi antes a convicção de que é urgente e indispensavel reunir todas as boas vontades n'um commum e desinteressado esforço pelo progresso e prosperidade da patria, que, n'este angustioso momento historico, n'este periodo de transição, tendo attingido o limite d'uma *phase critica*, erra, como nau desarvorada, n'um mar de egoismo, de discordia e de descrença, perdida essa poderosa bussola que se chama o sentimento collectivo, sem poder encontrar a *corrente evolutiva,* a corrente salvadora, que a conduza a uma nova *phase organica*, a uma nova época de civilisação.

É por isso que eu venho, — humilde recruta —, alistar-me na nobre cruzada que ha trinta annos esta associação emprehendeu em favor da arte, da sciencia e do paiz.

São muitos e relevantes os serviços que esta associação tem prestado, quer classificando e defendendo os monumentos nacionaes, quer fundando o seu museu archeologico, reunindo n'elle muitos dos elementos dispersos, que constituem o nosso patrimonio artistico e historico, que se estava perdendo, quer obstando a numerosos vandalismos, quer tomando parte nos congressos estrangeiros e honrando, ahi, o nome portuguez, quer fundando um centro onde os architectos nacionaes podessem defender os interesses da sua classe, quer fazendo dos seus «boletins» um importante agente de educação e de propaganda artistica e um vasto repositorio de conhecimentos uteis.

Mas, se esta associação muito tem feito, muito mais lhe resta ainda fazer.

Para cumprir a sua nobilissima missão e satisfazer ás necessidades do paiz, esta sociedade tem de occupar-se activa e desveladamente do ensino da architectura em Portugal, dos monumentos nacionaes, da esthetica e da hygiene das nossas cidades, dos concursos publicos, do provimento dos logares de architectos do estado, da legislação dos edificios, das prerogativas e direitos dos architectos e da consideração official e publica que lhes é devida.

A indifferença transcendente, a que é votada a architectura em Portugal, é uma prova tristissima,

mas eloquente, do profundo atrazo em que o paiz se encontra.

Que dirieis vós d'um paiz que fizesse cultivar as suas vinhas, semear os seus campos, talhar os seus pomares por agricultores de occasião, que não conhecessem, nem de perto nem de longe, as necessidades da terra e os segredos das estações?

Pois é isso o que se está passando com a architectura em Portugal; e, no entanto, é a propriedade edificada que, juntamente com a terra, constitue a riqueza immobiliaria d'uma nação!

Eu já não invoco o respeito que a architectura devia merecer pela sua alta missão de escrever em paginas eternas a historia dos povos; porque, infelizmente, um povo que está dando um tão lamentavel exemplo de decadencia moral, não necessita de cantor que lhe celebre os feitos.

Reconheçamos, porém, que isto resulta da indifferença, da passividade; isto é, da cumplicidade de todos, e resgatemo-nos da parte de responsabilidade que nos possa incumbir, encetando desde já o bom combate pelo engrandecimento da patria.

Foi essa aspiração que me trouxe a esta sociedade; e, venho a ella com inteira fé, porque, talvez por uma idiosincrasia de artista, ao vêl-a installada n'estas pobrissimas ruinas da antiga egreja do Carmo, que ella conquistou á hera e ás corujas, e reunida sob estas descarnadas abobadas que resumbram a agua dos céus, me lembro dos primeiros christãos, que se reuniam nas ruinas de Roma e se occultavam nas catacumbas para propagar a sua crença e celebrar o seu culto, e que das trevas d'essas catacumbas sahiu a luz que devia illuminar o mundo!

Meus senhores. — Para o desenvolvimento da architectura n'um paiz, tres coisas são indispensaveis: em primeiro logar, um accordo sobre os principios fundamentaes da vida collectiva ou social, de modo que o fim da acção commum seja nitidamente definido e que haja communhão de idéas religiosas, politicas e sociaes que o artista possa traduzir, condensar, crystallizar em uma nova fórma architectural.

Em segundo logar um ensino solido, integral e livre, baseado não em uma tradição, mas em todas as tradições e em principios rigorosamente scientificos, e tendo em vista não só o desenvolvimento da technica do individuo, mas, sobretudo, o desenvolvimento das suas faculdades estheticas ou emotivas, das suas faculdades imaginativas e das suas aptidões creadoras.

Em terceiro logar a recompensa moral e material, garantida ao exercicio da profissão, pela consideração do publico e pela protecção do estado.

Examinemos agora rapidamente, como é que a nossa época e o nosso meio satisfazem a essas condições.

Quanto á primeira parte, nem vale a pena fallar. Outras nações mais avançadas no novo *periodo evolutivo* não conseguiram ainda, desde isso que em arte se chama «renascimento» e em religião se chama «reforma», alcançar a homogeneidade de idéas e a coordenação de esforços a que me referi.

Relativamente á segunda, lembrarei que ha apenas uma escola de architectos em todo o paiz, que é a escola de bellas-artes de Lisboa.

E succede ainda, infelizmente, que, n'essa escola, — além de que a organisação do seu ensino deixa a desejar, — a provada competencia dos professores fica inutil e os seus dedicados esforços mallogrados, porque a clientella escolar não afflue.

A clientella escolar não afflue, porque a obrigam a dez annos de estudos especiaes, findos os quaes se lhe dá o direito de... morrer de fome.

Porque o estado, — e, assim, respondemos á terceira questão, — fecha-lhe inexoravelmente todas as portas; e, sendo até obrigado pela lei a ter um corpo de architectos, recruta esse corpo entre individuos geralmente estranhos á architectura, salvo rarissimas excepções!

E pobre do alumno que, findo o seu curso, postula um logar d'esses. É irremediavelmente preterido em proveito d'um «amador» favorecido, ou d'um alumno de escola de cathegoria inferior e de especialidade differente d'aquella de que se trata. Refiro-me ao instituto industrial.

O resultado d'isto é que, o estado não tendo, por não querer, um corpo de architectos competentes, vê-se obrigado a recorrer, a cada passo, a architectos estrangeiros, e ainda n'este momento se litiga na Procuradoria geral da corôa, a questão levantada por um d'estes architectos, que pede 9:500$000 réis pelo projecto d'uma pequena escola supprimida por lei logo depois de se lhe ter encommendado o projecto.

O particular segue, naturalmente, o exemplo do estado, e chama para o seu serviço mestres de obras ou engenheiros, como se uns e outros entendessem d'esta difficilima arte, que demanda tão longos estudos e faculdades tão especiaes!

E quando se não dirige a mestres d'obras ou engenheiros, que nenhuma garantia offerecem de capacidade profissional, recorre então a architectos estrangeiros, esses architectos que vieram para as nossas escolas industriaes — como se para alguma coisa fossem lá precisos — e a quem o estado prohibia leccionações particulares, mostrando assim que elles vinham para se occupar exclusivamente das escolas; que não encontram tempo, no meio das suas occupações officiaes, largamente remuneradas, para fornecer gratuitamente ao estado um

pequeno projecto de edificação escolar; mas que teem todo o tempo para fazer uma larga concorrencia aos architectos nacionaes.

Não é, porém, d'esta concorrencia que eu me queixo; o que eu lamento é que, devido a essa importação inintelligente e anti-patriotica de architectos estrangeiros em todos os tempos, tenha sido constantemente abastardada a nossa arte que, por esse motivo, nunca chegou a completar uma evolução, a fundir-se n'uma perfeita unidade esthetica, sem a qual não ha arte nem estylo possiveis.

O que acabo de expor resume o estado da architectura em Portugal, e deixa ver o que a esta Sociedade incumbe fazer para modificar este intoleravel estado de coisas.

No que diz respeito aos monumentos nacionaes, uma das poucas coisas que nos restavam do riquissimo patrimonio que nos deixaram os nossos gloriosos antepassados, apesar da lucta pertinaz que esta Sociedade travou em seu favor, tem sido profanados por quantos conductores de estradas, por quantos leigos nacionaes ou exoticos têem apparecido; isto no que diz respeito aos principaes, por quanto os outros só teem soffrido da incuria e do desprezo das repartições officiaes, incuria e desprezo que são bem mais inoffensivos do que a pretenciosa ignorancia dos «*ronds de cuir*» que as infestam.

Quanto á esthetica das nossas cidades, tão bellas que até Deus lhes poz mirantes para que os homens podessem gosar as vistas, — como deliciosamente escreveu o sr. Gabriel Pereira, — quem não tem visto, com indignação e desespero, as melhores avenidas, os mais bellos logares infamados por essas construcções d'uma banalidade cretina, exasperadora, inverosimil!

Quem não tem reparado desoladamente que as cidades se vão fazendo, desfazendo e refazendo sem plano, sem nexo, ao sabor das exigencias politicas e ao arbitrio dos *mandões* municipaes, perante os quaes a auctoridade do compadre e do influente politico supplanta não só a auctoridade do architecto, mas a de quantos architectos possam existir.

Quanto á hygiene das mesmas, vejam-se essas sordidas agglomerações de habitações operarias, chamadas «ilhas» ou «pateos», onde perpetua e amorosamente se cultivam todos os germens pathogenicos, desde a tuberculose até ao typhus. Dê-se um passeio pelas cidades de provincia onde as fézes se vehiculam pelo meio da rua, á luz do sol!

Relativamente aos concursos publicos, todos sabem que os artistas que se respeitam deixam já de concorrer, para se não sujeitarem á decisão, quasi sempre injusta, d'um jury quasi sempre incompetente, quasi sempre escolhido entre gente estranha ao assumpto.

E para aquelles que ainda concorrem, que são geralmente os novos, os concursos servem apenas para os desillusionar, para os habituar ás campanhas deshonestas contra os seus proprios amigos, contra os seus antigos camaradas.

Quanto á legislação dos edificios, tudo está disperso, incompleto, tudo é arbitrario, prestando-se a todas as irregularidades, auctorisando todos os abusos.

Finalmente, no que diz respeito á consideração a que tem direito o architecto, todos sabem que essa profissão, honrada em todos os tempos e por todos os povos, está entre nós absolutamente desprestigiada, por causa de todos esses intrusos que ousaram usurpar as funcções sacerdotaes do artista.

É immenso, como se vê, o que resta fazer ainda; é por isso que eu considerei que era imprescindivel o concurso de todos, mesmo os mais humildes; é por isso que vim pôr ao serviço d'esta Associação, não as minhas faculdades que são acanhadissimas, mas o meu ardente e sincero desejo de ser util.

Adães Bermudes.

FR. BRAS DE BARROS, OU DE BRAGA

(Um documento para a historia da Sé de Leiria)

Fr. Bras de Barros, ou de Braga, se não é das personagens fulgurantes do reinado de D. João III, é todavia uma figura sympathica, que merece ser estudada, não só pelo seu caracter pessoal, mas tambem pelo papel importante que representou, no desempenho de funcções officiaes, já na reforma do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, já na reforma dos estudos universitarios. Fr. Bras de Barros doutorara-se na Universidade de Lovaina, e ás prendas da intelligencia reunira a actividade d'um espirito inquebrantavel. A reforma de Santa Cruz era empreza, que só uma vontade de ferro podia levar victoriosamente a cabo. Fr. Bras de Barros teve de vencer grandes resistencias, mas era homem para a lucta e não se deixou vencer por nenhum obstaculo, desviando sempre com impulso vigoroso a corrente da reacção. Durante o largo periodo que esteve á testa d'aquella corporação, tão vaidosa da sua opulencia e dos seus privilegios, conseguiu restabelecer a disciplina e contribuiu poderosamente para o seu engrandecimento moral. A elle se deve a introducção da imprensa no convento de Santa Cruz e a edificação de differentes collegios para abrigo e ensino de varias corporações religiosas, attrahidas como borboletas pela chamma da Universidade. D. João III não foi ingrato aos serviços relevantes do seu amigo e confidente, e remunerou-o com a mitra da Sé de Leiria, creada talvez de proposito

para elle, e de que foi portanto o primeiro pastor. Fr. Bras de Barros parecia, porém, ser da tempera de Fr. Bartholomeu dos Martyres, e resignando as pompas e os encargos do officio episcopal, recolheu-se ao seu conventinho da Pena, em Cintra, onde veiu finalmente a morrer como qualquer obscuro cenobita.

No archivo do mosteiro de Santa Cruz existia um codice manuscripto contendo uma volumosa correspondencia dirigida, na sua maxima parte, por D. João III e outras pessoas da familia real a Fr. Bras de Braga. Pela extincção das ordens religiosas, este codice passou a mãos particulares, podendo o dr. Ayres de Campos tirar extractos e notas, que principiou a publicar no vol. XXXVI do *Instituto*. Esses extractos são precedidos d'uma curiosa nota biographica do primeiro bispo leiriense.

De Fr. Bras de Braga encontramos tres cartas ineditas no *Corpo Chronologico* da Torre do Tombo, e d'uma d'ellas vamos dar hoje o traslado, que é como segue:

«Sõr. — Afonso Aluarez cheguou a esta cidade ontem que forã quatorze dias deste mes de iulho e me deu a carta de V. A. e o debuxo que mandou ordenar pera se fazer a noua see, o qual vi e mo deu loguo a entender e oie pela menhãa o fomos confrontar com o sitio e acodio tam bem per todas as partes e vem em todo tam resguardado que nom ha hi em ello que repricar, o que todo foi pera mi grande consolação, mormente per esta mudança de sitios ser feita depois de V. A. ver todos os que haa em esta cidade, e não menos por a enuenção da obra ser correcta e tambem eumendada per V. A. Huum soo pesar me fiqua que nom posso nem he razã de calar, que he de me nom ver com idade e força por que do mais nom me enfadara de andar com a padiola e cesto seruindo a Deos e a V. A. em esta obra; e isto abaste pera o que V. A. manda que lhe screua asi do sitio como da traça. Aguora V. A. mande fazer os debuxos do alto e os apontamentos como mescreue e eu começarei entretanto de me fazer mais familiar a ambas estas cousas pera que possa dar melhor razam delas a V. A., dandome o Senhor disposição pera que antes que se parta de Santarem lhe ir beijar os pes por o cuidado que tem dos edificios do Senhor Deos, ao qual praza asi por esta obra como por todas as outras tam santas que faaz lhe dar muita vida e saude e em fim a sua gloria amen. De Leyria em os 15 de julho de 1551. — Frei bras bpo de Leiria.»

Esta carta é um documento interessante para a historia da Sé de Leiria, edificio que, juntamente com a Sé de Miranda, servirá proficuamente para o estudo da architectura classica ou do renascimento em Portugal. Pena é que nos não revele o nome do architecto, mas em paga outra revelação curiosa nos faz, e é que D. João III corrigira e emendara a planta da obra. É mais um testemunho a confirmar o que d'elle escreveu D. Francisco de Monçon, no seu *Primero libro de la ensenança de un Princepe*:

«Entre todos los Princepes antiguos y modernos, puede ser por muy insigne en esta arte contado el-Rei don Iuan el tercero de Portugal de gloriosa memoria, que segun dezian todos los maestres de pedraria y cantaria, tenia grande destreza en saber hazer la traça de vnos palacios, y de vna fortaleza, de qualquer obra tan perfectamente como se estuuiera hecha, y assi lo mandaua anadir o mudar en la traça que los Architectos le dauan.»

Este trecho revelamol-o nós pela primeira vez no nosso insignificante livro *Artes e Artistas em Portugal*, mas vêmol-o reproduzido agora, como citação original, n'uma obra recentemente publicada. Seja-nos ao menos permittido resalvar n'este caso os direitos de prioridade, ainda que reconheçamos casualissima a coincidencia.

20 — 12 — 94. SOUSA VITERBO.

SÉ DE VIZEU

A abobada de nós

E' sob esta popular denominação que as gerações de ha quasi quatro seculos conhecem a magnifica abobada *manuelina* da Sé de Vizeu, terminada em 1513 pelo bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas, appellidado o *Calçadilha*, por ser natural de uma aldeia d'este nome em Castella, junto a Samora.

Ignora-se a data em que esta obra principiou; mas é certo que foi feita em grande parte e concluida por este prelado, o que é garantido por uma inscripção que se vê na dita abobada, em volta do seu brazão d'armas, a qual diz:

ESTA SÉ MANDOU
ABOBEDAR O MUITO
MAGNIFICO SÑOR DÔ
DIOGO ORTINS, BPO
DESTA CIDADE, E DO
CONCELHO DOS REIS, E
SE ACABOU ERA DO
SÑOR DE 1513

*

E' esta abobada uma elegante e grandiosa construcção no estylo gothico do segundo periodo, com algumas caracteristicas do entre nós chamado vulgarmente *manuelino*, por ser no reinado de D. Manuel que a architectura gothica soffreu em Portugal uma nacionalisação, affirmada nos ornamentos de cordas e espheras armillares, symbolos do valor naval da epoca, e na profusão dos detalhes pompeantes da abundancia de oiro e pedrarias que as naus portuguezas nos traziam constantemente da India e do Brazil.

A sensação que se recebe ao contemplar a abobada da Sé de Vizeu é magnifica. A austera religiosidade medieval surge-nos ali n'um visionamento eloquente, arrebatador, subjugando-nos o espirito com uma força victoriosamente dominadora.

Ao transpormos o limiar d'aquelle templo, sentimo-nos retroceder aos velhos tempos cavalleirosos e mysticos de Portugal, a essa epoca grandiosa e épica, em que a fé de Christo era imposta pelas espadas portuguezas nas longiquas plagas que os nossos galeões haviam descoberto, rasgando heroicamente á voz potente do infante de Sagres, as brumas lendarias do mar tormentoso!...

*

Essa epoca gloriosa alteou o espirito portuguez a culminancias até então desconhecidas e até hoje inegualadas.

No officio da guerra, na marinha, na sciencia, na litteratura e na arte, brilhou então este pequeno povo de heroes, impondo-se ao mundo e á Renascença, que surgia por uma forma assombrosa, deslumbrante!

Emquanto lá fóra, na Italia, se operava a Renascença sobre os velhos moldes classicos da Grecia e Roma, que surgiam dia a dia d'entre os escombros das destruições dos barbaros, nós outros, insubmissos e altivos navegadores aventureiros, que abrimos nas quatro partes do mundo as portas dos tempos modernos, nós outros, creavamos uma arte e uma litteratura perfeitamente nossas, incomparaveis, mercê d'esses genios que se chamaram nas lettras Camões, Damião de Goes, João de Barros, etc.; e nas artes Vasco Fernandes, Affonso Domingues, Botaca, e toda essa legião de artistas mais ou menos ignorados, que ergueram magnificas construcções como a da Sé de Vizeu, e pintaram soberbos retabulos como os da sachristia d'este templo!...

*

A architectura gothica é, como se sabe, a architectura religiosa por excellencia.

Ella é a crystallisação do mysticismo da Edade Média.

As suas abobadas em ogiva, sustentadas por feixes de columnellos elegantes como troncos de palmeiras; os coruchéus altivos e esguios, com as agulhas a perderem-se nas nuvens; os botaréus delicadissimos e as rosaceas ideaes, que parecem filigranadas por dedos de anjos; a meia luz que se côa atravez das suas estreitas frestas, muitas vezes envidraçadas com vitraes coloridos, representando passagens biblicas, oh! tudo isto nos transporta a um mundo e a uma epoca religiosa bem diversa da de hoje, recuando-nos espiritualmente por seculos passados além, envolvidos no murmurio vago e diffuso do marulhar das aguas nas prôas das naus, no retinir dos montantes, no psalmodiar dos monges a no saudoso murmurio dos alaúdes, tangidos amorosamente em noites de luar, pelos cirados dos castellos vetustos...

*

Pelo lado technico, foram os architectos gothicos uns artistas originaes e arrojados, que, abandonando as maneiras rigidas da architectura romana, crearam novas formulas de construcção, como por exemplo a das abobadas elasticas, assim chamadas por assentarem sobre a primordial construcção das nervuras, as quaes constituem o seu esqueleto; mas isto obedecendo a uma suprema elegancia de forma e a um completo abandono de cimentos de segurança, pois as nervuras, que partem dos capiteis e se vão encontrar ao centro da abobada constituem as cambotas permanentes destinadas a sustental-a, ficando assim garantida a segurança d'esta, unica e simplesmente pelo entravamento e pezo das pedras que a compõem.

A abobada de Sé de Vizeu é um magnifico exemplar d'este genero.

Usavam os architectos gothicos de uma liberdade extrema na ornamentação das suas construcções.

Assim, não repetiam elles o padrão de um capitel, ao qual davam formas caprichosas e ornamentações variadas, bem como ás molduras, bases de columnas, etc.

Na construcção interior da Sé de Vizeu, documenta-se isto evidentemente.

*

Na obra da restauração do antigo a que actualmente se anda procedendo nas columnas que suportam a abobada da Sé de Vizeu, por indicação de sua magestade a sr.ª D. Amelia, a expensas do venerando prelado d'esta diocese, e sob a direcção do insigne artista constructor o sr. Seraphim Lourenço Simões, nota-se que não foi por vandalismo, como se suppunha, mas sim por necessidade, que o cabido da dita Sé, na vacancia de 1639-1671, mandou proceder ao seu reboco, por desconhecer os processos de restauração que hoje se adoptam, mas que aliás, como agora se observou, foi executado com grande perfeição e segurança.

Pelo que está a nú, vê-se que na primitiva as columnas, excluindo as do côro, não foram construidas com a perfeição devida, ficando mesmo indignas da bella abobada que sustentam, na qual, ainda assim, se notam defeitos de construcção.

O plano d'aquella edificação foi traçado por artista insigne, talvez descendente em linha recta dos Domingues, Botacas e Ouguets; mas a execução, naturalmente demorada, feita sob a direcção de varios mestres, ficou bastante desigual, em conformidade com a diversa competencia d'estes.

E', pois, de presumir, que tanto o desalinhamento dos fustes das columnas, como algumas pedras que n'estas se vêem estaladas, tivessem origem após a sua construcção; aquelle, por falta de escrupulo na applicação dos moldes; e estas, por desigualdade de talha, havendo em consequencia actuamento parcial do pezo, que as fez ceder.

Concorreu tambem para a parcial ruina das ditas columnas, especialmente as das paredes, o emprego de um granito molle, vulgarmente chamado *tufa*, hoje extincto mas que foi muito usado entre nós pelos pedreiros antigos, em razão da sua belleza.

E', porém, de crer, que muito concorreu para a evidencia d'estas ruinas e desvios, o terramoto de 1635, que além de fazer derrocar a antiga frontaria gothica da Sé, bem como a torre direita, deixou por todo este edificio assignalados vestigios.

*

Mas já agora, uma vez que se deu principio a uma obra de restauração artistica, tão digna do applauso publico, é um dever imperioso que ella se acabe como deve.

Em vez do simples reboco a terra ingleza, com que estão arrazando as picadellas que em tempo fo-

ram dadas nos fustes das columnas, para melhor adherir o reboco ultimamente tirado, cumpre fazer mais.

Impõe-se o dever — em nome da Arte — de fazer um restauramento perfeito, o qual consiste no alinhamento e aprofundamento das reintrancias dos columnellos, a imitarem tanto quanto possivel os do côro, unicos que guardam harmonia de perfeição com a abobada.

Fica esta obra um pouco mais dispendiosa, mas vale a pena.

Nós cremos que para as columnas ficarem relativamente perfeitas, não obrigarão a despeza superior de vinte e sete mil réis cada uma, o que, na totalidade, não sobe a cifra mui grande.

Cumpre, pois, ao venerando prelado d'esta diocese e ao illustrado cabido da nossa Sé, resolver esta questão, impetrando, para fazer face a tal obra, na ausencia de recursos proprios, a protecção pecuniaria do ministerio das Obras Publicas.

José de Almeida e Silva.

As columnas da Sé de Vizeu

Na obra de restauração a que se anda procedendo na Sé de Vizeu, acabam de ser postas a nú duas meias columnas das paredes lateraes d'este templo, rematadas na parte baixa por duas cabeças carcomidas e de execução tosca, que, a nosso ver, são os retratos do bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas, e do architecto que por sua ordem *fez a traça* d'aquella abobada.

Somos levados a esta opinião em consequencia do detido exame que fizemos a estas cabeças, as quaes, apezar da sua barbara esculptura, possuem, todavia, traços physionomicos caracteristicos, eloquentes e inconfundiveis.

A do lado do evangelho representa um homem de sessenta annos, de carnes flacidas e longas melenas, expressão entre bonacheirona e austera, tendo na fronte vestigios de mitra episcopal, o que pouco se distingue em consequencia das numerosas picadellas que n'este logar a pedra tem. Possue esta cabeça todo o ar de um ecclesiastico, o qual é reforçado pelo esboço de mitra que ainda se lhe nota.

O outro retrato do lado da epistola representa um homem de quarenta annos, coberto com um chapéu touca, á moda do seculo xv.

A sua physionomia secca, onde o queixo e labio inferior proeminentes denotam energia, o olhar penetrante e fixo, e a fronte ampla e serena, as lucubrações intellectuaes, patenteia evidentemente a organisação de um artista.

*

Como simples motivos ornamentaes são pouco acceitaveis estas cabeças, sabendo-se que os architectos gothicos dispunham para remates dos modilhões de folhas de cardo, como se vê na propria abobada da Sé.

E sabendo-se, além d'isso, o costume usado n'essas epocas de marcar as construcções com siglas, e collocar-lhes em logares visiveis bustos ou figuras dos seus architectos ou doadores, como por exemplo, se vê na casa do capitulo do convento da Batalha, onde n'um angulo resalta da parede o busto do seu architecto Affonso Domingues, não podemos deixar de admittir que as duas cabeças em questão representam as physionomias de alguem; e dadas as suas expressões, que já atraz descrevemos, concluimos que perpetuam as feições do bispo D. Diogo e do architecto da abobada.

E não se desdenhe a grosseira execução d'estes retratos, porque é preciso ter em vista que a experiencia ha demonstrado em esculpturas congeneres uma perfeita semelhança com as pessoas retratadas, não só á face dos retratos em pintura da epoca, como pelas descripções das chronicas coevas.

E isto observa-se nas duas alludidas cabeças ao primeiro golpe de vista, porque n'ellas existem effectivamente especiaes e caracteristicos traços physionomicos.

*

Assim pois, dada a importancia historica e archeologica d'estas esculpturas, cumpre não só conserval-as a descoberto, como restaural-as das picadellas que teem, mantendo-se escrupulosamente todo o seu aspecto primitivo, para o que carece este trabalho de ser feito com grande attenção e consciencia artistica.

Para este serviço pomos gratuitamente á disposição do illustrado cabido viziense os fracos recursos da nossa competencia artistica.

*

Terminando, cumpre-nos tecer sinceros elogios ao modo por que estão sendo restauradas as columnas da Sé, as quaes, com o aspecto que ora mantéem, ficam, a despeito dos zoilos, muito acceitaveis.

José de Almeida e Silva.

(*A Folha*, de Vizeu, de 20 de setembro de 1894)

DESCOBERTAS ARCHEOLOGICAS EM BENS FRIM CONCELHO DE LAGOS

As explorações archeologicas pozeram a descoberto, ao sul do povoado de Bensafrim, duas fossas quasi quadradas, abertas na argilla e revestidas de argamassa, cada uma com uma cavidade no meio. Uma parede de alvenaria cercava estas fossas, separadas por uma divisoria de $0^m,15$, pelo norte, nascente e parte do lado do poente. Dentro de uma d'ellas existiam os restos de um alguidar arabe.

Ao lado das mesmas fossas encontrou se uma grande pedra circular bastante espessa, tendo no meio um orificio e no fundo d'este outro mais pequeno. Estes orificios não ultrapassavam metade da espessura da pedra.

Para o norte de Bensafrim, iniciadas as pesquizas no terreno visinho das grandes necropoles romana e prehistorica, exploradas pelo rev.° Antonio José Nunes da Gloria, dignissimo prior de Bensafrim, no interesse do fallecido Estacio da Veiga, encontraram-se entre muitas pedras agglomeradas alguns

restos de ceramica primitiva, e depois, a curta distancia, a continuação da necropole romana. A exploração, sendo feita debaixo de grandes aguaceiros, que impediam o trabalho, não permittiu que se recolhesse senão uma urna cineraria (*olla cineraria*) de barro, que estava mettida entre pedras, tapada com dois vasos invertidos. Continha cinzas e miudos fragmentos de ossos humanos calcinados e um *unguentarium* ou vaso de perfumes, de vidro, do typo *alabaster* ou *alabastrum*. O que ha de notavel n'este deposito é que a pasta cineraria se reconhece ainda perfeitamente impregnada de oleos perfumados! Os incredulos poderão em poucos dias verificar o facto no nosso museu.

Serviu de guia n'estes trabalhos o illustre prior de Bensafrim, archeologo distinctissimo, a quem Estacio da Veiga deveu o mais importante das suas collecções prehistoricas, e que é ao mesmo tempo um artista de muito talento e um caracter nobilissimo. Para se fazer idéa das notaveis e variadas aptidões d'este venerando vulto da archeologia nacional, basta dizer que elle de suas proprias mãos tem decorado a sua egreja parochial com magnificas obras de talha, desenhando, executando os riscos, pintando, dourando, etc. E' architecto, carpinteiro, marceneiro, pintor, dourador, tudo emfim que póde servir á arte de construir e á arte decorativa dos edificios!

(*Gazeta da Figueira*, de 26 de janeiro de 1895).

A SÉ VELHA EM COIMBRA E A ARCHEOLOGIA HISTORICA

No congresso das Sociedades Sabias, celebrado em Paris em 1884, o sr. Eulard, mostrando a influencia que a civilisação franceza, por meio dos seus religiosos e homens de armas, tinha exercido na peninsula iberica, do seculo XI ao seculo XIV, fez sentir ao mesmo tempo a intimidade que havia entre a architectura romano-gothica da peninsula e a de diversas provincias da França.

No mesmo congresso, celebrado este anno em Paris, e cujo encerramento se effectuou no dia 19 do corrente, o sr. Emilio Eudes, architecto, membro da sociedade archeologica de Orleans, e que em tempo exerceu n'esta cidade o logar de engenheiro chefe de via e obras da companhia da Beira Alta, occupou-se do mesmo assumpto, mas levou mais longe as suas consequencias.

Tratando da architectura romanica em Portugal e tomando como um dos mais bellos e perfeitos specimens a cathedral de Coimbra, disse que esta fôra construida por dois architectos francezes, mestre Bernardo e mestre Roberto, entre os annos de 1160 a 1180. Ora isto é menos verdade. Os documentos nada nos dizem da nacionalidade d'aquelles dois architectos. Mestre Bernardo residia em Coimbra, mestre Roberto em Lisboa, d'onde fôra chamado para visitar por vezes a obra.

Diz o mesmo archeologo que a porta lateral, em estylo do renascimento, fôra construida por João de Castilho. Isto é mera hypothese de Varnhagen. Da existencia de João de Castilho em Coimbra não consta; quem viveu ali muitos annos, creando familia e ali morreu, foi seu irmão Diogo.

Quer-nos parecer que a archeologia portugueza não devia deixar passar em julgado, sem os competentes reparos, estas inadvertencias da archeologia franceza.

(*Gazeta da Figueira*, de 27 de abril de 1895).

MUSEU ARCHEOLOGICO DE NOVA GOA

(Extracto de um relatorio do sr. Ismael Gracias)

MONUMENTOS

No dia 23 de março, tendo estado na Sé Primacial de Goa, vi com verdadeira pena atiradas na parte do adro do norte numerosas lapidas com inscripções que me disseram terem sido encontradas nas ruinas da egreja da Misericordia e da de N. S. da Serra, que servia nos ultimos tempos de cemiterio á quasi deserta freguezia da mesma Sé. Observei em especial duas urnas tumulares, que, segundo os lettreiros que trazem, foram do governador Affonso de Albuquerque e do primeiro capitão de Damão, D. Diogo de Noronha, assim como uma pedra enorme com relevos em parte destruidos, a qual sem duvida é do periodo mahometano. Dei logo no dia seguinte conhecimento a v. ex.ª que se dignou ordenar, em officio de 31 do dito mez, a remoção dos referidos tres monumentos para esta bibliotheca, e de todas as outras lapidas para o deposito das obras publicas. Transferidos, porém, aquelles, viu-se que não podiam ser depositados no edificio da bibliotheca, e por isso o foram n'um dos repartimentos do palacio do governo, esperando opportuna collocação, pois que, por portaria de 9 de junho passado, v. ex.ª attendendo a que é «pratica das nações cultas conservar com desvelo tudo quanto sirva para evocar as boas memorias do passado, preservando da acção do tempo os objectos que lembrem as antigas glorias e sejam apreciaveis subsidios para o estudo da historia, religião e costumes da epocha que representam, e por isso havendo reconhecida utilidade em colligir em um nucleo os que existem e se acham dispersos n'este Estado, notavel por brilhantes e memoraveis tradições», houve por conveniente crear em Pangim um museu archeologico, nomeando uma commissão para apresentar o respectivo plano, elaborar as instrucções necessarias e escolher o edificio adequado. Será esta ordem de v. ex.ª um dos notaveis documentos da sua administração na India, inicio e estimulo da cultura das antiguidades patrias, tão merecedoras da attenção do governo como das lucubrações dos estudiosos.

Foi tambem assim que começou o *Archeological Survey of India*, grande estabelecimento anglo-indiano, avultadamente dotado pelo governo, cuja fundação pertence ao muito conhecido governador geral lord Canning, e cujo largo desenvolvimento

se deve ao seu primeiro director, general Cunningham, fallecido em 28 de novembro ultimo, após uma longa e honrada carreira na India, onde por quasi meio seculo se consagrou á exploração e estudos archeologicos. São importantissimos os serviços prestados á arte, á archeologia e á historia oriental pelo dito estabelecimento, que tem secções em Bombaim e Madrasta, além d'uma especial em Ceylão, destinada á conservação dos monumentos nacionaes da India. O proprio general Cunningham havia publicado 23 volumes de relatorios (1871 a 1887) afóra varias memorias e trabalhos; o seu successor Burgess continúa com o mesmo zelo.

Tornando agora ás urnas de Affonso de Albuquerque e de D. Diogo de Noronha, acima lembradas, a primeira sobretudo merece um estudo especial. Muitos escriptores nos teem deixado memorias sobre os restos e ainda sobre o retrato do inclyto governador, e esse monumento vem offerecer-se ás investigações dos estudiosos. Da urna, ou tumulo? de D. Diogo de Noronha, dá Lopes Mendes o desenho e o epitaphio na sua interessante obra — *A India Portugueza*, vol. I, pag. 77.

(Do relatorio do anno economico de 1893 a 1894, do bibliothecario da Bibliotheca publica de Nova Goa, J. A. Ismael Gracias (Nova Goa, Imp. Nacional, 1894), dirigido ao ex.mo governador geral).

LEIS DA RUMANIA SOBRE OS ACHADOS ARCHEOLOGICOS, E A CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DOS MONUMENTOS PUBLICOS

Na moderna legislação da Rumanía encontramos algumas disposições bem definidas e rigorosas, respectivas aos objectos archeologicos encontrados casualmente ou por excavações propositadas, e á conservação dos monumentos nacionaes.

Merecem attenção essas leis, que, se forem executadas, devem produzir em breve excellente resultado. Em Portugal algumas das disposições encontrariam difficuldades na pratica; é possivel que na Rumanía, estado novo, se não tropece com tradições e costumes velhos.

LOI DU 17/29 NOVEMBRE 1892 SUR LA DÉCOUVERTE DES MONUMENTS ET OBJETS D'ANTIQUITÉS

(Analyse par M.elle Sarmisa Bilcesco, docteur en droit de la Faculté de Paris)

Dorénavant, personne ne pourra faire faire des fouilles pour découvrir des monuments et objets d'antiquité sans une autorisation du ministère de l'instruction publique et des cultes.

L'autorisation ne sera accordée qu'à ceux qui auront prouvé que le terrain qu'ils veulent fouiller leur appartient ou qu'ils ont obtenu le consentement du propriétaire.

L'autorisation ne sera accordée qu'après avis du directeur du musée des antiquités et sous la condition de ne pas endommager les bâtiments voisins. L'autorisation sera notifiée au directeur du musée des antiquités et au sous-préfet (dans les communes rurales) ou au maire (dans les communes urbaines): ces fonctionnaires seront tenus d'assister en personne aux fouilles ou de se faire représenter par des délégués chargés de communiquer d'urgence au ministre le résultat des opérations.

Quiconque aura découvert par hasard des monuments ou objets d'antiquité, devra, dans les trois jours, en informer le sous-préfet ou le maire. Les sous-préfets et les maires sont tenus d'envoyer un rapport au ministre et de prendre des mesures pour la conservation des objets trouvés. Dans un délai de trente jours, le ministre désignera les objets qui devront être conservés (les objets historiques ou artistiques).

Les objets découverts dans un immeuble dépendant du domaine public, ou dans une propriété de l'Etat, d'un département, d'une commune ou d'un établissement d'utilité publique, appartiennent à l'Etat, mais l'inventeur a droit à une gratification fixée par le ministre. Les objets trouvés dans une propriété particulière appartiennent par moitié au propriétaire et à l'inventeur. Lorsqu'un musée d'antiquités existera dans une commune urbaine, les objets trouvés dans les propriétés de cette commune seront déposés dans son musée, si on en trouve les similaires dans le musée national de Bucarest; dans le cas contraire, l'Etat n'en donnera que des moulages ou des reproductions galvanoplastiques.

Les propriétaires ou possesseurs d'objets historiques ou artistiques ne pourront les vendre dans le pays qu'aprés en avoir averti le ministre, et à l'étranger, qu'avec son autorisation. Cette autorisation est exigée aussi pour la restauration et la réparation des objets; le ministre, sur l'avis de la commission pour la conservation des monuments historiques, indiquera la manière dont se fera la restauration.

Quiconque aura détruit ou emporté des objets historiques sera passible des peines prévues par l'article 352 du code pénal.

Si c'est dans le pays que les objets ont été vendus ou si des réparations ont été commencées sans l'autorisation du ministre, les propriétaires seront dépossedés au profit de l'Etat.

L'Etat pourra, avec le consentement du propriétaire, faire faire des fouilles dans les propriétés particulières. Le propriétaire aura le droit d'exiger son expropriation.

La prohibition d'exporter les objets historiques

existe aussi pour les objets découverts avant la promulgation de la présente loi.

LOI DU 15/29 NOVEMBRE 1892 SUR LA CONSERVATION ET LA RESTAURATION DOS MONUMENTS PUBLICS

La loi institue une commission pour la conservation des monuments publics: cette commission se compose de trois membres désignés par le ministre (deux d'entre eux doivent être membres de l'Académie roumaine), du directeur du musée d'antiquités de Bucarest et d'un architecte. La commission est présidée par le ministre et, en son absence, par le plus agé de ses membres.

La commission est tenue (dans le délai d'un an) de dresser un inventaire de tous les monuments et objets historiques pour la conservation desquels il est nécessaire de prendre des mesures; cet inventaire sera renouvelé tous les cinq ans.

Aucun des monuments figurant sur l'inventaire ne pourra être démoli, réparé ou restauré sans autorisation du ministre des cultes et de l'instruction publique, donné aprés l'avis de la commission des monuments publics.

Le propriétaire qui ne voudra pas se conformer aux dispositions de la présente loi, pourra demander l'expropriation du terrain sur lequel se trouve le monument à réparer.

Le propriétaire qui aura réparé ou restauré un monument sans avoir demandé l'autorisation, sera passible d'une amende de 100 à 5.000 fr. et sera obligé de remettre le monument dans son état primitif. On appliquera l'article 352 du code pénal à ceux qui auront démoli ou detérioré un monument public (emprisonnement d'un jour à six mois).

(*Annuaire de législation étrangére*, publié par la Société de législation comparée. Paris, 1893, in-8.º)

Os restos mortaes de Vasco da Gama. Providencias tomadas em 1845. — O monumento commemorativo da batalha contra os mouros nos campos de Castro Verde. — A torre de menagem da cidade de Beja.

Da «Collecção de alguns escriptos administrativos do governador civil do districto de Beja, o sr. José Silvestre Ribeiro, no anno de 1845», publicada em Lisboa n'esse mesmo anno, extrahimos os seguintes documentos, que nos parece deverem ficar archivados n'este *Boletim*.

Com referencia á questão de que trata o primeiro, é interessantissimo o artigo do sr. Pinheiro Chagas, o grande escriptor e orador ha pouco fallecido, deixando um irreparavel vacuo nas letras patrias, nas *Migalhas de historia portugueza*, a proposito do livro do sr. Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*.

O 1.º documento foi assignado em Beja, a 8 de fevereiro de 1845.

Para o Barão de Tilheiras. — Repartição central. — N.º 8. — «Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Encontrei n'este governo civil de Beja um officio de V. Ex.ª, expedido pela 1.ª Direcção, 2.ª Repartição do Ministerio do Reino, no qual V. Ex.ª, em nome do Ex.^mo^ Ministro, exige informações sobre os meios de trasladar com toda a decencia e dignidade os restos mortaes do famoso Vasco da Gama; tudo nos termos da representação do Abbade Castro, que acompanhava o dito officio, e eu agora devolvo.

Em desempenho, pois, d'esta ordem, tenho a honra de communicar a V. Ex.ª o seguinte, para se dignar de o fazer presente ao Ex.^mo^ Ministro do Reino.

Dando á representação do Abbade Castro, e ás ordens do governo de Sua Magestade, a consideração que mereciam, entendi ser do meu dever transportar-me á Villa da Vidigueira, onde descançam os restos mortaes de Vasco da Gama. No dia 6 do corrente passei á dita Villa, e sem detença me encaminhei ao edificio do extincto convento dos Carmelitas Calçados, isto a um quarto de legoa da Vidigueira, para o lado do Norte, e entrei na Igreja profanada da Invocação de Nossa Senhora das Reliquias, dependencia do mesmo extincto convento, que tudo é hoje propriedade particular de Dom José Gil Tojo Borja de Menezes, residente em Portel.

No Presbyterio, para o lado da Epistola, e não para o do Evangelho, como diz o Abbade Castro, está a sepultura de D. Vasco da Gama, tendo sobre a campa o seguinte epitaphio: — *Aqui jaz o grande Argonauta D. Vasco da Gama, 1.º Conde da Vidigueira, Almirante das Indias Orientaes, e seu famoso descobridor.* — Ao lado do Evangelho está tambem outra sepultura, onde jaz D. Francisco da Gama, 4.º conde da Vidigueira; e no meio do côro da capella mór está a sepultura de D. Vasco Luiz da Gama, 3.º neto de D. Vasco da Gama, 1.º marquez de Niza.

Mal imaginava eu que na occasião venturosa em que ia vêr com religioso respeito e patriotica admiração os restos mortaes do illustre e afamado Argonauta D. Vasco de Gama, me estivesse reservado o sensivel e dolorosissimo golpe de presenciar o acto do vandalismo mais barbaro, que entre homens civilisados se tem commettido! A indignação foi n'este caso egual á vergonha, ao considerar que portuguezes desnaturados se arrojassem ferozes e estupidos a profanar o jazigo d'um grande homem, talvez sómente para despojarem o seu cadaver de alguma joia de valor, que com elle tivesse sido encerrada no tumulo!

E comtudo assim havia succedido! Duas das pedras que cobrem a sepultura foram arrancadas, para darem entrada para o jazigo do Heroe a monstros, que não se horrorisaram de devassar aquelle logar sagrado, despedaçar o ataude, roubar alguma cousa de preço, e quebrar alguns dos venerandos ossos do Magnanimo Descobridor das Indias Orientaes!

Este crime, que não tem qualificação nas linguas humanas, foi perpetrado no anno de 1840, segundo me informaram o Administrador do concelho da Vidigueira, e outras pessoas da mesma villa. Perguntei como pôde fazer-se isto, qual procedimento se tomára em tal occasião, ou como passou inobservado um facto de tal escandalo... e ninguem soube dizer-me uma só palavra; d'onde conclui que ninguem n'essa epocha deu a este caso a importancia que merece, e que por outro lado o vandalismo dos malvados só foi egualado pelo indolente descuido de quem devia vigiar pela conservação de tão precioso monumento.

Penetrado de profundo horror e de pungente tristeza, mandei immediatamente lavrar um auto pelo administrador do concelho, no qual se lançasse a noticia do que se encontrou, e é o que acompanha por copia este officio. Em seguimento ordenei ao mesmo funccionario que mandasse egualmente collocar bem as duas pedras que haviam sido deslocadas e intimasse o proprietario actual da igreja que não deixe alli entrar ninguem até que eu possa dar as providencias necessarias.

Passarei agora a satisfazer á ultima parte das ordens que V. Ex.ª me transmittiu.

Parece me que o governo deverá auctorisar-me para mandar fazer um cofre onde sejam encerrados os ossos que n'aquella sepultura se encontram, devendo na occasião do encerramento assistir um facultativo, para verificar se os ditos ossos são todos pertencentes a um só cadaver, ou se ha entre elles algum estranho, visto como a sepultura foi arrombada, e se encontra alli um pedaço de craneo, que parece ser de outro cadaver.

Uma vez mettidos os ossos em um cofre, devem ser remettidos para Lisboa, á disposição do governo, para se lhes dar o destino que o Abbade Castro recommenda; e como seja bem entendido que tão venerandos despojos sejam acompanhados com toda a decencia e acatamento, parece-me que eu e o governador do Bispado, juntamente com alguns cavalheiros de Beja, os acompanhemos até Alcacer do Sal, onde o governo poderá mandar uma embarcação para os receb r e transportar a Lisboa. Se este, ou outro qualquer plano fôr adoptado, convém que o governo me auctorise para fazer as despezas que dentro dos limites da maior economia forem indispensaveis, para dar a este acto o lustre e apparato que elle demanda, como sendo relativo a um dos portuguezes mais afamados.»

O 2.º documento tem a data de 18 de outubro de 1845.

Para o Ministro do Reino. — Repartição central. — N.º 61. — «Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. — No anno de 1792, sendo corregedor da comarca de Ourique, Jacinto Paes de Mendonça, foi mandado levantar na Villa de Castro Verde um Monumento em memoria da famosa batalha, que o Senhor D. Affonso Henriques pelejou contra os mouros n'aquelles sitios em 1139.

Este Monumento, erigido sob a inspecção do dito corregedor por ordem do governo, e custeado pela Repartição do Cofre das Sizas, consistia em uma pyramide, coroada por uma Coroa Real, tudo de marmore azulado, primorosamente lavrado, e tinha no centro o busto da Senhora D Maria Primeira, e nas faces do pedestal dois dysticos em latim, e um em portuguez, alludindo os primeiros aos acontecimentos relativos á memoravel batalha do Campo de Ourique.

Desgraçadamente porém um horrivel furacão derribou este Monumento no dia 7 de dezembro de 1801, quebrando se a pyramide logo por cima da base. O busto da Senhora D. Maria Primeira não soffreu desastre, e a camara de Castro o fez collocar na sala de suas sessões, onde hoje se conserva em bom estado.

Parece-me conveniente á gloria nacional que um tal Monumento seja reconstruido, não só porque uma illustre soberana o mandou erigir, mas tambem porque attesta elle a estimação em que os Portuguezes teem os nobres feitos dos seus maiores, e com muita particularidade os que se enlaçam com o berço da nossa monarchia. E tanto mais ouso afoutamente enunciar este pensamento, quanto a despeza necessaria para a dita reconstrucção não poderá exceder a 300$000 réis.

A Villa de Cast o Verde é notavel por ser nos seus campos (em S. Pedro das Cabeças) que se pelejou a memoravel batalha a que acima alludi já; e hoje está ella ennobrecida com dois formosos templos, que podem considerar-se como outros tantos monumentos, pois que no primeiro d'elles, com a denominação de Egreja das Chagas do Salvador, tanto nas paredes como no tecto *estão representados em pintura* todos os trechos mais poeticos que a tradição tem transmittido ácerca d'aquelle famoso acontecimento: e no segundo são reproduzidos os mesmos acontecimentos em *magnificos desenhos sobre azulejos*. Esta segunda Egreja é a matriz d'aquella Villa.

Parece-me que interessa ao governo fazer cuidar mui attentamente da conservação dos dois templos, applicando-se para um tão louvavel e interessante fim alguma somma annual, segundo o que se julgar necessario em presença de um exame minucioso, feito por pessoas competentes. O ultimo dos Filippes, que reinaram em Portugal, tinha applicado para as obras da Egreja das Chagas do Salvador o rendimento do Terradego da Feira de Castro, por provisão de 1619, cujo rendimento foi effectivamente cobrado até á extincção d'quelle imposto.»

3.º documento, 25 de outubro de 1845.

Para o Ministro do Reino. — Repartição central. — N.º 63. — «Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. — Sabendo eu o quanto o illustrado governo de Sua Magestade toma a peito a conservação de todos os monumentos, que nos differentes pontos de Portugal recordam a gloria de nossos maiores, perpetuam a memoria de assignalados feitos, ou revelam a grandeza, magnificencia e sublime gosto de quem os mandou erigir: dou-me por obrigado a offerecer á consideração de V. Ex.ª algumas ponderações ácerca da grandiosa e soberba Torre, denominada da *Homenagem*, que n'esta cidade de Beja attrahe a admiração dos viajantes.

Esta primorosa fabrica é obra do immortal Senhor Rei D. Diniz, e um formoso padrão da grandeza de animo d'aquelle Monarcha illustre, a quem o Reino, e em particular esta cidade de Beja deve tantos cuidados e beneficios. Um grande numero de vezes visitou o Rei Lavrador a cidade de Beja, onde n'outras eras esteve Julio Cesar, e assentou pazes com os Lusitanos, de cujo acontecimento proveiu á

cidade o nome de *Pax Julia*. Em uma pois das vezes que D. Diniz esteve em Beja mandou levantar a dita Torre de Homenagem. Eis como ella vem descripta em um livro manuscripto que tenho presente, e se intitula *Historia das antiguidades de Beja.*

«É esta uma grande fabrica de cantaria marmore, em a qual com a grande altura compete o primor da architectura. Por quanto aquella é de 220 palmos craveiros, desde o fim do parapeito da varanda, que se vê em todo simo da Torre, até ao pavimento em que se acha fundada a mesma Torre. E esta é ornada com todo o primor da architectura no seu artificio. Tem em si esta fabrica duas grandes sallas, a primeira das quaes tem quarenta palmos e meio quadrados; e a segunda trinta e quatro e meio, com tres janellas. Tem mais outra salla de menor grandeza, da qual se entra para uma bella varanda, que como ameya rodêa a mesma Torre, quasi em todo o simo, ornada com seus pilares do mesmo marmore, tendo nos cantos varias seteiras, proprias para n'aquelles antigos tempos se lançarem pedras e materiaes ardentes sobre os inimigos, segundo a fórma de pelejar dos mesmos tempos. E no fim da maior altura se encontra como remate d'esta grande obra um espaçoso mirante, do qual se descobrem povoações a mui grande distancia; o convento de Palmella, a Serra da Arrabida, e outras eminencias distantes se avistam sem oculo perfeitamente. Sobe-se a toda essa eminencia por uma grande escada em fórma de caracol, a qual consta de 143 degráos do mesmo marmore, a que ainda crescem separados outros 11 degráos de outra escada, que principia na varanda, que circula a Torre, e acaba no mirante.»

Esta descripção é exacta, e demonstra só de per si a necessidade de conservar com o mais escrupuloso cuidado aquelle monumento, obra prima no seu genero, recommendavel por ser feitura d'um grande Rei, tão caro á memoria dos Portuguezes; e não menos interessante pela sua antiguidade, e pelo aformoseamento que dá a esta cidade.

Mas o tempo tem feito alguns estragos n'esta Torre; alguns raios teem derribado pedras, e aberto fendas, que pouco e pouco a podem fazer alluir. E é por isto que eu ouso lembrar a conveniencia de se lhe acudir promptamente com os reparos necessarios, os quaes por emquanto não demandam consideravel despeza, e muito concorrerão para conservar a primorosa fabrica em toda a sua belleza e perfeição; parecendo-me indispensavel que tambem seja collocado alli um conductor electrico, em consequencia de que, estando a Torre assentada em uma grande eminencia, e erguendo-se acima da sua base até uma extraordinaria altura, está sobremaneira exposta aos funestos e desastrosos effeitos dos raios.

Se a camara municipal de Beja tivera assás de rendimentos, atrevera-me eu a inculcar que ella se incumbisse da conservação de uma obra que dá um certo realce á cidade; como porém sei que os seus rendimentos são demasiadamente escassos, julgo que será indispensavel que pelo ministerio da guerra, a cargo de cuja Repartição está a Torre, se façam as despezas indicadas, e se continue pelo decurso dos tempos a prover á sua conservação.

Pareceu-me ser do meu dever chamar a attenção do governo sobre este assumpto; assim o fiz, esperando ser relevado de haver assim abusado da paciencia de V. Ex.ª»

ALGUMAS NOTICIAS PARA A DESCRIPÇÃO HISTORICA DO LOGAR E FREGUEZIA DE ALCAINÇA

(Continuação do n.º 2)

A egreja parochial de S. Miguel de Alcainça está, como já se disse, situada ao fundo do logar proxima da estrada districtal, que conduz a Mafra.

A egreja é bem antiga, certamente do seculo XII ou XIII, não apresentando todavia exteriormente vestigios da sua primitiva construcção; pois que as reconstrucções e ampliação em diversas epochas tudo alteraram. Está edificada em uma elevação do terreno com a frontaria ao poente, tendo em redor um grande adro fechado com muro, no qual se encontra um portão com grade de ferro fronteiro á porta principal da entrada para a egreja, e nos humbraes de pedra d'este portão está indicada a epocha da construcção do muro e do portão, lendo-se no humbral do lado do norte ANNO, e no do sul 1882.

Em um recinto do adro, junto á egreja pelo sul, e fechado com um outro muro e dois portões, está o cemiterio da freguezia. A entrada principal é voltada ao poente, e sobre o muro d'este lado está uma cruz de pedra e uma lapida com o symbolo da morte em relevo e a inscripção:

EM 1851 A JUNTA EDEFICOU ESTE CEMITERIO
E EM 1862 A CAMARA O CONCLUIO.

A egreja teve uma alpendrada, que occupava o espaço desde a parede da capella do cruzeiro lado do norte, frente, e fechava na parede da outra capella fronteira do cruzeiro do lado do sul. A alpendrada foi destruida, para a reconstrucção e ampliação a que procederam em 1864, sendo então accrescentada a egreja, e feita a actual torre na frontaria para o lado do norte, e no espaço do alpendre d'este lado fez-se tambem o corredor e escada, que communicam para o côro e torre.

A frontaria está voltada ao poente, e tem uma janella sobre a qual está marcada a epocha da obra 1864, e uma só porta principal, e tem na parede do norte uma porta, que communica com o corredor do côro, na do sul outra porta que dá para o corpo da egreja, e outra na parede do nascente que dá serventia para uma sacristia ao lado norte da capella-mór, tendo ainda outra sacristia no vão da capella-mór e cruzeiro para o lado do sul, e duas janellas nas paredes norte e sul das capellas do cruzeiro.

Todas as portas e janellas são de fórma rectangular, e da reconstrucção effectuada no seculo decimo setimo, no periodo de 1624 a 1663, como depois se verá, sendo de crer que, na primitiva, tivessem sido de ogiva.

A torre tem quatro ventanas, sendo uma em cada face, e dois sinos, um já antigo da egreja sem legenda alguma, e outro o maior, adquirido por compra depois das obras. Este sino tem no meio em relevo a imagem da Virgem e na borda DEDICADO * A N * S * DASsVMPCAO * LVIS GOMES DE OLIVEIRA * ME FES * ANNO DE1724.

Foi comprado pela junta de parochia de Alcainça á junta de parochia da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção de Loures. Era o sino, que dava as horas do relogio, estava collocado fóra da torre da egreja, e com a sua transferencia deram-se circumstancias dignas de serem mencionadas: o povo de Loures não queria, que o sino fosse tirado da egreja, o de Alcainça protestava, que tinha sido comprado, e havia de seguir ao seu destino; n'esta exaltação de espiritos foi chamado o presidente da junta vendedora, individuo de consideração em Loures, o qual com difficuldade consegue serenar um pouco os animos, determinando, que o sino fosse tirado e entregue, porque estava vendido; então os homens de Loures deliberam entre si, nenhum trabalhar ou ajudar, nem ministrar os apreslos necessarios para o tirar e fazer descer; os de Alcainça vêem-se em serios embaraços; mas como nas grandes crises é que se manifestam os actos de resolução e coragem, vencem os obstaculos servindo-se de cordas, e á força de braços conseguiram tirar o sino, descel-o e collocal-o sobre o carro, que o devia transportar, e todo este trabalho foi vencido sob uma vozearia de imprecações, taes como «de que ao tirar o sino cahisse e se fizesse em pedaços, matando as pessoas, que em baixo estavam» etc.; as mulheres tomaram tambem parte n'este conflicto, e quando o carreiro contente chamava os bois, que puxavam o carro, em que ía o sino já collocado, eram ellas então que gritavam em despedida que «o primeiro toque que fizesse, fosse o dobre de finados por elle carreiro.»

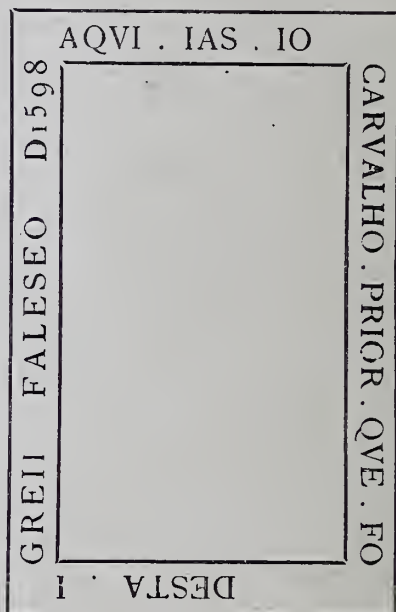
O sino lá está no seu posto, e se tange, pedindo orações pelos que passaram d'esta vida, tambem sôa alegremente chamando o povo ás festividades.

A egreja é de uma nave e de pequenas dimensões; mede interiormente 16^m,10 de comprido, desde as humbreiras da porta principal até ao arco da capella-mór, e de largura na nave 4^m,40. A capella-mór tem 4 metros de fundo por egual medida de largura. O cruzeiro tem 11^m,70, tendo a capella do norte de fundo 3^m,45 e a do sul 3^m,85, e de largura 3^m,30.

Na primitiva tinha toda a egreja de comprimento interior 14^m,10, na ampliação feita em 1864 foi accrescentada 6 metros na frente, pelo que actualmente mede toda 20^m,10.

No espaço augmentado se fez o côro, e do lado esquerdo no vão da torre é a capella baptismal sem nada de notavel, a pia de pedra simples sem lavores.

Tem a egreja tres altares, o da capella-mór e dois no cruzeiro. No altar da capella-mór estão o Sacrario e as imagens do padroeiro S. Miguel e S. Sebastião.

N'esta capella estão duas portas, que communicam com as sacristias, e no centro existe uma lagea sepulchral, tendo a seguinte inscripção:

Esta campa está quebrada, motivo porque lhe faltam lettras, que deviam completar alguns termos da inscripção.

A nave não tem altares, e tem um só pulpito do lado esquerdo. As duas paredes estão forradas de vistosos azulejos do seculo decimo setimo, nas tres côres branca, azul e amarella, representando folhagens entrelaçadas; mas sómente na parte antiga, a parte das paredes accrescentada está pintada.

Na nave existem as quatro pedras antigas circulares, com as cruzes da sagração da primitiva egreja.

Todo o pavimento da nave e das duas capellas do cruzeiro foi sobradado na occasião das obras da ampliação feita em 1864, ficando assim cobertas as lageas das sepulturas.

O arco cruzeiro da capella mór é da reconstrucção do seculo decimo setimo e de volta inteira, os arcos das capellas do cruzeiro são ogivaes. O tecto da egreja e capellas é feito de madeira. Os altares das capellas do cruzeiro estão collocados de face parallela ao da capella mór.

Na capella do lado do norte é o altar dedicado a Nossa Senhora do Rosario, e tem mais as imagens de S. Sebastião e Santo Amaro.

Ha n'esta capella uma porta, que dá passagem para o pulpito e para o corredor, escada do côro e torre.

A capella do cruzeiro do lado do sul é da invocação de S. Silvestre, e no altar está tambem uma imagem de Santa Rita.

É esta a capella instituida pelo padre Vicente Annes Froes, prior de Santa Maria de Cheleiros, em cumprimento das suas disposições testamentarias de 31 de março de 1363, para n'ella ser sepultado junto a seu pae.

Ao fundo da capella estão os dois tumulos de pedra lisos, sem lavores nem inscripções. Alli deverão existir os ossos do instituidor e de seu pae Joanne Annes Froes.

Para o cumprimento dos encargos d'esta capella deixou o instituidor bens importantes, os quaes foram por diversos administradores sobnegados, aforados e alguns vendidos, como já se disse, pelo que el-rei D. Manuel mandou, em 1498 e 1499, fazer tombo de todos os bens como bens da corôa, e depois el-rei D. Filippe II, pelo alvará de 4 de outubro de 1619, ordenou, que se procedesse a novo tombo, comparado nas medições e confrontações ás verbas do outro antigo, ficando exarado na sentença de 30 de setembro de 1624, que fossem mencionadas na descripção dos bens as verbas do tombo velho e do tombo novo.

N'esta sentença os juizes executores determinaram os encargos que, os administradores, aos quaes el-rei fizesse mercê da capella, deviam cumprir; pois que na instituição além da capellania, anniversarios e lampada, o instituidor mandava que «o al que ficar despendão por onde uirem seia serviço de Deos e prol da minha alma» não declarando coisa certa, se entendia ser em obras pias, para o que era necessario prover de maneira, que se cumprisse; e portanto mandaram que os dois capellães, um da instituição do morgado da quinta do Arneiro, e o outro da instituição da capella, dissessem as missas em cada dia, sahindo com agua benta sobre a sepultura, rezassem as horas canonicas e anniversarios, lampada accesa e ornamentos, e no dia de finados officio por alma do instituidor, e que na egreja se dispendessem pelo menos quarenta alqueires de trigo a pobres e seis vestidos de burel, como o instituidor em outra disposição ordenava, que se fizesse, e para ajuda do dote de algumas moças honestas pobres do termo, e com os doentes e outros pobres necessitados, o que tudo se deveria fazer em livro e rol certo das despezas, para o administrador dar conta todos os annos, e porque a instituição mandava que se dessem trinta soldos ao prior de Alcainça, por ter o cuidado de fazer cumprir os encargos, e na falta de administrador elle os cumprisse, ordenaram, que o prior os houvesse, fazendo cumprir os ditos encargos e as lembranças necessarias dos pobres.

E como na capella existia um lettreiro, ordenado pelo tombo antigo, não declarando as obrigações da applicação do resto em obras pias, mandaram os juizes que se pozesse outro pela seguinte forma:

«Vicente Annes Frois Prior de Chileiros instituyo esta capella anno de mil quatro centos e hum com obrigação de capellão perpetuo, tres anniuersarios, alampada, e o resto em obras pias, e deixou mais encargo de outro capellão sobre a quinta do Arneiro que rezem suas horas na Igreja na forma declarada no tombo que está na torre do tombo uagarão para a Coroa feita esta lembrança em mil seis centos vinte e quatro.»

Procedendo-se ao tombo de todos os bens da instituição na conformidade da citada sentença, foi a capella de S. Silvestre, a primeira verba do tombo novo, assim descripta:

«Primeiramente se medio o corpo da capella de São Siluestre sita na Igreja de São Miguel de Alcainça a qual está á parte direita da banda da porta trauessa da banda do meyo dia, e tem de comprimento sinco uaras, e meya que forão medidas de huma pedra que está á pia dagoa benta da porta trauessa até a parede do cruzeiro, na qual medição entra tambem a largura da parede, e de largo com a parede para a parte do adro quatro uaras esforçadas que he da banda do meyo dia, e achouse ter a dita capella duas sepulturas antiguas encostadas á parede da banda do adro, e do meyo dia que parecião jazigos, e na parede pegado ao retabolo da parte direita a banda donde se diz a epistola estar hum letreiro de letra antigua que se não podia ler claramente, no meyo do cruzeiro ao pee do degrao está huma sepultura com huma campa com suas armas, que são hum escudo com sinco azas em sima do escudo huma aue com suas flores, e huma meya lua á parte do sul, e está assentada ás auessas, e tem hum letreiro pegado ao degrao do cruzeiro cujo treslado he o seguinte:

Esta sepultura he de Bertolameu dabreu, e seus herdeiros Prior que foi desta Igreja de São Miguel, e de São Gião do tojal, e perpetuo capellão desta capella de São Siluestre filho que foi de Diogo dabreu Prior que foi das mesmas Igrejas, e capellão faleceo dia do Spirito Sancto a 2 dias do mez de junho do anno de 1560.»

As medidas descriptas são exactas ás que se verificam actualmente. A lagea da sepultura de Bartholomeu de Abreu e seus herdeiros está coberta

pelo sobrado, e o lettreiro de lettra antiga, que se não podia ler claramente, foi coberto pelos azulejos, florões em azul sobre fundo branco, de que as paredes da capella estão vestidas.

A lapida dos encargos, que os juizes na sentença de 30 de setembro de 1624 ordenaram que se pozesse, não foi collocada; esta circumstancia e o desapparecimento da inscripção em letra antiga, indicam que, depois da sentença e formação do tombo novo, o administrador ou administradores procederam a importantes obras na egreja entre os annos de 1624 a 1663, e seria então que, desappareceram os arcos ogivaes das portas e janellas, e foram azulejadas as paredes da egreja, sendo eguaes os azulejos da nave. capella-mór e capella de Nossa Senhora do Rosario.

Os arcos de ponto subido das capellas do cruzeiro tambem são forrados de azulejos, vendo-se nas curvaturas do arco da capella de S. Silvestre, pintadas no azulejo, as pequenas imagens de S. SILVESTRE e S. FRANCISCO, e no vertice o Espirito Santo. Notando-se que, já anteriormente, esta capella era, até pequena altura, forrada de azulejos de relevo, dos quaes ainda restam alguns no angulo da capella proximo ao altar e junto ao tumulo.

Em 1663 é que foi collocada a lapida dos encargos, e lá existe na parede fronteira ao altar, com a seguinte inscripção:

UICENTE ANNES FROIS PRIOR DE CHILEIROS INT.^{o}
ESTA CAP.^{A} ANNO DE = 1401.
COM OBRIGASÃO DECAPPA.^{M} PERPETVO, TRES ANNIVERSARIOS, HUM OFF.^{o} POR DIA DOSS.^{TOS} EM QVE SEDARÃO 40 ALQUEIRES DE TRIGO APOBRES, ORESTO EMOBRAS PIAS, VESTIR SEIS POBRES DEBVREL, EP.^{A} AJVDA DODOTE DEALGUMAS MOSAS HONESTAS POBRES DOTR.^{o} 5 ATÉ 8 MILREIS, E COMDOENTES EMSUAS MEZINHAS, ALÃPADA ACEZA OQVE TVDO FARÃO PORLIVRO P.^{A} NELE DAREM CONTA. O PRIOR HAVERÁ 1500 R.^{S} PORFAZER CVMPRIR ALEMBR.^{A} DASNECED.^{ES} DOSPOBRES EOADMINISTRADOR HAVERÁ 10 MIL R.^{S} E HAVERA OTRO CAP.^{AM} SOBRE AQVINTA DOARNEIRO, QVE REZEM ASHORAS NAIGR.^{A} VAGARÃO P.^{A} ACOROA = CONSTA DATORE DO TM.^{o}
ANNO DE 1663

A epocha indicada na inscripção está errada, porque tambem erraram os juizes na sentença de 30 de setembro de 1624, quando designaram que, a capella tinha sido instituida no ANNO de 1401; pois o ultimo testamento de Vicente Annes Froes, pelo qual se fez a instituição, é de 31 de março da ERA (de Cesar Augusto) de 1401, que corresponde ao ANNO (do nascimento de N. S. Jesus Christo) de 1363.

Do cartorio antigo da freguezia existe um livro de assentos de baptismo, sendo o primeiro de 9 de janeiro de 1600.

Estão archivados tambem os livros de irmandades: Santissimo Nome de Jesus, de 27 de setembro de 1741. Compromisso da irmandade do SS. de 8 de julho de 1747. Almas, 22 de setembro de 1754. Irmandade do Santissimo Sacramento, de 19 de julho de 1757. Além d'estas irmandades houve tambem a de Nossa Senhora do Rosario, e a de Nossa Senhora da Paz.

Estas irmandades já não existem, e as obrigações da irmandade do SS. fabriqueira estão a cargo da junta de parochia, que é pobre.

A parochia tinha passal, que foi incluido nos bens nacionaes, e annunciada a venda da parte rustica pela *Lista* n.º 6:700, em 17 de outubro de 1889, e foram arrematadas pela quantia de réis 350$100 as tres terras de que se compunha o passal, denominadas quinta de cima, quinta de baixo e terra da cruz, ficando a casa e um quintal para residencia dos parochos.

Ha no logar de Alcainça uma ermida dedicada ao Espirito Santo: de algum rendimento, de todas as alfaias e imagens tomou posse o hospital de Mafra, pelo que está como abandonada.

(Continúa)

ASCENSÃO VALDEZ.

CONSTRUCÇÕES ECONOMICAS

Na sessão de 7 de junho foi presente a seguinte proposta:

Sendo esta Real Associação composta não só de archeologos, mas tambem de architectos, e

Considerando que os trabalhos do centenario da descoberta da India devem revestir, não só um caracter de consagração nacional, mas o tracejamento de idéas de utilidade pratica;

Considerando que as classes menos favorecidas luctam com os penosos encargos dos alugueres das habitações, que teem preços excessivamente elevados, e sem condições, em geral, de salubridade;

Considerando que as sociedades cooperativas de construcção em o nosso paiz, luctam com muitas difficuldades, sendo uma d'ellas a falta de modelos de habitações economicas, o que existe n'outros paizes;

Proponho que esta Real Associação nomeie uma commissão de cinco membros, sendo tres architectos, para apresentarem na epocha do centenario da India um album de diversos typos de casas, acompanhado de um relatorio, onde a parte economica seja posta em relevo, procurando-se a forma pratica de realisar este pensamento, contribuindo assim esta associação com um trabalho verdadeiramente util.

23 de março de 1895. — O socio effectivo, *Costa Goodolphim.*

A assembléa geral elegeu para este estudo, tão interessante e de tamanho alcance, uma commissão especial que ficou composta dos socios architectos, srs. Possidonio da Silva, Valentim Corrêa, Adães Bermudes, Araujo Carvalheira, e do socio proponente, sr. Costa Goodolphim.

O MUSEU SOCIAL

A cidade de Paris possue um novo museu; em 25 de março ultimo foi a inauguração d'esse estabelecimento, que vae ter sem duvida um largo futuro e enorme influencia. Fallamos do *Museu Social*. A sociedade do Museu Social, fundada pelo conde de Chambrun, foi reconhecida de *utilidade publica* em 31 de agosto de 1894, por decreto baseado em parecer do conselho d'estado.

O novo museu está na rua Las-Cases, 5, n'um bello edificio construido propositadamente pelo generosissimo fundador.

Em 1889 fez-se na esplanada dos Invalidos uma exposição de economia social. O exito brilhante d'esta exposição de factos sociaes revelou ao publico o que muitos industriaes tinham sabido conseguir espontaneamente. Viu-se logo que instava caminhar. Elementos de *trabalho* havia; faltava o *capital* para iniciar a nova empreza. Foi o conde de Chambrun, um millionario intelligente e de coração, que resolveu o problema; offereceu, por uma vez, dois milhões de francos.

Qual o fim da *Société du Musée Social?*

Tem por fim (art. 1.° dos estatutos) fornecer gratuitamente ao publico, com informes e consultas, documentos, modelos, plantas e planos, estatutos, etc., das instituições e organisações sociaes que tem por alvo o melhorar a situação material e moral dos trabalhadores. Não admitte discussões politicas nem religiosas.

Os principaes meios (art. 2.°) são:

1.° Uma exposição permanente de economia social.

2.° Uma bibliotheca e uma sala de trabalho abertas gratuitamente.

3.° Communicação aos interessados de todas as indicações relativas ás obras sociaes.

4.° Consultas technicas sobre obras a crear, situação das existentes e modificações possiveis.

5.° Organisação de conferencias, cursos, demonstrações oraes e vulgarisação das instituições da economia social.

6.° Missões de estudo e inquerito.

7.° Publicações.

8.° Premios a trabalhos notaveis, e organisação de concursos sobre assumptos especiaes.

Art. 6.° Como a Sociedade tem dotação sufficiente, os socios não pagam quotas.

Art. 7.° O *comité* de direcção é composto de sete socios, eleitos para sete annos.

CLASSIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO MUSEU SOCIAL

Estatistica social e documentos geraes

Estatistica da população. Mortalidade. Enfermidades. Accidentes.

Exposições. Officios do trabalho. Museus sociaes.

Regime da familia

Monographias. Instrucção profissional. Aprendizagem.

A influencia da mulher. Industrias caseiras.

Regime da propriedade

Divisão da propriedade. Fórmas diversas da movel e immovel.

Transmissão da propriedade. Systemas collectivistas.

Regime geral do trabalho

Regulamentos de trabalho. Hygiene e segurança. Syndicatos industriaes e agricolas. Grupos. Greves. Arbitragem. Conciliação. Conselhos de officina e fabrica. Instituições dos patrões. Systemas socialistas.

Vida normal do trabalhador

a) I. Trabalho ás ordens. Salarios, subvenções, participação de lucros.

II. Trabalho nas cooperativas de producção.

III. O operario em casa. Industrias domesticas.

Economia e credito

b) Caixas economicas. Cooperativas de credito. Bancos populares.

c) Habitação. Moradas baratas. Cooperativas de construcção.

d) Alimentação, vestuario, illuminação, aquecimento. Cooperativas de consumo.

e) Recreios, circulos, sociedades.

f) Diversos.

Crises na vida do operario

a) Falta de trabalho. Escriptorios de collocação. Assistencia. Seguro contra a falta de trabalho.

b) Doenças. Sociedades de soccorros mutuos. Alcoolismo.

c) Accidentes. Prevenção. Attenuação. Hospitaes. Reparação, seguro contra accidentes.

d) Velhice e invalidismo. Pensões de reforma. Criação do patrimonio.

e) Morte prematura. Seguro de vida inteira, misto, de termo fixo.

f) Diversos.

Agradecemos muito reconhecidos o folheto que nos foi offerecido — *Le Musée Social.* Inauguration. Paris, Calmann Lévy, 1895.

VIDA E MILAGRES DE SANTO ANTONIO

(Excerptos de um manuscripto do seculo xv)

Cod. n.º 94 da Coll. dos mss. illuminados e preciosos da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Encadernado modernamente. Diz na lombada — Chronicas dos ministros e geraes dos frades menores.

1.ª fl., 1.ª columna. — Em nome de Deus. Começãsse as caronicas dos ministros e geraaes da ordem dos fraires menores. — Em um breve prologo se diz: — Por quamto ho recomtamemto das cousas pasadas he proueitoso pera emsinamemto dos presemtes e cautella dos que som por viir de aqny he que as cousas notauees booas e maas que em desuairados tempos sob diuersos ministros jeraaees em alguas leituras trautados e processos e coronicas achey deramadas que em na samta hordem dos fraires menores avia acomtecido. E aimda da uida dos samtos fraires buscadas em quanto pude em verdade em no seguimte liuro. —

E' uma compilação.

Tem 256 fl. de pergaminho, numeradas só na frente.

Altura 0,33; largura 0,24. Escripto em duas columnas; boa lettra, egual. Iniciaes e titulos a tinta vermelha.

Variavel o numero de linhas, 26, 30, 32 por columna.

In fine: — foy este liuro acabado em no ano de m.ᶜ l xx anos aos xiiij.º dias do mes de setembro. Deo gracias.

Este final foi augmentado, na epocha, em caraJteres menores — no oratorio de sco. athonio de villa frãca e escreueo esteue anes solteiro filho de caneesteves morador no dicto logo de uilla franca. — E segue — frey antonio de Rybeyra galego vig.º de sco. antonio de uilla franca mandou escrever este liuro. Anno do S.ᵒʳ de mil e cccc l xx. —

Isto com a assignatura — F. J.º d. P.; — isto é, frei João da Povoa, o celebre franciscano, confessor de D. João II. As tres ultimas linhas, e o accrescentamento de que fallei, são da lettra de João da Povoa.

Por consequencia, o Esteve Anes solteiro escreveu, ou acabou de escrever em 1470 o volumoso codice, copiando antigas leituras e chronicas. A escripta foi revista com attenção; ha emendas, por exemplo no milagre de Beja, que é o ultimo de Santo Antonio descripto; e por essas emendas se vê que o copista em algumas palavras alterára modernisando, e a revisão emendou para a fórma do texto mais antigo. Em geral parece redacção portugueza da segunda metade do seculo xiv. Descrevem-se muitos factos da ordem dos menores, passados fóra do reino, e muitos de Portugal.

G. PEREIRA.

Fl. 11, 2.ª col. — ... E samto antonino emtam era canonico em aquelle moesteiro de samta cruz. E era chamado fernam martiz. E cobiçamdo e auemdo desejo de marteiro a exemplo de aquestes sanctos fraires que forom marterezados em marrocos, emtrou em aquesta hordem dos fraires menorees aos vimte e cimquo anos de sua ydade e uiueo dez anos em na hordem e foy comprido de tamta samtidade e claro em doutrina e milagres e asy acabou em na hordem. Dos quaaes millagres alguns se poeem ajusso que em na sua mayor leitura som spritus.

Fl. 89, col. 2.ª — Aquy sse contem alguuas coussas notauees e milagros do bem auemturado Samto amtonio naturall da cidade de lixboa.

Como Samto amtonio pregasse em Arimyo onde moraua grande copia de hereges despumtando comtra os errores delles cobiçaua tragerllos ao lume da uerdade. Mais elles fectos asy como pedras por la austinaçom ou emdurecimento nom solamente consentirom aas palauras de samto antonio. Mais de todo em todo menos preçarom de ouuirlas. E samto amtonio por espiraçom de Deus. achegousse hum dia aa foz de huum rio homde emtraua o mar. E começou em maneira de pregaçom de chamar aos peixes da parte de ds. dizemdo Oo pexees do mar e do rio ouuide a palaura do Senor. Pois que os infiees menospreçom de a ouuir. E logo aquella ora se ajumtarom deante samto amtonio tamanha multidom de peixes grandes e pequenos, que numca em aquelas partidas forom vistos em huum tamta multidoem de pexes. E tinham todos as cabeças em cima da agoa. E aly veriades os pexees gramdes chegarse aos menores. E os menores pasar pacificamente so as aas dos grandes e estar quedos so ellas. E ueriades aly deuersas semelhanças de pe(i)xees e cada hum recorer e achegarsse aos seos semelhaues. E estamdo asy como esta o campo hordenado e pintado com deversidade de collores e de feguras, que he aformosemtado marauilhosamente. E asy estauam hordenados os pe(i)xes amte a face de samto antonyo. E ueriades aly aas companhas dos pe(i)xees grandes asy como aazes hordenadas

de caualeiros tomar lugares pera ouujr a pregaçom. E os peixes meaaos tomar os meãos lugares. E assy como emsinados de deus estar em seus lugares sem trocamento. E aly veriades grande multidoem de peixes pequenos achegarsse mais acerca a Santo Antonyo. asy como seu defendedor. que se hiam a elle asy como os pelegrinos vaao a indolgemcia. Assy que em aquela pregaçam hordenada do ceeo estauam em na agua mais baixa os pexes mais pequenos. E mais adiamte comtra o maar os pe(i)xes meaños. E os mayores pexes estauam mais adiamte honde a agoa era mais alta. E todos estauam deamte de sancto amtonyo. E elles asy hordenados começou santo antonio de pregar solempnemente Dizemdo Irmaaos meus pe(i)xes muyto sodes theudos em vosa maneira de cantar e dar graças a deus nosso criador, o qual vos deu por morada tam nobre elamento. Asy que tenhades agoas doces e salgadas segundo que auedes mester. Outrossy por que vos deu muitos acolhimentos pera que fugades aos perigoos das tempestades. Outrossy vos deu sobre todo esto. elamento claro e linpo pera que uejades claramente a carreira por omde andedes e manjares que comades. E esso meesmo o criador vos aministra viandas necesarias por que possades viuer. Outrosy vos ouuestes por beençom de Deus mandamento de ser acrecemtados em no criamento do mundo. Outrosy em no deluuio todalas alimarias que estauam fora da arca perecerom mais vos outros sem dapno e aleigom fostes guardados, mais que todalas outras alimarias. Vos outros sodes afeitados com aas e esforçados com vertude. E andades a huua parte e a outra assy como vos apraz. A vos outros foy dado mandamento de guardar a Jonnas propheta do Senor. E despois do terceiro dia poello em na terra. e vos destes. auer. a nosso Sor. Jhu xpo quamdo elle asy como pobre nom tinha domde pagasse o dnrr.° do tributo. Vos amte de resurreiçom e depois fostes mangar (manjar) do Rey perdurauell. Por as quaaes cousas todas vos sodes muyto obrigados de louuar e bemdizer ao senor. do quaall recebestes tamtos dooes tam singulares sobre todas as outras alimarias. E a estas palauras e semelhauees amoestamentos alguns pexes dauam vozes e outros abriam as bocas e outros emcrinauam as cabeças louuando ao Senhor com os sinaaes que podiam. E a esta reverencia dos pexes alegrousse Samto amtonio em no spritu. E clamando com voz muy alta. dizia. Bemdicto seja Deus pera sempre ca mais homrra dan a Deus os pe(i)xes das agoas que nom os homees hereges. E milhor ouuem as bestas que nom am razom a pregaçom que nom os Infiees em na fee. E quamto samto amtonio pregaua mais tamto mais crecia a multidom dos pexes. E nom se partiam nehuns dos lugares que auiam tomados. Do quall milagre se ajumtou o poboo todo da cidade. e tambem os dictos hereges. E forom homde estaua Samto antonio. E veemdo o milagre tam marauilhosso. e nom acostumado pongidos em no coraçom asemtaromsse todos aos pees de samto antonio e rogaromlhe que lhes pregasse. E emtan abrio sua boca samto amtonio e pregou tam marauilhosamente da ffe catolica que comuenceu todollos ereges que hi estauam. E enuiou aos fiees em na fee com gramde prazer e beemçam. E os peixes dada lecemça de samto antonio como gozandosse e alegrandose com muytas graças e imclinaçam das cabeças foromsse a diversas partes do mar. E pregamdo aly samto amtonio por muitos dias fez muy gramde fruito convertemdo aos hereges e comfirmandos em na samta fee catollica.

Fl. 101 v., col. 2.ª — Do pasamento do sancto padre antonio e dos annos da sua vida quamtos forom.

Depois como samto antonio ouuese fartado o poboo de padua com o pasto da palaura de Deus por toda aquela coreesma ataa a cimquoesma porque sse achegaua o tempo de segar as meses pasousse daly a huum lugar apartado. que he dicto o campo de sam pedro porque em aquelle tempo. emtremeo das vagaçoões se desse mais proueitosamente a oraçom e ao estudo da samta spritura. E auia aly huum amigo espiciall dos fraires. ho qual mantinha aos fraires das suas proprias despesas. E este recebeo a samto amtonio com gramde deuaçom, asy como se fosse anjo emuiado de Deus. E a pedimento seu fez fazer tres celas em huum lugar de montanha. de ramos de muitas aruores. Em nas quaes cellas se desse mais folgamente aa oraçom. e comtenplaçom. E outros dous companheiros seus barooes muy perfectos. s. frey lucas e frey rogeiro. Mais depois de pouco tenpo faleceromlhe as forças do corpo. E por emde fezolhe leuar ao comuemto de padua. Mais vijmdo a elle muy muyta gemte o seruo do senor fogia aas taaes homrras e alegria. E poremde mudouse de aly ao lugar dos fraires seruidores em nos oficios deuinaaes e sacramentos das donas pobres, as quaees morauam em huum moesteiro fora da cidade de padua. E aly acrecemtandollhe a emfirmidade depois que ouue dito palauras de hedificaçom e fectos sinaaes de deuaçom Aquella alma muy Samta pasou de aqueste mumdo a Deus padre. E forom todollos anos de sua vida em esta guisa. El viueo em casa de seu padre quinze aanos. Em no moesteiro de sam Vicente que he na cidade de lixboa dous anos. Em no moesteiro de samta cruz de coimbra noue anos. E depois mais em na hordem de sam francisco dez anos e muito esclarecido por milagres e por muitos sinaaes acabou bem auenturadamente.

Fl. 103, col. 2.ª — Milagre que sse acomteceo em lixboa cidade de purtugall de huum moço.

Em aquela cidade de lixboa huum moço por nome chamado parusio (Apparicio). O quall era da linhagem e parantesco de samto amtonio. foy sse aa Ribeira do mar com outros companheiros. E posseromsse em huua barcazinha por maneira de espaçar. E foy logo aquela barquinha mouida de huma tempestade. E com o empuxamento areuatado dos vemtos que faziam leuamtou aas ondas do mar e foy somergulhada em no mar aquella barcazinha. E os outros que auiam emtrado em ela com o moço eram de mayor hidade. E porque saviam a arte de nadar escaparom. E soo aquelle moço parusio asy como pedra pesada foy logo fondido em no mar. e logo afogado. E ouuindo sua madre aquello. foisse aa ribeira do maar dando grandes uozes e choramdo. E rogou aos pescadores com gramdes rogos que lhe tijrasem com aas redes huum filho que lhe aly afogara o maar. por tall que o vise. E fezesse soterrar. E eles lamçando aas redes em no maar percalçaromno e tirarano fora e deramno a sua madre triste. que estaua desejossa de o veer. E os parentes e os amigos acudirom logo aly chorosos. e leuarom logo o moço a casa de sua madre. E por tall que lamçassem fora aas agoas que auia bebido, alçaromlhe as pernas pera riba e volveromlhe a cabeça avaixo. Mais elle nom auia em sy voz nem alguum sinal de uida. E como elles detriminasem comuumente de lhe dar sopultura o dia seguimte. Avemdo feuza sua madre em no Senhor. e em no bem auemturado sancto amtonjo. nom no comsentia em nenhuua guisa Mais chamaua muy deuotamente com vozes a samto amtonio, prometendo firmimente que se seu filho resucitasse que ella o daria aa ordem. E no terceiro dia. veemdo todos os que eram presemtes. leuamtouse aquelle que era morto e reuiueeo. Por o quall milagre todos derom muitos louuores a Deus e a samto amtonio. E a madre d'aquelle moço. nom oluidando o uoto que fezera, quamdo o moço foy em mayor hidade liuremente o deu aa hordem de sam framcisco. O quall fazendo amtre os fraires comversaçom resplamdecente, comtou depois aos fraires aas coussas marauilhosas que Deus auja a elle fecto por o bemauenturado samto amtonio.

Fl. 105, 2.ª col. — Millagre de huum sobrinho de samto amtonio que foy resucitado.

Em na cidade de lixboa. huum filho de huma irmaa de samto antonio que aueria cimquo anos. Indo a folgar com outros moços. aa Ribeira do mar emtrando em huma barquazinha todos. trastornousse a barqua e outros sabendo nadar sairomse a ribeira. E aquele mocinho nom sabia nadar que nom era de hidade pera ello, e afogousse. E depois de tres oras foy a madre de aquelle moço e tomou o filho morto que ho auiam tirado huuns pescadores. E o padre quiz aao emterrar. E a madre dizia. Ou me leixade com elle. Ou me emterrade com elle. e tornandosse ella a samto amtonio disselhe. Oo Irmãao meu. E sse tu aos estranhos eras piadoso. por vemtura seras cruell a tua Irmãa. Sey tu agora piadoso a mym e torname o meu filho. Ca eu te prometo de o dar a tua hordem ao seruiço de Deús. E logo se o moço leuamtou sãao e salluo. E a madre comprindo o uoto. o moço perseuerou e acabou samtamente em na hordem.

Millagre de huua filha da rainha dona tareja de purtugall.

Como hũa vegada dona aldonça filha da rainha de purtugall dona tareija fosse agrauada por tamanha infirmidade que desemparada já dos fissicos. nom quedaua algua esperamça da sua vida. E a Rainha trabalhaua sem alguum remedio de comsolaçom por a morte de sua filha Omde tornamdosse a samto amtonio demandaualhe deuotamente ha sua ajuda dizemdolhe. Acordate o padre muy samto. que tu deste regno foste nacido. Roga por mym ao senor que outorgue saude a minha filha. E a sobredicta sua filha dona aldonça dormindo hum pouco a meea noyte vyo a samto amtonio que lhe dizia. Por vemtura conhecesme. E dizemdo ella que o nom conhecia. diselhe elle. Eu sam samto amtonio o quall vijm a ty chamado polos rogos de tua madre. Onde esculhe tu hua. de duas coussas. ou pagar a diuida da carne e perdoarte a o Senor os teus pecados E a pena que te he deuida asy que seras oje commigo em paraysso. Ou se queres quedar ainda ca com tua madre Eu darteey logo saude. E ella escolheo amtes saude do corpo. E foy logo sãa. E tomando em uisom o cordam que trazia santo amtonio. Começou de chamar aa madre dando vozes. e dizemdo Senhora ex aqui estar samto amtonio O qual me a fecto sãa. E forom diger a madre. E ella hindo a uella com duas donas acharomna saa. E derom todos graças a Deus e a samto amtonio.

Fl. 114, col. 1.ª — Milagre que acomteceo em beja villa de purtugall.

Em beja huua uilla do regno de purtugall foy huum barom por nome chamado Pedro poderoso e rico. E auia tamto amor aa ordem dos fraires menores que lhes deu aly lugar pera edificar conuento. E lhes deu outrosy muitas cousas pera os edificios. E como esteuesse emfermo muy gravemente. huua noyte estamdo em sua camara. Velavam quatro fraires com outros muytos e esperauam o seu finamento. E o dicto Pedro tinha por deuaçom o auito

dos fraires menores com o quall se auia mandado emterrar. Ex que vieerom dous fraires e apareceolhe huum aa parte destra e outro aa parte seestra. E dissellies huum delles. Pedro conhecenos. E elle respomdeo conheçcuos seer fraires menores. Mais nom ey conhecimento das pessoas. E disse Eu som sam framcisco e este outro he samto amtonio. E somos emuiados a te comsolar e saar de aquesta emfirmidade por a deuaçon que tu ouueste sempre a nos. E por os beneficios que deste aos meus fraires. aquy em este comuento. E emtam aquele Pedro rogou a sam framcisquo que teuesse por bem de bemdizer o auito que el tinha sobre sy. A qual cousa fecta logo lhe desaparecerom ambos. E ell tam aginha comualeceo. que todos os que estauam presemtes forom marauilhados. E des emtam viueo ainda doze annos. E nõn tragia comsigo chaue de alguuns tesouros. Saluo a chaue da arca domde estaua aquelle avito bemdicto. Com o quall morreo depois e foy emterrado.

LAMPADA E CAPELLA DE SANTO ANTONIO

João de Sá, thesoureiro da especiaria da nossa Casa da India: Mandamos-vos que hua alampada de prata que em vosso poder é, que se fez pera Santo Antonio d'esta cidade, entregueis aos mordomos da confraria da dita casa; e cobrae d'elles conhecimento pera vossa conta, feito pelo escrivão da dita confraria e assignado por todos, com decraração do que pesa a dita alampada. — Feito em Lisboa a 18 dias de Março.— Alvaro Neto o fez.— Anno de 1518. — Rey.

No verso está o conhecimento. Diz assim:

Sejam certos os que este conhecimento virem como o bacharel João de Belonha, mordomo que ora é do bemaventurado Santo Antonio, conheceu receber de João de Sá, fidalgo da casa d'el-rei nosso Senhor e seu thesoureiro da especiaria da Casa da India, uma alampada de prata que pesou nove marcos e quatro onças e seis oitavas, a qual alampada Sua Alteza mandou fazer e entregar de esmola ao dito Santo Antonio, como se contém n'este alvará de Sua Alteza, e a mandou entregar ao mordomo do dito Santo Antonio; e, porque é verdade que o dito João de Belonha recebeu a dita alampada, como dito é, — lhe foi feito este conhecimento por mim, Estevam Gonçalves, escrivão que ora são, da capella e confraria do dito Santo, o qual dou de mim fé lh'a carregar em receipta no livro de seu recebimento d'este anno presente, e portanto lhe foi feito este conhecimento e assignado por ambos, a 23 dias de março de 1518.

João de Bolonha — Estevam Gonçalves.

Corp. chron. — 1-23-30.

«Quanto á capella que mandamos fazer em Sant'Antonio, houvemos prazer com as novas que nos d'isso enviastes; e havemos por bem que o retabulo se faça; e, pois não achaes quem o queira fazer por menos dos vinte mil réis, seja embora; e concertae com el e e seja de muito boas tintas e pintura. E a abobada, que dizeis que mandaes fazer de bardos, tambem queremos que seja pintada d'alguma boa pintura e invençom, qual vós virdes que será melhor, com conselho d'alguns pintores; — com suas chamas douradas, e assi os cordões, per partes ou todos, segundo parecer melhor; e nos campos tambem terá algum ouro, segundo virdes que será melhor. E, se algum dinheiro sobejar, depois de todo feito e acabado, seja pera ajuda de outro retabulo principal, como dizeis»

Trecho d'uma carta de D. Manuel a Garcia Moniz, thesoureiro da Moeda de Lisboa, escripta em Almeirim, a 4 de janeiro de 1514.

Corp. chronol. — I, 14-44.

Santo Antonio de Padua

Gravura portugueza que se encontra em: — *Ho Flos sanctorum em lingoagem portugues. Lixboa, per Herman de campis bombardeiro delrey. e Roberte rabelo.* 1513. *in-fol.* A fl. 243. col. 1.ª *A vida e fim do beauenturado sancto antonio de padua.* A gravura está no começo da col. 2.ª A vida do santo está entre os *extravagantes*, depois da ordem do calendario. Deve ser a 1.ª grav. do santo impr. em Portugal.

OS FRAGÕES DE S. PEDRO DE VALLE DE NOGUEIRAS

Em junho de 1880 eu estava em commissão nos archivos da Universidade de Coimbra. Pela celebração do centenario camoniano a reitoria deu uns feriados, que aproveitei fazendo uma rapida excursão a Lamego e Villa Real de Tras-os-Montes. Muito havia que tinha desejo de vêr as celebradas fragas de Panoias.

Do Porto á Regoa em ferro-via, e em *diligencia*

da Regoa a Villa Real, entre montes socalcados, vestidos dos riquissimos vinhedos já então atacados pelo phylloxera; seguindo uma estrada de macadam, n'uma poeirada de greda e schisto que deu aos pas-

ageiros um aspecto de figuras de barro antes da cosedura.

Chegado ao entardecer. Depois de varias pesquizas, encontrei um carteiro rural que partia para Constantim de Panoias no dia seguinte, cedo. Os arredores de Villa Real tem um bello aspecto; paizagem ampla e accidentada, a que o vulto severo de Marão dá um ar grandioso.

Constantim é uma villa archaica, um agrupamento de casas formadas de grandes cantos de granito pardo escuro. Tem foral do conde D. Henrique, e algumas das casas podem ser tão velhas como o foral. De Constantim á egreja da freguezia de S. Pedro de Valle de Nogueiras, por entre terras cultivadas, vinhas rasteiras, milhos e linhos.

N'um muro de cercado, proximo da egreja, vi

pedras lavradas, collocadas alli como material para encher; grandes pedras de granito dentadas, cujo uso ou applicação não é facil determinar: meia hora depois estava nos fragões de Panoias. Uma lombada alta, de grande horisonte; alguns casebres pobres por entre as grandes fragas, que estão na sua posição natural.

O aspecto é de rochedos naturaes, conservando as suas linhas irregulares, porque os lavores estão na face superior. Um dos fragões tem sua escada, escavada rudemente; sobem-se os degráos e fica-se tomado de admiração perante aquelle trabalho. Como o granito é muito denso, rijo e fino, tem conservado na sua plena nitidez arestas, cavidades e planos inclinados.

Em Argote (*Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga... escriptas pelo padre D. Jeronymo Contador de Argote, T. 1.°, Liv. II, pag. 325 e segg. Cap. VII. Da cidade de Panonias, e das antiguidades e vestigios que actualmente existem d'ella*) podem vêr-se gravuras d'estes monumentos.

As inscripções aos Deoses Severos, etc., estão nos lados de uma fraga, no extremo do grupo. Uma das fragas foi arrasada, mas ainda mostra vestigios do trabalho.

As inscripções vem em Argote e em Hubner, Corpus, p. 335. As tres pégadas de que falla Argote estão a pouca distancia das inscripções; creio que seriam apoio de estatuas.

A face superior da grande fraga onde estão as inscripções tem cavidades circulares, e poucos sulcos sem lavor algum. Esta fraga com certeza tinha um fim cultual. Nas outras nada vi que indicasse culto; creio teriam um fim industrial. Mas para que tão extraordinario trabalho? Estar a abrir cavidades, capazes de conter dois metros cubicos, em granito rijo; enormes tinas molduradas de outras cavidades menores, de pequenos planos inclinados, de sulcos perfeitissimos?

Parece-me evidente, á vista de varias circumstancias do lavor, por exemplo, series de buracos, ranhuras profundas, etc., que o trabalho feito nas fragas era acompanhado de peças moveis, grades, tampas, pequenas divisões ou comportas.

Não fará mal aventar uma conjectura. Seriam aquellas cavidades, planos inclinados e sulcos destinados á lavagem de minerios ricos, sujeitos a longos processos de successiva depuração?

A gravura representa uns desenhos que fiz na visita de algumas horas; o aspecto geral das casas e fragões no alto de Panoyas; uma planta approximada para mostrar a disposição das fragas no terreno; outra indicadora do caminho; duas pedras lavradas do muro do passal de S. Pedro.

Em um d'esses humildes casebres, uma rapariga pisava milho miudo n'um enorme gral de pedra, afunilado, com uma grande *mão* de madeira.

Como é natural, varias pessoas da localidade fizeram grupo em volta do forasteiro; e apontaram-me sitios que se avistavam onde, diziam, havia cousas muito antigas. E todos concordavam em que era no Suajo, cujas alturas se avistavam nitidamente, que havia muitas antiguidades, pedraria faciada a esmo, restos de muitas cidades.

Um mais sabedor, que andava em trabalhos de estradas, affirmava que se houvesse bom caminho para transporte, só essa pedraria bastava para pontes e supportes, casas de guarda e caneiros de todas as estradas da provincia.

Á volta passei pela casa de Matheus (Villa Real), homenagem casual ao illustre amigo dos *Lusiadas*, nota agradavel n'aquelle periodo de festa camoniana.

G. PEREIRA.

TORRE DOS COELHEIROS

Solar dos Cogominhos

É um solar digno de estudo. Fica a uns 18 kilometros a sul de Evora, campeando entre montados de azinho e sobro. Pertence hoje á casa Monfalim. A gravura representa a face norte que mostra, bem desembaraçada das construcções mais modernas, a grande torre. Na outra face segue a frontaria do palacete, renovada nos fins do seculo XVII, com suas escadas salientes que davam para jardins e hortas. N'este como em outros solares, as construcções proclamam a historia da formação do edificio; lê-se nos cunhaes a successão, a ampliação da casaria. Os primeiros Cogominhos contentaram-se com a torre; depois fizeram alas só com pavimento terreo; no começo do seculo XVI ergueram o segundo pavimento para salões.

Ha vinte annos entrei pela primeira vez no palacio da Torre dos Coelheiros.

Ninguem acudia ao meu chamado; depois ouvi uma voz de velho, em lamento; fui entrando. Em uma sala de boa proporção, as paredes forradas de azulejos em rodapé de metro e meio de alto, e sobre o rodapé, de *grisalhas*, pintadas a oleo em teia, representando scenas de caça; a uma grande chaminé de marmore branco, de elegante trabalho, estava um velho, quebrado pela edade e pelas quartans, aquecendo uma infusão qualquer n'um precioso bule de velho Japão. Mais ninguem no palacio. Em outros salões havia moveis antigos, espelhos, louças, grandes jarras de vidro, leitos armados com os tecidos cheios de pó; alguns quadros, de pouco merito artistico, mas de valor historico, or-

navam as paredes, façanhas de Cogominhos; o primeiro entregando as 5 chaves de Evora a D. Affonso Henriques. Pelos vidros quebrados das janellas entravam andorinhas, que tinham feito ninhos nos altos relevos terminaes dos tremós e das cabeceiras, na meia cana do friso; uma hera de muitos annos entrara por uma fenda e forrava pittorescamente um tecto de estuque, alto, com figuras pagãs, de nudezes graciosas. Era uma tristeza e um encanto. O velho era honesto, coitadinho; eu quiz vêr se me vendia o bule e outros objectos; a nada cedeu. Que era o guarda, guardava; mas se isto está a estragar-se? dizia eu; mas se o dono assim é que quer, ora é boa! dizia elle.

Agora não sei se resta alguma cousa; as ultimas gerações de proprietarios, creio, que nem teem sabido o caminho do velho solar. Proximo está um logarejo e uma ermida, tambem velhinha e abandonada, com algumas campas dos primeiros fidalgos, os Cogominhos, com suas espadas e lanças esculpidas ao lado do brazão das cinco chaves.

Torre dos Coelheiros

Falla-se da *Torre dos Coelheiros* n'um folheto bem curioso: — *Torre do Amor. Epithalamio nas faustissimas nupcias do senhor Diogo Xavier de Mello Cogominho, senhor da Torre dos Coelheiros, etc., com a senhora D. Maria Victoria de Moraes Moniz de Mello. Composto por Joachim Joseph Moreira de Mendonça. Lisboa, officina de Antonio da Sylva. 1747, in-4.º*

N'este folheto poetico se descreve a torre:

....
Hum excelso edificio se descobre,
....
A torre bella, que melhor se exorna
Com producções das terras portuguezas,
Unindo variedades, e grandezas.
....

Ainda no meio do seculo XVIII havia grandes festas fidalgas nos velhos solares, nas grandes propriedades ruraes. Como passou na sociedade portugueza este habito de passar uma temporada no campo? Não passou em França, na Inglaterra!

Agora vae tudo para as caldas, para as praias... que encantos nos *chalets*, nos *clubs!*

Que falta de amor, de cultura, de gosto, de tradição que isto revela!

G. Pereira.

RUINAS NA ZAMBEZIA

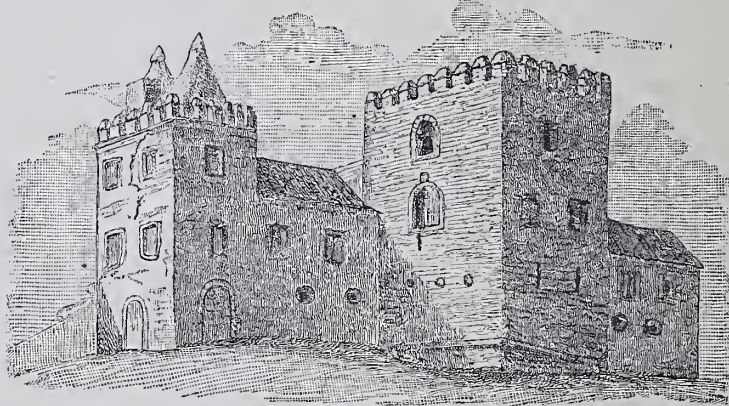
Teem chamado as attenções dos eruditos algumas publicações recentes de viajantes inglezes, a respeito dos vestigios de antiquissima civilisação encontrados na Zambezia. Nós publicamos n'este numero duas gravuras mostrando fragmentos de muralhas, que dão idéa de tão singulares construcções.

No livro de E. P. Mathers — *Zambezia, England's El Dorado in Africa,* se podem vêr outros desenhos. Ora achamos util demonstrar que auctores portuguezes de varias epocas se occuparam das ruinas e, caso notavel, trataram da sua origem, não variando muito as suas hypotheses das modernamente propostas. As muralhas são em geral construidas de pedras de granito, faciadas, de varias dimensões. Ha grossas paredes circulares, outras em linhas quebradas. Algumas das construcções attingem 160 a 180 metros de diametro. Ha uma torre perfeitamente cylindrica até certa altura, seguindo depois um cone truncado. A questão das inscripções ou lettreiros está ainda por decidir. Serão effectivamente inscripções sabéas? A ornamentação em angulos entre fiadas parallelas é bem manifesta.

Ha representação de animaes; e uma pedra circular, com cinco zonas concentricas, de saliencias semi-esphericas, que recorda alguns trabalhos prehistoricos da Europa.

Como a parte historica se não deve olvidar, reunimos aqui alguns trechos portuguezes sobre essas ruinas.

Para nós a collecção d'estes trechos demonstra que de ha muito taes vestigios mereceram attenção aos nossos viajantes illustrados, militares ou missionarios, que desvendaram aos modernos essas regiões africanas. Que os recentes viajantes politicos, commerciantes, aventureiros e caçadores nos esqueçam, não admira; mas diga-se sempre alguma cousa aos homens de sciencia, que tanto devem a este pequeno povo portuguez, que não singrou só os mares, penetrou tambem pelos sertões, sem bulha, muito antes das algumas vezes fecundas, mas frequentemente espalhafatosas viagens e explorações dos modernos aventureiros.

G. Pereira.

As antiguidades de Monomotapa nos escriptores portuguezes

1.°

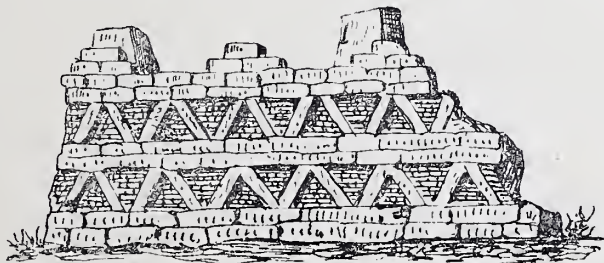
«No meio do qual está hua fortaleza quadrada toda de cantaria de dentro e de fora mui bem lavrada, de pedras de maravilhosa grandeza sem apparacer cal nas juntas della: cuja parede he de mais de vinte cinco palmos de largo, e a altura não é tão grande em respeito da largura.

E sobre a porta do qual edificio está um letreiro que alguns mouros mercadores que ali foram ter, homens doutos, não souberam ler nem dizer que letra era: e quasi em torno deste edificio em alguns outeiros estão outros a maneira delle no lavramento de pedraria e sem cal, em que ha uma torre de mais de doze braças.

A todos estes edificios os da terra lhe chamam Symbaoe, que acerca delles quer dizer côrte, porque a todo lugar onde está Benomotapa chamam assim; e segundo elles dizem deste por ser cousa real tiveram todalas outras moradas d'el-rei tal nome.

Tem um homem nobre que está em guarda delle ao modo de alcaide mór, e a este tal officio chamam Symbacáio, como se dissessemos guarda de Symbaoe; e sempre nelle estão algumas das molheres de Benomotapa de que este Symbacáyo tem cuidado.

Quando ou per quem estes edificios foram feitos, como a gente da terra não tem letras, não ha entre elles memoria d'isso, somente dizerem que é obra do diabo, porque comparada ao poder e saber delles não lhe parece que a podiam fazer homens: e alguns mouros que a viram mostrando-lhe Vicente Pegado, capitão que foi de Sofala, a obra daquella nossa fortaleza, assim o lavramento das janellas, e arcos, pera comparação da cantaria lavrada d'aquella obra, diziam não ser cousa pera comparar segundo era limpa e perfeita.

A qual distará de Sofala pera o ponente per linha dereita pouco mais ou menos cento e setenta legoas, em altura entre 20 e 21 gráos da parte do sul, sem por aquellas partes haver edificio antigo nem moderno; porque a gente é mui barbara e todas suas casas são de madeira; e per juizo dos mouros que a viram parece ser cousa mui antiga, e que foi ali feita pera ter posse daquellas minas que são mui antigas em as quaes se não tira ouro ha annos por causa de guerras.

E olhando a situação e a maneira do edificio metido tanto no coração da terra, e que os mouros confessam não ser obra delles por sua antiguidade, e mais por não conhecerem os caracteres do letreiro que está na porta; bem podemos conjecturar ser aquella a região a que Ptolomeu chama Agysymba onde faz sua computação meridional, porque o nome della e assim do capitão que a guarda em alguma maneira se conformam, e algum delles se corrompeo do outro. E pondo nisso nosso juizo, parece que esta obra mandou fazer algum principe que naquelle tempo foi senhor destas minas como posse dellas; a qual perdeo com o tempo, e tambem por serem mui remotas, de seu estado, ca por a semelhança dos edificios parecem muito a outros que estão na terra do Preste João em um lugar chamado Acaxumo, que foi uma cidade camara da rainha Sabbá a que Ptolomeu chama Axumá, e que o principe senhor deste estado o foi destas minas, e per razão dellas mandou fazer estes edificios ao modo que nos ora temos a fortaleza da Mina e esta de Sofala.»

(Capitulo 1.° do livro decimo da 1.ª decada da Asia de João de Barros: *Dos feitos que os portuguezes fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do oriente).*

2.°

«Capitulo onze. Da serra chamada Fura, e de huas ruinas antigas, que dizem foram Feitoria da Rainha Sabbá, ou de Salamão.

Perto da povoação de Massapa está huma muito alta e grande serra, que se chama Fura, donde se descobre muita parte do reino do Manamotapa, e por esse respeito não consente o rei que os portuguezes subam a esta serra, por lhe não cobiçarem a grandeza e fermosura de suas terras, onde estão escondidas tantas e tão grossas minas de ouro.

No alto desta serra estão inda em pé uns pedaços de paredes velhas, e umas ruinas antigas de pedra e cal, que bem demostram estarem ali já casas e aposentos fortes, cousa que não ha em toda a Cafraria, porque até as casas dos reis são de madeira, barradas com barro, e cobertas de palha.

Dizem os naturaes destas terras, e particularmente alguns mouros antigos, que tem por tradição de seus antepassados, que aquellas casas foram antigamente Feitoria da rainha Sabbá, e que daqui lhe levavam muito ouro pelos rios de Cuama abaixo, até o mar Oceano Ethiopico, polo qual navega-

vam em navios, indo sempre correndo a costa da Ethiopia até o mar Roxo, e entrando por elle acima, navegavam até chegarem ás praias que confinam com as terras do Egypto... (seguem algumas considerações sobre a cidade Sabbá)... Outros dizem que estas ruinas foram Feitoria de Salamão, onde tinha seus feitores, que lhe levavam muito ouro destas terras.»

(*Ethiopia oriental*, de fr. João dos Santos; impressa no convento de S. Domingos de Evora, por Manuel de Lyra, 1609, in-fol. Liv. 2.º—pag. 56 v.)

3.º

1.º Tem-se noticia que no sertão destas terras, e alguns dizem que é na corte do Monomotapa, ha uma torre ou edificio de cantaria lavrada, que mostra com evidencia não ser obra de negros naturaes da terra; mas de alguma nação politica e poderosa, como gregos, romanos, persas, egypcios ou hebreos, e dizem que esta torre, ou edificio chamam os naturaes *Simbaloé*; e que nella ha um lettreiro em lettra desconhecida.

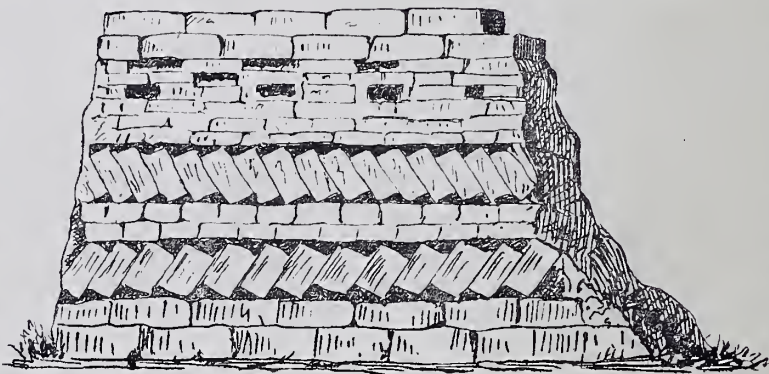
E porque ha muitos fundamentos para se entender que esta terra é o Ophir, a que Salamão mandava as suas frotas em companhia dos Phenices, e se poderá estabelecer esta opinião com evidencia indubitavel, se se achar esta clareza naquelle letreiro, e alli não haverá quem o leia, se for em lingua grega, persica ou hebraica; será preciso que se mande vir impresso em cera, ou outra qualquer materia, que conserve as letras e figuras, mandando que o letreiro primeiro se limpe muito bem.

2.º Tambem será conveniente que se examine se naquellas terras ha uma serra, ou sitio, a que chamam Ofura, e em que distancia fica da marinha, e portos do mar, e se nella ha minas de prata ou ouro.

Estes são os primeiros numeros do questionario da Academia Real de Historia Portugueza, para subsidio da Historia Ecclesiastica das conquistas, feito em março de 1721. Vide — Acad. R. Hist. Portugueza, Carta do secretario de Estado ao V. Rei sobre as noticias, que se pedem para a Academia. «O Chronista de Tissuary»: redactor Cunha Rivara, Nova-Goa, 1869—Vol. 4.º, n.º 37, pag. 14.

No mesmo «Chronista de Tissuary», n.º 38, pag. 43, apparece a resposta a estes quesitos.

Resposta dada pelo rev.^mo administrador episcopal de Moçambique e Rios, o mestre fr. Manoel de Santo Thomas, ... ás diligencias que S. Magestade... manda se façam nestes rios de Senna pera se inquirir a verdade das materias contheudas nos capitulos abaixo...

... Senhor. Por todos os meios possiveis mandei fazer a diligencia, que S. M., que Deos guarde, ordena sobre as materias conteudas na copia adjunta da sua carta; e o que só se póde descobrir quanto á primeira pergunta: é o dizer-me o capitão mor dos reinos de Manica Hyeronimo de Faria Peixoto, homem portuguez, que ha mais de trinta annos assiste nestes Rios, e foi morador na mesma Manica em tempo, que lá tinhamos povoações e terras, que seu sogro Thomé Lopes, homem de toda a verdade, varias vezes lhe contava que nas terras do reino de Mabongo, que faz divisão com o reino da Manica e Quiteve, em varias rochas se encontravam muitas figuras de camellos, cachorros, e bofetes, e letreiros feitos nas mesmas rochas, tudo de bastante grandeza, que pela tradição dos cafres se dizia serem memorias, que deixaram os Abexins, quando a rainha Sabbá viera com a sua armada junto a Sofala, e na bocca do Rio Sabbea (que sem duvida da rainha Sabbá tomou o appellido), que divide as terras de Mambone, e Inhamuere, costa que vae correndo para Inhambane, deixando em franquia as náos, entrára em barquinhas pelo rio acima, que vai dividindo as terras do rei Quiteve, e do imperador Manamotapa, e desembarcando no reino de Mahongo fôra por aquellas terras dentro com a sua gente a buscar ouro para o templo de Salamão... que da costa ao lugar em que estão as figuras e letreiros... serão, em linha recta 80 legoas...

Quanto á 2.ª pergunta... não ha serra ou sitio que se chame Ofura...

... (sobre a palavra *Zimboaé*)... os mesmos reis dos cafres nas suas côrtes a que chamam *Zimboaé*, que na nossa lingoa portugueza vale o mesmo que corte de rei: e assim todas as vezes que os reis se mudam de uma parte para outra, se muda o *Zimboaé* tambem.

(*O Chronista de Tissuary*, n.^os 37 e 38).

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

Abbedim — freg., concelho de Monsão. — Ruinas de uma torre, demolida no seculo XV, e a que chamam ainda «Castello de S. Martinho da Penha.» Proximo da torre ha tres *caixões* de tijolo, que parecem sepulturas. Duas cavernas.

Abelhas (serra das) prox. do rio Tavora, conc. de Aguiar da Beira. — Ao fundo d'esta serra, vestigios de alicerces de um grande castello mourisco.

Abelheira — serra, conc. de Miranda. — No sitio chamado *Castellinhos*, vestigios de fortificações mouriscas.

Abiul — villa, conc. de Pombal. — Ruinas de um grande palacio dos duques de Aveiro e de outras casas nobres.

Abragão — freg., conc. de Penafiel. — No sitio, actualmente chamado «Campo do Santo», descobriram-se em 1717 varias sepulturas razas e um sumptuoso tumulo de pedra. — Mausoléo na egreja matriz, fundada pela rainha Santa Mafalda.

Abrantes — villa e concelho. — Templo de S. Vicente, cuja primitiva fundação se attribue aos godos. - Egreja de Santa Maria do Castello, cujo fundador se ignora, e que entre muitos objectos artisticos de grande primor encerra os mausoléos de Diogo Fernandes de Almeida e de D. Antonio d'Almeida, da familia dos marquezes d'Abrantes. — N'uma lapida collocada ha poucos annos debaixo da abobada da principal porta do castello, vê se uma inscripção, em que se faz a historia d'este monumento. — Conventos: de frades dominicos, fundado em 1509; de frades de Santo Antonio, na *Abrançalha*, em 1526; de freiras (Nossa Senhora da Graça) em 1384, e de Nossa Senhora da Esperança, cuja data de fundação é desconhecida. — Veja-se: *Abrantes*, 1.º numero do *Archivo dos Municipios Portuguezes; As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brazão d'armas*, por Ignacio de Vilhena Barbosa; *Archivo historico de Portugal; narrativa da fundação das cidades e villas do reino, seus brazões d'armas*, etc. (1889), vol. I.

Abreiro — villa, conc. de Lamas d'Orelhão. — Vestigios de uma fortaleza romana, ou arabe, no alto, onde está a capella de Santa Catharina.

Abrigada (Nossa Senhora da Graça da) freg., conc. de Alemquer. — Egreja matriz, fundada no sec. XIV. Ao pé da sachristia ha uma campa com a inscripção já illegivel, e que é sepultura de Gonçalo Vaz de Araujo, fallec. pelos annos de 1620, e de outras pessoas de sua familia. — *Archivo historico*, vol. I, pag. 31.

Açores — villa, conc. de Celorico da Beira. — Na capella mór da egreja, que foi reedificada pelos annos de 1790, ha um tumulo com uma inscripção referente a 704 (era de Cesar). — *Archivo historico*, vol. I.

Açores — pequena serra, freg. de Santa Maria das Medas, conc. de Gondomar. — Tem doze profundos *fójos*, que se diz terem sido minas de ouro dos romanos ou dos arabes.

Adeganha — freg., conc. da Alfandega da Fé. — Restos de um antigo castello mourisco e vestigios de muros de uma cidade cujo nome se ignora.

Adrião (Santo) — freg., conc. de Armamar. — Vestigios de construcções antiquissimas nas margens do rio Tédo, e uma galeria obliqua, na margem direita, para extracção de metaes, ou uma especie de tunnel que atravessa o rio, pondo em communicação subterranea as fortificações das duas margens. N'estas immediações teem apparecido sepulturas abertas na rocha.

Afife — freg., conc. de Vianna do Castello. — No monte de Santa Luzia ha o sitio que ainda hoje se chama *Cividade* e o que é conhecido pelo nome de *Osseira*, onde se vêem as ruinas de um castello que o povo denomina *Crasto dos mouros* e tambem *Cividade*. Explorações feitas em 1877 no alto d'este monte pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, illustrado presidente da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes. Descoberta de monumentos megalithicos e de outros objectos archeologicos. — Convento de S. João de Cabanas, fundado por S. Martinho de Dume, em 570.

Agares — aldeia de Traz-os-Montes, freg. de Villa Marim. — Perto d'esta aldeia existem ainda as ruinas de um castello e suas muralhas. Suppõe-se que é construcção arabe.

Agrêllo — aldeia, freg. da Figueira de Lorvão. — Grande concavidade aberta a picão em rocha viva, ao fundo do *Valle do Cavallo*.

Aguas — freg., conc. de Penamacor. — Muralha e reducto.

Aguas Santas — freg., conc. da Maia. — Egreja antiquissima, reedificada pelos templarios. — Veja-se: *Relatorio e mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes* — apresentado ao governo pela Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes, em conformidade da portaria do Ministerio das Obras Publicas de 24 de outubro de 1880.

Agueda — villa e concelho. — A E. da egreja matriz, um cruzeiro antiquissimo, chamado *dos mortos*; tem uma inscripção illegivel. Proximo ha outro, *o do Calvario*, de boa architectura. — Veja-se: *Archivo historico*, vol. I; *O districto de Aveiro.* Noticia geographica, estatistica, chorographica, heraldica, archeologica, historica e biographica da cidade de Aveiro e de todas as villas e freguezias do seu districto, pelo sr. Marques Gomes.

Aguião ou **Aguian** — freg., conc. dos Arcos de Valle de Vez. — Torre no meio das casas da quinta de Aguian.

Aguiar — rio, Beira Baixa. — Junto á sua foz e sobre um alto e penhascoso monte estão as ruinas de uma grande povoação murada.

Aguiar — freg., conc. de Barcellos. — Torre ou castello de Aguiar do Neiva.

Aguiar da Beira — villa e concelho. — Ruinas de um castello romano, de cantaria, junto á capella de *Nossa Senhora do Castello*. — Poço antiquissimo, com ameias. — Castello do tempo d'el-rei D. Diniz. — Torre do relogio. — *Archivo historico*, vol. I.

Aguias ou **Brotas** — villa, conc. de Mora. — Tem uma torre com ameias, guaritas (ou almenaras).

Aguias — freg., Beira Alta. — A egreja matriz pertenceu ao convento de frades bernardos de S. Pedro das Aguias

Ajuda — freg., conc. de Lisboa. — Palacio real. Proximo de um dos lagos do jardim botanico estão duas estatuas de guerreiros; são de granito e

cinzeladas toscamente; ha quem as attribua aos phenicios, e outros suppõem que foram obra dos antigos lusitanos.

Ala — serra, junto á villa de Penas Royas, com. de Miranda. — Segundo a tradição, aqui habitaram mouros. No alto d'esta serra ainda se vêem ruinas de edificios, ruas, praças, e ao fundo uma fonte.

Alandroal — villa e concelho.— Castello com sete torres em redor, ao centro a de menagem com uma inscripção e tres portas, sendo a principal entre duas torres, cada uma com a sua inscripção. «Sobre outra porta está a cruz de Aviz, com duas aguias, dos braços da cruz para baixo, e d'elles para cima, dois grilhões (como os da ordem de Calatrava) e ao pé umas letras que dizem: *mouro me fez.*» A porta da torre que está sobre o muro, tem uma inscripção. A capella de S. Miguel, n'este concelho, proximo da villa de Terena, foi construida sobre as ruinas do templo dedicado pelos lusitanos a *Endovelico* ou *Cupido.*—Vestigios de construcções da villa primitiva em *Villares.*— Ha indicios de que os romanos ou os arabes exploraram as minas de alguns outeiros da Granja, termo d'esta villa. — *Archivo historico,* vol. I.

Albardos ou **Álvados** — serra, com. de Leiria. — Um arco de pedra, no alto da serra, com uma inscripção commemorativa da supposta doação de terras que D. Affonso I fizera a S. Bernardo em 1147. — No *Cabeço de Turquel* existe uma extensa gruta, formada por grandes rochedos, a qual em 1869 foi visitada pelo sr. Possidonio da Silva. Este illustre investigador achou alli camadas de cinza e de ossos, o que fez suppor que a gruta se destinasse para necropoles ou jazigo de restos mortaes dos primitivos habitadores. Em consequencia das difficuldades que oppozeram os pastores da serra, não proseguiram as investigações. — Na mesma occasião da sua visita viu o sr. Possidonio da Silva um dolmen perfeitamente conservado, na distancia de 1 kilometro da gruta. — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nacionaes.*

Albergaria a Velha—villa e concelho.—Albergaria, fundada pela rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique (1120). — Veja-se: *Archivo historico,* vol. I; *O districto de Aveiro,* pelo sr. Marques Gomes.

Albufeira — villa e concelho. — Castello em ruinas. — A egreja da Misericordia foi mesquita de mouros. — Debaixo das rochas ao sul da villa ha uma caverna chamada *Cova do Xorino.*— Vide: *As cidades e villas,* por Vilhena Barbosa; *Archivo historico,* vol. I.

Alcacer do Sal — villa e concelho. — Castello romano em ruinas. — Restos de grandes edificios arabes e outras antiguidades. —Na capella da egreja de Santo Antonio, pertencente ao convento dos frades franciscanos, existiu uma inscripção, do tempo do rei godo Swintilla, que em 1844 foi achada pelo dr. Domingos Garcia Peres, e que está hoje em Setubal. — Necropole achada em maio de 1873 n'uma propriedade do sr. Antonio de Faria Gentil: urnas de diversos tamanhos, no estylo etrusco; fibulas de bronze; vasos lacrimatorios; alampadas mortuarias; moedas romanas; um retrato, em argilla, coberto de estuque colorido; etc., etc.— Museu archeologico em uma sala dos paços do concelho.— Veja-se: *As cidades e villas,* por Vilhena Barbosa; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nacionaes; Archivo historico,* vol. I; *Archeologo portuguez.*

Alcaçovas — villa, conc. de Vianna do Alemtejo. — Castello arabe, em ruinas. — No convento de S. Domingos, proximo d'esta villa, fundado por Henrique Henriques no sitio e com os materiaes de uma fortaleza ou castello romano, acharam-se medalhas e armas romanas. Eguaes achados tem havido no monte proximo á villa. — Convento de frades dominicos, fundado em 1541. — Veja-se: *Breves memorias da villa de Alcaçovas.*

Alcanede — villa, conc. de Santarem. — Castello romano, em ruinas. — Em 1710 e em differentes epocas anteriores e posteriores a esse anno teem apparecido n'estes sitios diversas moedas de cobre e prata, romanas. — Egreja matriz fundada por D. Affonso I (?)

Alcantara — freg., conc. de Lisboa. — Palacio real de Alcantara, vulgarmente chamado do Calvario. — Na ponte que até ha poucos annos existiu n'este sitio, havia a estatua de S. João Nepomuceno com uma inscripção. Essa estatua encontra-se actualmente no Museu do Carmo. — Conventos: de franciscanas (flamengas), fundado por Filippe II; e o do Calvario, fundado em 1600 por D. Violante de Noronha.

Alcantarilha — villa, conc. de Silves. — Forte de Santo Antonio.

Alcaria — freg, conc. de Porto de Mós. — Grutas em que se encontraram ossos humanos; talvez de tempos prehistoricos.

Alcaria Ruiva — freg, conc. de Mertola.— Alicerces de um grande edificio, talvez um castello arabe, a que chamam *os castellos;* e ruinas de construcções romanas, ou arabes.

Alcobaça — villa e concelho. — Castello gothico, do VI ou VII seculo; reedificado e ampliado pelos arabes em 716; hoje em ruinas. — Convento de monges de Cister, onde jazem D. Affonso II, D. Affonso III, D Pedro I, as rainhas D. Urraca, D. Brites e D. Ignez de Castro, muitos infantes e infantas, e D. Pedro Affonso, irmão de D. Affonso I. — Capella de Nossa Senhora do Desterro, de primorosissima architectura da renascença, fundada pelo monge de S. Bernardo, fr. João Paim. E' contigua á cerca do convento e serve para deposito dos defunctos. O seu fundador para aqui trouxe de Roma o corpo de Santa Constança, que está n'um «rico e brincado caixão.» — Museu do sr. Natividade. — Leia-se: a notavel obra de Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos; Archivo historico,* vol. I; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classific. mon. nacionaes; O mosteiro de Alcobaça* — notas historicas pelo sr. M. Vieira Natividade (Coimbra, 1885); *Descripção succinta do mosteiro de Santa Maria e Brevissima noticia do que ha digno de ver-se na villa e concelho d'Alcobaça* (1892).

Alcobertas — serra, conc. de Santarem. — Uma extensa gruta, proximo de Alcanede.

Alcochete — villa e concelho. — Egreja matriz antiquissima, reedificada pelo rei D. Manuel. — *Archivo historico,* vol. I.

Alcoentre — villa e concelho. — Egreja matriz fundada em 1340 por Affonso Annes, de Alemquer.

Alcoutim — villa e concelho. — Castello em ruinas. — Vestigios de fortificações muito antigas no serro de Santa Barbara. — Inscripção latina proximo á *porta de Tavira.* — *Archivo historico*, vol. I.

Aldeia Gallega da Merceana — villa, conc. de Alemquer. — Na egreja matriz, de tres naves, fundada em 1525 por D. Leonor, mulher de D. João II, ha bons azulejos, representando scenas biblicas, e debaixo do arco cruzeiro uma campa raza com inscripção. — *Archivo historico*, vol. I, pag. 32.

Aldeia Gavinha — freg., conc. de Alemquer. — Teem apparecido alicerces de casas e cippos com inscripções romanas. — Na capella mór da egreja matriz ha duas campas com inscripções legiveis e outras que já se não podem ler. Tambem ha inscripções na sachristia e defronte do arco cruzeiro. — *Archivo historico*, vol. I.

Alegrete — villa e concelho. — Castello e muralhas, do tempo d'el-rei D. Diniz. Torre de cantaria primorosamente lavrada.

Aleixo (Santo) — villa, conc. de Moura. — Castellos, ruinas de alguns, e vestigios de fortificações muito antigas.

Alemquer — rio. — Nove pontes e uma torre alta. A ponte do Espirito Santo, na villa de Alemquer, foi concluida em 1571; tem uma inscripção.

Alemquer ou **Alanquer** — villa e concelho. — Por varias vezes se tem aqui encontrado muitas lapidas, cippos, moedas e inscripções romanas. — Castello fundado pelos romanos ou pelos alanos; já existia em 715, ao tempo da invasão arabe. — Torre a meio do monte, unico vestigio que resta da egreja de S. Thiago, fundada por D. Affonso I. — *Porta do Carvalho* junto ás casas da camara. — *Torre da Couraça.* — Ruinas do convento de freiras franciscanas, fundado em 1533 por João Gomes de Carvalho. — Padrão da ponte do Espirito Santo. — Tumulos da egreja matriz de Santo Estevão, debaixo da arcaria, no corredor que vae para o côro. N'elles estão esculpidas umas espadas como as dos *cavalleiros do Templo.* Sepultura de Damião de Goes. — Palacio da infanta D. Sancha, por ella concedido em 1220 aos frades franciscanos para fundarem o convento que se vê no mais alto da villa. Foi o primeiro d'esta ordem em Portugal. Suppõe-se que aquelles paços já existiam no tempo dos godos, e que os arabes d'elles fizeram a residencia dos seus *alkaides.* — Lapida com inscripção nas escadas de uma travessa que sobe para a fonte da Triana. — N'um cippo que estava na *Horta d'El-Rei* havia tambem uma inscripção romana. — A E. da villa, no cimo de uma ingreme vereda e ao lado do antiquissimo bairro da Judiaria, estão as casas de Damião de Goes, em que se conserva inalteravel a primitiva construcção — Sepulturas com inscripções em portuguez na egreja da Misericordia. Esta e o hospital foram fundados por D. João III em 1527. — Hospital e capella do Espirito Santo, fundados pela rainha Santa Izabel. — Veja-se: a obra de Guilherme João Carlos Henriques — *Alemquer e o seu concelho; As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. I.

Alfaiates ou **Alfayates** — villa, conc. de Villar Maior. — Castello e atalaia em ruinas. — Padrão romano com inscripção.

Alfandega da Fé e Castello — villa e concelho. — Restos de um antigo castello. — *Archivo historico*, vol. I.

Alfarella de Jalles — villa, conc. de Villa Pouca d'Aguiar. — *Penedo d'Alfarella*, de fórma espherica; parece que é uma anta celtica — Em junho de 1721 encontrou-se no sitio do *Gestal*, proximo ao logar de Moreira, uma lapida com inscripção romana. — Abaixo do logar de Cidadêlhe, no alto de um monte sobranceiro ao rio Tinhella, estão as ruinas de um castello que se suppõe do tempo dos romanos.

Alfaião ou **Alfayão** — freg., conc. de Bragança. — No alto *da Veiga* teem apparecido armas antigas; fosso e contrafosso de castello romano, abertos na rocha. — Estacada de lousas no vertice do monte.

Alfeizirão — villa, conc. de S. Martinho do Porto. — Castello arabe, arruinado. — Vestigios de construcções romanas (?) no sitio da *Ramalheira.*

Alfena — freg., conc. de Vallongo. — Vestigios de fortificações antigas e de explorações mineiras feitas no tempo dos romanos ou dos arabes. A egreja é a mais antiga da Maia.

Alferce — freg., conc. de Monchique. — Ruinas de um castello romano ou arabe, em cujo recinto houve grandes edificios.

Alfundão — villa, conc. de Ferreira. — Albergaria antiquissima, ignorando-se a data da sua fundação. — Na egreja de Santa Margarida do Sado, que foi um celebre templo romano da deusa *Fortuna*, appareceram dois cippos com inscripções.

Algares (serra dos) — perto de Grandola. — Ruinas de uma fortaleza chamada *Castello Velho.* — Galerias e poços feitos pelos romanos e arabes para mineração de prata e ferro. — No *Outeiro Fendido* teem apparecido moedas de ouro e prata, romanas.

Algodres — villa, conc. de Almendra. — Ruinas de uma atalaia e de um reducto.

Algos ou **Algoz** — freg., conc. de Silves. — Vestigios de grossas muralhas e outros edificios, portaes, pedra lavrada, etc. — A 100 kilom. da aldeia, n'um praso chamado da *Amoreira*, encontram-se sepulturas, alicerces e cinzas. — Teem aqui apparecido varias moedas de prata muito antigas. — N'um sitio chamado *Guiné*, porque n'elle havia muitos escravos negros, pertencentes a um padre, existem restos de um grande edificio.

Algoso — villa, conc. de Vimioso. — Ruinas de um castello romano ou arabe, junto á capella da Senhora da Assumpção do Castello. — Misericordia fundada em 1593 por D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda.

Alguber — freg., conc. do Cadaval. — Egreja fundada em 1594 por Gião Fialho, capitão mór de Ceuta.

Alhandra — villa, conc. de Villa Franca. — Egreja matriz fundada em 1558 pelo cardeal D. Henrique. — Misericordia fundada em 1577. — Capella de N. Sr.ª da Ajuda, em que ha uma sepultura com inscripção da era de 1523. — Convento do Sobral, de frades capuchos da provincia da Arrabida, fundado em 1635.

Alheira — freg., conc. de Barcellos. — No alto do monte de *Lousado* (antigamente *Louvado*), vêem-se vestigios de muralhas, ruas e alicerces de casas. Parece que foi cidade romana, ou mourisca.

Alhos Vedros — villa e concelho. — Misericordia fundada no seculo XVIII. Convento de frades arrabidos em *Palhares;* outro em *Verderena.*

Alimonde — freg., conc. de Bragança. — No sitio da *Terronha* vêem-se vestigios de um castello antigo e perto d'elles outras ruinas, que parecem de uma atalaia. Diz-se que foi fortaleza mourisca.

Aljezur — villa e concelho. — Ruinas de castello arabe, octogonal, com duas torres. — Sepulturas, talvez celticas e arabes, na herdade da *Côrte Cabreira*, no sitio das *Ferrarias* e no da *Arregata*. — Na costa, em um ponto sobranceiro ao mar, vêem-se as ruinas de uma grande povoação, cujas ruas ainda se distinguem. — Misericordia fundada no principio do seculo XVI. — *Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, por Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga (Lisboa, 1886-1891) — Referencias a outras localidades, incluindo algumas que não fazem parte d'aquella provincia. — *Archivo historico*, vol. I.

Aljubarrota — villa, conc. de Alcobaça.— Vestigios da antiquissima egreja de Santa Marinha. — No adro, sepulturas de epocas muito remotas. — Tem-se descoberto n'esta villa, e defronte do logar de *Poços de Soão*, differentes moedas romanas de prata. — No alto da serra o *arco da memoria* com uma inscripção latina. — Sobre a porta da casa da escola está um fac-simile da pá de forno com que Brites d'Almeida, por alcunha a Pisqueira, matou 7 castelhanos no dia da batalha de Aljubarrota. Allusiva a esse facto vê-se tambem por cima d'aquella porta uma inscripção latina. — Egreja matriz de S. Vicente: sepultura de D. Usanda, com inscripção; cruz de pau como as de Calatrava, tomada aos castelhanos em 1385; está na capella da pia baptismal.—*Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classific. mon. nacionaes.*

Aljustrel — villa e concelho. — Restos de um castello tosco, antiquissimo, feito de terra batida. — *Archivo historico*, vol. I.

Almada — villa e concelho.—Real palacio e quinta do Alfeite.— Castello.— Torre Velha, denominada de S. Sebastião de Caparica, mandada construir por D. João II, cerca do anno 1490. — Egrejas de Santa Maria do Castello e de S. Thiago, muito antigas, reedificadas no reinado de D. João V. — Hospital de Santa Maria, instituido em 1480 pela infante D. Beatriz, mãe do rei D. Manuel. No seculo XVII ficaram pertencendo á Misericordia da villa este hospital e a sua ermida — Ruinas do convento de frades de S. Domingos, fundado em 1659 por Fr. Francisco Foreiro, confessor de D. João III e D. Sebastião. — Veja-se: *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. I.

Almançor (serra de) — Beira Baixa.— No alto da serra ha vestigios de fortificações antiquissimas; e para o lado de Trancoso ainda existe uma atalaia, a que o povo dá o nome de *Facho*

Almeida — villa e concelho. — Vestigios de construcções arabes (?) em *Pedregaes (Enchido da Sarça)*. — Fortificações antigas. — Misericordia e hospital fundados em 1680 á custa do povo e com esmolas da rainha D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglaterra, filha de D. João IV de Portugal.

Almeirim — villa e concelho. — Têem aqui apparecido marcos milliarios dedicados ao imperador Trajano. — Misericordia e hospital fundados por D. João III em 1550. — Convento da Senhora da Serra, de frades de S. Domingos, fundado por D. Manuel em 1520. — *Archivo historico*, vol. I.

Almendra — villa e concelho. — Fortaleza em ruinas, de 1660. — No cabeço do *Calábre* vêem-se os restos de uma grande praça e forte muralha dos romanos. — *Forte Grande*, construida pelos mouros (?)

Almodovar — villa e concelho. — Ruinas de um castello. — Em 1799 appareceram na herdade da *Horta das Moutas*, freg. de Santa Cruz d'este concelho, muitas medalhas romanas e arabes; offerecidas em 1800 á Academia Real das Sciencias de Lisboa. — Egreja matriz, um dos melhores templos do Alemtejo. — Convento de frades franciscanos, fundado em 1680 por fr. José Evangelista, lente da Universidade. — *Archivo historico*, vol I.

Almoster — freg., conc. de Santarem. — Convento de freiras bernardas, fundado em 1290.

Almourol (Castello de) — Sobre um ilheu ao meio do Tejo, proximo e na freguezia de Payo de Pelle, conc. da Barquinha. Era dos templarios. Tem 4 torres circulares. Sobre a porta da entrada, que é em ogiva e pequena, está uma inscripção quasi apagada. No centro da fortaleza acha-se a torre de menagem, coroada de ameias, muitas ainda bem conservadas. — *Monumentos nacionaes* por Mendes Leal (1868). — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*

Alpalhão, villa, conc. de Niza. — Castello em ruinas. Fôra construido em 1300 pelo rei D. Diniz.

Alpedrinha — villa, conc. do Fundão. — Tem-se achado, aqui e em *Carvalhal Redondo*, sepulturas com inscripções latinas; restos de columnas doricas e toscanas, alicerces de casas, canos de chumbo e de pedra, etc. — No *Valle da Torre* descobriram-se em dezembro de 1849 muitas moedas romanas, de prata e cobre pratcado, e algumas de Sertorio; e proximo á villa appareceu em 1868 uma moeda de cobre romana com effigies e legendas. — No meio da villa ha uma profunda cova, tapada com uma lousa, em que se lê a inscripção *Guarte d'aqui!* — Chafariz em estylo dorico, mandado fazer por D. João V e principiado em 1722. — Veja-se: *Breve descripção topographica da villa de Alpedrinha*, por José Gaspar de Oliveira Rollão (1814); e *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão*, pelo sr. José Germano da Cunha.

Alpendurada ou **Pendurada** — villa, conc. de Marco de Canavezes. — Grande convento de benedictinos, fundado em 1062. — Differentes inscripções em portuguez. — Vestigios de fortificações romanas ou arabes no cimo do monte *Arados*, e ruinas de uma fortaleza antiga na margem esquerda do rio Douro.

Alpiarça ou **Alpiaça** — freg., conc. do Almeirim. — Teem aqui apparecido marcos milliarios dedicados ao imperador Trajano.

Alter do Chão (e Reguengo) — villa e concelho. — Castello do tempo de D. Pedro I, em 1359, com uma inscripção sobre a porta. — Vestigios de um grande edificio no sitio chamado *Casa da Avelada*. — Quatro torres de cantaria, sendo tres ameiadas, uma com 44 metros de altura e outra com 22, outra com 15 e outra, sobre a ponte, com 18. — Nas excavações feitas n'esta villa teem apparecido medalhas, mosaicos, cippos, esculpturas e estatuas de marmore. No seculo XVI achou-se alli uma esculptura de Cupido com aljava e settas.— «No meado do seculo XVII ainda aqui existiam as ruinas de um templo, com o pavimento de mo-

saico, que parece fôra dedicado a Cupido.» — Misericordia fundada em 1524 pela rainha D. Leonor. — Convento de carmelitas descalços (mariannos) fundado em 1595 com as rendas da antiga confraria do Espirito Santo. — Veja-se: *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. I; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*

Alter Pedroso — villa, conc. de Alter do Chão. Lapida que está na capella de S. Pedro.— Ruinas de um castello com suas torres e muralhas.—*Archivo historico*, vol. I, pag. 47.

Alva, Alba ou **Albula** — rio, Beira Baixa. — No sitio dos *Furados* ha um aqueducto subterraneo feito pelos arabes, e em Valle de Espinho uma ponte notavel pela sua architectura.— Junto á ponte de *Murcella* e n'outros pontos das margens d'este rio ha vestigios de exploração de minas de ouro pelos romanos e pelos arabes.

Alva — aldeia, conc. de Freixo d'Espada á Cinta. — Castello em ruinas.

Alvaiazere — villa e concelho. — Ruinas de um castello.—Vestigios de fortificações mouriscas no cimo da serra dos Covões. — Gruta do *Algar da Agua* e ainda outra que lhe fica inferior. — *Archivo historico*, vol. I.

Alvalade — villa, conc. de Aljustrel. — Misericordia e hospital fundados pelo povo da villa em 1570.

Alvarães — freg., conc de Vianna. — Ruinas de uma antiga torre chamada dos *Silveiras*. - Estrada subterranea feita pelos mouros (?) perto da lagoa do *Pulho*. — Egreja matriz feita em 1450, junto a uma capella de Santa Maria Magdalena.

Alvaredes ou **Alvaredos** — freg., conc. de Vinhaes. — Vestigios de povoação arabe no monte da Picota. — Gruta. — A antiga matriz era em *S. João Velho*; a nova egreja foi concluida em 1733.

Alvaredo — freg., conc. de Melgaço. — Duas torres, uma com o nome de *Villar* e outra sem denominação.

Alvarelhos e **Lama d'Ouriço** — freg., conc. de Monforte. — Nas proximidades ha um fortim arruinado, a que chamam a *Corôa*.

Alvarenga — villa, conc. de Arouca. — Ponte de Alvarenga sobre o rio Paiva, feita no tempo do imperador Trajano, cerca do anno 110 de J. C. — *Archivo historico*, vol. I, pag. 158.

Alvaro — villa, conc. de Oleiros. — Misericordia e hospital fundados em 1500 por Bartholomeu Gomes Curado e suas irmãs.

Alvega — freg., conc. de Abrantes. — Ruinas de uma cidade: alicerces de sumptuosas casas e sepulturas, aqueductos, galerias subterraneas, com figuras e porticos de mosaico. — N'uma ribeira proxima achou-se em 1659 uma lamina de bronze, com uma inscripção latina, datada de *Aritio*. — Sanctuario de N. Sr.ª da Guia: ermida de fórma redonda; boa architectura. — Sanctuario de N. Sr.ª dos Remedios, com azulejos interiormente — Capella de Santo Antonio, ao pé do Tejo; foi a primitiva matriz.— *Archivo historico*, vol. I, pag. 6.

Alvellos — freg., conc. de Barcellos. — Convento de freiras bentas, muito antigo, que foi supprimido em 1480 pelo arcebispo de Braga, passando as rendas para a mitra.

Alverca e **Sobral** — villa, conc. de Villa Franca. — Ponte de dois arcos, junto ao ribeiro da Silveira, mandada construir por D. Pedro II, cerca do anno de 1680. — Misericordia e hospital fundados em 1583 por uma senhora madeirense, viuva de Vasco Martins. — Conventos: de carmelitas calçados; e de capuchos, de Santo Antonio. — *Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira* pelo sr. Lino de Macedo (Villa Franca, 1893). — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*

Alvito — villa e concelho. — Castello com 5 torres, do tempo de D. João II, em cuja porta principal está uma lapida com uma inscripção. A torre de menagem, que é de cantaria, não chegou a concluir-se. — Nas escavações feitas em 1743 acharam-se differentes cippos com inscripções e um tumulo com um esqueleto. — Conventos: de frades franciscanos, primitivamente de benedictinos, fundado em 900; e de frades trinos, em 1182. — Capella de S. Romão edificada em 1262.— Jazigo dos condes-barões na egreja matriz.— Egreja de Santo Antonio. — Veja-se: *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. I; *Monum. de Portugal, hist., artist. e archeol.*, por Vilhena Barbosa; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*

Alvito (S. Martinho de) — freg., conc. de Barcellos. — Ruinas de uma torre.

Alvor — villa, conc. de Villa Nova de Portimão.— A egreja matriz tem muitas campas com inscripções antigas. — Castello arruinado. — Vestigios de uma grande fortaleza, em cujo sitio se encontram pedras lavradas, etc. — Torre do *Facho*.

Alvorinha ou **Alvorninha** — villa, conc. das Caldas da Rainha. — Fundação da Misericordia e do hospital em 1605. — Antiga capella do Espirito Santo.

(Continúa)

CORRESPONDENCIA

Ex.^mo sr. director. — Em o n.º 2 do excellente *Boletim da Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes*, deu v. ex.ª publicidade a um interessante documento de que eu lhe enviára copia, — uma carta de Lourenço Fernandes a pessoa cujo nome se ignora (talvez o secretario de D. Manuel, Antonio Carneiro), mostrando-lhe a necessidade de em Restello Velho ser levantada uma torre, e pedindo-lhe intercedesse junto d'el-rei, para que este o incumbisse da obra.

Por absoluta falta de tempo, não acompanhei esse documento (que pertence á collecção denominada *Cartas missivas*, da Torre do Tombo), com algumas noticias ácerca de Lourenço Fernandes. Permitta-me v. ex.ª que o faça agora.

Por carta passada em janeiro de 1504, — carta que se perdeu, e foi substituida pela de 24 de janeiro de 1513, registada a fl. 36 v. do livro 42.º da chancellaria de D. Manuel, — foi Lourenço Fernandes nomeado, com vinte mil réis de mantimento por anno, recebedor da vintena dos portos, destinada por aquelle monarcha para as obras do convento de Belem.

E' decerto n'essa qualidade que elle figura n'um mandado de 12 de novembro de 1511, pelo qual o

venturoso principe ordena se entreguem a Lourenço Fernandes, da pimenta que pertence ao convento de Belem, cincoenta quintaes, para despeza das obras. No mandado, está o recibo. Vê-se, pelo confronto das assignaturas, que a pessoa a quem esse documento se refere, é a que subscreve a carta n'este *Boletim* publicada.

No mandado, — note-se, - não ha uma só palavra de que possa deprehender-se que Lourenço Fernandes tinha o cargo de mestre das obras do sumptuoso mosteiro; mas, no principio d'este seculo, o redactor do catalogo da collecção em que esse documento está encorporado, accrescentou (ignoro com que fundamento), ao nome de Lourenço Fernandes, a qualidade de «*mestre das obras do convento de Belem*». Foi provavelmente por isso que, por indicação do visconde de Juromenha, o conde de Raczynski incluiu Lourenço Fernandes no seu *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*, como «*architecte*, maître des travaux du monastère de Belem».

Ha na Torre do Tombo diversos documentos da epocha, nos quaes esse nome nos apparece; e alguns referem-se evidentemente ao Lourenço Fernandes de quem me occupo. De nenhum se póde, porém, concluir que o nosso homem fosse, ou tivesse sido, mestre das obras do formoso edificio manuelino.

Varnhagen, citando, na sua *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem* (pag. 3), o mandado a que já me referi, diz que Lourenço Fernandes era, *naturalmente*, quem inspeccionava as obras. As cartas que citei, de 1504 a 1513, são, porém, decisivas: não é na qualidade de mestre, nem na de védor, das obras, mas como recebedor das rendas que D. Manuel lhes destinára, que Lourenço Fernandes figura n'esse documento.

Eu não hesitaria, pois, em riscar este nome da lista dos nossos architectos, se não fosse a carta a que v. ex.ª deu publicidade em o numero anterior. N'ella pede Lourenço Fernandes que o prefiram a um architecto, — mestre Boytaca, — para se encarregar da construcção da torre que D. Manuel queria levantar em Restello, no ponto em que D. João II «*tinha ordenado de fazer uma forte fortaleza*»—como diz o chronista, poeta e *debuxador* Garcia de Resende, a quem o *principe perfeito* incumbira do *debuxo* d'ella. Ora, é de crer que Lourenço Fernandes não pedisse que o preferissem ao architecto Boytaca, se não fosse egualmente da profissão.

E', porém, de suppôr que, ao tempo em que escreveu a curiosa missiva aqui publicada, não estivesse exercendo o seu mister, mas um cargo burocratico (digamos assim), visto como declara que o seu servir eram sempre *informações e cartas*.

Confesso que não posso elucidar este obscuro ponto. Ahi ficam, no emtanto, com as minhas duvidas e hesitações, algumas noticias documentadas ácerca de Lourenço Fernandes, — personalidade que, em todo o caso, está ligada á historia do monumento commemorativo da nossa ephemera grandeza e das nossas imperecivei sglorias, e ainda, em certo modo, á d'essa encantadora torre de Belem, que, destinada a evitar affrontas, tão deploravelmente affrontada se vê agora!

Lisboa, 12 de junho de 1895.

José Pessanha.

EXTRACTOS DAS ACTAS

SESSÃO DE 21 DE JANEIRO DE 1894

Commissão de contas. Officio e relatorio da commissão de contas.

Voto de louvor ao sr. thesoureiro Ernesto da Silva; voto de agradecimento á ex.ma commissão.

Bibliotheca. Leu-se o relatorio do sr. visconde da Torre da Murta sobre a bibliotheca, e seu catalogo.

Academia Real das Sciencias. Convite para uma sessão solemne.

Commissão do centenario do infante D. Henrique. Convida a nossa Associação a adherir a tão patriotica festa.

Gremio Artistico. Officio da direcção a respeito dos monumentos nacionaes, e da protecção que é urgente prestar-lhes.

Retrato de D. Pedro II, ex-imperador do Brazil. O sr. presidente mostrando o retrato, pintado a oleo em tela, do fallecido imperador, expoz em sentidas palavras quanto o illustrado monarcha fôra amavel para esta Associação. A assembléa notou a fidelidade da pintura, que reproduz bellissimamente a clara e bondosa physionomia do imperador. O sr. presidente annunciou que este retrato fôra pintado pelo bem conhecido pintor-retratista, sr. Felix da Costa, que se prestára gratuitamente a este trabalho. Por unanimidade se votou um agradecimento ao distincto e dedicado pintor, nosso consocio.

Edificio do Carmo. Fizeram-se algumas observações sobre o estado das abobadas da parte coberta do edificio. As aguas pluviaes estão infiltrando as abobadas, o forro está inutilisado, ameaçando assim uma ruina cada vez maior. Resolveu-se officiar ao Ministerio das Obras Publicas.

Cesar Daly. O sr. presidente participou o fallecimento de mr. Cesar Daly, architecto (m. em Paris a 11 de janeiro de 1894).

Livros. O sr. Rocha Dias propoz a compra para a Bibliotheca da Associação dos livros *A vida de Nun'Alvares*, do sr. Oliveira Martins, e a *Ribeira de Lisboa*, pelo sr. visconde de Castilho, dois trabalhos notabilissimos.

Socio effectivo. Foi eleito socio effectivo o sr. Herculano Sarmento de Beja.

Museu municipal de Beja. A assembléa deu um voto de louvor á Camara municipal de Beja pelo zelo e intelligencia com que tem organisado o seu museu de archeologia, já notavel.

Emilio Hübner. Voto de louvor e agradecimento ao sr. dr. Emilio Hübner, de Berlim, pela publicação do seu novo trabalho, obra monumental e que faz época, *Monumenta linguae ibericae.*

Estudos archeologicos. O secretario P. referiu-se

aos trabalhos do sr. A. Haupt, de Hannover; á organisação da secção de ceramica portugueza e hespanhola no Museu das Bellas-Artes (Janellas Verdes), trabalho do digno conservador, sr. Manuel de Macedo; ás novas installações feitas no historico edificio de Xabregas; á parte notavel que Portugal teve nas exposições ultimas, hespanholas, na celebração do centenario Colombino; á reconstituição da commissão dos Monumentos Nacionaes; á creação do museu de ethnographia, etc., o que tudo revela que ha tendencia bem marcada para progredir nos estudos archeologicos; o que é altamente agradavel á Associação, primeira e perseverante batalhadora n'estes campos de paz e trabalho.

SESSÃO DE 19 DE MARÇO DE 1894

Museu municipal de Beja. Officio do sr. Doria, presidente da camara municipal de Beja, remettendo copia da acta da sessão de 15 de fevereiro ultimo, sobre o louvor dado pela Real Associação.

Antiguidades prehistoricas do Brazil. O socio correspondente sr. José da Nova Monteiro, foi encarregado pelo sr. Cesar Ribeiro de Cerqueira, tambem nosso socio correspondente, de entregar á Real Associação dois machados e uma lança de pedra encontrados na provincia da Bahia, e tambem um peixe petrificado da mesma localidade. Os dois machados e a lança são de pedra polida. O machado menor (comprimento $0^m,05$, largura $0^m,03$, espessura $0^m,01$) está inteiro, gume e ponta gastos pelo uso, e offerece de particular que nas suas curvas lateraes ha differença intencional, sendo uma curva muito mais pronunciada que a outra. A rocha parece amphibole mui rija, esbranquiçada para o gume, esverdeada para a ponta. Como se acha muito polida a curva mais pronunciada, parece que este pequeno instrumento de pedra teve tres usos: gume, ponta e curva de polimento. O outro instrumento tem em uma das faces signaes de repetidas pancadas. A lança tem a ponta quebrada; completa teria $0^m,12$ de comprimento; rocha verde escura, talvez diorite. A assembléa prestou a devida consideração a estas antiguidades brazileiras.

Epoca chelleana. Foi presente um trabalho recente do sr. Cardoso sobre instrumentos chelleanos.

Sousa Viterbo. Foi eleito socio honorario, em attenção aos muitos serviços que pelos seus estudos e publicações tem prestado á historia da arte e á archeologia nacional.

Edificio do Carmo. Resolveu-se pedir novamente para que sejam reparadas, exteriormente, as abobadas das capellas.

Tumulo de D. Nuno Alvares Pereira. Pediu-se ao sr. socio Valentim Corrêa para que escrevesse uma noticia sobre o tumulo de Nuno Alvares, e da remoção do cofre com os ossos para S. Vicente de Fóra.

Centenario da India. O sr. socio Cavalleiro e Sousa lembrou o centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India. Assentou-se em ampliar a commissão, ficando composta pelos socios srs. conde de S. Januario, viscondes da Torre da Murta e de Alemquer, Cavalleiro e Sousa, e Gabriel Pereira.

Edificio dos Jeronymos. O socio sr. Cunha Porto pediu para que se instasse pelo acabamento dos Jeronymos, urgentissimo pela grande significação d'esse monumento, agora que se trata de celebrar o centenario da partida de Vasco da Gama, e ainda por estar em sitio que logo dá nas vistas aquella extraordinaria ruina da fachada da galeria.

SESSÃO DE 7 DE MAIO DE 1894

Dr. Sousa Viterbo. Agradeceu a sua eleição.

Joaquim José Lapa, general. Em officio agradeceu a sua eleição.

Centenario da India. — O secretario participou estar constituida a commissão. Presidente, conde de S. Januario; vice-presidente, visconde de Alemquer; secretario, visconde da Torre da Murta.

Congresso archeologico de França, reunido na Rochelle. Presente o convite e programma; resolveu-se que a Real Associação fosse subscriptora.

Cardoso, socio correspondente. Em attenção aos seus estudos de prehistoria, especialmente do periodo chelleano.

Cofre da quinta de Queluz. O sr. Maldonado fallou a respeito do cofre achado casualmente em terras da quinta de Queluz, que parece ser muito antigo.

Alemquer, mosaicos romanos. O sr. Cavalleiro e Sousa deu noticia do achado recente de alguns mosaicos que julga serem romanos, nas proximidades de Alemquer.

SESSÃO DE 28 DE MAIO DE 1894

Caravella do seculo XV. Leu-se uma interessante communicação do socio sr. Eugenio Dognée, participando haver encontrado na bibliotheca publica de Liège um manuscripto de Khalaf Abul Cassen contendo o desenho de uma caravella, feito á vista do original, por um artista do seculo XV. Deliberou-se enviar copia da communicação á commissão da estatua do infante D. Henrique, pondo á disposição da mesma para exame a photographia do desenho da caravella. (Esta photographia, emmoldurada, está patente na sala das sessões).

Azulejos e lapida, ao convento do Salvador, em Lisboa. Leu-se uma communicação do socio, mon-

senhor Elviro dos Santos, dando noticia de alguns azulejos antigos, e de uma lapida com letreiro, regulando o transito de coches, ao Salvador, azulejos e lapida que podiam ser adquiridos para o museu archeologico. Os socios Maldonado e Sousa Viterbo não acceitaram a idéa de se tirar a lapida do local onde está, por entenderem que todos os monumentos historicos devem conservar-se onde foram collocados, não havendo risco de ruina ou extravio. Os srs. Maldonado, Costa Goodolphim e Cavalleiro e Sousa, ficaram encarregados de examinar os azulejos.

Biographia do sr. Possidonio da Silva. O sr. Costa Goodolphim participou ter prompta a biographia do sr. presidente Possidonio da Silva. Por proposta do sr. Rocha Dias resolveu-se que a biographia fosse acompanhada do retrato do biographado.

Centenario da India. Por próposta do sr. presidente Valentim Corrêa, resolveu-se que a commissão do centenario escolhesse tres dos seus membros para a grande reunião da Sociedade de Geographia.

Vidraes: fabrica nacional. Resolveu-se tomar em consideração a recommendação de monsenhor Elviro dos Santos, relativa á fabrica nacional de vidraes.

SESSÃO DE 17 DE JUNHO DE 1894

Sessão solemne destinada á leitura da biographia do nosso respeitavel e sabio presidente, fundador da Associação, ex.^mo^ sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva.

Foi aberta a sessão ás 2 da tarde, estando presentes o sr. Valentim José Corrêa, vice-presidente; o secretario, sr. Gabriel Pereira; sr. Ernesto da Silva, thesoureiro; e os srs. Licinio da Silva, Sousa Telles, Rocha Dias, Costa Goodolphim, Antonio Joaquim de Oliveira, Sousa Viterbo, Costa Oliveira, Ascensão Valdez, Cavalleiro e Sousa, Pamplona, Guilherme de Sousa, Francisco José de Almeida, Chrysostomo Mackonelt, algumas damas das familias dos socios, etc.

O sr. Costa Goodolphim leu o seu bello trabalho, muito notavel no seu lavor litterario, cheio de factos, de noticias, de conceitos justos, relatando a longa carreira do nosso presidente.

A biographia do sr. Possidonio da Silva considera esta notavel actividade no triplice ponto de vista de architecto, archeologo e de philantropo. O biographo segue o architecto na sua carreira artistica, nos seus trabalhos; o archeologo nas suas investigações e descobrimentos, na fundação da Real Associação e do Museu do Carmo, no seu *Boletim* e outras publicações; o philantropo, o benemerito da sociedade em geral, no brilhante papel que teve na fundação do Albergue dos Invalidos do Trabalho, instituição fundada em homenagem á memoria d'el-rei D. Pedro V, albergue que felizmente tem progredido amparado e ampliado pela iniciativa particular.

Ao terminar a leitura da biographia o auditorio rompeu n'uma salva de palmas, espontanea e justa homenagem de consideração e respeito a quem tanto e tão desinteressadamente tem trabalhado, e tambem ao primoroso escripto do sr. Costa Goodolphim.

O sr. presidente entregou ao sr. Valentim Corrêa, vice-presidente da Associação, a medalha de honra, de prata, que lhe fôra votada como justa homenagem aos seus muitos serviços e superior merito artistico. A assembléa applaudiu unanimemente as palavras de louvor que o sr. Possidonio n'esta occasião dirigiu ao sr. Valentim Corrêa, distincto architecto, um dos nossos gloriosos veteranos.

Esta solemne sessão, em que se agradeceram publicamente os muitos e honestos serviços dos dois architectos, foi altamente sympathica e significativa na sua singeleza classica.

Aos socios e demais cavalheiros presentes foi distribuida a biographia.

SESSÃO DE 6 DE AGOSTO DE 1894

Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique, em Faro. Leu-se uma communicação de monsenhor conego Pereira Botto, participando a proxima inauguração d'este museu. Foi ouvida com prazer de todos esta communicação, resolvendo-se officiar felicitando.

Museu archeologico de Nova Goa. Noticia da installação d'este museu, por iniciativa de sr. governador geral da India. Resolveu-se officiar louvando e felicitando.

Biographia do presidente Possidonio da Silva. Leram-se officios nacionaes e estrangeiros, agradecendo. Em alguns dos officios ha phrases de justo elogio ao auctor da biographia.

Charles Lucas. Foi designado para representar a Real Associação na inauguração do monumento a Quatrefages.

(Continúa)

ASSIGNATURA.=Anno, 4 numeros, 600 réis.—Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio.—Numero avulso, 200 réis.

Typ. Franco-Portugueza, (Off.ª Lallemant) 1895

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 5

DISCURSO DO SR. ROZENDO CARVALHEIRA NA SESSÃO DE 26 DE JULHO DE 1895

Meus senhores. — Cumpre-me, em primeiro logar, agradecer aos illustres cavalheiros, que compõem esta benemerita associação, a honra, por certo immerecida, de me receberem no seu gremio; honra, para mim tanto mais apreciavel, quanto é certo que, da minha parte, nada existe que recommende a minha obscura individualidade á aquiescencia benevola de tão illustrados consocios.

Em todo o caso, se o serviço de uma incondicional boa vontade, auxiliada pelo trabalho aturado, póde servir como uma força, embora diminuta, essa força ponho-a ao serviço, á cooperação dos trabalhos associativos, caso a acceitem na sua infima validade.

Em agremiações da natureza d'esta, a que já tenho a honra de pertencer, todos os esforços e aptidões, todas as vontades devotadas, são, ou devem ser, consideradas uteis e bemvindas.

A hera não se dá mal com o gigantesco cedro, e se muitas vezes este lhe cede a seiva, que a vivifica e alenta, tambem, em troca, recebe d'ella a frescura e a apparencia vicejante, de que se orgulha na sua vetustez respeitavel.

Homens envelhecidos no labutar permanente de uma vida plena de dedicação ao estudo, criam uma força enorme, que lhes santifica o trabalho honesto; essa força, supremo auxilio dos novos, chama-se: conselho.

Mas no labutar constante, origem e base d'essa força, algumas energias da vida se perdem, muitos enthusiasmos se embotam, muitas descrenças se arreigam, e, n'estes casos, o sabio, o sincero e devotado operario das phalanges da sciencia, sentir-se-hia curvado irremediavelmente sob a força do desanimo, se não tivesse junto a si novas energias e esperanças, novas aspirações e desejos, synthetisados na fogosa mocidade, que lhe solicita o conselho auctorisado, permutando com elle planos de futuros commettimentos.

D'este reciproco auxilio, d'esta cooperação lealissima e sincera, póde e deve surgir o desejado equilibrio entre forças que perdem a sua primitiva energia, e as que surgem na plenitude da sua intensidade.

Antes de mim, e com melhores titulos ao ingresso n'esta respeitavel collectividade, entrou um dos novos, que pelo seu elegante discurso de apresentação, manifestou as mais felizes disposições e bons desejos de coöperar nos trabalhos d'esta associação benemerita; se a elle me refiro, nas breves palavras que me restam dizer ainda, é porque, na doutrina exposta no seu discurso, muita coisa vejo que intimamente perfilho, porque sinto de egual modo, e algumas outras n'elle vejo expressas, que profundamente lastimo as houvesse produzido um espirito, que tem, pela educação recebida em meio mais amplo do que o nosso, restricta obrigação de se não preoccupar com infimas *bugigangas*, permittam o termo.

A selecção hierarchica entre escola e escola é hoje incompativel, por injusta, com o espirito da epoca e com as tradições da democracia escolar.

Dizer-se que o Instituto Industrial é *inferior* á Academia de Bellas Artes, parece-me affirmativa um pouco ousada, sabendo-se, como é notorio, que algumas cadeiras do instituto são indispensaveis para o complemento do curso de architectura.

Em cursos especiaes não ha, a meu ver, comparação possivel, e cada um figura pelo seu valor absoluto.

O architecto e o conductor de obras publicas ou de minas, teem a sua esphera d'acção determinada, podem viver junta ou separadamente, nunca se confundem, e d'esta egualdade de principios nasce naturalmente a sua não desegualdade hierarchica.

Cumpria-me a mim, antigo alumno do instituto, que me orgulho de lhe dever o pouquissimo que valho, fazer esta declaração no mesmo logar onde se fez a affirmativa contraria.

Ella ahi fica; cumpri, como o entendo, strictamente o meu dever, e nada mais sobre o assumpto desejo accrescentar, embora se prestasse, a mais vastas considerações.

Releve-me o sr. Adães Bermudes, meu illustre consocio, esta breve contestação a um periodo do seu valioso discurso, que me pareceu injusto; se n'este ponto divergi por completo da sua opinião tão claramente manifesta, em outros como já disse, me encontro em completo accordo.

Quando se refere á profunda decadencia a que chegou a architectura em Portugal, tem phrases energicas, merecidas e justas.

Queixa-se, e com razão, da concorrencia que, aos architectos diplomados, fazem os simples *amadores* de architectura, como pittoresca e graciosamente lhes chama, e revolta-se contra os governos que desattendem aquelles, que a longes terras foram beber noções d'arte pura, para com ellas virem honrar o torrão natal — torrão tão esteril e ingrato, por signal que até ao presente, que me conste, não tem feito florir tão boa semente, com tanto carinho transportada dos grandes centros da arte antiga e moderna — Roma e França.

Decididamente Portugal é um pessimo terreno para sementes exoticas...

Ainda n'este ultimo caso, o meu erudito consocio tem razão.

E creia que sou insuspeito, quando lhe digo que tem razão, porque, bom é que se saiba e fique registrado, eu sou um dos *taes*, sou, em arte, e especialmente em architectura, uma entidade, a que um Lamark, um Cuvier da arte, classificariam devidamente, collocando-me no grupo zoologico dos — amadores —. Está bem.

Queixa-se tambem, e então com plenissima justiça, da concorrencia dos architectos e outras entidades artisticas, que varios governos teem importado do estrangeiro, generos estes de importação, por signal de tão melindrosa essencia, que ao serem implantados aqui perdem a seiva luxuriante da arte, que lá fóra os fez notabilidades, e que em Portugal, talvez pela ingratidão do clima, que fartamente descompõem, se transforma em opáca resina de chata mediocridade.

É uma triste verdade, mas é uma incontestavel verdade, salvo uma ou outra rarissima excepção.

Quaes os signaes da influencia artistica exercida por essas entidades de importação durante o já longo periodo d'uns poucos de annos?

Que obras notaveis, que discipulos teem surgido do ensino ministrado nas escolas do paiz, de forma a justificarem a despeza enorme que se tem feito com o professorado estrangeiro de contracto?

O paiz é mau, o paiz não presta, tudo quanto possuimos e fazemos é detestavel, mas, apesar de todas essas circumstancias desgraçadas, apesar de tudo ser ruim, como despejadamente confirmam os estrangeiros, em geral agarram se ao nosso solo ingrato, criam raizes, absorvem-lhe avidamente a seiva que o chão patrio lhes negou, e quando já sentem o peso dos fructos d'ouro, recolhem-se nostalgicos á saudosa patria.

É justo o sr. Adães Bermudes quando se refere a tão conspicuos cavalheiros.

A idéa grandiosa da instituição das escolas industriaes é de tão vasto alcance para o paiz, que só por si basta para immortalisar o nome dos patrioticos ministros que a tornaram um facto.

Quando se fallou no provimento d'essas escolas por professores estrangeiros, todos, e até o talentoso ministro que o decretou, esperavam que d'essa resolução adviesse, para o paiz, um renascimento industrial e artistico, que de vez nos orientasse n'um caminho positivo de bem entendido progresso.

Já lá vão bastantes annos, e por emquanto nada se viu de extraordinario que justifique a permanencia de estrangeiros nas escolas industriaes; o que se tem feito, está, louvado Deus, inteiramente ao alcance dos optimos elementos nacionaes que possuimos, para isso temos no paiz muitas e prestantissimas aptidões, que facilmente dispensariam a collaboração de estranhos.

Infelizmente, por lastimavel depravação do sentimento patrio, somos sempre os primeiros a menospresar o bom que temos, ao mesmo tempo que nos estarracemos de pasmo perante todas as notabilidades exoticas que trazem o carimbo d'além da fronteira; lastimavel e criminosa tendencia a nossa!...

* * *

Evidentemente a entidade architecto é, de todas as entidades artisticas, a que maior responsabilidades congloba, e maior somma de conhecimentos exige.

Se a Grecia elevou o conceito dos architectos, quasi á dignidade de semideuses; se Roma lhes tributou honras excepcionaes e raros privilegios; em troca, lhes exigiram uma tal simultaneidade de conhecimentos e aptidões, que raros, rarissimos mesmo, possuiram.

O architecto era o projectante, o constructor, o esculptor, o fundidor de metaes, o engenheiro em fim. Era o pensamento, a idea, a execução.

Cada conquista feita em favor da sua difficilima e complexa arte, era um triumpho saudado pelos comtemporaneos com as maiores demonstrações de apreço.

A Bysés de Naxos, architecto que floresceu no 6.º seculo antes de Christo, foi erigida uma estatua commemorativa, pelo facto de haver inventado a arte de talhar no marmore telhas destinadas á cobertura de edificios.

Vitruvio foi talvez o mais antigo architecto e engenheiro digno d'estas classificações; teve a rara felicidade de nascer e florir no gloriosissimo seculo de Augusto, seculo extraordinario para as bellas artes e sciencias, e por isso as preciosas qualidades com que a natureza o dotara encontraram amplo campo, plano e fecundo, para se expandirem e applicarem, de forma a immortalisarem-lhe o nome e a caracterisarem um seculo.

D'esse aureo periodo da arte existem, como em velho livro, as paginas velustas corroidas pela traça dos seculos, representadas nos restos de aqueductos, thermas, pontes, arcos, fontes, amphitheatros e templos, que a magnificencia dos romanos elevou n'esse periodo afortunado.

A sciencia architectonica, coordenada, codificada, por assim dizer, por Vitruvio, no seculo de Augusto, foi a fonte perenne onde beberam os architectos das gerações subsequentes.

O classicismo tem ahi a sua origem, a sua base fundamental.

Durante os seculos decorridos, desde Augusto até ao reinado de Constantino, a architectura floresceu com desusado brilhantismo.

D'esta epoca em diante, os effeitos da invasão dos barbaros fizeram-se sentir d'uma forma desgraçada em todas as manifestações do genio humano, causando revoluções funestissimas nas sciencias e nas artes.

Nos reinados subsequentes ao de Constantino, a architectura greco-romana, que já tinha attingido um elevado grau de perfeição, sente-se gradualmente definhar, viciada nos seus fundamentos, até que de todo succumbe e se annulla na sua formula classica e pura, para depois emergir pervertida no seu purismo tradicional, hybrida, maculada, balbuciante, chrismada em architectura gothica ou tudesca.

Essa architectura extraordinaria campeou triumphante por seculos, sem que uma contra-corrente artistica se lhe oppozesse, até que Philippe Brunelleschi, architecto florentino, com assombrosa dedicação e efficacia, se oppoz ás idéas predominantes, arvorando o estandarte da revolta, em nome do purismo classico, e purgando a architectura greco-romana dos barbarismos com que, durante longo tempo, havia sido maculada e quasi subvertida.

Ao grito de revolta de Brunelleschi, correram a filiar-se na cruzada de renascimento classico os Bramante, Falconeto, Buonaroti, Sansovino, Vignola, Palladio, Scamozzi, e muitos outros, que durante seculo e meio constituiram a brilhantissima phalange de luctadores, que repoz a architectura no seu brilhantismo e na sua pureza primitiva.

Se Vitruvio foi o primeiro architecto que compilou as regras e principios da architectura greco-romana, quando ella estava em plena efflorescencia, Palladio foi incontestavelmente quem codificou, de um modo definitivo, as suas leis fundamentaes no periodo da renascença.

Eis n'um rapido esboço os grandes periodos caracteristicos da architectura, as suas mais importantes phases.

De 1500 até ao presente, a architectura tem soffrido modificações mais ou menos sensiveis.

As formulas classicas, impostas pelo renascimento triumphante, raras vezes teem preoccupado seriamente os artistas, principalmente no presente seculo, e uma desenfreada licença, uma, por vezes mal entendida, liberdade artistica, tem acarretado sobre esta difficilima manifestação d'arte umas perturbações profundas, anarchicas e dissolventes.

O modo de ser social d'um povo traduz-se fatalmente nas suas manifestações artisticas.

A architectura é, talvez, de todas ellas, a que mais profunda e immediatamente recebe e transmitte as impressões revolucionarias do meio em que floresce.

Por essa razão se explica o intenso poder suggestivo de um monumento architectural, seja qual fôr a epoca da sua construcção, principalmente quando ella se correlaciona com a commemoração d'um facto que impressionou profundamente uma epoca.

As chronicas, os poemas medievaes, escriptos no lavor caprichosissimo do marmore, fallam mais eloquentemente ao espirito de quem sinceramente ama o passado no que elle teve de imponente, de

heroico e grandioso, do que as estrophes, por vezes banaes, dos primitivos trovadores e poetas.

Entre-se em qualquer templo, d'aquelles que o passado nos legou, envolto na dourada poeira da tradição, templos que, por vezes, synthetisam todo o esplendor d'uma epoca, toda a valentia d'uma raça, toda a sinceridade d'uma crença ; é extraordinaria a impressão recebida !

Perpassa-nos pelo espirito absorto na contemplação, uma revoada do passado, toda a visão complexa d'uma epoca.

A nudez velusta das naves a indicar-nos a simplicidade do viver coevo, o arrojo quasi maravilhoso das artesoadas abobadas, apenas pousadas ao de leve sobre os rendilhados capiteis de esbeltissimos feixes de caprichosas columnas, a revelarem nos a coragem e o arrojo de sobrehumanos acommettimentos ; os formosissimos vitraes, por onde a luz solar vae coar-se, até beijar melancholica o chão sagrado do templo, a suggerirem-nos idéas de meditacão, que nos elevam o espirito á suprema aspiração da fé, ao seio infinito de Deus.

Isto, ou antes, o complexo de tudo isto, assoberba-nos de tal forma o espirito, com o seu intenso poder suggestivo, que chegamos a esquecer-nos de nós mesmo n'esse sonhar acordado, que a fugitiva, visão de outros tempos, nos produziu, anesthesiando-nos a alma n'uma photosphera de mysterio e de crença.

Entrando-se no edificio monumental da Batalha, sente-se alguma cousa parecida com este complexo de impressões ; o animo varonil, heroico e ousado de D. João I, a crença austera e sinceramente sentida, que lhe inspirou a alma patriotica e lhe robusteceu o ferreo braço, parecem transudar da velha silharia dos muros, do gigantesco das abobadas, dos finissimos lavores que guarnecem todo o templo.

Ao sentir-se a visão de toda essa epoca fulgentissima da nossa nacionalidede, parece ouvir-se o canto ousado do guerreiro, intercalado pelas melodias suavissimas d'um hymno, entoado por esses dois luminares da nossa historia, que se chamam : D. João I, o mestre d'Aviz, e Nuno Alvares Pereira, o santo condestavel.

Ora, se a cada monumento que o passado nos legou, se ligam intimamente as tradições de factos que constituem todo o nosso orgulho de portuguezes, hoje, quasi o unico patrimonio que nos resta do muito que malbaratamos, porque nos não havemos, todos os que presamos as nossas gloriosas tradições, unir n'uma cruzada santa, afim de se impedir de vez, mas de vez, notem bem, os vandalismos que ainda, para vergonha de todos nós, se estão commettendo a cada passo ?

Alguma cousa n'esse sentido se tem feito, e esta associação, com desvanecimento o reconheço, tem o seu maior titulo de gloria no muito que, para esse fim, tem concorrido.

É mister, porém, aos muitos que já tem feito, accrescentar novos esforços, de forma a garantir a conservação dos vestigios preciosissimos dos nossos monumentos que, além de serem para os desfallecimentos do presente, um poderoso incentivo, pelo muito que dizem na sua mudez eloquente, são tambem documentos valiosos para o estudo que deve fazer-se da historia da arte em Portugal.

Quizera ainda sobre os varios assumptos, em que de leve toquei, dizer alguma cousa do muito que me resta dizer, mas já de sobejo tenho abusado da paciencia e attenção dos meus illustres consocios, e não quero, que, na primeira occasião, em que me encontro com elles, lhes fique o direito de me *classificarem* como o mais estupendo dos bachareis formados na faculdade da — massada.

Para classificação, louvado Deus, já me basta a de *amador* em cousas d'arte, e especialmente em architectura, com que virtualmente me honraram, e me honro ; fiquemos n'isto.

Cumpre-me pois, terminar, confirmando mais uma vez o profundo reconhecimento de que me encontro possuido, ao ver que homens de reputação, formada pelos seus muitos e valiosos trabalhos, não recusaram, antes acolheram benevolamente no seu illustradissimo gremio, como seu consocio, uma entidade que nada tem a recommendal-a, se não o ser o seu reconhecimento intensissimo e a sua gratidão profunda pelos favores recebidos.

Tenho dito.

ALGUMAS NOTICIAS PARA A DESCRIPÇÃO HISTORICA DO LOGAR E FREGUEZIA DE ALCAINÇA

(Continuação dos n.os 3 e 4)

Logar da Carrasqueira e a Ermida de Santo Antonio

O logar da Carrasqueira da freguezia de S. Miguel de Alcainça era antigamente uma aldeia do termo e correição de Cintra, ouvidoria de Alemquer. Actualmente pertence ao concelho e comarca de Mafra.

Em 1751 haviam onze aldeias com o nome de Carrasqueira, presentemente existem dezenove logares pelas provincias do Minho, Douro, Estremadura, Alemtejo e Algarve, e dezesete casaes, herdades e montes assim denominados.

O logar de que se trata tem dezoito fogos.

As noticias antigas, que se encontram ácerca do logar da Carrasqueira, constam dos tombos dos bens da capella de S. Silvestre, instituida na egreja parochial de S. Miguel de Alcainça pelo padre Vicente Annes Froes, prior de Santa Maria de Che-

leiros, em cumprimento das suas disposições testamentarias de 31 de março de 1363, e n'esse testamento o instituidor, entre outros casaes legados, menciona o «Cazal da ponte.»

Como os administradores dos bens da capella de S. Silvestre não cumprissem as obrigações da instituição, el-rei D. Manuel mandou em 1499 fazer tombo de todos os bens como bens da corôa, e n'esse tombo acha-se assim descripto o

«Cazal da ponte do Mosteiro
verba do tombo velho.»

«Item o dito cazal da ponte do mosteiro que he em o dito termo de cintra que ora traz arrendado hum Sebastião lourenço, e paga delle de renda em cada hum anno sincoenta e seis alqueires de pão meado, e hum boreco, este cazal tem huma terra grande na cabeça de nouollos (cabeço do Mocharro) que he della lauradia, e della em campos nos ualles della, e della he em serra, e mattos maninhos a qual terra se começa des o cume da dita cabeça de nouollos agoas uertentes para o Rio da ponte contra Alcainça assi como parte do leuante do cume da dita cabeça com termo de lisboa, e do ponente entesta no baixo com herança dos cazaes de Alcainça e com cazal de Dom Pedro sardinha e do abrego (sul) com cazal de Santa Cruz de coimbra, e do aguião (norte) com o dito do dito Dom Pedro, e he de longo medida pello mejo uindo direita de sima até baixo nouecentas e nouenta uaras, e da parte do Rio Leva de largura seis centas e nouenta uaras.»

El-rei D. Filippe II, em seu alvará de 4 de outubro de 1619, ordenou que procedessem a novos tombos dos bens das capellas da corôa, os quaes andavam sobnegados e alheados, e os juizes executores, nomeados para esse fim, mandaram em sua sentença de 30 de setembro de 1624, proceder a novo tombo de todos os bens da capella de S. Silvestre, comparado nas confrontações e medições com o antigo, e foi então descripta da seguinte fórma a

«Verba do tombo nouo»

«Item o cazal da ponte do mosteiro da Carrasqueira que está no termo da villa de cintra parte da banda do poente com o Rio, e com Inacio fernandez da carrasqueira, e tem por esta parte seiscentas e oitenta e tres uaras, e da parte do sul parte com os cazais da Universidade de coimbra por onde está todo demarcado e tem por esta banda nouecentas e corenta e seis uaras e do leuante parte com termo de lisboa e estremadura do termo da Villa de cintra e com jurdão fernandez do cazal do mocharo termo de lisboa e do norte parte com cazal que tras Inacio fernandez da carrasqueira que he de herdeiros do Sardinha, e com hereos (herdeiros) do lugar da carrasqueira o que todo está deuisado, e tem alguns marcos e por o mejo dos combros do Rio tem medido o dito cazal quinhentas quarenta e sete uaras por ser largo ao longo do Rio, e vir para sima estreitando tanto que tem no fim do Rio seiscentas e oitenta, e tres uaras, a parte do poente, e ao leuante não tem mais de duzentas e trinta e duas uaras.

Pelas confrontações demarcadas ao Casal da ponte no tombo de 1624, conhece-se que a existencia do logar actual está approximada ao que n'aquella epocha era indicada.

A povoação da Carrasqueira está assente em uma collina, em cujo cume foi edificada uma ermida dedicada a Santo Antonio.

O oiteiro da Carrasqueira está entre, e a menos de meia altura, do cabeço do Cerro com 402 metros sobre o nivel do mar, e do cabeço do Mocharro ponto trigonometrico marcado com 425 metros.

Á meia encosta do cabeço do Mocharro, voltada ao norte, existem as ruinas de uma casa nobre com sua capella, obra do fim do seculo passado ou principio do actual, conhecendo-se que tinha sido bem construida; pois que todas as humbreiras e vergas das portas e janellas são de boa cantaria: é alli a quinta das Pêgas com magnifico arvoredo e muita vegetação pela muita agua de rega. N'este cabeço ha nascentes de agua potavel, sendo uma muito abundante e de excellente frescura no verão.

A quinta e o cabeço pertencem á freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Egreja Nova, tambem do concelho de Mafra.

No cume do cabeço está o marco geodesico ou ponto trigonometrico, e os obreiros na reconstrucção marcaram na argamassa o anno e naturalmente as iniciaes dos nomes do pedreiro e trabalhador ajudante

1885
M. V.
L N

O panorama, que se desfructa d'este cume, é surprehendente, ao norte e leste proximos os differentes cabeços d'esta região, mais ao longe no alto a capella de Nossa Senhora do Soccorro ou das Neves, tambem denominada Senhora da Cabeça, e ao fundo a serra de Montejunto, vendo-se uma grande quantidade de povoações até ás proximidades de Torres Vedras, ao poente Mafra e outras povoações, o Oceano até ás Berlengas, e ao sul Cintra e todo o campo do Almargem e Sabugo; não se avistando a parte alta occidental de Lisboa, porque

fica encoberta pela serra da Carregueira superior a Bellas

Seguindo a linha ferrea de Lisboa a Torres Vedras, na região entre as estações de Mafra e Malveira, por um valle, a Carrasqueira fica do lado do sul ao kilometro 36,400, marcados da estação de Alcantara-terra, com casa de guarda da passagem sem cancellas.

Como a povoação está assente no alto e encosta sul do oiteiro, nos valles do lado do norte e do sul existem duas pontes, umas simples lageas sobre uns encontros de alvenaria, sob as quaes correm no inverno as aguas dos cabeços, as quaes se vão juntar á ribeira da Malveira.

Ermida de Santo Antonio

Está edificada no alto da Carrasqueira, não apresenta antiguidade; é fundação do fim do seculo XVII, em tudo conforme «a aspereza e pobreza da regra da ordem dos frades menores do seraphico padre S. Francisco» á qual o nosso Santo Antonio pertenceu. Tem a frontaria voltada ao poente com um alpendre, tendo na frente uma entrada e duas janellas, na parede do lado do norte outras duas janellas, e na do sul outra entrada e duas janellas, medindo este alpendre de largura 6,^{m}18 incluindo as paredes, e de comprido 4,^{m}60 até á porta da entrada para a ermida.

A ermida mede interiormente de largura 4,^{m}75, e de comprimento 7,^{m}66 desde as humbreiras da porta principal até ao arco cruzeiro, e do arco ao fundo do altar 3^{m},55, e de largura da capella do altar 4,^{m}10.

Tem um só altar, e as paredes da capella aos lados do altar estão forradas de azulejos, branco e azul, na altura de 1^{m},62 e de largo 1,^{m}25, formando dois quadros representando actos attribuidos á vida do nosso thaumaturgo Santo Antonio de Lisboa; da esquerda é «a mula recusando a comida e prostrando-se na presença do SS. apresentado pelo Santo» e da direita é o Santo «prégando aos peixes, já que os homens o não queriam ouvir.» A pintura d'estes azulejos é de bom desenho.

Na capella, proxima ao altar e do lado do sul, ha uma porta, que communica com a sacristia, a qual tem outra porta para o adro, coberta com um pequeno alpendre.

Todas as janellas e portas são de forma rectangular.

No extremo do terreiro onde está a ermida, e para o poente, existe um cruzeiro, uma cruz liza de pedra sobre tres degraus.

Os moradores da Carrasqueira fazem annualmente a sua festa a Santo Antonio, quasi sempre em fim de agosto ou principio de setembro, depois da colheita do milho, principal producção agricola da localidade, consistindo a festa em missa, sermão, procissão e arraial com a musica de *numero dois* (como lá dizem) a tradicional gaita de folles e tambor.

(Continúa)

Ascensão Valdez.

A SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA

As antiguidades extrahidas das ruinas de Troia, e onde é que se acham depositadas

Não vamos publicar um corpo de doutrinas, concernentes á sciencia archeologica, com a pretensão de fazermos a historia de antigos povos, que estacionaram nas margens do antigo Callipus, Sadam, etc., e de outros que occuparam diversos territorios, mais ou menos proximos, tendo de remontar-nos ás suas origens, raças, linguas e costumes d'essas gentes, que existiram ora agrupadas em tribus ou familias distinctas e separadas, ora confederando-se e formando nações mui populosas e importantes em epocas remotas, e quasi que extinctas e apagadas.

Havemos de mais tarde, se a vida nos não faltar e o vigor nos não abandonar, tentar ainda, em rapida revista retrospectiva, esboçar a largos traços o que antigos auctores e modernos escriptores teem tratado e publicado não só em grossos volumes e em obras de menos tomo, mas ainda em monographias, opusculos e folhas avulsas lançadas á luz da publicidade, onde se encontram muitas e diversas noticias com respeito a uma antiga cidade, cuja origem se perdeu na escuridão dos tempos, mas que se fundára n'uma parte da margem esquerda do Sado, que alli em população crescera e em trato e policia florescera.

Com o correr, porém, dos seculos, que tudo a final destroem e consomem, essa famosa cidade, depois de se elevar ao apogeu do fausto e da grandeza, foi declinando e cahiu na obscuridade da pobreza, e mais tarde, depois de ter passado por entre as luctas sangrentas e assoladoras dos homens, de todo foi destruida por uma d'essas tremendas revoluções geologicas, não raras em antigas epocas, e que a arrastára e submergira entre dunas ou medas de areias revoltas pela invasão impetuosa das aguas maritimas convulsionadas.

O nosso objectivo não é, porém, desde já entrar, ou antes tactear esse assumpto, nem por ora dar publicidade ás largas e interessantes noticias que temos colhido da historia e do estudo, acompanhando-as d'aquellas, não menos valiosas, que nos legaram os annaes, os diarios e muitos outros instructivos e preciosos documentos relativos á «So-

ciedade Archeologica.» O nosso objectivo, o nosso fim principal é fazer com que fique bem manifesto, accentuado e publico onde é que se acham de ha muito depositadas na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa todas as antigualhas e demais objectos, como livros, documentos e papeis pertencentes áquella sociedade, e que á mesma Academia foram entregues em deposito, com todas as garantias necessarias. Tanto mais quando já vae cerca de meio seculo decorrido desde a fundação da «Sociedade Archeologica.» E bom é que d'ella ainda nos recordemos.

Da entrega d'esses objectos á Academia Real das Bellas Artes fallou em tempo a imprensa, fallou-se nas duas casas do parlamento, e fallou-se em diversas associações litterarias e scientificas, assim como em differentes commissões de homens competentes e auctorisados.

Mas como ainda assim ha quem de nada se lembre e tudo mostre ignorar, corre-nos o dever de nos esforçarmos para esclarecer esses espiritos desmemoriados.

Foi isto que nos suscitou a idéa de traçarmos as bases d'este opusculo, que de feito traçámos e tanto quanto possivel desenvolvemos. Mas n'isso ficámos, porque outras cousas occupavam a nossa attenção. O nosso antigo amigo, dr. Domingos Garcia Peres, quiz vêr o manuscripto, leu-o, e tanto lhe agradou, que me pediu logo, e por muito tempo tem instado para que o publique E elle que foi nosso collega na fundação da «Sociedade Archeologica», elle que foi nosso companheiro nos esforços que se empregaram, para se pôr a salvo tudo quanto pertencia á mesma Sociedade, tem todo o direito a que satisfaçamos aos seus desejos.

Passando ás escavações nas ruinas da *Troia*, em parte da margem esquerda do Sado, apenas fazemos breves considerações com respeito ao que lemos, estudámos, investigámos e pensámos por entre as proprias ruinas.

As pesquizas e escavações, que teem sido executadas no local da *Troia*, desde meado do seculo XVI, e continuaram a intervallos e como que a retalho durante os seculos XVII e XVIII, com quanto dirigidas por homens illustrados, alguns de subido saber e fervorosos exploradores auctorisados, nunca foram além de mui pequenos ensaios ou tentames de alguns amadores de antiguidades; mas, ainda assim, as antigualhas, que d'alli se extrahiram, mostraram a toda a luz que taes preciosidades, tantas e tão variadas, tinham servido de ornamento a uma vasta, opulenta e notavel cidade.

Nos começos do corrente seculo, algumas pesquizas alli se fizeram que produziram interessantes descobertas, comquanto outros achados de não menos valia foram devidos ao acaso ou a procuras de um ou outro curioso nacional ou estrangeiro, e ainda ao derribar das dunas ou ao desmoronar das paredes, que as sustinham a prumo, e tambem ás mudanças quasi successivas das areias, que, impellidas pelos ventos, ora diminuem aqui, ora augmentam acolá.

Foi de todas essas noticias, e dos estudos, dos trabalhos materiaes e intellectuaes de portuguezes, illustres por seu saber, e de alguns estrangeiros, e ainda dos muitos e continuados achados, que parecia cada vez mais renascerem do solo da *Troia*, local da cidade submergida, que nasceu o pensamento da organisação da «Sociedade Archeologica Lusitana», que n'este seculo se fundou na cidade de Setubal, sociedade que foi a primeira corporação scientifica de archeologos, que entre nós se instituiu, com o fim exclusivo de explorar as chamadas ruinas de *Cetobriga* e de adquirir luzes e conhecimentos sobre a historia, geographia e costumes antigos, dos quaes se tivessem originado os que existem.

Recordemo-nos, pois, da «Sociedade Archeologica Lusitana», que comprehendeu a missão do seu seculo e teve a gloria de nascer entre as honras com que os grandes a acolheram e festejaram, no meio das boas vindas e applausos dos homens mais illustrados, e que assim encetou os seus trabalhos, ferteis em valiosos achados, e parecendo que a estrella da felicidade em tudo a guiava, pois não pouca foi logo a luz, que das explorações se projectava sobre a historia d'essa cidade, dos seus desastres e das suas ruinas.

I

Por fins do primeiro quartel do corrente seculo, pouco mais ou menos, já se achava em Setubal o illustre bejense Manuel da Gama Xaro, então beneficiado da freguezia de S. Sebastião, depois parocho e vigario geral no respectivo arcediagado, mais tarde desembargador da Relação do patriarchado, e afinal conego da Sé patriarchal de Lisboa; ecclesiastico dos mais dignos e illustrados, homem respeitavel por sua vasta erudição, subida intelligencia, prodigiosa memoria, e outros dotes que mais resplandeciam por seu honrado caracter e outras muitas virtudes. Mas de Gama Xaro já nós escreviamos em 1861 «que lia muito, mas pensava e meditava mais do que escrevia». E de feito poucos foram os seus escriptos, que publicou e que por cá deixou. Só quem de perto o conhecia e com elle convivera, podia fazer uma idéa approximada da sua mui profunda erudição, sempre tão apreciada e procurada pelo seu particular e devotado amigo o notavel cardeal Saraiva, Fr. Francisco de S. Luiz.

Gama Xaro era ordinariamente pouco communi-

cativo, e sempre que podia, conservava-se no retiro do seu gabinete, vivendo quasi sempre entre livros e papeis, e applicado aos estudos archeologicos. O fervor com que os abraçava, levava o a passar frequentemente á margem esquerda do Sado, que por largos annos visitou, e onde de continuo fazia pesquizas por entre as dunas, que encerravam as ruinas d'aquella antiga cidade a que chamavam *Cetobriga*. N'uma das mãos levava um livro, na outra um sacho, e assim por lá divagava e se aprazia d'aqui e d'alli a escavar, d'acolá e d'além a ir descobrindo mais ou menos antigualhas, que lhe serviam de estudo e regalo. No entanto Gama Xaro, posto que se furtasse ao bulicio do mundo, nem por isso deixava de ser accessivel a todos que o procuravam, e com particular predilecção se affeiçoava áquelles que reconhecia serem dedicados aos estudos, que elle tanto cultivava, prestando-se com gosto a servir-lhes de guia e a alguns até de mestre.

Mas estavamos já em meado do anno de 1849, quando ainda não se tinham extincto os restos de malquerenças nem apagado os resaibos de passadas dissensões, e sobre Setubal pairavam ainda as sombras de trevas tempestuosas d'essas convulsões politicas e luctas fratricidas, uma das maiores calamidades que flagellam os povos.

E porque no entanto alguns individuos, uns por desenfado e diversão do espirito, outros por affeiçoados ás cousas antigas, continuavam passando quasi diariamente algumas horas do dia e da noite em casa de Gama Xaro, e por vezes o acompanhavam nas suas excursões pelos areiaes da *Troia*, que era o seu Eden predilecto, foi d'este respeitavel sacerdote que os neophytos antiquarios receberam o baptismo archeologico, assim como foi elle quem lhes serviu de guia e de mestre.

Foi d'essas reuniões, conversas ou palestras, quasi continuas, de um pequeno grupo de homens, ainda na força da vida e com a fé e illusões da mocidade, que, em casa do distincto archeologo, onde, por assim dizer, só se fallava em archeologia, pondo-se de parte opiniões politicas, nasceu a idéa de se encetar um ensaio de exploração ou reconhecimento no local d'aquellas ruinas, não só para desaffrontar alguns edificios d'entre as dunas, e pôr a descoberto muitos outros que sobresahiam á flôr do solo, como para romper por meio das médas d'areia, abrir largas vallas e cortar a terra em differentes direcções, alim de serem extrahidas todas quantas antigualhas alli se encontrassem, deixando-se comtudo ficar fixas ao terreno todas as que por suas grandes dimensões ou outras condições não conviesse remover, pelo grave prejuizo que d'essa remoção resultasse; finalmente, que se procurasse quanto possivel qualquer inscripção geographica, que nos revelasse o nome da cidade destruida ou outros monumentos que nos instruissem, ou déssem alguma luz sobre a area da povoação, grandeza e numero approximado dos seus edificios, vias publicas, e tudo quanto nos pudesse alucidar ácerca do viver, trato, economia e policia dos antigos habitantes da cidade.

II

Abraçada a idéa da exploração nas ruinas da *Troia*, e quando já se tratava de reunir um certo numero de cavalheiros que se esperava concorressem para se effeituarem as pesquizas, constou que o 1.° Duque de Palmella, em companhia do então visconde de Sá da Bandeira, [1] tencionava vir á Arrabida, e d'alli passar a visitar aquellas ruinas. O mau tempo que sobreveiu, obstou á visita d'esses dous personagens, mas a idéa da exploração tomou novos alentos e robusteceu; e taes foram as esperanças que se incutiram no animo de muita gente, que logo se resolvera não só metter mãos á obra planeada, como dar-lhe maior desenvolvimento, alcance e realce correspondente.

Em seguida o mestre deu a traça, e os demais operarios secundaram-n'o com todo o enthusiasmo da mocidade e d'aquellas paixões de uma idade sempre repleta de esperanças promettedoras de venturas.

Lavrou-se um relatorio e redigiram-se as bases sociaes que quasi de improviso, e no meio d'aquelle expansivo enthusiasmo, receberam o titulo de *Estatutos da Sociedade Archeologica Lusitana*, cujo fim era exclusivamente promover, por todos os meios ao seu alcance, e effeituar uma escavação nas ruinas da antiga *Cetobriga*, e adquirir luzes e conhecimentos sobre a historia, geographia e costumes antigos, de que se tivessem originado os que hoje existem (artigo 2.°)

Em Setubal formar-se-hia um museu archeologico dos objectos que se descobrissem, os quaes ficavam sujeitos á alta inspecção do governo, para que, na conformidade dos alvarás de 20 de agosto de 1721 e 4 de fevereiro de 1802, pudesse prover a que estes objectos se não deteriorassem ou alienassem indevidamente. Pertenceriam, porém, exclusivamente á «Sociedade Archeologica» o dominio dos ditos objectos, a gerencia absoluta na collocação e classificação d'elles, assim como o seu regimen interno e economico (artigo 3.°)

E no § 3.° do artigo 22.° preceituava-se *que era absolutamente prohibido tratar questões politicas*.

O Relatorio e Projecto de Estatutos foram en-

[1] Depois marquez de Sá da Bandeira.

LALLEMANT, LISBOA.

COLLAR DA PENHA VERDE
(CINTRA)

viados pelos socios fundadores [1] ao Duque de Palmella, acompanhados de uma respeitosa carta, em que se lhe supplicava houvesse dignar se de acceitar a alta protecção da Sociedade.

A carta e demais papeis foram por um dos socios fundadores apresentados ao mesmo Duque, que, fazendo a mais benevola recepção, entre outras demonstrações de agradecimento, respondeu vocalmente e por escripto, que não só se lisongeava de como socio fazer parte da Sociedade, mas que o mais breve possivel iria á Setubal assistir á sua inauguração.

Esta tão esmerada deferencia praticada por tão alta personagem, foi de uma lisongeira e agradavel surpreza para toda a povoação, porque via assim não só honrada a Sociedade como a sua propria terra.

O Duque não se fez esperar. Tendo sahido da capital em direcção ao seu solar de Calhariz, d'aqui, no dia 8 de novembro de 1849 dirigiu-se a Setubal. Ao estalar dos foguetes, nas alturas do Viso, que annunciava a chegada alli do grande e primeiro estadista portuguez dos nossos tempos, na villa, o povo como que em alvoroço sahia de toda a parte, correndo em magotes para a rua da Praia, quando já o sol ía no seu occaso. O Duque, sahindo da praça de S. Pedro, e entrando n'aquella rua, mostrou-se agradavelmente surprehendido ao vêr todo aquelle espaçoso terreno trasbordando de espectadores, e assim acompanhado de seus genros, o marquez das Minas e o conde das Alcaçovas, do seu secretario particular Roberto José da Silva, do governador militar da praça e dos socios fundadores, todos a cavallo, continuou caminhando, mas já por entre duas alas de povo e no meio de milhares de pessoas de todas as classes, que se descobriam e o saudavam na sua passagem, em quanto que o Duque não cessava de se mostrar commovido e agradecido áquella cordeal e respeitosa dedicação que se tornara, por assim dizer, n'uma manifesta e mui significativa ovação popular, ao som do fogo de artificio e das musicas marciaes, indo afinal alojar-se no hotel hespanhol, na mesma rua,[2] á porta do qual foi recebido com as honras militares, prestadas por uma grande força de caçadores n.° 1, destinada á guarda de s. ex.ª, que agradeceu e dispensou.

Na tarde do dia 9, o Duque de Palmella embarcava n'um escaler do Estado e ía visitar as ruinas da *Troia*, acompanhado dos fundadores da «Sociedade e outras pessoas, além de diversos individuos que o seguiam em differentes embarcações.

O Duque ficou maravilhado e mui satisfeito ao vêr tão grande numero de destroços de antigos monumentos, e desde logo prometteu a sua cooperação em tudo quanto estivesse ao seu alcance, para o bom resultado da empreza. E depois de percorrer o espaço de terreno que mais era occupado das maiores ruinas, e de subir ás dunas para observar o largo espaço do solo da *Troia*, descançou sob uma barraca de lona, que alli se armára, e depois reembarcou em direcção a Setubal, onde recolheu á sua pousada.

III

Na tarde do mesmo dia (9) o distincto estadista e fidalgo illustre dirigia-se ás denominadas casas dos *paços do duque*, onde, reunidos em assembléa geral, o esperavam os membros da «Sociedade Archeologica», que lhe rogaram acceitasse a cadeira da presidencia. Accedendo ás respeitosas instancias, assistiu assim á inauguração da mesma Sociedade e dirigiu os demais trabalhos preparatorios. Serviram de secretarios Annibal da Silva e Almeida Carvalho, que lavrou a acta da sessão.

O Duque agradece com as mais benevolas expressões de reconhecimento o logar de honra com que a assembléa o distingue. Manifesta o quanto lhe fôra agradavel a visita que acabava de fazer ao local das ruinas, cuja vastidão o havia surprehendido. Pede que o titulo de protector se lhe elimine, e a assembléa o encarregue de, por parte da Sociedade, offerecer a Sua Magestade El-Rei D. Fernando o titulo de Protector, cujo nome seria a maior das garantias para que fossem coroados os louvaveis desejos de todos os seus membros. Diz que tinha a esperança de que Sua Magestade não se negaria ao convite e dignar-se-hia assumir aquelle titulo. Estava convencido de que, com este seu pedido, faria o maior serviço á «Sociedade», dando-lhe toda a força para com a empreza a que ella se dirigia.

Expõem diversas considerações os socios Gama Xaro e Annibal Alvares da Silva, mostrando o receio de que Sua Magestade se recusasse, por ter a «Sociedade» já offerecido a Protectoria ao nobre Duque, manifestando, porém, a maior satisfação e desejo de que Sua Magestade annuisse ao pedido que respeitosamente lhe iria fazer a «Sociedade».

O duque declara que não se recusará a acceitar a presidencia, como uma honra que a «Sociedade» já lhe offerecera.

Annibal Alvares da Silva fez então a proposta seguinte: Que a assembléa resolvesse, se quando os socios fundadores se dirigiram ao sr. Duque de Palmella, convidando-o a acceitar a presidencia protectora da «Sociedade», tinham fielmente exprimido os sentimentos de todos os socios?

---

[1] Manuel da Gama Xaro, Domingos Garcia Peres, Annibal Alvares da Silva, Sebastião Maria Pedroso Gamitto, Jorge Torlades O'Neill e João Carlos d'Almeida Carvalho.

[2] E' a casa entre a travessa do Hospital e a do Fr. Gaspar, onde tem a entrada.

Approvado por acclamação.

Gama Xaro: — E agora, sr. Duque, que havemos de fazer?

O Duque: — Auctorisar-me a «Sociedade» para que em seu nome vá pedir a Sua Magestade se digne de acceitar o titulo de seu Protector.

Annibal Alvares da Silva, fazendo diversas considerações, manifesta que a concessão d'essa alta protecção seria um gigantesco passo na estrada que conduzia á realisação do pensamento social e um titulo de gloria para a associação.

O Duque propoz então: se a assembléa o auctorisava a que, em seu nome, solicitasse de Sua Magestade a graça de assumir o titulo de Protector da «Sociedade». É approvada a proposta por acclamação.

Resolveu-se que os socios fundadores ficassem compondo a Direcção provisoria, emquanto os estatutos não fossem approvados; e tomaram-se outras deliberações com respeito aos trabalhos e diligencias que se haviam desde logo empregar concernentes á organisação e regimen da «Sociedade».

O Duque disse «que fôra n'aquelle dia a primeira vez que tivera o gosto de visitar as minas da antiga *Cetobriga*, e a que vulgarmente se dava o nome de *Troia*. Pelos vestigios das construcções que alli observára, ficára summamente esperançado de que grandes vantagens archeologicas, scientificas e artisticas se poderiam obter por meio de uma bem dirigida escavação, da qual era de esperar resultasse muita honra e vantagem para este paiz, e com particularidade para a villa de Setubal, séde da respeitavel Associação.

Quando, porém, esses achados de preciosidades se não realisassem de todo, ao menos sempre um grande proveito se tiraria da escavação intentada. Descobrir-se-hiam essas ruinas, marcar-se-hia a sua extensão, e finalmente fixar-se-hiam mais as idéas para se resolver um ponto de historia e de geographia que até então não tinha sido esclarecido pelos nossos escriptores, ponto de historia, em verdade, muito mysterioso relativamente á fundação d'esta populosa cidade, cuja existencia devia ser de mui remota antiguidade.

Quanto á maneira pela qual os trabalhos da escavação deviam ser dirigidos, não era alli o momento proprio de ser tratada, tanto mais quando a sua iniciativa devia pertencer á Direcção da «Sociedade», que, depois de bem ter fixado as suas idéas a este respeito, formularia um relatorio, que apresentaria á assembléa geral.

Resolveu-se que nos estatutos se estabelecesse como base fixa que «a presidencia fosse perpetua e na pessoa do Ex.mo Duque de Palmella.»

Este renova os seus protestos de zelo e boa vontade por tudo quanto fosse tendente ao augmento e prosperidade da «Sociedade Archeologica Lusitana», a qual declarou installada. Em seguida lembra a conveniencia que havia de se pedir ao Governo a approvação dos estatutos da mesma Sociedade, apenas fossem approvados em assembléa geral. Indica á Direcção o requerer aquillo que entendesse ser mais conveniente, e declara fechada a sessão.

Então. ainda na sala da reunião, alguem aventou a idéa de a associação pedir se lhe concedesse denominar-se *Real Sociedade Archeologica*; mas o Duque, como quem conversava com os fundadores da «Sociedade», disse parecer-lhe que desde o momento em que Sua Magestade se dignasse declarar-se Protector da Sociedade, esta por certo se consideraria muito honrada, satisfeita e penhorada.

Em seguida sahiu da sala e dirigiu se á casa onde se achava alojado, sendo acompanhado de todos os socios presentes á sessão.

No dia immediato (10) partiu de manha o Duque para Lisboa com o mesmo acompanhamento com que entrára em Setubal, e assim até além de Palmella, [1] onde, a instantes pedidos de s. ex.ª, os socios fundadores e outros se despediram e retiraram.

O Duque de Palmella voltava para a capital com a firme intenção de diligenciar obter por compra as chamadas casas dos *paços do duque*, para n'ellas pousar sempre que estivesse em Setubal por occasião dos trabalhos das escavações, a que muito mostrava desejar assistir.

Mas aqui infelizmente cabe aquelle dictado «O homem põe e Deus dispõe.»

Passado pouco tempo, o Duque fallecia, e todos os seus projectos se desfizeram como fumo.

IV

No dia 1.º de dezembro seguinte, uma grande deputação da «Sociedade Archeologica», acompanhada do seu preclaro presidente, apresentava-se no paço real das Necessidades de Lisboa, e tinha a honra de beijar a mão a El-Rei D. Fernando, pela subida graça e regia munificencia com que Sua Magestade distinguira a mesma Sociedade, dignando-se declarar-se seu Protector.

O monarcha acolheu a deputação com mui especial benevolencia, reiterando as suas promessas de empregar os meios ao seu alcance para o progresso da «Sociedade».

Na noite d'esse mesmo dia, aquella deputação

[1] Ao passar por Palmella, o duque apeiou-se, entrou no paço municipal, onde foi cumprimentado pelas pessoas mais accommodadas; visitou a villa, percorrendo algumas ruas, esmolando a muitos pobres e alegrando-se ao ver a satisfacão com que d'entre o povo os homens se descobriam respeitosos, as mulheres lhe lançavam flores, e todos bradando «Viva o nosso Duque de Palmella!»

entrava no sumptuoso palacio do nobre Duque, para assistir a um opiparo jantar, que por s. ex.ª lhe fôra obsequiosamente offerecido, como mais uma prova de consideração á «Sociedade» pela eleição que d'elle fizera, e de reconhecimento a Setubal pelas manifestações que alli recebera de sympathia e esmerada cortezia. E no primeiro brinde que ergueu perante a mesma deputação e de muitos e diversos grandes da côrte e outros cavalheiros, declarou que a lembrança da sua entrada em Setubal sempre lhe despertaria uma das maiores satisfações que experimentára em sua vida.

Poucos dias passados, os Estatutos da «Sociedade Archeologica» eram discutidos e approvados em assembléa geral, e apresentados ao Governo, que os sanccionou por alvarás de 27 de março de 1850.

Do fundo de uma casa modesta, e como que retirada ao canto de uma obscura rua, [1] limitrophe de um arrabalde triste e silencioso, sahia, digamol-o assim, o programma de uma associação, que hasteava na sua terra uma bandeira de paz e de conciliação pela cultura das lettras e do espirito, pelo estudo das artes e sciencias, e pelo derramamento da civilisação. Dir-se-hia que era a estrella brilhante que despontava de um horisonte ainda pouco antes triste e sombrio, mas cuja luz electrisaria os espiritos cultos e faria com que todos os homens mais accommodados e dedicados ás lettras concorressem com o seu auxilio para que essa sociedade, banhada de luzes, cada vez mais se ennobrecesse, apontando para o caminho do progresso, espargindo as flores da instrucção e abrindo mais as portas da civilisação.

Setubal respondeu ao appello que se lhe fez, porque dos seus habitantes sahiu um sufficiente contingente, cada um na proporção das suas forças e faculdades.

Era necessario que desde logo se obtivessem alguns recursos e se procedesse a escavações; e assim se fez.

Não faltou boa vontade, nem energia da parte da «Sociedade»; directores, inspectores e todos os associados prestavam qualquer trabalho que se lhes incumbia, embora incommodo ou damnoso.

Na direcção dos trabalhos de escavações, para que houvesse uma incessante fiscalisação e a maior economia, os socios inspectores, revesando-se, íam dous em cada semana permanecer juntos entre as médas e dunas das areias, passando os dias expostos a todas as intemperies da terra e do mar, e as noites, mal abrigados em toscas barracas ou cabanas; mas sempre todos alegres e satisfeitos.

Se á força de pesquizas e fadigas os mineiros de metaes preciosos teem sondado, escavado e penetrado o solo até ás reconditas entranhas da terra, para d'ellas arrancarem a prata e o ouro, dir-se-hia que os mineiros archeologos de Setubal queriam, como que ás invejas, rivalisar com aquelles arrojados exploradores, e impellidos por um nobre e ardente enthusiasmo pela sciencia, ter a gloria de serem uns modernos Colombos, descobridores de um novo e sublime mundo, do rasto e vestigios de nossos antepassados, que desde apagadas eras teem jazido occultos e ignorados

Os socios iniciadores da «Sociedade Archeologica» já então se haviam dirigido ao senhorio do terreno da *Troia*, Francisco Maria Cabral d'Aquino Mascarenhas, pedindo lhe licença para aquella «Sociedade» alli poder effeituar as escavações projectadas, mediante certas condições que garantissem a ambas as partes seus justos direitos; e aquelle cavalheiro com a melhor vontade annuiu ás propostas que lhe foram apresentadas. Depois de mutuo accordo redigiram-se as clausulas, que passaram a ser approvadas pela escriptura de 3 de novembro de 1849, nas notas do tabellião, em Setubal, Agostinho Albino de Faria Picão.

Era tambem necessario que a «Sociedade» tivesse uma folha periodica, em que se fossem mencionando os seus trabalhos e escrevendo as bases da sua historia, e bem depressa a «Sociedade» teve os seus *Annaes* escriptos por alguns dos fundadores. Além d'esta publicação, havia as noticias sobre as escavações, dadas pela imprensa, noticias sempre solicitadas e com tanta anciedade esperadas.

Mas era preciso mais alguma cousa de primoroso, de nobre e de ostentoso, era preciso ainda mais exornar o lustre com que a «Sociedade» havia sido realçada; era preciso que no seu seio, e entre as bellezas das artes e a magestade das sciencias resplandecessem as gentilezas de formosura e os dotes sublimes da intelligencia e da ternura. E porque já um monarcha dizia que — uma côrte ou assembléa sem o attractivo das damas era um anno sem primavera, ou uma primavera sem rosas —, a «Sociedade Archeologica», abraçando aquelle engraçado e memoravel dito de Francisco I, proclamava e firmava na lettra da sua lei que — era independente da approvação da «Sociedade» a admissão das senhoras, que por seu amor ás sciencias quizessem a ella associar-se —. Vê-se, pois, que quando, não ha muito tempo, a imprensa nacional e estrangeira votava encarecidos louvores á «Sociedade dos antiquarios de Vienna d'Austria» por haver admittido senhoras no seu seio, já em Setubal, n'um cantinho da Europa, ellas tinham o direito pleno e liberrimo desde 1850, de entrar e tomar parte n'uma sociedade archeologica.

(Continúa) J. C. Almeida Carvalho.

[1] Casa na rua de S. Domingos, ultimamente com o numero de policia 56 — e em frente da rua de Gonçalo d'Abreu.

PELOURINHOS

Picota era a designação antiga e popular do que modernamente se chamou pelourinho. Em todo o mundo que soffreu a influencia do direito romano, na França feudal ou em Portugal paiz de foros municipaes, e de coutos e honras de fidalgos e ordens militares ou religiosas, se ergueu a picota, signal bem claro da auctoridade local.

Viterbo, no Elucidario, diz: — picota é o pelourinho com suas cadêas e argolas, onde os criminosos eram expostos á vergonha. Era a picota signal de jurisdicção. — *As paadeiras e candieiras, carniceiros e regateiras... que defraudarem o peso pela* 3.ª *vez que forem culpados ... devem ser postos na picota.*

Forca, picota e tronco, era a trindade da justiça; villa que a tivesse era honrada, tinha meios de punir o crime, de garantir a propriedade.

De picota mui regularmente se fez o verbo *empicotar*, pôr na picota, prender nas argolas algum criminoso ou malfeitor, que não fosse réo de pena maior que açoutes ou vergonha publica.

Pelourinho do Fundão

Pelo que vejo dos documentos á picota iam os infractores das posturas municipaes.

Viterbo cita documentos de Vizeu e Porto; eu conheço muitos outros do sul a norte do paiz, e encontro sempre o uso de empicotar para os roubos no peso, especialmente na carne e no pão, eterna questão! invasões de propriedade, salto de muro ou vallado, etc.

E isto era geral; vejam o Ducange na palavra *Pilorium*, com as suas variantes *pil'oricum*, *pellerico*, *pellerinum*, *pellorium*, *pilaricum*, *pelloralium*, *spilorium*. Tambem lá na França feudal a forca, o pelourinho e o tronco formavam a affirmação manifesta da auctoridade.

Entre nós o pelourinho estava na praça, junto dos paços do concelho, e a forca fóra do povoado, á beira da estrada mais concorrida.

Frequentemente essa columna erguida no sitio principal foi ornamentada, como a vara do vereador, do pelouro; ainda hoje se conservam alguns pelourinhos de verdadeiro merito artistico.

Pelourinhos, cruzeiros, capellinhas das almas espalhadas pelos campos, tem uma funcção artistica, popular, que merece attenção.

Duarte d'Armas (Livro das fortalezas do Reino, na Torre do Tombo) pintou tambem alguns pelourinhos com suas gaiolas e guaritas para exposição dos criminosos; o que me parece influencia flamenga; porque nos pelourinhos que conheço, antigos, não vejo signal de gaiola. Em geral, do topo da columna ou pilastra saem quatro braços de ferro, cruzados, com anneis pendentes.

Creio que o pelourinho de Arraiollos, muito elegante construcção, ainda estará completo; ainda o vi ha poucos annos com seus anneis e cadeias.

Ha bastantes pelourinhos do tempo de D. Manuel; foi n'este reinado que foram dados ou renovados muitos foraes. (V. art. de Andrade Ferreira, *Artes e Letras*, 1872).

No museu da nossa Associação está o pelourinho do couto d'Evora de Alcobaça (n.º 3:876, da nave central do Carmo), que tem sobre a columna a figura do abbade, como symbolo da posse e auctoridade territorial.

A respeito do pelourinho do Fundão, diz o nosso consocio, sr. José Germano da Cunha, no seu livro — *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão* — uma bella manhã (julgo que em 1882) appareceu em terra e feito em pedaços. Fôra isto em consequencia de uma resolução da camara supponde que o pelourinho era simplesmente um emblema de infamia e despotismo. A este respeito

o sr. Cunha cita Herculano, que via no pelourinho um symbolo da liberdade burgueza, e o sr. Theophilo Braga que o julga emblema da jurisdicção municipal.

O pelourinho da cidade de Evora tambem appareceu em terra uma manhã, haverá 30 annos; creio que ainda existem os pedaços da columna; não tinha merito artistico.

Vilhena Barbosa trata dos pelourinhos nos *Estudos historicos e archeologicos*, T. 1.º, 255: e assim o sr. Oliveira nos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, trabalho vastissimo e de alta importancia para o paiz, no tomo 1.º, pag. 213-409 e segg.

Na artistica columna vasada com que Eugenio dos Santos de Carvalho, o architecto da nova Lisboa, adornou a actual praça do Pelourinho, foi justiçado um cadete por crime de fratricidio. Foi a ultima execução capital no pelourinho que o reino presenceou.

O pelourinho de Setubal dizem que é uma columna de marmore extrahida das excavações de Cetobriga, em tempo de D. Maria I.

O *Occidente* tem publicado algumas gravuras de pelourinhos: no 1.º vol., de Campo Maior e Bragança; no 4.º, de Villa Viçosa; no 5.º, de Villa Nova de Foscôa, Aldeia Gallega, de Pinhel e Trancoso, etc.

G. Pereira.

O COLLAR DA PENHA VERDE

O collar de ouro purissimo cuja estampa apresentamos n'este numero é uma joia extraordinaria; ainda superior ao achado ha alguns annos em Penella e que foi comprado por el-rei D. Fernando. (V. artigo e estampa na 2.ª serie, tomo IV do nosso *Boletim*).

Nos grandes museus estrangeiros, nas maravilhosas collecções de joias antigas do Louvre ou do Museu Britannico não sei que se lhe possa comparar no seu genero, peso, estado de conservação e nitidez artistica. Este collar, chamemos-lhes assim convencionalmente, foi achado n'uma parte da famosa quinta da Penha Verde, em Cintra, parte a que chamam o Casal de Santo Amaro, n'uma sepultura descoberta por acaso, quando se faziam trabalhos n'uma pedreira. Isto ha uns quinze annos. O achador emprestou-o a certa pessoa que o foi empenhar n'uma casa que depois falliu, de modo que o feliz achador tem andado parte da vida a tratar de rehaver a joia; só o conseguiu em 1895, e foi então que o publico erudito e amador de antiguidades poude admirar o *collar da Penha Verde*. Por occasião da exposição de Arte-Sacra, celebrada no palacio de Bellas-Artes, ás Janellas Verdes, no centenario Antonino, o collar esteve exposto ao publico n'uma vidraça do segundo pavimento.

Tem 0,m14 de diametro; altura maxima 0,m035 e peza 1:260 grammas.

E' formado de tres collares, desiguaes, soldados intimamente nas extremidades, com um fecho geral bem representado na estampa. O lavor simetrico, formado de rectas, angulos e fachas em dentes de serra. Os tres collares todos mais grossos a meio, adelgaçando para as extremidades. Aqui umas campanulas fixas, que parecem ornato, bem salientes, com espigões centraes, agudos; talvez engastes de pedras preciosas, de que todavia não resta vestigio algum.

Com os tres collares são deseguaes, soldados nos extremos, resulta um vão conico. Isto torna esta joia bem singular.

Antigas raças bem diversas usaram collares, manilhas e braceletes; ao percorrer diccionarios de antiguidades apparecem logo os persas, os gaulezes, os medas como usando no seu trajar braceletes e collares. As damas gregas usavam braceletes e pulseiras, na parte grossa do braço, e nos pulsos, manilhas na parte fina da perna.

O bracelete de muitas voltas, cobrindo uma parte consideravel do braço, como cobra enroscada foi usado largamente. Nos bronzes dos *Siret* vem exemplos achados na peninsula.

No Museu Britannico ha braceletes torcidos, ou enroscados de prata e ouro, alguns enormes, isto é, mui compridos, de variadissimas proveniencias.

Torques ou torquis chamaram os latinos aos collares; *torc* entre bretões e antigos irlandezes; e *armilla* ao bracelete. Ha exemplos de generaes romanos conferirem braceletes aos guerreiros por extraordinarios feitos. De modo que taes joias são ornatos, e podem ser distinctivos de meritos e posição, e sempre thesouros de alto valor. Seguramente o lusitano que usava esta joia da Penha Verde era um opulento.

Torque atque armillis decoratus: manuleatus et armillatus in publicum processit; são phrases citadas: Viriae (arum), especie de bracelete de homem, d'onde *Viriatus* o que usa bracelete; como *Torquatus* o que usa *Torques*. Tito Manlio foi apellidado Torquatus porque apanhou em briga o collar de um guerreiro gaulez.

Ha ainda a designação *torquis brachialis*, e ainda *armillae quae brachialia vocantur*, que provavelmente são os grandes braceletes do grosso do braço.

Na guerra o grande despojo, o rico resultado era avaliado na quantidade de anneis, de pulseiras e collares. Estando os romanos no occidente da peninsula, tanto tempo, e tão intensamente, o que admiro

é que lhes escapasse este ouro. Porque os objectos de ouro achados nos ultimos trinta annos são numerosos e alguns importantissimos; muitos lisos ou quebrados teem ido parar aos cadinhos. Quantos se terão encontrado antes? quantos se terão perdido? Deus permitta, que este fique em Portugal, porque é joia de primeira importancia.

GABRIEL PEREIRA.

CORRESPONDENCIA

Paris, le 5 août 1895.

Monsieur et cher confrère. — L'Institut de France célèbrera, du 23 au 26 octobre prochain, le centième anniversaire de sa fondation. Vous trouverez sous ce pli, le programme des fêtes que nous organisons à cette occasion. Nous avons cherché à les rendre dignes de ce grand évènement. Mais ce qui donnera à ces fêtes le plus d'éclat, ce sera la réunion de tous les savants et artistes français et étrangers qui appartiennent à l'Institut et dont les travaux font la gloire de notre compagnie.

Nous avons la confiance que vous voudrez bien répondre à notre convocation pour resserrer les liens qui nous unissent. Nous serions heureux de savoir le plus promptement possible vos intentions pour prendre les mesures nécessaires.

Agréez, monsieur et cher confrère, l'assurance de nos sentiments tous dévoués.

Le secrétaire de l'Institut .... *Delaborde.* — Le président, *Ambroise Thomas.*

Fêtes du centenaire de l'Institut, qui seront célébrées du 23 au 26 octobre 1895

23 octobre. A 3 heures. — Réception au palais de l'Institut des associés et correspondants étrangers et des correspondants français.

Le soir — Réception chez M. le ministre de l'instruction publique

24 octobre. A 2 heures. — Séance publique dans la grande salle de la sorbonne. M. le président de la république a bien voulu promettre d'y assister. Des discours seront prononcés par le président de l'Institut, par le ministre d'instruction publique et par M. Jules Simon.

La séance sera ouverte et terminée par l'exécution de morceaux de musique avec choeurs.

Les femmes des associés et correspondants sont invitées à cette séance.

Le soir à 8 heures. Banquet M. M. les associés et correspondants sont invités à ce banquet.

25 octobre. A 1 heure 1/2. — Représentation à la Comédie Française. Le spectacle sera composé des pièces suivantes: *Horace* et les *Femmes Savantes.* Entre les deux pièces, une poésie de M. Sully Prud'homme, sera dite par le doyen de la Comédie Française entouré de tous les artistes.

Les femmes des associés et correspondants sont invitées à cette représentation.

Le soir. Réception chez M. le président de la république.

26 octobre. — Visite du château de Chantilly.

Les compagnies de chemins de fer français ont promis d'accorder une réduction de 50 p. c. sur le prix des places à l'aller et au retour pour les personnes qui seraient invitées aux fêtes du centenaire de l'Institut et dont la liste leur serait fournie par la commission des fêtes. M. M. les associés et correspondants sont priés d'indiquer la station de chemin de fer que serait leur point de depart et leur point de retour sur le territoire français, et de faire connaitre s'ils se proposent de venir avec leurs femmes.

EXTRACTOS DAS ACTAS

SESSÃO DE 6 DE AGOSTO DE 1894

(Continuado do numero antecedente)

Principios de pedagogia. O socio correspondente sr. José Augusto Coelho, offereceu para a bibliotheca da Real Associação esta sua obra. Em officio o digno socio chama a attenção para o logar que a archeologia tem na pedagogia.

Socios correspondentes. Foram eleitos os srs. dr. José Augusto Nogueira Sampaio, reitor do lyceu de Angra do Heroismo; Samuel Meyer, da Academia nacional de sciencias, bellas letras e artes, da Rochella; e Celestino Rodrigues Corrêa Pereira Brandão, auctor de estudos archeologicos e historicos sobre a ilha das Flores.

Socio effectivo. Foi eleito o socio correspondente sr. José Augusto Coelho, professor da Escola normal de Lisboa.

Bibliotheca Açoriana. Do socio correspondente sr. José Joaquim Pinheiro, receberam-se dois volumes da Bibliotheca Açoriana, em generosa offerta.

Socio honorario. Foi eleito o sr. Alberto Pimentel, deputado pela Povoa de Varzim, vogal da commissão dos Monumentos Nacionaes, e escriptor publico.

SESSÃO DE 22 DE OUTUBRO DE 1894

Estacio da Veiga: Antiguidades do Algarve. O socio sr. visconde da Torre da Murta apresentou os volumes do fallecido archeologo Estacio da Veiga, sobre antiguidades do Algarve; o sr. visconde teve palavras de justo louvor para esse perseverante e consciente indagador que a morte roubou tão cedo á sciencia portugueza. A proposito disse que seria tambem para desejar, que no Alemtejo se fizessem reconhecimentos archeologicos de egual intensidade; deve haver thesouros n'aquelle territorio, avaliando pelo que o trabalho ou a pesquiza eventual tem revelado.

Catalogo da bibliotheca da Real Associação. O sr. visconde participou ter concluido o catalogo da nossa livraria.

Alberto Pimentel agradece penhorado a sua eleição de socio honorario; offerece a sua boa vontade, os seus recursos; ha muito que tem por esta Real Associação um culto sincero; elogia a perseverança e a constante dedicação do venerando presidente, sr. Possidonio da Silva.

Boletim. Voto de louvor ao secretario pela publicação do *Boletim*.

Theodoro da Motta. O socio sr. Rocha Dias propõe um voto de sentimento pela morte do socio effectivo, Theodoro da Motta. Refere-se ao testamento e á generosa instituição do premio, lendo o artigo publicado no *Diario de Noticias*, de 23 de setembro de 1894. O sr. Alberto Pimentel a este proposito contou a maneira gentil por que a protecção d'el-rei D. Fernando elevou o benemerito professor Theodoro da Motta, de humilde rapaz campesino a desenhista distincto.

Convento de Monchique. O socio sr. Cavalleiro e Sousa falla de um convento em ruinas, em Monchique, que tem um curioso portal manuelino.

Centenario de Santo Antonio. O socio sr. Alberto Pimentel diz que a Real Associação não deve esquecer o centenario que se vae celebrar na capital. Falla da importancia especial que tem para Lisboa este centenario.

Monumentos nacionaes. O socio sr. Cavalleiro e Sousa, a proposito do relatorio do sr. presidente Possidonio da Silva, a respeito de monumentos nacionaes, queixa-se da falta de providencias que ha entre nós para assegurar a conservação de monumentos.

Catalogo. O socio sr. dr. Sousa Viterbo propõe um voto de louvor ao socio visconde da Torre da Murta, pelo seu catalogo.

Antiguidades. O socio sr. Alberto Pimentel fallou sobre a importancia de alguns archivos particulares, por exemplo das casas Monfalim, Terena e Rio Maior; da lenda de *Pedro Cem, que já teve e agora não tem;* da torre chamada de Pedro Cem, no Porto; e offereceu á Real Associação photographias de Leça do Bailio, tiradas pelo distincto amador Joaquim Basto.

Torre dos Coelheiros; solares antigos. O secretario sr. Gabriel Pereira, a proposito da casa Monfalim, fallou ácerca dos solares antigos do Alemtejo, da Torre dos Coelheiros, dos antigos Cogominhos, hoje na referida casa; dos solares da Amoreira, que pertenceu á casa de Aveiro; da Sempre Noiva, que foi dos Vimiosos; da Oliveira; dos Vasconcellos do Esporão, etc., que ainda conservam torres medievaes.

SESSÃO DE 18 DE NOVEMBRO DE 1894

Presidiu por acclamação o sr. visconde da Torre da Murta na ausencia, por doença, dos ex.mos presidente e vice-presidente.

Socios fallecidos. Participação da Sociedade franceza de archeologia, de Caen, do fallecimento dos socios correspondentes, srs Julio Pasquet du Bousquet de Lauriere, e Leão Palustre, em outubro ultimo. Voto de pezames. O sr. de Lauriére fez em 1880 uma visita demorada em Portugal, estudando minuciosamente alguns dos nossos monumentos.

Agradecimentos do socio correspondente dr. José Augusto Nogueira Sampaio, e do effectivo, sr. José Augusto Coelho.

Jeronymos. Entre os socios srs. Cavalleiro e Sousa, Sousa Viterbo e Alberto Pimentel trocaram-se algumas observações a respeito de monumentos, especialmente ácerca do mosteiro de Belem (Jeronymos) e dos famosos architectos Boutaca e João de Castilho.

Relatorio. Resolveu-se que o relatorio ácerca da nossa bibliotheca, apresentado pelo sr. visconde da Torre da Murta, fosse publicado no *Boletim*.

Socios correspondentes. Foram approvados os srs. Albano Ribeiro Bellino e dr. José de Sousa Machado, de Braga.

Corpos gerentes. — Foram eleitos para o exercicio de 1895:

Presidente — J. P. Narciso da Silva.

Vice-presidentes — Conde de S. Januario e Valentim José Corrêa.

Secretarios — Visconde de Alemquer e Gabriel Pereira.

Vice-secretarios — Ascensão Valdez e Rocha Dias

Thesoureiro — Ernesto da Silva.

Conservador da Bibliotheca — Visconde da Torre da Murta.

Adjunto — Costa Goodolphim.

Conservador do Museu — Marquez de Vallada.

Adjunto — Visconde de Castilho.

Secção de architectura

Presidente — Valentim José Corrêa.

Secretario — Dr. Camara Manuel.

Vogaes — Antonio Pimentel Maldonado, Joaquim da Conceição Gomes, Antonio da Costa Oliveira, Francisco Soares O'Sullivand e Antonio Felix da Costa.

Secção de archeologia

Presidente — Sousa Viterbo.

Secretario — Cavalleiro e Sousa.

Vogaes — Alberto Pimentel, conde d'Almedina, Zephyrino Brandão, Henrique Casanova, monsenhor Elviro dos Santos e visconde de Sanches de Baena.

Secção de construcção

Presidente — Simões Margiochi.
Secretario — Dr. Camara Manuel.
Vogaes — Jacintho Parreira, J. da Cunha Porto, Conceição Gomes, Bernardino J. de Carvalho e Licinio da Silva.

SESSÃO DE 16 DE DEZEMBRO DE 1894

Antiguidades de Faro e seu termo. Officio de monsenhor Pereira Botto, conego da sé de Faro, sobre antiguidades d'esta cidade e seu termo, e tratando tambem do *Museu lapidar infante D. Henrique.*

Socios effectivos. Foram eleitos os srs. José Leite de Vasconcellos, conservador da Bibliotheca Nacional, lente de numismatica, e director do Museu Ethnographico; e Filippe Eduardo de Almeida Figueiredo, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria.

Socios correspondentes. Eleitos os srs. Bento de Sousa Carqueja, lente no Porto e escriptor publico; Petit Fils e Philippon, architectos em Paris; e José d'Almeida e Silva, de Vizeu.

Vistas de Leça do Balio. Foram presentes, já nas suas molduras, as photographias offerecidas pelo socio sr. Alberto Pimentel.

Conferencias ou palestras.—O socio sr. visconde da Torre da Murta, em nome do socio sr. Alberto Pimentel (ausente) apresentou uma proposta para se fazerem conferencias na Associação, em fórma de palestra, com a maior modestia; só para os socios ou publicas, á vontade dos conferentes.

Sé de Vizeu. Leu-se um artigo e notas do sr. José d'Almeida e Silva, sobre o estado das obras na sé de Vizeu; descobriram-se duas columnas, com dois bustos sobre os capiteis; foram presentes os desenhos dos bustos.

Domingos Antonio de Sequeira. O presidente, ex.^{mo} sr. Possidonio da Silva, apresenta uma proposta para que os restos do celebre artista Domingos Antonio de Sequeira, que estão na egreja de S. Lourenço em Roma, sejam trasladados para Portugal. A proposito, o sr. presidente conta algumas particularidades do grande desenhista e pintor. Ainda o conheceu morando no largo do Carmo, predio que foi do dr. Pinto Coelho, em frente do nosso museu; mudou-se depois para o predio chamado do Andrada, na calçada do Arroz. Em 1827 não tinha escola aberta já; mas, por excepção, ainda admittiu ao seu ensino o sr. Possidonio da Silva. Desenhava primeiramente na pedra, variando ahi os seus esquissos e projectos; foi assim que o viu trabalhar nos desenhos dos baixos relevos para o primeiro monumento do Rocio. Os quadros *A morte de Camões* e a *Fugida para o Egypto* foram comprados para o Rio de Janeiro. Os quadros que pintou em Roma, do *Juizo final*, estão hoje no palacio Palmella; e os cartões, com muitos outros desenhos, na sala especial que lhe é consagrada no Museu Nacional das Bellas Artes, ás Janellas Verdes.

Os socios srs. Sousa Viterbo, Pimentel Maldonado e outros fallam sobre esta proposta tão patriotica, e de um fim tão elevado.

Ficou a meza encarregada de formular uma proposta definitiva.

Monchique, convento. O socio sr. Sousa Cavalleiro apresentou o desenho das ruinas da porta do convento de Monchique, e leu parte de uma memoria sobre monogrammas do templo dos Jeronymos.

Jeronymos. O socio sr. Sousa Viterbo refere-se á existencia dos cadernos da despeza do mosteiro de Santa Maria de Belem (Jeronymos), que se guardam na Torre do Tombo; segundo os documentos que tem lido o architecto, *Boytac* era de origem franceza; e João de Castilho, outro architecto celebre dos Jeronymos, era byscainho.

PUBLICAÇÕES

Catalogos do Museu archeologico de Beja. Estes catalogos que respeitam ás diversas classes do museu, pesos e medidas, azulejos, mosaicos e cimentos, ceramica, etc., são muito interessantes. As relações dos objectos são acompanhadas de documentos colhidos nos archivos béjenses.

Vizeu. Apontamentos historicos. O sr. Maximiano d'Aragão publicou o tomo 2.° que trata da historia de Vizeu desde a fundação da monarchia até ao reinado de D. João II, com alguns additamentos. O nosso digno socio está prestando um alto serviço á famosa e veneravel cidade.

Milliarios do Conventvs Bracaravgvstanvs em Portugal. Reliquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos. É um bello e serio trabalho do nosso digno socio, sr. Manuel José Martins Capella, professor do Lyceu de Vianna do Castello. Estudou muito, indagou muito para fazer este volume que honra a archeologia nacional.

Inscripções romanas de Braga (ineditas). Devemos este livro, que contém mais que o titulo indica, ao trabalho aturado do nosso socio, sr. Albano Bellino, de Braga. O texto é acompanhado de cartas topographicas, photographias, etc.

ASSIGNATURA. =**Anno, 4 numeros, 600 réis.—Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio.—Numero avulso, 200 réis.**

Typ. Franco-Portugueza, (Off.ª Lallemant) 1896

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.os 6 e 7

Para memoria
DO
architecto Possidonio da Silva

O sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva nasceu em Lisboa no dia 17 de maio de 1806. Falleceu na sua casa de Campolide, rodeado de sua familia, que o adorava, em 23 de março de 1896.

Foi seu pae Reynaldo José da Silva, mestre geral dos Paços Reaes, e sua mãe D. Marianna Luiza Narcisa da Silva.

Sua familia emigrou para o Brazil em 1807, com a Casa Real. Em 1821 voltou a Lisboa, tendo recebido alguns ensinamentos no Rio de Janeiro. Era um rapaz gentil, applicado, de maneiras cortezes, preoccupado já com as maravilhas da Arte. Chegado a Lisboa encetou logo estudos regulares sob a direcção do grandissimo e activissimo artista, Domingos Antonio de Sequeira. Nos annos seguintes recebeu tambem lições de Germano Xavier e de Sendim.

Mais tarde, em Paris, trabalhou com Carlos Perier, concluindo a sua educação em 1828, feitos os ultimos exames na Academia de Bellas Artes da capital franceza.

Não satisfeito ainda foi para a Italia; dois annos se demorou, principalmente em Roma, onde encontrou ainda o grande Sequeira.

Assim se formou a educação do architecto e archeologo, e do artista. Lidou com os grandes mestres de Portugal, França e Italia. Tomou parte em trabalhos serios no Palais Royal e nas Tulherias. Viu Sequeira, esse astro incomparavel na Arte Portugueza, a desenhar e a compôr.

Entrando em Portugal com o imperador, passada a dolorosa crise da guerra civil, achou-se na lufa-lufa artistica da epocha. Teve de propôr e dirigir trabalhos na renovação de grandes edificios e palacios, na improvisação da sala do parlamento, em S. Bento, construcção *provisoria* que durou até ha pouco; na decoração e arranjo dos Paços reaes.

A educação superior, o lidar quotidiano com pessoas da mais alta qualidade, e o bello fundo de qualidades e faculdades innatas, a intelligencia, a natural bondade, o bom senso, davam ao sr. Possidonio da Silva uma feição superior, uma affabilidade e cortezia que nunca fraquejava ou na conversa simples, ou no ensinamento e no conselho, ou na sua frequente correspondencia epistolar, ou na direcção de uma assembléa.

Ainda nos ultimos annos, apesar da surdez que progredia, da vista que lhe ía faltando, elle tinha um bom senso superior em dirigir collectividades onde por vezes se misturavam, sem harmonia perfeita, elementos novos e antigos, caturras, serenos e buliçosos. Tinha sempre uma palavra calmante, uma expressão cortez para addiar, um derivativo habil.

Conhecia como architecto os primeiros edificios do paiz, porque os tinha estudado e medido, levan-

tando plantas, alçados e côrtes, podendo ainda comparal-os com os congéneres culminantes que tinha visitado attentamente em França e Italia.

As *memorias* do architecto Possidonio da Silva, a datar de 1821, do ensino de Sequeira até nossos dias, seriam preciosas. Que pena esta de não tenderem os portuguezes eminentes a escrever memorias do que viram e ouviram.

Em 1863 fundou com alguns amigos a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Para museu e séde da Associação escolheram estas venerandas ruinas do Carmo, monumento singularissimo, onde vive ainda a memoria do santo condestavel A vasta nave, o cruzeiro, a capella mór e as quatro capellas que a flanqueam, estavam então destinadas a depositos dos mais infimos. O primeiro trabalho foi remover o que o descuido, a ignorancia, a falta de respeito ahi haviam deixado accumular depois dos grandes desastres que feriram a fundação de Nun'Alvares.

Pouco a pouco se foram reunindo aqui muitas peças de alto apreço archeologico e artistico. O fundador era infatigavel. Com certeza concorreu para salvar da ruina, da perda e do esquecimento muitas preciosidades.

O sr. Possidonio da Silva dedicou até á ultima hora os seus affectos á Real Associação. Pensava sempre no Carmo; sempre attendia da melhor vontade a quem lhe fallasse na sua instituição querida.

A idade avançada, os longos trabalhos, não impediam que viesse ás reuniões. È este um exemplo notavel de actividade, de crença, de fé.

Todos gostavam de ver aquelle velho *querendo* e *esperando*, quando vemos tantos novos a desfallecer e descrer.

A sua ultima viagem a Paris, ás festas do centenario do Instituto de França, de que era membro associado, é prova bem frisante da sua força de vontade.

Pessoas de familia, os amigos, lhe fallavam da fadiga de tão longo trajecto, que lhe aggravaria os seus padecimentos; elle insistiu, *quiz* despedir se da brilhante capital, onde lhe haviam corrido alguns annos de mocidade em trabalhos gloriosos de arte e inspiração. Foi, soffreu muito, os seus males recrudesceram; mas depois, ao receber as suas visitas que o cumprimentavam pela feliz volta, no seu gabinete de trabalho, junto á janella grande aberta ao bello sol de Portugal, aquelle bom velho, de faces macilentas, animadas ainda de enthusiasmos, não fallava de dôres ou de incommodos, e só das magnificas impressões que sentira, das respeitosas benevolencias de que o tinham cercado.

Foi um homem forte e bom; no seu espirito nunca esmoreceram os santos amores da familia, da patria e da sciencia.

G. Pereira.

A SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA

As antiguidades extrahidas das ruinas de Troia, e onde é que se acham depositadas

(Continuado do n.º 5)

V

Foi por entre todas essas festas e galas, sempre acompanhadas de um vivo enthusiasmo, nascido das mais seductoras esperanças, alimentadas e fortalecidas á sombra grandiosa da alta protecção de um monarcha e do amparo e valia de um duque notavel e poderoso, que a Sociedade Archeologica deu começo ás excavações.

As primeiras foram effectuadas desde o 1.º de maio até 2 de junho de 1850, e logo com optimos resultados, cujas noticias muito satisfizeram a El-Rei e não menos ao Duque. Mas, por fatalidade não esperada, o Duque fallecia em 12 de outubro d'aquelle anno. Assim como a sua morte foi uma lamentavel perda nacional, assim foi tambem um grande desastre para a Sociedade.

As excavações continuaram ainda. As segundas desde 4 de outubro d'este mesmo anno até 15 de março de 1851. E as terceiras só mais tarde se executaram, desde 5 de novembro de 1855 a 12 de abril de 1856, mas já mui lentamente e a intervallos, porque os recursos, poucos como eram, tinham-se quasi todos consumido, restando apenas uma insignificante quantia.

Do Governo nenhum auxilio recebeu a Sociedade, nem a concessão de alguma madeira dos pinhaes do Estado para ser applicada ás excavações, e nem sequer uma casa em algum dos edificios de bens nacionaes, onde pudesse ser collocado o Museu da Sociedade.

Quanto aos particulares, os homens abastados não se mostraram dedicados á archeologia e menos dos argentarios sahiram quaesquer quantias para a exploração de minas, d'onde não esperavam arrancar metaes preciosos. Os outros, os homens de lettras, os estudiosos, ou illustrados apreciadores de antiguidades, esses respondiam: que não tinham dinheiro e quando muito os seus recursos mal satisfaziam ás suas necessidades, vendo-se impossibilitados de comprarem até alguns livros que lhes eram indispensaveis.

A Sociedade ainda se reunia pela ultima vez,

em 4 de outubro de 1857, para eleger nova direcção, o que se effectuou.

DIRECÇÕES DA SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA INAUGURADA SOB A PROTECÇÃO D'EL-REI D. FERNANDO PRESIDENCIA VITALICIA DO 1.º DUQUE DE PALMELLA

Direcção provisoria, composta dos socios fundadores:

Manuel da Gama Xaro, vice-presidente
Domingos Garcia Peres
Annibal Alvares da Silva
Sebastião Maria Pedroso Gamitto
João Carlos d'Almeida Carvalho, secretario
João Torlades O'Neill, thesoureiro.

(*Sessão de* 9 *de novembro de* 1849).

1.ª Direcção effectiva

Manuel da Gama Xaro, vice-presidente
Domingos Garcia Peres
Annibal Alvares da Silva
Sebastião Maria Pedroso Gamitto
João Carlos d'Almeida Carvalho, secretario
Jorge Torlades O'Neill, thesoureiro
Supplentes: Theotonio Xavier de Oliveira Banha
P.e Caetano de Moura Palha Salgado.

(*Sessão de* 20 *de abril de* 1850).

Participa-se o fallecimento do ex.mo presidente. Gama Xaro escusa-se do logar de vice-presidente.

Sessão de 27 *de outubro de* 1850).

É eleito presidente vitalicio o 2.º Duque de Palmella.

Vice-presidente, José de Groot Pombo, pela escusa de Gama Xaro.

E supplente, João José Soares, pela escusa de Theotonio Xavier de Oliveira Banha.

Ficando a Direcção assim composta:

José de Groot Pombo, vice-presidente
Domingos Garcia Peres
Annibal Alvares da Silva
Sebastião Maria Pedroso Gamitto
João Carlos d'Almeida Carvalho, secretario
Jorge Torlades O'Neill, thesoureiro.
Supplentes: P.e Caetano de Moura Palha Salgado
João José Soares.

(*Sessão de* 28 *de outubro de* 1850).

2.ª Direcção effectiva

José de Groot Pombo, vice-presidente
Domingos Garcia Peres
Annibal Alvares da Silva
Sebastião Maria Pedroso Gamitto
João Carlos d'Almeida Carvalho, secretacio
Jorge Torlades O'Neill, thesoureiro
Supplentes: P.e Caetano de Moura Palha Salgado
João José Soares.

(*Sessão de* 24 *de dezembro de* 1854).

3.ª Direcção effectiva

Domingos Garcia Peres, vice-presidente
Antonio Rodrigues Manitto
João Esteves de Carvalho
Henrique Ahrens
João José Soares, secretario
Jorge Torlades O'Neill, thesoureiro
Supplentes: Antonio Thomaz Botelho
Manuel José Vieira Novaes.

(*Sessão de* 4 *de outubro de* 1857).

VI

Em resultado das pequenas excavações feitas colheram-se muitas e diversas antigualhas romanas, mas não tendo podido ser collocadas no Museu em Setubal, como determinavam os Estatutos, força foi que ficassem em poder de alguns socios em quanto, por falta de meios, não houvesse casa apropriada.

Diz Ignacio de Vilhena Barbosa, que em Setubal havia um Museu de antiguidades, que pertencia á *Sociedade archeologica* da mesma cidade, e fôra organisado pelo distincto antiquario o doutor Manuel da Gama Xaro; que se compunha o Museu de grande numero de medalhas, urnas, lacrimaes, lampadas, amphoras, e muitos outros objectos achados nas excavações de Cetobriga. [1]

O Museu não se fundou em Setubal, posto que os Estatutos determinassem que aqui se fundasse, mas a falta não foi da parte da Sociedade. Carecia de meios, luctava com difficuldades e sem nenhum auxilio dos poderes publicos, tudo obstava ao seu progresso, e afinal acabou.

Lá por fóra estuda-se com vontade e afinco a archeologia, são muitas as pesquizas e as excavações, por toda a parte se estabelecem museus, muitos dos quaes grandiosos e admiraveis. Até entre povos menos civilisados vae-se despertando o desejo da applicação á archeologia, e ainda ha pouco foi creada em Tunis uma associação de lettras, sciencias e artes, denominada *Instituto de Carthago*, cujo fim é propagar os descobrimentos

---

[1] *As Cidades e Villas da Monarchia que teem Brazão d'Armas.* T. III, pag. 44 e 45.

archeologicos que quasi diariamente se fazem na Tunisia. [1]

Por cá, entre nós, de ha tempos que se começou a desenvolver a dedicação a essa sciencia. Teem apparecido homens de merito como mostram por seus escriptos; mas uns aqui, outros além, sem centro nem cohesão, sem recursos pecuniarios nem o menor auxilio ou protecção.

Suas Magestades D. Fernando II, D. Pedro V e D. Luiz I visitaram por diversas vezes as ruinas de *Celobriga*, mostraram sempre interesse pela sua exploração, e ainda ultimamente o Senhor D. Carlos I. Renasciam esperanças, mas estas bem depressa se desvaneciam.

A ultima Direcção nada fez nem podia fazer, porque o fim principal era a exploração no local das ruinas, que tinha terminado em 12 de abril de 1856, e a exigua quantia que restava em caixa, para pouco ou nada servia, e assim impossivel era continuar aquella exploração.

Mas a Sociedade não só se achava sem recursos para tentar qualquer excavação, como cada vez mais peiorava a sua situação, porque até lhe faltavam os meios para custear a continuação dos seus *Annaes*, cuja publicação terminára com o n.º 3. A empreza, que se encarregára da impressão e publicação, nenhum interesse auferira, mas antes tivera prejuizo, á falta de leitores e procura. Depois, porém, e já muito tarde, começaram a ser muito procurados os *Annaes* e mui principalmente do estrangeiro; mas já poucos exemplares existiam, e esses mesmos não com os tres numeros completos, por isso que, pela falta de procura, havia diminuido o numero da impressão. Os que hoje por ventura apparecem aqui ou alli, quasi sempre se encontram troncados, e assim mesmo são raros.

N'este estado de desalento e precario se foi arrastando a Sociedade nos ultimos e ruins dias da sua existencia, emquanto os annos se íam passando e o derradeiro vislumbre da esperança apagando.

Mas quando já estavamos em fins de 1867 e se via que a ultima Direcção eleita em 4 de outubro de 1857, no decorrer nada menos de dez annos, não só durante os dous annos da sua existencia egal, não tinha dado um unico passo com respeito á gerencia das cousas da Sociedade, nem depois, por estar convencida de que nada se poderia fazer, attenta a situação anomala em que a Sociedade se achava, sem recursos, sem fé, sem esperança e, por assim dizer, em debandada. E, em verdade, senão de direito, pelo menos de facto, a Sociedade tinha-se dissolvido, abandonando a empreza a que se propozera; mas deixando já após de si um profundo e valioso rasto da sua passagem. E nem já a ultima Direcção podia tomar legalmente qualquer resolução, porque expirado havia muitos annos o praso da sua gerencia. Além do que acrescia ainda, que dos fundadores da Sociedade, o principal já se havia retirado para Lisboa, onde residia; mais tres tinham feito o mesmo, e um outro tencionava seguir o exemplo d'aquelles (como depois effectuou).

Se em Setubal pois, apenas ficaria residindo um unico dos fundadores, que tinham sido os primeiros directores e assistentes a todas as excavações e demais trabalhos, afóra mais um ou outro cavalheiro, era de suppor que, quando aquelle fundador quizesse continuar a prestar os seus serviços, talvez não encontrasse pessoal que bem o coadjuvasse, não por falta de illustração nem de competencia, mas porque não era raro mesmo a par de grandes talentos encontrar-se menos dedicação ao trabalho, quando não facil e gratuito.

Releva, porém, aqui addicionar um documento que nos parece mais patentear a decadencia e desamparo da Sociedade.

Em carta de 23 de outubro de 1856, dirigida pelo bibliothecario-mór, José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, ao vice-presidente da Sociedade Archeologica Lusitana José de Groot Pombo, dizia aquelle a este cavalheiro: que em cumprimento das ordens do Governo, e do que ambos haviam tratado, lhe pedia propuzesse á mesma Sociedade as seguintes indicações:

1.º — No caso de dissolução da Sociedade (o que Deus não permittisse) ella propuzesse ao Governo a entrega de todos os objectos archeologicos á Bibliotheca Nacional.

2.º — No caso contrario (que Deus quizesse que este não tivesse logar) as medalhas fossem recolhidas, em deposito, na mesma Bibliotheca, inventariando se primeiro, para n'ella serem classificadas, e se trocarem algumas com as do Estabelecimento, com pleno accordo da Sociedade; e que isso mesmo tivesse logar ácerca de outros objectos, de que a Sociedade não quizesse privar-se; doando todos os mais destruidos e em que, apezar d'isso, se pudessem fazer estudos.

E concluia o bibliothecario-mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa, dizendo: que d'estas indicações e accordo tomado entre elle e o vice-presidente da Sociedade Archeologica, ía dar parte ao Ministro dos Negocios do Reino, por se achar assim cumprida a sua missão.

Já então, como se vê, a Sociedade se achava em decadencia, já então em fins de 1856 a desanimação era geral, porque nenhum raio de esperança se descortinava a bem do pensamento de ainda se proseguir nos trabalhos de exploração nas ruinas,

---

[1] Jornal *Correio da Manhã*, n.º 2:916, 1.º de março de 1894.

e já então alguem se lembrava não só da Bibliotheca de Lisboa receber em deposito todas as antigualhas encontradas nas excavações, mas que alli se trocassem umas por outras, e até de á mesma Bibliotheca se doarem as que estivessem mais destruidas, mas que podessem servir para estudos. Alguem inclinava-se á acceitação das propostas; a Direcção, porém, e a Sociedade não assentiram.[1]

Doze annos depois tinham-se apagado todas as esperanças e era urgente tratar de pôr a salvo o que facilmente poderia ser destruido.

Estatutos da Sociedade, que lhe dava a suprema inspecção sobre os antigos monumentos e antigualhas, em cumprimento das terminantes disposições dos alvarás de 20 de agosto de 1721 e de 4 de fevereiro de 1802, houvesse de ordenar que todas essas antigualhas e demais objectos pertencentes á Sociedade Archeologica Lusitana, que se achavam nas mãos e guarda de alguns dos socios d'ella ou de quaesquer outras pessoas, recolhessem á Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, e ahi ficassem em deposito e bem acondicionados, provendo-se assim á sua conservação e segurança.

Ruinas de Cetobriga (Troia, perto de Setubal)

Foi n'esta situação de abatimento e abandono que os dous fundadores, Domingos Garcia Peres e João Carlos d'Almeida Carvalho, receiando que no total desmoronamento da Sociedade, ou por qualquer outra circumstancia, se extraviassem ou damnificassem as diversas antigualhas e outros objectos pertencentes á Sociedade, alguns dos quaes se achavam em seu poder, e a maior parte d'elles em poder de um outro fundador, e desejando afastar de si e de todos que haviam sido directores, toda e qualquer responsabilidade, requereram ao Governo que, em conformidade do disposto no artigo 3.º dos

A esse justo pedido, datado em Lisboa a 26 de dezembro de 1867, para que no meio de tantos destroços de antigos e venerandos monumentos, cahidos por terra, pela incuria de ignorancia e pelos golpes do camartello da selvageria, ao menos se salvassem aquellas preciosas reliquias da antiguidade, o Governo respondia pelo ministerio do reino (direcção geral de instrucção publica, 3.ª repartição) com a Portaria de 29 de janeiro de 1868, que «Sua Magestade El-Rei, a quem fôra presente o requerimento dos supplicantes fundadores da Sociedade Archeologica Lusitana, que pediam auctorisação para depositarem na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, varios objectos descobertos por aquella corporação nas excavações das ruinas

[1] Sessão de 21 de dezembro de 1856.

de Cetobriga, e que por falta de estabelecimento apropriado estavam dispersos pelas casas de alguns socios, em risco de se damnificarem e extraviarem; tendo em vista a informação do vice-inspector da referida Academia, que acompanhára o requerimento alludido, havia por bem auctorisar o mesmo vice-inspector a receber em deposito aquelles objectos, sem obrigação para a Academia de responder por alguns damnos ou extravios imprevistos

Recebida a mencionada Portaria, assignada pelo ministro Conde d'Avila, o vice-inspector da Academia, Marquez de Sousa Holstein, em officio de 7 de fevereiro de 1868, que dirigia a João Carlos de Almeida Carvalho, com aquella sua cortezia fidalga repassada da mais estremada benevolencia, enviando-lhe copia da Portaria de 29 de janeiro ultimo, pela qual elle, vice-inspector, era auctorisado a receber em deposito na mesma Academia os objectos encontrados nas ruinas de Cetobriga e todos os mais pertencentes á Sociedade Archeologica, dizia que — havendo-se o referido Almeida Carvalho até então prestado com a melhor vontade a tratar d'aquelle negocio, rogava-lhe quizesse dar uma nova prova do seu zelo, encarregando-se de remover para Lisboa e entregar n'aquella Academia os sobreditos objectos.

Em officio de 24 do mesmo mez de fevereiro de 1868, Almeida Carvalho accusava a recepção do que lhe dirigira o vice-inspector da Academia Real de Bellas Artes, participando-lhe haver diligenciado quanto possivel cumprir a missão de que fôra encarregado. Que das antigualhas que se achavam em poder de alguns socios, as que tinha o socio Domingos Garcia Peres já este as entregára á Academia, e constavam da relação n.º 1, e aquellas que estavam em seu poder, tambem elle á Academia fizera entrega no dia 21 do referido mez e anno, e constavam da relação n.º 2, ambas acompanhando o mesmo officio.

Que da parte do socio Sebastião Maria Pedroso Gamitto encontrára duvidas em fazer entrega das antigualhas, que tinha em seu poder, e não obstante as razões que lhe expuzera, e as conveniencias que resultariam da entrega, elle persistira na recusa.

Que no entanto o socio João José Soares, secretario da ultima Direcção, lhe havia feito entrega dos livros e papeis pertencentes á Sociedade Archeologica, e elle os entregaria á Academia logo que alli entrassem todos os objectos que ainda faltava entregar.

Em outro officio, de 13 de julho de 1868, dirigido por Almeida Carvalho ao vice-inspector da Academia, participava-lhe que, com quanto no seu officio de 24 de fevereiro ultimo, lhe tivesse declarado que logo que o socio Pedroso Gamitto tivesse feito entrega das antigualhas que tinha em seu poder, e que formavam a maior parte d'ellas em numero e valor, elle immediatamente entregaria á Academia os livros, documentos e mais papeis pertencentes á Sociedade, e dos quaes o secretario da ultima Direcção lhe tinha feito entrega; vendo, porém, que até então o referido Pedroso Gamitto continuava na mesma recusa [1], desejando elle afastar de si toda e qualquer responsabilidade, enviava a s. ex.ª, a fim de serem depositados na Academia Real de Bellas Artes os livros, documentos e differentes papeis constantes da relação inclusa n.º 3, e a s. ex.ª rogava se dignasse mandar se lhe passasse documento em fórma, que mostrasse ter elle feito entrega á mesma Academia de todos os objectos constantes das relações n.º 1, 2 e 3, que acompanharam os seus officios.

O professor servindo de secretario da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, José da Costa Sequeira, encarregado pelo vice-inspector da mesma Academia, o Marquez de Sousa Holstein, em officio de 29 de julho de 1868, dirigido a Almeida Carvalho, accusava-lhe a recepção do seu officio de 13 d'este mesmo mez e anno, assim como da relação, que o acompanhava, dos livros, documentos e differentes papeis, declarando-lhe que os mesmos objectos tinham sido devidamente acondicionados, archivados e guardados cautelosamente na secretaria d'aquella Academia.

E que finalmente satisfazendo á justa pretensão d'elle, Almeida Carvalho, mandava tambem o vice-inspector remetter-lhe copias das relações n.º 1, 2 e 3 dos objectos até então recebidos, acompanhadas dos competentes recibos.

Seguem-se as relações.

N.º 1

Relação de varios objectos ou antigualhas, pertencentes á Sociedade Archeologica Lusitana, que o socio o sr. Domingos Garcia Peres tinha em seu poder e entregou á Academia das Bellas Artes de Lisboa.

Uma lampada sepulchral, de barro vermelho e fino, tendo o comprimento de 11 centimetros e 4 de largo.

Um cordão de filigrana de ouro com 28 centimetros de comprimento, tendo o cordão em cada ponta uma especie de cabaça, tambem de ouro, do comprimento de 2 centimetros, e em cada uma parece que está gravada a cabeça de um leão, achando-se presa á parte inferior de uma das cabaças uma pequena e estreita lamina de ouro, a modo de crescente de lua.

[1] Depois, por fallecimento de Pedroso Gamitto, seu filho fez entrega de todos os objectos que tinham estado em poder de seu pae, como adiante se verá pelo recibo que foi passado na mesma Academia das Bellas Artes.

Um annel de ouro com áro de meia cana, e chapa engastando uma pedra dura e verde, e n'esta, segundo parece, gravados instrumentos de sacrificio, tendo o annel de diametro 2 centimetros.

Outro annel de ouro, de meia cana delgada, e chapa do mesmo metal de fórma quadrangular e aberta, formando um ramo de folhas, etc.

Um modelo fac-simile de gesso, com diversas figuras em relevo, pintado e dourado, imitando uma patera de prata, achada nas ruinas de Celobriga em 1814, tendo 12 centimetros de diametro e 8 de altura.

N.º 2

Relação de varios objectos ou antigualhas pertencentes á Sociedade Archeologica Lusitana, que estavam em poder do socio João Carlos de Almeida Carvalho, e que este entregou á Academia das Bellas Artes de Lisboa no dia 8 *de fevereiro de* 1868.

Uma lampada sepulchral, de barro vermelho, fino e lavrado na parte superior, tendo 11 centimetros de comprimento e 8 de largo.

Uma base de columna de marmore branco, com o diametro de 80 centimetros e 25 de espessura.

Um capitel de columna, de pedra tosca e cinzenta, em fórma conica, mas quadrada na parte superior, onde tem 32 centimetros de cada lado, em largura.

Um capitel de marmore azulado, de ordem corinthia, tendo a frente superior quasi a fórma quadrada, e de cada face uns 30 centimetros de largura.

Duas bases do mesmo marmore, e pertencentes uma á mesma columna a que pertencia o capitel corinthio, e a outra parece pertencer a columna igual, tendo cada uma das bases 30 centimetros de cada lado e na sua largura.

Um áro de pedra tosca, que servia de borda ou resalto em volta da base de um moinho de mão, tendo 80 centimetros de diametro e 20 de espessura.

Uma mó de pedra tosca que estava dentro do áro, tem 40 centimetros de diametro e 28 de espessura.

Duas mós de pedra tosca, de moinho de mão, e de fórma circular, tendo uma d'ellas concava uma das faces, e a outra uma das faces convexa, assentando uma sobre a outra, e tendo uma um buraco redondo no meio, e ambas o diametro de 40 centimetros e 9 de espessura.

Um fragmento de columna de marmore branco com veios vermelhos, tendo 40 centimetros de comprimento e 22 de diametro.

Dous tijolos de barro vermelho, formando cada um a quarta parte de um circulo.

Oito tijolos do mesmo barro, semi-circulares, e formando dous o diametro de 23 centimetros.

Quatro telhões do mesmo barro, com o comprimento de 65 centimetros e 12 de largo.

Doze tijolos do mesmo barro, com 43 centimetros de comprimento e 30 de largo.

Doze ditos do mesmo barro, com 24 centimetros de comprimento, 8 a 9 de largo, e quasi outro tanto de espessura.

Um tijolo do mesmo barro, com 40 centimetros de comprimento e 12 de largo.

Uma amphora (partida) do mesmo barro, e de fórma conica, tendo duas azas juntas ao estreito do bocal (uma de cada lado) e a altura da amphora é de uns 60 centimetros.

Seis fragmentos de taboas de marmore branco e azulado, e parece que fôra polido.

Dois fragmentos de cimalha de marmore branco.

Varios fragmentos de argamassa e reboco de parede, etc.

N.º 3

Relação dos livros, documentos, manuscriptos e impressos e diversos papeis pertencentes á Sociedade Archeologica Lusitana, e que em cumprimento da Portaria do Ministerio do Reino, em data de 29 *de janeiro de* 1868, *foram depositados na Academia das Bellas Artes de Lisboa*

Livro intitulado *Dos Amadores dos Monumentos Antigos*, in-fol. N'este livro está a assignatura de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Fernando e a do Ex.^mo Sr. (1.º) Duque de Palmella, assim como os nomes de todos os socios. Está escripto até pagina 23 v.

Livro *Registo das Actas da Sociedade,* in-fol. Está escripto até pagina 22.

Livro *Copiador da Sociedade*, in-fol. Está escripto até pagina 140.

Livro *Caixa da Sociedade,* in-fol. Está escripto até pagina 14.

Livro *Registo dos Diarios*, in-fol. Está escripto até pagina 13.

Duzentos exemplares impressos de recibos para se encherem com os nomes e quantias dos socios contribuintes.

Duzentos e noventa exemplares de diplomas lithographados, para titulo dos socios.

Setenta exemplares de estampas lithographadas, de uma Taça, e pertencentes ao n.º 1.º dos *Annaes* da Sociedade.

Duzentos e dez exemplares de estampas lithographadas, de duas lampadas e um estylo, pertencentes ao n.º 2.º dos *Annaes* da Sociedade.

Sessenta exemplares de estampas abertas em madeira, de duas amphoras, um prato e um lacrima-

torio (de barro) pertencentes ao n.º 3.º dos *Annaes* da Sociedade.

Um exemplar impresso do 1.º Relatorio da Direcção da Sociedade, apresentado em assembléa geral de 24 de agosto de 1851.

Cento e trinta e cinco exemplares impressos do 2.º Relatorio da dita Direcção, apresentado em assembléa geral de 21 de dezembro de 1856.

Duzentos e quatro exemplares impressos do 1.º numero dos *Annaes* da Sociedade.

Trinta exemplares impressos do 3.º numero dos *Annaes* da Sociedade.

Cento e trinta e seis exemplares impressos do Alvará de 27 de março de 1850, e dos respectivos Estatutos da Sociedade, e de igual data, approvados pelo dito Alvará.

Traslado da escriptura, feita nas *Notas* do tabellião da cidade de Setubal, Agostinho Albino de Faria Picão, em 3 de novembro de 1849, na qual o proprietario do terreno da Troia concede licença, sob certas condições, para se poder fazer uma excavação no mesmo terreno.

O Alvará e Estatutos da Sociedade Archeologica de 27 de março de 1850, approvados estes pelo mesmo Alvará.

O segundo relatorio da Direcção da Sociedade, apresentado em assembléa geral de 21 de dezembro de 1850.

O officio do socio inspector, José Maria Pires, dando parte, em 28 de novembro de 1850, de ter morrido um boi durante o trabalho da excavação. A copia do Diario da semana do mesmo socio.

O officio do vice-presidente, Manuel da Gama Xaro, que, em 25 de outubro de 1850, se escusa do dito cargo.

Dezesete cartas de varias pessoas, em que umas declaram acceitar o cargo de socios, e outras se escusam.

Um officio da commissão das Casas d'Asylo da infancia desvalida de Lisboa, pedindo se lhe emprestem algumas antigualhas para serem collocadas na exposição que ía ter logar em Lisboa e em beneficio das mesmas casas d'Asylo.

O officio de 2 de outubro de 1851, do secretario particular de Sua Magestade El-Rei D. Fernando, accusando a recepção de um exemplar do Relatorio da Direcção, etc.

O officio, de 25 de outubro de 1850, do Ex.^{mo} Sr. (2.º) Duque de Palmella, presidente da Sociedade.

Dos dois Relatorios da Direcção da Sociedade Archeologica, Livro das Actas e Livro dos Diarios dos Socios Inspectores, consta quaes foram os objectos ou antigualhas encontradas nas excavações da Troia. O cordão de filigrana de ouro, e o annel do mesmo metal com chapa de pedra, foram comprados pela Direcção, porque não se encontraram nas excavações feitas pela Sociedade, o que consta do Livro *Caixa* da Direcção; e do outro em poder do Thesoureiro Jorge Torlades O'Neill, representante da Casa commercial Torlades & C.ª

O *fac-simile,* molde da Taça, já mencionado, foi offerecido pelo presidente da Sociedade o 1.º Duque de Palmella.

Todos os objectos e antigualhas da Sociedade Archeologica que ficam mencionados, eram os que os dous socios requerentes tinham em seu poder, e foram depositar na Academia Real de Bellas Artes.

A pedido, porém, dos depositantes, e para sua resalva, no fim das relações que deixamos exaradas, acha se o seguinte recibo authentico:

«Receberam-se n'esta Academia Real de Bellas Artes de Lisboa os objectos constantes das Relações n.^{os} 1, 2 e 3 acima transcriptas, e aqui ficam depositados e acondicionados sob a immediata Inspecção do Ex.^{mo} Marquez de Sousa Holstein. Secretaria da Academia, 29 de Julho de 1868. — *José da Costa Sequeira*, professor servindo de secretario.»

Além dos objectos e antigualhas que ficavam depositadas, e de que se passára o competente recibo, restava ainda o maior numero das antigualhas que se achavam em poder de Sebastião Maria Pedroso Gamitto, que, como dissemos, se recusára a fazer d'ellas entrega: tendo, porém, fallecido, seu filho, Epiphanio Augusto Pedroso Gamitto, solicitou fazer entrega d'estas referidas antigualhas, e de feito as entregou na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, acompanhadas da seguinte

Relação das antigualhas descobertas pela Sociedade Archeologica Lusitana nas excavações das ruinas de Cetobriga, e que estando até hoje em meu poder, vou entregal-as na Academia das Bellas Artes de Lisboa, a fim de ficarem ahi depositadas por ordem do Governo

Moedas romanas: — umas 1:892, de imperadores, uma de Roma galeada, todas de bronze; uma de prata e uma forrada d'este mesmo metal, tambem de imperadores; total, 1:895.

Objectos de barro:

Diversos fragmentos de vasos de barro saguntino vermelho e lustroso;

Um lacrimatorio esbranquiçado;

Quatro lampadas sepulchraes, duas outras fracturadas;

Um tijolo em meio circulo, um outro em esquadria;

Oito vasos de diversas fórmas;

Duas amphoras pomiformes fracturadas, tres ditas cylindricas tambem fracturadas;

Fragmentos de amphoras e de outros vasos;

Ditos de uma pátera lavrada, fracturada e galeada;
Duas telhas grandes.
Ossos:

O que ahi fica exposto, é extrahido de um documento authentico, de que temos publica fórma, passado pelo escrivão e tabellião em Setubal, em 22 de novembro de 1882, Libanio Thomaz da Silva.

Ruinas de Cetobriga (Troia, perto de Setubal)

Fragmentos de ossos humanos.
Paus:
Fragmentos de paus de veado.
Objectos de cobre:
Um prego grande;
Quatro agulhas de fazer rede;
Uma outra agulha;
Tres anzoes e um arco de caldeira.
Objectos de osso:
Um estylo;
Duas agulhas;
Cinco alfinetes e fragmentos dos mesmos.

Setubal, 19 de maio de 1882. — *Epiphanio Augusto Pedroso Gamitto.*

Recebi do Ex.^mo Sr. Epiphanio Augusto Pedroso Gamitto os objectos archeologicos mencionados n'esta relação, e entre as moedas romanas encontrei 1:892. Lisboa, 24 de maio de 1882. — O secretario, *Francisco Tiburcio Melicio.* Logar do sello branco com as armas reaes portuguezas, tendo em redor a legenda «Academia Real de Bellas Artes de Lisboa». (Escola de Bellas Artes de Lisboa, Liv. 1.°, n.° 29).

VIII

Todas essas reliquias da antiguidade que a Sociedade Archeologica desoterrou de uma mina inexhaurivel de tantas preciosidades, não nos parece que possam ser olhadas com indifferença pelos homens illustrados, e que deveras se interessam pelas cousas e lustre da sua patria. Por essas simples relações, que ficam transcriptas, dos objectos archeologicos alli encontrados, ainda que sem a menor descripção, commentario ou notas, já bem se poderá suppor o quanto serão de apreciar; mas o apreço subirá de ponto quando os homens competentes patentearem pelo seu estudo e criterio quanta será a sua valia para o progresso da historia, da sciencia e das artes. Já alguma cousa se tem dito e firmado, e muito de aproveitar; mas esse mesmo pouco anda disperso, menos conhecido e geralmente esquecido.

A Sociedade Archeologica, porém, não descobriu e colheu sómente todas essas antigualhas, que se acham depositadas na Academia de Bellas Artes; maiores foram as suas descobertas, como mos-

tram os muitos monumentos que lá ficaram fixos ao solo, uns que ainda a descoberto nos manifestam a solidez de sua fabrica e o magestoso da sua antiguidade, emquanto que muitos outros teem desapparecido cobertos com as areias movediças das dunas. Edificios de diversas fórmas e fabricas altas e espessas paredes, inclusivè as de templos e de thermas, tumulos e sepulturas de maiores ou menores dimensões, mosaicos e argamassas, estuques de diversas côres, e ainda outras obras d'arte, tudo por lá ficou á mercê do vandalismo, que o tem ido destruindo, salvando-se apenas aquillo que as proprias areias teem tido, por assim dizer, o cuidado de cobrir e occultar.

As excavações, porém, lançaram alguma luz sobre a historia d'essa cidade subterranea, porque da observação e do estudo d'aquelles que a ellas assistiram, ou que mais de espaço as examinaram, confrontando as noticias que até nós chegáram, com as cousas descobertas, logares e modos como foram encontradas, talvez que se possam formar conjecturas, senão seguras, um tanto approximadas do que foi essa cidade e dos successos que se deram durante o correr de seculos.

Mas para esses estudos de pesquizas que trabalhos se emprehenderam? Cortaram-se enormes dunas, excavaram-se immensas médas de areia, profundou-se o solo em muitos logares, e sempre n'um lidar continuo e sem tregoas.

Era em verdade, como dissemos, muito para ver como aquelles associados, offerecidos para dirigirem os trabalhos da exploração do terreno, desenvolviam a maior actividade, e quaes outros caçadores ligeiros, corriam a toda a parte, e por vezes quasi que afogados entre as dunas que desabavam; assim mesmo continuavam incansaveis, arrostando todos os incommodos, sem o menor interesse, mas antes satisfazendo á sua custa todas as despezas que alli faziam durante muitas semanas e revezando-se, para que nunca faltasse a fiscalisação.

E foi assim que todas as explorações se executaram, despendendo-se apenas pouco mais de um conto de réis! Não houve milagre, houve abnegação e dignidade, para honra do paiz e lustre da Sociedade Archeologica De contrario, essa insignificante somma dispendida não chegaria talvez para o ordenado de um fiscal ou director mór, que por lá apparecesse uma ou outra vez, sobraçando volumosos relatorios recheiados de esperançosos palavrorios.

Ahi vae, pois, a conta da receita e despeza, ou resumo da escripturação do Livro-Caixa, que se acha na Casa Torlades & C.ª em Setubal, porque o Thesoureiro era o respeitavel negociante Jorge Torlades O'Neill. E tambem se acha a mesma conta no respectivo livro da Sociedade e com os mais papeis do seu archivo, que existe na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa.

Segundo o Relatorio da Direcção da Sociedade, datado de 15 de julho de 1851, vê-se que a receita proveniente dos subsidios ou joias entregues pelos socios era a seguinte:

D'El-Rei o Senhor D Fernando . . . rs.	300$000
Do Ex.mo Duque de Palmella	200$000
De quatro socios a 9$600 rs. cada um	38$400
De um dito 8$000 rs.	8$000
De 124 ditos a 4$800 rs. cada um.	595$200
Somma	1:141$600
A despeza já depois das primeiras e segundas excavações era de . . . . . . rs.	836$245
Ficando de saldo em caixa	305$355
Mostra-se pelo outro relatorio de 21 de dezembro de 1856 que anterior ás terceiras excavações a receita baixára a	290$085
E tendo-se já effectuado estas excavações, a receita ficára reduzida a.	60$345
E ainda depois a	41$765

VIII

A tudo isso que a Sociedade Archeologica descobriu, juntem-se todos aquelles monumentos e antigualhas, que, desde seculos, teem sido extrahidos da margem esquerda do Sado, e de muitos dos quaes nos deixaram algumas noticias diversos antiquarios, exploradores d'essas ruinas, e ainda outras pessoas que, ou por pesquizas ou por acaso, alli encontraram antigualhas. De muitas d'essas reliquias preciosas não faltaram entre nós museus valiosos, em quanto que outras em grande quantidade se espalharam por quasi todo o paiz, afóra as que sahiram para o estrangeiro, e algumas levadas por aquelles que cá vinham admirar as ruinas, estudal-as, e lamentar a nossa incuria e rudeza. E a tanto chegou o vandalismo, que, pelo menos, desde o começo do seculo XVI, a Ordem de Sant-Iago, antiga senhoria do terreno, impunha aos emphyteutas ficar fóra da sesmaria toda a pedra alli existente, para ser applicada á construcção de casas e moinhos, e ainda depois para obras ou reparos de marinhas ou salinas, não podendo nunca o emphyteuta tolher a qualquer pessoa o poder alli ir buscar a pedra que quizesse. D'alli, pois, d'essas minas teem sido tirados muitos milhares de barcadas de pedra, tijolos, telhas, quebrados e desfeitos; antigos monumentos, que poderiam estar hoje formando e ornando em Portugal um dos melhores museus.

E todo esse escandaloso vandalismo era praticado á vista das auctoridades, e com assentimento de governantes e governados! O que parece impos-

sivel é que ainda alli appareça uma pedra! Tal era a grandeza da cidade.

Pois mesmo assim, além do que foi descoberto pela Sociedade Archeologica, ha a noticia auctorisada dos monumentos encontrados por meiados do seculo XVI, ha as muitas e quasi successivas pesquizas feitas, e a larga enumeração das antigualhas descobertas desde os ultimos tempos do seculo XVIII até 1850, accrescendo o que mais se tem ido descobrindo depois da suspensão dos trabalhos d'aquella Sociedade.

Ahi temos as descripções dos edificios mutilados, maiores ou menores, de diversas fórmas: ahi vimos grossas e altas paredes, algumas faceadas de estuque de diversas côres, outras construidas de differentes argamassas, como a *signina*, etc., de pedras e de tijolos, estes de diversas fórmas, e muitos de grande espessura e tamanho; uns de côr vermelha ou cinzenta, outros de côr mais ou menos negra; uns quadrados, outros rectangulares, uns circulares bi-partidos, outros da mesma fórma, mas quadri-partidos. Ahi estão as telhas e os telhões de barro vermelho, alvadio ou denegrido, uns concavos, outros horisontaes com rebordos por alguns dos lados, tumulos de cimento, de boa fabrica, e muitas sepulturas de alvenaria.

Ahi se descobriram os pavimentos dos edificios, onde se encontraram fragmentos de bellos mosaicos de pedra dura e de differentes côres; ahi estão os restos de optimas thermas, que foram ornadas de columnas de marmore, de mosaicos, e as suas paredes interiores faceadas de marmores de varias côres, assim como o edificio embellezado de outras obras d'arte.

As columnas, fustes, bases, capiteis, frisos, cornijas e cimalhas de diversos marmores e côres: assim como columnas de argamassa e tijolos dos respectivos diametros, bi-partidos ou quadri-partidos.

Ahi estão as descripções dos templos gentilicos desoterrados, com as imagens pagãs de marmore e de bronze; as páteras e taças, as passaras de vidro, e uma grande variedade de vasos proprios de solemnidades gentilicas, assim como instrumentos de sacrificios, e outros objectos ou fragmentos d'elles, uns de vidro ou de barro, outros de prata ou bronze.

Alli, n'aquelle solo, teem sido desoterrados cippos e outras lapidas, inscripções votivas, juridicas, publicas, historicas, honorarias e sepulchraes. Por ora, porém, nenhuma geographica, de que tenhamos noticia.

Ahi estão as lampadas de barro vermelho vivo ou esbranquiçado, as urnas sepulchraes de vidro e de barro, de varias fórmas, umas contendo lacrimatorios de vidro e de barro, de differentes feitios, ossos queimados, e ainda alguns residuos de generos alimenticios.

Muitos teem sido os tumulos e sepulturas descobertas;

Grande a quantidade de vasos de barro de diversas fórmas, e entre elles amphoras ou vasos que geralmente assim se denominam por sua fórma;

Estylos, alfinetes de uso commum, armações de veados, cabras e carneiros. Anzoes de cobre e agulhas de fazer redes;

Muitos tanques de alvenaria, de fórma geralmente quadrangular ou quadrada, e interiormente faceados de argamassa *signina*;

Muitos poços de pequeno diametro, proximos á beira-mar, que nós ainda vimos, mas dos quaes nem um só resta para amostra;

Grande quantidade de pregaria de bronze ou cobre;

Milhares de moedas romanas da republica, do alto e baixo imperio: algumas de ouro e de prata, ou forradas d'este mesmo metal, e a grande maioria de bronze, afóra umas ou outras desconhecidas, e ás quaes se dão diversas denominações;

E finalmente uma immensa quantidade de fragmentos de objectos de pedra, de barros diversos, etc., cobrem, digamol-o assim, a beira-mar de uma longa parte da margem esquerda do Sado.

Dir-se-ha que são as proprias ruinas que, resaltando quasi successivamente á superficie das areias, teem durante seculos proclamado: que n'aquelle solo da Troia existia uma grande mina de um precioso thesouro de monumentos historicos e venerandos da remota antiguidade. Mas a rudeza dos homens no correr de todo esse espaço de tempo, só lhes tem correspondido com o desdem de uns e com a destruição de outros. O que, porém, parece impossivel, é que ainda appareça alli alguma antigualha. Pois apparece; hoje descobre-se um vaso, ámanhã uma inscripção lapidar; n'um dia acham-se algumas moedas, em outro encontram-se differentes antigualhas, mais ou menos fracturadas, e sempre muitos fragmentos d'ellas.

Mas a mina ha de se exgotar á força do bater do camartello e do alvião, manejados nas mãos barbaras do mais estupido e brutal vandalismo.

IX

Parece-nos, pois, ficar bem demonstrado e accentuado que os fundadores da Sociedade Archeologica não conceberam um pensamento sem base e aventureiro, mas que fôra muito e pausadamente abraçado por elles, fundando-se no dizer de antigos escriptores, nas lições de outras auctoridades litterarias, e nas muitas e diversas noticias extrahidas de numerosos documentos que compulsaram.

Guiados ou animados por aquelles homens que

os haviam precedido, os fundadores da Sociedade não se apresentaram, por assim dizer, como filhos sem paes ou sem germens, nem predecessores auctorisados, quando se abalançaram áquella empreza.

Assim esse ensaio ou reconhecimento no terreno das ruinas, não só logo obteve um resultado satisfactorio, mas foi muito além da espectativa de homens illustrados, excedendo as esperanças ainda dos mais enthusiastas; e fazendo emmudecer os incredulos e calar a ignorancia.

O vôo que a Sociedade tomára, dera logo a mais lisongeira e segura confiança de que mais alto se ergueria, para honra d'ella, maior esplendor de quem a protegeria, realce das artes e das sciencias, lustre da Nação, e quiçá mais um elemento de fazer desenvolver a riqueza e civilisação do paiz.

Mas um mau fado quiz que uma serie de successos funestos e imprevistos de repente a assaltassem e perseguissem, e assim aos dias felizes succederam os ruins e a Sociedade decahiu.

A sua Direcção, porém, não succumbiu; ainda luctou, envidando todos os esforços possiveis para evitar o desmoronamento, mas tudo foi baldado, porque com a infausta morte do 1.° Duque de Palmella, seu Presidente, que lhe dera alma e vida vigorosa, havia lançado, como dissemos, o desanimo na Sociedade.

D. Fernando II, o Rei-Artista e de saudosa memoria, que tanto a tinha auxiliado e enflorado de renome, enaltecendo-a de esplendor, acudiu de prompto ao desastre, e como Excelso Protector da Sociedade, e impulsionado por aquelle proverbial amor ás artes e ás sciencias, que nunca faltou aos nossos Reis, por intermedio do seu secretario particular, procurou reanimar a Sociedade, offerecendo o seu auxilio e qualquer outra cooperação.

O coração da Sociedade ainda estava quente e fervoroso, mas o corpo, por diversas circumstancias e contrariedades, já se achava frio e regelado.

Em conclusão — os socios fundadores que requereram serem recolhidos na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa e como em deposito ahi ficassem a bom recado e salvaguardados todos os monumentos, antigualhas descobertas pela Sociedade Archeologica, assim como livros, documentos e papeis ou quaesquer objectos pertencentes á mesma Sociedade procederam assim, para que com a entrega d'elles n'aquelle apropriado estabelecimento, as Direcções da Sociedade ficassem livres de toda e qualquer responsabilidade e todos os associados sem a menor quebra de seus direitos que lhes ficaram legalmente garantidos.

A quem nos arguir de termos vindo tarde, responderemos com o conhecido adagio portuguez

Quem vem, não tarda.

Setubal. J. C. D'ALMEIDA CARVALHO.

CASAS ANTIGAS

ALGUNS BENS MOBILIARIOS NÃO VINCULADOS DOS ALMADAS CARVALHAES

Os edificios, por mais mudos que pareçam, teem sempre uma palavra a dizer-nos, que interessa á historia ou ás artes.

O palacio e quinta da Mápartilha, em Azeitão, nada teem de notavel; no rustico, uns poucos de hectares de terra occupados por laranjaes, com ruas cobertas por arvores silvestres; no urbano, uma edificação rez do jardim e pateo de entrada, assente n'uma depressão do terreno, á beira de um caminho fundo, apertado, sombrio e humido. Lembra um objecto de merito muito contestavel, que quiz furtar-se ás vistas, lançando-o para um desvão

Pois tudo isto, que nada póde dizer de si, fallanos de uns senhores opulentos e magnificos, de artistas e objectos de arte primorosos, o que muito importa á historia do paiz, pobre d'estas noticias.

O testamento de D. Maria Antonia de Almada, feito em Azeitão em 26 de maio de 1720 e o inventario, feito em Lisboa, na repartição do Bairro alto, por morte de Francisco de Almada, em 1730, fornecem-nos noticias interessantes do espolio de um fidalgo d'aquelles tempos — mobiliario, alfaias, tapeçarias, quadros e livros com os seus valores na epoca, procedencia de muitos objectos, auctores de algumas pinturas, fabricantes de algumas tapeçarias, e significam-nos que os Almadas Carvalhaes foram uma familia distincta entre as do tempo pela representação, fausto e amor ás letras e ás artes.

Tem de observar se, que a casa estava na occasião decadente por administrações dirigidas com pouco tino, e que no inventario só se faz cargo dos objectos não vinculados; ainda assim é extenso o catalogo da sua galeria de pintura, precioso e subido o numero de tapeçarias.

Não vinham de desviadas eras os Almadas Carvalhaes, nem se faziam proceder d'essas raças, que se emmaranham n'uma floresta genealogica, a não poder atinar-se com o tronco originario; eram uns personagens, cujos ascendentes subiram pelo proprio merito, occupando altos cargos da republica, que tiveram a aceitação dos principes e alcançaram consideraveis haveres.

Os senhores de Carvalhaes levam a sua origem apenas aos annos de D. Duarte, a um Gonçallo Borges com mulher desconhecida, ou cujo nome se cala para lhe encobrir a baixa procedencia. Os Almadas, provedores da Casa da India, a quem vieram os morgados dos Carvalhaes, tambem se não mettem por esses tempos além, fazem-se proceder de um Fernam Rodrigues, o *Barbaças*, filho de

Ruy Fernandes, sujeito abastado, que viu os reinados de D. Affonso V, D. João II e de D. Manuel, e que casou com Catharina Carreira, filha de Bartholomeu Gomes de Almada, burguez abastado e *sujeito de grande talento e letras, que foram as maiores d'aquelle tempo.* O *Barbaças* apenas é dito *homem bem herdado de seus antepassados e de bom procedimento;* encontra-se em 1502 em viagem para a India por capitão da caravella *Santa Martha.*[1]

Os Almadas Carvalhaes, além dos bens proprios, tinham bastantes da corôa e ordens e o officio de provedor da Casa da India, de pingues proventos e grande representação. Esta familia extinguiu-se ha poucos annos na sua casa de Azeitão, pela morte do ultimo conde de Carvalhaes e de seu filho D. José. Eram distinctos pelo seu caracter nobre, cortezania distincta, fina educação e sentimentos de caridade. Estavam ligados aos condes da Sortelha, Castello Melhor, S. Vicente, Obidos, Calheta, Oriola, Arcos, e para nada lhe faltar a enobrecel-os, até um dos mais altos espiritos do passado seculo, o celebre marquez de Pombal, teve por primeira mulher D. Thereza de Noronha, filha de D. Maria Antonia de Almada, avó do ultimo conde de Carvalhaes.

A cabeça do morgado e residencia mais continuada dos Almadas Carvalhaes foi no palacio do Outeiro da Boa Vista, em Lisboa, aonde está actualmente a C.ª Editora. Para jazida tinham a capella de Christo na egreja de Santa Catharina do Monte Sinay, cujo templo já não existe, achando-se no seu logar uma boa casa das senhoras Guerreiros Collares.

Darei uma ligeira noticia da vinda dos Almadas Carvalhaes para Azeitão.

Ruy Fernandes de Almada, provedor da Casa da India e presidente do senado de Lisboa, que fez abrir em 1665 a rua nova, que d'elle tomou o nome Almada, teve por filho herdeiro:

Christovam d'Almada, que foi provedor da Casa da India, commendador de S. Miguel de Rio de Moinhos, senhor das terras de Carvalhaes e das villas de Ilhavo, Verdemilho, Avellans, Ferreiros e dos seus padroados, todos de grandes rendimentos. Foi do conselho do rei, governador e capitão general de Mazagão, gentil-homem da camara do principe D. Pedro, veador das casas das rainhas Maria de Nemours e Maria de Neubourg, da infanta D. Izabel, do principe D. João e de seus irmãos.

«Foi, segundo D. Antonio Caetano de Sousa, «muito cortezão e estimado na côrte, versado nas «ceremonias e etiquetas do paço, que ninguem en«tendeu no seu tempo melhor do que elle, de sorte «que era archivo vivo para as duvidas que occor«riam; mui fino na amisade, animado de grande «coração, sem que se dominasse da ambição; em «extremo aceado sem nimiedade, de agradavel con«versação e em tudo generoso e magnifico, no que «imitou seu pae.»

Muitas das qualidades distinctas que Sousa faz notar em Ruy e Christovam de Almada, se encontravam no ultimo conde D. José, de quem parece que se faz o retrato; o filho tambem lhe não desmerecia.

D. João V estimava tanto Christovam de Almada que, na doença de que veiu a fallecer este fidalgo, buscava ameudo informações do seu estado. Morreu em 1713, com 81 annos de edade.

Tinha casado com D. Luiza de Eça Corte Real, senhora do morgado dos Eças, de que era cabeça a quinta das Torres, em Azeitão. Faziam estes conjuges demorada residencia no palacio, a cujo sitio Christovam era muito affeiçoado. D'esta dama teve 8 filhos, que todos morreram cedo e sem successão.

Enviuvando de D. Luiza, passou a segundas nupcias com D. Filippa de Mello, de quem teve seis filhos. De varias mulheres houve mais dez.

Dos filhos de D. Filippa succedeu-lhe na casa e morgados:

— D. Maria Antonia de Almada, que casou com D. Bernardo de Noronha, filho segundo dos condes dos Arcos. Affeiçoada a Azeitão, como seu pae, adquiria em 1696 a quinta da Má-partilha e outras propriedades, que mais tarde vinculou, annexando-as ao morgado dos Almadas da Boa-Vista.

A edade e estado valetudinario de Christovam de Almada nos ultimos tempos, a dilatada demanda sobre os morgados de Oliveira e Valle de Sobrados, o litigio sobre a successão á casa de Basto e perda d'estas questões, o animo generoso e magnifico, que D. Maria Antonia herdára de seu pae, a inexperiencia administrativa d'esta dama, lançaram a perturbação na vida economica da casa, tendo de vir esta familia viver para o seu palacete da Má-partilha.

De D. Maria Antonia e D. Bernardo nasceram:

— Christovam, que morreu creança.

— Francisco, que veiu a succeder na casa.

— D. Magdalena Thereza de Bourbon, que casou com o porteiro-mór José de Sousa e Mello, senhor do morgado de Alcube e visinho, em Azeitão, da casa de sua sogra.

— D. Thereza Maria de Noronha, que casou com Antonio de Mendonça Furtado, e viuva d'este marido, passou a segundas nupcias com Sebastião

---

[1] No *Livro de toda a fazenda*, de Falcão, é chamado *João* Rodrigues *Badarcos*, e nas *Lendas*, de Gaspar Corrêa, *João* Rodrigues *Badarças*, de certo por má leitura dos copistas. O que digo dos Almadas Carvalhaes é de um Nobiliario manuscripto da sua casa.

José de Carvalho e Mello, de quem foi a primeira mulher.

— D. Victoria Euphemia de Lencastre, que casou com José de Saldanha de Menezes e Sousa.

— D. Anna de Noronha, freira do convento de S. Alberto.

— D. Luiza de Bourbon.

— D. Izabel Margarida de Noronha.

— D. Antonia Thereza de Noronha.

— D. Maria Antonia de Lencastre, todas quatro freiras no mosteiro de Santa Clara de Lisboa.

D. Maria Antonia de Almada, conhecia o estado da sua casa, mas não podia resistir ao seu animo generoso e magnifico. Suas filhas Magdalena, Thereza e Victoria foram damas do paço, e ali as *sustentou com luzimento,* conforme a sua propria expressão. A primeira, por occasião do seu casamento, teve de dote 11:324$730 rs., sendo 8:000$000 de tença de dama do paço, rs. 800$000 de joias dadas pela rainha D. Maria Anna e 2:524$730 em dinheiro de sua mãe. A segunda teve de dote réis 11:350$130, sendo rs. 8:000$000 de tença de dama do paço, rs. 800$000 de joias dadas pela rainha, rs. 800$000 de uma herdade sua, e rs. 1:750$190 em dinheiro de sua mãe. A ultima teve de dote rs. 10:550$000, sendo rs. 8:000$000 de tença de dama, rs. 800$000 de joias da rainha e em dinheiro de sua mãe rs 1:750$000.

— D. Luiza de Bourbon, freira em Santa Clara, teve para enxoval, entrada, profissão, propinas, jantar e ceia rs. 4:090$514, tudo pago por sua mãe.

— D. Isabel Margarida, freira do mesmo convento, teve para enxoval, gastos de entrada, profissão, propinas, jantar e ceia rs. 6:068$440, que tambem sua mãe dispendeu.

— D. Antonia Thereza de Bourbon, freira do mesmo convento, teve para dote, enxoval, entrada, profissão, propinas, jantar e ceia rs. 936$122, que sua mãe pagou.

— D. Maria Antonia de Lencastre, freira do mesmo convento, teve rs. 200$000 para dote, pago por sua mãe, contribuindo seu irmão Francisco de Almada com mais rs. 200$000 e os gastos de profissão, propinas, jantar e ceia.

Pelas quantias successivamente applicadas á profissão das filhas religiosas, se póde julgar do estado decadente da casa.

Para o casamento de seu filho Francisco em 1716, D. Maria Antonia tomou 12:000 cruzados por 15 annos, consignando ao pagamento dos juros réis 600$000 do almoxarifado de Portalegre, e mais tomou á Misericordia de Lisboa rs. 2:979$269, a cujos juros consignou um juro de rs. 300$000, que tinha no almoxarifado de Extremoz.

Por sua morte, em 1720, ainda devia ao mercador da capella, Manuel de Moura, o enxoval de sua filha D. Magdalena, tendo de consignar ao credor a tença dos portos seccos de Lisboa. A outro mercador, Antonio Gomes de Brito, para pagamento de fazendas consignou-lhe 400$000 réis da mesma tença; a outro devia réis 600$000. Devia ainda a uma Margarida Maciel réis 12$200 do feitio de toucados para as filhas, no tempo de damas do paço. Devia ao alfayate, ao poleeiro, ás padeiras de Telheiras e de Azeitão, ao sangrador e ao medico de partido e a muitas mais pessoas, a algumas poucos mil réis.

Para alcançar das freiras bernardas de N. S.ª da Nazareth réis 150$000 de emprestimo, tinha tido de entregar-lhe por penhor uma *armação de Arraz com a historia de Ulysses*, a D. João de la Concha deu de penhor a réis 600$000 outra *armação de Arraz com a historia do gigante Golias*, ao pintor Francisco Xavier entregou como penhor de divida *um oratoriosinho de alambre* e um crucifixo.

Era tal o seu pouco tacto governativo, que, para penhor de réis 84$590, que devia a um ourives, entregou-lhe uns diamantes, cujos numero ignorava.

Os bens livres de D. Maria Antonia foram avaliados em 31 contos, as dividas descriptas sommavam 16 contos, ficando um remanescente de 15 contos: a quinta da Má-partilha, avaliada em réis 4:800$000, formava a terça que se encorporava no morgado do Outeiro da Boa-Vista, mas ainda assim o saldo apresentava-se tão contingente, que todos os herdeiros renunciaram a herança em beneficio do inventario, sendo a ultima desistencia de D. Thereza de Noronha, futura mulher de Sebastião José de Carvalho, que ainda em 5 de setembro de 1722 se achava em Azeitão, d'onde data o titulo de renuncia.

Do inventario de D. Maria Antonia de Almada poucos objectos apparecem a notar. Memoraram-se uns *paineis* avaliados em réis 1:920$000 — umas figuras de jaspe e bronze, que ornavam o gradeamento do jardim do palacio da Boa-Vista, avaliadas em réis 174$000 — armação de Arraz, avaliada pelo *tapeceiro* em réis 175$750 — *seis tamboretes feitos no Norte* com capas de damasco, avaliados em réis 24$000. — Como movel, descreve-se tambem a escrava Catharina de Almada, avaliada em réis 40$000, e que D. Maria Antonia no testamento liberta.

No mesmo testamento, feito em Azeitão a 26 de maio de 1720, D. Maria Antonia declara ter dado a seu filho, por occasião do seu casamento — «Um «leito com paramento de damasco carmezim com «franja de ouro, uma colcha do Malabar com ma«tizes de ouro, [1] outra com matiz branco e franjas

---

[1] Em Bengalla se fazem cousas de agulha mui maravilhosas, diz Gaspar Corrêa. O rei de Melinde enviou por Vasco da Gama á rainha de Portugal «um sobucéo de cama lavrado branco, a mais subtil cousa feita de agulha, que nunca outro tal fora visto.» Lendas da India, T. I, 287.

«de ouro, um cobertor de setim bordado de mati«zes, tudo da India, toda a mais roupa pertencente «á cama e mais um leito de ébano com duas ar«mações, uma de ló branco e ouro e outra de pano «encarnado.»

Uma das testemunhas do testamento foi o medico de Azeitão, dr. José de Mattos Rocha, poeta e latinista abalisado, auctor da *Descriptio poetica villae Calariziunae.*

D. Maria Antonia de Almada, que testou já de cama, não mais se ergueu, fallecendo a 29 de junho de 1720 e foi sepultada em S. Simão de Azeitão.

Succedeu-lhe seu filho e herdeiro, Francisco de Almada e Noronha, casado com D. Guiomar de Vasconcellos, filha dos condes da Calheta. Ainda que exercendo por si o officio de provedor da Casa da India, na posse de todas as rendas dos morgados de sua casa e dos bens da corôa e ordens, não administrou melhor do que sua mãe e mais aggravou a sua situação economica.

Francisco de Almada falleceu a 7 de maio de 1730, no seu palacio da Boa-Vista, quando seu primogenito e herdeiro, Bernardo de Almada, apenas contava 13 annos de edade.

Para pagamento das dividas, que ascendiam a 40 contos e satisfação do dote da viuva, que montava a vinte contos, foram postos em praça todos os bens não vinculados e mobiliario, cuja almoeda teve logar no palacio da Boa-Vista, d'onde D. Guiomar tinha saído para casa de seus paes, na calçada da Gloria.

Além das quantias tomadas a juro, encontram-se dividas ao pedreiro, ao canteiro, ao sapateiro, ao algibebe, ao bordador, ao esteireiro, ao confeiteiro, ao gallinheiro, ao marceneiro, ao correeiro, a um mercador da rua Nova e a outro de panos de linho, á mulher que vende fitas, ás padeiras, ao ladrilhador, ao pintor José Teixeira réis 25$800, ao pintor Domingos Nunes réis 12$800 e ao pintor Francisco de Barros réis 50$620.

Como curiosidade darei noticia das despezas de medicos e funeral de Francisco de Almada.

Aos medicos dr. Manuel Duarte Teixeira, rs.	38$400
Dr. Vincente Soyci (?)	9$600
» Francisco de Sequeira Machado	14$400
» Francisco da Fonseca Henriques	28$800
» Isaac Ellioti	96$000
» Simão de Freitas Prado	38$400
» Francisco Xavier Leitão	6$400
Felix Pereira, cirurgião	12$000
Signaes na Sé oriental	12$000
» Sé patriarchal	14$400
» em Santos	2$080
Funeral	485$560
Luto para a familia	372$837

Darei agora conta de alguns objectos vendidos, que me parecerem mais notaveis e seus preços, para poder julgar-se do merecimento d'elles, ou seu valor na epoca.

— Espriguiceiro de velludo lavrado, réis 50$400.

— Leito de pau amarello com paramento de damasco de Italia e sua taboa entalhada, réis 31$100.

— 12 cadeiras com capas de brocado, réis 70$000.

— Espriguiceiro de Moscovia, réis 6$400.

— Leito com armação de damasco, que servia de cama de estado, réis 152$500.

— 16 cadeiras de velludo carmezim, réis 99$000.

— Cadeira, a que chamam poltrona, réis 43$200.

— 8 portas de cortinas de damasco carmezim com sanefas de velludo, réis 153$000.

— 10 portas de cortinas carmezins, com sanefas debrocado, réis 219$200.

— Dois espelhos, réis 172$800.

— 16 cadeiras de damasco amarello com franja de retroz de campainhas, réis 70$400.

— Colcha de brocado com seu lençol de renda, réis 151$000.

— 4 bengallas da India com castões de ouro, réis 48$000.

— Sella rica, réis 62$000.

— Pelle de urso, réis 9$200.

— 2 contadores com remates dourados de tartaruga, 48$000.

— Cadêa de ouro com unha da *gram-besta*, outra com *veronica* e um annel com *agnus Dei,* [1] réis 14$260.

— Amuleto da India, réis 6$400.

A relação é longa, por isso passarei a mencionar algumas peças de mobiliario e outros objectos entregues á viuva para pagamento do seu dote e árras, e seus valores.

— 2 arcas de charão da India de mais de 6 palmos, réis 32$000.

— Arca de perfume de páu brazil com tres gavetas, réis 8$000.

— 12 tamboretes do Norte de pau nogueira, réis 28$800.

— *Pedra de estancar sangue* com seu caixilho de prata, do tamanho de um dedo, réis 1$200.

— Caixa pequena lacreada e ovada, e dentro d'ella *duas pedras cordenis, que se diz serem da receita de Gaspar Antonio*, réis 4$800.

— Bofete de pedra com embutidos de pedras de

[1] Por aqui se póde vêr como em gente, que de certo era illustrada, a superstição fazia envolver os embustes de variadas especies.

varias côres, com os pés de páu-santo torneados, réis 8$000.

— 8 cadeiras do Norte, acharoadas de encarnado e ouro, com assentos de espaldar de brocatel a (cada uma) réis 3$200.

— 9 portas de cortinas de damasco amarello da India com cinco covados de queda, réis 81$000.

— Alcatifa da India com chão de ouro do meio e as *cobates* (?) com prata com mais de tres varas e seus cadilhos de seda torcida, réis 40$000.

— Colcha da India sobre pano branco, forrada de *bruquenquo* (?) com sua franja de retroz da mesma côr, marca grande, avaliada em réis 60$000.

— *Godrim* de duas sedas carmezim, usado, réis 1$500.

A relação continúa largamente ainda com cousas de pouco interesse.

Sob a designação de «roupa do dote» encontram-se varios objectos tambem com os seus valores, dos quaes apenas mencionarei os que por qualquer fórma me pareçam interessar:

— Toalha de toucador de Cambray, lavrada com renda de Flandres de dous palmos de altura, réis 50$000.

— Oito pares de punhos de renda de Flandres, réis 10$000.

— Avental de Cambray lavrado com sua renda, réis 2$500.

— Duas anágoas de Hollanda com sua franja, réis 4$000.

— Guarda-pé de *galace branco* com seus galões de ouro, um largo, outro estreito, réis 28$000.

— Umas roupas á franceza de primavera de França, azul com ramos brancos e umas roupinhas da mesma seda, réis 40$000.

Sob o titulo «vestidos» apresentam-se muitos já vendidos em almoeda — assim:

— Vestido de velludo côr de café, de vestia, casaca e calção feito todo de prata com sua dragona, réis 192$000.

— Vestido de *droguete* de ouro, casaca e calção e vestia e canhões de casaca de *tiço* de ouro e prata e a vestia com sua franja de canotilho de prata e a casaca forrada de setim encarnado com meias de setim carmezim bordadas de ouro, réis 150$000.

— Vestido de *droguete*, casaca e calção com vestia e canhões de *tiço* de prata, a vestia com franja de canotilho, réis 150$000.

— Vestido de *camellão* de seda bordado de prata, forrado de setim amarello, com sua vestia de *tiço*, bordada de prata com suas meias irmãs, réis 96$000.

— Vestido de pano fino escuro bordado todo de passamane de prata, com vestia do mesmo setim bordada de galão de prata, réis 80$000.

— Vestido de estofo de seda, forrado de nobreza branca com bordadura de prata e casas e vestia de *primavera* de prata branca, réis 25$000.

— Vestido de estofo de prata com aboloadura de prata com vestia de *galace* côr de rosa, com sua franja de prata, réis 30$000.

— Vestido de *camellão* encarnado, guarnecido de galão de prata, calções irmãos com uma vestia de *tella* tambem guarnecida com galão de prata, réis 12$000.

— Vestido de *riço* encarnado, réis 12$000.

— Vestido de *limiste*, casaca e calção de velludo com vestia de *gorgorão*, réis 8$000.

— Duas vestias de pano da India, uma bordada de matizes de côres e outra de branco, réis 4$000.

— Tres pares de meias de seda de varias côres, bordadas de prata, réis 9$000.

— Duas plumas brancas, uma azul e uma amarella, réis 4$800.

— Duas *almofregas* [1] de lona com suas correias, réis 1$200.

— Lamina do descimento da cruz com a imagem de marfim de relevado e as mais imagens do mesmo e as molduras de ebano, réis 9$600.

— Uma bandejinha muito pequena, obra de Macau, que tem no fundo o Baptista esmaltado e um copo ovado do mesmo esmaltado de branco, com Neptuno no fundo, réis 4$800.

— 5 candeeiros pequenos *de freira*, de tres lumes, réis 4$000.

— Talha da India, que leva 20 almudes, réis 20$000.

Passando á descripção e valores das propriedades urbanas livres, começa-se mencionando umas estatuas e figuras, que se achavam no palacio da Boa-Vista, e que mais tarde se reconheceu serem do vinculo, conforme uma nota marginal. Assim:

— Vinte e quatro figuras de pedra de jaspe, quatro d'ellas quebradas, feitas em Italia, avaliadas em réis 120$000.

— Tres meios corpos de chumbo com cabeças de bronze, réis 18$000.

— Oito estatuas de corpos inteiros de chumbo, sobre pilares de pedra, com algum defeito, réis 90$000.

— Tres figuras, duas d'ellas abraçadas e outra,

[1] Almofreixe ou almafuxe era uma especie de grande mala para guarda da cama em viagens. *Almofrêga* será mais uma variante ou corrupção do vocabulo, se não erro do copista, que repetidas vezes escreve as palavras que desconhece a medo de ser difficil e até impossivel interpretal-o.

tambem pegada, com o titulo de Cupido, todas feitas de chumbo, réis 48$000.

D'entre as joias entregues a D. Guiomar, viuva de Francisco de Almada, para pagamento do seu dote e árras, especialisam-se as que se seguem:

— Cruz com seu botão e *sete diamantes rosas* transparentes, com seus cristaes pelas costas e pela frente circulo de esmalte preto, pesa 4 oitavas e meia e 9 grãos de prata, avaliada pelo contraste em réis 128$000.

— Annel de ouro com um diamante brilhante de fórma quadrado e com *boa prata Brioso e com algum ar de cor, mostra ser de peso de seis quintaes com pouca differença* [1] pesa tudo uma oitava e vinte e um grãos, avaliado em réis 960$000.

— Par de arrecadas de cadeados, de duas peças cada uma. e tres pingentes de ouro, pelas costas esmaltados de azul, e tem pela frente 40 *diamantes rosas*, dous d'elles maiores em prata, e oito *esmeraldas* em ouro, tudo pesa 5 oitavas e meia e 15 grãos, réis 38$000.

— Brinco do pescoço, que se compõe de 12 peças douradas pelas costas e tem tudo 34 *diamantes rosas*, 5 d'elles maiores e 8 *esmeraldas* em ouro e uma d'ellas maior, tudo pesa de prata 3 oitavas e 30 grãos, avaliado pelo contraste da sorte em que está em réis 22$000.

— Mariposa de toucar, tem seu *tremulo* e pé de ferro, tem 42 *diamantes rosas* em prata e 6 esmeraldas em ouro, réis 14$000.

— Pedra, que mostra ser de *cobra de Bombaço*, com sua caixa redonda de filigrana de prata, réis 1$200.

— Caixa de tabaco, lisa quadrada em pé longo e com cobertura gonçada, réis 44$000.

— Fio de 50 *perolas*, alvas, finas e bem feitas, réis 50$000.

— Duas bacias de barba e um pichel de prata, réis 111$910.

— Bandeja de *boleados* lisa, pesa de prata 4 marcos, 6 onças e 6 oitavas e meia, que a razão de 5$600 réis o marco, importa em réis 27$170.

— Facas com os cabos de prata de feitio de *boccados*.

— *Talher de cangalhas* com sua asa e com duas peças redondas com suas tapadouras tresfiguradas e com seu saleiro com sua tapadoura, pesa de prata 4 marcos, 7 onças e 1 oitava, réis 27$390.

— Bastão de cana de Bengalla com seu castão de ouro lavrado, e na parte superior tem duas figuras de *arithmeticos* e seus olhos do mesmo, pesa 46 oitavas avaliada em réis 9$600.

— *Firma* de Santa Thereza de Jesus com seu vidro por fóra, cercado de filigrana de ouro, réis 4$800.

— Bule liso com sua tapadoura, remate, asa, trempe e candeeiro, tudo de prata, réis 20$000.

— 6 rubis, 6 aljofares, 4 saphiras, réis 360.

Se seguisse a relação iria longe, mas limitei-me ao que me pareceu digno de notar-se por qualquer circumstancia, parecendo-me ao mesmo tempo que os valores eram dados a modo de favorecer a viuva a quem foram distribuidos para satisfação do seu dote e árras.

Para uso do menor Bernardo de Almada, successor dos morgados de seu pae e provedoria da casa da India, foram destinados alguns objectos não vinculados, d'entre os quaes, farei menção das carruagens:

— Sege de tres vidros, forrada de *duqueza encarnada*, com seus passamanes côr de ouro, com arreios de sege, bolea, cilhões e cella, réis 97$600.

— Caleça forrada de velludo azul com suas franjas de ouro e passamanes e suas cercaduras bordadas á roda do tejadilho e sua capa de cabeções de velludo com franjas de ouro e passamanes, com suas guarnições e boccados para as cabeçadas e sella para o sota, réis 650$000.

— Liteira de tres vidros, forrada de velludo carmezim, com passamanes de ouro, quatro cortinas de damasco carmezim, arreios, cilhões e capas de sacca, réis 60$000.

— Liteira de encerado, de tres vidros, de *moscovia*, com arreios e cilhões em bastante uso, réis 18$000.

Dos cavallos fez D. Guiomar presente de um ao *serenissimo principe nosso senhor*, e que fôra avaliado em réis 80$000.

Em Azeitão tinham cavallos de maior preço.

D. Maria Antonia de Almada tinha estabelecido residencia na sua casa de Azeitão; sua filha D. Thereza ainda aqui se achava em fins de 1722, por morte de Francisco de Almada nada faltava á casa para poder ser habitada pelos senhores, houve por tanto de inventariar-se o que havia de bens livres, mobiliario ou de raiz. Talvez propositadamente para ficarem ao novo senhor, deram a todos os moveis baixissimo valor e muitos até ficaram por avaliar, e entre outros objectos foi — uma armadura completa — armas brancas, peito, espaldar e morrião,

— Dous bufetes marchetados de marfim, eguaes, de

---

[1] Sublinhei quanto achei de incorrecto na descripção d'esta peça. Na minha leitura não ha erro, porque a escripta n'esta parte é clara e bem legivel.

duas gavetas, foram avaliados em réis 19$200. Conservaram-se na casa até ha poucos annos. São magnificos e melhor se lhes chamaria «mesas»; pertencem actualmente ao dr. Manuel Bento de Sousa, a quem foram offerecidos e que os estima como merecem.

Avultavam no mobiliario de Azeitão objectos de procedencia flamenga — mencionarei de passagem alguns:

— Mesa grande de bordo flamenga, réis 6$000.
— 14 cadeirinhas de palha, flamengas, réis 3$000.
— 14 cadeiras de palha, flamengas, réis 3$300.
— 8 pratos grandes de estanho, flamengos, além de muitos outros menores — 2 *trempes* de estanho de mesa *amartelladas*, flamengas, e 15 outras pequenas, cujo uso desconheço.

Nunca primámos como artistas industriaes. Nas primeiras armadas que mandámos á India, levavam-se como moeda ou para presentes, muitos objectos de Flandres, taes como *panos de Flandres de figuras*, toalhas, espelhos, bacias de latão, frascos de verga, que pela capacidade julgo serem os que agora chamamos *garrafões empalhados*.

Mencionam-se mais e tudo em bom uso:

— 6 cadeiras de *moscovia* encarnada, réis 4$800.
— 6 bofetes de *couro de moscovia* eguaes, réis 6$000.
— Espreguiceiro de *moscovia*, réis 1$200.
— 4 picheis da India, réis 960.
— Talha pequena da India, azul e branca, réis 400.
— 2 hastes de lanças da India, de 16 palmos, réis 9$600.
— *Paquebote* (genero de carruagem de 4 rodas) vendido por réis 200$000. — Os cavallos tambem foram vendidos, dos quaes um por réis 106$800.

Os livros arrolados existentes em Lisboa, não avultam pelo numero e menos pela qualidade, podendo apenas notar-se de melhor a *Monarchia lusitana*, a *Europa* e a *Asia portugueza*, o *Portugal restaurado*, uns *Sermões de Vieira*, abundando livros mysticos. Havia uma *Chronica de D. Diniz*, manuscripta em pergaminho. Umas *Horas*, talvez illuminadas, e que seriam boas por haverem sido dadas em caução de réis 24$000. O primeiro livro inventariado é avaliado em réis 4$800, cujo preço o póde apresentar como de valor, o titulo não póde lêr-se, parecendo ser o *Atlas luminado* de Abraão... muito velho e de marca grande.

Os Almadas tinham na sua galeria de pintura famosos quadros, entre os quaes um *descimento da Cruz*, de Alberto Durer, conservado na casa até ha poucos annos, e que foi vendido para Inglaterra por grossa quantia; além d'este tinham muitos de menos merecimento; na galeria da Academia de Bellas Artes de Lisboa existe um tambem adquirido ha poucos annos. Os melhores quadros estavam vinculados.

Como não tenho outra maneira de fazer valer o merecimento dos quadros inventariados, tomal-os-hei pela avaliação ou por algum auctor mais conhecido, e seguirei a dicção do inventariante:

— 2 paineis grandes de caça, de *Xavier*, n'um dos quaes ha uma Diana, e o outro tem instrumentos e animaes, a 12 moedas cada um, réis 115$200.
— 12 paizes, de *Jacques Bars*, a réis 8$000 cada um.
— Quadro grande de *Diana e Calysto*, copia de *Cornelio Schud*, réis 15$000.
— Batalha de *Molinaro*, réis 6$400.
— Quadro bastante grande, representando *Andromada*, réis 100$000.
— 2 fabulas, um *Hercules*, outro um... que pesa dinheiro, feitas por *Mollà*, réis 96$000.
— Lamina que representa um *corpo*, de *David Teniers*, réis 200$000.
— Lamina de *David Teniers*, com uma dança, réis 200$000.
— 2 laminas do mesmo, uma representa o *sitio de uma praça*, outra *um corpo de guarda*, réis 96$000.
— *Adoração dos reis* com suas portas (tryptico?)... avaliado, como da certidão consta, em 300$000 réis.
— Apparecem alguns quadros do *estylo gothico*, outros de *maneira flamenga*.
— De *Diogo Pereira* mencionam-se 11 quadros, dois sem designação, avaliados em réis 8$000; dois menores, avaliados um em réis 6$000, outro em réis 3$000; mais 3 avaliados em réis 3$000 cada um; ainda mais dois, um apresenta *N. S. que lança fóra os mercadores do templo;* outro o *castello de Emaús*, ambos avaliados em réis 4$800; mais 2 representando, um *Loth*, outro com figuras de animaes, ambos com o valor de réis 2$400.

A relação é longa, por isso não a seguirei.

A parte mais importante e curiosa do inventario de Francisco de Almada é a que trata das *tapeçarias* e *alcatifas*. Collecção tão valiosa desappareceu completamente no espaço de um seculo, pois quando por 1833 os Almadas Carvalhaes vieram para Azeitão, nem uma peça rica de tapeçaria trouxeram.

O inventario não só dá conta do que os *Razes*

representavam, mas dá-nos o valor d'elles na epoca por medida quadrada, a que chama *de armar*, formada pela *roda* e pela *queda,* isto é, largura e altura ; o covado quadrado chama-se *arma*.

— Armação de pannos de *Raz*, antiga, de padrão grande, de sete pannos irmãos da *historia de Jacob*, está muito damnificada, tem de *queda* cinco covados e de *roda* quarenta e dois covados e uma terça, que faz de *armar* 211 e meio, que se avaliou cada uma, no estado em que está, a 900 réis, que importa tudo em réis 190$350.

— Armação moderna de *Raz fino*, de 6 pannos irmãos da *historia de Ulysses*, tem padrão, e pelas cercaduras das cabeceiras tem arcos de flores, e nas cercaduras de baixo umas *Nymphas mettidas na agua*. Tem sua damnificação de costuras e alguns buracos de traça, um d'elles tem um buraco podre no pescoço de uma figura. Teem de *queda* 5 covados e de *roda* 30 e meio covados, que fazem de *armar* 152 e meio. Avaliada cada uma a 1$900 réis, que importa toda em réis 289$750.

— Armação de *Raz fino* antiga, de bom padrão, de seis pannos irmãos, e estes muito damnificados por terem alguns buracos de ratos e costuras descozidas. Tem de *queda* cinco covados e de *roda* 36, que fazem de *armar* 185, avaliada cada *arma*, no estado em que está, a 1$200 réis, importam em réis 223$000.

— Armação de pannos de *Raz finos*, antigos, de jardins e bosques e muito vistosos, tem algumas damnificações e alguns buraquinhos de *rór* (em redor?) Tem de *queda* 4 covados e de *roda* 32, que fazem de armar 128, avaliada cada uma, no estado em que está, a 1$600 réis, importa a dinheiro réis 204$800.

— Armação de pannos de *Raz* antiga, de padrão, de 7 pannos irmãos da *historia de Girião*, e está damnificada nos pretos e tem alguns buracos de *rór* com remendos, e tem os ditos sete pannos tarjas redondas nos quatro cantos : cinco d'elles tem de *queda* quatro covados e meio e dois são de quatro covados de *queda*. teem de *roda* todos 32 covados, que fazem de *armar* 141, avaliada cada *arma*, no estado em que está, a 1$400 réis, faz tudo réis 197$400.

— *Panno de Raz* antigo, de *montarias*, está damnificado e tem um buraco grande podre no meio e tem de *queda* 4 covados e sexma e de *roda* 5 covados e uma sexma, avaliado em réis 3$600.

—Tres pannos de *Raz* velhos desirmanados, e um d'elles não tem cercadura por uma ilharga, que foi cortada, e todos tres teem bastantes buracos de roçarem e outros de podres ; teem de *queda* 4 covados e terça, avaliado tudo em réis 2$700.

— Sobre-porta de *Raz fino de figuras*, tem um buraco de ratos na cercadura da cabeceira e está damnificado em redor pelos pregos ; tem de *queda* tres covados e de *roda* dois covados e meio, é forrado de... azul, avaliado, no estado em que se acha, em réis 1$800.

— *Panno de Raz grosso* moderno, de padrão e este muito defumado e abatido de côres, tem de *queda* 4 covados e de *roda* 6 covados, avaliado em réis 6$000.

— *Entre-janella de Raz grosso* moderno, de *paizes*, tem algumas costuras descozidas ; tem de *queda* 4 covados e meio e de *roda* 2 covados, avaliado em réis 2$000.

— Tres *sobre-portas* compridas de *Raz de raxa rapado*, antigas e muito damnificadas de buracos e costuras, duas feitas de panno cortado, e estas duas teem de *queda* 3 covados e meio, teem de *roda* todas tres 24 covados e meio, avaliadas, no estado em que se acham, em 7$200.

— Quatro *sobre-portas de Raz fino de figuras*, com suas cercaduras á roda, todas 4 irmãs, e estão damnificadas nos perfis pretos e as ourellas maltratadas ; teem de *queda* 2 covados e meio, avaliadas conforme a certidão em réis 24$000.

— Quatro *sanefas de Raz fino* com *figurinhas pequenas* e guarnecidas de velludo verde e franja de retroz verde, todas forradas e duas d'ellas teem uns buracos de ratos, e teem de *queda* e meio (sic) e de *roda* todas quatro 23 covados menos uma sexma, avaliadas, no estado em que se acham, em réis 15$000.

— Duas *sanefas de Raz fino* antigas, irmãs, avaliadas em réis 1$500.

— Treze *sobre-portas* de *Raz fino de figuras*, que serviram de almofadas, avaliadas em réis 4$000.

— *Sobre-porta* de *Raz de raxa rapada*, feita de tres folhas de almofadas, pegadas umas nas outras, de *figuras*, e maltratadas dos perfis pretos e costuras ; tem de *queda* covado e meio e de *roda* 4 covados, avaliada em réis 3$000.

No inventario encontram-se mencionadas mais duas armações de *Raz*, uma com a *historia do gigante Golias*, empenhada a D. João Antonio de la Concha em réis 600$000 ; outra, sem mais designação, avaliada pelo *tapiceiro* em réis 175$750.

— A armação com a *historia de Jacob*, atraz descripta, esteve empenhada ás freiras da Nazareth por 150$000 réis de emprestimo.

Na descripção das dividas do casal encontram-se algumas com penhoras, e entre ellas :

— A Gabriel Valdez, réis 144$000, a que tem de penhor uma armação de *pannos de Raz*.

— A Thomaz Corrêa, divida de 260$000 réis, com o penhor de duas armações de *pannos de Raz*.

Alcatifas e tapetes:

— *Alcatifa da India de diu* moderna, com pouco uso, avaliada em réis 400$000.

— Duas *alcatifas da India de diu* modernas, com pouco uso, de bom padrão, avaliadas em réis 900$000.

— Duas *alcatifas irmãs da India, firmas de dias* (?) modernas, bem matizadas de flores, com cercaduras verdes de rosas e . . , e tem cadilhos de seda já desbaratados. . . avaliadas em réis 60$000.

— *Alcatifa da India de diu*, avaliada em réis 15$000.

— *Alcatifa da India*, nova, *de diu*, moderna, réis 19$200.

— *Alcatifa da India de diu*, avaliada em réis 42$000.

— *Alcatifa da India*, avaliada em réi 12$000.

— Duas *alcatifas* avaliadas em réis 12$000.

— Tapete novo de *Hollanda*, feito no Norte, com uma rosa grande no meio, muito vistoso, com um buraco em um canto, de um palmo quadrado, e 4 buracos, avaliado em réis 60$000.

— Tapete de *Hollanda* novo, avaliado em réis 45$000.

— Tapete da *India* pequeno, moderno, com cercaduras brancas, avaliado em réis 4$000.

— Tapete pequeno da *India*, avaliado em réis 4$000.

— Dois *pannos* avaliados em réis 12$000.

— *Alcatifinha da India de diu*, nova, sem damnificação alguma, tem cadilhos, avaliada em réis 16$000.

Na relação das dividas caucionadas ha uma de réis 400$000, ao desembargador Manuel Henriques Sacoto, que tinha de penhor *duas alcatifas da India*, e por outra divida de réis 240$000 tinha o mesmo desembargador em caução uma outra *alcatifa*, parelha de uma que restava no casal e que não foi avaliada.

— Em poder de Simão da Silva Rebello estavam duas *alcatifas da India*, penhor de réis 69$000.

Pelo que se encontrava só n'esta casa fidalga, poderá fazer-se idéa da riqueza que havia no paiz em alcatifas e sedas da India, pannos de Arraz e outras tapeçarias preciosas. Actualmente em *Razes* talvez a provisão de todo o paiz seja inferior a esta dos Almadas Carvalhaes.

J. Rasteiro.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 4)

Amarante — villa e concelho. — Capella de N. Sr.ª, fundação ou reedificação de S. Gonçalo em 1250. Sepultura do mesmo santo n'um mausoléo de pedra, tendo em cima a sua estatua. — Inscripção em portuguez n'um degrau da escada da fonte, por detraz da egreja matriz, que é a do convento fundado em 1540 por D. João III. — Convento de franciscanas, fund. em 1220 por Santa Mafalda, filha de D. Sancho I. — *Archivo historico*, vol. I; *Panorama*, vol. 2.º, 1843, pag. 33; *Varias antiguidades de Portugal* por G. Estaço, cap. XXIX, pag. 9. — «Historia antiga e moderna da sempre leal e antiquissima villa de Amarante desde a sua primeira fundação pelos turdetanos, 360 annos antes da vinda de Christo Senhor Nosso, até ser incendiada pelos francezes em 1809». Pelo padre F. de A. C. de M. (capellão do conde de Amarante) — Londres, 1814. — *Archivo Pittoresco*, T. VII e VIII. — *Pontes romanas em Portugal* pelo illustre continuador do *Portugal ant. e mod.*, o rev. dr. Pedro Augusto Ferreira, no *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, T. V, n.º 12, pag. 182; *Memorias resuscitadas da provincia de Entre Douro e Minho*, por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, 1726. Na collecção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa. — *Archeologo Portuguez*, T. I, n. 1, pag. 17. — *O Minho Pittoresco*, por José Augusto Vieira, T. II, 403; *Historia de S. Domingos* (3.ª parte, vol. IV) por Fr. Luiz de Sousa.

Amares — villa e concelho. — Torre de Vasconcellos. — *Archivo historico*, vol. I; *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, T. VI, pag. 47. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 419; Ponte romana sobre o rio Homem (*Branco e Negro*, 1896, n.º 10).

Ameixal ou **Ameixial** — villa, conc. de Estremoz. — Paredão arruinado, a que chamam *Torreão*; e outros restos de antiguidades. — No *Outeiro dos ataques* mandou D. Affonso VI levantar um grande padrão de marmore branco, á maneira de pelourinho, e rematado pela corôa de rei. No pedestal ha uma inscripção em portuguez. — *Relatorio e mappas ácerca dos edif. que devem ser classific. mon. nacionaes; Archeologo portuguez*, n.º 11, vol. I.

Ameixoeira — freg., termo de Lisboa. — No anno de 1719 fizeram-se excavações em um olival no sitio da *Varzea* e na azinhaga de Santa Suzana, onde se encontram muitos ossos e *tulhas mouriscas* (?), tumulos celtas (?). — Em 1720 appareceram tambem aqui dois cippos com inscripções romanas. — Dois poços do tempo dos arabes. — Antiga capella de N. Sr.ª do Funchal, reedificada por D. Pedro II. — Albergaria junto á egreja. — *Archeologo portuguez*, n.º 11, vol. I.

Ameixoeira ou **Ameijoeira** (N. Sr.ª da) — Egreja na freg. de N. Sr.ª da Graça da Abrigada, conc. de Alemquer. Templo construido com grande magnificencia no seculo XVII. Bellos azulejos.

Amendoeira, Pinho Velho e Gradissimo — freg., conc. de Cortiços. — Forte romano em ruinas, onde se tem achado sepulturas, moedas romanas e outras antiguidades.

Amieira — villa, conc. de Portel. — Castello com quatro torres, das quaes a principal é a de menagem.

Amonde — freg., conc. de Vianna. — Vestigios de fortificações antiquissimas, no monte da *Corôa*.

Amoreira — aldeia do Algarve, a 2 kil. da aldeia de Algoso. — Aqui se teem encontrado moedas romanas e outras desconhecidas, alicerces de grandes edificios, tres poços antigos, etc.

Amoreira — logar, conc. de Obidos. — Vestigios de um castello. Mosteiro de *Valle-Bem-Feito* (frades jeronymos), fund. em 1570 por D. Catharina, viuva de D. João III.

Amoreira da Torre — quinta no concelho de Montemór-o-Novo, que pertenceu aos Mascarenhas, condes de Santa Cruz e duques d'Aveiro. Estatuas romanas provenientes de Mertola. — *As estatuas romanas da quinta da Amoreira da Torre, proximo de Montemór-o-Novo*, pelo sr. Gabriel Pereira — artigo publicado na *Revista Archeologica*, IV, n.º 8, agosto, 1890; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. E. Hübner, vol. II, supp., pag. 805.

Anães ou **Annães** — freg., conc. de Ponte do Lima. — Vestigios de antigas fortificações no alto de um monte a que chamam *Castello dos Mouros*.

Ançan — villa e concelho. — Em excavações feitas ha annos encontraram-se aqui umas banheiras de granito, guarnecidas de mosaico, para onde as aguas eram levadas por canos de chumbo, e um busto de marmore, vestigios do tempo dos romanos. — Convento de S. Marcos, fund. em 1395 por João Gomes da Silva, alferes mór de D. João I. — *Revista archeologica*, IV, n.º 2; *Memoria historico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*, pelo dr. A. L. de S. Henriques Secco, pag. 4-5.

Ancêde ou **Ansêde** — villa, conc. de Bayão. — Na estrada que d'aqui vae para o logar das Caldas de Aregos, ha no sitio de *Lordello*, um arco de cantaria lavrada, e no meio d'elle um tumulo. — Convento de frades cruzios fund. em 1107, junto ao Douro, onde ainda está a *Egreja velha*. Em 1160 mudou-se para o sitio da actual egreja, e em 1559 passou a ser convento de dominicos. — *O Minho Pittoresco*, T. II, 452.

Anciães — villa, conc. de Carrazeda de Anciães. — Tem castello romano (?), varias torres, sendo a principal chamada do *Sol*, e fortes muros de cantaria. — Varias inscripções. — Proximo do castello está a matriz, cuja data de fundação se ignora. Porta principal em arco, toda ornada de figuras, muito curiosa. N'uma columna do arco, uma inscripção em caracteres romanos, e dentro da egreja, á entrada, lado esquerdo, tres inscripções em caracteres desconhecidos. — Por vezes se teem encontrado medalhas romanas no sitio do mesmo castello. — Pelourinho partido. — *Relatorio e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Memorias do concelho de Anciães*, public. em 1857 pelo dr. José Maria de Moraes da Mesquita; *Memorias do arcebispado de Braga*, por D. Jeronymo Contador de Argote, tom. I, introducção, pag. XVII; *Noticias de Anciães* por Antonio de Sousa Pinto, cit. pelo dr. Hübner no *Corpus*, vol. II, supp., pag. 897; *Archeologo Portuguez*, n.º 5, pag. 135.

Ancião — villa e concelho. — Inscripção latina, gravada no pelourinho.

Ancião — serra da Beira Alta e Extremadura. — Vestigios de habitações arabes. — *Portugal Pittoresco* ou descripção historica d'este reino, por M. Fernando Denis, T. III.

Ancora — rio, conc. de Caminha. — Fortins da *Lagarteira* e do *Cão*, proximos da foz. — Ponte de cantaria, no logar de *Abbadim*, feita pelos romanos. Sobranceiro ao forte do *Cão* está o monte de *Cividade*, onde ha vestigios de uma povoação romana. — *Archéologie préhistorique dans la province de Minho*, par M. José Caldas, *Congrès international d'anthropologie*, etc., 1880, *Compte rendu*, pag. 333; *Pontes rom. em Portugal* pelo rev. dr. P. A. Ferreira, no *Bolet. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, T. V, n.º 12, pag. 184; *O Minho Pittoresco*, T. I, 188.

Ancora — freg., conc. de Caminha. — Restos de um castello arabe. — No monte da Terrugem ha vestigios de edificios antiquissimos, talvez fortificações, e ainda se chama a este sitio *Crasto de mouros*. — No cume do monte da *Cividade*, que se chama assim porque n'elle houve uma grande povoação de que existem vestigios, ainda em 1872 se acharam varias pedras lavradas, tijolos, fragmentos de amphoras e outros objectos. — Teem apparecido n'estes sitios sepulturas antiquissimas, mâmoas celticas. — Capella de Nossa Sr.ª do Soccorro, no logar da *Lage*. Cruzeiro que está em frente. — Moedas de cobre, antiquissimas, no sitio onde existiu a aldeia do *Crasto*. — A respeito d'esta e de outras povoações do Minho, veja-se *O Minho pittoresco*, edição do sr. Antonio M. Pereira; *No Minho*, por D. Antonio da Costa; *Introducção á archeologia da peninsula iberica*, por Augusto Filippe Simões; *Association française pour l'avancement des sciences, Congrès de Montpellier*, 1879. *Notice sur les monuments mégalithiques du Portugal*, pelo sr. Possidonio da Silva. Referencias a numerosas localidades do nosso paiz. (Sobre *castros* e *cividades* veja-se *As villas no norte de Portugal*, pelo sr. Alberto Sampaio, na *Revista de Guimarães*, julho e outubro de 1893, pag. 161 e 209; *Archeologo Portuguez*, n.º 1, pag. 3, artigo do seu illustre redactor o sr. dr. Leite de Vasconcellos); *Cova da Moura*, no Fraião, artigo do sr. dr. F. Martins Sarmento na *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, Porto, 1895, vol. IV, n.º 13, 2.ª serie, n.º 5, pag. 29.

Angueira (S. Martinho) — freg., conc. de Miranda. — Vestigios de castellos mouriscos: *Castro do Gago* e *Castro de Cocoya*. — Tres padrões commemorativos de victorias alcançadas: a *cruz Branca*, a *cruz d'Aguas vivas* e a *cruz de Infanes* (ou *Ifanes*). — *Archeologo Portuguez*, vol. I, n.º 11.

Anissó ou **Anizó** — freg., conc. de Vieira. — Vestigios de castello arabe no monte do *Crasto*, e de outro castello mourisco n'um sitio ainda hoje chamado *Crasto-Medoeiro*. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 492.

Anna do Campo (Santa) — freg., conc. de Arrayolos. — Inscripções romanas na capella mór da egreja matriz. — *Bolet. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, T. III, pag. 111. — Veja-se adiante o artigo **Arrayolos**.

Anta — freg., conc. da Feira. — Houve aqui uma *anta*, que deu o nome á freguezia de S. Martinho.

Antas — freg., conc. de Villa Nova de Famalicão. Foi habitada pelos celtas, como o seu nome está indicando. Teve mosteiro de templarios.

Antas de Penalva — freg., conc. de Penalva do Castello. — Antas em grande numero — *Conferencia sobre as antas na Academia real de historia portugueza* em 30 de julho de 1733, por Martinho de Mendoça de Pina. *Collecção das memor.* d'esta academia (1733). — *Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 2, pag. 54.

Antas de Penedono — freg., conc. de Penedono.

Deriva tambem o seu nome das numerosas *antas* n'ella existentes.

Antepaço ou **Antepasso** — aldeia, conc. de Ponte do Lima. — Ainda no fim do seculo XVIII havia aqui tres padrões (*marcos milliarios*) com inscripções. — Ponto de passagem da via militar romana (estrada da *Geira*) de Braga para Astorga.

Appellação — freg., termo de Lisboa. — Egreja fund. em 1590. Inscripção na capella mór.

Apulia — villa, conc. de Espozende. — Vestigios de uma valla construida pelos romanos. N'esta valla entrava o mar, formando um *esteiro* navegavel para os pequenos barcos que levavam aos navios o ouro das minas que então aqui se exploravam. — *O Minho Pittoresco*, T. II, 202.

Aradas — villa, conc. de Aveiro. — Egreja que já existia em 979. — *O districto d'Aveiro*, pelo sr. Marques Gomes.

Aramenha — villa, conc. de Marvão. — Vestigios d'um templo. — Teem-se encontrado aqui moedas de ouro do tempo de Vespasiano, Tito, Trajano e outros; vasos, lapidas com inscripções, alicerces de grandes edificios, columnas de differentes grandezas, capiteis, cantarias de mimosos lavores, medalhas de prata e bronze. Na *Varzea de Aramenha* veem-se muitas torres e pontes sobre o rio Sever, restos de um aqueducto romano e de pavimentos, uns lageados, outros de mosaico, columnas e ricas sepulturas de bellos marmores com epitaphios. — Na quinta da *Azenha Branca* e na serra da *Portagem* teem apparecido muitas antiguidades. — *Not. arch. de Port.* pelo sr. Hübner; *Apontamentos archeologicos. Porta de Aramenha*, pelo dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, no *Boletim architectonico e de archeologia* da R. A. dos A. e A. P., T. I, pag. 25, 45, 70 e 152; *Corpus — Inscr. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 20; *Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 2, pag. 54).

Arca — freg., conc. de Oliveira de Frades. — Dolmen junto á egreja. — *Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 2, pag. 55.

Arcos — freg., conc. de Estremoz. — Vestigios de uma *atalaia*.

Arcos — freg., conc. de Villa do Conde. — No monte da *Reguenga* uma estrada coberta, que vae ter ao rio Ave.

Arcos — freg., conc. de Ponte do Lima. — Na serra de Arga vestigios de um castello chamado *de Amorim*. — No monte do *Castello da Formiga*, restos de varios edificios.

Arcos de Valle de Vez — villa e concelho. — Vestigios da torre *Penaguda*. — Pelourinho notavel do seculo XVI, que está no sitio das *Poldras de Vallêta*. — Misericordia e hospital fund. pelos annos de 1595. — No logar da capella de S. Thiago descobriram-se, no meiado do seculo XVIII, uns arcos de tijolo enterrados a pouca profundidade do solo. Suppõe se que são sepulturas carthaginezas ou romanas (?) — Convento de capuchos de Santo Antonio, fund. em 1678 por Bento Cerveira Bayão. — Egreja matriz do Salvador, fund. em 1372 pelo abbade de Sabadim, e reconstruida no reinado de D. Pedro II. — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archeologo Portuguez*, n.º 6, pag. 161, artigo do sr. dr. Felix B. da Costa Alves Pereira. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 289 e 315.

Arcozello do Lima — freg., conc. de Ponte do Lima. — No alto do monte de S. Miguel, vestigios de fortificações romanas. — Ponte de cantaria com 34 arcos. — Torre antiga com ameias, *Torre Velha*. — Mosteiro de freiras franciscanas do *Valle de Pereiras*, fund. cerca do anno de 1350. — *Pontes rom. em Portug.*, pelo rev. dr. P. A. Ferreira, no *Bolet. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, T. V, n.º 12, pag. 184; *O Minho Pittoresco*, T. I, 257.

Arcozello da Serra — freg., conc. de Gouveia. — Convento de freiras franciscanas, fund. em 1539 por Maria Borges. — Dois dolmens, um penedo baloiçante e uma *casa* aberta a picão dentro d'outro penedo.

Arda — rio, com. de Arouca. — Nas proximidades teem apparecido muitas mós de pedra que os arabes empregavam na extracção do ouro, então existente n'este rio e nos montes marginaes.

Ardãos — freg, conc. das Boticas. — Grandes lagoas, que se presume terem sido minas de metal no tempo dos romanos.

Arégos — villa extincta, com. de Lamego. — Albergaria mandada construir no seculo XII por Santa Mafalda, rainha de Castella, e filha de D. Sancho I, de Portugal. — Capella de Santa Maria Magdalena, dotada e fund. na *villa das Caldas* por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I.

Areias — freg., conc. de Barcellos. — Torre com ameias junto ao rio Ave. — Capella de N. Sr.ª da Expectação.

Areias e Magdalena de Villar de Frades — vide **Villar de Frades.**

Arga — serra do Minho. — Ruinas de povoações e fortalezas antigas. — Houve aqui cidades romanas (?), um mosteiro *duplex* (de frades e freiras) da ordem de S. Bento, e outros conventos. — *Portugal Pittoresco*, T. III; *O Minho Pittoresco*, T. I, 174.

Arganil — villa e concelho. — Egreja de S. Pedro, no sitio onde estão ruinas de uma povoação antiga; é de architectura gothica; diz-se que foi mesquita de mouros. — Teem aqui apparecido moedas romanas de ouro e prata. — Palacio da mitra de Coimbra, fund. no seculo XIV. — Convento de cruzios, fund. em 1086 por D. Vermudo Paes e sua mulher; transferido em 1190 para a *Matta de Folques* sob a invocação de S. Pedro. — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Mem. hist. chorog. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra*, pelo dr. Henriques Secco; *Pombeiro da Beira*, memoria historica, descriptiva e critica, pelo sr. visconde de Sanches de Frias (1896) pag. 52.

Argozello ou **Arguzello** — freg., conc. do Outeiro. — Vestigios de uma fortaleza *mourisca*.

Arnal — aldeia, perto da Batalha. — Em 1855 foi aqui descoberto o pavimento de bello mosaico de uma vasta e sumptuosa casa romana. — Minas de carvão e ferro exploradas pelos romanos.

Arneiro das Milhariças — freg., conc. de Santarem. — Convento de S. João Baptista, fund. por D. João d'Alencastre em 1583.

Arnoia ou **Arnoya** — freg., conc. de Celorico de Basto. — Castello arabe (?) arruinado. — Convento de frades benedictinos, onde foi sepultado em 1034 D. Monio Moniz, ascendente de Egas Moniz. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 556.

Arouca — villa e concelho. — Antas e mâmoas. — Convento antiquissimo. N'um dos altares da egreja

está em sarcophago de pau santo, guarnecido de prata, a rainha D. Mafalda, que era filha de D. Sancho I de Portugal. A 10 de janeiro de 1734 canonisou-a o papa Pio VI. Na capella de S. Bartholomeu ha um tumulo mettido na parede, com arco e um letreiro gothico illegivel. Tem bons azulejos nas paredes. — Monte *Crasto* ou *Arraial*, onde os mouros tinham acampamento permanente. — *O districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Archivo historico*, vol. I; *O mosteiro de Arouca*, lenda historica por A. F. d'Araujo e Silva (Aveiro, 1886); *Castello de Cham*, artigo no *Panorama*, vol. 2.º, 1843, pag. 353; *Conimbricense*, do sr. Joaquim Martins de Carvalho, 23 de junho de 1885; *Revista archeologica*, IV, n.º 4; *O mosteiro de Arouca*, no *Occidente*, vol. VI, pag. 236, 260, 268, 276; vol. VII, 4, 22, 30, 44, 52; IX, 59; *Um calvario em Arouca*, *Occid.*, vol. IX, 90.

Arouce — rio, perto da villa da Louzã. — Castello sobre rochedos com uma torre perfeitamente conservada. Em frente do castello as ruinas de uma povoação antiquissima.

Arrabalde da Ponte — freg., conc. de Leiria. — Convento de frades franciscanos, fund. em 1384 por D. João I.

Arrabida — serra, conc. de Setubal. — Formosas stalactites e stalagmites na gruta de Santa Margarida. — No *castello de Olivede* ou *Olivete*, vestigios de uma antiga fortaleza. — No *Monte Formosinho* ruinas de um templo de Apollo, segundo a tradição. — Na vertente d'esta serra, onde é a *Torre do Outão*, dizem que houve um templo de Neptuno. Quando em 1644 D. João IV mandou accrescentar esta fortaleza, fizeram-se excavações, e então se encontrou parte de uma estatua de marmore e uma estatua de metal, d'aquella divindade. Encontraram-se tambem nas ruinas do templo muitas architraves e pedaços de columnas de marmore fino e inscripções latinas, em que se dava ao sitio o nome de *Promontorio de Neptuno*. Appareceram então muitas medalhas de cobre dos imperadores Vespasiano, Tito e Adriano. — O convento é composto de varias cellas espalhadas pela montanha, mas todas cercadas por um muro. — *Occidente*, vol. II, pag. 150; IV, pag. 195; IX, 198; *Chronica da Arrabida*, de Fr. Antonio da Piedade; *O palacio de Calhariz, Diogo Bernardes, Fr. Agostinho da Cruz, a Serra da Arrabida*, pelo sr. Bulhão Pato, nas *Artes e Lettras*, 1872, pag. 81, 97; *De antiquitatibus Lusitaniæ*, por André de Rezende. Evora, 1593, fl. 27; *Arrabida* (notas) pelo sr. Arnaldo da Fonseca, artigo da *Revista Illustrada*, 1890, pag. 112; *Portugal Pittoresco*, T. III; *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 221; *Branco e Negro*, 1896, n.º 10; *Das ordens religiosas em Portugal*, pelo sr. Pedro Diniz, pag. 147; *Impressões de um passeio á Arrabida. Descripção historica e topographica do sitio* pelo sr Manuel Maria Portella (Folhetins da *Gazeta Setubalense*, n.ºs 215 a 219, de julho a agosto de 1873).

Arraiolos ou **Arrayolos** — villa e concelho. — Castello com seis torres, do tempo d'el-rei D. Diniz (1310). — A 5 e meio kil. da villa acham-se muitos vestigios de uma povoação romana, sendo o principal a egreja de Sant'Anna, fund. pelos romanos em honra das suas divindades, e depois convertida em egreja christã. — No sitio de *Villa Ladra* descobriu-se em 1868 um tumulo romano, sem ornamento ou inscripção, contendo ossos humanos e uma moeda de cobre do tempo do imperador Augusto. N'este mesmo sitio se teem achado outros vestigios romanos e uma moeda de ouro gothica. — Convento de frades franciscanos; idem de frades loyos, edificado por João Garcez em 1527. — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Relatorio e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Noticias arch. de Portugal*, pelo sr. Hübner; *As ruinas romanas de Sant'Anna do Campo*, pelo sr. Gabriel Pereira, na sua preciosa publicação *Estudos eborenses*, 1891; *Noticia archeologica*, no *Archivo Pittoresco*, T. XI; *Memorias historicas*, pelo dr. Joaquim H. da Cunha Rivara, no *Panorama* de 1853 e 1854; *A egreja da freguezia de Sant'Anna do Campo*, pelo sr. J. da Silva, no *Boletim architectonico e de archeol.*, T. III, n.º 7, pag. 111; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, 13-17; supp., 805; *Artes e artistas em Portugal*, pelo eminente publicista e archeologo sr. dr. Sousa Viterbo, pag. 69 e 70. — Lisboa, 1892.

Arreigada ou **Reigada** — villa, conc. de Almeida. — Torre com sete palmos de largo e de grande altura, que está hoje reduzida á terça parte (60 palmos); serve de casa da camara.

Arrifana de Aljezur — ilhota do Algarve, situada quasi defronte de Aljezur. — Fortaleza desmantelada.

Arrifana de Santa Maria — freg., conc. da Feira. — Egreja matriz, de bella architectura.

Arrifana de Sousa (Penafiel) — Sumptuosa matriz construida em 1570. — Convento de frades capuchos da provincia da Soledade, fund. em 1666. — *O Minho Pittoresco*, T. II, 512; *Arrifana de Sousa illustrada*, pelo padre João de Meyrelles Beça; *Cousas leves e pesadas*, por C. Castello Branco, pag. 83.

Arrimal — serra, com. de Leiria. — Arco triumphal, tendo no collo da cimalha uma inscripção. Sobre a cimalha vê-se a estatua de D. Affonso I. Este monumento acha se nas proximidades da *aldeia dos Vidaes* e dos *Casaes do Rei*, a 12 kil. das Caldas da Rainha.

Arroios ou **Arroyos** — Foi arrabalde de Lisboa; hoje faz parte d'esta cidade. — Na sachristia da egreja parochial de S. Jorge, para onde foi removido, está um monumento commemorativo da reconciliação que a rainha Santa Izabel estabeleceu entre seu marido (D. Diniz) e seu filho o infante D. Affonso. Commemorando tambem estas pazes, ha, proximo ao *Campo Pequeno*, uma lapida com inscripção. — *Monumentos de Portugal*, por I. de Vilhena Barbosa; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Monumento no sitio de Arroyos*, art. de João Manuel Diniz de Oliveira Travassos, no *Archivo Pittoresco*, T. VIII, n.º 4.

Arronches — villa e concelho. — Foi praça d'armas. — Castello romano reformado por el-rei D. Diniz em 1310. — Matriz muito antiga e torre dos sinos ainda mais antiga. — Convento de frades (de N. Sr.ª da Luz) fund. em 1570. — Misericordia e hospital fund. pelo alcaide mór D. Ruy Gonçalves em 1372. — Egreja do Espirito Santo, antiquissima. — Convento de congregados da Tomina, principiado pelos annos de 1710. — *Archivo historico*, vol. I.

Arruda dos Vinhos — villa e concelho. -- Matriz que já existia no tempo de D. Affonso I. — Convento de commendadeiras da ordem de S. Thiago, fund. em 1196; transferido para Lisboa, ficando conhecidas as religiosas por *Commendadeiras de Santos*. — Misericordia e hospital fund. pelo povo em 1574. — *Archivo historico*, vol. I.

Arvore — freg., conc. de Tentugal. — Convento de freiras franciscanas (de N. Sr.ª de Campos).

Arvore — freg., conc. de Villa do Conde. — Sumptuosa egreja mandada construir por el-rei D. Manuel em 1500. — Convento de Templarios, do seculo XII; depois mudou para *claustraes*, e por fim para frades capuchos da provincia da Piedade.

Assêca — ribeira do Alemtejo; principia na freg. de S. Romão. — Ponte de cantaria lavrada, com cinco arcos; é muito antiga.

Assumar — villa, conc. de Monforte. — Muralhas e castello do tempo de Affonso IV (1332). — Uma inscripção na porta principal da villa. — Misericordia e hospital muito antigos.

Atães — freg., conc. de Villa Verde. — *Paço de Atães*. — Padrão passado por D. Sebastião em 1558.

Atalaia e **Carvalhal** — freg, conc de Pinhel. — Ruinas de uma fortaleza antiga.

Atalaia do Campo — freg., conc. do Fundão. — Vestigios de cerca de muralhas. — *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão*, pelo sr. José Germano da Cunha, pag. 54.

Ataúdes (Monte des) — proximo d'Amarante. — Cemiterio arabe. — Vestigios de uma fortaleza antiga, n'um monte fronteiro.

Atei, ou **Athei**, ou **Athey**, ou **Atrim** — villa, conc. de Mondim de Basto. — Sino muito antigo, achado no sitio do *Outeirinho de Deus*. No monte *Palhaços*, vestigios de grandes edificios romanos ou arabes, e uma galeria ou estrada subterranea, que tem 9 kilometros e vae sahir a um despenhadeiro chamado *Furaco*, sobre o Tamega.

Atiães—freg., conc. do Prado.—Torre com ameias.

Atouguia da Baleia — villa e concelho.— Convento de freiras, que foi templo romano dedicado a Neptuno, o que consta de uma lapida que está na parede exterior da capella mór. — Restos de um castello e o forte de N. Sr.ª da Consolação.— Convento de frades franciscanos (de S. Bernardino). — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa.

Aufragia, ou **Eufragia**, ou **Eufrazia** — cidade antiquissima do Minho, que existiu nos limites da actual freg. de Fareja. — Ruinas dos paços do regulo Liciniano ou Leneiano no sitio chamado *Cirgude* (?) — Pelos fins do seculo XVIII appareceram nos montes proximos a Fareja 74 sepulturas muito antigas.

Auronca — cidade antiquissima da provincia do Douro, de que ha pequenos restos, perto do Marnel.

Avanca — freg., conc. de Estarreja. — Egreja cuja construcção principiou em 1727, parte custeada pelo povo, parte pela commenda de Christo. — Capella de Santo Antonio.

Avecasta ou **Ave-Casta** — aldeia, freg. de N. Sr.ª da Graça das Areias, conc. de Ferreira do Zezere. — Pouco acima da capella de S. João Degollado uma lapa e caverna que lhe serve de pateo, na qual se levanta um arco de pedra, que tem de largo mais de 13 metros e de alto 5,5 — *Lusitanos e romanos em Villa Franca de Xira*, pelo sr. dr. Francisco Ferraz de Macedo (Lisboa, 1893).

(Continúa)

JOIAS DE D. LEONOR DE ARAGAO, FILHA DE D. AFFONSO IV, DE PORTUGAL

(Inventario datado de 1317)

Instrumento de como a rainha D. Leonor de Aragão, filha del Rey D. Affonso IV de Portugal, recebeo do dito Rey huma córoa de ouro com quatro pedras esmeraldas, e com outras pedras. Consta do instrumento original que está na Torre do Tombo, gaveta 14. maço terceiro da casa da Coroa, donde o copiey.

. . . .

Primeiramente huma coroa d'ouro com quatro pedras smeraldas, tres robins grandes, e seis safiras grandes, e outras muitas pedras miudas com aljofar gravado, e outros mais miudos.

Item. huma cinta de fio toda de prata com esmaltes dourados ancha como dous dedos com fivela de macha femea com figura de cabeça de leom com biqueira, outro si de macha femea smaltada, e dourada, a qual antam pezava nove marcos, e huma onça e tres quartas.

Item outra cinta mais estreita de pano de seda com ouro dalfres, e com pregadura de prata toda dourada, que pesava dous marcos, e cinco onças e meia.

Item uma copa toda de ouro cham com sua sobre porta com esmaltes verdes no cano, que pezava tres marcos, e sete outavas d'onça.

Item hua copa de cristal que tem o pé de prata, e sobre copa dourados com finalete, a qual pezava dous marcos e sette onças e duas outavas.

Item outra copa de prata dourada com sa sobre copa dourada e toda esmaltada, a qual pezava quatro marcos seis onças.

Item outra copa de prata toda dourada com hum esmalte em meios, a qual pesava dous marcos, e tres onças, e tres outavas.

Item outra copa de nacar com seu pé de prata, e sobrecopa de prata dourados com seus esmaltes que pesava dous marcos sete onças e meia.

Item outra copa de cristal com seu pé de prata dourado sobrecopa com huma figura d'ave em cima toda coberta desmaltes dourados, que pezava sete marcos e meio.

Item hum copete de cristal com seu pé de prata dourada smaltado, que pesava hum marco e tres onças e meia.

Item hum pichel de cristal com seu pé, e cobertura de prata dourado smaltado, que pesava quatro onças.

Item outra copa de prata, com sa sobre copa smaltada e dourada, que pesava quatro marcos e cinco onças.

Item hum pé de copa, e huma sobre copa de prata toda dourada, que pesava quatro marcos, e quatro onças e tres quartas.

Item hum sombreiro de *Gueebe* vermelho com seu cordam com aljofar, e com pedras grandes vermelhas quadradas, e com outras pedras pequenas verdes, e outras vermelhas redondas dobretes e vidraças.

Item hum colhareiro de prata com doze colhares de prata, que pezava quatro marcos.

Item duas scodelas de prata britadas e huma sãa com signaes de castellos e d'aguias, que pesavam quatro marcos e tres onças e meia.

Item hum tribulo de prata com sas cadeas que pesava tres marcos e huma onça, as quaes coroa e cintas e copas e cousas susoditas o dito senhor rey dizia que lançara Donna Maria mulher que foi do infante Dom Pedro de Castella por duas mil e cem livras dessa moeda de Portugal a Nicola Domingues e a Joam de Rates mercadores visinhos da cidade de Lisboa, e porque avia gram tempo que as tinham asi a penhor, e a dita D. Maria nom mandava tirar, os ditos mercadores as mandavam vender, e que vendo esto o dito Senhor Rey dizia que mandara pagar aos ditos mercadores a dita quantia, e que os ditos mercadores lhas entregarom, e sutorgaram-lhe todo o direito, que a ella haviam, e dizia o dito Senhor Rey, que el dava e entregava á dita Raynha sa filha as ditas cousas para haver em ellas, e per ellas todo o direito, que em ellas havia, e que outro si houvesse per as ditas cousas duzentas dobras de ouro, que Lopo Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira, emprestára á dita Donna Maria para seu mantimento... Lisboa, nos paços do dito Senhor Rey vinte e cinco dias de julho era de mil e trezentos e outenta e cinco annos. (Entre as testemunhas) Fernão Gonçalves Cogominho copeiro mor do dito senhor Rey ... Gil Vasques thizoureiro.— Domingos Martins escrivam do thizouro ..

(Hist. Genealogica da Casa Real Portugueza. Provas. Tomo 1.º 258).

INVENTARIOS ANTIGOS

Thesouro do infante D. Diniz

Na era de 1316 (anno 1278) a 20 dias de junho deu elrei D. Affonso conde de Bolonha casa ao infante D. Diniz, e deu-lhe de assentamento em dinheiro quarenta mil libras.

Deu-lhe mais em prata lavrada um bacio de sinaes de aguias e liões, que pesava tres marcos e cinco onças.

Este lhe deu a rainha sua mãi.

Uma escudella que pesou um marco e sete onças.

Outra escudella que pesou um marco e sete onças e meia.

Outra escudella que pesou um marco e sete onças.

Outra que pesou um marco e sete onças.

Outra de outro tanto.

Outra que pesou um marco e sete onças e meia.

Outra que pesou dois marcos e quatro onças.

Outra que pesou dois marcos e uma onça.

Outra que pesou um marco e seis onças e meia.

Outra de um marco e sete onças e meia.

Outra de marco e quatro onças e meia

Outra de dois marcos e uma onça e meia.

Outra de dois marcos e uma onça e meia.

Outra de dois marcos e quarta de onça.

Um talhador de prata que pesou seis marcos.

Outro talhador que pesou quatro marcos e sete onças e meia.

Um salseiro ou saleiro que pesou um marco e oitava de onça.

Outro saleiro que pesou um marco e meia onça.

Outro de um marco e quarta de onça.

Outro de um marco.

Doze colheres que pesarão um marco e quarta de onça.

Um pichel de tres marcos e seis onças e meia, para dar agua ás mãos de D. Diniz.

Somma nesta prata do infante D. Diniz: cincoenta e dois marcos seis onças e quarta de onça.

Prata delrei D. Affonso III

Prata delrei D. Affonso, conde de Bolonha, que elrei D. Diniz herdou por morte de seu pai.

Um pichel de prata que pesou seis marcos e meio.

Outro de seis marcos e duas onças e meia.

Outro que pesou cinco marcos e meia onça.

Outro que pesou cinco marcos e onça.

Outro de tres marcos e uma onça e meia.

Outro de tres marcos e duas onças.

Outro de dois marcos e cinco onças.

Uma justa de prata lavrada que pesou dois marcos e cinco onças.

Uma copa com sua sobrecopa que pesavam quatro marcos e sete onças.

Outra copa com sua sobrecopa de outros quatro marcos e sete onças.

Um vaso de prata de um marco e tres onças e tres quartas de onça.

Outro vaso de outro marco e tres onças e meia.

Outro de outro marco e tres onças e tres quartas de onça.

Outro de outro marco e tres onças e meia.

Outro de outro marco e uma onça e quarta de onça.

Outro vaso lavrado e dourado que pesou um marco e tres onças e tres quartas de onça.

Outro de marco e tres onças e tres quartas de onça.

Et sic fit per totam supradictam pratam quinquaginta et quatuor marce et duae uncie et tres quarte de uncia — 54 marcos 2 onças e 3 quartos

Item recepit idem Stephanus Johanes de Petro Johanes q. fuit repostarius in primis una scutella que pesavit duas marcas et duas uncias et meJia, et alia que pesavit 3 marcas minus uno arentio.

Outra de tres marcos, menos tres quartas de onça.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de dois marcos e meio.

Outra de tres marcos, menos dois arencios.

Outra de tres marcos, menos seis arencios.

Outra de tres marcos, menos dois arencios.

Outra de tres marcos, menos onça e quarta.

Outra de dois marcos e duas onças.

Outra de tres marcos, menos onça e quarta.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de dois marcos e meio, menos tres quartas de onça.

Outra de tres marcos, menos dois arencios.

Outra de tres marcos, menos onça e quarta.

Outra de dois marcos e meio.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de dois marcos e tres onças.

Outra de tres marcos, menos onça e meia.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de tres marcos, menos dois arencios.

Outra de tres marcos.

Outra de dois marcos e meio e dois arencios.

Outra de dois marcos e meio.

Outra de dois marcos e seis onças, menos oitava.

Um talhador que pesou quatro marcos, menos tres onças.

Outro de quatro marcos e meia onça.

Outro de quatro marcos e meia onça.

Outro de quatro marcos, menos tres quartas de onça.

Outro de dois marcos e meia onça.

Outro de dois marcos e cinco onças.

Um salseiro (*salsarium*) de um marco, menos dois arencios.

Outro de um marco.

Outro de outro marco.

Outro de outro marco.

Outro de outro marco e quarta de onça.

Outro de outro marco.

Outro de outro marco, menos meio arencio.

Outro de marco, menos dois arencios.

Tres *salsaria* de tres marcos e tres onças, menos quarta.

Sete colheres, as seis destas pesaram um marco menos quarta de onça, e as outras (sic) pesaram duas onças e meia.

Uma justa daguas mãos (d'agua ás mãos); jarra ou alvarrada, que pesou tres marcos e meio, menos meia onça.

Dois scorpiões cum suo steo de prata, et cum uno pede de prata, em que punham sal, que pesou tres marcos e seis arencios

Outro bacio de quatro marcos e duas onças.

Outro bacio de nove marcos e meio.

Outro bacio de seis marcos e meio e quarta de onça.

Outro de seis marcos e meio e quarta de onça.

Outro de seis marcos e duas onças.

Outro de sete marcos e cinco onças e meia.

Outro de sete marcos e seis onças e meia.

Outro de sete marcos e sete onças e tres quartas de onça.

Outro de oito marcos e sete onças.

Outro de oito marcos, menos meia onça, e menos um arencio.

Somma nesta prata delrei D. Affonso: 193 marcos e duas onças e meia, e quarta de onça, não descontando nada dos arencios, que deve ser pouca cousa.

RELATORIO DA BIBLIOTHECA DA ASSOCIAÇÃO

Senhores. — Cumprindo o que dispõe o art. 9.º do regulamento d'esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, de 7 de novembro de 1891, tenho a honra de submetter á apreciação da assembléa geral o relatorio que nos cumpre apresentar na qualidade de conservador da bibliotheca.

De 18 de dezembro de 1894 até 30 de novembro do anno proximo passado de 1895, tem entrado para a bibliotheca d'esta associação, por offerta e por acquisição propria, sessenta e sete obras e publicações, além de varios periodicos que abaixo se mencionam.

Como interpretes dos sentimentos da Real Associação, consignamos aqui o nosso reconhecimento para com o Estado e para com varias associações scientificas, nacionaes e estrangeiras, que nos tem

enviado algumas das suas publicações; mencionaremos os ministerios do Reino e de Obras Publicas, Camara do Commercio de Lisboa, Camara municipal de Beja; sociedades de Geographia de Lisboa, Martins Sarmento de Guimarães e de Sciencias Naturaes e Sociaes do Porto.

Dos paizes estrangeiros recebemos de Hespanha, França, Italia, Estados Unidos da America do norte e da do sul e do Mexico, varias publicações que se encontram mencionadas no mappa junto a esta modesta exposição e que se não indicam aqui para a não tornar longa.

Tambem ali se encontram indicadas as obras offerecidas pelos srs. Albano Bellino, Antonio Cesar Mena, Carmo Nazareth, Cavalleiro e Sousa, Cazalis de Fondouce, conde de Maray, Ernest de Kerros, Padre Espanca, Esteves Pereira, Gabriel Pereira, Joaquim Silvano, Leite e Vasconcellos, Marques Pinheiro, Maximiano de Aragão, Oscar Leal, Ribeiro de Vasconcellos e Rocha Dias.

Na sua maioria são estes nomes conhecidos pela sua inquebrantavel dedicação e notavel interesse pelo engrandecimento e lustre d'esta Real Associação, que tem no devido apreço e consideração os seus bons serviços.

Entre as acquisições feitas pela bibliotheca, devemos fazer menção especial da *Arte Portugueza*, revista illustrada de archeologia e arte moderna, destinada a prestar valiosos serviços á archeologia e arte portugueza, se motivos expostos na bem elaborada circular que acompanha o sexto e ultimo numero, não determinassem a suspensão da sua publicação. Ahi ficam seis numeros archivados, rivalisando com o que de melhor no genero se publica nos paizes mais cultos e adiantados em artes, attestando o merito dos seus redactores e honrando as artes graphicas em Portugal.

Tambem archivamos os numeros 2.º, 3.º e 4.º do *Boletim* d'esta Real Associação, que continúa justificando a sabia escolha que ella fez dos membros da illustre commissão encarregada da redacção, e a evidenciar o zelo e competencia d'esta.

Egualmente archivamos a collecção completa do *Diario do Governo*, referente á epoca de que trata este relatorio, e alguns numeros dos seguintes periodicos, devidos á amavel gentileza das suas redacções: *Louletano*, *Districto de Faro*, *Manuelino d'Evora*, *Bejense*, *Correio da Extremadura*, *Aurora do Cavado*, *Fim do Seculo* e *Revista Colonial*.

Com prazer notamos sensivel augmento no numero de leitores que consultaram obras na nossa bibliotheca, sendo as mais procuradas as que tratam de historia, architectura e archeologia.

Finalmente existem na bibliotheca d'esta associação importantes subsidios para a historia da archeologia, sciencia que tem progredido notavelmente no orbe civilisado desde que Dante e Petrarca, esses dois genios que receberam com os affectos de Beatriz e de Laura, luz, inspiração e poesia, depozeram um momento a lyra immorredoura para investigar antigos manuscriptos, decifrar inscripções e estudar moedas. Iniciavam a archeologia!

Este inicio foi vigorosamente impulsionado por outros dois nomes immortaes: Miguel Angelo Buounarotti e Rafael Sanzio d'Urbino, que enlevados na belleza do grupo de Laocoonte, deslumbrante marivilha da arte encontrada em Roma nas ruinas das thermas de Tito em 1506, por Felix de Fredi, desejaram descobrir o auctor e a era da execução de tão notavel manifestação do genio humano. Estudaram e investigaram com gosto, interesse e criterio as ruinas da architectura grega e romana e inscripções lapidares.

Irradiou o gosto por este genero d'estudos por alguns paizes da Europa civilisada, não sendo Portugal dos ultimos a manifestar interesse pela nova sciencia que despontava; porém, só depois de publicados os estudos de André de Resende sobre as *antiguidades d'Evora* e outros, posto que restrictos á epoca do dominio romano, é que se accentua, desenvolve e progride entre nós o amor pelos estudos archeologicos. Em 1733 lia, na Real Academia de Historia Portugueza, Martinho de Mendonça e Pina, uma memoria sobre os *rudes altares*, primeiro trabalho apresentado em Portugal com referencia a monumentos prehistoricos.

D'então até hoje, especialmente no decorrer dos ultimos annos, são grandes, importantes e notaveis os progressos da archeologia entre nós. Em quasi todos os pontos do nosso Portugal encontram-se amadores desvelados, ou sabios eruditos que cultivam com interesse, dedicação e proveito algum dos variados ramos da vasta sciencia archeologica, tão cheia de attractivos, seducção e encantos!

Com satisfação e legitimo orgulho terminamos, dizendo: á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes cabe a gloria de ter contribuido poderosamente para o desenvolvimento e progresso d'este movimento scientifico n'este ultimo quarto de seculo em Portugal.

Museu do Carmo, 13 de fevereiro de 1896.

O conservador da bibliotheca

VISCONDE DA TORRE DA MURTA

Mappa demonstrativo das publicações adquiridas para a Bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes desde 18 de dezembro de 1894 até 24 de novembro de 1895

Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações
Académie des inscriptions et belles lettres	-	7	Offerta da sociedade.
Agricultura prehistorica, por D. Juan Villa	-	1	Idem do auctor.
Antiguidades prehistoricas do conceiho da Figueira, por Santos Rocha	1	-	Idem do auctor.
Apontamentos para a historia da villa e conceiho de Cascaes, por Borges Barruncho	1	-	Idem do sr. Cavalleiro e Sousa.
Archeologo Portuguez (O)	-	8	Idem do sr. Leite e Vasconcellos.
Arte Portugueza	-	6	Por assignatura da associação.
Artes e Artistas em Portugal, por Sousa Viterbo	1	-	Por acquisição da associação.
Atti del collegio degli ingegnieri e degli architecti in Palermo	-	1	Offerta da sociedade.
Boletim da Camara do Commercio e industria de Lisboa	-	10	Idem da Camara do Commercio.
Boletim da Direcção Geral de Agricultura	13	-	Idem do ministerio d'Obras Publicas.
Boletim da propriedade industrial (publicação official)	-	1	Idem do respectivo ministerio.
Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa	-	14	Idem da sociedade.
Boletim da sociedade Martins Sarmento	-	1	Idem da sociedade.
Bulletin historique et philologique du comité des travaux historiques et scientifiques	-	1	Idem do sr. Cazalis de Fondouce.
Bulletin trimestral des publications de la librairie Jouvet et C.ª	-	1	Idem da livraria.
Catalogue Hasenauer	-	1	Idem idem.
Catalogo do museu archeologico de Beja	4	-	Idem da camara de Beja.
Catalogue Karl W. Hiersemann	-	1	Idem da livraria.
Catalogue V.e Ch Dunod et P. Vicq	-	1	Idem idem.
Construction moderne	-	34	Assignatura da associação.
Deus Bracarense, por Leite e Vasconcellos	-	1	Offerta do auctor.
Descripção historica e economica da villa de Torres Vedras, por Miguel Agostinho Madeira Torres	1	-	Idem do sr. Cavalleiro e Sousa
Emblemate quiel sit emblema unel sumpta emblemati- inyento de qui suis usu et ratione	1	-	Idem do sr. Rocha Dias.
Estudos Eborenses — Os estudantes — Volta de Cenaculo — Versos eborenses do seculo XVIII, por Gabriel Pereira	-	3	Idem do auctor.
Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire d'Oliveira	7	-	Idem do sr. Rocha Dias.
Electro-Homeopathia	-	5	Idem da direcção.
Estudo sobre as antas e seus congeneres, pelo rev. padre Espanca	-	1	Idem do auctor.
Estatuto geral approvado pela assembléa geral em sessão de 3 de junho e sanccionado por alvará de 3 de julho de 1895 (Sociedade de Geographia)	-	1	Idem da sociedade.
Fonderie antique de bronze (une) por Cazalis de Fondouce	-	1	Idem do auctor.
	29	100	

Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações
	29	100	
Grece (En) excursions archeologiques, por Diehl	1	-	Offerta do sr. Rocha Dias.
Industria agraria, por J. M. Esteves Pereira	-	1	Idem do auctor.
Index universal da Liv. Brockhaus em Lepzig	-	18	Idem da livraria
Inscriptions chretiennes de l'époque Mérovigienne, por Cazalis de Fondouce	-	1	Idem do auctor.
Inscripções e lettreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes, por Albano Bellino	1	-	Idem do auctor.
Inscripções romanas de Braga, por Albano Bellino	1	-	Idem idem.
Inscriptions romaines de Lunel-Viel, por Cazalis de Fondouce	-	1	Idem idem.
Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria e suas repartições, côro, caridade e hospital de Lazaros, por Marques Pinheiro	2	-	Idem idem.
Izabel (D.) d'Aragão — Rainha Santa, por J M. Ribeiro de Vasconcellos	2	-	Acquisição da bibliotheca.
Memoria justificativa e descriptiva das obras executadas na egreja de S. Roque de Lisboa desde 12 de outubro de 1893 até 18 de junho de 1894, por Antonio Cesa Mena Junior	-	1	Idem do auctor (em duplicado).
Memoria da sociedade scientifica Antonio Alzate	-	1	Idem da sociedade.
Minerva—Revista scientifica de la sociedad de ingenieros de Puebla — Mexico	-	1	Idem idem.
Museu ethnographico portuguez, por Leite e Vasconcellos	-	1	Idem idem.
Musée Social (Le)	-	1	Idem da direcção.
Nature (La) revue de sciences	-	3	Idem idem.
Noticias de Penella — apontamentos historicos e archeologicos, por Delfim José de Oliveira	1	-	Idem do sr. Cavalleiro e Sousa.
Numismatica da India Portugueza, por José Maria do Carmo Nazareth	-	1	Idem do auctor.
Parecer da commissão de contas — Gerencia de 1894 (Camara do commercio)	-	1	Idem da camara.
Pel iii centenario d'ella morte di Torquato Tasso — Adunanza del 19 maggio 1895 tenuta della R. Academia di scienze lettre e belli arti	1	-	Idem da Academia.
Pierre l'hermite son histoire et sa légende, par Comte de Maray	-	1	Idem do auctor.
Public museum of the City of Milwauka (répport)	-	1	Idem da direcção.
Rapport à Mr. le Marquis de Crosier sur les travaux du comité du Fenistére, par Ernest de Kerros	-	1	Idem do auctor.
Relatorio da direcção da companhia de seguros Fidelidade, de 1894	-	1	Idem da direcção.
	38	135	

Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações
	38	135	
esumos de architectura . ..	-	5	Idem da redacção. Faltam numeros.
evista critica e historica y literaria españolas..........	-	4	Idem idem. Faltam numeros.
evista das Escolas.........	-	15	Idem idem.
evista da sociedade de geographia do Rio de Janeiro—3.º e 4.º Boletim.........	-	2	Idem da sociedade.
evista de la sociedade central de architectos............	-	7	Idem idem. Faltam numeros.
erra da Estrella, por Adelino d'Abreu	1	-	Idem do auctor.
ituação do paiz — Abalos da sociedade portugueza, por Joaquim Silvano, filho.....	-	1	Idem idem.
mithsonian Institution (Washington) annual report of the bonrd of regents of regents of the smithsonian institution. (Relatorios de julho de 1891 a junho de 1892).........	3	-	Idem da instituição.
ociété centrale des architectes			
	42	169	

Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações
	42	169	
français — Annuaire pour l'année 1895........... .	-	1	Idem da sociedade.
Statistica del commercio speciale di importazione e di esportazione dal 1.º gennairo al 31 marzo 1894..........	-	1	Idem do ministerio delle finance.
Union Ibro — Americana.....	-	9	Idem da redacção.
Viagens ás terras, por Oscar Leal.....................	1	-	Idem do auctor.
Viagens a um paiz de selvagens, por Oscar Leal......	1	-	Idem idem
Villa Viçosa (Compendio de noticias de) pelo padre Espanca	1	-	Idem idem.
Vizeu — Apontamentos historicos, por Maximiano d'Aragão	1	-	Idem idem. Falta o 1.º volume.
			N. B. Não incluimos n'este mappa os jornaes por virem especialisados no relatorio, e por nenhum d'elles formar collecção completa.
	46	180	

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

Anno de 1889 [1]

(PRINCIPIO DO REINADO DO SENHOR D. CARLOS)

Proclamação feita ao paiz por Sua Magestade em 9 de outubro.

Estabeleceu-se por decreto d'esta data o formulario com que durante o novo reinado deviam ser expedidos os diplomas e actos do governo e das auctoridades.

Em 5 de dezembro foram convocadas as côrtes extraordinariamente para o juramento e acclamação d'el-rei. Publicou-se na mesma data o programma para esta sessão solemne, que se realisou em 28 de dezembro.

Edificios de conventos extinctos e outros. Diversas obras

Concedeu o governo provisoriamente á *Associação auxiliar da missão ultramarina* o edificio e cerca do supprimido convento de Santa Maria de Arouca, para estabelecimento de um instituto de catechistas, mestras e enfermeiras. Decreto de 7 de novembro.

Foi, por decreto de 12 de dezembro, auctorisada a misericordia de Veiros a acceitar a doação de uma morada de casas para alargamento do respectivo hospital; e, por decreto de 28 do mesmo mez, concedido provisoriamente á condessa de Sampaio e outros moradores da freguezia de Alcantara o edificio do supprimido *convento de Nossa Senhora da Quietação*, ao Calvario, para ser creado ali um instituto de assistencia operaria.

Expropriações urgentes e de utilidade publica. Datas dos decretos

Expropriação de varios terrenos e casas para melhoramentos no mercado do concelho de *Paços de Ferreira*; novembro, 7. — de um terreno para alargamento da rua dos Condominhas na freguezia de Lordello do Oiro, da cidade do *Porto*; novembro, 7. — de varios terrenos e barracas para abertura e continuação de ruas na cidade de *Braga*; novembro, 7. — de uma porção do passal do parocho da freguezia de *Rossas*, conc de *Arouca*, para o cemiterio da mesma freguezia; novembro, 14. — de uma porção de terreno para alargamento da avenida entre a egreja e o cemiterio da freguezia de *Rio Coro*, conc. de *Barcellos*; novembro, 21. — de duas parcellas de terreno de casas e quintaes para construcção da avenida para a estação de *Vizeu*; novembro, 21. — de varios terrenos para canalisação de aguas e abastecimento da villa do *Peso da Regua*; dezembro, 3. — dos terrenos denominados da Gafanha para exploração de aguas, irrigação de hortas, viveiros e pomares da *Escola pratica de viticultura e pomologia da Bairrada*; dezembro, 31.

Instrucção publica

Por decreto de 14 de novembro foi considerada instituição auxiliar do real padroado portuguez a

[1] As providencias mais importantes da governação publica desde o principio até ao fim do reinado do D. Luiz I, estão indicadas na *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, pelo conselheiro José Silvestro Ribeiro (tomos XVI e XVII). Póde ver-se tambem o tomo XVIII d'esta obra, que contém o indice geral de todas as materias e que o erudito academico fez menção. Para auxiliar na consulta da *legislação de* 1833 *a* 1868, veja-se o *Indice remissivo* compilado por Francisco de Lencastre.

Escola agricola colonial de S. Pedro de Penaferrim em Cintra, destinada á formação de catechistas e professores auxiliares das missões ultramarinas.

Escola pratica de agricultura em Mirandella. — Foi creada por decreto de 27 de dezembro.

Propriedade litteraria e artistica. — Ratificação do accordo celebrado entre Portugal e o Brazil. Decreto de 28 de dezembro.

Anno de 1890

Associações. — Casos em que podem ser dissolvidas; decreto de 29 de março, que, com certas modificações, foi approvado por lei de 7 de agosto.

Auctorisações para se realisarem melhoramentos municipaes. — Approvação dos contratos para serem illuminadas a gaz as cidades de Aveiro, Covilhã e Leiria; Leis de 19 e 27 de agosto.

Tambem por lei d'esta data foi approvado o contracto celebrado entre a camara muni ipal de Setubal e João Flores para abastecer de aguas aquella cidade.

Concedeu-se á camara municipal das ilhas de Goa o arruinado *forte de Gaspar Dias*, na margem esquerda do Mandovy, assim como o recinto adjacente para construcção do *cemiterio publico;* Decreto de 29 de maio

Bill de indemnidade ao governo pela promulgação do decreto de 8 de agosto de 1889, que creou em Lisboa um *curso de ophtalmologia*, e de outras providencias, desde 10 de fevereiro a 5 de abril de 1890; Lei de 7 agosto.

Edificios de conventos extinctos e outros.

Diversas obras

Auctorisada a irmandade do Santissimo da freguezia da Sé, na cidade de *Portalegre*, a alienar uma inscripção, para, com o producto, proceder a *obras na sua capella;* Decr janeiro, 3.

Porto artificial de Mormugão. — Regulamento geral, decretado em 9 de janeiro.

Defeza de Lisboa e seu porto. — Obras de fortificação. Decr., fevereiro, 10.

Fundo permanente de defeza nacional.—Foi creado por decreto de 10 de fevereiro, para se applicar exclusivamente ás *fortificações e mais construcções militares*, assim como á acquisição de material de guerra tanto terrestre como naval.

Em 5 de março decretou-se a auctorisação á *misericordia da cidade de Silves*, para applicar certa quantia a diversos reparos urgentes no *hospital e na egreja*.

Por decreto de 28 de março foram creadas 126:300 obrigações de 90$000 réis cada uma, para applicar parte do seu producto a obras nos *portos de Vianna do Castello* e *Figueira da Foz*, na *enseada da Povoa de Varzim* e na *albufeira da ribeira de Seda*.

Concedidos provisoriamente á junta de parochia de S. Bartholomeu da Castanheira o edificio com suas pertenças, egreja e cerca do *supprimido convento de N. Sr.ª de Subserra*, para ahi estabelecer a séde da parochia, a *casa de residencia do parocho*, e as *escolas de instrucção primaria para o sexo masculino e feminino;* Decr., março, 29.

Auctorisada a misericordia da cidade de Guimarães a levantar um emprestimo para obras no seu *hospital;* Decr., abril, 17. — Idem a commissão administrativa do *collegio de S. Caetano*, da cidade de Braga, a alienar diversos titulos para applicar o seu producto á construcção de um *edificio collegial;* Portaria, abril, 24. — Idem a irmandade do Santissimo da freguezia de N. S.ª da Encarnação de Lisboa, a contrahir um emprestimo para obras no edificio da *egreja e suas dependencias;* Decr., maio, 1.

Estabelecimento das Caldas de Vizella. — Approção dos projectos de obras emprehendidas pela respectiva companhia; Portaria, maio, 7.

Misericordia da cidade de Ponta Delgada. — Auctorisada a applicar certas verbas á conclusão das obras do seu hospital; Decr., maio, 13.

Ordem 3.ª de S. Francisco da cidade de Guimarães. — Auctorisada a contrahir um emprestimo para obras no edificio do extincto *convento de S. Francisco* da mesma cidade.

Manutenção do estado em Lisboa. — Credito especial para as obras d'este edificio; Decr., julho, 4.

Junta geral do districto de Portalegre. — Foi convocada extraordinariamente para deliberar a respeito do *asylo districtal em construcção;* Decr., julho, 9.

Obras no porto e barra de Vianna do Castello. — Credito especial. Decr., julho, 16.

Construcção, modificação e reparação de novos quarteis e edificios militares.—Credito especial. Decr., julho, 17.

Edificio da Academia Polytechnica do Porto. — Credito especial. Decr., julho, 23.

Misericordia da cidade de Setubal. — Auctorisada a contrahir um emprestimo para obras do novo *hospital* no *extincto convento de Jesus*. Decr., julho, 29.

Misericordia da villa de Cantanhede. — Auctorisada a contractar definitivamente com a junta de parochia da respectiva freguezia a compra do edificio da egreja do antigo *convento de Santo Antonio* d'aquella villa e o terreno annexo, que tem servido de cemiterio, e cujo encerramento fôra já competentemente resolvido, para estabelecer um hospital; Decr., agosto, 5.

Portos artificiaes de Leixões, Ponta Delgada, Horta e Funchal. — Creditos especiaes. Decretos, agosto, 13; outubro, 25; novembro, 27; dezembro, 11.

Melhoramentos do porto de Lisboa.— Credito especial. Decr., agosto, 13.

Cadeias geraes penitenciarias. — Credito especial. Decr., setembro, 15.

Por decreto de 29 de setembro foram concedidas á junta de parochia da freguezia de S. Mamede da *cidade de Evora* a egreja do *extincto convento de S. José*, sachristia, casas e celleiros respectivos para estabelecimento da séde da mesma freguezia.

Obras nos quarteis da guarda municipal de Lisboa. — Credito especial. Decr. de outubro, 25, e novembro, 27.

Irmandade do Bom Jesus da Cruz da villa de Barcellos. — Auctorisada a adquirir uma casa com quintal para *hospital* exclusivo dos irmãos. Decr., outubro, 28.

Misericordia da cidade do Porto. — Auctorisada a applicar ao seu *hospital* o producto da venda de um legado. Decr., outubro, 30.

Irmandade de N. Sr.ª das Dores da cidade de Braga. — Auctorisada a levantar dos proprios capi-

taes uma certa quantia para *reparações na sua egreja*. Decr., novembro, 6.

Construcção do edificio para a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa. — Approvado o projecto e orçamento, ordenando-se tambem a execução dos respectivos trabalhos. Portaria, dezembro, 9.

Exploração de minas, pedreiras e saibreiras. — Foram approvadas as instrucções sobre o estado das industrias d'esta exploração. Decr., junho, 26.

Expropriações urgentes e de utilidade publica. Datas dos decretos

Expropriação de parte de um predio para *alargamento e alinhamento da rua dos Murraceiros* na cidade de *Lagos*; janeiro, 30. — de um terreno para *ampliação e aformoseamento do mercado* da villa de *Condeixa*; fevereiro, 12. — de um terreno para *construcção do cemiterio* da freguezia de *Sendim*, concelho de Felgueiras; fevereiro, 25. — de um terreno do passal do parocho da freguezia de Avintes, concelho de Villa Nova de Gaia, para *ampliação do cemiterio* da mesma freguezia; março, 13. — de um terreno para *ampliação do cemiterio* da freguezia de Varziella, concelho de Felgueiras; março, 27. — de umas casas de moinhos e quintal para *melhoramento do campo da Feira*, na cidade de Guimarães; abril, 8. — de um terreno para *construcção do quartel do posto fiscal denominado Barreiras do Tejo*; abril, 10. — de um terreno para *construcção do posto fiscal denominado Foz de Aravil*; Idem, idem. — de um terreno para *construcção do quartel do posto fiscal denominado Alares*; Idem, idem. — de quatro barracões e uma porção de terreno para *alargamento, embellezamento e melhor vedação do parque denominado D. Carlos I*, na villa das Caldas da Rainha; abril, 24. — de tres casas para *alargamento e alinhamento da rua do Marquez de Pombal* na cidade de Lamego; maio, 29. — de parte de um mirante e terreiro para construcção de um *mercado na praça do Principe*, na cidade de Vianna do Castello; Idem, idem. — de uma porção de terreno para *alargamento da feira de gado* na séde do concelho de Paredes de Coura; junho, 11. — de uma porção de terreno para construcção de uma cazeta destinada a *quartel das praças do posto fiscal de Villarelho*; junho, 12. — de diversos predios para abertura de uma *avenida da cidade de Braga ao Bom Jesus do Monte*; junho, 19. — de tres terrenos para *construcção do cemiterio da freguezia de Santa Maria Magdalena*, concelho de Villa Nova de Gaia; Junho, 26. — de duas parcellas de terreno e cavoucos para *alargamento e alinhamento da rua das Amoreiras da cidade de Lisboa*; julho, 2. — de um terreno para o *cemiterio da freguezia de Perosinho*, concelho de Villa Nova de Gaia; Julho, 15. — de um terreno do passal do parocho da freguezia de S. Julião do Calendario, concelho de Villa Nova de Famalicão, para *construcção do cemiterio* da mesma freguezia; julho, 28. — de um terreno para *melhoramento e alargamento da estação n.º 15 de soccorros contra incendios* junto ao largo da Graça, da cidade de Lisboa; julho, 29. — de duas parcellas de terreno para *ampliação do cemiterio da freguezia de Valbom* e alargamento do caminho que ali conduz; agosto, 27. — de um terreno para *alargamento da rua de Arroyos* na cidade de Lisboa; setembro, 13. — de uma casa para *construcção dos paços do concelho e repartições publicas da villa de Arraiolos*; outubro, 25. — de duas casas e parte de um quintal para melhoramento do largo de Fradellos na cidade do Porto; novembro, 6. — de duas parcellas de terreno para *construcção do reservatorio de aguas no alto de Santo Amaro*, da cidade de Lisboa; novembro, 20. — de um terreno para *canalisação de aguas em proveito da villa da Vidigueira*; dezembro, 11. — de um terreno para *construcção do estabelecimento balnear das aguas do Gerez*; dezembro, 21. — de uma porção de terreno e de uma casa para *alargamento e alinhamento da rua do Villar* na cidade do Porto; dezembro, 30.

Funccionarios

Pela portaria de 3 de novembro foi suscitada a rigorosa observancia das disposições legaes relativas ao abono de ajudas de custa e subsidios de marcha aos empregados dos serviços technicos de obras publicas.

Instrucção publica

Em carta regia de 9 de janeiro, declarou-se S. M. El-Rei protector da Universidade de Coimbra.

Pela portaria de 28 de janeiro mandou-se accrescentar ao *Boletim da direcção geral de agricultura* mais uma secção destinada á publicação dos relatorios consulares e informações agricolas estrangeiras.

Escola municipal secundaria na villa de Torres Vedras. — Foi creada por decreto de 6 de fevereiro.

Institutos de ensino secundario do sexo feminino. — Approvado o respectivo regulamento. Dec. 6 de março. Instrucções aos governadores civis e aos inspectores de instrucção secundaria para a fundação d'aquelles institutos. Circulares de 10 de março.

Foram concedidos provisoriamente á junta de parochia da Vinha da Rainha, concelho de Soure, dois predios para estabelecimento da *escola primaria, habitação do professor e residencia do parocho*. Decreto, março, 20. Declarou-se que os dois predios concedidos a esta junta de parochia deviam ser exclusivamente applicados ao estabelecimento da escola e habitação do professor. Decr., setembro, 29.

Conservatorio Real de Lisboa. — Regulamento decretado em 20 de março.

Escolas praticas de agricultura e de viticultura. — Regulamento. Dec., março, 27.

Ministerio da instrucção publica e bellas artes. — Creado por decreto de 5 de abril.

Escola industrial Fradesso da Silveira, em Portalegre. — Foi creada por decreto de 10 de abril.

Decretou-se a creação de uma *Escola pratica de infanteria* na villa de Mafra, e de uma *Escola pratica de cavallaria* provisoriamente em Villa Viçosa. Abril, 17.

Em officio de 30 de abril recommendou-se aos governadores civis a adopção de providencias *para se evitar o desapparecimento ou extravio dos objectos de arte e de valor historico pertencentes aos conventos* que se forem supprimindo.

Escola municipal secundaria na villa de Amarante. — Passou a ter esta denominação o instituto de en-

sino ali estabelecido pela camara respectiva. Decreto de 29 de maio.

Lyceu Nacional. — Foi elevada a esta categoria a *Escola municipal secundaria da villa de Amarante.* Decr., agosto, 27.

Bibliothecas municipaes.— Constituem um serviço do municipio que as camaras teem a faculdade de dotar sem dependencia de approvação de qualquer outra auctoridade ou corporação de officio publico. Decr., junho, 18.

Conselho superior de instrucção publica. — Sua reorganisação. Lei, agosto, 7; Decr., setembro, 10. Regulamento; Decr., setembro, 25.

Secretaria d'estado dos negocios de instrucção publica e bellas artes. — Sua organisação. Decr., agosto, 22.

Escola do exercito. — Plano de reorganisação. Decr., setembro, 12. Suspensa a execução d'este decreto por outro com data de 21 de outubro.

Real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira da cidade de Guimarães. — Auctorisado o governo a conservar e reorganisar esta collegiada com a obrigação de ensino publico e gratuito. Lei, setembro, 14.

Inquerito sobre o estado, condições e necessidades das industrias do paiz e situação dos respectivos operarios. — Regulamento; Decr., maio, 16.

Liberdade de imprensa.— Restricções. Decr., março, 29. Lei, agosto, 7.

Moeda

Prohibida a importação dos soberanos e meios soberanos de cunho anterior ao do reinado da actual rainha de Inglaterra e regulada a entrega e troca dos que estivessem em circulação em Portugal. Decreto, fevereiro, 22.

Posturas municipaes

Á policia de Lisboa compete a fiscalisação d'estas posturas em toda a área do municipio. Portaria, outubro, 30.

Em 28 de maio foi decretado o seguinte:

E' da competencia dos tribunaes administrativos resolver as questões sobre edificações e construcções urbanas feitas em contravenção dos regulamentos municipaes ou administrativos.

Os visinhos de predios urbanos teem direito a reclamar contra o senhorio que fizer n'um saguão ou pateo alguma construcção ou obra em contravenção dos regulamentos municipaes e com prejuizo da hygiene ou segurança dos moradores.

Procissões civicas

Regulada a sua permissão. Decr., março, 29. Lei, agosto, 7.

Successão ao throno

Pelo decreto de 9 de junho considerou-se feriado o dia 14 d'este mez, em que S. A. o Principe Real foi reconhecido pelas côrtes como successor ao throno portuguez.

(Continúa)

AS NOSSAS GRAVURAS

RUINAS DE CETOBRIGA

Acompanhamos o artigo do ex.mo sr. Almeida Carvalho de duas gravuras representando vistas das ruinas de Cetobriga, segundo photographias tiradas por 1866 ou 1867; ha uns trinta annos.

Actualmente as areias tem novamente coberto em grande parte essas construcções.

As gravuras mostram os restos de um predio de dois pavimentos com largo portão voltado ao mar, e fortes e extensas paredes de outros edificios.

Pelo fallecimento do ex.mo sr. Possidonio da Silva, foi eleito presidente da assembléa geral da Real Associação o ex.mo sr. conde de S. Januario. O ex.mo conde é um dos nossos mais antigos socios.

A biographia do sr. Possidonio da Silva, acompanhada de notas sobre os seus trabalhos de architecto, archeologo e escriptor, foi superiormente elaborada pelo nosso socio sr. Costa Goodolphim (Lisboa, Typ. Universal, 1894).

Em breve se realisará no Museu do Carmo uma sessão solemne consagrada á memoria do illustre fundador. O sr. visconde de Castilho, o illustre escriptor, encarregou-se de fazer e pronunciar o elogio historico, e o sr. Felix da Costa está pintando o retrato.

ASSIGNATURA. =**Anno, 4 numeros, 600 réis.—Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio. — Numero avulso, 200 réis.**

Typ. Franco-Portugueza, (Off.a Lallemant) 1896

3.ª SÉRIE ANNO DE 1897 TOMO VII

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 8

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

A imprensa jornalistica da capital e da provincia prestou sentidas homenagens á memoria do illustre architecto, fundador da nossa Real Associação. O espaço de que dispomos não nos permitte transcrever todos os artigos commemorativos, que appareceram em seguida ao fallecimento de Possidonio da Silva.

Na folha eborense *A Academia*, publicou o nosso socio, ex.mo sr. dr. Camara Manuel, distincto engenheiro e mui digno director das Obras Publicas no districto de Evora, o seguinte artigo, que por ser uma biographia resumida, transcrevemos na integra. O sr. dr. Camara Manuel, de ha muitos annos prestava a Possidonio da Silva a sua amisade e gentil dedicação.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

> «Só é grande aquelle, cujas acções «se perpetuam em amoravel recordação, pelos beneficios que á sociedade «prestaram sem outro pensamento senão o de serem verdadeiramente uteis
> «Estes é que são os grandes, estes «é que não morrem, porque vivem eternamente na grande constellação dos «bons.»
>
> *Costa Goodolphim.*

Haverá, pouco mais ou menos, um anno, que na reunião celebrada na capital do mundo civilisado, para commemorar o centenario da fundação do Instituto de França, se apresentou o octogenario Joaquim Possidonio Narciso da Silva, e leu uma congratulação perante a assembléa constituida pelos representantes da França sabia, por aquelle memoravel acontecimento. Mais uma vez o sr. Possidonio da Silva representou condignamente o paiz n'um congresso scientifico.

Mal pensava elle então, e mal pensavamos nós, embora sempre receiosos pela sua adiantada edade e pelo seu melindroso estado de saude, que o seu discurso congratulatorio no Instituto de França, de que era o unico representante de Portugal, seria o canto do cysne, a sua despedida aos seus illustres e respeitaveis confrades!... Infelizmente assim foi! pois no dia 25 de março ultimo falleceu em Lisboa, deixando aos seus amigos, aos seus discipulos e aos seus admiradores profundas saudades. Entre os propugnadores dos monumentos nacionaes, entre os cultores da Archeologia patria deixou uma lacuna, uma vaga difficil, se não impossivel, de preencher...

O sr. Possidonio da Silva foi um estrenuo trabalhador, foi um incansavel defensor das nossas antiguidades, das nossas antigualhas, e foi um benemerito da humanidade.

Nasceu em Lisboa em 1806 e, tendo apenas um anno, foi com seus paes, que acompanharam a el-rei o sr. D. João VI, para o Brazil, d'onde regressou, em 1821, com a familia real.

Começou os seus estudos regulares com o celebre Domingos Antonio de Sequeira, cujo nome é uma gloria nacional, continuando-os depois da emigração de Sequeira, com Germano Xavier, estudando architectura civil, e com o pintor Sendim.

Em 1825 foi para Paris completar os seus estudos, conseguindo fazer em 1828 os seus exames na Academia das Bellas Artes, d'aquella capital.

Tendo visitado os principaes monumentos da França, foi para a Italia, d'onde, depois de uma

demora de dous annos em Roma, regressou novamente a Paris, onde obteve ser empregado como ajudante das obras da galeria do *Crystal Palais Royal*, que se estava construindo sob a direcção do distincto architecto mr. Fontaine.

A maneira como o sr. Possidonio da Silva se desempenhou d'aquelle trabalho que lhe foi confiado, demonstra-se por ser immediatamente encarregado de importantes decorações no palacio das Tulherias.

Restabelecida a ordem, a liberdade em Portugal, o sr. Possidonio da Silva regressou á patria e alistou-se no 1.º batalhão de voluntarios do Commercio, onde teve o n.º 31.

Como architecto occupou-se de diversas edificações em Lisboa; e como architecto da casa real, que era, fez grande numero de obras nos differentes palacios e propriedades pertencentes á coroa e á casa real.

Longe iriamos, se tentassemos enumerar todos esses trabalhos, que aliás se encontram descriptos na sua biographia, escripta pelo sr. Costa Goodolphim; entretanto, apontaremos alguns dos mais notaveis d'elles:

A illuminação monumental em Lisboa, mandada fazer pelo primeiro batalhão do Commercio, para demonstração de regosijo pela chegada, em 1833, da rainha a senhora D. Maria II, cujo desenho foi publicado n'um jornal inglez.

A restauração do palacio das Necessidades, edificado por D. João V em 1721.

A apropriação do edificio do antigo convento de S. Bento, fundado em 1598 pelo geral da ordem Benedictina, D. Fr. Balthazar de Braga, para a reunião das Côrtes em 1834. Por este trabalho foi condecorado pelo imperador D. Pedro com o collar da Torre Espada.

Construcção do palacio do Alfeite.

Delineação do bairro novo nos terrenos da real quinta do Calvario.

. . . .

O conhecimento que adquiriu, como architecto, dos monumentos nacionaes, despertou no sr. Possidonio da Silva o pensamento de archivar, estudar e conservar todas essas reliquias. Para a realisação d'esse pensamento, fundou em 1863 a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, de que era presidente, e um Museu Archeologico, hoje mui interessante e importante, nas ruinas do antigo convento do Carmo, em Lisboa, que são restos da fundação do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Como complemento do Museu e orgão da Associação, creou tambem um *Boletim mensal*, revista mui apreciada no estrangeiro e por todos aquelles que amam a Arte.

O sr. Possidonio da Silva fez, com o fim de generalisar os conhecimentos archeologicos e de crear proselytos, differentes conferencias, e regeu um curso gratuito de archeologia, no edificio da Associação; escreveu uma interessante obra — Noções de Archeologia — e uma outra de Archeologia religiosa, que pela sua simplicidade e clareza, é um grande auxiliar para a acquisição facil dos principios de archeologia.

Ao passo que se occupava do desempenho das suas obrigações officiaes e de todos esses trabalhos, o sr. Possidonio da Silva percorria as differentes terras do reino, fazendo indagações, pesquizas, investigações, levantamento de plantas de monumentos, de que, em memorias, em communicações, em noticias, dava conhecimento ás diversas sociedades archeologicas a que pertencia (e poucas não eram ellas!) nos congressos que lá fóra tinham logar e para os quaes era sempre convidado.

Graças aos esforços do sr. Possidonio da Silva, por toda a parte hoje se criam museus archeologicos, n'alguns seminarios já se ensinam principios de archeologia, a attenção publica se applica á conservação dos monumentos, finalmente, a evolução se manifesta a favor das nossas riquezas archeologicas, que tão descuradas tem sido e que tantas eram!...

O sr. Possidonio da Silva, compenetrado da necessidade de prestar soccorros aos operarios invalidos e ao mesmo tempo desejoso de tributar homenagem ás excelsas virtudes do sr. D. Pedro V, de saudosa memoria, promoveu e conseguiu a fundação em Lisboa de um — *Albergue para os invalidos do trabalho* — cuja inauguração teve logar em julho de 1864, começando apenas com 6 invalidos, e é hoje um estabelecimento dos mais notaveis «pela fórma «amoravel e fraternal como são tratados aquelles «que lá procuram abrigo.»

. . . .

Assim, ao despedir-se d'este mundo, o sr. Possidonio da Silva podia dizer: fui util ao meu paiz e fui bom para os meus irmãos.

Ao terminar esta singela homenagem á memoria do sr. Possidonio da Silva, só nos resta dizer: Adeus, Mestre, não esqueceremos o teu exemplo e não abandonaremos a tua obra.

C. DA CAMARA MANUEL.

O MONUMENTO DE D. MARIA I

De ha muitos annos estão depositadas no Museu do Carmo, as peças artisticas componentes do projectado monumento a D. Maria I.

Estas peças são: a estatua collossal da rainha, quatro estatuas representando a Europa, a Asia, a Africa e a America, os plinthos d'estas quatro estatuas; tres baixos relevos destinados a decorar a base da estatua regia, e ainda um marmore onde se devia gravar a inscripção.

A proposito das quatro estatuas symbolicas das partes do mundo recebeu a Associação um pedido e consulta que deu origem aos seguintes documentos que se imprimem n'este numero para conhecimento de todos os nossos dignos socios.

Doc. n.º 1

Secretaria d'estado dos negocios das Obrās Publicas Commercio e Industria. — Direcção dos serviços de Obras Publicas. — 1.ª Repartição. — Estradas, obras hydraulicas e edificios publicos.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Tendo a Camara Municipal de Lisboa pedido que lhe sejão cedidas 4 esta-

tuas representando as quatro partes do mundo que existem no Museu Archeologico, afim de serem collocadas nos talhões ajardinados da Avenida da Liberdade, promptificando se aquella corporação a entregar em troca para o dito Museu, ou para o das Janellas Verdes alguns objectos de mais valor archeologico, taes como as estatuas completas da fonte da Samaritana, uma pedra, que pertenceu á primitiva egreja de Santa Catharina e ainda outros de mais valor, e desejando S. Ex.ª o Ministro ouvir sobre o assumpto a associação a que V. Ex.ª preside, encarrega-me por isso o mesmo Ex.mo Sr. de rogar a V. Ex.ª se digne de lhe prestar as informações, que a tal respeito tiver por convenientes.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Secretaria d'Estado dos Negocios das Obras Publicas Commercio e Industria em 6 de Fevereiro de 1896.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Presidente da Associação dos Architectos, e Archeologos Portuguezes.

O Director dos serviços de Obras Publicas, *Leite Bettencourt.*

Em consequencia d'este officio reuniu-se a Assembléa Geral que nomeou uma commissão especial para formular um parecer.

Doc. n.º 2

Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes

Commissão especial do Monumento a D. Maria I

Reunião no Museu do Carmo, pelas 8 e meia da noite de 20 de Fevereiro de 1896.

Presidente — Valentim Correia.
Secretario — G. Pereira.
Vogal — Sousa Viterbo.
» — Adães Bermudes.
» — Rosendo Carvalheira.
» — O'Sullivan.

Leu-se o officio do Sr. Leite Bettencourt director dos serviços de Obras Publicas, 1.ª Repartição (officio de 6 de Fevereiro de 1896), sobre a proposta da Camara Municipal de Lisboa; cedencia para os talhões da Avenida da Liberdade das 4 estatuas que estão no Carmo (as partes do mundo) e que eram destinadas a decoração do projectado monumento a D. Maria I.

O Sr. Sousa Viterbo apresenta tres questões:

1.ª Se o monumento se deve ou convem conservar integro?

2.ª Caso se conserve, onde?

3.ª Não podendo realisar-se a erecção do monumento se seria conveniente ceder as estatuas para a applicação proposta.

O sr. Adães Bermudes: falla sobre o monumento; allude a Pina Manique que figura n'um baixo relevo, o que commemora a instituição da Casa Pia no Castello.

O governo quando se tratou do jardim da Estrella consultou a Associação; que levou tempo a responder; quando deu o parecer já estava fechado o jardim da Estrella.

O Sr. Valentim Correia: dá algumas explicações; as estatuas são de marmore de Carrara, sendo a mais colossal a da rainha D. Maria I, esculpida em Roma pelo esculptor portuguez José Antonio d'Aguiar, para o monumento que devia erigir-se no largo da Estrella, em Lisboa, á memoria da fundadora da basilica e convento do Coração de Jesus, edificado em 1786.

As estatuas decorativas representam a Europa, Asia, Africa e America; além d'isto estão no Museu do Carmo outras peças do monumento; quatro pedras para o pedestal da estatua principal, sendo uma lisa para se gravar a inscripção dedicatoria, duas com baixos relevos allegoricos da fundação da Academia Real de Marinha e da Casa Pia, e uma segunda pedra com o brazão real. Além d'isto existem no Museu os quatro grandes plinthos das estatuas commemorativas.

De modo que se pode affirmar que o monumento está completo; faltam os degráus e bases de silheria liza.

As estatuas estiveram no telheiro da Ajuda, por 1828-1830; estiveram ainda n'um barracão da Estrella; por occasião do casamento do Sr. D. Pedro V, levaram as quatro estatuas das partes do mundo para um monumento improvisado no Rocio, o do Hymeneu, dirigido por Calmels. Resconi fez as estatuas que estão nas Côrtes, a S. Bento, jardim da Camara dos Pares. O resto do monumento, terminada a festa, foi desfeito a martello.

O primeiro modelo do monumento é de Paulo Ferreira da Costa, modificado depois, pouco, por José da Costa Sequeira. Havia cornijas, cunhaes, e envasamento que não vieram para o Museu do Carmo. É muito possivel que estejam ainda na Ajuda algumas peças, degraos, etc. Algumas peças julga ter ouvido dizer que foram empregadas n'um tanque do palacio da Bemposta.

O Sr. Valentim Correia refere-se ainda ao precioso modelo do monumento, com as estatuas em metal, que se conserva no Museu das Janellas Verdes.

O Sr. Adães Bermudes diz que é preciso saber

o que ha, o que havia, e conhecer ou descobrir documentos. Propõe:

1.º Que se estudassem os documentos;
2.º Se indague se existem mais alguns objectos do monumento;
3.º Que se encarregasse um membro da Commissão de estudar o valor artistico do monumento, e o valor dos objectos offerecidos;
4.º Que outro membro da Commissão fique encarregado de formular um parecer sobre a conveniencia ou inconveniencia de erigir o monumento a D. Maria I;
5.º Que se peça uma planta cotada do jardim da Estrella.

O Sr. Carvalheira: acceita os quesitos do Sr. Sousa Viterbo; sobre a historia do monumento, e parecer; julga que poderá haver impossibilidade material, e talvez pouco util, porque antes de tudo não dever demorar-se a resposta.

O Sr. Bermudes: propõe que se officie accusando a recepção e annunciando o trabalho a que vae proceder a commissão.

O Sr. O'Sullivan; refere-se ao parecer começado a publicar no Boletim, e que está sobre a meza: houve projectos de collocar o monumento ao lado da egreja da Estrella onde está o grupo de palmeiras; em frente da egreja dentro do jardim: ou em frente da egreja, fóra do jardim, recolhendo a grade e fazendo meia laranja, ou telheiro semicircular.

Por fim concordou-se em que se deve conservar o monumento, cedendo todas as peças que estão no Museu do Carmo que lhe pertencem, estatuas, relevos e plinthos.

Sobre o local: o Sr. Carvalheira: perto da basilica.

O Sr. Valentim Correia, no logar da palmeira.

O Sr. Sousa Viterbo: na Estrella, no largo ou no jardim, e não podendo ser ahi em qualquer parte que recorde a influencia de D. Maria I.

O Sr. O'Sullivan: no local antigo (frente da egreja) ou no passeio.

O Sr. Bermudes: em qualquer praça, em face de qualquer das instituições.

O Sr. G. Pereira: dentro do jardim: não vê difficuldade alguma em collocar o monumento dentro do jardim; o mesmo caso se repete frequentemente nos paizes mais cultos; notando ainda que as estatuas estão feitas para ficar um tanto encostadas; não se prestam ao isolamento.

A Commissão concorda em que se deve officiar agradecendo as attenções officiaes e as peças offerecidas pela Camara Municipal em troca.

Em vista do que a Commissão é de parecer que se aconselhe a Camara Municipal a erguer o monumento integro.

Que a Real Associação ceda todas as peças que tem em seu poder:

Que se aceitem as peças offerecidas pela Camara Municipal:

Que a Associação aconselhe a Camara a escolher para o monumento um local proximo da Estrella, ainda mesmo dentro do jardim.

A Assembléa geral, ouvido o parecer da sua commissão especial, approvou unanimemente aconselhar a conservação do monumento integro, officiando-se neste sentido ao Ex.^mo^ Director dos serviços das Obras Publicas.

Doc. n.º 3

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.— Museu do Carmo.— Lisboa.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. — A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes deu toda a merecida attenção ao officio de V. Ex.ª, datado de 6 de fevereiro do corrente anno. O officio de V. Ex.ª foi lido em sessão de Assembléa Geral de 13 de fevereiro; n'esta sessão elegeu-se uma commissão especial para estudar e dar parecer sobre este assumpto. A commissão reuniu se e formulou parecer em sessão de 20 de fevereiro; mas por motivos especiaes, o fallecimento do nosso presidente, etc., só foi presente o parecer na Assembléa Geral de 8 de abril.

A Assembléa Geral mostrou-se muito grata ás attenções de V. Ex.ª

A Assembléa Geral, tendo ouvido e discutido o parecer, e considerando que as peças pertencentes ao projectado monumento a D. Maria I não são só as quatro estatuas representando as partes do mundo, mas a estatua colossal da rainha, os baixos relevos e os plinthos das 4 estatuas, isto é, toda a parte artistica do monumento, conservando-se todas estas peças depositadas no museu do Carmo; resolveu informar a V. Ex.ª:

1.º que é de opinião contraria ao desmembramento de qualquer monumento publico;
2.º que muito convinha que estas peças depositadas no Museu do Carmo fossem todas aproveitadas na conformidade do fim a que eram destinadas, o monumento a D. Maria I.

Deus guarde a V. Ex.ª — Museu do Carmo, 3 de maio de 1896.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Leite Bettencourt, director dos serviços de Obras Publicas.

O vice-presidente, *Valentim José Corrêa.*

Doc. n.º 4

Camara Municipal de Lisboa. — Secretaria. — 1.ª secção. — Serviço central. — Numero dois mil trezentos e cinco. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Tenho a honra de entregar nas mãos de Vossa Excellencia a inclusa copia authentica do officio numero setenta e oito, expedido pela repartição central do Governo Civil de Lisboa em vinte e dois d'abril ultimo, no qual o magistrado administrativo superior do districto participa á Camara Municipal da minha presidencia que, em vista d'um officio do Ministerio do Reino, nenhuma duvida se offerece, por parte d'este Ministerio, em opposição ao pedido de cedencia a este municipio, para ornamentação dos talhões ajardinados da avenida da Liberdade, das quatro estatuas pertencentes ao Estado, que representam as quatro partes do mundo, e que eram destinadas a um monumento que em tempo se projectou erigir á Rainha D Maria I, existentes actualmente no Museu Archeologico da digna direcção de Vossa Excellencia. — A mesma Camara, em sessão de onze do corrente mez, occupando-se d'este assumpto, resolveu encarregar o engenheiro chefe da sua repartição dos passeios, o sr. Antonio Maria de Avellar, de proceder á recepção das referidas estatuas e á transferencia d'estas para os talhões ajardinados em que devem de ser collocadas. — N'esta conformidade rogo a Vossa Excellencia que se sirva designar o dia e a hora em que o mencionado engenheiro póde ir tomar conta das estatuas e dar ordem á remoção d'ellas para os logares designados. — Deus Guarde a Vossa Excellencia. Paços do Concelho, dezenove de junho de mil oitocentos noventa e seis. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente da Direcção do Museu Archeologico, estabelecido no edificio do extincto convento do Carmo de Lisboa. — O Vice-Presidente, *Amandio Eduardo da Motta Veiga.*

Camara Municipal de Lisboa — Secretaria. — Primeira secção. — Serviço central. — Copia. — Governo Civil do Districto de Lisboa. — Repartição central. — Numero setenta e oito. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Ácerca do assumpto de que trata o officio de Vossa Excellencia, numero mil duzentos quarenta e sete, de dez do corrente, devo dizer a Vossa Excellencia, em presença d'um officio do Ministerio do Reino, que por parte d'esta Secretaria de Estado nenhuma duvida se offerece em opposição ao pedido feito pela Camara da digna presidencia de Vossa Excellencia, da cedencia de quatro estatuas, pertencentes ao estado, que existem no Museu Archeologico do largo do Carmo, entregando a Camara em troca e com destino ao Museu das Janellas Verdes alguns objectos de maior valor archeologico, a que o sobredito officio se refere. — Deus guarde a Vossa Excellencia. Lisboa, vinte e dois de abril de mil oitocentos noventa e seis. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente da Camara Municipal de Lisboa. — O Conselheiro Governador Civil interino, *Eduardo Segurado.* — Está conforme. — Paços do Concelho, dezenove de junho de mil oitocentos noventa e seis. — O secretario da Camara, *João Carlos de Sequeira e Silva.*

Está conforme. Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, Museu do Carmo, Lisboa, cinco de julho de 1896. O segundo secretario, *Eduardo Augusto da Rocha Dias.*

Doc. n.º 5

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — Museu do Carmo, Lisboa.

Ex.^mo^ *Sr.* — Em resposta ao officio de V. Ex.ª n.º 2:305, de 19 de junho proximo passado, tenho a honra de informar a V. Ex.ª que em assembléa geral d'esta Real Associação, de 28 do mesmo mez, foi lido o referido officio, resolvendo-se participar a V. Ex.ª que o Ministerio das Obras Publicas, a cujo cargo estão os Monumentos, e que em nome da Camara Municipal de Lisboa, iniciou a entrega das estatuas do projectado monumento a D. Maria I, consultando esta Real Associação sobre este assumpto, ainda não respondeu á exposição que lhe dirigimos, o que nos impede de resolver de prompto a cedencia das quatro estatuas, o que seria falta de deferencia para com este Ministerio.

Deus guarde a V. Ex.ª — Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Presidente da Camara Municipal de Lisboa.

Doc. n.º 6

Camara Municipal de Lisboa. — Serviço geral de Obras Publicas — 2.ª Repartição. — Officio n.º 138.

Ill.^mo^ *e Ex.*^mo^ *Sr.* — Tendo sido encarregado pela Ex.^ma^ Camara de receber as 4 estatuas existentes no Museu do Carmo, que eram destinadas ao monumento projectado em tempo a D. Maria I, as quaes foram cedidas pelo Ministerio do Reino a fim de se collocarem nos talhões da Avenida da Liberdade, rogo a V. Ex.ª se sirva indicar-me a pessoa, que tem de proceder á entrega e assignar o respectivo auto.

Deus guarde a V. Ex.ª — 2.ª Repartição, 25 de junho de 1896.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Director do Museu Archeologico do Carmo. — O Engenheiro-chefe, *Avellar.*

Doc. n.º 7

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Assembléa Geral em 28 de junho de 1896, no Museu do Carmo, pela uma hora da tarde.

Presentes os ex.mos srs. Valentim Corrêa, O'Sullivand, Zephyrino Brandão, Sousa Viterbo, Cavalleiro e Sousa, Ganhado, Felix da Costa, Rosendo Carvalheira, Adães Bermudes, Rocha Dias e G. Pereira.

Entrando-se na ordem do dia, a respeito das estatuas das partes do mundo, pertencentes ao monumento de D. Maria I, foi presente a ultima correspondencia, lendo-se os officios da Camara de Lisboa, do Governo Civil e do engenheiro Avellar.

O sr. presidente Valentim Corrêa expoz os factos. O officio da Associação, resposta ao do Ministerio das Obras Publicas, foi entregue. O ministro das Obras Publicas mandou que ficasse esperado para exame.

O sr. Z. Brandão vê nas palavras do officio do Governador Civil, que não se insiste nem se aconselha a dispersão do monumento a D. Maria I. O officio da Associação ao Ministerio das Obras Publicas não teve resposta. Propõe que se dirija officio ao ministro das Obras Publicas pedindo resolução, e que se remettam copias dos primeiros officios á Camara de Lisboa. É preciso prevenir a Camara de que falta a resposta do Ministerio das Obras Publicas, que iniciou este negocio. Pergunta porque seria que a Camara se desviou do caminho do Ministerio das Obras Publicas para o do Ministerio do Reino.

O sr. dr. Sousa Viterbo refere se a officios de Pina Manique, noticiando a chegada do monumento a Lisboa; era considerado *chefe de obra prima*, é a expressão de Pina Manique, o esculptor *Aguiar* foi alumno da Casa Pia e foi para Roma, para o collegio alli fundado por D. Maria I; foi alli que lavrou as estatuas e relevos do monumento. As pedras foram a Genova e d'alli por mar vieram a Belem O monumento vinha completo, Pina Manique dá a entender que o monumento iria para o paço de Belem ou para Queluz.

É da opinião do sr Z. Brandão. Talvez fosse conveniente dizer alguma cousa mais aspera á Camara; houve indelicadeza. Approvou o systema proposto pelo sr. Brandão.

O sr. A. Bermudes repugna-lhe a idéa de truncar o monumento; repugna-lhe como artista e socio d'esta Associação. Que se deve responder á Camara que esta Associação espera a resolução do Ministerio das Obras Publicas. Deseja que se conserve o monumento na sua integra e se colloque n'um sitio qualquer da capital.

O sr. Z. Brandão congratula-se pela communicação do sr. Sousa Viterbo; é um argumento mais a favor da conservação do monumento. Parece-lhe conveniente que se informe o director geral de Instrucção Publica sobre o que se passa, porque provavelmente nada sabe, e que de certo aconselhará a erecção do monumento, tão barato de erguer.

O sr. Cavalleiro e Sousa associa-se á opinião do sr. Z Brandão.

O sr. Carvalheira: as estatuas são parte de um todo. A Associação só por imposição deve ceder. A permutação foi proposta pela Camara, e agora annuncia-se a ida dos objectos promettidos para as Janellas Verdes. É um crime de lesa arte.

Por fim resolveu-se que se officiasse á Camara, participando que se está em correspondencia com o Ministerio das Obras Publicas que iniciou este negocio, considerando ser este Ministerio o encarregado do serviço dos Monumentos Publicos.

O sr. Adães Bermudes propõe que uma commissão acompanhe a exposição ao Director das Obras Publicas. Resolveu-se que a Meza constituisse esta Commissão.

Ficou por tanto assente que se dirigissem os esclarecimentos necessarios ao Ministerio das Obras Publicas, ao Director de Instrucção Publica, e se officiasse á Camara Municipal, participando simplesmente o estado da questão entre a Associação e o Ministerio das Obras Publicas.

Levantou-se a sessão pelas 3 horas da tarde.

Doc. n. 8

Para o Ministerio do Reino.

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Reipeitosamente venho expôr a V. Ex.a o seguinte:

A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, enviou em 3 de maio do anno corrente, um officio ao Ministerio das Obras Publicas em resposta a um officio-consulta, datado de 6 de fevereiro, por ella recebido, em que se lhe perguntava o que a mesma Associação entendia sobre a cedencia á Camara Municipal de Lisboa das quatro estatuas componentes do monumento a D. Maria I, recebendo a Associação, a titulo de troca, varios objectos de valor archeologico, taes como as peças da *fonte samaritana*, uma pedra esculpida da antiga egreja de Santa Catharina, etc., que a Camara possue e julgava então prestaveis para o Museu Archeologico do Carmo,

Esta Associação expôz no mencionado officio o que entendeu, depois de ouvida a sua commissão especial e a Assembléa geral, sobre a cedencia proposta, ponderando as circumstancias que a levaram a aconselhar a conservação das mesmas estatuas, para o fim a que são destinadas (o monumento a D. Maria I), estatuas que á mesma Associação foram em tempo concedidas como deposito.

Em 20 de junho proximo passado, esta Associação recebeu um officio da Camara Municipal acompanhado de copia d'outro do Ex.mo Governador Civil, em que, por assim dizer, se determinava a entrega, por parte d'esta Associação á mesma Camara, das referidas estatuas.

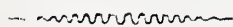
A Associação, professando o maior respeito pelos poderes publicos, comtudo não póde occultar que tem duvidas em proceder á entrega, attendendo a que não veiu essa determinação da instancia competente, que julga ser o Ministerio das Obras Publicas, visto tratar-se de peças referentes a um monumento, e mesmo porque á ordem d'esse Ministerio é que foram ellas depositadas no Museu.

Dá-se mais a circumstancia de que, tendo esta Associação recebido por parte do Ministerio das Obras Publicas o mencionado officio-consulta, officio expresso nos mais correctos termos, e manifestando para esta Associação disposições amaveis que muito a penhoraram, não podia nem devia esta deixar de cumprir o que julgou imprescindivel dever, dirigindo-se novamente áquelle Ministerio no intuito de esclarecer e definir a sua situação n'este caso, de fórma a resolver em conformidade com as boas praxes e correcção devida.

Por isso, na expectativa de resposta, affirmativa ou negativa, do Ministerio das Obras Publicas, com referencia á sahida das quatro estatuas, esta Associação aguarda respeitosamente a solução do presente assumpto, e que lhe seja communicada por este Ministerio.

Deus guarde a V. Ex.a — Lisboa, Museu do Carmo, 10 de julho de 1896.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Director Geral de Instrucção Publica. — Pelo Presidente, *Valentim José Corrêa.*

(Identico para o ex.mo Director dos serviços das Obras Publicas).

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno», de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 7)

Aveiro — cidade. — Na egreja de Fermedo uma inscripção. — Em outubro de 1873, nas excavações feitas para o assentamento dos alicerces do chafariz, encontrou-se grande quantidade de antigas moedas de bronze, que se reconheceu serem *reaes* ou *fortes* mandados cunhar por el-rei D. Fernando I e cujo valor varia de 10 a 20 soldos. — Forte da barra, muito antigo. — Conventos: de N. Sr.a da Misericordia, de frades dominicos, fund. pelo infante D. Pedro em 1443; — de Jesus, de freiras dominicas, fund. por D. Affonso V; — de frades franciscanos (Antoninhos) da provincia da Soledade, fund. em 1524 por João Martins de Gafanhão e sua mulher; — de frades carmelitas, fund. em 1613 por D. Brites de Lara, a qual jaz na capella-mór em rico mausoléo de jaspe de varias côres; — da Madre de Deus (ou de Sá) de freiras franciscanas, fund. com esmolas do povo; — de freiras carmelitas (de S. João Evangelista), fund. por D. Raymundo de Alencastre. Recolhimento de S. Bernardino, de Terceiros de S. Francisco. — Na praia de S. Jacintho ha uma elegante capella de fórma polygonal, dedic. a N. Sr.a das Areias. — *O Districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Memorias de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Jornal de Coimbra*, n.º 7; *Occidente*, vol. IV, pag. 131; V, 173, 179, 187, 205, 212, 238; VII, 251; XI, 8; XII, 2, 195; XIII, 115; «Scholia Jacobi Mœnctii Vasconcelli in quatuor libros Resendii» (*De antiquitatibus Lusitaniae.* Conimbricæ, 1790); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Rezende. Evora, 1593, fl. 71; *Hist. de S. Domingos*, 2.a parte, vol. III; 4.a parte, vol. V; Capella do Senhor das Barrocas, *Occidente*, XVIII, 48; *Branco e Negro*, n.os 8 e 36, 1896; *Catalogo da exposição de arte religiosa* que se celebrou no collegio de Santa Joanna Princeza, em Aveiro, no anno de 1895, elaborado pelo sr. Marques Gomes e com uma apreciação da mesma exposição pelo sr. Joaquim de Vasconcellos; *Apontamentos de geologia agricola*, pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 105, 110 e 115.

Avelans de Cima — villa, conc. de Anadia. — Egreja de N. Sr.a das Neves, que em 1270 principiou a ser construida com muita sumptuosidade, ficando por acabar.

Avintes — freg., conc. de Gaia. — Mosteiro *duplex* da ordem de S. Bento, dedic. a S. Martinho e fund. em 900 por Gundezindo e sua filha Adozinda. Passou a commendatarios — *Ponte do Cadeado*, *Ponte Velha sobre o Febros* no *Occidente*, vol. XI, pag. 169 e 209; *Archivo Pittoresco*, vol. I.

Aviz — villa e concelho — Inscripção n'uma pedra sobre a porta principal da villa, que primitivamente foi uma fortaleza. Tem cinco torres e seis portas. — Na egreja do convento está a sepultura de D. Fernão Rodrigues Sequeira. — Convento de freiras da ordem militar de S. Bento de Aviz, fund. em 1226 pelo terceiro mestre da Ordem, Fernandeannes. — *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Relat. e mappas ácerca dos edif. que devem ser consid. mon. nac.*; *Archivo hist.*, vol. I; *Noticias das antiguidades prehist. do conc. de Aviz* pelo sr. M. de Mattos Silva no *Archeologo Portuguez*, 1895, n.º 5.

Avô — villa, conc. de Oliveira do Hospital. — Ruinas de um castello que foi reedif. por el-rei D. Diniz. — Vestigios de um mosteiro de templarios;

capella de architectura gothica. — *Mem. hist. chorog. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco.

Ayre — serra da Estremadura — *Olho de Mira*, extensa gruta. — *Algar do Cabeço dos Pombos*, grande rochedo com algumas lapas. — *Pia Carneira, Lapas, Penedo do Padrão.* — *Panorama*, vol. III, pag. 104.

Ayró — serra (Minho) — Vestigios de antigo castello n'um outeiro chamado *Crasto.* — *Archeologo Portuguez* n.os 6 e 7, vol. II.

Ayró e **Varzea** — freg., conc. de Barcellos. — Egreja muito antiga.

Azambuja — villa e concelho. — *Archivo historico*, vol. I; *L'homme tertiaire en Portugal* par M. Carlos Ribeiro no *Compte rendu* do *Congrès international d'anthropologie*, etc., pag. 81.

Azeitão ou **Villa Nogueira** — villa, conc. de Setubal. — Palacio dos duques d'Aveiro. — Misericordia fund. em 1622 por D. Affonso de Alencastre, e hospital fund. em 1640 pelo padre Pedro de Mesquita Carneiro. — Convento de frades de S. Domingos (Santa Maria da Piedade) fund. em 1435 por Estevam Esteves e sua mulher Maria Lourenço, ambos d'Azeitão. — *Historia de S. Domingos*, 2.ª parte, vol. III; 4.ª parte, vol. V; *Memoria sobre a hist. e administ. do municipio de Setubal*, pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 162.

Azeitão (Villa Fresca de) — freg., conc. de Setubal. — Matriz fund. em 1570 por um filho bastardo do grande Affonso d'Albuquerque.—Casa em fórma de castello, imitando a fortaleza de Ormuz, que este heroe tomou em 26 de março de 1515. — *Villa de Azeitão* por Th. A. Villa Nova Portugal nas *Mem. econom. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa*, T. III; *Azeitão*, artigo do sr. Antonio Maria de Oliveira Parreira no *Diccionario Geographico Universal.*

Azere — freg., conc. dos Arcos de Val de Vez. — Convento de frades bentos, denominado de S. Cosme e S. Damião, que já existia em 568. Pelos annos de 1584 passou a commendatarios seculares. — Ruinas de um castello que se diz ter sido construido pelos *mouros.* Estrada subterranea que conduz ao rio. — *Castello de S. Miguel o Anjo de Azere*, pelo sr. dr. F. Alves Pereira, no *Archeologo portuguez*, vol. I, n.º 6, pag. 161; *O Minho Pittoresco*, T. I, 318.

Azevedo — freg., conc. de Caminha. — Esta povoação foi primitivamente no sitio onde está a capella de *N. Sr.ª das Barracas.* — Vestigios de edificios.

Azias — freg., conc. de Villa Verde. — Teem aqui apparecido medalhas de cobre, quasi todas do tamanho de um tostão em prata, com os bustos e legendas de varios imperadores romanos.—Egreja matriz reedific no principio do sec. XVII. — Capella de S. Sebastião, construida no sec. XIV e outra, da invocação do Bom Jesus, em 1700.

Azinhaga ou **Azenhaga** — freg., conc. de Santarem. — Ruinas de um templo sumptuosissimo e de uns paços, cuja fundação se attribue ao infante D. Fernando, o Santo.—Capella de Santo Antonio.

Azinhoso — villa, conc. de Mogadouro. Egreja matriz de boa architectura: segundo a tradição, foi egreja dos templarios. Tumulo com inscripção em portuguez. — Sanctuario de N. Sr.ª de Azinhoso; parece que é anterior á invasão dos arabes em Portugal. — Misericordia e hospital fund. em 1647 por Martim Sociro d'Athaide.

Azoeira ou **Azueira** — villa, conc. de Torres Vedras. — Albergaria instituida pela rainha Santa Izabel. — *Corpus* — *Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 23.

Azões — freg., conc. de Villa Verde. — Vestigios de um reducto.

Azoia — freg., conc. de Leiria. — Nicho de marmore com a imagem de Santa Catharina. Está junto a uma lapida com inscripção em portuguez. — Parte do pedestal da cruz de S. Thomé.—Cruzeiro dedic. a S. Silvestre, nas vinhas entre *Alcugulhe* e *Valle do Horto.* — Alicerces de edificios e pedras com inscripções illegiveis, na aldeia de S. Sebastião do Freixo.

Azoia de Baixo — conc. de Santarem. — *Occidente*, vol. XI, pag. 154.

Azulejos (Quinta dos), termo de Lisboa. — Palacio onde passavam alguns dias de verão a rainha D. Maria I e a côrte. — Deriva o seu nome dos azulejos que ornam as paredes, representando scenas biblicas e mythologicas.

Azurara ou **Zurara** — freg., conc. de Villa do Conde. — Misericordia e hospital, fund. em 1516. — Convento de frades capuchos, fund. em 1518 por fr. João Chaves. — Egreja matriz em estylo manuelino. — Antiquissima capella de N. Sr.ª das Neves. — Ermida do Espirito Santo, coroada de ameias.—«Topographia da esclarecida e nobre freguezia do Salvador de Arvore, ou antiguidades da milagrosa imagem de N. Sr.ª dos Neves, da villa de Azurara, por Francisco Pereira da Cruz, Lisboa, 1759».

Azureira ou **Azurei** — freg., conc. de Guimarães. — Uma torre.

Badamallos, ou **Badamalhos**, ou **Villar Maior** — villa, conc. do Sabugal. — Fortim desmantellado.

Badim — freg., conc. de Valladares. — Uma torre.

Bagunte — freg., conc. de Villa do Conde. — N'um alto monte chamado da *Cividade*, é tradição ter havido uma cidade e fortaleza de *mouros.* Acima da ponte dos *Arcos*, vestigios de fortificações communicando com a *Cividade* por meio de estradas cobertas.

Bairros — freg., conc. de Castello de Paiva. — Sumptuoso chafariz na quinta da *Fraga.*

Balança — freg., conc. de Terras do Bouro. — Marcos milliarios, um dos quaes tinha inscripção romana.

Balazar — freg., conc. de Guimarães. — Vestigios de fortaleza mourisca no monte da Falperra. — Capella de Santa Maria Magdalena, edificada em 1752.

Baldreu — villa, conc. de Villa Verde. — Matriz antiquissima, notavel pela architectura; arco cruzeiro ogival. — Capella de Santo Antonio de *Mouchões da Serra.* — Convento de cruzios, fund cerca do anno de 1250, por D. Ourigo Velho da Nobrega.

Baleeira — aldeia, freg. de N. Sr.ª da Graça, termo de Sagres. — Um forte.

Baleizão — freg., conc. de Beja. — Encontraram se aqui, no principio do seculo passado, um cippo com uma inscripção latina, e um monumento fu-

nerario de marmore cinzento, em fórma de pipa. Este foi para Evora em 1868, tendo antes estado no *Museu Sisenando*, de Beja. — *Corpus — Inscrip. Hispan. Latin.*, vol. II, 8.

Baltar — villa, conc. de Paredes — Monte em cuja circumferencia de mais de tres kilometros se veem ruinas e alicerces de um muro. — Restos de uma torre no logar de Fagilde. — *O Minho Pittoresco*, T. II, 578.

Baltar de Cabril — freg., conc de Castro Daire. — Matriz que foi convento de freiras até 1485. Ainda se conservam os claustros

Balugães, — freg., conc. de Barcellos. — Vestigios de cidade romana.

Bandavizes, ou **Bendavizes**, ou **Vendavizes** — aldeia, conc. de Vouzella. — Torre e outros monumentos do tempo dos *mouros*.

Banho — freg., conc. de Barcellos. — Convento de cruzios, fund. cerca dos annos de 1070 a 1096 por D. Pedro, arcebispo de Braga. Passou em 1566 a commenda de Christo.

Banho (Thermas da Rainha D. Amelia) — villa, conc. de S. Pedro do Sul. — Na quinta da Cavallaria ha um castello feito no seculo XII. — Mosteiro de *Santo Agostinho da Sobrepeliza*. — Porta ogival da capella de S. Martinho. — *Arte portugueza*, n.º 1, art. do sr. F. E. de Serpa Pimentel; *Caldas de Lafoens*, por Joaquim Baptista de Sousa, manuscripto da *Biblioth. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa*; *Occidente*, vol. VII, 212; X, 59; *Branco e Negro*, n.º 13.

Barão e **Budens** — freg., conc. de Villa do Bispo. — Em Budens ha duas fortalezas pequenas, a de *Almadena* e a de *Santa Cruz da Figueira*. — — Encontrou se nas ruinas de Almadena, que alguem suppõe ter sido templo de Hercules, uma moeda de cobre do imperador Nero.

Barbacena — villa e concelho. — Castello do tempo de D. João III.

Barbara (Santa) — serra, conc. de Alcoutim. — Vestigios de fortificações antiquissimas e um pequeno castello desmantellado.

Barbara (Santa) freg., conc. de Borba. — Tapada em que ha dois paços reaes (de D. Duarte e D. João I).

Barbeita - freg., conc. de Monsão. — Uma torre. — Cruzeiro ou padrão com a imagem de S Thiago, na *Ponte do Mouro*. — Capella do *Senhor do Mouro*.

Barbosa — logar do conc. de Penafiel. — Paço acastellado.

Barbudo freg. annexa á de Parada, conc. de Villa Verde. — Uma torre. Ha outra na *aldeia de Real*.

Barca d'Alva — aldeia, freg. de Escalhão, conc. de Figueira de Castello Rodrigo. — Castello em ruinas. — Inscripção romana que está na fronteira da capella. — *O Douro Illustrado*, pelo visconde de Villa Maior; *Cousas leves e pesadas*, por Camillo Castello Branco, 2.ª ed., pag. 69.

Barcarena freg., conc. de Oeiras. — Fabrica de armas (*Ferrarias d'el-rei*) e outra de polvora, fund. no reinado de D. Manuel. — *Estudos prehistoricos em Portugal: noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*, por Carlos Ribeiro. 1.ª parte: *Noticia da estação humana de Lisboa, nas visinhanças de Barcarena*.

Barcellinhos — freg., conc. de Barcellos. — Inscripção da fonte de Ninães. — Antiga capella, octogona, de N. Sr.ª da Ponte, toda forrada de azulejos. — *Memoria historica da villa de Barcellos, Barcellinhos e Villa Nova de Famalicão*, por Domingos Joaquim Pereira (Vianna, 1867). *Supplemento para unir á memoria historica* (1872).

Barcellos — villa e concelho. — Torre coroada de ameias e com janellas ogivaes. — Ruinas do palacio de D. Affonso, 1.º duque de Bragança. — Matriz fund. por D. Fernando I, duque de Bragança. — Misericordia e hospital do tempo do rei D. Manuel. — Egreja e recolhimento do Menino Jesus, fund. em 1730 Foi depois convento de freiras benedictinas. — Egreja do Senhor da Cruz, no *Campo da Feira*, edific. em 1505 (?) - Convento de frades de S. Francisco, principiado em 1649, com esmolas do povo; é onde está o hospital. — *Noticia descriptiva da muito nobre e antiga villa de Barcellos*, por A. M. do Amaral Ribeiro (Barcellos, 1866); *Critica á noticia de Barcellos*, por Manuel Forte de Sá (Idem, id.); *Memoria historica*, cit. em **Barcellinhos**; *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Guia do caminho de ferro do Minho* (de *Nine a Valença*) pelo sr. dr. Figueiredo da Guerra; *Materiaes para a archeologia do concelho de Barcellos*, pelo sr. dr Martins Sarmento; *Tratado panegyrico em louvor da villa de Barcellos, por rezam do apparecimento de cruzes que n'ella apparecem*, por Fr. Pedro de Poyares. (Coimbra, 1672); *Paços dos Duques de Bragança*, *Occidente*, XII, 130; *Archeologo portuguez*, T. I, n.º 1, pag. 18, 20 a 28.

Barco — freg., conc. da Covilhã. — No cimo do monte *Argemella* as ruinas de um *castro*.

Barcos - villa, conc. de Taboaço. — Egreja matriz fund. em 1500.

Barcouço — freg., conc. da Mealhada. — Egreja antiquissima, em cuja porta principal ha uma inscripção, parte em latim, parte em portuguez. — Vestigios da primitiva matriz.

Barnabé (S.) — freg., conc. de Almodovar. — Egrejas de S. Barnabé e Santa Suzanna (seculo XVII?)

Barqueiros — villa, conc. de Mesão Frio. — Torre *do Pilar* e, no rio Douro, os restos de dois grandes pilares que serviram de fundamentos aos arcos de uma ponte que a rainha D. Mafalda mandou fazer no meiado do sec XII. — Pelourinho. — *O Douro Illustrado*, pelo visconde de Villa Maior; *Pontes romanas em Portugal*, pelo sr. dr. Pedro A. Ferreira, no *Bol. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, T. V, n.º 12, 182.

Barreiro — villa e concelho. — Convento da *Verderêna*, de frades arrabidos. — Misericordia e hospital fund. em 1560. — *Memoria historica e descriptiva da villa do Barreiro*, pelo sr. José Augusto Pimenta (Lisboa, 1886); *Opusculos* de Alexandre Herculano, T. III, pag 66.

Barro aldeia, termo de Lisboa, freg. de Loures. Inscripção latina sobre a porta de uma quinta.

Barró - freg., conc de Rezende. — Matriz antiquissima e restos de uma ponte que se suppõe ter sido concluida pela viuva de D. Affonso I, ou por seu filho D. Sancho I. — Convento de freiras franciscanas, fund. em 1680 pela religiosa Marianna da Madre de Deus

Barroca d'Alva — freg. de S. João Baptista, conc. de Alcochete. — Capella de *Santo Antonio da*

Ursa. E' circular e cercada por um muro ameiado.

Bartholomeu (S.) — freg., conc da Lourinhã.— Egreja construida em 1722.

Bartholomeu (S.) de Messines — freg., conc. de Silves. — *Occidente*, XVIII, 64.

Bartholomeu dos Gallegos (S.)—freg., conc. da Lourinhã. — Convento de gracianos, onde hoje é a quinta de *Fonte Real.*

Baságueda — rio, conc. de Penamacor. — Ponte de cantaria, com cinco arcos, nos limites de Penamacor.

Basto (Santa Senhorinha) — freg., conc. de Cabeceiras de Basto. — Egreja muito antiga. Sepulturas de Santa Senhorinha, S. Gervasio e Santa Godina. — *Memorias resuscitadas da provincia de Entre Douro e Minho,* por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck.

Bastuço (Santo Estevão) — freg., conc. de Barcellos. — Vestigios de um castello, no monte *Ayró.*

Bastuço (S. João Baptista) — freg., conc de Barcellos. — Vestigios de construcções antiquissimas no sitio da capella de S. Silvestre.

Batalha — villa e concelho. — Convento de Santa Maria da Victoria (frades dominicos). — Capella de S. Jorge, mandada edificar por D. Nuno Alvares Pereira. — *Relatorio e mappas acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Memoria inedita ácerca do edificio monumental da Batalha*, por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque. — *Plans, elevations, sections and views of the church of Batalha, in the province of Estremadura in Portugal, with the history and description by Fr. Luiz de Sousa, with remarks. To wich is prefixed an introductory discourse on the principles of gothic architecture by* James Cavanah Murphy (antiquario e architecto inglez); *illustrated with 27 plates*; *O mosteiro da Batalha em Portugal*, pelo visconde de Condeixa; *Monumentos de Portugal hist., artist. e archeologicos*, por Vilhena Barbosa; *Panorama photographico de Portugal*, do sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro (1872-74); *Resumo da fundação do real mosteiro da Batalha e dos tumulos reaes e particulares que ali existem* (Alcobaça, 1890); *Memoria historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria*, nas *Obras completas do cardeal Saraiva*, T. I, pag. 271; *O mosteiro da Batalha*, por Luiz Augusto Rebello da Silva, no *Archivo Universal*, T. III, pag. 177 a 179; *A capella do fundador*, por J. M. Latino Coelho, na *Arte*, 1879, pag. 105; *Varias antiguidades de Portugal*, por Gaspar Estaço; *Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*, par le chevalier J. P. N. da Silva; *Etude sur quelques monuments portugais d'après des notes de M. le C.r da Silva, architecte*, par MM. Paul Sédille et Charles Lucas, architectes; *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, T. III, n.º 6, pag. 87; T. V, n.º 2 e 3, pag. 29 e 39; *La société royale des Architectes civils et Archéologues portugais et cinq plans des principales églises du Portugal* (Alcobaça, Batalha, Braga, Porto, Lisboa) pelo sr. Possidonio da Silva; *Notes de M. C. Lucas (Extrait du compte rendu sténographique du Congrès international des architects. Palais des Tuileries,* 3 *août* 1878) *Paris,* 1881; *Le monastère de Notre Dame de la Victoire. A Batalha. Portugal.* Excursion par Eduardo Coelho (1885); *Panorama*, 1840, pag. 9, 23, 27, 1852, pag. 189; *Occidente*, vol. II, pag. 1, III, 48, IV, 182, 191, VII, 246, 254, 271, VIII, 15 e 23, X, 125, 236, 246, 278, XII, 117, XVII, 71, 203; *Opusculos* de A. Herculano, T. II (*Monumentos patrios*); *Universo Pittoresco*, T. I, pag. 65, II, 145, 225, III, 33, 129, 261; *Historia de S. Domingos*, 1.ª parte, vol. II; *Portugal e os Estrangeiros*, T. I, pag. 318, 511, II, 104, 245; *Litterat., musica e bellas-artes*, por José Maria de Andrade Ferreira, T. II, pag. 89; *O culto da arte em Portugal*, pelo sr. Ramalho Ortigão, *passim.*

Bayões — freg., conc. de S. Pedro do Sul. — Ruinas dos mouros de uma *atalaia dos mouros*, proximo da capella da Senhora da Guia.

Beato Antonio — freg., termo de Lisboa. — Na egreja d'este convento, que foi construida em tempo de D. Sebastião, e que é hoje uma importante fabrica pertencente á firma João de Brito, estiveram (ou estão ainda?) os tumulos da infanta D. Catharina e dos antigos condes de Linhares. Junto á egreja estava o *Embrexado.* — Convento de agostinhas descalças (grillas). Idem da congregação de S. João Evangelista, fund. por D. Izabel, mulher de D. Affonso V (1480). — *Lisboa antiga*, pelo sr. visconde de Castilho (Julio), T. VII.

Béco — freg., conc. de Ferreira do Zezere. — Egreja arruinada, com vestigios de convento de monges benedictinos (?)

Beduido ou **S. Thiago de Beduido** (hoje **Estarreja**) — na parede da egreja matriz tem uma inscripção em portuguez.

Beirolias — aldeia, perto dos Olivaes — um forte.

Beja — cidade. — Castello e torre de menagem, do tempo de D. Diniz. Aqueducto, chamado a *Porta do Sul*, e restos de edificios romanos. — Na egreja de Santa Maria, em uma pedra que serve de degrau da escada para a torre, ha uma inscripção em latim. — Teem aqui apparecido muitas antiguidades gregas, romanas e arabes, com as quaes o bispo D. Frei Manuel do Cenaculo, organisou um museu, que depois levou para Evora, quando foi nomeado arcebispo d'esta diocese. — Quatro egrejas matrizes muito antigas. — Pelourinho, de architectura manuelina. — Ruinas dos paços construidos em 1310. — Convento de Santa Victoria, da ordem de N. Sr.ª da Mercê, fund. em 1300 pela rainha Santa Izabel. Esta mesma rainha fundou em 1324 o convento de franciscanos. — Outros conventos: — de carmelitas calçados, fund. em 1526 por D. Ruy Lopes Godins, camareiro mór e veador de D. João III; — de frades capuchos de Santo Antonio, edific. em 1609 á custa do povo; — de N. Sr.ª da Conceição, de freiras franciscanas, fund. em 1467 pelos paes do rei D. Manuel, que jazem na capella mór da egreja; — de Santa Clara, de freiras franciscanas (anno de 1340); — de N. Sr.ª da Esperança, de freiras carmelitas calçadas (anno de 1541). — Collegio de S. Sisenando, de frades jesuitas (1670). N'este edificio acham-se varios objectos romanos. — *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Relatorios e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archivo historico*, vol. I; *Collecção de alguns escriptos administrativos do governador civil do districto de Beja, o sr. José Silvestre Ribeiro, no anno de* 1845, por Antonio Cordeiro Feio (Lisboa, 1845); *Memoria ácerca do*

bispado de Beja, pelo sr. Antonio José Boavida, vigario capitular do mesmo bispado (Lisboa, 1880); *Introducção á archeologia da peninsula iberica*, por A. Filippe Simões; *Vida de S. Sisenando e historia de Beja, sua patria*, por D. Fr. Manuel do Cenaculo (cod. da Bibliotheca de Evora, CXXIX, 1-9); *Relatorio da commissão dos monumentos nacionaes, apresentado pelo seu presidente em 1884; Noticias archeologicas de Portugal*, por E. Hübner; *Catacumbas: miscellanea* archeologica, bibliographica, numismatica, poetica, epigraphica, etc., etc., reunida pelo sr. Antonio Francisco Barata. (Evora, 1883. Sómente até pag. 72); *Dialogos de Christovão Rabello de Macedo*, escriptos em 1625 por Fr. Francisco de Oliveira. Manuscripto da *Bibliotheca Municipal Portuense*, codice n.º 104. Estes *Dialogos* foram, a pedido do rev abbade de Miragaya, sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, publicados no *Bejense*, com o titulo de *Peregrinos de Beja: Carta de João Maria Nogueira* ao padre Manuel Xaro, no *Panorama* de 1854; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.*, por E. Hübner, vol. II, pag. 8, 13, supp. 804, 1:028; *Epitome historico da cidade de Beja*, pelo dominicano Fr. Francisco de Oliveira; *Antiguidades da cidade de Beja e da sua fundação*, por José Gago da Silva, 1745; *Collecção dos monumentos romanos descobertos em Portugal e extrahidos de varios auctores, e Monumentos da egreja de Beja*, por Fr. Vicente Salgado; *Memoria para servir de illustração ao desenho das ruinas de uma estatua descoberta em Beja, que se disse ser de Cybéles*, por Manuel José Maria da Costa e Sá, no *Bol. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, T. V, n.º 10, pag. 154; *A capella dos tumulos no ex-convento de S. Francisco, Occidente*, vol. I, pag. 163; *Das antiguidades de Beja*, no *Panorama*, 1853, pag. 199; *Camara municipal de Beja: Museu archeologico*. (Em fasciculos). Beja, 1894-1895; *Archeologo Portuguez*, n.º 4, artigo do sr. José Umbelino Palma, pag. 110; *Revista Archeologica*, I, n.º 12; III, pag. 180; *Portas romanas*, artigo do sr. Gabriel Pereira, no *Bolet. da Real Assoc. dos Archit. e Arch. Portug.*, T. VII, n.º 2; *De antiquitatibus Lusitaniae*, por André de Rezende. Evora, 1593, fl. 199; *Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 2, pag. 52; *Egreja do Salvador, Panorama*, 1856, pag. 204; Inscripção funeraria do Museu de Beja, *Archeologo Portuguez*, T. I, n.º 9, pag. 252; *Descripção da torre de Beja*, por Francisco de Paula Ferreira da Costa (*Panorama*, n.º 52 de 1842); *Archeologo Portuguez*, T. I, n.º 10, pag. 260, 61, 265, 280, n.ºs 11 e 12; Inscripções romanas do Museu, *Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 3, pag. 80, n.ºs 6 e 7, 8 e 9; *O culto da arte em Portugal*, pelo sr. Ramalho Ortigão, pag. 170; *Apontamentos de geologia agricola*, pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 115 e 165.

(Continúa)

O CLERO E A ARCHEOLOGIA

Circular do rev.mo Arcebispo de Evora

Ill.mo e Rev.do Sr.

Um dos mais graves problemas de administração que solicitam o attento estudo e adequadas providencias dos poderes publicos, é o da *emigração*, — cancro, que depaupera as forças vitaes do paiz, — miragem, que, illudindo com fallazes promessas de rapido e quasi prodigioso enriquecer os ingenuos habitantes das aldeias, os precipita geralmente na miseria e doença, e muitas vezes na morte ao desamparo em terra extranha e longe da familia.

Sustar totalmente o curso d'esta torrente, sobre impossivel, seria acaso ainda mais funesto. O que importa, e o que o Governo tem procurado, é desviar ao menos uma parte d'ella para as nossas possessões ultramarinas, onde ha regiões menos insalubres e não menos ferazes que as do Brazil, — e sobretudo esclarecer e acautelar os povos, para não serem victimas dos engajadores, que especulam com a ambição credula dos trabalhadores ruraes.

No intuito de reprimir esses manejos e de cohibir a emigração clandestina, foi creado um corpo de policia especial, cujos serviços foram determinados pelo Regulamento de 3 de Julho ultimo. O artigo 9.º d'este Regulamento obriga todas as auctoridades e funccionarios, incluindo os ecclesiasticos, «a prestar o auxilio que lhes fôr requisitado pelo pessoal da policia de repressão da emigração clandestina, para o desempenho das respectivas funcções.»

Comquanto no Alemtejo em geral seja mais fraca que em outras provincias do paiz a corrente emigratoria, não devo descurar este assumpto; e, em satisfação aos desejos do Governo de S. M. cumpre-me recommendar muito especialmente e ordenar que V. S.ª, na sua qualidade de Parocho, não sómente se preste de boa vontade e com diligencia a dar, em cumprimento da citada disposição regulamentar, as informações que lhe forem competentemente solicitadas para a boa execução dos importantes serviços a cargo da sobredita policia, mas tambem procure pelos seus salutares conselhos dissuadir os seus parochianos da emigração, pondo-lhes em relevo os azares, perigos e contingencias infortunosas a que iriam subjeitar-se, na esperança d'uma opulencia que só para pouquissimos se troca em realidade.

Não destoa este objecto da missão do pastor d'almas: este, como carinhoso pae, deve interessar-se vivamente por tudo que respeita não só ao bem espiritual, mas ainda ao legitimo bem-estar temporal dos fieis commettidos á sua solicitude.

Tambem não repugna, antes se casa perfeitamente com a natureza das funcções do ministerio parochial o amor e interesse pelos progressos dos estudos que mais de perto se relacionam com o culto divino.

Entre elles, merece particular attenção o da archeologia religiosa, que, além de ensinar a distinguir e a apreciar as epochas, os estylos, o destino, a significação e o valor historico ou artistico dos

monumentos, das imagens, dos quadros, dos vasos sagrados, paramentos e alfaias do culto, póde fornecer, e tem muitas vezes fornecido elementos preciosos para a fixação de datas e a resolução de problemas attinentes á historia, á lithurgia, ao dogma ou á disciplina da Egreja Catholica.

A Egreja Catholica, segura da sua divina origem e da sua indefectivel perpetuidade, não teme a luz, não odeia a sciencia. Os resultados da verdadeira sciencia, longe de prejudicarem a verdade da nossa fé, hão de sempre confirmal a triumphantemente. Por isso, não devemos jámais, os que somos ministros da Egreja, hesitar em auxiliar e favorecer os sinceros esforços dos sabios na investigação do passado: o passado, reapparecendo á luz do dia, evocado pela sciencia, como Lazaro redivivo á voz omnipotente de **Jesus Christo**, virá, como elle, dar testemunho da Divindade d'Aquelle que é o *Senhor das sciencias* (I Reg. II, 3).

Inspirado por esta ordem de idéas, determinei já que na cadeira de Theologia Pastoral do Seminario d'esta Metropole sejam ensinadas aos alumnos as noções elementares de archeologia e iconographia christã; e agora venho recommendar muito a V. S.ª o seguinte:

1.º Todas as vezes que na freguezia a seu cargo se tratar de obras a fazer em algum templo ou outro edificio com caracter religioso, que se recommende por sua antiguidade ou primor artistico, procure V. S.ª obstar efficazmente a demolições ou modificações que o desfigurem, e empenhe se sempre em lhe conservar zelosamente o estylo e a feição primitiva, não permittindo que se pintem ou dealbem cantarias ou ferragens de merecimento, que se arranquem azulejos, etc.

2.º Tenha o maior cuidado e vigilancia na conservação de todos os objectos do culto, e não auctorise jámais a alienação, por qualquer fórma, ou inutilisação de alfaias antigas, embora a pretexto de serem substituidas por outras melhores, sem averiguar se aquellas teem ou não merecimento archeologico ou artistico.

3.º Se tiver conhecimento ou forem descobertos n'essa freguezia alguns objectos antigos (moedas, medalhas, vasos, roupas, armas, instrumentos e utensilios, inscripções lapidares, etc.), fará bem se o communicar ao Ex.^{mo} Conservador da Bibliotheca Publica d'esta cidade; e, se esses objectos não pertencerem ao culto ou não houver outro inconveniente, promova a remessa d'elles para o *Museu Cenaculo*, annexo á mesma Bibliotheca.

Deus Guarde a V. S.ª — Evora, Paço Archiepiscopal, 21 de Dezembro de 1896.

Ill.^{mo} e Rev.^{do} Sr. Parocho da Freguezia d..........

....

† Augusto, *Arcebispo d'Evora.*

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

Anno de 1891

Arbitros avindores. — Regulamento do processo perante os respectivos tribunaes. Decreto, março, 19.

Associações de classe, commerciaes, industriaes ou agricolas, *e de soccorros mutuos.* Decretos, fevereiro, 28; maio, 9.

Foi determinado aos governadores civis que por si e pelas auctoridades administrativas e policiaes da sua dependencia exercessem a mais activa e constante vigilancia para se tornarem effectivos os preceitos da legislação em vigor ácerca da organisação e fins das associações. Portaria, fevereiro, 20.

Brazão d'Armas. — Por decreto de 29 de maio, foi concedido á camara municipal do concelho de Mossamedes. Descripção: «Um escudo esquartellado, tendo no primeiro quartel as armas de Portugal, — no segundo em campo de oiro, um ramo de algodoeiro e uma canna de assucar postos em aspa, — no terceiro, em campo de prata um barco de pesca verde sobre o mar, — e no quarto, em campo vermelho, um arado de oiro. Em contrabanda um listão azul, com esta legenda: *Labor omnia vincit.* Sobre o escudo a corôa mural e por timbre uma cruz vermelha florida e contornada de oiro.»

Por decreto de 22 de agosto, foi tambem concedido á camara municipal de Lourenço Marques para distinctivo honorifico do municipio. Descripção: «Um escudo esquartellado em aspa, tendo no primeiro quartel em campo de oiro um galeão preto sobre as ondas, — no segundo, em campo de prata, uma palmeira verde, — no terceiro, em campo vermelho, uma esphera de prata, sendo visivel o continente africano, — e no quarto, em campo azul, o sol nascente (de oiro). Em abysmo as armas reaes portuguezas. Sobre o escudo a corôa mural e no fim uma legenda, contendo as seguintes palavras — *descoberta e soberania portugueza.*»

Concessões ás seguintes companhias e individuos: — Companhia de Moçambique - administração e exploração de certos territorios da provincia de Moçambique; Decreto, fevereiro, 11. — Custodio José de Sousa Machado, direito exclusivo de explorar a pedreira calcarea situada em Cacolo-ca-Hembe, concelho de Malange, provincia de Angola; Decreto, abril, 8. — José Cordeiro dos Santos, negociante estabelecido no Ambriz, 1.200 hectares de terrenos baldios, situados no valle do rio Lolondo em Cabinda e pertencentes ao estado; Decreto, agosto, 18. — Companhia portugueza que for constituida por

Max Stone e José Maria Greenfield de Mello — administração e exploração, em certas condições, de alguns territorios da provincia de Moçambique; Decreto, julho, 30. — Conselheiro Manuel d'Assumpção e empreza que elle constituir, 100.000 hectares de terrenos baldios, pertencentes ao estado, situados entre Bihé e Caconda, no districto de Benguella, provincia de Angola; Decreto, setembro 2.— Antonio Julio Machado, por si e como representante de um grupo de negociantes de Lisboa e Porto, o terreno da praça de D. Luiz, na cidade do Mindello, provincia de Cabo Verde, assim como um terreno em Matiota para estabelecimento de um deposito de carvão de pedra. Decreto, setembro, 26.— Companhia portugueza que constituir a firma Bernardo Daupias & C.ª, a administração e exploração de diversos territorios na provincia de Moçambique. Decreto, setembro, 26; novembro, 13.

Foi determinado que a faculdade conferida aos governadores das provincias de Cabo Verde, Angola e Moçambique, de concederem até mil hectares de terrenos baldios, precisa, para se tornar definitiva, de previa approvação do governo da metropole. Decreto, outubro, 14.

Edificios de conventos extinctos e outros

Diversas obras

Foi mandado entregar provisoriamente ao ministerio de instrucção publica e bellas artes o edificio e cerca do supprimido *convento de Santo Alberto*, situado ás Janellas Verdes, em Lisboa. Decreto, 23, janeiro.

Instituto de protecção e soccorro ás familias dos funccionarios fallecidos no ultramar.— Para seu estabelecimento foi concedido o edificio do extincto *convento de N. S.ª da Quietação*, ao Calvario, tambem denominado das Flamengas, com excepção da egreja e mais dependencias. Decreto, julho, 10.

Commissão directora do collegio de Santa Rosa de Lima, da cidade de Macau. Auctorisada, por decreto de 29 de outubro, a applicar dos seus fundos certa quantia para subsidio á *associação auxiliar da missão ultramarina* com destino á installação no *convento de Arouca* de um *instituto de mestras e catechistas do real padroado do oriente.*

Camara Municipal de Abrantes.— Concedeu-se-lhe provisoriamente o edificio e cerca do supprimido *convento de Nossa Senhora da Graça para estabelecimento de diversas repartições publicas.* Decreto, Dezembro, 3.

Cemiterios.— Não podem estabelecer-se nem ainda provisoriamente em terrenos comprados para alargamento e embellezamento do adro das egrejas. Decreto, fevereiro, 28.

Quarteis da Guarda Municipal de Lisboa.— Credito especial para obras. Decreto, março, 7.

Irmandade do martyr S. Vicente, de Braga.—Auctorisada a levantar dos proprios fundos uma certa quantia para despezas com a conservação do templo, etc. Decreto, março, 19.

Cadeias penitenciarias dos districtos de Coimbra e Santarem.— Acquisição dos edificios e obras. Decreto, março, 31.

Irmandade do Bom Jesus do Monte, no concelho de Braga.— Auctorisada a levantar um emprestimo para obras no seu Sanctuario. Decreto, abril, 4.

Misericordia da villa de Cantanhede.— Auctorisada a adquirir uma porção de terrenos para abastecer de aguas o hospital a edificar. Decreto, abril, 5.

Pelo decreto de 9 de maio regulou-se o modo como devem ser concedidos os subsidios destinados a obras nos paços episcopaes, egrejas parochiaes e estabelecimentos de caridade.

Por decreto d'aquella mesma data determinou-se que em todas as direcções das obras publicas dos districtos, direcções de exploração, de fiscalisação e de construcção de caminhos de ferro, direcções das circumscripções hydraulicas e outras sejam comprados por meio de concurso publico annual os objectos necessarios para o expediente dos serviços das mesmas direcções.

A lei de 30 de junho auctorisou o governo a adjudicar em concurso publico diversas obras, taes como a construcção de uma doka commercial, abastecimento de aguas e canalisação de exgoto em Lourenço Marques.

Obras do melhoramento do porto de Lisboa.— Auctorisação para ser modificado o contracto de 20 de abril de 1887 celebrado com esta empreza. Lei e decreto de 30 de junho.

Pela portaria de 14 de julho determinou-se que de futuro não se désse começo a quaesquer obras ou fornecimento nem se fizesse qualquer pagamento, quando os respectivos contractos não se achassem registados pelo tribunal de contas nos termos legaes.

Construcção, modificação e reparação de quarteis. Creditos especiaes. Decretos, 23, julho; 10, dezembro.

Misericordia da villa de Reguengos.— Auctorisada, por decreto de 7 d'agosto, a applicar dos seus fundos uma certa quantia á conclusão das *obras do hospital.*

Irmandades do Santissimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosario, das Almas, e de S. Cosme e S. Damião. — Todas da *freguezia de S. Cosme*, do concelho de Gondomar, auctorisadas a alienar inscripções de assentamento para *obras na egreja* parochial, Decreto, agosto, 20.

Misericordia da villa de Felgueiras.— Auctorisada a acceitar por emprestimo gratuito uma certa quantia destinada á *construcção do respectivo hospital.* Decreto, agosto, 20.

Misericordia de S. Thyrso.—Auctorisada a acceitar um edificio com suas pertenças e mobilia doado pelo conde de S. Bento *para o hospital.* Decreto, agosto, 27.

Irmandade do Senhor Jesus dos Afflictos, da freguezia de *S. Domingos dos Fortios*, concelho de Portalegre. Auctorisada a vender inscripções e a applicar o producto a *obras na respectiva egreja.* Decreto, 8, outubro.

Junta administrativa das obras do melhoramento da barra do Douro.— Creada por decreto de 29 de outubro.

Foi determinado que se arrendassem em hasta publica as casas de habitação e outros edificios pertencentes ao estado que não se tornem necessarios para os serviços agricolas, pecuarios, florestaes e de instrucção agricola, e bem assim todos os terrenos nessas mesmas condições. Portaria, 9, novembro.

Irmandade do Santissimo Sacramento e Immaculada Conceição da freguezia de Coja, concelho de *Arganil.*— Auctorisada a levantar dos seus capitaes

uma certa quantia para *conclusão da egreja parochial*. Decreto, 12, novembro.

Misericordia da Villa de Cantanhede. — Auctorisada a contractar definitivamente a compra de certas parcellas de terreno para estabelecimento do hospital instituido pelo arcebispo resignatario D João Chrysostomo de Amorim Pessoa. Decreto, dezembro, 24.

Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de S. Lourenço, do concelho da *Guarda*. — Auctorisada a alienar uma inscripção para com o producto *reparar a casa do despacho* e fazer outras despezas. Decreto, dezembro, 24.

Estabelecimentos de credito fiduciario, agricola ou industrial. — Auctorisado o governo a promover e auxiliar a sua creação. Lei, junho, 30. Decreto, idem.

Bolsa na praça do Porto. — Auctorisada a sua instituição, com séde no edificio do extincto *convento de S. Francisco*. Decreto, 29, janeiro.

Ordenou-se, pela portaria de 10 de dezembro, que os fornecimentos das empreitadas de obras publicas não devem começar emquanto não for approvado pelo governo o termo de adjudicação que constitue o contracto das mesmas empreitadas.

Expropriações urgentes e de utilidade publica. — Datas dos decretos

Expropriação de uma porção de terreno para abertura de uma travessa que ponha em communicação a rua Nova de Quarteira com a de Serpa Pinto, na villa de Loulé; janeiro, 24.—De uma casa na rua da Louça, em Coimbra, para dar serventia á limpeza de outra rua que fica entre aquella e a da Mocda; Idem, idem.— De uma porção de terreno d'um quintal para alargamento da travessa contigua aos paços do concelho da villa de Calheta, districto do Funchal; janeiro, 29. — De duas parcellas de terreno para alargamento da rua da Resurreição em Cascaes; fevereiro, 13. — De duas parcellas de terreno para *conclusão do quartel de engenharia* em Lisboa; fevereiro, 19. — De diversos terrenos para *construcção de um matadouro na cidade de Guimarães*; Fevereiro, 21.— De tres predios contiguos situados na calçada nova de Sant'Anna para *construcção do edificio da escola medico cirurgica de Lisboa*; fevereiro, 27. — De uma porção de terreno para alargamento do adro da egreja parochial da freguezia de Margaride, concelho de Felgueiras; março, 7. — De duas propriedades para *continuação das obras dos quarteis militares na cerca do convento das Grillas em Lisboa*; março, 19. De quatro predios para conclusão do alargamento da porta denominada do Postigo, na cidade de Lagos; abril, 5. — De uma porção de terreno para alargamento das feiras de gado e cereaes na villa de Paredes de Coura; abril, 16. — De uma casa e quintal para conclusão da Avenida Emygdio Navarro na villa de Cascaes; abril, 30 — De parte de uma casa para melhorar a communicação de uma rua com outra na villa de Abrantes e bem assim a de uma casa para ampliação do largo da Misericordia na mesma villa; maio, 7.— De um terreno e casebres para *construcção do cemiterio publico* da freguezia de S. Mamede do Coronado, concelho de Santo Thyrso; junho; 4.— De uma casa para alargamento da travessa de Sant'Anna na villa de Albufeira; junho, 26.— De uma casa para *construcção do tribunal judicial* da comarca de Condeixa a Nova e mais repartições publicas do concelho; julho, 2. — De uma porção de terreno para abastecimento de aguas em Paço d'Arcos, concelho de Oeiras; julho, 30.— De um terreno do passal do parocho da freguezia de Ramalde, concelho de Bouças, para *alargamento do cemiterio* da mesma freguezia; agosto, 13. De uma porção de terreno do passal do parocho da freguezia de S. Paio de Vizella, concelho de Guimarães, para a *construcção do cemiterio* da mesma freguezia; agosto, 13. — De um terreno pertencente ao passal do parocho da freguezia de Raiva, concelho de Castello de Paiva, para *construcção do cemiterio* da mesma freguezia; agosto, 27. — De parte de uma casa e de um quintal para alargamento da travessa do Peniche, na villa do Crato; novembro, 12. De uma propriedade para alargamento e melhoramento da rua Direita da villa de Ancião; dezembro, 10. - De uma porção de terreno para *construcção do cemiterio parochial* da freguezia de Santa Maria de Silvares; concelho de Guimarães; dezembro, 10. — De um terreno do passal do parocho da freguezia de Pedorido, do concelho de Castello de Paiva, *para o cemiterio* da mesma freguezia; dezembro, 10.— De um predio de casas na villa de Agueda para melhoramento da Praça Nova e *alargamento do mercado* que n'ella se faz diariamente; dezembro, 10.

Funccionarios

Creada, por decreto de 11 de Janeiro, uma *medalha* destinada a commemorar e galardoar os serviços relevantes prestados pelos officiaes e praças da armada nos territorios portuguezes da Asia, Africa e Oceania.

Instituto de protecção e soccorro ás familias dos officiaes e praças da armada que fiquem desprovidas de meios de subsistencia por terem os seus chefes fallecido em serviço do estado ou por motivo d'esse serviço nos referidos territorios; Decreto, janeiro, 11.— Regulamento etc. Decreto, maio, 16; Lei e Decreto, junho, 30; Decreto, julho, 2.

Programma do exame a que devem sujeitar-se os actuaes chefes de conservação das estradas para poderem ser nomeados conductores auxiliares, conforme o regulamento de 21 de fevereiro de 1889. Portaria, janeiro, 15.

Aos officiaes, officiaes inferiores e praças de pret do exercito e da armada que morrerem ou inteiramente se impossibilitarem por causa de ferimentos recebidos em defeza da patria, das instituições politicas do paiz e da ordem publica, foi decretado, em 17 de fevereiro, que se applicassem as disposições da lei de 19 de janeiro de 1827, sobre *pensões de sangue*.— Pela portaria de 7 de abril designaram-se as direcções de obras publicas perante as quaes devem ser feitos os exames para os logares de conductores auxiliares, chefes de secção de conservação.

Decreto de 1 de maio: Os engenheiros architectos e desenhadores das obras publicas que passarem á situação de licença illimitada ou á de inactividade não deixam vagas nem determinam promoções no respectivo quadro. — Suspensa a admissão dos desenhadores das obras publicas contratados, sendo con-

sideradas de nenhum effeito no fim do corrente anno economico as nomeações feitas em virtude do artigo 75 do decreto de 24 de Julho de 1886.— Prohibida a nomeação, promoção e readmissão de apontadores das obras publicas. Decreto, maio, 1.

Limitada a cinco dias por mez a concessão de ajudas de custo aos engenheiros, architectos, conductores, desenhadores, agronomos e mais pessoal dependente das direcções geraes do ministerio das obras publicas, commercio e industria, que tenham direito a esse abono. Decreto, maio, 9.

Commissão permanente com funcções especiaes sobre a contabilidade do material do ministerio das obras publicas e dos estabelecimentos d'elle dependentes. Decreto, maio, 14.

Os architectos e desenhadores que se ausentarem do serviço ou da área onde exercem as suas commissões, sem licença devidamente concedida, são *ipso facto* considerados na situação de disponibilidade, independentemente das penalidades legaes. Portaria, 23 de junho.

Lei de 30 de junho e decreto da mesma data: Todos os decretos, portarias e despachos de nomeação e promoção só produzem os seus effeitos em relação ao agraciado depois de visados no tribunal de contas.

A importancia dos vencimentos de aposentação será calculada e abonada sempre nos precisos termos das leis de 17 de julho de 1886, 1 de setembro de 1887 e 14 de setembro de 1890, e dos seus regulamentos, sem embargo de quaesquer outras disposições em contrario. Fixado o maximo dos vencimentos que podem receber os que accumularem diversos empregos ou commissões de qualquer ordem ou natureza.— Auctorisado o governo a decretar no pessoal e no material dos serviços das secretarias d'estado e dos serviços publicos dependentes de todos os ministerios as simplificações e reducções compativeis com o regular funccionamento dos mesmos serviços. Mandado cessar desde o 1.º de julho de 1891 o pagamento de gratificações, abonos e outras remunerações extraordinarias aos empregados civis e determinados os casos em que poderão ser auctorisados e com que condições.

Instituto ophtalmologico de Lisboa

Regulamento provisorio do seu hospital. Portaria, 6, fevereiro.

Hospital de alienados «Conde Ferreira» no Porto

Regulamento. Decreto, setembro, 30.

Instrucção publica

Pequeno seminario de Nossa Senhora da Oliveira na cidade de Guimarães.— Instituto de instrucção publica e gratuita, creado por carta regia de 8 de janeiro.

Junta geral do districto do Porto. - Suspensa a sua deliberação na parte em que destina o *Asylo escola de artes e officios* para admissão de vadios de sete a dezoito annos de idade que soffrerem condemnação judicial. Decreto, 14, janeiro.

Determinou-se que o pagamento das propinas de exame em todos os estabelecimentos de ensino seja feito por meio de estampilhas. Decreto, 31, janeiro. Tabella das propinas. Portaria, 31, março.

Instituto João do Rego Borges da villa da Lagoa, ilha de S. Miguel. Auctorisada a sua mesa administrativa a adquirir uma casa no Largo do Theatro, freguezia de Santa Cruz, para servir de séde do mesmo instituto. Decreto, fevereiro, 28.

Collegio militar. — Disposições relativas a este estabelecimento Portaria, abril, 8; decretos, abril, 9; outubro, 15.

Trabalho das mulheres e dos menores. — Providencias para a sua regularisação. Decreto, abril, 14.

Escolas (Duas) de instrucção primaria na freguezia de Soutello, concelho de Villa Verde. — Foi acceito pelo governo um edificio construido e mobilado de novo, assim como um donativo de 20 contos de réis em inscripções, para a creação e sustentação d'estas escolas. Decreto, maio, 9.

Museu da escola pratica de agricultura da cidade de Faro. — Determinou-se que servisse tambem de museu da 9.ª região agronomica, transferida de Tavira para aquella cidade. Decreto, maio, 9.

Exposição de bellas artes. — Approvado o respectivo programma por decreto de 14 de maio.

Medalhas para serem adjudicadas e conferidas aos expositores de bellas artes e de artes industriaes decorativas. Decreto d'aquella mesma data.

A lei de 30 de junho prohibiu a compra das publicações de qualquer natureza sem lei especial bem como os contractos para publicações ou impressão de obras litterarias artisticas ou scientificas sem disposição legislativa que os auctorise.

Commissões de estudo no estrangeiro.—Prohibidos abonos para essas commissões, salvo para as que forem de reconhecida utilidade publica. Lei, junho, 30.

Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Santo Estevão, concelho de Tavira. — Auctorisada a levantar dos seus capitaes uma certa quantia para subsidiar a junta de parochia na construcção de casas para as escolas primarias, ficando desonerada da obrigação de pagar a renda dos edificios escolares. Decreto, julho, 30.

Inquerito aos recolhimentos, hospicios ou outras quaesquer casas de caracter accentuadamente religioso, bem como aos collegios e estabelecimentos de ensino livre. — Nomeada uma commissão. Decreto, agosto, 26.

Escola do exercito. — Sua reorganisação. Decreto e portaria, setembro, 30. Decreto, outubro, 28. Portaria, novembro, 16

Instituto de agronomia e veterinaria. — Reorganisado por decreto, outubro, 8.

N'esta mesma data se decretou a reorganisação das *Escolas industriaes e de desenho industrial;* da *Escola central* e das *Escolas elementares de agricultura pratica;* e dos *Museus industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto.*

Escola naval e escolas annexas. — Alteradas e modificadas algumas disposições da sua organisação. Decreto, outubro, 8.

Commissão para inquirir sobre o estado e administração das *escolas primarias do municipio de Lisboa,* e propôr as providencias necessarias para se facilitar a passagem para o estado dos serviços referentes áquellas escolas e estabelecimentos annexos. Portaria, outubro, 10.

Museu agricola e florestal. — Sua reorganisação. Decreto, outubro, 29.

Institutos industriaes e commerciaes.— Exames de admissão ás matriculas. Portaria, 10, outubro.

Collegio de Santa Rosa de Lima da cidade de Macau. — Auctorisada a sua commissão directora a applicar dos respectivos fundos certa quantia para subsidio á *associação auxiliar da missão ultramarina* na installação de um *Instituto de mestras e catechistas do real padroado no Oriente*, no extincto convento de Arouca. Decreto, outubro, 29.

Serviços agricolas, pecuarios e florestaes. — Nova organisação. Decreto, outubro, 29.

Real Collegiada de N. Sr.ª da Oliveira da cidade de Guimarães. - Estatutos approvados pela portaria de 30 de outubro.

Mattas nacionaes

Regulamento provisorio para a classificação, cubagem e venda de madeira Portaria, abril, 24.

Moeda

Cunhagem e emissão de moedas de prata até á quantia de 2:000 contos de réis. Decreto, maio, 7.

Auctorisação ao governo para modificar a circulação metallica, adoptando, quando convenha, além do oiro, a prata do padrão legal. Lei, junho, 30.

Determinou-se que as moedas francezas de prata denominadas *um franco*, tivessem temporariamente curso legal em Portugal pelo valor de duzentos réis. Decreto, junho, 30.

Em 9 de julho foram decretadas diversas providencias sobre a circulação das notas dos bancos e sobre a emissão de notas de 1$000 réis e de 500 réis.

Por decreto de 6 de agosto mandaram-se emittir em series, pela administração da *Casa da Moeda*, cedulas de 100 e 50 réis, representativas da moeda de bronze.

(Continúa)

Ill.^mo^ *e Ex.*^mo^ *Sr.* — Cumpre me agradecer á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, da qual V. Ex.ª é muito digno secretario, a honra em que fui investido com a nomeação para socio correspondente da mesma Real Associação.

Tão subido e immerecido favor só o posso acceitar como motivo de incitamento para o trabalho; como premio, não, porque me faltam em absoluto serviços á sciencia e aptidões para os prestar.

Na medida das minhas forças, irei opportunamente dando conta a tão illustre associação de todas as investigações a que proceder sobre alguns monumentos antigos, que ainda subsistem dentro da area do concelho dos Arcos de Val-de-Vez, em cujo estudo emprego uma escassa parte do meu tempo.

V. Ex.ª melhor sabe do que eu, que nas provincias uma pertinaz mania modernisadora todos os dias arranca uma pedra aos raros vestigios architectonicos d'outras epochas, que ainda estão esparsos pelos campos; por tal fórma que, se não se cura de os perpetuar pelo desenho ou pela photographia, quando já não seja possivel mantel-os intactos, dentro de curtos annos achar-se-ha completamente expungido todo o rasto palpavel da existencia dos nossos antepassados. Essas paginas indestructiveis de pedra, aonde a Historia vive, serão substituidas pelas outras paginas flexiveis e suspeitas das brochuras, em que se depõe tanto o que a imaginação inspira, como o que os preconceitos insinuam.

A historia da architectura em Portugal está por traçar; em todo o paiz ha documentos vivos que jazem todavia ignorados e que é indispensavel arrancar a este segredo forçado.

Não são só os grandes monumentos, já mais ou menos conhecidos, que importa estudar ainda; pelos campos existem modestos mas preciosos vestigios da arte de tempos passados, cujo estudo particular não póde ser inutil nem desprezivel, porque são, bem como os outros, a fórma externa, exacta e veridica do Pensamento e do Sentir d'outr'ora. O seu desconhecimento póde ser uma criminosa sonegação de valiosos elementos comparativos de estudo, praticada em desproveito dos que, com mais larga competencia, teem a seu cargo trabalhos mais comprehensivos e mais generalisadores.

E' com este intuito que eu, insignificante trabalhador, tratarei de reunir noticias do que por aqui ha digno de mover o interesse de tão elevada associação.

E se a possibilidade chegasse aonde chega a vontade, o meu empenho não se estenderia só aos monumentos historicos do meu concelho, mas ainda aos d'outros concelhos d'esta provincia do Minho. E' lamentavel que se percam, gastos do tempo e do *conspicuo* zelo das corporações administrativas ruraes os curiosos monumentos que os nossos maiores deixaram pendurados por estes penhascos de granito.

O arrolamento integro de tudo quanto é antigo e historico, especialmente do que respeita á architectura, não é um impossivel. Essa Real Associação tem sobeja competencia para excogitar os meios mais efficazes para conseguir aquelle *desideratum.*

Por minha parte, não me forrarei de esforços para a informar do que apparecer no perimetro das minhas investigações, e com isso ficarei ainda áquem do que me é imposto pela honra em que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes se dignou investir-me na sua sessão de 15 de novembro do corrente anno.

Deus guarde, etc. — Arcos de Val-de-Vez. — Sr. Gabriel Pereira, secretario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — *Felix Bernardino da Costa Alves Pereira.*

Typ. Franco-Portugueza, (Off.ª Lallemant) 1897

3.ª SÉRIE ANNO DE 1897 TOMO VII

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 9

RELATORIO DO SOCIO EFFECTIVO, SR. VISCONDE DA TORRE DA MURTA

Senhores!

Dignou-se esta Real Associação honrar-nos com a sua confiança elegendo-nos mais uma vez conservador da sua bibliotheca. No desempenho d'este cargo, vimos hoje, como nos cumpre, apresentar á sua esclarecida apreciação o relatorio do movimento da mesma bibliotheca no decurso que medeia entre 30 de novembro de 1895 e 31 de dezembro do anno proximo passado de 1896.

Durante aquelle periodo recebeu a associação oitenta e oito publicações, constando de quarenta e sete volumes e cento e dois folhetos e fasciculos, que, em parte constituem continuação de obras que já possuimos.

Versam essas publicações sobre historia, sciencias naturaes, anthropologia, geologia, geographia, architectura, archeologia, numismatica e variedades; escriptas em portuguez, hespanhol, francez, italiano e inglez; e offerecidas pelos ministerios do Reino e Obras Publicas, pelo ministerio de Instrucção Publica de França, estabelecimentos scientificos, varias associações nacionaes e estrangeiras, e pelos Srs. A. Luciano de Carvalho, A. Laville, Albano Bellino, Antonio Padula, Cloquet, Cavalleiro e Sousa, Ernesto da Silva, Emile Trélat, Esteves Pereira, Francisco Martins Sarmento, Joaquim da Conceição Gomes, José de Saldanha Oliveira e Sousa, Leite e Vasconcellos, Luciano Cordeiro, Luiz Gonçalves, Rocha Dias e Sousa Viterbo; avultando as offertas do Sr. Rocha Dias, como tudo consta do mappa junto, onde vem descriptas e mencionada a sua proveniencia.

Além das que alli se mencionam recebemos o Diario do Governo com referencia a epoca de que trata este relatorio, e alguns numeros dos jornaes seguintes: Aurora do Cavado, A Construcção, Correio da Extremadura, Imparcial, Jornal de Santarem, Manuelinho d'Evora, O Louletano, Revista Colonial e Revista de Direito.

Archivamos os numeros 5, 6 e 7 do Boletim d'esta Real Associação; publicação que mantendo fiel as suas tradições, continua prestando serviços valiosos á archeologia, diffundindo conhecimentos de todo o interesse e honrando a corporação de que é orgão.

Ao mencionar serviços prestados á archeologia, não podemos deixar de lembrar o Archeologo Portuguez, superiormente dirigido pelo nosso erudito socio o Sr. Leite e Vasconcellos e louvar a maneira como tem desenvolvido o gosto pela archeologia, gosto que, felizmente, cada vez mais se accentua entre nós. Felicitamos o nosso estimavel socio pelo bom exito do seu trabalho.

Por conta da dotação da bibliotheca, só adquirimos a *Construction Moderne* por assignatura feita em tempo pelo Sr. Possidonio da Silva, nosso antigo Presidente, e não fomos além d'esse dispendio para não aggravar despezas extraordinarias que a Associação teve e tem para fazer.

Em occasião opportuna proporemos ao Conselho Facultativo alguns melhoramentos necessarios e urgentes para melhor organisação, mais grata apparencia e conveniente disposição da bibliotheca, e proporcionar maior commodidade aos leitores que a frequentarem.

O movimento de leitores continuou regular e não inferior ao mencionado no nosso relatorio correspondente ao anno de 1895 apresentado em sessão de assembléa geral em 13 de fevereiro de 1896.

A falta de tempo, e principalmente de competencia, não nos permitio, como era nosso desejo, fazer aqui uma apreciação justa e imparcial das obras recebidas; porém não se faz sentir essa omissão; porque as associações que algumas representam e de que são orgão, e o nome dos seus auctores, em geral vantajosamente conhecidos no mundo scientifico, garantem ao leitor que as compulsar, a segurança de encontrar merito, interesse, agrado e proveito; principalmente nas que tratam de sciencias naturaes, base da verdadeira orientação dos conhecimentos humanos.

O espirito moderno creado por René Descartes, applicando aos processos de experiencia e investigação uma sã philosophia, tem pouco a pouco, de conquista em conquista alargado o horisonte scientifico demonstrando á evidencia nas diversas cousas que compõem o universo, leis e forças communs formando laços que unem entre si as sciencias que constituem os diversos ramos d'uma sciencia geral.

A astronomia, a physica, a chimica, a geologia, são sciencias que tendo a sua individualidade, não se acham isoladas nem estranhas umas ás outras; todas se relacionam e estão ligadas a um centro commum.

Huxley demonstrou por fórma manifesta e clara a alta importancia e valor das sciencias naturaes sob o ponto de vista da educação.

Schelling, antes de incetar a philosophia, estudou sciencias naturaes. Hegel, Kant e outros philosophos da Allemanha applicaram-se a esse genero d'estudo com todo a dedicação e interesse que elle merece.

Um dos ramos mais interessantes da archeologia é, sem duvida, o conhecimento do homem primitivo, seus usos, costumes e industrias desde as mais remotas épocas.

A geologia, a paleontólogia e a antropologia formam um conjuncto de conhecimentos necessarios ao archeologo que se propõem tal fim.

Da falsa noção da natureza nasceu a supposição, que ainda subsiste nas classes menos illustradas, de que os instrumentos de pedra que serviram d'armas e utensilios ao homem primitivo, eram pedras de raio ou ceraunias!

Quando Mahudel leu á Academia de Paris em 1734 uma memoria demonstrando que as ceraunias eram os primeiros instrumentos de que o homem se havia servido, exprobaram-lhe *não produzir as razões que provassem a impossibilidade d'aquellas pedras se terem formado nas nuvens* (*!*)

E' tanto mais notavel esta objecção da Academia, quanto notorio que já os Gregos e os Romanos conheciam o uso que o homem primitivo fazia das armas de pedra. Provam-no os bellos e bem conhecidos versos de Lucrecio, Horacio nas suas satiras e o historiador grego Diodoro de Sicilia. Sem embargo aquellas pedras foram consideradas sagradas pela superstição d'aquelles dois povos.

Foi na edade media que nasceu a crença de que aquelles instrumentos eram pedras de raio, crença que se relaciona com a queda dos aerolithos, cuja proveniencia exacta só foi conhecida em 1751.

Agricola e Mercati no seculo XVI, Boèce de Boot em principios do seculo XVII (1636) pronunciaram-se contra este modo de vêr erroneo; suppondo este ultimo que fossem objectos de ferro transformados em pedra pelo decorrer da acção do tempo; porém a noção d'uma edade de pedra baseada em provas e deducções seguras, foi estabelecida em 1758 por Gouguet na sua notavel obra *De l'origine des lois, des arts et des sciences et leur progrés chez les anciens peuples*, marcando-lhe comtudo uma época

que a sciencia moderna tem recuado milhares de seculos.

Não abundam obras sobre sciencias naturaes na nossa bibliotheca, e posto que esse genero d'estudos não seja estranho aos illustrados membros d'esta associação, é para desejar que em harmonia com as forças da dotação da bibliotheca se vão adquirindo publicações d'aquella natureza, tão interessante e seductora quanto util e necessaria para a verdadeira e exacta comprehensão do universo em geral e de cada um dos phenomenos que n'elle se produzem em particular.

Antes de terminar, permitta-se-nos consagrar aqui a homenagem da nossa gratidão, saudade e respeito á memoria d'aquelle que no longo periodo de trinta e tres annos nos distinguio com a sua inalteravel amizade, benevolencia e constantes demonstrações de finissimo tracto na sua convivencia.

Referimo-nos ao iniciador e principal fundador d'esta associação o Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que, em 24 de março do anno proximo passado a morte roubou á nossa estima, ao nosso affecto, á nossa veneração!

A nossa veneração... Não, essa existe repassada de pungente saudade pela memoria de quem nos foi exemplo de firme e constante perseverança no Bem, de rara e prestimosa actividade, e da mais affavel e urbana cortezia.

Na instituição d'esta associação affirmou o seu culto pela sciencia, o seu affecto pela architectura a sua veneração pela archeologia.

A maioria dos objectos que nos cercam n'este museu provam o seu lidar constante, um labutar perseverante na faina de salvar ao naufragio, no escolho da ignorancia, alguma reliquia archeologica.

Na bibliotheca d'esta associação existem trabalhos seus que evidenceiam o amor ao estudo, e o maior empenho da sua alma: o engrandecimento, lustre e brilho da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a mais querida das suas instituições.

Outra instituição sua, altamente sympathica e significativa, affirma a sua philantropia, a sua caridade, a nobreza da sua alma! O albergue dos invalidos do trabalho!

Ao cabo d'uma lucta ingente, incansavel esforço, sacrificios e quiçá amargos dissabôres; conseguio a satisfação de ver florescente e prospero aquelle estabelecimento onde cincoenta e oito invalidos arrancados aos horrores das luctas que a indigencia impõe, recebem pão, agasalho e conforto, louvando o benemerito fundador d'aquella casa.

E' tanto mais meritorio este notavel e brilhante facto da sua vida, quanto o seu espirito positivo e lucido, a sua longa experiencia e profundo conhecimento do mundo, nenhuma esperança lhe nutria de recompensa.

Tinha a consciencia do Bem, e praticou o Bem pela satisfação intima de bem fazer.

São innumeraveis os titulos que recommendam á nossa consideração a memoria do Sr. Possidonio da Silva. Não os apontamos aqui porque não é o logar nem intento nosso fazer-lhe a biographia. A penna mais apurada coube o encargo d'esse grato trabalho confiado á reconhecida competencia do Sr. Visconde de Castilho. S. Ex.ª é escriptor primoroso, tem alma sensivel de poeta aberta a impressões nobres; teve convivencia intima com o nosso amigo Presidente de saudosa memoria, repetidas occasiões de aquilatar com o seu espirito observador, fino e critico, os dotes brilhantes n'aquelle respeitavel ancião, Ninguem melhor saberá traduzir a nossa saudade por quem tanto mereceu, e apresentar a nossa veneração o quadro resplandecente de virtudes e serviços d'aquelle que foi exemplar chefe de familia, cidadão prestante, amigo seguro, dedicado e leal.

Ao terminar, temos a honra de propôr que na acta d'esta sessão se faça menção d'um voto de louvor e sincero agradecimento a todos que, directa ou indirectamente concorreram para ampliar e engrandecer o valor da nossa bibliotheca, ficando alli consignado o nosso reconhecimento e apreço por esta demonstração de sympathia para com a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Museu do Carmo, 7 de Março de 1897.

Visconde da Torre da Murta

Conservador da Bibliotheca

Mappa demonstrativo das publicações recebidas pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes para a sua bibliotheca desde 30 de Novembro de 1895 até 31 de dezembro de 1896 e designação das suas proveniencias

Titulo das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniencias	Observações
Académie des inscriptions et belles-lettres. Comptes rendus des séances de l'annee 1896. Quatrième série, tome xxiv.— Bulletin de janvier, fevrier, mars, avril	–	2	Ministro d'instrucção publica de França	
Académie des inscriptions et belles-lettres Comptes rendus des séances de l'année de 1896	–	1	Idem	
Actas das sessões da Sociedade de Geographia de Lisboa. Anno de 1895	–	1	Da sociedade	
Alliance scientifique. Organe de l'association internacional des hommes de sciences	–	3	Da associação	São os n.os 99 101 e 102 14 exemplares
Annaes do Municipio de Sant'Iago de Cassem pelo padre Antonio Macedo e Silva	1	–	Offerta do sr. Cavalleiro e Sousa	
Annaes de sciencias naturaes e sociaes	–	2	Da redacção	N.º 4 do 2.º anno, outubro de 1895, e 3.º anno n.º 1 de Janeiro de 1896
Apontamentos para a historia do concelho do Fundão por José Germano da Cunha	1	–	Offerta do sr. Rocha Dias	
Archeologo (O) portuguez	–	6	Idem do sr. L. Vasconcellos	N.os 1 a 9 do 2.º volume
Archivo storico siciliano. Publicazione periodica de la societé siciliana per la storia patria	1	–	Da sociedade	
Archeological studies among the ancient ésties of Mexico by William H. Holms. — Part I Monuments of Yucatam	–	1	Smithsonian institution	
Ataque (O) do Sr. Teixeira de Sousa e minha defesa, por Miguel Francisco Fernandes Machado	–	1	Offerta do auctor.	
Atti del collegio degli architetti ed ingegnieri in Firenze	–	1	Da associação	Dois exemplares, de Janeiro a Junho de 1895
Batalhas da India. — Como se perdeu Ormuz — Processo inedito do seculo xvii por Luciano Cordeiro	1	–	Da comm. central executiva do centenario da India.	
Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa	–	6	Da sociedade.	N.os 11 o 12, da 14.ª serie e 1, 2, 3 e 4 da 15.ª serie
Boletim da direcção geral d'agricultura.— Prophilaxia da raiva	–	1	Do ministerio e Obr. Publ.	
Boletim da direcção geral d'agricultura — Apontamentos para o estudo da ampelographia portugueza por J. Tavares de Carvalho Pinto de Menezes	–	1	Idem	
Boletim da camara do commercio e industria de Lisboa	7	–	Da camara do commercio	Contem os n.os 7 a 12 da 2.ª serie e 1 a 8 da 3.ª
Boletim da sociedade de geographia de Lisboa	6	–	Da sociedade	Numeros 4 a 10
Boletim da direcção geral d'agricultura	–	2	Do ministerio d'Obr. Publ.	
Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes	–	3	Da associação	
Bolletino del collegio degli ingegnieri ed architetti della Sardegna perel bienno 1894-95	–	1	Da instituição	
Bulletin of the United states national museum	1	–	Smithsonian institution	
Breve dissertação sobre os pharoes a proposito de uma visita á exposição universal de Pariz em 1867 por A. Pinto Ferreira	1	–	Offerta do sr. Rocha Dias	
Camoens e i nuovi poeti portoghesi, por Antonio Padula	1	–	Offerta do auctor	
Carlos Lobo d'Avila — Discurso proferido na sessão solemne da Camara do commercio e industria de Lisboa ao inaugurar o retrato do fallecido ministro de estado.— Homenagem promovida pelos professores da escola elementar do commercio de Lisboa	–	1	Da camara do commercio	
Catalogue de la librairie Hennuger	–	1	Da livraria	
Catalogue des livres anciens et modernes de la librairie spéciale pour l'histoire de France et de ses anciennes provinces, de Honoré Champion.	–	1	Idem	
Catalogue de la librairie Lemercier	–	1	Idem	
Catalogue trimestriel de la librairie A. Saffroy	–	1	Idem	
Centenaire (iv) de la decouverte de l'Amerique. Souvenir d'Espagne. Rapport a M. de la Marquis de Croizier par Ludovic Guignard de Butteville.	–	1	Offerta do Sr. A. Laville Consul do Chili	
Centenaire de l'Institut, 1795-1895	–	1	Do instituto de França	
Commemorazione del comm. prof. architecto Felice Francolini, fata del prof. architecto Luigi Bellincioni al collegio degli architetti ed ingegnieri in Firenze il 23 febbrazio 1896	–	1	Da associação	
Congrès archeologique de France LIV, LV sessions séances générales tenus a Soissons et á Laon en 1887 et a Dax et a Bayone e 1888 par la société francaise d'archéologie pour la conservation et la discription des monuments	2	–	Do ministerio d'instrucção publica de França	
Congrès archeologique de France séances générales tenues a Brive 1890, a Dole, Salins, Besançon et Montbéliard suivies d'une excursion en Suisse en 1891 et à Orléans en 1892	3	–	Idem	
Considerações submettidas ao centro catholico do Porto por José de Saldanha Oliveira e Sousa	1	–	Offerta do auctor	
Consultas do conselho de saude publica do reino sobre o relatorio e projecto de lei n.º 120 apresentado á Camara dos Dignos Pares em janeiro de 1861 pelo seu membro Francisco Simões Margiochi para regular a policia dos estabelecimentos industriaes	1	–	Offerta do sr. Rocha Dias	
Contribution to the flora of Incatan, by Charles Frederick Millspemgh.	–	1	Da redacção	
Contributions to acatalogue of works, reports, and papers on the anthropotogy, ethnology, and geological history of the australian and tasmanian aborigines — (Parte III)	–	1	Smithsonian institution	
	27	42		

Titulo das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniencias	Observações
	27	42		
Construction Moderne	–	9	Por assignatura oa a-sociação	Não está completa
Discripção das moedas portuguezas existentes na collecção numismatica de Francisco Eduardo Gomes Cardim	1	–	Offerta do sr. Rocha Dias	
Discours prononcé par M. Émile Frêlat députe de la Seine. Project de loi relatife a l'esposition de 1900	–	1	Offerta de Mr. Trélat	
Documentos (collecção de) relativos á crise de fome porque passaram as ilhas da Madeira e Porto Santo no anno de 1847, por Servulo Drumond de Menezes	1	–	Offerta do sr. Rocha Dias	
Documentos apresentados ás cortes na sessão de 1874	1	–	Idem	
Duas palavras ao auctor do Esboço Historico de José Estevão ou refutação da parte respectiva aos acontecimentos de Setubal em 1846 - 1847, e outros, que com aquelles se relacionam, por João Carlos de Almeida Carvalho	–	1	Idem	
Ecole speciale d'architecture, année de 1895-1896, séance d'ouverture de 11 novembre 1896	–	1	Da escola	
Elementos para a historia do municipio de Lisboa por Eduardo Freire de Ol veira	1	–	Offerta do sr. Rocl Dias	8 º volume continuação da obra
Esthétique architecturale. Essai de classification et d'appréciation des formes, par L. Cloquet	–	1	Offerta do auctor.	
Exame critico do opusculo: Reforma da Academia de Bellas-Artes de Lisboa pelo Sr. José Maria	–	–		
D'Andrade Ferreira offerecida á dita academia por João José dos Santos.	–	1	Offerta do sr. Rocha Dias	
Fabrico (O) da polvora em Portugal. — Notas e documentos para a sua historia por Sousa Viterbo	–	1	Offerta do auctor	
Field Columbi n museum. — Geological series. Handbok and catalogue of the meteorite collection	1	–	Smithsonian institution	
Field Colnmbian museum. — The authentic letters of Columbus.	1	–	Idem	
Field Columbian museum. — On the structure and development of the vertebral column ofamia, by O P. Hay Ph. D.	–	1	Idem	
Field Columbian museum. — On certain portions of the skeleton of of protostega gigas, by C. P. Hay Ph. D	–	1	Idem	
Inscripção lapidar (A) na rua do Salvador por J. M. Esteves Pereira	–	1	Offerta do auctor	
Mémoires de la société archeologique du Midi de la France	1	–	Da sociedade.	Primeiro fasciculo do tomo XV
Monumento (O) de Mafra Discripção minuciosa d'este edificio. Idéa geral da sua origem e construcção e dos objectos mais importantes que o constituem, 5.ª edição muito correcta e augmentada com muitas notas e com uma noticia de Cintra, seus edificios e arredores por Joaquim da Conceição Gomes	–	1	Offerta do auctor.	
No dia dos meus annos. Poesia recitada e offerecida pelo auctor aos seus amigos, por Albano Bellino	–	1	Offerta do auctor	
Novissimum (L) organe instructeur de l'ensignement mutuel social pupulaire tra'tant de la meilleur méthode pour l'avancement géneral des sciences, lettres et arts - majeurs	1	–	Offerta do sr. Ernesto da Silva	
Nuovi Poeti Portoghesi, por Antonio Padula	1	–	Offerta do auctor	
Obras (As) dos Jeronymos. — Parecer da commissão dos monumentos nacionaes em sessão de 7 de novembro de 1895 pelo seu vice-presidente Luciano Cordeiro	–	1	Offerta do auctor	
Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal a organisação dos museus e o serviço dos monumentos historicos e da archeologia, offerecido a commissão nomeada por decreto de 10 de novembro de 1875, por um vogal da mesma commissão...	–	1	Offerta do sr. Rocha Dias	
Portugal. — O estabelecimento thermal das Caldas da Felgueira — Relatorio do medico da companhia João Felicio Paes do Amaral.	–	1	Da direcção da companhia	
Portugal. — Contingente da associação dos Engenheiros portuguezes — Catalogo discriptivo da collecção de albuns, memorias e desenhos expostos pelo socio A. Luciano de Carvalho. (Exposição Universal de Chicago)	1	–	Offerta do sr. A. Luciano de Carvalho	
Proceedings of the twenty-eighth annual convention american institut of architects	–	1	Da instituição	
Quatrième centenaire de la découverte de l'Amerique. — Comité du Varcharge d'assurer la participation de la region aux congrès, expositions, solemnités et fêtes de Huelva Seville, Granade, Cordove et Madrid. — Rapport á Mr. la Marquis de Crozier	–	1	Offerta do sr. A. Laville, consul do Chili e secretario geral do comite	
Relatorio de contas da Direcção do Asylo Albergue dos Invalidos do Trabalho, respectivo ao anno economico do 1894-1895	–	1	Da direcção	
Relatorio e contas da gerencia do 1.º semestre do 1893-94 e anno de 1894-95 apresentado pela Direcção da Associação auxiliar da missão ultramarina a assemblea geral da mesma associação na sua sessão annual em junho de 1895	–	1	Da associação	
Relatorio da Direcção da associação portugueza dos proprietarios e parecer da commissão de contas — Gerencia de 1895	–	1	Da associação	
Relatorio sobre a exposição internacional do Porto por José Maria da Ponte e Horta. Lisboa 15 de fevereiro de 1866	1	–	Offorta do sr. Rocha Dias	
Repertorio commentado sobre formas de doações regias por Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão	2	–	Idem	
	40	70		

Titulo das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniencias	Observações
	40	70		
Resumen de architectura	-	1	Da redacção	É o n.º 12. Dezembro 1895
R. Festus Avinus. Ora Maritima, Estudo d'este poema na parte respectiva ás costas occidentaes da Europa por F. Martins Sarmento.	1	-	Offerta do auctor	
Revista de sciencias naturaes e sociaes	-	2	Da redacção	Os N.os 15 e 16
Revista de la asociacion astistico-arqueológico Barcelonesa	-	1	Da associação	O n.º 1
Revista de la Union Ibro Americana	-	12	Da redacção	N.os 123 a 134
Revista da sociedade de geographia do Rio de Janeiro	-	1	Da sociedade	Nos 1 a 4 dos boletins do x tomo anno de 1894
Revista critica de historia e literatura hespanholas, portuguezas é hispano-americanas	-	5	Da redacção	Interrompidos
Revista de la sociedad central de arquitectos	-	1	Da sociedade	O n.º 12 do anno de 95
Revista de sciencias naturaes e sociaes	-	1	Da redacção	O 11.ª 14 do IV vol.
Smithsonian institution. Proceedings of the United states national museum	1	-	Da direcção do museu	Vol XVII, 1894
Smithsoniam institution. Annual report 1892-93	3	-	Idem	
Sociedade archeologica lusitana - As antiguidades extrahidas das ruinas de Troia e onde se acham depositadas por J. C. d'Almeida Carvalho	-	1	Offerta do sr. Rocha Dias	
Société centrale des architectes français. Annuair e pour l'année 1896.	-	1	Da sociedade	
Société archéologique de Bordeaux	-	4	Da sociedade	
Société d'histoire, d'archeologie et de littérature de l'arrondissement de Beaune. Memoires, A. 1894	1	-	Idem	
Thirteeth annual repprt of the boord of trustees of the public museum of the city of Milwoukee — September Ist, 1894, to august 31 st, 1895	-	1		
Tumulo (O) de Affonso de Albuquerque. — Memoria historico-archeologica offerocida á sociedade de geographia de Lisboa por Luis Gonçalves	-	1	Offerta do auctor	
Viagem (A) da India. — Poemeto em dois cantos por Fernandes Costa.	-	1	Da sociedade de geographia	
	46	103		

EGREJA DE SANT'ANNA

Direcção Especial de Edificios Publicos e Pharoes. — N.º 730 A.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Tendo o Governo de Sua Magestade resolvido demolir a Egreja de Sant'Anna, eu tenho a honra de transmittir á Associação dos Archeologos e Architectos Portuguezes, de que V. Ex.ª é mui digno Presidente, o texto de uma circular que acabo de enviar aos illustres Camoneanistas de que tenho conhecimento, rogando a V. Ex.ª para a fazer conhecida de cada um dos membros d'essa aggremiação, ao mesmo tempo que convido a propria Associação como entidade a proceder como julgue conveniente nos sentidos que indico na mesma circular, que é do theor seguinte:

« Se o amor da tradição historica é virtude civica que deve cultivar-se no espirito de todos que prezam a sua Patria, não é menos para desejar que essa virtude se não isole do bom senso pratico que deve predominar em todos os actos de administração publica. Reedificar sobre um chão de recordações interessantes uma cousa, que pelo seu estado de ruina se não podia conservar, e cujo valor artistico era de si nullo, e que apenas attestava o local de uma sepultura que encerrou os ossos de um grande homem na historia Patria, e para os quaes a geração moderna destinou mais distincto sarcophago; reedificar só pela razão de ali haverem sido recolhidos esses venerandos despojos, sem que da velha construcção nada se podesse aproveitar, e obrigasse, ou a dispender avultado capital em obra monumental injustificada, mesmo quando não estivessem por fazer tantos monumentos que a gratidão Nacional deve a tantos dos mais illustres Portuguezes, ou a levantar cousa insignificante, que seria tão inutil quanto em desharmonia com a propria ideia commemorativa, affigura-se-me que seria um acto tão insensato quanto inadmissivel em paiz pobre, e onde faltam levantar as edificações uteis para o bem do povo, que os progressos da civilisação vão felizmente creando. Perdôe V. Ex.ª o arrojo da minha modesta critica.

« A egreja de Sant'Anna tinha fatalmente de cair, tal é o seu estado de ruina; e dos seus escombros ha apenas uns bellos azulejos a aproveitar Para uma perfeita busca, se não está feita, dos ossos do nosso grande Epico, os trabalhos da demolição permittem fazel-a por uma forma completa; e a possibilidade de recolher tudo que de interesse historico, archeologico ou artistico ali se encontre e manifeste. Resolveu o Governo de Sua Magestade, e a meu vêr muito bem, aproveitar aquelle excellente local para a construcção de um melhoramento que interessa a vida da população do paiz inteiro — *a creação de um Instituto Bactereologico e dos hospitaes especiaes para a diphteria e para a*

raiva — em frente da nova Escola de Medicina. Para commemorar a passada existencia ali da sepultura de Camões qualquer cousa se pode fazer que nos recorde e aos vindouros esse facto interessante.

« E' meu instante desejo e firme proposito, facilitar as pesquizas que ali desejem fazer os estudiosos, e sobre tudo aquelles que, tão distinctamente como V. Ex.ª, teem manifestado o seu grande amor por tudo que se relaciona com o grande Poeta, cuja obra é documento sempre vivo da intelligencia, do sentir artistico, da grandeza moral, da força civilisadora, da energia de caracter e do vasto dominio e preponderancia que exerceu na historia moderna este velho Portugal, cuja deslumbrante epopeia devia ser razão suggestiva para nunca se deixar abater; desculpe V. Ex.ª esta expansão de enthusiasmo.

« Tenho pois a honra de convidar V. Ex.ª a proceder como queira e entenda, para que se realisem todas as buscas sensatas; certo que V. Ex.ª não desprezará a necessidade que se impõe de appressar os trabalhos da demolição da Egreja; e a acompanhar pessoalmente os trabalhos, obsequiando-me com o seu conselho, e dispondo d'esta direcção e de mim em especial para tudo que quizer em tão patriotico fim.

« Dei as ordens precisas para que V. Ex.ª tenha franca entrada no recinto dos trabalhos, e para que seja ajudado pelo respectivo pessoal nas investigações a que deseje proceder, lembrando eu a conveniencia de que V. Ex.ª proventura se entendesse com outros seus collegas benemeritos em semelhantes propositos, para que os esforços de todos convirjam para os resultados desejados. »

Deus guarde a V. Ex.ª — Lisboa, 8 de Junho de 1897.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

O Engenheiro Director, *Pedro Romano Folque.*

CONGRESSOS

Fédération Archéologique & Historique de Belgique. — Sous le haut patronage de S. M. le Roi. — Congrès Archéologique & Historique de Malines — 1897 — XII^e session.

Congrès Archéologique de 1897. — Secrétariat général: — 2 Chaussée de Lierre, 2, Malines. — Malines, le 5 avril 1897.

Monsieur. — Nous avons l'honneur de vous informer que la XII.^e session de la Fédération archéologique et historique de Belgique se tiendra à Malines, du 8 au 11 août 1897, sous la direction du Cercle archéologique, littéraire et artistique de cette ville.

Dans l'espoir que vous voudrez bien prendre part à ces travaux, nous nous permettons de vous demander votre adhésion.

La cotisation reste fixée comme précédement, à 5 fr. pour les membres faisant partie d'une des sociétés fédérées, à 10 francs pour les autres souscripteurs, et à 20 francs pour les personnes qui désirent recevoir le titre de membre honoraire.

Les souscripteurs ont droit à une carte de membre qui leur procure tous les avantages que nous avons obtenus en vue du Congrès, au compte-rendu des séances, aux mémoires imprimés et à toutes les autres publications.

La participation au banquet et à l'excursion à Lierre est facultative et se fera aux frais des adhérentes. Les autres festivités sont offertes gracieusement aux Congressistes.

Des mesures ont été prises pour permettre la visite en détail des nombreux et intéressants monuments anciens que possède la ville de Malines. Une excursion à l'ancienne ville de Lierre, avec visites du château de Broechem et de Bosschesteyn a été organisée pour le 10 août. Le détail en sera communiqué ultérieurement.

En vous transmettant le bulletin de souscription ci-annexé, veuillez bien y renseigner les études auxquelles vous vous livrez ainsi que les collections que vous possédez. Ces renseignements figureront dans la liste des adhérents du Congrès.

Les questions soumises au XII^e Congrès et dont vous trouverez plus loin la nomenclature, ont fait l'objet d'une étude approfondie de la part des auteurs. Ces conclusions de ces études ou leurs développements seront communiqués avant l'ouverture du Congrès.

Nous vous prions de faire connaître à notre Secrétaire général, les questions nouvelles que vous désireriez faire ajouter au programme, afin de les soumettre au Comité organisateur.

Veuillez agréer, Monsieur, l'assurance de notre considération la plus distinguée. — Pour le Comité Organisateur: — Le Président, *Chanoine G. van Caster.* — Le Secrétaire général, *Louis Stroobant.*

Horaire provisoire du Congrès de Malines. — Dimanche, 8 Août.

10 heures. — Réunion des délégués, des Sociétés, au Palais de Justice (ancien palais de Marguerite d'Autriche). Entrée par la rue de l'Empereur.

11 heures. — Réception officielle des membres

du Congrès, par l'Administration Communale de Malines, à l'hôtel de ville.

Après la réception, séance solennelle d'ouverture.

a) Discours de M. le Chanoine van Caster, président du Congrès;

b) Désignation des bureaux des sections.

3 heures. — Visite des archives de la ville et du Musée.

6 heures. — Banquet.

8 1/2 heures. — Concert offert aux Congressistes.

Lundi, 9 Août.

9 heures. — Réunion des sections.

11 heures. — Visite des monuments de la ville.

2 1/2 heures. — Réunion des sections.

4 heures. — Suite de la visite des monuments.

5 1/2 heures. — Assemblée générale.

8 1/2 heures. — Audition de musique ancienne.

Mardi, 10 Août.

9 heures. — Réunion de sections.

10 1/2 heures. — Excursion à Lierre, aux châteaux de Broechem et de Bosschesteyn. Retour, vers 7 heures du soir *(Le détail de l'excursion sera fixé ultérieurement).*

8 heures. — Concert de carillon et fête à la Grand'Place.

Mercredi, 11 Août.

9 heurs — Réunion des sections.

11 heures. — Visite des monuments.

3 heures. — Séance de clôture.

Questionnaire. — 1re Section : Etudes préhistoriques.

I. — Y a-t-il eu des découvertes préhistoriques faites à Malines et quelles sont éventuellement ces découvertes? — *(E. Van Segvelt.)*

II. — A-t-il existé des Tumuli dans les environs de Malines? — *(E. Van Segvelt.)*

III. — Quelles sont les races qui ont concouru à former la population de l'ancien Belgium, et surtout des parties qui constituent la Belgique actuelle? — *(F. de Villenoisy.)*

IV. — Documents concernant la présence de l'homme préhistorique, le long du littoral Belge. — *(Dr. Raeymackers:)*

2.me Section : Histoire.

I. — Quelles cours féodales ou censales ont existé dans la ville de Malines et dans sa partie extra-muros?

Leurs propriétaires primitifs étaient-ils des Berthout ou issus d'eux? — *(Ad. Reydams)*

II. — Quelles sont les plus anciennes monnaies frappées à Malines? — *(L. Van den Bergh.)*

III. — Faire connaître les médecins Malinois et leurs écrits, et établir par leur biographie et une bibliographie raisonnée, la part qu'ils ont prise dans le progrès des sciences médicales. — *(Dr. G. Van Doorslaer.)*

IV. — Bibliographie Malinoise. — Origine de l'imprimerie à Malines. — *(H. Cordemans.)*

V. — Le peintre Frans Hals est-il originaire de Malines? — *(Louis Stroobant.)*

VI. — Quelle est l'origine des Grimbergen et des Berthout, qui en sont issus, et quelle était leur situation sociale? — *(Th. de Raadt.)*

VII. — La situation des peuples qui habitaient la Belgique, à l'arrivée de César, correspond beaucoup plus exactement qu'on ne le suppose généralement aujourd'hui, avec les divisions ecclésiastiques de notre pays au moyen âge. — *(Jules Frederichs.)*

VIII. — La question des avoueries en Belgique, mise au concours par l'Académie Royale, en 1834, à laquelle répondit M. le baron de Saint-Génois, par un mémoire couronné, publié, aprés remaniement, en 1837, a-t-elle fait quelque progrès depuis cette époque? On cite bien un discours de M. De Mol, à Saint-Trond, en 1856; peut-être existe-t il d'autres travaux. Ne serait-il pas utile de reprendre cette question? — *(A. Delvigne.)*

IX. — Peut-on formuler certaines règles en vue de l'explication étymologique des noms de lieux? — *(E. de Marneffe.)*

X. — Comment faut-il publier les textes anciens? — *(E. de Marneffe.)*

XI — De la publication par fiches des inventaires archéologiques. — *(P. Bergmans)*

XII. — Quels son les plus anciens sceaux armoriés en Europe? — *(Th. de Raadt.)*

XIII. — Il serait désirable que dans tous les établissements d'enseignement moyen, les cours d'histoire et de géographie soient confiés à des spécialistes possédant le diplôme de docteur en philosophie et lettres. — *(A. Cauchie.)*

3.me Section : Archéologie.

I. — Quel a été le rôle des Keldermans dans la propagation des flèches à renflements, dans l'architecture, aux débuts du XVI.e siècle? — *(P. Saintenoy.)*

II. — Le fac-similé du plan, publié en 1843, par R Cholon, comme étant celui de Saint-Waudru à Mons, n'est il pas plutôt celui de la tour de Saint-Rombaut à Malines?

Pourrait-on achever la tour de Saint-Rombaut d'après ce plan? — *(Ph. Van Boxmeer.)*

III. — Examiner la gravure de la tour de Saint-Rombaut à Malines, faite par Wenceslas Hollar, en 1649, et reproduite dans l'ouvrage *Brabantia,* et la publication de Renier Chalon, sous le titre de fac-similé du plan original de la tour de Saint-Waudru à Mons; comparer ces dessins aux deux tours, et celles-ci entre elles. — *(J. Hubert.)*

IV. — Quelles considérations devraient présider à la restauration des Halles et du Palais du Grand

Conseil, à Malines? — *(Ph. Van Boxmeer.)*

V. — Quel est l'auteur des fresques qui décorent une des salles de l'hôtel Busleyden, à Malines? — *(Hyac. Coninckx.)*

VI. — Que connaît-on de l'ancienne industrie Malinoise si renommée, de la fonderie des cloches, clochettes, carillons, sonnetes, mortiers et pièces d'artillerie? — *(C.te de Marsy.)*

VII. — Mesures à conseiller pour la conservation des dentelles. — *M.me Daimeries.)*

VIII. — Quelles sont les règles à suivre dans la polychromie des églises, surtout au point de vue esthétique? — *(G. Zech.)*

IX. — Dans une église gotique ou romane, ayant un mobilier renaissance, faut il en cas de restauration, remplacer ce mobilier par un autre conforme au style de l'édifice, ou bien faut-il restaurer l'ancien? — *(G. Zech.)*

X. — Rectification des armoiries de Malines. — *(Th. de Raadt.)*

XI — Quel est le meilleur système à suivre pour la réparation des églises et autres monuments anciens? — *(Ch. Casati.)*

XII. — Recherches et étude de quelques peintures de Van der Weyden, en France. — *(En. Déliguières)*

XIII. — L'abeille au point de vue de l'archéologie et du Folklore. — *(J. de Soignies.)*

Hommage de livres & de brochures

Le Comité général d'organisation recevra avec gratitude les publications ou objets propres à éclairer les publications ou objets propres à éclairer les débats du Congrès ou destinés à être distribués aux Membres de celuici et qui seront adressés, par *colis affranchi*, au Secrétariat général, chaussée de Lierre, 2, Malines.

Une liste complète des donateurs sera insérée dans les publications du Congrès, avec le titre des ouvrages.

Les livres et objets au Congrès, seront remis en son nom, au Cercle archéologique, artistique et littéraire de Malines, société organisatrice, qui les conservera en toute propriété.

Avis important.

Les souscripteurs recevront ultérieurement, le développement des questions à traiter au Congrès, l'horaire définitif, les indications relatives aux hôtels de Malines, des notices sur les monuments à visiter au cours des excursions, etc. Le Comité organisateur croit devoir appeler l'attention des souscripteurs étrangers, sur la coincidence du Congrès de Malines avec l'Exposition internationale de Bruxelles.

SOCIÉTÉ CENTRALE D'ARCHITECTURE DE BELGIQUE

Adresser les correspondances à Mr. le Président avenue Ducpétiaux 104. — Bruxelles. — Société Centrale d'Architecture de Belgique. — Siège Social: Palais de la Bourse. — Bruxelles, le 22 Mars 1897.

Messieurs et honorés Confrères. — La Société Centrale d'Architecture se propose de réunir à Bruxelles du 28 Août au 2 Septembre prochain à l'occasion du xxv anniversaire de sa fondation et de l'Exposition Universelle un congrès international d'architectes.

S. M. le Roi lui a accordé son Haut Patronage Monsieur De Bruyn, Ministre des Beaux-Arts de Belgique, Monsieur le Comte d'Oultremont, Commissaire Général de l'Exposition Universelle, Monsieur Vergote, Gouverneur de la province de Brabant et Monsieur Buls, Bourgmestre de Bruxelles en ont accepté la Présidence d'Honneur.

Vous trouverez ci-joint, Messieurs et honorés Confrères, le programme de ce congrès et des fêtes que nous comptons organiser à cette occasion; nous espérons que vous nous ferez l'honneur d'y déléguer plusieurs de vos membres et nous serions heureux de recevoir de nombreuses adhésions individuelles des autres.

Nous vous prions à cet effet, Messieurs et honorés confrères, *de nous faire parvenir au plus tôt une liste aussi complète que possible des architectes de votre pays et* de nous indiquer le cas échéant des questions intéressant l'art architectural ou l'archéologie que vous désireriez voir figurer à l'ordre du jour du congrès.

Veuillez agréer, Messieurs et honorés Confrères, l'assurance de notre considération la plus distinguée.

Le Secrétaire, *H. Bernim lin.* — Le Vice-Président, *G. Mankels*, Architecte du Commissariat Général et de l'Exposition Universelle de Bruxelles 1897. — Le Président, *V. Dumortier*, Architecte provincial en Chef du Brabant.

A la Société des Architectes civils et Archéologues portugais.

Casal Brito, Sete Rios. — Lisbonne.

Royaume de Belgique. — Exposition Internationale de Bruxelles 1897. — Congrès International d'Architectes et Exposition rétrospective d'Architecture organisés par la Société Centrale d'Architecture de Belgique à l'occasion du xxv^e^ anniversaire de sa fondation sous le haut patronage de S. M. le Roi.

Sous les auspices du Gouvernement belge, la Présidence d'honneur de M L. de Bruyn, Ministre de l'Agriculture, des Travaux Publics et des Beaux-

Aris, de M. le Comte d'Oultremont, Commissaire général de l'Exposition universelle de Bruxelles 189 , de M. A. Vergote, Gouverneur du Brabant et de M. Ch. Buls, Bourgmestre de Bruxelles.

Programme-Sommaire.

Le Congrès se tiendra à Bruxelles du samedi 28 août au jeudi 2 septembre 1897.

Le Congrès se réunira chacun de ces jours en assemblée générale et en séances de sections pour s'occuper des questions suivantes :

I. L'enseignement de l'architecture doit-il être éclectique ou doit-il être limité aux principes d'une école?

Quel doit en être le programme?

II. Faut-il un diplôme d'architecte?

I I. Doit-on, dans la restauration des monuments :

a) Respecter ou corriger les erreurs, les fautes de construction des anciens?

b) Compléter leur oeuvre dans ses parties inachevées?

c) Supprimer certaines parties de construction ou d'ameublement pour des raisons d'unification de style?

IV. Quels sont les moyens d'assurer la propriété artistique de leurs oeuvres aux architectes?

V. Quels sont les moyens de généraliser l'institution de Caisses de Défense mutuelle des architectes?

VI. Et d'autres questions posées par des membres.

Indépendamment de ces assemblées et réunions le Congrès comprendra :

1° Plusieurs visites à l'Exposition internationale, à Tervueren et aux monuments de Bruxelles ;

2° Des conférences relatives à l'art architectural et à la construction ;

3° L'ouverture du Salon d'architecture de la Société ;

4° Une excursion aux très importantes ruines de l'Abbaye de Villers (XII^e au XVIII^e siècle).

5° Une excursion aux très intéressants travaux de construction de la gare de l'Est à Anvers et d'aménagement de ses abords ;

6° Une réception à l'Hôtel de ville d'Anvers, au Musée Plantin et la visite des principaux monuments d'Anvers, sous la conduite des membres de la Société des Architectes anversois ;

7° Un raoût à l'hôtel de ville de Bruxelles, offert par l'Administration communale ;

8° Une réception intime au local de la Société centrale ;

9° Un banquet.

L'Exposition d'architecture qui restera ouverte du 29 août au 30 septembre et par conséquent pendant le Congrès comprendra les dessins, photographies, phototypies, gravures ou maquettes d'oeuvres d'architecture exécutées ou projetées pendant la seconde moitié du XIX^e siècle.

Conditions d'adhésion au Congrès international.

La cotisation de membre du Congrès est fixée à vingt ou trente francs, payables en un mandat postal à envoyer avant le 1^{er} juillet 1897, avec le bulletin d'adhésion ci-annexé, lisiblement rempli et signé, ainsi que deux épreuves photographiques du portrait de l'adhérent, au président M. Valère Dumortier, architecte provincial en chef du Brabant, avenue Ducpétiaux, 104, à Bruxelles.

En échange, les congressistes recevront un programme détaillé du Congrès et une carte d'identité donnant droit :

A. — Les cartes à trente francs :

1° A une réduction de prix sur les chemins de fer ;

2° Aux parcours gratuits en 2^e classe et à prendre place (au départ de Bruxelles) dans des voitures réservées, aux excursions à Anvers et à l'Abbaye de Villers ;

3° A l'entrée gratuite à l'Exposition ;

4° A l'entrée gratuite à une représentation au théâtre de la Monnaie (Opéra) où des places numérotées leur seront réservées ;

5° A l'entrée gratuite aux monuments, tant à Anvers qu'à Bruxelles, ainsi qu'au Musée Plantin, au Jardin zoologique et aux ruines de Villers ;

6° A prendre place au banquet *(vin non compris)*;

7° A bénéficier, sur la présentation de leur carte d'identité, des prix réduits d'un tarif spécial dans les principaux hôtels de Bruxelles ;

Indépendamment du raoût à l'Hôtel de Ville de Bruxelles et de la fête intime donnée par la Société.

B. — Les cartes à vingt francs donneront droit :

A toutes les réunions et fêtes ci-dessus, à l'exception de la représentation à la Monnaie et du banquet.

Les membres peuvent obtenir pour les dames de leur famille qui les accompagneraient l'autorisation de prendre part aux excursions et d'assister à la représentation de la Monnaie en adressant, au président, une demande écrite accompagnée d'un mandar postal de 20 francs.

Quant aux réceptions au local de la Société et à l'Hotel de Ville de Bruxelles, les dames y seront admises sur la presentation du membre qui les accompagnera.

Des commissaires seront chargés de donner aux congressistes, et notamment aux étrangers, tous les renseignements qu'ils pourraient désirer pendant leur séjour à Bruxelles, de les guider dans le choix d'un hôtel et dans la visite de la ville.

Conditions d'admission à l'Exposition.— L'Exposition d'architecture sera ouverte à Bruxelles du 29 août au 30 septembre 1897.

Y seront admises gratuitement toutes espèces de reproductions : dessins, photographies, phototypies, gravures, maquettes d'œuvres d'architecture exécutées ou projetées pendant la seconde moitié du XIX^e siècle.

Un Comité de placement sera chargé de leur réception et de leur renvoi.

Les dessins photographiés, gravures ou phototypies, etc., devront être collés sur châssis ou sur fort carton bristol ou encadrés.

Ils devront être rendus franco au plus tard à Bruxelles le 1er juillet, au local de l'Exposition ; l'adresse à coller sur les envois, sera indiquée en temps utile aux exposants.

Ceux-ci sont priés d'indiquer dans le bulletin ci-annexé les dimensions et la nature des objets exposés et de le renvoyer signé au président, avenue Ducpétiaux, 104, à Bruxelles, avant le 1er juin 1897.

La Société serait heureuse d'admettre à son Exposition les œuvres d'architectes décédés ; elle invite leurs héritiers ou leurs amis détenteurs de reproductions de ces oeuvres à les lui confier, elle leur rembourserait les frais d'expédition et de retour et leur remettrait, pour eux et leur famille, une carte permanente d'entrée gratuite à son Exposition.

CONCURSO EM BARCELONA

Consulado de Portugal em Barcelona, n.º 35.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — O Presidente da Camara Municipal d'esta cidade, dirigiu a este Consulado um officio, incluindo os programmas que acompanho, para o concurso que em 1902, deve vereficar-se em esta cidade, para a melhor obra original de Archeologia Hespanhola, que se apresente ; no mesmo officio pede a indicada auctoridade, que ao programma se dê a maior publicidade em Portugal ; para cujo fim achei o mais opportuno, dar conhecimento a essa Real Associação, da qual é V. Ex.ª seu digno Presidente.

Deus guarde a V. Ex.ª Consulado de Portugal, em Barcelona 29 de Maio de 1897.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Dignissimo Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

O Consul socio correspondente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — *Visconde de Wren.*

Será concedido um premio de vinte mil pesetas á melhor obra original de archeologia hespanhola que se apresente n'este concurso, se merecer a approvação do jury que para isso fôr nomeado.

Este premio será adjudicado no dia 23 de abril de 1902, festividade de S. Jorge, padroeiro da Catalunha.

Admittir se-hão obras impressas ou manuscriptas e de auctores hespanhoes ou estrangeiros, terminando o praso para a apresentação na secretaria do municipio no dia 23 de outubro de 1901, ás 12 horas da manhã.

A obra poderá ser escripta nos seguintes idiomas: latim, castelhano, catalão, francez, italiano ou portuguez.

A obra deverá apresentar-se anonyma com um lemma que corresponda ao que estiver na carta, contendo o nome e domicilio do auctor.

Serão juizes ou censores n'este concurso cinco pessoas idoneas, eleitas pelo municipio, sendo seu presidente honorario o alcaide presidente da mesma corporação.

No dia 23 de outubro de 1901, ás 12 horas da manhã, constituir-se-ha a commissão especial nomeada para levar a cabo o legado de D. Francisco Martorell y Pena, sob a presidencia do sr. alcaide, e tratará desde logo de lavrar acta de todas as obras que se tiverem apresentado, e da nomeação do jury, isto é, dos cinco censores ou juizes do concurso.

O auctor da obra, a quem se adjudicar o premio, deverá publical-a no praso de dois annos, contados da data da adjudicação d'aquelle, devendo entregar cinco exemplares á corporação municipal. Se não fôr escripta em castelhano, deverá traduzil-a n'este idioma para tal publicação.

No caso em que o auctor da obra não dê cumprimento ás duas anteriores prescripções, poderá o municipio publical-a e traduzil-a á sua custa, reservando-se os direitos de propriedade da obra premiada, os quaes, no caso contrario, pertencerão ao auctor.

CORRESPONDENCIA

Real e Parochial Egreja de Santa Engracia.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. Ex.ª de 17 do corrente e de pedir se digne fazer sciente a Ex.^{ma} Assembléa Geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, da qual V. Ex.ª é mui digno secretario, do meu reconhecimento em geral pela promptidão com que attendeu o meu convite, e em particular aos Ex.^{mos} Srs. Vice-Presidente

Valentim José Correia, Visconde da Torre da Murta e V. Ex.ª pelo incommodo que tiveram de vir examinar o busto de prata de Santa Engracia.

Deus Guarde a V. Ex.ª Lisboa, Real e Parochial Egreja de Santa Engracia, 31 de Maio de 1897.

Ill.^mo^ *e Ex.*^mo^ *Sr.* Eduardo Augusto da Rocha Dias, Dig.^mo^ 2.º secretario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

O socio effectivo *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*

Ill.^mo^ *e Ex.*^mo^ *Sr.* — Ainda que já de muito tempo estou habituado ás provas de benevolencia por mim recebidas da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, surprehendeme o officio em que V. Ex.ª me communica a minha nomeação de Socio Benemerito. Se não fosse corresponder a um acto de extremada cortezia com uma acção grosseira e ingrata, eu pediria licença para declinar tão grande honra. Como o não posso fazer, limito-me, confundido, a pedir a V. Ex.ª queira significar á Associação todo o meu reconhecimento. Nada fiz (diz-m'o bem alto a consciencia) que merecesse tão elevada distincção ; não a tomo, pois, como premio, mas apenas como animação generosa. E' mais um favor que fico devendo aos nossos collegas, e á memoria saudosa do nosso chorado Presidente e Fundador.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Ameixoeira, 20 de Maio de 1897.

Ill.^mo^ *e Ex.*^mo^ *Sr.* Eduardo A. da Rocha Dias 2.º Secretario da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.— *Visconde de Castilho.*

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 8)

Belem — freg., conc. de Lisboa. – Egreja dos Jeronymos; medalhão com busto de Boutaca, descoberto em 1875 pelo sr. J. P. N. da Silva por detraz dos degraus do pulpito moderno. – Torre de S. Vicente e fortes de S. Pedro e S. João da Junqueira.— Museu fundado por D. José Xavier de Noronha, 4.º marquez de Angeja e 6.º conde de Villa Verde, no palacio da condessa do Lavradio, rua direita da Junqueira.— Palacio real.— Junto á calçada do Galvão, uma columna, de cinco metros de altura, com inscripção commemorativa da execução da sentença contra José de Mascarenhas, duque de Aveiro, justiçado por motivo d'aggressão a el-rei D. José I, em 3 de setembro de 1758. — *Guia do viajante em Belem* (Lisboa, 1872); *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem* (attribuida a Francisco Adolpho Varnaghen) *com um glossario dos termos de Architectura essencialmente gothica,* publicada pela «Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis» (1842); *Summario de varia historia* por José Ribeiro Guimarães, vol. III ; *Descripção do real mosteiro de Belem com a noticia da sua fundação* pelo abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa (Lisboa, 1837) ; *La basilique de Bethlém* pelo sr. conde de Marsy no *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1875, pag. 71 ; *O mosteiro de Belem e a sua restauração* por Innocencio F. da Silva (*Artes e Lettras,* 1873, pag. 124) ; *O mosteiro de Belem* pelo sr. J. P. N. da Silva (1867) ; *Algumas noticias ácerca do mosteiro de Belem* (Archivo pittoresco, IX) ; Na *Historia de Portugal,* continuação á de Schaeffer por J. L. Domingues de Mendonça (Lisboa, 1845) tomo VIII, em appendice uma *Noticia historica de Santa Maria de Bethelem ; Portugal pittoresco* de Fernando Denis, IV, 330, 331 ; *Portugal e os Estrangeiros,* t. I, 86, 94, 514 ; *Revista pittoresca* e descriptiva de Portugal com vistas photographicas. Publicação feita sob os auspicios de SS. MM. El-Rei o Senhor D Luiz I e El-Rei o Senhor D. Fernando II, de Suas Altezas e de S. M. Imp. a Sr.ª Duqueza de Bragança. Pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Lisboa, 1862 (Igreja da Memoria, Fortaleza de Belem, Igreja do antigo convento dos Jeronymos) ; *Universo Pittoresco,* t. I, pag. 49, t. II, pag. 209, 273, 337, t. III, 241 ; *Mémoire descriptif du projet de la restauration pour l'église monumentale de Belem à Lisbonne, et le modèle en bois fait pour l'exposition universelle de Paris* pelo sr. Possidonio da Silva. (1867) ; *Historia de S. Domingos,* 4.ª p.^te^, vol. VI ; *Panorama photographico de Portugal* pelo sr. Augusto Mendes Simões de Castro (1872-1874) ; *Portal da igreja de Santa Maria de Belem* por J. Ribeiro Guimarães (*Artes e Lettras,* 1873, pag. 77) ; *Mosteiro de N. S. de Belem* por Ignacio de Vilhena Barbosa (*Artes e Lettras,* 1873) ; *Opusculos* de Alexandre Herculano, t. II (*Monumentos patrios*) ; III, pag. 16 ; *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.* III, pag. 144 ; IV, 8 ; V, 91 ; VII, 9, 27 ; *O convento de Belem e o seu architecto* por Sá Villela (Silva Leal) no *Bolet. da R. Ass. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1874, pag. 58 ; *Occidente,* vol. II, pag. 9 a 12, III, pag. 40, 100, 134, 145, 154, 162, 170, 178, 187, 202, IV, 182, 191, V, 171, VI, 2, VII, 246, 254, 271, VIII, 15, 23, IX, 130, X, 209, XI, 146, 187, 276, 277, XVII, 63 ; *Panorama,* 1840, pag. 73 ; 1842, pag. 58, 66, 73, 99, 109, 125, 130, 138 : 1843, pag. 385 ; 1854, pag. 101, 177 ; *Monumentos nacionaes* por Mendes Leal ; *Relatorio e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. monum. nac.* ; *A torre de Belem* por Luiz Augusto Rebello da Silva, no *Archivo Universal,* t. III, pag. 193 ; *Archivo Pittoresco,* t. V, VI, VIII, e IX ; *Revista Illustrada,* 1890, pag. 72 ; *Portugal Artistico,* n.^os^ 6 e 9 (1853-1854) ; *Arte portugueza,* 1895, n.º 6 e ultimo (art. do sr. Gabriel Pereira) ; — Vesperas do Centenario. *As obras dos Jeronymos,* parecer apresentado á Commissão dos Monumentos Nacionaes pelo seu Vice-Presidente o sr. Luciano Cordeiro ; *Jeronymos* (*O Culto da Arte em Portugal* pelo sr. Ramalho Ortigão, *passim*) Campo Salgado ou Chão Salgado (*Diccionario* de Pinho Leal, t. II, pag. 279) ; *A exposição indus-*

trial de Belem em 1893 pelo sr. A. E. de F. Cavalleiro e Sousa (Lisboa, 1894); *Memoria sobre a torre de Belem*, publicada em Milão com illustrações que representam a torre no seu conjuncto e nos seus pormenores mais notaveis. E' seu auctor o architecto italiano sr. Sebastiano Locati (1897); Palacio Real (*Jornal de Bellas Artes ou Mnemósine Lusitana*, t. II, pag. 170).

Bellas — villa, conc. de Cintra — E' onde principia o aqueducto das Aguas Livres. — N'uma elevação da quinta do marquez de Bellas ha duas lageas a prumo, encostadas em angulo uma á outra e que se suppõe que sejam um monumento celtico. — *Estudos prehistoricos em Portugal. Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos* II. *Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas* por Carlos Ribeiro; *Historia e mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa*. Tomo VI, parte I; *Relatorio e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archeologo Portuguez*, n.º 1, pag. 20 a 28; *Fragmento de osso semi-cylindrico da anta de Bellas* (*Occidente*, I, pag. 96); *Archivo Pittoresco*, VI; *Descripção da grandiosa quinta dos senhores de Bellas, e noticia dos seus melhoramentos*, pelo beneficiado Domingos Caldas Barbosa, capellão da Relação. Lisboa 1799; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 61; *Branco e Negro* n.º 23 (1896)

Bello Monte ou **Belmonte** — villa, conc. da Guarda. — Castello, muralhas e torre de *Centum cellas* ou de S. Cornelio do tempo do rei D. Diniz; tudo muito arruinado. — Misericordia e hospital fund. em 1611. — Antiquissima ermida de S. Cornelio.

Belver — villa, conc. de Mação — Castello com torre de menagem, em ruinas; reedif. e ampliado por D. Nuno Alvares Pereira, em 1390. Castello edific. pelos cavalleiros de Malta. Ahi viveu a princeza Santa Joanna.

Bemfica — palacio e quinta do sr. marquez de Fronteira: azulejos onde estão pintadas as batalhas em que tomaram parte os membros d'esta familia (Mascarenhas), notando se a batalha do Ameixial, onde se vê o fundador do palacio e quinta em lucta corpo a corpo com D. João de Austria. — Bustos, em marmore de Carrara, de todos os reis de Portugal, desde D. Affonso Henriques até D. João V. — Convento de S. Domingos fund. por D. João I em 1295; jazigos do dr. João das Regras ou d'Arégas, de D. João de Castro, 4.º viso-rei da India, e de Fr. Luiz de Sousa. — Egreja parochial construida no principio d'este seculo; forrada interiormente de bellos marmores de côres; tem primorosas esculpturas. — Convento de frades capuchos da *Convalescença*. — *Historia de S. Domingos* por Fr. Luiz de Sousa 2.ª parte vol. III; *Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos* por I. de Vilhena Barbosa; *Relat. e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *S. Domingos de Bemfica* pelo sr. Gabriel Pereira (*Revista Archeologica*, III, pag. 99); *O satyro da fonte de S. Domingos de Bemfica* pelo mesmo sr. G. Pereira no *Boletim da R. A. dos Arch. e Archeol. Portug.* VII, n.º 1. pag. 7; *Palacio Fronteira* (*Archivo Pittoresco*, T. VI); *Em S. Domingos de Bemfica* por Margarida de Sequeira (*Revista illustrada*, 1892, pag. 43); *S. Domingos de Bemfica* (*Universo Pittoresco*, T. II, pag. 289).

Bemposta — villa, conc. de Mogadouro. — Pequenas fortalezas.

Bemposta — villa, conc. de Penamacor. — Torre e castello.

Bemviver — extincto conc., com. de Marco de Canavezes. — Vestigios de grandes fortificações romanas. Estrada subterranea que ia ter ao Douro.

Benavente e **Barrosa** — villa e conc. — Padrões antiquissimos. — Palacio real arruinado. — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa.

Benavilla — villa, conc. de Fronteira. — Capella da *Senhora de Entre Aguas*, em cuja parede exterior está embutido um cippo com uma inscripção. — Castello em ruinas, do tempo de D. Diniz. — *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, pag. 20.

Bencatel — freg , conc. de Villa Viçosa. — Em 1841 achou-se aqui uma ara de *Fontauro* e *Fontana*, com inscripção, «uma pequena sereia e uma cabeça de homem barbado». Tudo isto veiu para Lisboa por diligencias do patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz. — Egreja de N. S.ª do Alcance, fund. em 1765 por Bartholomeu Fialho. Veja-se em *Villa Viçosa* o que se diz sobre antiguidades romanas nos *Villares da Galharda* «uberrimo campo para explorações archeologicas». — *Revista archeologica*, I, n.º 6; *Corpus-Inscrip Hisp. Latin. Supp.* do vol. II, 807, 808; *Noticias archeol. de Portugal* pelo sr. E. Hübner.

Benespéra ou **Bem Espéra** — freg., conc. da Guarda. — Hospital fund. em 1645. — Egreja antiquissima — Convento de conegos da ordem de Santo Antão, fund. cerca do anno 1350. Passou a ser de jesuitas por bulla de Paulo III (1550).

Bensafrim — conc. de Lagos. — Descobertas archeologicas (*Boletim da Real Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.* T. VII, pag. 38). *Antiguidades monumentaes do Algarve* por Estacio da Veiga.

Bento da Contenda (S.) — freg., conc. do Alandroal. — Vestigios de uma grande povoação. — Torre que tem servido de atalaia.

Beringel ou **Bringel** — villa, conc. de Beja. — Egreja matriz antiga: sepulturas. — Misericordia e hospital fund. em 1543. — Convento de bernardos. — *Archivo historico*, vol. I; *Archeol. Port.*, II, n.º 12, pag. 307.

Berlengas — grupo de ilhotas a O. de Peniche. — A maior d'estas ilhotas, por isso chamada a *Berlenga grande*, tem um forte de construcção muito antiga. — Convento de frades jeronymos, fund. em 1500 pela segunda mulher do rei D. Manuel. — Furna denominada a *Fonte do Capitão*.

Berteande ou **Britiande** — villa, conc. de Lamego. — Convento de *Ferreirim* (frades franciscanos) fund. em 1520 por D. Francisco Coutinho, conde de Marialva e Loulé. Sepultura do fundador. — Egreja matriz fund. em 1102 por Egas Moniz.

Bertiandos ou **Britiandos** — villa, conc. de Ponte de Lima. — *Torre dos Bertiandos*, fund. em 1586 por Ignez Pinta. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 253. *Archeol. Port.*, II, pag. 307.

Bésteiros — valle, perto de Vizeu. — Convento de frades benedictinos que em 1236 se chamava mosteiro de *Frávegas* e depois de *Fragoas*.

Bésteiros (S. Payo) — freg., conc. de Amares. — Matriz antiquissima. — Capella de Santo Antonio.

Bésteiros (Guardão de) — freg., conc. de Tondella.

— Vestigios de tres torres antiquissimas junto á egreja, que tambem é de tempos remotos. — Mesa de pedra mandada fazer, ao pé do *Outeiro do Caramullo*, por D. Antonio, prior do Crato (?); *Archeol. Port.*, II, pag. 308.

Bésteiros (S. Domingos de) — aldeia, conc. de Bésteiros (Tondella). — Convento de conegos de Santo Antão fund. em 1460 e cedido aos jesuitas em 1550 pelo papa Julio III.

Bezelga — freg., conc. de Thomar. — Povoação antiquissima, que já existia (?) no tempo dos romanos. — No adro da egreja matriz, uma calçada subterranea, sobre argamassa, feita de pedrinhas, quadradas, do tamanho de dados de varias côres á maneira de mosaico ou *embrechado*.

Bico — freg., conc. de Coura. — Vestigios de cidade antiga, taes como tijolos, pedras lavradas, columnas, cippos, alicerces de casas, urnas de pedra e de tijolo, etc.; *Archeol. Port.*, II, pag. 309.

Bismula — freg., conc. do Sabugal. — Fortim ou reducto e atalaia, em ruinas.

Boa Viagem — povoação na freg. de Carnaxide, conc. de Oeiras. — Convento de frades arrabidos, fund. por Antonio Faleiro de Abreu em 1618.

Bobadella — freg., conc. de Chaves. — Vestigios de muralhas e fossos no outeiro chamado *Cidadonha*; *Archeol. Port.*, II, pag, 310 e 311.

Bobadella — villa, conc. de Oliveira do Hospital. — Arco de pedra lavrada, que indica ser porta de muralha. — Alicerces, columnas, pedras lavradas, e sepulturas. — Na parede exterior da matriz e na de uma casa particular vêem-se duas inscripções romanas. — Capella de Santo Christo. — Adro da egreja matriz cheio de sepulturas muito antigas, com grande quantidade de pedras á maneira de arcos lavrados. Cruzes como as das commendas aos lados, cabeceiras e pés de todas estas sepulturas. — *Memoria historica chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra* pelo dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco (1853); *Expedição scientifica á serra da Estrella. — Relatorio da secção de archeologia* pelo sr. dr. Francisco Martins Sarmento; *Descripção de Coja e dos seus arredores* (Ms. da Biblioth. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa); *Memoria historica sobre a villa de Ceia* por Agostinho de Mendonça Falcão; *Noticias archeologicas* pelo sr. E. Hübner; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.* vol. II, 44, supp., 817.

Boivão — freg., conc. de Valença. — Ruinas de um castello, *da Forna*, ou da *Penha da Rainha*, ou *de Fraião*, que por este e outros nomes é conhecido. — Cavernas. *O Minho Pittoresco*, t. I, pag. 87; *Archeol. Port.*, II, pag. 311.

Boliqueime — freg., conc. de Albufeira. — Egreja matriz construida no sec. XVIII. — *Corpus — Inscr. Hisp. Latin.* Supp., 783.

Bombarral — freg., conc. do Cadaval. — Albergaria instituida por alguns parochianos.

Bom Successo — termo de Lisboa. — Bateria.

Borba — serra, freg. de Rio de Moinhos (Extremoz) — Capella de N. S.ª da Victoria, erigida em commemoração da batalha de Montes Claros.

Borba — villa e concelho — Castello que tem no seu recinto uma elevada torre onde ha uma pedra com dois malhos esculpidos (emblema da Ordem do Templo) — A egreja matriz tem uma inscripção em portuguez e as suas naves são formadas por dois renques de sete columnas cada um, de marmore branco. — Convento de Santa Clara, de freiras franciscanas, fund. em 1600 pelo licenciado Antonio Cardeira (?) — Collegio dos frades paulistas fund. em 1704 (?) pelo dr. João Gomes Pinto, chantre da Sé de Coimbra. — Convento de frades capuchos *do Bosque*, fund. em 1505 por D. Jayme, duque de Bragança. — Bons aqueductos. — Vestigios de mineração dos romanos ou dos arabes (?) — Fonte de marmore branco feita pela camara em 1781. — *Archivo historico*, vol I; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 226; *Archeol. Port.*, II, 311.

Bordonhos — freg., conc. de S. Pedro do Sul. — Egrejas de *Varzea* e de *Bordonhos*, nas quaes ha sepulturas da familia dos seus fundadores, tornando-se notavel na de Bordonhos o mausoléo de Fradique Lopes de Sousa, segundo conde de Subserra.

Borralhoso — serra e aldeia, freg. de Fermedo. — *Staurótidos* encravados em rochedos schistosos antigos, cujos crystaes (silicato de alumina) tomam a fórma de uma cruz; *Estaurolithes*. (*Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 56.)

Boticas — villa e concelho. — Dois padrões: um não tem letras, outro dedicado ao imperador Trajano. Ha proximos mais dois.

Bouças — Rio — Ponte grandiosa na aldeia de Bouças, entre Fafe e Guimarães — Junto á ponte, a capella de Santo André e dois tumulos antigos sem inscripção alguma. Diz-se que são de dois templarios.

Bouças de Mattosinhos ou da Maia — villa e concelho — Sumptuosa egreja forrada de azulejos, onde primeiro esteve o *Senhor de Mattosinhos*. — *Tratado da veneranda et prodigiosa imagem do Senhor de Bouças de Matozinhos*, por Antonio Coelho de Freytas (Coimbra, 1699.) — *O Minho Pittoresco* por José Augusto Vieira, t. II, 653.

Bouçoães — freg., conc. de Chaves. — Egreja matriz do tempo dos romanos (?) — Vestigios de muralhas e outros edificios antiquissimos.

Bougado — (S. Thiago de) — freg., conc. de Santo Thyrso. — Egreja matriz muito antiga. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 309; *Archeol. Port.*, II, 312.

Boulhosa — serra do Minho — Castellos de Frayão e de S. Martinho. O primeiro é formado de penedias que o tornam inaccessivel por todos os lados.

Bouro — (Santa Martha do) — villa, conc. de Amares — Ruinas da ponte romana (de 3 arcos) que atravessava o Cavado, na via militar denominada *Geira*, para *Parada de Bouro*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 437.

Bouro — (Santa Maria de) — villa e concelho de Amares. — Real mosteiro de frades bernardos fund. por Pelayo Amato, fidalgo da côrte do conde D. Henrique — Junto á egreja d'este convento está uma estatua colossal de D. Affonso I — Sanctuario de *N. S. de Abbadia*. — Elegante columna de ordem composita encimada por uma cruz. — A *Fonte da Senhora* é forrada de azulejos. — Antiga capella de S. Miguel. — Sanctuario de *S. Bento da Porta Aberta*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 438.

Braga — cidade. — Restos de construcções romanas. — Sé, que já existia no tempo do dominio romano, onde jazem o conde D. Henrique e sua mulher,

a rainha D. Thereza, o infante D. Affonso, filho de D. João I, a infanta D. Izabel, duqueza de Borgonha, S. Pedro de Rates, primeiro arcebispo de Braga, o arcebispo D. Lourenço Vicente, que morreu na batalha de Aljubarrota, o arcebispo D. Gonçalo Pereira, avô de D. Nuno Alvares Pereira, e muitas outras pessoas notaveis. — Junto á egreja de S. João do Souto está a capella de N. S.ª da Conceição, em estylo gothico florido e ornada de muitas estatuas. Na *Congosta*, que vae terminar no Campo de Sant'Anna, acha-se um portal que foi d'esta egreja e serve de dar entrada para um quintal. — Na capella mór da egreja do Populo estão duas sepulturas, uma do fundador, D. Fr. Agostinho de Castro, e outra de D. Fr. Aleixo de Menezes. — No centro da egreja da Misericordia velha ergue-se o sumptuoso mausoléo onde repousam as cinzas do arcebispo D. Diogo de Sousa. Tem uma inscripção. — Em maio de 1867 appareceram em excavações varias moedas do tempo dos romanos. — No passeio das *Carvalheiras* ha nove marcos milliarios com inscripções romanas. — *Idolo dos Granginhos*, que não se sabe ainda o que seja. — Arco triumphal, chamado a *Porta Nova*, do principio do sec. XVIII. — Medalheiro e varias antiguidades no palacio dos srs. Cunha Reis. — Egreja e hospital de S. Marcos. N'aquella está o sepulchro, de jaspe, de S. João Marcos, bispo. — No adro e em torno da capella (circular) de S. Sebastião, marcos milliarios com inscripções romanas. — O convento de Villar de Frades, junto ao rio Cavado, tem uma das mais bellas egrejas gothicas, que ha em Portugal. — Foram os romanos que fizeram as primeiras fortificações de Braga, das quaes pouco resta hoje. — Inscripções romanas: uma na pia d'agua benta da egreja de S. Salvador de Tuyas, junto a Canavezes, e outras n'uma lapida em Freixo de Numão, n'uma casa da rua das Travessas, na porta travessa da parede da Sé, que fica defronte do paço, no Monte de Penas, na fonte do Campo de S. Sebastião, etc. — Sumptuosa egreja da Misericordia — Chafariz da *Porta do Souto* e outros de boa architectura. — Fonte na rua da Galaria no sitio onde houve (?) um templo dedicado á deusa *Isis*, cujo edificio, segundo uns, já não existe, e, segundo outros, é o da egreja de S. Geraldo ou o da Sé. — Conventos: *Do Populo*, de frades de Santo Agostinho, fund. pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro em 1595. Mausoléos do fundador e de D. Aleixo de Menezes, arcebispo de Goa e, depois, de Braga; *De N. S.ª do Carmo*, de frades carmelitas, fund. em 1653 pelo padre Fr. José do Espirito Santo; *Do Salvador*, de freiras bentas, fund. em 1602 pelo arc. D. Fr. Agost. de Castro; *Dos Remedios*, de freiras franciscanas de N. S.ª da Piedade, primeiramente recolhimento e depois mosteiro fund. por D. Fr. André de Torquemada, bispo de Dume, em 1547; *De S. Paulo* (ursulinas, collegio das Chagas) que foi de jesuitas; fund. em 1560 pelo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. A torre junta ao convento pertencia ás muralhas e defendia a Porta de S. Thiago; *De freiras de N. S.ª da Conceição*, fund. em 1625 pelo conego Geraldo Gomes; *De congregados da ordem de S. Filippe Nery*, fund. no sec. XVII pelos padres José do Valle e Manuel de Vasconcellos, que morreu em 1687; *De carmelitas, que primitivamente seguiram a regra da observancia carmelita*, fund. no sec. XVIII por dominicanas da Terceira ordem, da Tamanca; *De religiosas da ordem de S. Domingos*, no sitio da Tamanca, fund. em 1726 por Agueda de Jesus e outras religiosas. — Hospicio dos monges bentos de Tibães, por elles fundado. — Convento de freiras de *N. S.ª da Penha de França*. Idem *de S. Fructuoso* (frades capuchos), fund. no tempo dos suevos (?) ou dos godos (?) — Hospicio dos conegos regrantes de Santo Agostinho. Idem dos conegos seculares de S. João Evangelista, fund. no sec. XVI pelos conegos de Villar de Frades, *os bons homens de Villar*. Hospicio de religiosos capuchos de S. Fructuoso, fund. no sec. XVII pelos mesmos religiosos. — Conservatorio do Menino Deus (recolhimento ou collegio da Tamanca) fund. pelo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão. — Hospital de S. Marcos, fund. em 1508 com as rendas de varios hospitaes d'esta cidade pelo arcebispo D Diogo de Sousa. Tumulo de S. João Marcos. — Egrejas: Santa Cruz (1635); S. Thiago da Cividade; S. Victor, antigamente mosteiro de monges benedictinos; S. Pedro; Ermida de N. S.ª da Conceição fund em 1512 por João de Coimbra, provisor do arcebispado; é em fórma de torre quadrangular, toda de cantaria e com dois pavimentos; tem ornatos rendilhados e varias estatuas de pedra, tudo em estylo gothico florido. — Recolhimentos: De *Santa Maria Magdalena*, de convertidas, fund. em 1722 pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles; *Da Santissima Trindade* ou *da Caridade* para donzellas e viuvas e para mulheres que pretendem regenerar-se; *Das beatas de Santo Antonio*, fund. em 1588 por Domingos Peres, abbade reservatario de *S. João da Balança*. — Egreja de *N. S.ª a Branca*, fund. n'um torreão antiquissimo, em principios do sec. XVI, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa. — Antiga capella (circular) de *N. S.ª de Guadelupe* no *Monte do Reducto*. — Egreja de S. José, que primitivamente foi de S. Lazaro, de remota antiguidade. — Sanctuario de Bom Jesus do Monte, na freg. de Santa Eulalia de Tenões: tem algumas lapidas com inscripções. — *Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos* por I. de Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. I; *Relatorio e Mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noções historicas e criticas ácerca dos objectos antigos e apreciaveis da Sé primacial de Braga na exposição archeologica no palacio de crystal portuense* pelo commendador B. J. Senna Freitas (Braga, 1867); *Memorias do Bom Jesus do Monte e roteiro ou abreviada noticia de Braga* por Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel (Coimbra, 1876); *Braga em 1875* por L. Vaz de Freitas; *Os monumentos da antiguidade em Portugal* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 319 dos seus *Estudos historicos e archeologicos*, T. II, 1875; *Apontamentos genericos sobre os objectos mais notaveis do districto de Braga e dignos de attrahir a attenção de S. S. M. M. e A. A. na sua visita ao mesmo districto em* 1852 pelo sr. dr. José Joaquim da S.ª Per.ª Caldas (Braga, 1852); *Memorias do arcebispado de Braga* pelo padre D. Jeronymo Contador de Argote; *Particularidades e origem do Sanctuario do Bom Jesus do Monte de Braga* por M. A. Vieira de Araujo (Lisboa, 1803); *Noticia historica das cidades, villas e casas illustres da pro-*

vincia do Minho por Antonio Lopes de Figueiredo (Braga, 1873); *Archivo Pittoresco,* T. IV; *Duas lapidas romanas,* art. do sr. dr. Pereira Caldas, nas *Artes e Lettras,* 1874, pag. 131; *Thesouro da Sé de Braga,* cartas de A. Soromenho e Vilhena Barbosa, nas *Artes e Lettras,* 1874, pag. 94; *Varias antiguidades de Portugal* por Gaspar Estaço; *Relatorio da commissão dos mon. nac. em* 1884; *Varias cartas sobre a historia ecclesiastica* de *Braga* por Diogo Borges Pacheco (ms. da Bibliotheca Publ. de Lisboa, A 1, 23); *De Bracharensis urbis origine,* na Bibl. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. E. Hübner, vol. II, 338, 343, 706, XLIV; supplemento, 901, 1040; *Cartas sobre as antiguidades de Braga* por Valerio Pinto de Sá (ms. da Bibl. Publ. de Lisboa. A 1, 2 3); *Chronica da jurisdicção de Braga. Noticias das egrejas do arcebispado* de Braga (mss. da Bibl. Nac. de Lisboa, A, 2, 29); *Memorias relativas ao arcebispado de Braga* (ms. da bibliotheca do Porto, D 4, 760); *Noticias de Braga* por Luiz Alvares de Figueiredo (ms. da Bibliotheca Nac. de Lisboa, A 1, 25, 26); *Das antiguidades da chancellaria de Braga. De antiquitatibus conventus Bracaraugustani libri quatuor* por D. Jeronymo Contador de Argote (Na «Collecçam dos documentos, e memorias da Academia Real da Historia Portugueza» 1728); *Excursion dans le nord du pays. Braga et Citania de Briteiros* (Congrès internat. de anthropol., etc. 1880. Compte-rendu. pag. 647); *Noticias do arcebispado de Braga* por Luiz Alvares de Figueiredo, arcebispo da Bahia; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. E Hübner, pag. 68 e seg. — *Noticia biographica das cidades, villas e casas illustres do Minho,* pelo rev. dr. Antonio Lopes de Figueiredo (1873); *Mappa breve da Lusitania antiga e Galliza Bracarense* pelo padre Francisco do Nascimento Silveira; *Revista archeologica,* III, pag. 179; *Mosaico e sylva de curiosidades, historicas, litterarias e biographicas* por Camillo Castello Branco (1868); *Dissertação historica e critica*: sobre a inscripção, que existe no campo de Santa Anna da cidade de Braga, e huma moeda antiga do tempo de Julio Cesar, de que faz menção o M. R. P. D. Jeronymo Contador de Argote nas Memorias que escreveo do mesmo arcebispado. Dada á luz pelo Doutor Mathias Pinheiro de Azevedo, e escrita pelo muito rev. Doutor Bento Morganti. Lisboa, 1742; *Parecer anatomico, historico, critico e juridico sobre a* Dissertaçam historica e critica de uma inscripçam, que existe no campo de Sant'Anna na cidade de Braga, e da figura gravada em uma moeda de Julio Cesar. Composto pelo Dr. Egidio Albornos de Macedo (pseudon. de Jeronymo Contador de Argote) Lisboa, 1742; *Serie chronologica dos prelados conhecidos da egreja de Braga,* desde a fundação da mesma egreja até o presente tempo. Precedida de huma breve *Noticia de Braga antiga* e seg. de um catalogo dos bispos titulares, coadjutores do arcebispado. Pelo padre José Corrêa (Coimbra, 1830); *Memoria historica do Sanctuario do Bom Jesus do Monte,* suburbios de Braga, por occasião do centenario do lançamento da primeira pedra nos alicerces do templo actual, por Fernando Castiço (Braga, 1884); *Caminho da Geira e estrada militar do Gerez* na *Revista Litteraria do Porto,* vol. VIII, 360 e seg.; *O Minho Pittoresco,* I, 455, II, 7, 57, 59; *Archeologo Portuguez,* I, n.° 1, pag. 20 a 28, art. do sr. dr. J. Leite de Vasconcellos; *Inauguração do monumento a D. Pedro V.* (*Occidente,* vol. II, pag. 124); *Bom Jesus* (*Occid.* vol. V, pag. 101, 103; VII, 141; *Hospital de S. Marcos* (*Occid.*, vol. VIII, 275); *No parque do Bom Jesus* (Occid., vol. XII, 139; XIV, 107); *Boletim da R. Assoc. dos Archit. e Archeol.*, t. III, n.° 6, pag. 87; *Ermida de N. S.ª da Conceição* (*Monumentos historicos, artisticos e archeologicos* por Vilhena Barbosa, pag. 447); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende. Evora, 1593, fl. 36, 37, 52, 76; *Jardim do Céo, plantado no convento de N. S.ª da Conceição da cidade de Braga,* em que se trata das memorias da fundação *d'este primeiro convento do reyno dedicado á Conceição* e se expoem a vida da Veneravel D. Beatriz da Silva, fundadora d'esta Ordem, e as de outras religiosas illustres em santidade, que no referido convento floresceram desde o anno de 1629 até o de 1764; pela Madre Maria Benta do Céo (Lisboa, 1766); *Portugal e os Estrangeiros,* t. II, pag. 28; *S. Pedro de Rattes* (*Panorama,* 1842, pag. 385); *Archivo Pittoresco,* t. V, VI, VII, VIII, IK, XI; *Revista illustrada,* 1890, pag. 102; *Portugal pittoresco,* IV, pag. 229, 251; *Cousas leves e pesadas,* por Camillo Castello Branco, pag. 73; *Atravez do passado* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 84; *Inscripções e letreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes* pelo sr. Albano Bellino (Porto, 1895); *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal.* Reliquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos pelo rev. padre Manoel José Martins Capella (Porto, 1895); *Cousas arabico portuguezas,* art. do sr. David Lopes (*Archeologo Português,* n.° 10, pag. 273); *Inscripções romanas de Braga* (ineditas) pelo sr. Albano Bellino (Braga, 1895); *O culto da arte em Portugal* pelo sr. Ramalho Ortigão, pag. 76; *Branco e Negro,* 1896, n.° 15; *Archeol. Portug.*, II, pag, 312; *Forma e verdadeiro traslado dos privilegios concedidos aos cidadões, moradores da cidade de Braga* — Reimpressão imitativa conforme a edição unica de 1633 — Porto, 1878; *Alguns apontamentos archeologicos relativos ás duas freguezias de Sobreposta e Pedralva* por Manuel Duarte de Macedo (*Revista de Guimarães,* 1896, pag. 121); *Novas inscripções romanas de Braga* (ineditas) pelo sr. Albano Bellino (1896)

(Continúa)

ASSIGNATURA. =Anno, 4 numeros, 600 réis.—Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio. — Numero avulso, 200 réis.

Typ. Lallemant, Rua Antonio Maria Cardoso, 6

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 10

DEDICATORIA ESCRIPTA NO EXEMPLAR ESPECIAL DO ELOGIO HISTORICO DE J P. N. DA SILVA, OFFERECIDO PELA REAL ASSOCIAÇÃO AO EX.mo VISCONDE DE CASTILHO

Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Castilho. — Resolveu a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em sessão de 16 de Maio, que eu fosse incumbido de escrever e inscrever a dedicatoria no exemplar offerecido a V. Ex.ª do primoroso discurso por V. Ex.ª pronunciado em elogio do saudoso e benemerito presidente da Associação — Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Reconhecendo, sem falsa modestia, a minha insufficiencia, quiz declinar o honroso encargo, mas, reflectindo um pouco, entendi que o não devia fazer, para que não se podesse imaginar que eu me esquivara a prestar esta merecida homenagem a um dos cavalheiros, que mais prezo pelo seu caracter e pelo seu talento.

Cumpro, portanto, gostosamente a minha missão. E, diga-se em verdade, não é ella muito difficil, porque se limita ao papel de phonographo. Sou apenas o transmissor de um voto de reconhecimento e estima por parte dos meus consocios, a quem a palavra eloquentissima de V. Ex.ª, artisticamente burilada com alma de poeta, tão profundamente impressionou.

Comparei-me ao phonographo, mas seja-me permittido esclarecer que não sou apenas um instrumento material. Vibro com a mesma intensidade de sentimento com que vibrou a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Digne-se, pois, V. Ex.ª acceitar este modesto testemunho da respeitosa e reconhecida admiração que todos lhe consagramos.

Lisboa — 2.º centenario da morte do Padre Antonio Vieira — 18 de Julho de 1897. — *Sousa Viterbo.*

VISCONDE DE ALEMQUER

Na sessão da Assembléa Geral, de 1 de agosto, o socio effectivo, sr. Augusto Ribeiro, fez o elogio do visconde de Alemquer, ha pouco fallecido, que por alguns annos foi primeiro secretario da nossa Associação.

A Assembléa Geral resolveu depois de ouvir o sr. Augusto Ribeiro celebrar uma sessão especial em homenagem ao visconde de Alemquer, encarregando-se, muito amavelmente, o sr. A. Ribeiro de pronunciar o elogio historico.

Senhores! — Depois da ultima reunião deu-se o triste successo do fallecimento do sr. Visconde de Alemquer, socio effectivo e antigo secretario da Associação, á qual prestou serviços assignalados, sobretudo pelo que importava a conservação do historico monumento nacional, cuja guarda lhe foi confiada. Fui amigo pessoal do sr. Visconde de Alemquer e, se tenho uma sincera admiração pelo seu talento e pela sua illustração não tinha menor respeito pelo seu caracter levantado e nobre, pelas excellentes qualidades que faziam delle uma das mais sympathicas e das mais distinctas individualidades da sua geração e do seu paiz.

O sr. Visconde d'Alemquer, D. Thomaz de Napoles Noronha e Veiga pertencia a uma das mais illustres e das mais antigas familias da nobreza portugueza, que muito se distinguiu sobretudo na lucta da independencia nacional, e havia nascido em 1840. Era bacharel formado em direito, foi deputado da nação em varias legislaturas, governador civil, vereador da camara municipal de Lisboa, em cujo exercicio principalmente prestou importantes serviços á associação, e par do reino. A sua carreira publica foi o reflexo da sua vida particular na concepção, no escrupulo e na fidalguia com que sempre regulou os seus actos, e cumpriu os seus deveres.

O sr. Visconde d'Alemquer era um fino espirito. A sua educação litteraria era das mais completas. Escrevia muito bem, era um orador extremamente correcto e amador apaixonado das bellas-lettras, era um poeta delicado e primoroso, pertencendo, como tal, a essa adoravel e gloriosa escola Coimbrã, cuja mais alta personificação foi João de Deus, de quem elle era amigo e mais do que amigo um adorador frenetico e apaixonado. Dizem os francezes: — *dize-me o que lês, dir-te-hei o que pensas e o que sabes.*

O sr. Visconde d'Alemquer, possuia e conhecia uma preciosa bibliotheca, onde predominavam os livros classicos, as edições *princeps* da grande litteratura nacional, nos tempos aureos, e era um gosto ouvil-o discretear sobre tantas e tão famosas obras primas.

Morreu cêdo. Esta associação, que elle tinha em merecida conta e que estremecia devéras, porque muitas vezes me fallava n'ella sentindo que as suas circumstancias lhe não permittissem dar-lhe um largo e amplo desenvolvimento, como tanto conviria, aos interesses historicos do paiz, á conservação dos seus admiraveis monumentos, tinha muito a esperar ainda do espirito illustrado e da vontade generosa de tão illustre e tão distincto cidadão. Justo é, pois, que ella registe nos seus annaes o profundo sentimento que lhe causou a morte prematura do sr. Visconde d'Alemquer. Decerto que esta homenagem estará no espirito e no coração de todos os membros da benemerita associação, entretanto, na obediencia á praxe, mando para a mesa, a seguinte:

Proposta

Tenho a honra de propor que na acta da sessão de hoje se consigne que a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes recebeu com profundo pesar a noticia do fallecimento do sr. Visconde d'Alemquer, D. Thomaz de Napoles Noronha e Veiga, recordando os importantes serviços que o illustre cidadão lhe prestou e que ella jámais poderá esquecer e resolvendo transmittir á sua ex.ma viuva a expressão dos seus sentidos pezames.

Em sessão de 1 d'Agosto de 1897. — *Augusto Ribeiro.*

CONGRESSO NACIONAL DE ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

O socio effectivo sr. Adães Bermudes, na sessão da Assembléa geral de 1 de agosto, apresentou a seguinte

Proposta

Considerando que se aproxima a data memoravel do 4.º centenario do descobrimento da India e que a solemne commemoração d'esse glorioso facto da nossa historia poderá exercer uma salutar influencia sobre a sociedade portugueza, que parece querer resurgir para o trabalho e para o progresso; e considerando que todos os bons cidadãos quer individual quer collectivamente devem prestar o seu concurso para o brilho e utilidade d'esse grandioso jubileu, proponho:

1.º Que a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes promova e realise um «*Congresso nacional de architectura e de archeologia*», que terá logar em Maio de 1898, destinado a tratar das questões que mais interessem os progressos d'aquella arte e d'aquella sciencia, e muito especialmente:

1.º Do estado actual da architectura publica e particular em Portugal e dos meios de promover o seu desenvolvimento.

2.º Dos meios de dar á profissão de architecto a consideração e prerogativas a que tem direito e de a rodear das necessarias garantias e responsabilidades para lhe assegurar a confiança do Estado e do publico.

3.º Do ensino da architectura e da archeologia nas escolas de bellas-artes e outras escolas nacionaes, e dos meios de o tornar integral nas primeiras e mais extensivo nas segundas.

4.º Do ensino manual e profissional no nosso paiz, especialmente no que se refere aos officios e

industrias da edificação, e dos meios de o tornar mais efficaz e completo.

5.° Do estudo, conservação e restauração dos monumentos nacionaes.

6.° Das habitações economicas destinadas ás classes menos abastadas.

7.° Da saneamento e da esthetica das cidades portuguezas.

2.ª Proposta:

Proponho que se nomeie desde já uma commissão mixta de architectos e archeologos encarregada de formular o programma e regulamento definitivos do congresso e de o submetter á sancção d'esta assembleia que nomeará immediatamente a Commissão executiva encarregada de realisar o mesmo congresso.

3.ª Proposta:

Proponho que as sessões do congresso sejam seguidas de visitas aos principaes monumentos do paiz e acompanhadas de conferencias feitas n'esses monumentos.

Lisboa 1 de Agosto de 1897 — *Adães Bermudes.*

MUSEUS ARCHEOLOGICOS PROVINCIAES
O MUSEU EBORENSE

O sr. dr. Thomaz Gomes Ramalho, conservador da Bibliotheca Publica de Evora, á qual está annexo o importante museu chamado de *Cenaculo*, em homenagem ao extraordinario arcebispo D. fr. Manuel do Cenaculo, dirigiu uma circular aos presidentes das Camaras Municipaes dos districtos alemtejanos, convidando-os a salvar e reunir na dita Bibliotheca, os objectos de valor archeologico que se descobrirem.

A nossa associação que tanto se tem esforçado pela salvação de monumentos, de antiguidades, criações de museus, e por todos quantos esforços e iniciativas tendentes a salvar as memorias do passado, com prazer ouviu ler em Ass. Ger. a bella circular do sr. dr. Ramalho, resolvendo que se publicasse no Boletim como exemplo a seguir.

Ex.ma Sr. — A archeologia, universalmente reconhecida como verdadeira sciencia, estreitamente relacionada com as sciencias naturaes, e auxiliar das sciencias historicas, e sociaes, está hoje chamando a attenção não só dos poderes publicos, mas tambem de muitos homens cultos do nosso paiz.

Principiada a entrada do seculo xv por Winckelmann, que foi o primeiro que das suas observações formulou principios fundamentaes de uma theoria, depois aprefeiçoada por Visconti, a ella se deve o conhecimento da existencia de povos pre-historicos, e não só a confirmação mas tambem a rectificação de factos importantes relativos a tempos historicos, desfigurados pelos historiadores. Com effeito: pelo estudo attencioso de velhos monumentos, moedas, medalhas, inscripções, vasos, roupas, armas, instrumentos e outros antigos utensilios, tem o archeologo podido conhecer e apreciar os habitos, artes e costumes de antigos povos, avaliando pelos seus vestigios o seu estado de desenvolvimento, e determinando com rigorosa exactidão epochas e datas importantes da vida de um povo.

Animar, quanto possivel, o estudo, d'essa sciencia que actualmente se inicia no nosso paiz com enthusiasmo, é um imperioso dever que a todos se impõe, e para o desempenhar na parte que me toca, ouso contar com o poderoso auxilio de V. Ex.ª

N'esta Bibliotheca, actualmente a meu cargo, existe uma importante collecção de objectos archeologicos, na maior parte legados por Cenaculo, o seu benemerito fundador.

Posteriormente lhe foram addicionados muitos outros, adquiridos pelos distinctos bibliothecarios, meus antecessores, entre os quaes destacam os vultos proeminentes de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e Augusto Filippe Simões, ambos de memoria muito saudosa para esta Casa, e para as lettras patrias. Recentemente tem augmentado a collecção archeologica por via de valiosos donativos, generosamente dispensados por dedicados protectores d'este Estabelecimento, e pode ainda crescer consideravelmente a sua importancia, se os homens illustrados do nosso districto prestarem o auxilio que solicito.

Não faltam, de certo, na nossa provincia, exemplares curiosos de archeologia. Em qualquer reconstrucção de velhos edificios, ou qualquer excavação em o nosso solo, apparecem com frequencia preciosos exemplares que teriam consideravel valor para o estudo da archeologia, se, em vez de convenientemente guardados em um museu especial, assecivel aos estudiosos, não ficassem, na maioria dos casos, reconditamente occultos; ou abandonados á acção destruidora do tempo, succedendo-se o extravio, quando a ignorancia do seu valor, lhes não faz alterar sua peculiar feição, empregando se em construcções novas, que encobrem já bastantes monumentos lapidares!

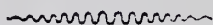
Archivar todas essas preciosidades, devidamente acondiccionadas, em local apropriado, de facil accesso ao archeologo estudioso, constitue a primeira necessidade que convem desde já attender; e nenhum outro logar se apresenta mais apropriado do que o museu d'esta Bibliotheca, aonde brevemente se installará uma secção archeologica, formada dos preciosos exemplares, que já possue. Em

qualquer outro logar, a sua colocação demandaria despezas relativamente importantes, que aqui se evitam, facilitando o confronto dos objectos archivados com os que de novo se lhes aggregarem.

Tendo, pois, em vista o fim que deixo exposto, ouzo rogar a V. Ex.ª, com muito interesse, que da sua parte envide todos os esforços para que a esta Bibliotheca sejam enviados os objectos antigos, que a Ex.ma Camara, a que V. Ex.ª dignamente preside, por ventura possúa, e sejam proprios para o estudo da archeologia; bem como aquelles que, de futuro sejam encontrados em quaesquer obras municipaes, pedindo tambem com egual interesse a V. Ex.ª a sua poderosa coadjuvação para se poderem alcançar aquelles objectos que forem encontrados em qualquer obra particular, afim de seguirem destino identico.

Convencido de que V. Ex.ª acolherá benignamente este meu pedido, desde já, muito reconhecido, consigno aqui os meus cordeaes e sinceros agradecimentos a V. Ex.ª que considerarei como um dos mais prestimosos protectores d'este estabelecimento.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Bibliotheca Publica d'Evora, 4 de dezembro de 1896. — Ex.mo Sr. Presidente da Camara Municipal do Concelho de...

O Conservador (a) *Thomaz Gomes Ramalho.*

D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR

A monsenhor Pereira Botto, dig.mo conego da Sé de Faro, e glorioso fundador do museu lapidar Infante D. Henrique, agradecemos a noticia das considerações de D. Francisco Gomes do Avellar sobre barbaridades commettidas na Sé de Silves.

É muito interessante e significativa essa censura. O illustradissimo arcebispo-bispo do Algarve, deu muita attenção a obras, estradas, pontes, fortificações, etc. Talvez por isto no retrato a oleo que existe na sala de visitas da Bibliotheca Nacional de Lisboa elle é representado desenrolando um papel onde se vê desenhada a frontaria de um templo, da Misericordia de Faro talvez, com a escala respectiva.

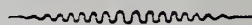
Do mesmo illustre prelado são as instrucções respectivas ás estradas que tambem transcrevemos do respectivo impresso, que julgamos rarissimo, egualmente devido tambem ao favor do rev. sr. Botto, a quem muito agradecemos o conhecimento de tão precioso documento.

COPIA DE DOIS ARTIGOS DE VISITAÇÃO DE S. EX.cia RV.ma O SR. D. FRANCISCO GOMES

A EGREJA DE SANTA MARIA DE SILVES COM ACRE CENSURA ÁS VEXATORIAS DETURPAÇÕES PRATICADAS NOS DETALHES ARCHITECTONICOS DE TAM PRECIOSA FABRICA

Vimos o estado do Edificio d'esta antiga Sé; e com magua do nosso coração reparamos, que, sendo o mais bem regulado Templo d'esta nossa Diocese, e muito veneravel pela sua antiguidade, e por terem n'elle florecido, e ahi trabalhado um grande numero de virtuosos Prelados nossos predecessores, e ter servido por algum tempo de sepultura ao Senhor Rei Dom João Segundo, poude a ignorancia imprudente dos Administradores, que tem tido cuidado da sua conservação e fabrica, deitar a perder a sua nobreza e formosura, já demolindo, ou tirando dos proprios logares os mausuleos de alguns dos nossos predecessores e outros, já com fabricas menos bem pensadas, e até contrarias aos preceitos da arte e improprias da architectura da mesma Egreja, já talhando columnas sem nenhuma necessidade e até destruindo de todo o antigo côro alto, e estragando pinturas originaes e de grande estimação e apagando inscripções summamente uteis e necessarias para o conhecimento da veneravel antiguidade, barbara imprudencia, que bem merecia ter sido severamente castigada pelos nossos predecessores nas pessoas, que a commetteram.

Pelo que, em quanto não damos todas as neccessarias providencias para o possivel reparo e remedio de tamanhas desordens, mandamos, que, d'aqui em deante, senão faça mais obra alguma de maior, ou menor consideração, sem que primeiro seja por Nós approvada, sob, a pena de ser reposto o seu custo por quem a mandar fazer, e de se dar em culpa grave ao Reverendo Parocho e Fabriqueiro; e assim se entendera o provimento, que deixamos no livro actual da fabrica.

Silves, 6 de Dezembro de 1789.

INSTRUCÇÕES

QUE DEVERÃO OBSERVAR OS INSPECTORES DA REPARAÇÃO DAS ESTRADAS

Primeiramente devemos todos persuadirnos, que as boas Estradas servem muito para o bem Publico; e por isso todos os Povos civilizados sempre cuidárão, e hoje cuidão, com grande eficacia neste ponto.

Em segundo lugar deve haver sumo cuidado em

que as Estradas se fação de modo que permaneção, para não se perder o trabalho e despesa.

Em terceiro lugar se deve atender a que huma Estrada he huma especie de edificio; e deve ter fundamento solido, paredes bem construidas, pavimento livre de obstaculos; e tambem admitte sua formosura e ornato: e como especialidade lhe dá belleza o ser direita, quando for possivel.

Se o chão, em que se faz ou renova a Estrada, he solido, sobre elle se edifique a calçada: se não o he, deve procurarse a sua firmeza; o que se pode conseguir escavando ate chegar ao chão firme, podendo ser, e sobre elle calçar. Para se evitar a despesa de calçar, deitem-se pedras miudas no chão, postas em cama, e com algum arranjo; depois cascalho, e por cima arêa grossa com caliça, podendo haverse, e tudo muito bem batido a malho; ficando abaulado. E o mesmo se fará em certos sitios das Estradas onde no inverno rebentam agoas, ou se ajuntão, e fazem lodaçal.

Se o lugar for horizontal, escusará calçada, suprindo o cascalho batido: e deverá sómente fazerse da parte mais baixa (ou de ambas, sendo o terreno posto ao livel) huma aberta ou vala, para receber as agoas; e fazer o chão abaulado para escoar para as ilhargas. Sendo porem ladeira, por onde as agoas correm precipitadas e com violencia, deve necessariamente haver calçada, e fabricada com grande segurança: a esta se deve dar principio no plano; e ahi cravarem-se a topo, ou ao alto, pedras grandes que sirvão de fundamento; e pelo meio se ponhão duas fiadas de pedras tambem grandes e planas da parte que fica para cima, igualmente metidas a topo, podendo ser, para firmeza e repartida a calçada em quadrados.

O pavimento da calçada por onde corre agua, deve ser algum tanto abatido no meio, para que as agoas se não espalhem nem corrão por toda a calçada. Os lados devem firmarse nos valados ou barreiras; e quando a Estrada se construir em plano livre, faça-se-lhe alicerce e parapeito com firmeza e bem construido para durar: e deve ser abaulada.

O segredo principal para a construcção perduravel das Estradas, he tirarlhe de cima as agoas, quando for possivel, como se ve na Tabella II. figura 4. (Estampas gravadas em madeira, muito toscamente, acompanham estas curiosas instrucções. E' dispensavel a reproducção de taes estampas). O outro he acudirlhe, apenas se arrancar qualquer pedra. Para este fim, concluida a obra da Estrada, se deve arrendar toda ou parte a algum alvenéo, calceteiro, on trabalhador capaz; porem não ao que o fizer mais barato; mas sim ao que for mais habil para o fazer com fidelidade, segurança, e zelo do bem publico: e não se lhe dará o seu salario ou premio, sem huma vestoria exacta no principio de Maio e de Novembro.

Se a Estrada tem de huma parte ladeira ou despenhadeiro, e por ella corre agoa por ser esconça, devem irse repartindo e dividindo as agoas de modo que não possão ajuntarse para correr precipitadas pela Estrada abaixo, fazendo se pequenos canaes. Para o mesmo fim de tirar as agoas das Estradas, deve fazerse todo o justo esforço para que, averiguada a verdade, e o que se praticava em tempos passados, se abrão de novo todos os boqueirões, que havia nas fazendas dos particulares, por onde as agoas sahião, ou corrião para os rios; e que seus donos, máos vizinhos, e verdadeiros solipsos, e egoistas, (quer dizer falsos amadores de si) taparão sem razão, deitando com despotismo as agoas ás Estradas, para as arruinar, ou as fazer invadeaveis.

Os donos das fazendas, quaesquer que sejão, devem cuidar das testadas dellas, levantar e pôr com segurança nos valados as pedras cahidas na Estrada; cortar os ramos que impedem a passagem, e as folhas das piteiras que picão, e o mato e silvas que imcomodão os passageiros; e não furtar terreno ao Publico, quando de novo cercão ou valão as suas propriedades.

Nas Calçadas não se ponhão cintas ao comprido (excepto as do meio sobreditas); mas atravessadas e em quadrados, para que as carretas não as arruinem facilmente.

He de grandissima necessidade fabricar pontes grandes, e reparar as que estão arruinadas; e fazer pontes pequenas ou boqueirões para dar por baixo passagem ás agoas dos barrancos, ou abertas. Mas como fazer pontes grandes não he tão facil, e nalgumas ribeiras impraticavel; devem ao menos erguerse passadeiras, postas com arte, igualdade, e segurança; e junto dellas no fundo das ribeiras calçada de pedras grandes a topo, para que se possão vadear com segurança, e sem perigo de cahir nos alfaques ou cóvas, que as grandes cheas fazem, quando o chão he brando, e facilmente se escava. Mas esta Calçada só se pode fazer com mais utilidade e duração, aonde as ribeiras espraião, correm com menos impeto, e tem bom porto. Nas extremidades da calçada, junto das passadeiras, se devem cravar duas pedras A A para servir de baliza; pondo-se em altura tal, que (estando cubertas) denotem não se poder passar a ribeira sem perigo. Da parte de baixo se arrimem á calçada pedras grandes bem cravadas para servirem de alicerce e amparo: e melhor ainda hum paredão com espinhapeixe, como nos açudes.

Tambem se devem cortar nas Estradas todas as moitas, e as raizes grandes, e as pequenas especialmente dos pinheiros, que de ordinario se

escondem na arêa, e fazem tropeçar. E em tudo se deve atender ao bem Publico, que igualmente toca e utiliza a cada hum dos particulares; e cuja atenção dá a conhecer os Povos civilisados, e quaes são os verdadeiros Cidadãos, e sinceros Amantes da Patria.

E por que a necessaria reparação das Estradas e Calçadas mereceo sempre toda a atenção, e o maior cuidado, e vigilancia desde o principio da nossa Legislação Patria, para ella se aplicavão direitos e contribuições publicas, conforme a mesma Legislação, Posturas, e Costumes destes Reinos: o que adoptando a Camara da Corte e Cidade de Lisboa, julgou conveniente impor de mais certa penção aos donos das seges e carros em hum tanto annual para a referida reparação: e assim tambem o determinarão as respectivas Camaras nos lugares da sua jurisdição com assistencia do Corregedor da Comarca a que pertencerem, legalizando-se em tudo o mais como for de Direito publico e particular. Faro 1 de Fevereiro de 1809.

F. Bispo Governador interino das Armas.
(D. Francisco Gomes do Avelar)

Impressas nesta Cidade de Faro por D. José Maria Guerrero a 10 de Abril de 1809.

OS VIEIRAS

Entre os nossos artistas afamados, ha dois pintores notaveis pelo seu talento, do mesmo nome e sobre nome, o que tem dado motivo a confusão; para os distinguir ha somente os designativos de *Lusitano-Portuense*. As obras de ambos, espalhadas pelo paiz, são justamente apreciadas, porque em todas ellas se revela o genio artistico, condão especial que a natureza concede, e o trabalho e o estudo aprefeiçoam. Nas aulas aprende-se a estudar.

Francisco Vieira Lusitano, ou Francisco Vieira de Mattos, por que assim foi inscripto no livro dos assentos da irmandade de são Lucas, onde entrou em outubro de 1719, nasceu em Lisboa em 1699 e «apenas tinha passado os annos da puericia, *diz Volkmar Machado*, deu signaes de que viria a ser tão extremoso amante como insigne pintor.» A sua vida foi bastante accidentada e cortada de desgostos; a paixão que elle nutria por D. Ignez Helena de Lima e Mello deu-lhe muitos dissabores, soffrendo grandes contrariedades, e a sua existencia correu perigo, chegando elle a receber um tiro de pistola dado por um irmão de D. Ignez, cuja familia se oppunha ao consorcio dos dois amantes, e a obrigou a professar no convento de sant'Anna, não obstante ella protestar que era já casada.

Vieira estudou em Roma, onde da primeira vez esteve sete annos, foi discipulo de Lutti, e de Trevisani, e ali ganhou o primeiro premio da academia; voltando a Portugal fez alguns quadros para a egreja de são Roque. Segunda vez voltou a Roma, onde se demorou seis annos, e ali foi feito academico de merito, mas a saudade pela sua querida impellio-o para voltar á patria, e então foi que conseguio a desejada posse da esposa, que poude sair da clausura vestida com fatos de homem — foi por essa occasião que recebeu o tiro.

Receiando novos insultos, Vieira homisiou-se no convento dos Paulistas e ali executou famosos quadros; por terceira vez saio do reino, achando-se em Sevilha no anno de 1733, d'onde foi chamado a Lisboa, sendo admittido na Côrte, com o ordenado de 60$000 réis mensaes e as obras pagas.

Trabalhando então com desafogo produzio grande numero de quadros, muitos dos quaes se perderam pelo terremoto; dos que se salvaram Volkmar cita um painel de santo Agostinho na portaria do convento da Graça: uns famosos quadros para Povolide: uma sacra Familia para o conde de Assumar: diversos para S. Francisco de Paula, entre elles uma Sacra Familia, e um S. Francisco. Em Mafra fez, em grande painel, uma sacra Familia, que existe; e Braz Toscano de Mello, ultimo director da eschola d'esculptura, possuia um famoso quadro de santo Antonio adquirido ha annos pelo conego Moraes Cardoso, e que hoje deve achar se em poder de seus herdeiros

Vieira viveu em Mafra alguns annos, pelo menos desde 1760, em que mandou reedificar a ermida a N. Senhora da Paz, com casas annexas, cujo rendimento era applicado ao culto de N. Senhora, como consta de uma lapide que por muitos annos esteve na parede das casas. No anno de 1775, por occasião do fallecimento de sua estremecida esposa D. Ignez, que ficou sepultada em Mafra, cheio de magoa d'ali saio para o sitio do Beato Antonio, junto a Lisboa, onde fallecêo. Nos aposentos que o Vieira e sua esposa habitaram no palacio d'aquella villa deixou elle algumas pinturas, a fresco' que actualmente se acham deterioradas. Vieira era professo da Ordem militar de S. Thiago.

Francisco Vieira, Portuense, filho de Domingos Francisco Vieira, nasceu na cidade do Porto, e ali, primeiramente estudou com seu pae, e depois com João Glamo. Em 1789, conhecido o seu progressivo adiantamento, conseguio da Companhia do Alto-Douro uma pensão de 300$000 réis para ir aperfeiçoar-se em Roma, tendo por mestre Domingos Corvi, e ganhou um primeiro premio.

Para estudar o colorido de Corregio, fez uma viagem a Parma, onde executou algumas obras, e varias copias. Voltando a Roma, d'ali saio, novamente, no anno de 1797, acompanhado de Bartholomeu Callisto e, percorrendo differentes cidades da Allemanha, separaram-se em Dresde, d'onde Vieira passou a Hamburgo e a Londres. Relacionando se, entretanto, com Bartolozzi, fez alguns trabalhos e casou com uma senhora viuva, italiana, parenta do célebre gravador, e com ella veio para Lisboa em 1802, passando d'aqui para o Porto para succeder a Antonio Froes na direcção da Academia.

Em seguida, e em virtude de uma recommendação de D. João de Almeida, e do visconde de Anadia, foi, pelo principe regente, nomeado primeiro pintor da Camara, com dois contos de réis de ordenado, tendo obrigação de dirigir e executar, juntamente com o seu collega Domingos Sequeira, as pinturas que se haviam de fazer no palacio de N. Senhora da Ajuda.

O Portuense trabalhou egualmente no palacio de Mafra; estava fazendo para uma das salas d'aquelle palacio o quadro, que representava Duarte Pacheco defendendo o passo de Cambalam em Cochim, mas adoecendo então gravemente, por conselho dos medicos foi para a ilha da Madeira onde falleceu em 1805, tendo de edade 39 ou 40 annos,

Volkmar Machado faz-lhe o seu elogio nos seguintes termos: «Não sabemos dizer se as poucas cousas que nos deixou nos servem de recreio quando as vemos, pela graça com que são feitas, ou de magoa pela renovação da saudade que temos do seu auctor.»

J. Gomes

CARRILHÕES

De uma interessante memoria de Emile Travers, secretario da sociedade das Bellas-artes de Caen, á cerca do carrilhão de Béthune, (Artois) se deprehende que os carrilhões, como instrumentos de musica, são antiquissimos; o de Béthune é do seculo XVI e ainda que por muito tempo se julgou que o primeiro fôra collocado nos paços do concelho de Alost na Flandres oriental, em 1487, uma chronica do mosteiro de santa Catherina-le-Rouen diz que no principio do XIV seculo ali havia acordes de sinos, que tocavam musicas religiosas.

Na edade media, uma torre com sino de alarme era um signal de emancipação; logo que uma cidade tivesse obtido o direito de communa, os burguezes tratavam de construir uma torre de vigia, e collocar-lhe um sino que chamava os habitantes ás armas, no caso de ataque ou de perigo imminente. Não ha communa sem a respectiva torre, occupada por uma serie de sinos acordes e mais ou menos extensa; não ha concelho municipal que não inscreva em seu orçamento a quantia necessaria para manutencia de seu carrilhão; supprimir o carrilhão — diz E. Travers — é cousa em que ninguem jamais pensou; a administração imprudente que se atrevesse a isso teria que luctar contra uma revolta, não obstante serem muito pacificas as populações picardas, artesiannas e flamengas, mas é que teem uma affeição profunda por seus antigos costumes, e conservam religiosamente as tradicções de seus antepassados.

Bethune, a quem os condes soberanos do Artois tinham concedido instituições municipaes, teve, portanto, sua torre *(beffroi)* desde 1346, recebendo mais tarde um relogio; foi, porém, em 1546 que os magistrados d'aquella cidade contractaram com dois fundidores de Arras a feitura de seis sinos afinados, mas talvez, por que aquelle numero pareceu insufficiente, fez-se novo contracto para treze sinos, em 1559, os quaes eram tocados por meio de teclado, mas actualmente, alem do teclado, teem cylindros.

Seria, pois, Béthune a patria dos carrilhões, o enthusiasmo pelos quaes se espalhou pela Belgica e pela Hollanda; todavia, tendo os hespanhoes por muito tempo occupado Flandres, parece não se terem affeiçoado áquelles instrumentos de musica. Não sabemos que na Hespanha haja carrilhões.

Em Portugal existem, do reinado de D. João V, os maiores e mais perfeitos carrilhões que se teem construido. Ha dois em Mafra, tendo cada um d'elles 48 sinos ou sejam 4 oitavas de escala chromatica rigorosamente afinada, que são tocados por meio de cylindros como os de caixa de musica; estes estão incluidos nas grandes machinas dos relogios, e constituem a parte mais interessante d'ellas pela sua complicação; na extensão das 4 oitavas os cylindros admittem toda a musica que se lhes queira metter, com determinado numero de compassos, conforme aos tempos, ternario ou quaternario — este serviço, por muito complexo é trabalhoso.

Estes carrilhões foram feitos em Anvers, segundo a legenda esculpida na sua fundição: — *Nicolaus Levache me fecit Antuerpiae*, 1730, com tarjetas e o escudo das armas reaes portuguezas. Diz-se que cada carrilhão (machina e sinos correspondentes) custára 400 contos de réis, o que é para duvidar, attendendo que cada carrilhão tem o peso de 15:000 arrobas; o trabalho das machinas é de muito esmero; o ferro é todo polido, e ostenta grande quantidade de ornatos de bronze, entre elles estatuetas e caryatides — cada machina (relogio e cylindros) é contida em um barramento de ferro,

que constitue um quadrado de 5 metros em cada face.

No nosso paiz ha certa affeição pelos carrilhões, por isso que esses instrumentos de musica ainda que de pequena extensão, encontram-se em Lisboa e no Porto, tocados por meio de cordas ou de teclados.

Não ha, porém, dentro ou fóra do nosso paiz outras peças d'aquelle genero de tanta grandeza e profusão de luxo, como as que D. João V mandou fazer para as duas torres do grandioso monumento de Mafra.

A ornatação é toda pelo estylo de renascença.

Estas machinas, que se acham em perfeito estado de conservação, tocam pelos cylindros diversas musicas modernas: além dos hymnos nacionaes — Fausto, Favorita, Luccia, Filha do Regimento e outras — Conserva ainda algumas musicas antigas.

J. Gomes

(a) Na palavra carrilhão não se comprehende qualquer agrupamento de sinos; é preciso que o grupo seja afinado por fórma que constitua a gamma musical; por isso em Mafra, tendo cada torre 57 sinos, só 48 formam o carrilhão de 4 oitavas.

(b) Nicoláo Levache veio a Portugal, e teve uma oficina de fundição de sinos, no Campo de Santa Clara, em Lisboa.

AS ANTIGUALHAS NA PAUTA DAS ALFANDEGAS

As moedas antigas, raras, de qualquer metal, para collecções numismaticas, ou archeologicas, entram no artigo 394 (Pauta das alfandegas, Annuario commercial, 1897, pag. 30).

O artigo diz: — Modelos de apparelhos, instrumentos ou machinas, de vehiculos, de construcções architectonicas, de fundição e artes plasticas, objectos para museu, exemplares para estudo e para collecções scientificas e collecções de obras d'arte não especificadas, kilog. 20 rs.

O artigo tem uma nota: Estão comprehendidos no dizer — objectos de qualquer especie para museu, os exemplares e collecções botanicas, zoologicas, mineralogicas, peças anatomicas preparadas, esqueletos, petrificações, fosseis, moedas e medalhas antigas, manuscriptos, armas e utensilios de povos selvagens. Os demais objectos antigos, raros ou de reconhecido valor artistico, destinados a museus publicos, estabelecimentos de ensino, ou academias, e corporações scientificas, embora tenham designação especial na pauta, provado que seja o referido destino, estão tambem comprehendidos n'este artigo.

Isto é na pauta da importação. O direito não é na verdade exaggerado; um vintem por kilo de manuscriptos, é razoavel; Um *kilo* de moedas raras, um vintem! está bem.

Na pauta dos direitos de exportação encontramos o art. 17. Objectos artisticos, historicos ou archeologicos:

De origem nacional — Ad. val. 30 p. c.
De origem nacional, estando o autor vivo — Livres.
De origem estrangeira — Ad. val. 20 p. c.
De artistas estrangeiros, emquanto residem em Portugal — Livres

Art. 18. Reproducções e imitações de objectos de arte, quer antigos, quer modernos — Livres

O sr. A. Engel, na Revue Archéologique (2.° de 1896, pag. 213) acha *bizarre* o artigo 394 — Les tarifs douaniers de Portugal renferment le bizarre article suivant (refere-se ao artigo 394).

A questão aduaneira no que respeita a antiguidades impõe se cada vez mais.

E' preciso impedir que se troque gato por lebre. Uma antigualha é sempre um valor nacional. Que enorme quantidade de cousas preciosas tem saido d'este paiz, porcelanas orientaes, tecidos, rendas, pedras finas, quadros, joias, alfaias religiosas, e livros e manuscriptos tambem! Ao mesmo tempo estamos a encher-nos de *christofle*, de *louça da India* ou do oriente, moderna, imitação má da antiga, de estofos de más fibras, e de bordados fingidos.

Fizeram-se fortunas no paiz com as trocas, exportando antigo bom, e importando imitações e falsificações modernas.

Tudo questão de ignorancia, e máo gosto.

G. P.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R Dias

(Continuação do n.° 9)

Bragança — cidade. — Castello e um forte. — Varias pedras com inscripções romanas e outras antiguidades. — Casa da camara, de architectura romana; foi paço dos duques de Bragança. — Convento de frades franciscanos, fund. pelo proprio patriarcha da Ordem, S. Francisco de Assis, em 1214. — Collegio de jesuitas, fund. pelo povo, e offerecido em 1561 aos padres da Companhia. — Convento de freiras franciscanas, de N. S.ª da Conceição, fund. por D. Catharina, mulher d'el-rei D João III. — Convento de freiras bentas, de Santa Escolastica, fund. em 1600 por D Maria Teixeira. — *Relatorio e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Archeologia do districto de Bragança*, artigos public. na *Vida Moderna* pelo

rev. José Augusto Tavares; *Uma visita artistica a Bragança e Vinhaes* pelo sr. Rangel de Lima, no *Diario de Noticias* (Lisboa, 1880); *Memorias de Bragança* por J. Cardoso Borges (ms da Bibliotheca Nac. de Lisboa, B 2, 73); *Memoria historica para servir de principio á* Descripção physica e medica da cidade de Bragança por José Gabriel Ledesma (ms. da *Bibliotheca da Acad. Real das Scienc. de Lisboa*); *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. E. Hübner, vol. II, 348, 706; supp., 903, 1040. *Pelourinho* (*Occidente*, vol. I, 100); *Artes e lettras*, vol. IV, pag. 12; *Panorama*, 1856, pag. 317; *O culto da arte em Portugal* pelo sr. Ramalho Ortigão, pag. 124; Inscripção de uma casa em Bragança (*Archeol. Portug.*, vol II, pag. 287); Museu municipal (*Archeol. Portug.*, vol. III, n.os 1 a 4.)

Brandara — freg., conc. de Ponte de Lima.—Vestigios de antigas fortificações no sitio do *Castello*.

Bravães — freg., conc. de Ponte da Barca. — Matriz muito antiga, de cantaria lavrada e com varias figuras.— Capella de Santa Leocadia.— Mosteiro de conegos fund. em 1080 por D. Vasco Nunes de Bravães. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 359.

Braz (S.) — freg., conc. de Serpa. — Mosteiro de frades paulistas dentro do muro da *Horta das Provincias*.

Briteiros (Santo Estevão) — freg, conc. de Guimarães.— No adro da egreja uma grande pedra ornada de varios matizes e ramos, suspensa em quatro columnas. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 616, 621.

Briteiros (Santa Leocadia) — freg., conc. de Guimarães.— Tumulo de Santo Wamba (?), junto á egreja matriz, que era a de um antiquissimo convento de Benedictinos.

Briteiros (Citania de) — no monte de S. Romão, freg. de Santo Estevão e N. S.a da Piedade, conc. de Guimarães. — Ruinas de uma povoação.— Vestigios de dois baluartes de fórma circular.— *Pedra formosa* com 2m,64 de largura, 2m,42 de alto e 0m,44 de espessura, tendo na frente diversos desenhos. Ainda se descobriram mais outras pedras, sendo uma quadrada com o lavor de um laço muito usado entre os romanos, e outra tambem quadrada, com varias figuras, e entre ellas a de dois satyros nús. — Nas excavações feitas pelo benemerito sr. dr. Francisco Martins Sarmento descobriram-se muitas casas circulares, talvez construidas pelos antigos lusitanos, algumas esculpturas com inscripções, fragmentos de alampadas, amphoras de barro, uma pedra de tres metros de comprimento por tres de largura, coberta de lavores semelhantes aos da edade de ferro; moedas celtibericas, tendo, porém, duas a palavra *Augusto;* 17 sepulturas do tempo dos suevos (?); fragmentos de vidro, escorias de forja, objectos de prata, cobre e prata com esmalte, e ouro com liga de cobre; etc., etc. — *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga*, t. II, pag. 457, por D. Jeronymo Contador de Argote; *Antiguidades de Entre Douro e Minho* pelo dr. Barros; *Revista de Guimarães*, boletim da *Sociedade Martins Sarmento; Citania* pelo sr. Emilio Hübner, trad. do sr. Joaquim de Vasconcellos, na *Archeologia artistica* (Porto, 1879); *Ruinas da Citania*, memoria historica por Simão Rodrigues Ferreira (Porto, 1877); *Introducção á archeologia da peninsula iberica* por Augusto Filippe Simões; *Notas d'archeologia. Os castellos ou montes fortificados da Colla e Castro Verde. O Dolmen furado da Candieira. Ruinas da Citania de Briteiros*, pelo sr. Gabriel Pereira (Evora, 1879); *Esculptura romana, a Pedra Formosa*, pelo sr. J. P. N. da Silva, no *Bolet. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Port.*, 1876, pag. 136; *Citania — Sabroso*, art do sr. dr. Francisco Martins Sarmento (*Boletim da R. A. dos A. e A. P.*, t. II, n.º 4); *Primeiro congresso archeologico em Portugal. Citania. Explorações*, por Sá Villela (Silva Leal) e *Uma vista antiga da Citania* pelo sr. Gabriel Pereira, no cit. *Boletim*, t. II. n.º 1, t. VII, n.º 2; *Arte pre romana* pelo sr. dr. F. Martins Sarmento (*Occidente*, vol. II, pag. 157); *Escriptos diversos* de A. Filippe Simões, pag. 282; *Ruinas da Citania* pelo sr. Joaquim d'Araujo no seu jornal *A Renascença*, pag. 46; *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. E. Hübner, vol. II, suppl., 896, 899, 1040; *Les âges prêhistoriques de l'Espagne et du Portugal* por Cartailhac (1886); Artigo do sr. dr. Martins Sarmento na *Revista Lusitana*, t. I, 1887, pag. 231; *Memorias resuscitadas de Entre Douro e Minho* por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck; Artigos do sr. dr. Martins Sarmento na *Renascença* (1878, pag. 25; 1879, pag. 118) e no *Occidente*, II, 1879, pag. 157; Artigo do sr. prof. Francisco Adolpho Coelho na *Revista de ethnologia e glottologia*, I, 1880, pag. 33 - 41; Art. de S. Saupere y Miguel na *Revista historica*, II, 1880-81, pag. 579; *Citania* pelo sr. dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão (*Revista archeologica*, I, n.º 3); *Observações á «Citania» do dr. Emilio Hübner* pelo sr. dr. F. Martins Sarmento (Porto, 1879); *Uma visita á Citania*, conferencia do sr. conselheiro Luciano Cordeiro, impressa no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, n.º 2, Dezembro, 1877 (Reproducção litteral do que já publicára no *Commercio Portuguez*, n.º 119 de 24 de maio de 1877 e n.os 125, 129, 130, 132. O n.º 155 contém a conclusão que falta no *Boletim*); *Resumo de uma conferencia archeologica do sr. marquez de Sousa Holstein* pelo sr. Manuel Maria Rodrigues, public. no *Commercio do Porto* de 12 de junho de 1877, e nos n.os 187, 191, 198, 215, 216, 230, 235; *Varias antiguidades de Portugal* por Gaspar Estaço; *Archéologie préhistorique dans la province du Minho* par M. José Caldas — *Congrès internat. d'antrop.*, 1880, *Compte rendu*, pag. 349; *Excursion dans le nord du pays. Braga et Citania de Briteiros*. Idem, idem, pag. 647; *O Minho Pittoresco*, t. I, 617; *Archeol. Port.*, vol. II, n.º 12, pag. 314.

Brito — freg., conc. de Guimarães — Mosteiro de frades benedictinos, fund. por D. Soeiro de Brito no reinado de D. Affonso V.

Bruffe — freg., conc de Terras do Bouro.— Ruinas de quarteis e restos de fortificações do tempo das guerras com Castella.— Vestigios celtas, algumas sepulturas, e um padrão (?) em *Carregadella*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 471.

Buarcos e Redondo — villa, conc. da Figueira da Foz. — Misericordia e hospital fund. pelo rei D. Manuel.

Bucellas — freg., conc. dos Olivaes.— Sumptuosa egreja parochial.— *Corpus — Inscrip. Hisp Latin*, vol. II, pag. 23.

Bugio — Torre *de S. Lourenço*, sobre um ilheu de

rochedos á entrada do Tejo. Fund. em 1578. Está fortificada e tem guarnição militar.

Buraco — excellente casa de campo na freg. do *Couto de Cucujães*, conc. de Oliveira de Azemeis. N'esta casa pernoitou em 1832 o infante D Miguel e a sua familia. Tambem alli estiveram alguns dias as infantas D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção. — Fica proximo o convento de frades benedictinos *do Couto*.

Burcó ou **Brucó** — freg., conc. de Mogadouro.— Vestigios de fortificações muito antigas no sitio do *Valle do Castello*.

Burgães — freg., conc. de Santo Thyrso. — Arco de cantaria, que parece obra do tempo dos romanos. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 321 ; *Archeol. Portug.*, vol. II, pag. 315.

Burgo (Villa Meã do) — aldeia, freg. de S. Salvador do Burgo, conc. de Arouca. — Na quinta da *Torrena*, houve ou ainda ha uma torre antiquissima, da qual partia uma estrada subterranea. — Inscripção em latim junto da casa do capitão mór Vaz Pinto e outra em portuguez na padieira da porta de outra casa mais humilde.— Pelourinho junto de uma capella. — Monumento de S. Antonio do Burgo: «arco de granito, de architectura mosarabe, sem inscripção alguma e com uns toscos relevos, obra muito antiga».

Burgo (S. João de Tarouca) — aldeia, conc. de Mondim. — Convento de frades bernardos, fund. em 1139 pelo abbade João Cirita. Aos pés da imagem de *N. S.ª a Gorda* estão a sepultura do infante D. Pedro, filho do rei D. Diniz, e mais outras duas sepulturas pequenas. Inscripção em portuguez sobre a porta de um claustro.—*Archeol. Portug.*, vol II, n.º 12, pag. 316.

Burgo e Salzedas — freg., conc. de Mondim. — Convento de Santa Maria, de frades bernardos, fund. por D. Thereza Affonso, mulher de D. Egas Moniz. Sepultura da fundadora sob um arco fóra da egreja; tem inscripção latina. Entre outras sepulturas, a do 1.º conde de Marialva e de sua mulher, com epitaphios em portuguez.

Bussaco — serra, a 18 k. de Coimbra. Convento de Santa Cruz, de frades carmelitas, fund. em 1628 por Fr. Thomaz de S. Cyrillo.— Monumento commemorativo da victoria do exercito anglo-luso contra os francezes, commandados pelo general Massena.— *Historia do mosteiro da Vaccariça e da cerca do Bussaco* pelo sr. Antonio Augusto da Costa Simões (Coimbra, 1855); *Guia historico do viajante no Bussaco* pelo sr. Augusto Mendes Simões de Castro; *Relat. e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Memorias do Bussaco*, seguidas de uma *viagem á Serra da Louzã* por Adrião Pereira Forjaz de Sampaio (Porto, 1864); *O Bussaco* por Silva Mattos e Lopes Mendes (Lisboa, 1875); *Panorama photographico de Portugal* (1874); *Fóra da terra* por Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas: *Occidente*, vol. II, pag. 150; III, 4, 6, 38; IV, 203; VII, 89; *Benedictina Lusitana* por Fr. Leão de S. Thomaz; *Chronica dos carmelitas descalços* por Fr. João do Sacramento; *Archivo Pittoresco*, vol. IV, V; *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, pag. 10, 393, t. II, pag. 25; *Quatro dias na serra da Estrella* pelo sr. E. Navarro, pag 170; Monumentos da batalha do Bussaco (*Occidente*, n.º 639, vol. XIX).

Bustello — freg. conc. de Penafiel.— Convento de frades bentos, fund. cerca do anno 900 (?) por um filho de D. Fayão Soares.

Cabaços — freg., conc de Ponte de Lima.—Pinho Leal diz que em 1813 ou 1814 se encontraram na *Bouça Longa* quatro sepulturas e suppõe que, fazendo-se mais excavações, se encontrariam outros monumentos archeologicos. E' tradição que n'aquelle sitio houve um convento de frades benedictinos, que eram tambem conhecidos pelo nome de frades longos. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 280.

Cabaços ou **Rego da Murta**—freg. de S. Pedro, conc. de Alvaiazere.— Teve um convento que existia em 1159 e foi doado aos templarios por D. Affonso I.

Cabanões — aldeia, freg., conc de Ovar.— Grande sepultura de granito junto á capella de S. João.

Cabeçaes — villa, freg. de Fermedo, conc. de Arouca — Inscripção romana em uma pedra na parede exterior da capella mór da egreja. — Mamôas e inscripções em caracteres inintelligiveis no monte do *Curuto*. Proximo ha um dolmen.

Cabeção — villa, conc. de Móra. — Albergaria, fund. pelo povo e concluida no fim do sec. XVI.

Cabeceiras de Basto — *Descripção abreviada do concelho de Cabeceiras de Basto*, principalmente *da freguezia de S. Miguel de Refoyos*, sua capital. Por um cabeceirense (Lisboa, 1874); *Memorias recuscit da prov. de Entre Douro e Minho* por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck.

Cabeço de Vide — villa, conc. de Alter do Chão. — Teve castello.— Misericordia fund. no sec. XVI. *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas* por I de Vilhena Barbosa; *As aguas mineraes de Cabeço de Vide*, esboço historico - administrativo pelo conselheiro José Silvestre Ribeiro (Lisboa, 1871).

Cabeda — aldeia, freg. de Villar de Maçada — Ruinas de um grande palacio muito antigo.

Cabo de S. Vicente Em maio de 1639 descobriu-se junto ao Cabo uma sepultura com inscripção. Dentro da sepultura estava uma caixa tambem com inscripção em latim. Fortaleza de Santo Antonio.— Convento antiquissimo que ultimamente pertencia aos frades capuchos.—*Corpus. Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, 5, supp., 782; *Panorama*, 1842, pag. 417; *Memorias ecclesiasticas do reino do Algarve* por Fr. Vicente Salgado, t. I, pag 70; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Rezende (Evora, 1593), fl 178, 185.

Cabreiro — freg., conc. dos Arcos de Val de Vez. Matriz edific. no rein. de D. Affonso III.

Cabrella — villa, conc. de Montemór o Novo. — Antiga aldeia do Pinhal — Vestigios da velha egreja que foi matriz até 1625. — Albergaria. — *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.*, vol II, 23.

Cabriz ou **Cabris** — aldeia, freg. de Sindim, conc. de Taboaço. — *Castellos de Cabriz*. — Tres rochedos contiguos que em tempos antiquissimos foram habitados. Tambem se lhes chamou já *Castello de Tarora*.

Cacella — villa, conc. de Villa Real de Santo Antonio. — Tinha castello e reductos, talvez do tempo dos romanos. —A fortaleza actual data de 1770. Magestosa egreja matriz.

Cacharia — aldeia, freg. de S. Pedro de Dous Portos, conc. de Torres Vedras.— Albergaria.

Cachão do Salvador do Mundo ou da **Valleira**, no rio Douro.— No sopé do rochedo da

margem esquerda, á altura de 54 metros, está gravada em letras de bronze uma inscripção do tempo da rainha D. Maria I. — *O Douro illustrado* pelo visconde de Villa Maior.

Cadafaes — freg., conc. de Alemquer — Em 1855 descobriram-se na egreja matriz duas lapidas com inscripções romanas. Na capella mór desta egreja ha um *carneiro* e uma lapida com as armas da familia do primeiro fundador e uma inscripção. Tambem no portão da quinta do Cesar, hoje pertencente aos srs. marquezes de Sabugosa, ha uma inscripção romana. — Convento de Santa Catharina da Carnota, de frades capuchos de Santo Antonio; fundação de Fr. Diogo Arias, asturiano, e Fr. Affonso Saco, gallego (1408). — *Corpus - Inscr. Hisp. Latin.*, vol. II, 23.

Cadaval — villa e concelho. — Junto á villa, vestigios de edificios arabes. — Tinha albergaria. — Hospicio de N. Sr.ª das Neves, de frades dominicos, fund. na serra de Monte junto. — *O municipio de Cadaval* por P. R. da Fonseca; *O castello velho da Rocha Forte* pelo sr. Maximiano Apollinario (*Archeologo Portuguez*, n.º 2, pag. 49; II, n.º 12, pag. 317.)

Cadima — villa, conc. de Cantanhede. — Padrão de marmore, do lado de fóra da porta principal da egreja com inscripção em letra gothica. — *Memoria historico chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco.

Caires — (antigam.ᵉ *Coayres* e *Quaires*) — freg., conc. de Amares. — A egreja matriz conserva ainda restos da primitiva architectura (sec. XI ou XII). No sitio dos *Grovos*, vestigios de uma antiga povoação e restos de um castello ou fortaleza. Teem aqui apparecido tijolos, canos de metal, amphoras de barro, pequenas mós de pedra, proprias para moer cereaes, e pedras muito bem lavradas. — A E. e S. d'esta freguezia passava a *Estrada da Geira*, via militar romana. — Duas capellas antiquissimas, de S. Bento e N. Sr.ª da Lapa; outra de Santo Antonio, construida em 1851; e outra de S. Pedro Fins, no monte d'este nome, a qual é edificada metade nos limites da freguezia e metade nos limites da de S. Thiago de Caldellas.

Caldas da Rainha — villa e concelho. — Lapida com inscripção em latim, na casa da copa do hospital. Este foi construido a expensas de D. Leonor, mulher de D. João II. Vestigios de um padrão que esta rainha mandou erigir. Egreja matriz principiada em 1488, concluida em 502 e reedificada por D. João V, que reedificou quasi todas as capellas da villa. — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias archeol. de Portugal* pelo sr. dr. E. Hübner; *Portugal e os Estrangeiros*, t. II, pag. 342; *Branco e Negro*, t. I, n.º 10; *Revista illustrada*, 1890, pag. 29 a 128; *Fóra da terra* por Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas; *Noticia historica do hospital das Caldas da Rainha* pelo dr. Thomaz de Carvalho (*Annaes das scienc. e lettras*, da Acad. R. das Scienc. de Lisboa, 1857, pag. 332); *Chronicas de viagem* pelo sr. Alberto Pimentel; *Origem do Real Hospital e da Villa das Caldas da Rainha*, com mais alguma noticia interessante assim historica como archeologica, e tambem ácerca da virtude das aguas mineraes da dita villa por D. Luiz Vermell y Busquets (Lisboa, 1878); *Occidente*, vol. XVI, pag. 141; *Jornal de bellas artes ou Mnemósine Lusitana*, t. II, pag. 113; *Archeol. Portug*; II, n.º 12, pag. 317; *Branco e negro*, n.º 10. t. I.

Caldas de S. Jorge ou **Caldellas** — freg., conc. da Feira. — Na parede exterior, lado sul, da egreja, e no adro, ha duas inscripções em portuguez.

Caldas de Vizella — freg. conc. de Guimarães. — Em 1744 descobriu-se aqui um tanque, com degraus de mosaico, do tempo dos romanos. — Inscripções em portuguez na capella do *paço de Gominhães*. Para esta casa foram em 1559 residir por alguns mezes as freiras de Santa Clara, de Guimarães. «A torre d'esta egreja que é antiquissima, foi construida em 1777, sendo a cornija e cunhaes feitos com pedra fina, encontrada nas excavações dos alicerces. Por esta occasião appareceram vestigios de velhas construcções, sepulturas, etc.» — Muita pedra lavrada, fragmentos de louça e telha com rebordo; moedas e capiteis de columnas, mosaicos, inscripções, etc., vestigios de antiga povoação. — Inscripções latinas que estão actualmente no Museu da *Sociedade Martins Sarmento*. — Casa em estylo gothico, a cavalleiro da ponte velha. — Vestigios de thermas romanas. Inscripções dedicadas a *Bormanico*. — *Memoria sobre as antiguidades das Caldas de Vizella* por José Diogo Mascarenhas Netto (*Mem. de Litterat. Portug. da Acad. R. das Scienc.*, t. III); *Artes e Lettras*, 1872, pag. 77 e 78, artigo de J. Ribeiro Guimarães; *Materiaes para a archeologia de Guimarães* (*Revista de Guimarães*); Escriptos do sr. dr. José Joaquim da Silva P. Caldas: *Noticia d'uma excavação archeologica nas Caldas de Vizella* (*Revista Universal Lisbonense*, t. IV, pag. 557, e *Periodico dos Pobres do Porto*, n.º 107, de 1845); *Esboço topographico das Caldas de Vizella* (*Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, série 2.ª, t. IV, pag. 318 a 355); *Noticia archeologica das Caldas de Vizella* (Braga 1858); *Noticia resumida das Caldas de Vizella* (*Panorama*, t. XI, 1854, n.º 32). *Caldas de Vizella*, art. publ. em julho de 1885 na folha unica *Bazar*; *Memoria relativa ao novo projecto de um estabelecimento thermal para as Caldas de Vizella* por Cesario Augusto Pinto (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug*, t II, n.º 12); *Mosaico romano* por Cesario Augusto Pinto (cit. *Boletim*, t. III, n. 10); *Relat. e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães* por Torquato Peixoto de Azevedo; *Memorias resuscitadas da prov. de Entre Douro e Minho* por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck; *Mem. da correição de Guimarães* (Ms. da Bibl publ de Lisboa); *Catalo. dos religiosissimos DD. abbades do antigo mosteiro de S.º M.ª de Guimarães* nos «Doc.ᵒˢ e mem. da Acad. R. das Scienc.», vol. VI, 1726; *Noticias relativas a Guimarães* por Manuel Caetano de Sousa (1706); *Topographia das Caldas de S. Miguel de Vizella* (Ms. da Bibl. publ. do Porto, A 1, 1056 n.º 26); *Corpus - Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. dr. Hübner, vol. II, pag. 335-337, supp. 892-896; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hübner, pag. 81 e segg.; *O Minho Pittoresco*, t. I, 636. *Branco e Negro*, t. I, n.º 17.

Caldellas (*S. Thiago de*) — freg., conc. de Amares.

Ponte de cantaria, construcção romana, sobre o rio Homem. Junto aos tanques, debaixo de um alpendre, duas inscripções romanas.— Egreja matriz reedificada no meiado do seculo XVIII. - *Pontes romanas em Portugal* pelo sr. dr. Pedro Augusto Ferreira (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.* t. V, n.º 12, pag. 182); *Corpus-Inscrip. Hisp Latin*, vol. II, pag. 338; *O Minho Pittoresco*, t. I, 422; *Branco e Negro*, n.º 10, t. I.

Caldellas (*S. Vicente*) — freg. conc. de Villa Verde.— Vestigios de fortificações antigas no monte de S. Gião — Ruinas de antigas casas fortificadas, no caminho para a *Gomida*.— *O Minho Pittoresco*, t. I, 398.

Caliabria, a 5 k. de Castello Melhor.— Entre E. e N. E., no termo de Almendra, antiga comarca de Riba Côa, estão as ruinas d'esta cidade, que no tempo dos godos foi episcopal. Proximo da foz do Aguiar, no sitio chamado Aldeia Nova, tiveram os romanos fundição de metaes. — Inscripção romana em uma lapida que está da parte exterior da capella de Santo Christo. — Em 1767 foram aqui encontradas tres sepulturas feitas de grandes e finos tijolos.— *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr E. Hübner.

Calvelhe — freg., conc. de Bragança. — No sitio do *Sanguinho*, por onde passa uma ribeira, ha vestigios de uma fortaleza, em que se tem achado instrumentos de ferro com applicação desconhecida e nas margens de outra ribeira tambem ha vestigios de uma fortaleza antiquissima. — *Archeol. Portug.*, vol. II, n.º 12, pag. 318.

Calvello — freg., conc. de Ponte de Lima. Ruinas de uma fortificação antiga com estradas cobertas. Vestigios de um convento de frades benedictinos (?) — Egreja matriz muito antiga. — Capella de S. Verissimo, Santa Marinha e Santa Julia; é tambem antiquissima. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 279

Camarate—freg. conc. dos Olivaes.—Matriz fundada no seculo XIV, reconstruida e augmentada em 1511. Convento de N. Sr.ª do Soccorro, de frades carmelitas, fund. em 1602 n'uma quinta que lhes deu o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e onde havia uma capella que este mandára construir, dedicando-a tambem a N. Sr.ª do Soccorro.

Cambezes — freg., conc. de Monção. — Caverna circular que se suppõe ser obra dos *celtas*.

Caminha — villa e concelho. — Monumentos celticos, nas freguezias de *Molledo* e de *Gontinhães*. Foi praça de armas desde a idade media até ao fim do seculo passado; defendida por tres ordens de muralhas; a primeira d'estas, e que está mais bem conservada, é obra dos romanos; a segunda, d'el-rei D. Diniz; e a terceira, de D. João IV e de D. Affonso VI. — E' notavel pela sua architectura gothica a egreja matriz, cuja construcção principiou em 4 de abril de 1488 por ordem do rei D. Manuel «O tecto de toda a egreja, apainelado, é formado de madeira de muitas qualidades e côres (naturaes) e não tem (que eu saiba) rival no reino.» — A torre e a casa da camara, construcções romanas. — Convento de freiras franciscanas, fund. em 1561 por André de Noronha, bispo de Portalegre. Junto á *Porta do Sol*, onde está a capella de *Santo Antonio Esquecido*, ha uma pedra com inscripção em portuguez. — Convento de frades capuchos, fund. em 1618 por D. Miguel de Menezes, marquez de Villa Real e pae do primeiro duque de Caminha. — Egreja da Misericordia e hospital, fund. pela camara e pelo povo em 1551. — Casa gothica ameiada, construida em 1490; pertenceu a Rodrigo Pitta. - *Archivo historico*, vol. I; *Relat. e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Descripção da villa de Caminha* (publicada em folhetins no jornal *O Viannense*, de 1859); *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *Descripção da villa de Caminha* (Vianna do Castello, 1868); *Guia do caminho de ferro do Minho — de Nine a Valença*, pelo sr. dr, Figueiredo da Guerra; *Panorama*, 1844, pag. 113; *Corpus-Inscrp. Hisp. Latin.* pelo sr. dr. Hübner, vol. II, pag. 344; *Opusculos* de Alexandre Herculano, t. II (*Monumentos patrios*); *Occidente*, vol XI, pag. 123, 267; *O Minho Pittoresco*, t. I, 163.

(Continúa)

ALVARÁ DE D. JOÃO V SOBRE OS MONUMENTOS ANTIGOS

EU EL-REI Faço saber aos que este Alvará de Ley virem, que por me representarem o Director, e Censores da Academia Real da Historia Portugueza, Ecclesiastica, e Secular, que procurando examinar por si, e pelos Academicos os Monumentos antigos; que havia, e se podiaõ descobrir no Reyno, dos tempos, em que nelle domináraõ os Phenîces, Gregos, Persos, Romanos, Godos, e Arabios, se achava que muitos, que pudéraõ existir nos edificios estatuas, marmores, cippos, laminas, chapas, medalhas, moédas, e outros artefactos, por incuria, e ignorancia do vulgo se tinhaõ consumido, perdendo se por este modo hum meyo muy proprio, e adequado, para vereficar muitas noticias da veneravel antiguidade, assi Sagrada, como Politica; e que ferîa muy conveniente á luz da verdade, e conhecimento dos Seculos passados, que, no que restava de simelhantes memorias, e nas que o tempo descobrisse, se evitasse este damno em que póde ser muito interessada a gloria da Naçaõ Portugueza, naõ só nas materia concernentes á Historia Secular, mas ainda á Sagrada, que saõ o instituto a que se dirige a dita Academia. E desejando eu contribuir com o meu Real poder, para impedir hum prejuizo taõ sensivel, e taõ damnoso á reputaçaõ, e gloria da antiga Lusitania, cujo Dominio, e Soberanìa foi Deos servido dar me; Hey por bem, que daqui em diante nenhuma pessoa, de qualquer estado, qualidade, e condiçaõ que seja, desfaça, ou destrúa em todo, nem em parte, qualquer edificio, que mostre ser daquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado; e da mesma sorte as estatuas, marmores, e cippos, em que estiverem esculpidas

algumas figuras, ou tiverem letreiros Phenîces, Gregos, Romanos, Goticos, e Arabicos; ou laminas, ou chapas de qualquer metal, que contiverem os ditos letreiros, ou caracteres; como outro-si medalhas, ou moédas, que mostrarem ser daquelles tempos, nem dos inferiores até o reynado do Senhor Rey D. Sebastiaõ; nem encubraõ, ou occultem alguma das sobreditas cousas: e encarrego ás Camaras das Cidades, e Villas deste Reyno tenhaõ muito particular cuidado em conservar, e guardar todas as antiguidades sobreditas, e de simelhante qualidade, que houver ao presente, ou ao diante se descobrirem nos limites do seu districto; e logo que se achar, ou descobrir alguma de novo, daraõ conta ao Secretario da dita Academia Real, para elle a communicar ao Director, e Censores e mais Academicos; e o dito Director e Censores com a noticia, que se lhes participar, poderaõ dar a providencia que lhes parecer necessaria, para que melhor se cõserve o dito monumento assi descoberto; se o que assi se achar, e descubrir novamente, forem laminas de metal, chapas, ou medalhas, que tiverem figuras, ou caracteres, ou outro si moédas de ouro, prata, cobre, ou de qualquer outro metal, as poderaõ mandar comprar o Director, e Censores do procedido da consignaçaõ, que fui servido dar para as despezas da dita Academia; e as pessoas de qualidade, que contravierem esta minha disposiçaõ, desfazendo os edificios daquelles Seculos, estatuas, marmores, e cippos; ou fundindo laminas, chapas, medalhas, e moédas sobreditas; ou tambem deteriorando-as em fórma, que se não possaõ conhecer as figuras, e caracteres; ou finalmente encubrindo as, e occultando-as, álem de incorrerem no seu desagrado, experimentaráõ tambem a demonstraçaõ, que o caso pedir, e merecer a sua desattençaõ, negligencia, ou malicia; e as pessoas de inferior condiçaõ incorreráõ nas penas impostas pela Ordenaçaõ do Liv. 5. Tit. 12. § 5., aos que fundem moéda; e porque os que acharem algumas laminas, chapas, medalhas, e moédas antigas, as quereráõ vender, e reduzir a moeda corrente, as Camaras seraõ obrigadas a compra-las, e paga-las promptamente pelo seu justo valor, e as remetteráõ logo ao Secretario da Academia, que fazendo-as presentes ao Director, e Censores, se mandará satisfazer ás Camaras o seu custo; e para que em tudo se cumpra este Alvará, como nelle mando, ordeno ao Regedor da Casa da Supplicaçaõ, Governador da Relação, e Casa do Porto, e aos Desembargadores das ditas Casas, Corregedores destas Cidades, e aos mais Corregedores, Ouvidores, Provedores, Juizes, Justiças, Officiaes, e pessoas dos meus Reynos, e Senhorîos, que o cumpraõ, e guardem, e façaõ inteiramente cumprir, e guardar, como nelle se contém.

E para que venha á noticia de todos, mando ao D.or Joseph Galvaõ de Lacerda, do meu Conselho, e Chancellér mór dos ditos meus Reynos, faça publicar este meu Alvará na Chancellarîa, e enviar logo Cartas com o traslado delle sob meu Sello, e seu signal, a todas as Camaras das Cidades, e Villas do Reyno, sem excepçaõ alguma, e ainda ás das Terras dos Donatarios, e aos Corregedores, Ouvidores das Comarcas, e aos dos mesmos Donatarios, em que os Corregedores naõ entraõ por Correiçaõ, aos quaes mando, que logo o publiquem, e façaõ publicar em todos os Lugares das suas Comarcas; e se registará nos Livros do Desembargo do Paço, Casa da Supplicaçaõ, e do Porto, aonde semelhantes se costumaõ registar, e este proprio se lançará na Torre do Tombo. Braz de Oliveira o fez em Lisboa Occidental a 20 de Agosto de 1721. Manoel Galvaõ de Castel-Branco o fez escrever. REI.

Na Regia Officina Typografica.

VISITA A EVORA
DOS
ENGENHEIROS SOCIOS DA ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS CIVIS PORTUGUEZES EM 5 DE JUNHO DE 1897

Discurso de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Arcebispo de Evora aos engenheiros-excursionistas

POR OCCASIÃO DA SUA RECEPÇÃO NO PAÇO ARCHIEPISCOPAL DE EVORA

Illustres excursionistas:

Sede bem vindos á velha cidade de Sertorio!

Em nome da Religião, de que sou ministro, em vós saúdo a Sciencia e a Arte, de que sois cultôres.

E não extranhareis, estou certo d'isso, ésta saudação. A Religião (digam o que disserem os que são arrastados por cegos preconceitos) não odeia a luz, não se divorcia, antes se allia e casa com a Sciencia.

Mas, se alguem póde, embóra sem fundamento, imaginar conflictos entre a Religião e a Sciencia, jamais os poderá suppôr entre a Religião e a Arte.

E, se póde com verdade dizer se que o Christianismo é a unica Religião *scientifica*, porque é a unica que tem provas, como disse Fontenelle, — egualmente posso affirmar que o Christianismo perfeito, o Catholicismo, é a Religião mais *artistica*.

É verdade que não ha Religião sem culto externo nem culto externo sem Arte; mas, ao passo que o protestantismo é arido e frio, o Catholicismo aproveita, utiliza, *met à contribution* (desculpae o es-

trangeirismo) os productos e os prodigios de todas as bellas artes. e de todos elles fórma uma homenagem, um concêrto, um cantico de gloria a Deus.

Em vós illustres excursionistas, vejo representada brilhantemente a alliança intima da Sciencia, no que tem de mais elevado, com a Arte, no que tem de mais bello.

A engenharia, com quanto tenha ás vezes de sacrificar o bello ao util, não é indifferente á esthetica.

A engenharia é, digamos assim a florescencia da mathematica. D'este arido campo das fórmulas algebricas e das linhas geometricas faz brotar, ao toque de sua magica vara, obras arrojadas e maravilhosas, que nos assombram, e por egual nos encantam: levanta esses modernos arcos triumphaes de pedra e de aço, como as pontes do Douro; — e ao invez dos antigos conquistadores, que passavam por de baixo, agora é por sôbre esses arcos gigantêos que passa ovante e veloz, devorando o espaço, a conquistadora locomotiva, enfeitada com o seu longo pennácho de fumo e soltando uma saudação ao progresso no agudo silvo que se repercute nos reconcavos das serranias!

Mas, se a engenharia é a florescencia da mathematica, a architectura é a florescencia da engenharia.

Desde o seu berço ensanguentado, desde a era dos martyres e das catacumbas, começou a Egreja a bafejar, a animar com o seu espirito, as bellas artes.

Mas é no seculo XIII, nesse seculo que póde denominar-se uma aurora, o inicio d'uma ressurreição, o primeiro estremecimento vital do esphacelado cadaver do mundo antigo, — que a architectura christã se ostenta em todo o seu vigôr e pujança nessas cathedraes surprehentes semeadas no solo da velha Europa. E então que brilha o estylo ogival, que póde dizer-se o estylo religioso, o estylo christão por excellencia.

O estylo ogival! que maravilha! direi melhor, que conjuncto harmonico de maravilhas!

Desde a primeira phase, desde o principio das lancetas, até á ogiva radiante e flammejante, expande-se, envolve-se com uma fecundidade e uma belleza de accessorios até então desconhecidas.

Tudo, n'este genial conjuncto, tudo é symbolico, — tudo traduz a crença, tudo exprime a idéa religiosa, tudo refflecte o mundo espiritual. Vêde: a planta do templo, com o seu *transsepto*, representa a Cruz; as capellas que circumdam a abside, figuram a corôa de Christo; a crypta symboliza a Egreja paciente, a mansão sombria onde as almas dos que morreram no ósculo do Senhor, acabam de pagar á Justiça divina a divida da fragilidade humana; a solidez das bases é a imagem da firmeza da nossa fé, a elevação dos fustes traduz o erguer das nossas esperanças; os imbricados lavôres e laçarias das artezoadas abobadas querem como que entremostrar a formosura da mansão etherea; a propria fórma do arco curvilineo está apontando o céo, é a materialização do vôo da alma para a região mysteriosa do infinito; a vastidão das naves e a semi-obscuridade, direi antes, a claridade docemente temperada pelas vidraças coloridas geram as impressões salutares da devoção, do recolhimento, da meditação concentrada e absôrta.

Só a fé e o amôr que alumiavam o espirito e aqueciam o coração e sublimavam a phantasia dos artistas christãos, podem explicar tanta energia e fecundidade. E todavia, deu-se por irrisão ao estylo ogival o nome de *estylo gothico!*... E os maiores engenhos do seculo de Luiz XIV falam d'elle como d'um estylo barbaro e desprezivel!...

O estylo ogival é maravilhoso, porque é a expressão d'um grande ideal.

A Arte, como a Religião, necessita d'um ideal.

A mingua de ideal, desfallecem, decaem, morrem as bellas artes.

Mas quem diz ideal, diz espiritualismo. Não posso conceber artista digno d'este nome que seja sceptico ou descrente. Porque quem diz *espiritualista*, diz quasi *religioso*.

Em nome da Religião e do Clero, que represento nesta diocese, saúdo em vós, repito, a Sciencia e a Arte.

Bemvindos á vetusta Evora!

Evora é um opulento thesouro, um precioso scrinio da arte antiga.

D'aqui mesmo vos posso apontar muitas maravilhas.

Em frente, vêdes o admiravel quadro de N. Sr.ª da Gloria, tão apreciado pelo competentissimo conde de Raczynski. Em volta, nestes salões, outros, menos notaveis, mas tambem interessantes, em madeira, em tela, em cobre e até em pedra.

Alem (estou-a vendo por ésta janella) a elegantissima columnata do templo romano, denominado de Dianna, — a mais importante reliquia do povo-rei em o nosso paiz e creio que em toda a Peninsula.

Perto, restos dos cubellos e muralhas d'esse mesmo periodo.

E logo a egreja dos Loyos (da nobilissima casa de Cadaval) com as suas magnificas campas de bronze lavrado e o bello portico do seu claustro.

Um pouco acima, contigua a este Paço, a riquissma bibliotheca, e o museu Cenaculo (*Cenaculo*, nome venerando. que é para mim uma herança tam honrosa como pezada), — o museu Cenaculo, que tanto deve ao insigne engenheiro e archeologo, vosso distincto collega e meu prestantissimo amigo, o sr. dr. Caetano da Camara Manoel.

E finalmente a majestosa cathedral, que só de per si podia constituir um curso de architectura e esculptura em pedra e em madeira, — tal é a diversidade de estylos e epochas que representa.

Em Evora encontrais pois monumentos velhos. Mas certo estou de que encontrareis tambem affectos novos.

Noblesse oblige: as tradições fidalgas da antiga côrte de nossos reis, e as não menos honrosas tradições scientificas e litterarias da antiga séde d'uma universidade, da patria de Garcia de Rezende, hão de inspirar, inspiram sem dúvida, aos habitantes d'Evora os primores de cortezia e o acolhimento sympathico a que têem direito tão illustres homens de sciencia.

A estes sentimentos cordeaes me associo muito devéras; e faço sincerissimos votos pelo próspero proseguimento e complemento da vossa excursão. Oxalá ella vos seja em tudo tam feliz e agradavel, como será de certo util aos progressos da Sciencia e aos interesses do paiz!

MOSTEIRO DE SÃO SALVADOR DE GRIJÓ

(Por José Pinto da Silva Ventura)

Ao sul da cidade do Porto e a quinze kilometros de distancia, n'uma formosa planicie, que se estendé até ao mar, se levanta o grandioso mosteiro de São Salvador de Grijó.

A sua fundação é anterior á da monarchia, pois de documentos antigos consta que foi fundado em 922, principiando em uma egreja que, por ser pequena chamavam, em latim, *ecclesiola* e em portuguez *igrejó* ou *igrijó* e com o andar do tempo se mudou em Grijó como hoje se chama.

Tambem em alguns escriptores antigos se vê que lhe chamavam egreijoa.

D'uma chronica, escripta por D. Fr. Marcos da Cruz, copiarei o que entender melhor possa elucidar-me na descripção que vou tentar fazer deste mosteiro.

No capitulo terceiro se lê: «O terceiro parecer que nesta causa se póde dar é serem os primeiros fundadores d'este mosteiro dous irmãos Gutterres ou Gutierres, abbade, e seu irmão Ausindo, grandes fidalgos moradores n'estas terras, que é o que temos por mais certo e verdadeiro, fundados em uma doação, que este mosteiro tem em seu archivo, feita em 15 das kalendas de janeiro era de 960 que vem a ser anno de 922 em 15 de dezembro, em a qual estes dous irmãos dizem fundarem esta egreja pela qual entendem juntamente o mosteiro, porque deixaram muita fazenda para sustentação dos religiosos que n'elle viveram que entende por este nome de frades, e juntamente o necessario para o serviço da egreja como sinos, vestimentas, calix, livros e outras cousas, declarando-se mais n'esta doação haverem os religiosos que n'elle viverem de eleger por seu prelado um d'entre elles.»

Este mosteiro de Grijó é mais antigo do que o de Santa Cruz de Coimbra, fundado em 1131, em 28 de junho e do que o de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, fundado em 1147 ou 1148.

No capitulo quinto da citada chronica se lê o seguinte: fallando de Soeiro Fromarigues, grande bemfeitor d'este mosteiro e fidalgo muito nobre: «Mostra bem a grandeza da sua piedade a doação que fez (sendo casado com Elvira Nunes, como consta de varias cartas de compra, que n'este mosteiro estão nos logares abaixo apontados) a este mosteiro de Grijó no anno de 1093, em 3 de outubro, convocando para isso ao bispo de Coimbra e aos fidalgos Flacencio, que então era alcaide do castello de Santa Maria (Feira) Gonçalo Roriz, Athan Fruiples, Paio Fromarigues, Gonçalo Gondeimdis, Mendo Valamis, Paio Valamis, Gonçalo Cediz, Tello Cediz e muitas pessoas ecclesiasticas, entre as quaes era Godinho, prior do mosteiro de Pedroso que todos confirmaram esta doação além de muita gente, que assistia por ser o dia em que a egreja se dedicava ao Salvador do Mundo, a qual doação Soeiro Fromarigues offereceu no altar e metteu nas mãos do bispo».

Para não parecer estranho que um bispo de Coimbra assistisse a uma festividade tão solemne, como esta, em que a egreja do mosteiro era dedicada ao Salvador do Mundo, direi que a jurisdicção dos prelados conimbricenses chegava até á margem esquerda do rio Douro.

Diz o citado chronista que no tempo do bispo do Porto, D. João Peculiar se estendeu o bispado portuense para o sul «até onde hoje chega».

No *Catalogo dos Bispos do Porto*, de D. Rodrigo da Cunha, no capitulo que se refere a este prelado, não se lê isto; admiro que o seu autor o callasse, pois foi para a egreja do Porto um facto importante alargar a sua jurisdicção d'esta fórma. É certo tovavia, que ahi se lê: «O infante D Affonso Henriques concedeu de novo ao bispo D. João a jurisdição da cidade, confirmando a doação que d'ella lhe fizera a rainha D. Thereza, sua mãe, á egreja da mesma cidade e estendeu mais os limites d'ella demarcando novos logares a que chegasse, dando-a ao mesmo D. João e a seus successores para que a possuissem para sempre sem contradição alguma».

Se nas palavras «estendeu mais os limites d'ella demarcando novos logares» está incluido o que affirma D. Marcos da Cruz, admiro que o autor do

Catalogo dos Bispos do Porto não se referisse claramente ao alargamento d'esses limites, que lhe dava jurisdicção sobre logares, que estavam debaixo da vista dos prelados do Porto, e que lhes não pertenciam.

Nuno Soares filho de Soeiro Fromarigues, egualmente magnanimo bemfeitor d'este mosteiro, empenhando-se na sua grandeza, tratou com o bispo de Coimbra, D. Bernardo e seu cabido, a izenção de sua jurisdicção ecclesiastica da freguezia de Grijó, no anno de 1132 e das cinco egrejas que sua mãe D. Elvira Nunes Aurea doara ao mosteiro em maio de 1132 e qne são: São Mamede de Serzedo, São Martinho d'Argomilhe, São Salvador de Perosinho, São Martinho da Travanca e São Miguel de Travassô.

Que este Nuno Soares fosse um fidalgo valoroso o attestam estas palavras de contracto; «*Vós Nunus Soares et parentes vestri, qui vobis obdierint, sint semper in auxilio nostro et nostrae sedis sine malo ingenio.*»

Ao mosteiro foram feitas muitas doações regias.

A rainha D. Thereza, mãe de Affonso Henriques doou o couto de Grijó «abdicando de si (palavras do chronista) o direito real que sobre elle tinha, quando o tivesse este mosteiro, para que, de alli por diante, começasse a ser mosteiro real.

Esta rainha foi irmã do mosteiro, segundo declara o livro dos obitos: *Soror monasterii Ecclesiola.*

Affonso Henriques, em 3 de janeiro de 1135, lhe fez mercê de Reguengo e couto do logar de Brito e em 20 de julho de 1142 do couto de Tarouquella acompanhando a primeira doação das seguintes palavras: «*Do itaque vobis atque concedo quantum in predicta villa habeo et habere debeo et in terra et in mare per suos terminos* »

Por outros reis e em varias occasiões foram dadas muitas provas de consideração, honrando-o com valiosas concessões que bem mostram a grandeza que sempre distinguiu o mosteiro de Grijó.

Na *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, por D. Nicolau de Santa Maria, se lê o seguinte que claramente revela que os summos pontifices estimavam muitissimo o mosteiro: «E finalmente foi recebido o mosteiro de Grijó e seus conegos com as ditas egrejas do seu izento debaixo da protecção da Sé Apostolica, ficando a ella immediatos os priores, por bullas e breves dos summos pontificies Innocencio II no anno de 1139, Lucio II no anno de 1144, Eugenio III no anno de 1148 e Celestino III no anno de 1195.

Os quaes pontifices confirmaram tambem ao dito mosteiro todas as doações, privilegios, liberdades e izenções, assim ecclesiastica como seculares e e concederam aos priores do mesmo mosteiro podessem usar de insignias pontificaes, baculo e mitra nas missas solemnes e trazer annel e cruz peitoral, como bispos, com que ficou este mosteiro um dos mais autorisados d'este reino.»

D. Marcos da Cruz diz ter sido este mosteiro, em seu principio, dobrado; isto é conegos e conegas, costume muito seguido n'aquelles tempos, havendo em Portugal varios conventos de frades e freiras que tinham a egreja commum. O local da primitiva fundação do mosteiro foi em Morracez, logar que ainda hoje na freguezia de Grijó conserva este nome, e que fica mais ao nascente e é mais elevado sendo por isso muito açoutado do vento o que motivou a sua mudança.

Sobre a mudança para a Serra do Pilar veja-se o seguinte que escreveu D. Nicolau de Santa Maria: «Proveu o papa Paulo III o priorado do dito mosteiro em o padre D. Bento de Abrantes, conego professo do mosteiro de S. Cruz de Coimbra, que n'aquelle tempo estava na curia romana em negocios do mesmo mosteiro; o que o summo pontifice fez muita contra vontade do dito padre que antes queria que o unisse o pontifice á congregação do seu mosteiro de S. Cruz, porém o papa como estava inteirado da grande virtude e letras do padre D. Bento, lhe pareceu que bem reformado ficava aquelle mosteiro com lhe dar um tal prelado.

Chegou o padre D. Bento a este reino e tomou posse do priorado mór do mosteiro de Grijó no principio do anno de 1537 sem contradicção alguma, nem da parte dos conegos do dito mosteiro, nem da parte del-rei D. João III que estava em posse de apresentar os priores móres; tal era a boa opinião que todos tinham do padre D. Bento.

Pouco mais de dous annos havia que tinha o priorado este religioso varão, quando no anno de 1539 com grandes instancias pediu ao summo pontifice, que lh'o dera, lhe acceitaria a renunciação e o unisse á Congregação de Santa Cruz de Coimbra, o que o pontifice lhe concedeu, passando a bulla de união a 26 de fevereiro de 1540 em que mandou tomar posse do dito mosteiro o padre prior geral de Santa Cruz D. Bento de Coimbra por parte da Congregação pelo padre D. Thomé, que nomeou por primeiro prior triennal, e por seus companheiros os padres D. Estevão e D. Bernardo, que entraram em Grijó em 29 de Junho do mesmo anno; porém com condição que se havia de mudar o antigo mosteiro do sitio em que estava para o da Villa Nova do Porto, que se começava a fundar com ordem d'el-rei D. João III.

(Continúa)

ASSIGNATURA.=Anno, 4 numeros, 600 réis.—Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio. — Numero avulso, 200 réis.

Typ. Lallemant, Rua Antonio Maria Cardoso, 6

3.ª SÉRIE ANNO DE 1897 TOMO VII

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 11

SUMMARIO. — Bibliotheca Nacional de Lisboa, Codices em pergaminho com illuminuras — Bibliotheca Nacional de Lisboa, Livros de numismatica,

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

CODICES EM PERGAMINHO COM ILLUMINURAS

1 *Horae*. Escripto em latim. Origem franceza. Sublinho o titulo posto na lombada.

2 *Horas*. Em latim, origem franceza.

3 Lamentações de Jeremias, em hebraico. Compilação de alguns versiculos, feita, segundo a tradição, a proposito da matança dos judeus em Lisboa, em tempo de D. Manuel.

4 Missa de Santa Maria per lingoagem. Psalmos. Ladaynha. Conservo a orthographia do original, Mss. portuguez com alguma importancia.

5 *Orationi*. Diverse orationi da dirsi deuotamente alla Beatissima Vergine. No fim; Ad laudem divi Antonii de Padua. Origem italiana.

6 *Horae Beatae Mariae*. Em latim.

7 Officios religiosos com musica, pautado vermelho em 5 linhas. No fim — Mementos — com outra notação.

8 Profissões de Peralonga, do mosteiro de S. Jeronymo de Peralonga. Original. Serviu de 1420 a 1504.

9 *Doctrina moralis*. Lat. Orig. portug.

10 *Missale*. Origem ingleza. Sec. 14.

11 *Missa beate Marie Virginis*. Ladainha Alg. orações em francez.

12 *Horae*. Orig. franceza.

13 Absolvissam que se hade dar quatro ves no Anno. Orig. portugueza.

14 Messe. Prieres durant la Messe. Na 1.ª fol. monogr. coroado. Poucas mas finissimas illuminuras.

15 Evangelho de S. João. No fim *Oraison tres bele*. Orig. franc. Encad. notavel. Boas illum. Calligraphia talvez anglo-saxonica que se encontra em outro codice d'esta collecção e em dois dos codices alcobacenses.

16 *Horae Beat. Virginis*. Officium Passionis. Muito notavel. Orig. franc. Sec. XVI,

17 Compend. theolog. M. S. C. Orig. fran.

Pertenceu ao antigo e notavel mosteiro dos Celestinos de Marcoussis.

18 Horas. Calendario francez. Evangelho, orações, ladainha; o testo em latim, as rubricas em francez.

19 *Horae*. Calend. franc. No fim: C'est la mesure de la benoite playe. Illumin. de pag. Encad. not.

20 Biblia. Perg. e callig. finiss.

21 *Horae*. Calend. franc. Pag. inteiras illuminadas. Stabat Mater. No fim — Douce Oroyson. Outra lettra nas ult. pag. Salve Regina.

22 *Prieres*. Todo em francez. Oroison Charlemaigne. Poesia: Glorieuse Vierge Royne.

23 *Sanct. Ambros*. Sancti Ambrosii officiorum liber. Callig. e illum. fin.

24 Orationes et Psalmi. Origem portugueza.

25 *Responsier*. La feste de la purification. Not. mus. em 4 lin.

26 Conciones de Sanctis. Lat. em 2 col.

27. *J. de Rupella. Summa moralis*. Em 2 col. callig. finissima. Incompleto.

28. *F. Nicolau Gorahon distinctiones*. 2 col. callig. fin.

29. *Liber de donis*. Lat. callig. not.

30. Liuro dos que fazem profissam da hera de 1479 até 1509, do Conv. de Peralonga da Ord. de S. Jeronymo. Original em perg. e papel.

31. *Diadema monacor. M. S. C.* Pertenceu tambem ao mosteiro dos celestinos de Marcousiaco (Marcoussis).

32. *Sermones dominicales*. 2 col. em lat.

33. *Biblia sacra M. S.* Com concordancia.

34. *Biblia*. Perg. e callig. de notavel finura. Illum. delicadas. No fim alg. versos.

35. Horas. Calend. franc. Pag. int. illum. No fim orações em francez. *Les XV joyes de nostre dame*.

36. Horae. Orig. franc. Not.

37. Commentar. Veteris Testamenti.

38. Officios relig. Musica em 4 lin. Nitido: infelismente muito cortado.

39. Idem 2.ª parte.

40. *Cousta de figuri M. S. C.* No fim: Explicit liber Johannis de Coutanis. Tambem pertenceu aos celestinos de Marcoussis.

41. *Della guerra punica*. E la vita de Sertorio di Lionardo Aretino, tradotto dallatino nelle favella toscane. Sec. 15. tem alg import.

42. Horas. Franc. not. Nas guardas, orações em francez.

43. *Liber eruditionis principum*. Talvez de origem anglo-saxonica.

44. *Sermones dominicales*. Em 2 columnas.

45. *Virgilius, Bucolica et Georgica*. Homeri Batrachomyomachia. Vocabulario Aretino interpret. Tem importancia.

46. Aristotil fijo de Nicomacho. Em hespanhol; not. sec. 13 — 14? diff. escriptos nas guardas.

47. Meditações religiosas. Nas duas primeiras folhas o credo, etc. Em portuguez. Incompleto. Sec. 14.

48. *Heures. 1500*. No fim: Heures á l'usaige de Chaalons, pour Jehan de Woyce drappier et bourgeois demorant au dit Chaalons. Por alg. notas no fim do codice vê-se ter elle pertencido a pessoas das relações dos Guise.

49. *Decretal Gregori IX*. Lettra miuda, 2 col. Tambem este cod. pertenceu ao mosteiro de Marcoussis (escripto neste cod. *Marcossiaco)*.

Como vieram tantos volumes dos celestinos de Marcoussis ter a Portugal? o mosteiro terminou muito antes da revolução franceza.

50. *Biblia*. 2 col. Bem conservado.

51. *Biblia*. 2 col. Ex libris Joannis Sala. Algumas iniciaes em fundo dourado. Todas as iniciaes no começo dos livros são especiaes e notaveis.

52, *Ambrosius de Officiis. Mss. in membr. saec.*

XV. A 1.ª pag. ill. e tarjada com escudos de barras (Aragão?) e mitra.

53. Guibertus de Tornaco Sermones. 2 col. trabalho inferior.

54. Instrumento de approvaçam etc. entre Ayres da Silva bispo do Porto e Don Jorge prior de S. Salvador de Moreira. Original com sello, 1611. (A data do auto é de 1575).

55. *Dante. Inferno e Paradiso.* Contem tambem o Purgatorio. Começa no verso 7.° do canto II. Em 2 col. Tem importancia. Este codice veio á Bibl.ca por doação do Bispo de Beja D. frei Manuel do Cenaculo Villasboas depois arcebispo de Evora.

O sr. Llewelyn Thomas, de Jesus College, Oxford, estudou este codice minuciosamente em janeiro de 1896 (Art. em *The Academy*, de 8 de fevereiro de 1896).

O cod. termina com um capitulo escripto por Jacopo, filho do Dante.

56. *La methode des princes.* Ded. á Mgr. le duc. de Bourgogne. Assig. Mariel. Elements de la langue latine, No fim: Neufville. Na capa brazão gravado, Encad. not.

57. *Indulgencias*, Graças que o papa Paulo III, concede a Gaspar Gonçalves . . . caval. de Christo 8 de agosto de (1) 536.

58 *Prcessionarius Cisterciensis.* Cantochão em 5 lin. Alg. inic. color, outras a traço preto. Começo do sec. 17

59. *Joan Cancell. in Magnific.* Johannes Cancellarius super Magnificat. Explicit 1427. Origem franceza; bom exemplar para base de comparação.

60, *Legenda S. Thamae codex mss. in membr.* Na 4.ª fl. S. Thomaz na sua aula.

61. *D. fr. André Dias.* Livro de orações em prosa e verso vulgar. Louvores de Jesus. O autor é fr. André Dias da ordem de S. Bento. Dat. 1435. Tem import.

62 Foral de Alhos Vedros. Original, 1514. Na 1.ª folha, inicial, armas de Portugal, tarja.

63. *Bible mss. du 15 siecle, 2 col.* Inic. not. fundos dourados. Bom exemplar de comparação.

No fim, sem duvida, vê-se o seculo 13. Comp. com o n.° 51.

64. Compromisso da Irmandade dos devotos do Sant. Sacramento. Ornato a traço, bom. assign. P. fr. Joannes de Nivibus, faciebat 1663. Original. Veio do Convento da Esperança.

65. *Gregorius Magnus, Dialogi.* Incompleto. Sec. 13?

66. *Statuta Curiae Lugdunensis.* Tem calendario. Parte em perg. parte em papel. Cod. notavel.

67. Biblia mss. Perg. a 2. col. Inic. finas, coloridas e douradas.

68. Regras, 1583. Escripto pelo P. fr. Pedro das Chagas. Veio do conv. da Esperança.

69. *Diodorus Siculus. Codex. mss. in membranis.* Folha illum. not. gr. marg. Boa encad.

70, *Regra da Ordem de Christo.* Com a espera. Assign. de fr. Francisco escrivão. Com uma postilla sobre reliquias.

71. Brazão de Domingos Dantas da Cunha. 1680. Boa encad.

72. Biblia hebraica, 1299. E' um monumento de arte, e um documento notavel de paleographia hebraica. Introducção, texto; e termina com um tratado grammatical. E' annotado, em caracteres minusculos dispostos em figuras caprichosas. Foi illuminado por Josef Asarfati, francez, em Cervera. Sobre a familia judaica Çarfati ou Asarfati, de origem franceza e immigrada em Castella, veja Hist. litt. de la France, t. 31. Um cod. da Bibl. Nac. de Paris, (Etimologias de Isidoro de Sevilha, feito em Hespanha), illuminada em estilo egual, é classificado como de arte mosarabe.

73. Foral d'Atouguia. Original. 1510. Encd. moderna com approveitamento dos metaes antigos. Espéras e escudos.

74. Foral d'Aveiras e Val do Paraiso. 1513. Original.

75. Cassiani Institut. Monachor. Beati Johannis heremite, col. lat. sec. 14.

76. Praefationes per totius anni festivitates juxta romanos rit. Origem portug.
Sec. 17. Tem caracter.

77. Bulla. Egrejas de Alcobaça. Capa de perg. branco. Copia de 1645.

78. Instituição e compromisso das mercerias que instituiu a rainha D. Catharina. Alvará de 1578. Original. Assign. da Rainha em 1577.

79. Brazão de armas de João Cardoso da Costa. 1727. Tem caracter. Encad. notavel, ferros finos.

80. Priuilegia de S. George de Alga. doc. tresl. dos sec. 15 e 16.

81- Arbor vitae crucifixae Jesu Christi. Iniciaes a vermelho e azul. Caracteres saxonicos. E' o tomo i.

82. Idem. Tomo ii. No fim: fratris Hubertini de ordine minorum. Em tinta vermelha a data 1440.

83. Compromisso da Irmandade de Jesus em o mosteiro de S. Bento de Santarem. 1613. Original. No fim: de fr. Roberto do Rosario. Encad. vel. verde. *Teve* metaes.

84. *Breviario do côro*. Pauta musical de 4. lin. vermelhas, not. quadrada. Incompleto. Origem hespanhola.

85. Tractatus varii physici 1427. 2 col. A fratre Egidio de Roma, ord. S. Agostin.

86. Missal secundum Rothomag. usum. Gothico. Illum· not. o *Sanctus!* Subscripção e data em francez. 1402. Cod. imp. doado pelo bispo de Beja.

87. *Rudulfus Ardens*. Tomo i. Ethica.

88. *Rudulfus Ardens*. Tomo ii. No fim: Rodulphus de bello loco (Beaulieu), in Pictavia. Depois: R. Ardentis de belloloco. Scripsit fr. Johannes Picaut de couvent de Lochen, 1450.

89. *Bernardas de Trilia Super Apocalypsim*. 2. col. Doação do bispo de Beja.

90. Regimento do almirante da India, Brazão colorido de Vasco da Gama. Copia do sec. 16. Assign. de Thomé Lopes. Alvará dat. 1524. Encad. verde. Imp.

91. Regimento de carpinteiro de moveis e sambragem. 1767. Original. A ult. certidão de 1829. Cantos e centro de prata lavrada.

92, *Blondi Flavii Roma Triu*. Orig. franceza, sec. 15. Imp. Illum. not. ouros burnidos.

93. *Biblia sacra*. 2 col. Not. gr. inic. Bem conserv.

94. Chronicas dos ministros e geraes dos frades menores. Portug. 2 col. Escripto no começo talvez, do sec. 15, mas copiando textos portug. mais antigos. No Boletim, por occasião do centenario de S. Antonio, publiquei alguns trechos deste codice que é um monumento portug.

95. *Opuscula D. Thomae Mss sur velin*. 2 col. (Obras de S. Thomaz de Aquino).

96. *Secunda Secundae Mss. sur velin*, in fol. 2 col.

97. *Raymundus Sebundus* in fol. 2. col. Falta o começo. No fim: Raymondo Sabiende, medic. Tolosa 1434 — 1436. Copia escripta em 1453.

98. *Sé de Coimbra, Documentos*. E' um cartulario da sé de Coimbra, contendo muitos documentos importantes. Sec. 13. in. fol Publiquei noticia circircumstancia deste notavel codice na Revista Archeologica de Borges de Figueiredo, e nos documentos historicos da cidade de Evora, onde comecei a publicação do cartulario da Sé de Evora, E' triste dizer que o clero portuguez bem pouco se tem importado com os mui numerosos e valiosos documentos que existem nos seus archivos.

99. Breviario. Escripto em 1671 (pag. 113). Pertenceu ao convento da Graça de Lisboa. Enc, not. com as iniciaes D. S. O. A.

100. *Trindade de Santarem. Escripturas*. Primeiro livro de pergaminho velho. Instrumentos lavrados de 1478 a 1522·

101. *Breviariodo coro*. Alg. inic. douradas. Sec. 15.

102. *Missale Pictavensis*. Callig. not. muitas iniciaes, alg. fol. tarj: cortadas infelismente; brutalidade nada rara. Tem pag. muito not.

103. Livro da fundação do convento da Esperança. Front. illum. Em outra pag. a *concessão da regra*, not. 1620. Encad. forrada de seda verde. *Teve* fechos de prata. Ornatos de prata em capas de livros fundem-se com muita facilidade.

104. Livro das capellas do mosteiro de S. Vicente. 1619.

105. Regra e estatuto do convento da Conceição de Beja, 1660. Tem import. artistica tanto nas illum. como na encadernação.

106. *Opera medica et anathomica*. 1.° vol. 1442.

107. Idem. 2.° vol.

108 Idem. 3.° vol.

109. Idem. 4.° vol. 1444.

110. Idem. 5.° vol. 1452. Folha tarjada no começo e outra no fim.

111. *Fuero Juzgo*. Codice de muita importancia. Está completo. Escripto em castelhano. Sec. 13.

112. *Missal*. Missale de monte Carmeli. Imp. artistica. Nomes dos que mandaram fazer este missal. *Sanctus*, not.

113. Tombo de S. João do Cartaxo, 1533.

114. Biblia (só uma parte). Genesis. Exodo. Origem hespanhola?

115. Livro de côro. Manuale chori. Um tanto estragado. Tem inic. not. Sec. 13.

116. *De la Thoyson Dor*. E' o 2.° vol. O 1.° está na Bibl. de Turim. Imagem de Páris. Inic. finas. Tem imp.

117. Chronicas de Eusebio de Cesaréa) El Tostado). Em hespanhol. 1.° vol. Front. targ. precioso doc. d'arte.

118. Idem. 2.° vol.

119. Idem. 3.° vol. Tem a approvação do prior de Medina Celi.

120. Idem. 4.° vol. Falta o front. No fim *Anno de 89*.

121. Idem. 5.° vol.

122. Tombo da Commenda de Idanha a Nova, de Pedro de Alcaçoua Carneiro. Brazão. Front. 1620. Encad. em vel. verm. Cantos, centros, brazão e cruzes de Christo, em metal.

123. Chronicas de D. Pedro e de D. Fernando, por Fernão Lopes. Bello cod. de 1.° imp. Começo do sec. 16.

124. *Origenis*. In epistolam Pauli ad Rom. Cod. not. Sec. 16.

125. Speculum historiale fr. Vincentii ord. Praedicat. Pars I. (fr. Vincent Becalvi). Ao meio pag not.

126 Idem. 2.° vol. Lettra diversa da do anterior. Tem miniat. adm. *Temp. Vespasiani*.

Tempora Othi, por exemplo. Arte franceza. Muitas iniciaes cortadas brutalmente, e quasi todas as grandes illuminuras.

127. Idem 3.° vol.

128. Idem. 4.° vol. Na 3.ª pag. inicial dourada, fina adm.

129. Idem. *Tabula seu index generalis*. Lettra diversa. Brazão.

130. Idem. Pars. I. et II. Mais antigo que os antecedentes.

131. Idem Pars. II. Outra lettra.

132. Idem. *Histoire universelle*. Part. I. Em francez, sec. 14.

133. Portulanos em perg.° coloridos. 1.° O archipelago grego. 2.° O mediterraneo. 3.° O littoral do Atlantico. Assign. Giovanne Oliva de Missina fatta in Liorno ano 1745.

134. *Trivet sur Tite Live*. 1. vol. A primeira pagina é notavel. O trabalho do miniaturista não ficou complecto: alg. pag. do começo dos livros incompletas mas ainda assim not.

135. Idem 2.° vol. A 1.ª pag. incompleta; muitas outras illum. incompletas, mas o que se fez é de superior execução. Era um illuminador de 1.ª ordem na execução, mas louco ao que parece; raras vezes acabava o seu trabalho.

136. *Pantheologia Raynerii*. Pars. I. A mesma escola do *Trivet*. Fins do sec. 15.

137. Idem. Pars. II. Sec. 16.

138. Idem. Pars. III. Na 2.ª pag. uma pequena inicial notavel, P (assio). Creio que estes 3 volumes são de origem franceza.

139. *Relacion da India por Pedro Barreto de Resende*. 1.ª parte. Governadores e vice-reis. Em papel.

140. Idem. 2.ª parte. Descripção de cidades, portos e fortalezas. O original destes dois volumes existe na Bibl.ca Nacional de Paris. Esta copia foi feita pelo sr. Santos, sendo as estampas copiadas

por sua filha, M.elle Garin dos Santos, com singular rigor no desenho e colorido. Estes dois codices foram offerecidos pelo ministerio do Reino.

141. Foral da terra de Coyra. 1515.

142. Foral de Tarouca.

143. Missal de Arouca. Creio que é de origem portugueza, e assim de alta importancia.

144. Compromisso de confraria de S. Pedro de Unhos, 1581.

145. Compromisso da irmandade de S. Silvestre de Unhos, 1560.

146. Foral de Terra de Santa Marinha. 1514. Pertenceu a Santa Cruz de Coimbra.

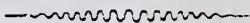
147. Foral de S. João do Monte. 1514. Pertenceu a Santa Cruz de Coimbra.

148. Grammatica latina, de João de Barros, para uso da infanta D. Maria, filha de D. João III.

149. *Mariz Carneiro*. Descripção das fortalezas da India.

150. Constituições e ordenações do mosteiro de S. Salvador das Donas, em Lisboa, 1396.

151. Compromisso da irmandade de N. Sa do Rosario, dos homens pretos, em S. Domingos de Lisboa.

G. P.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Livros de numismatica

1 a 16. *Mionnet*. Description de medailles antiques. 1822.
O 1.º vol. Espagne.
7.º Planches. Alphabets.
8.º 1.º do suppl. Espagne.

17 e 18. De la rareté des medailles.

19. Prontuario de le medaglie. Lione, 1553.

20 a 21. Ciencia de las medallas. Madrid. 1777.

22. *Panel*. Dissertacion sobre una medalla de Alexandre el Grande. Valencia, 1753.

23. *Lefebure*. Traité élémentaire de numismatique générale. Paris, 1850

24. Nummismalogia. Med. romanas de ouro do gabinete de Bento Morganti. Lisboa, 1737.

25 a 27. Idem

28. Istituzione antiquario - numismatica. Roma, 1772.

29. Idem.

30. *Chassant et Delbarre*. Dictionnaire de sigillographie pratique. Paris, 1860.

31. *Hotomanus*. De re numaria. 1585. (autogr. do A. no front.).

32. *Budaeus*. De asse et partibus ejus. Lugduni, 1542. Pertenceu a Gaspar Barreiros: assign. autogr. Ha outros vols. na Bibl. com a mesma assign.

33. Idem. 1550.

34. Idem. Venetiis. Aldus. 1522.

35. *Hallenberg*. Collectio nummorum cuficorum. Stockholmiae. 1800.

36. Dissertatio de numis monetariorum veterum culpa vitiosis. Viennae Austriae, 1736.

37. *Boizard*. Traité des monoyes. Paris, 1714.

38. Diccionario universal das moedas. Lisboa, 1793.

39. Catalogue d'une collection de medailles des rois et des villes. Paris, 1864.

40. *Budeo*, Trattado delle monete e valuta loro. Fiorenza, 1562.

41. La science des medailles. Paris, 1695. Assign. D. Louis Caëtan de Lima. Paris, 1704.

42. — 1.º *Salgado* (fr. Vicente). Conjecturas sobre huma medalha... Vetto. Lisboa, 1784.
2.º *Salgado* (fr. Vicente). Breve instrucção sobre as medalhas romanas. Lisboa, 1780.
3.º *Azevedo* (D. Joaquim de). Moedas e dinheiros da Sagrada Escriptura. Lisboa, 1788.

43. *Salgado* (fr. Vicente) Conjecturas sobre a medalha Vetto. Lisboa, 1784.

44. Outro exemplar da mesma obra.

45. Numism. Port. Varia. É uma collecção. Contem:

1.º *Salgado.* Breve instrucção sobre as medalhas. Lisboa, 1784. Este exemplar pertenceu ao convento d'Alcobaça.
2.º Outro ex. Lisboa, 1780.
3.º Medalha Vetto. Lisboa, 1784.
4.º *Quiroga Carneiro de Fontoura* (M. de) Instrucções de numismatica. Porto, 1844.

46. *Chassant.* Dictionnaire des abréviations latines et françaises. Evreux, 1846.

47. *Snelling* (Thomaz) A view of the coins at this time in Europe. London, 1766.

48. *Sebastianus Paulus.* De nummo aureo Valent imp. Lucae, 1722.

49. *Vergnaud-Romagnési.* Fac-simile de med. cons. et imp. Paris, 1832 (relevos).

50. Hist. metallique de l'Europe. Cat. med. mod. du cabinet Ponlhariés. Lyon, 1767.

51. *Quinones* (Juan de) Explicacion de monedas de oro de imp. cons. Madrid, 1620.

52. Idem.

53. Idem. Pertenceu a Alcobaça.

54. *Bizot.* Histoire metallique de la rep. de Hollande. Amsterdam, 1688.

55 e 56. *Garnier.* Histoire de la monnaie. Paris, 1819.

57 e 58. *Hennin.* Manuel de numismatique ancienne. Paris, 1830.

59. — 1.º *Panel* (P.e Alex. Xavier) Dissert. s. una med. de la colonia de Tarragona. Illiberi Colibre. 1748.
2.º Idem. De nummis. exprim. Trebonian. Illiberi, 1748.

60. *Battellus* (I. C.). Expositio aurei numismatis Heracliani. Romae, 1702.

61. Idem.

62. *Raposo Botelho.* Diccionario das moedas. Lisboa, 1895.

63. *Schlegel* (Christ.). De nummis abbatum Hersfeldensium. Gothae, 1724.

64. *Mionnet.* Poids des med. grecques. Paris, 1839.

65. Catal. d'un cabinet... med. modern. Herman Vos. La Haye, 1743.

66. Cat. da coll. de moedas e med. port. e outras de Ferreira Carmo Porto, 1877.

67 e 68. *Humphreys.* The coin collector's manual. London, 1853.

69. *Yonge Akerman* (J.) Coins of the romans relating to Britain. London, 1836.

70. *Campaner y Fuentes.* Indicador manual de numismatica espanola. Madrid, 1891.

71. *Patin* (Ch.) Introd. á la connaisance des medailles. Padoue, 1691.

72. *Budaens.* De asse et partibus ejus. Coloniae, 1528.
Idem. De asse et part. ejus breviarium. Pertenceu á Cartuxa de Evora.

73. *Vallemont.* Reponse á Mr. Baudelot. Med. d'Alex. le Grand. Trevoux. 1706.

74. *Burcard Gotthelffisten.* Bibl. Numism. antiq. Jenae, 1693.

75. *Barthelemy.* Nouv. manuel comp. num. ancienne. M. Roret. Texte Paris, 1866.

76. Idem. Atlas.

77. *Gnecchi.* Monete romane. Milano, 1896. M. Hoepli.

78. *Ambrosoli.* Manuale de numismatica. Milano, 1895. M. Hoepli.

79. *Blanchet.* Nouv. man. numism Moyen-age. Moderne. Paris, 1890. M. Roret.

80. Idem. T. 2.º 1.ª parte.

81. Idem. T. 2.º 2.ª parte.

82. Idem Atlas.

83. Catal. des livres de la libr. num. de Rollin, etc. Paris, 1893.

84. *Scotti*. Della raritá delle medaglie antiche. Firenze, 1809.

85. Catal. de la coll. de monnaies de C. J. Thomsen. Monn. grecques. Copenhague, 1869.

86. Idem. Monn. romaines, 1866.

87. Idem. 2.ª part. Moyen-age, 1873.

88. Idem. 2.ª part. T. 2.º 1874.

89. Idem. T 3.º Europ. septen. 1876

90. Idem. 3.ª part. Temps moderne, 1871.

91. Idem. T. 2.º 1867.

Cat. monn. Thomsen. Moyen-age, 1876.

92. *Velasques* (L. J.) Congeturas med. reyes godos y suevos. Malaga, 1759.

Anales de la nacion espanola.

93. Idem.

94. *Spanhemius* (Ezechiel). De praestantia et usu num. antiquorum. Amstelodami. 1671. Pertenceu ao most. Alcob.

95. *Panelius* (A. X.). De cistophoris. Lugduni, 1734.

96. *Millingen*. Consid. numism. ancienne Italie. Florence, 1841.

97. *Menestrier*. Med. illustrées des anciens empereurs. Dijon, 1642.

98. *Rouyer* et *Hucher*. Hist. du jeton au moyen-age. Paris, 1858.

99. *Ponton d'Amecourt*. Essai num. mérovingienne. Paris, 1864.

100. *Dancoisne*. Numism. bétunoise, mereaux, jetons. Arras, 1859.

101. *Marchant*. Lettres sur la num. Paris, 1851.

102. Proceedings of the Numismatic Society. 3 n.ºs London, 1837-1839.

103. *Dupré*. Dissert. sur les med. attrib. au fils de l'emp Postume. Paris, 1825.

104. *Mahudel*. Nova nummi in colonia Karthagine Africanor. Lipsiae, 1742.

105. *Lelewel*. Numismatique du moyen-age. Paris, 1835. (1.ª e 2.ª part.)

106. Idem. 3.ª part.

107. Idem. Atlas.

108. Idem, Etudes num. et archeol. Bruxelles, 1841.

109. Idem Atlas. Bruxelles, 1840.

110. *Cavedoni*. Ragguaglio storico archeol, med. cons. e famiglie Modena, 1854.

111. Idem. Spicilegio num. Mon. ant. cittá, popoli, ré. Modena. 1838.

112. *Erizzo*. Discorsos sopra le medaglie degli antiche. Vinegia (1559).

113. *Stanley Lane-Poole*. Additions to the Oriental collection. 1889. (Arabes-hespanhoes).

114. Idem. Part 2.ª 1890. (Arabes. Tab. Hegira. Era christan).

115 *Warwick Wroth*. Greek coins of Crete and Aegean islands. London, 1886.

116. Idem. Pontus. Paphlagonia. London, 1889.

117. Idem. Mysia. London, 1892.

118. *Barclay Head*. Greek coins, Central Greece. London, 1884.

119. *Percy Gardner*. Greek coins. Peloponnesus (excepto Corintho). London, 1887.

120. *Barclay Head*. Greek coins. Jonia. London. 1892.

121. *Stuart Poole*. Catal. of the coins of Alexandria and the Nomes. London, 1892.

122. Coins and medals. Their place in History and Art. London, 1885.

123. *Gronovius*. Pecunia vetus, de sesterliis. Lugd. Batav. 1691. Grav. ret. not.

124. *Froelich*. Quatuor tentamina in re nummaria vetere. Vienna Aust. 1737.

125. Promptuariu iconum. Lugduni, 1553.

126 *Spanhemius*. Dissert. de praestan. et usu num. antiq Romae; 1664. Este ex. foi do conde da Ericeira e de B Morganti.

127. *Agostini* (D. Ant.). Medaglie et anticaglie. Roma, 1592.

128. *Ridgeway* The origin of metallic currency and weights standards. Cambrigde, 1892.

129. *Lenormant*. La monnaie dans l'antiquité. Paris, 1878.

130. Idem. T. 2.°

131. Idem. T. 3.°

132. Idem. Essai sur l'organisation... de la monnaie. Paris, 1863.

133. *Minguez*. Datos epigr. y num. de Espana. Valladolid, 1883.

134. *Fontenay*. Manuel de l'amateur de jetons. Paris, 1854.

135. *Fillon*. Considérations... monnaies de France. Fontenay, 1850.

136. Della utilitá delle antiche medaglie (trad. do inglez para italiano) Bologna, 1760. Perteneeu este vol. a D. Celestino Cavedoni.

137. *Werlhof* Handbuch der Griechhischen Numismatik. Hanover, 1850.

138. *Choul*. Los discursos de la religion... (baseados no estud da num.), Leon, 1579.

139. *Vico Parmigiano*. Medaglie degli antichi. Vinegia, 1555.

140. *Cointreau*. Hist. abregée du cabinet des med. de la Bibl. Nat. Paris, 1800.

141 a 148. *Rasche* (J. C.) Lexicon univ. rei nummariae. Lipsiae, 1785—1790. Num. greg. e romana.

149. Descriptio numorum veterum ex museis Ainslie, etc. Lipsiae, 1796. (Sestini).

150. Marchant. Lettre sur les med. des emp. français de Constantinople. Paris, 1829.

151. *Stieglitz* Distributio numorum famil. roman. Lipsiae, 1830.

152. *Neuman*. Catal. de moedas, frag.[to] Moed. portug. p. 224.

153. *Hortus*. Hist. rei nummariae veteris. Amstelodami, 1692.

154 Idem. T. 2.° (Seldenus, Labbe, Buddeus).

155 a 160. *Gusseme* (T. A.). Diccionario numism. general. Madrid, 1773-77.

161 a 166. Idem outro exemplar.

167 a 169. Catal. de la grande coll. de monnaies de L. Welzl de Wellenheim, Vienne, 1844.

170. *Jacob* (Gerard.) Traité élémentaire de num. ancienne. Paris, 1825. 1.° e 2.° vols e Tables générales de numismatique. Rheims, 1825.

171. Monnaies inconnues des evêques des innocens, des fous, etc. Paris, 1837.

172. *Agostini* (D. Ant.) I disc. sopra med. et anticaglie.

173. *Gaillard*. Description des monnaies espagnoles et des mon. etrang. Madrid, 1852.

174. Omnium Caesarum verissimae imagines ex ant. num. desumptae. 1554.

175. Idem.

176. *Vignolio et Floravantis* Antiquiores Pont. Rom denarii. Romae, 1734.

177. *Buonarroti*. Osservazioni istoriche... medaglioni antichi Roma, 1698.

178 *Orsini*. Storia delle monete dell. rep. Fiorentina. Firenze. 17 0.

179. *Letronne*. Considerations générales sur l'evaluation des monn. grec. et rom. Paris, 1817.

180. *Garnier*. Observ. en reponse . . . sur l'evaluation des monnaies. Paris, 1818.

181. *Garnier*. Memoire sur la valeur des monn. Paris, 1817.

182. Numismate (le), bulletin périodique. Catal. gen. et prix. Paris, 1862 — 64.

183. Congrés international de numismatique. Bruxelles, 1891.

184. *Forgeais*. Collection de plombs historiés trouvés dans la Seine. Paris, 1862.

185. *Forgeais*. 2.ª série. Enseignes de pélerinages. Paris, 1863.

186. *Forgeais*. 3.ª serie. Variétes numismatiques, Paris, 1864.

187. *Forgeais* 4.ª série. Imagerie religieuse, Paris, 1865.

188. *Forgeais*. 5.ª série. Numismatique populaire. Paris, 1866.

189. *Forgeais*. Numismatique des corporations parisiennes, metiers, etc Paris, 1874.

190. Promptuaire des medailles (1.ᵉ partie). Lyon, 1553.

191. Classes generales geog. numismaticae, Lipsiae, 1797. (1.ª e 2.ª part.)

192. *Florez*. (Henrique). Medallas de las colonias, munic. e pueblos antigos de España. Madrid, 1757.

193. Idem. 2.º vol. 1758.

194. Idem. 3.º vol. 1773. (e tambem moedas dos reis godos).

195 a 197. Idem. outro exemplar.

198 a 200. Idem. 2 ex. do 2.º vol. e 1 do 3º.

201. *Bie* (Jacobus) Imperat. rom. á J Caesar ad Heraclium num. aurea. Amstelodami, 1738.

202. *Ficoroni*. I piombi antichi. Roma, 1740.

203. *Romé de l'Isle*. Metrologie . . . poids et mesures des anciens. Paris, 1789.

204. *Mionnet*. Atlas de géographie numismatique. Paris, 1838.

205. *Vaillant*. (Joannes). Numismata imperat. rom. Romae, 1743.

206. Idem. T. 2.º, ad Tyrannos usque.

207. Idem. T. 3.º App. Num. max. moduli.

208. Idem. T. 1.º 1743.

209. Idem. (J. Foy.) Seleucidarum imperium. Hist. regum Syriae. Lutecia Parisiorum, 1681.

210. *Vaillant*. Select. num. in aere max. modul. Parisiis, 1695.

211. Idem. Outro exemplar.

212. Numismatica Capuana. Monete antiche di Capua. Napoli, 1802 (e varias antiguidades, Ex. off. a Cavedoni).

213. *Fiorelle*. Osservazioni sopra talune monete rare di cittá greche. Napoli, 1843.

214. *Friedlaender* (Julius). Die oskischen Munzen. Leipzig, 1850. (Ded. mss: Al direttore del museo Estense signor Cav. Abbate Cavedoni omaggio dell'autore.

215. *Sabatier*. (J.) Rapport sur la collection royale des monnaies portugaises, Expos. univ. 1867. Paris, 1867. Off. autog.

216 e 217. *Sabatier* (J.) Descrip. gen. des monn. byzantines. Suite á Cohen. Paris, 1862.

218. *Charles. earl of Liverpool*. Treatise on the coins of the realm. London, 1846.

219. *Fraehnius* Opusc. Suppl. numorum Muhammedanorum. Petropoli, 1855. (m. arab-hespanholas)

220. *Zay*. (E.). Histoire monetaire des colonies françaises. Paris, 1892.

221. Collect. de M. J. Greau. Medailles romaines. Paris, 1869, grav. de Dardel.

222. *Staglieno* (Marcello), Le medaglie della Accademia ligustica de belle arti. Genova, 1868.]

223. *Meili* (Julius). Portugiesische Munzen. 1890. Em allemão e portuguez. Reprod. photograv. notavel.

224. *Meili* (Julius). Die Munzen des Kaisers. Brasilien. 182?. bis 1889. Repr. photogr. not. 1890.

225. *Barclay Head* Historia Num. Manual of greek numismatics. Oxford, 1887.

226. *Sestini* (Domenico). Continuazione della 3.ª parte med, ant. greche. Firenze, 1829,

227. *Sestini*. Descrizione delle medaglie ispane. Firenze, 1818. Lusitania, etc.

228. *Langlois* (Victor). Essai de classif. des suites monet. de la Georgie. Paris, 1860.

229. *Langlois*. Numismatique des arabes avant l'Islamisme, Paris, 1859.

230. *Langlois*. Numismatique de l'Arménie au moyenage. Paris, 1855.

231. *Gembloux* (P.) Hist. monetaire du Berry. Bourges, 1840.

232. *Donop* (Baron de). Medailles gallo-gaeliques. Hannovre, 1838.

233. *Marcel*. Numismatique orientale. Monnaies... d'Algerie. Paris, 1844.

234. *Venuti* (R.) Num. roman. pontificum. Romae, 1744.

235. *Noris* (F. H.) Annus et epochae Syromacedonum. Florentiae, 1691.

236. *Svoronos* (J. N,) Numismatique de la Crete ancienne. Macon, 1890.

237. Recueil de medailles de rois. Paris, 1762.

238. Idem Peuples et villes. Paris, 1763. Europe.

239. Idem. Asie.

240. Idem. Afrique. Isles. Puniques.

241. Melange de diverses medailles. Rois et Villes. Suppl. Paris, 1765.

242. Idem. Suppl.

243 e 244. Suppl. aux 6 vol. de Recueils. Paris, 1765.

245. Lettres de l'auteur des recueils de medailles. Francfort, 1770.

246. Additions aux 9 vol. de Recueils de medailles. La Haye, 1798,

247. *Poinsinet de Sivry*. Nouvelles recherches sur la science des medailles. Maestricht, 1778.

248. *Vives y Escudero*. Monedas de las dinastias arabigo-espanolas. Madrid, 1893.

249. *Paciaudus*. Ad nummos consulares... Marc. Antonii. Romae, 1757.

250. *Marsden*. Num. Orientalia. London, 1823. Comp. Hespanha.

251. *Saez* (L.) Monedas de Castilla. Madrid, 1805.

252. Catal. de la coll. de med. grecques de L. W. de Molhein. Paris, 1825.

253 a 256. *Bourlier, baron d'Ailly*, Recherches sur la monn. rom. Lyon, 1864-1869.

257. *Nahuys*. Hist. num. de la Hollande (dom. imp. francez). Utrecht, 1863.

258. *Garruci*. Exame critico e chronologico ... num. Constantiniana. Roma, 1858, off. a Cavedoni.

259. *Bergmann*. Mittelalt. und modern Munzen und Med. Wien, 1865.

260. *Hucher*. L'art gaulois... d'aprés les med. Paris 1868.

261. *Meili*. Medalhas do imp. do Brazil, de 1822 a 1889.

262. *Saldanha Oliveira e Sousa* (D. José de) Apont. para a hist. da moeda em Portugal. Lisboa, 1878.

263. *Schlumberger*. Bractéates d'Allemagne. Paris, 1873.

264. *Lopes Fernandes*. Memoria das med. e condec. portug. e estrang. relat. a Portugal. Lisboa, 1861.

265. *Lopes Fernandes*. Mem. das moedas cor-

rentes em Portugal, dos romanos até 1856. Lisboa, 1856.

266. *Teixeira de Aragão.* (Dr. Augusto Carlos). Notes sur quelques namismates portugais des 17, 18 e 19 siecles. 1867.

267. *Teixeira de Aragão.* Descripção geral e hist. das moedas de Portugal, 1.° vol. Lisboa, 1874.

268. Idem, 2.° vol. 1877.

269. Idem, 3.° vol. 1880. Moedas da India.

270 a 272. Idem. Outro exemplar.

273. *Teixeira de Aragão.* Descripção historica das moedas romanas ... Lisboa, 1870.

274. *Teixeira de Aragão.* Expos. univ. de 1867. Description des monnaies, medailles, etc. Paris, 1867. Catalogue des objets d'art ... hist. du travail en Portugal, Bibliog.

275. *Gomes Cardim.* Descripção das moedas port. da coll. num. de F. E. G. Cardim. Rio de Janeiro, 1879.

276. Collecção de opusc. num.

1.° Annuncio: leilão de livros de numismatica, 1894.
2.° *Fernandes Pereira* (fr. Franc. dos Prazeres Maranhão). Dicc. numism. luzitano. Lisboa, 1835.
3.° *V. Salgado.* Med. rom. Lisboa, 1780.
4.° *V. Salgado.* Med. Vetto. Lisboa, 1784.
5.° *Mousinho d'Albuquerque.* Mem. sobre a moeda portug. Elvas, 1862.
6.° *Travassos Valdez.* Noticia sobre os pesos, medidas e moedas Portug, Colonias e Brazil. Lisboa, 1856.
7.° Catalogo dos objectos ... Exp. Philant. 1851,
8.° Der Konstantin — Rubel.
9.° Catal. das moedas e med. ant. e mod. mandadas da Russia, desde 1849.
10.° Bulletin de la Soc. Imp. d'Archeol. de S. Petesbourg, 1850.
11.° Mem. de la Soc. Arch. et Num. de S. Petesbourg, 1847.

12.° *Grimaldi* (Marquez Camillo Pallavicino de). Legislação monetaria de Portugal, 1855.

277. — 1.° Noticia da moeda cunhada pelos visigodos no Porto. Porto, 1862.
2.° *Mousinho d'Albuquerque.* Mem. moed. port. Elvas, 1862.
3.° Extracto da moeda ingleza e seu valor port. hesp. e franc.
4.° Catal. das moed. e med. da coll. do Visc. de Sanches de Baena. Lisboa, 1869.
5.° Memoria numism. portug. (o a. é José Lourenço Domingues de Mendonça). 1842.
6.° Monnaies d'or suévo-lusitaniennes. Porto, 1865. (Ed. Aug. Allen e H. N. Teixeira).

278. *Malta* (João Xavier da). Moeda do Brazil, 1645-1888. Porto, 1890.

279. *Soleirol.* Catal. des monn. byzantines. Metz, 1853.

280 a 282. *Vazques Queipo* Essai sur les systemes metriques et monetaires. Paris, 1859.

283. *Cartier.* 1.° Notice monn. du XII.e siécle.
2.° Monn. hist. russes.
3.° Monn. du XI.e siécle.
4.° Not. monn. du XIII.e siécle.
5.° Angoulême, Marche.
6.° Gauloises. Amboise.
7.° Consid. hist. monet. Tours, 1835.
8.° Monn. frappées en Corse par Théodore et Paoli.
9.° Monn. de Charles VIII. Blois, 1848.
10.° Bibliog. monn. franc.
11.° Numism. de Rabelais. 1847.
12.° Monn. de Charlemagne. Blois, 1853.

284. *Cartier.* 1.° Anc. monn. de Nevers.
2.° Comtat Venaissin et d'Orange.
3.° Monn. d'Avignon, 1398 á 1404.
4.° Restitution d'une monn. d'Avignon á Boniface VIII.
5.° Monn. eccls. et baronales du Limousin. 1841.
6.° Monn. franc. du moyen-age.
7.° Monn. du XIII.e siécle.
8.° Notice sur l'ecu d'or de Louis XII.
9.° Recherches hist. sur la monn. du cavalier armé (1280 à 1356).
10.° *Chalon.* Obs. et not. sur la monn. type caval. armé.
11.° *Cartier.* Monn hist. de Gand.
12.° Monn. frappées en Piemont, 1515-1529, comtes de Deciane.
13.° Monn. hist. prétend. couronne de Hongrie.

14.° Sol d'or . . . . monn. mérovingiénes.
15.° Notice sur 25 pieces d'or et d'argent . . . monn. de la 1.re et 2.de race. Paris, 1836.

285. — 1.° *Robert*. Sceau et monn. de Luentibold, roi de Lorraine.
2.° Medailles celtiques. Essai d'interpretation. Paris, 1846. (And. Jeuffrain).
3.° *Robert*. Extrait d'une lettre. Monn. du Luxemburg. Bourbourg.
4.° *Laborde*. La coll. des empreintes de sceaux des archiv. de l'empire 1863.
5.° *Lenormant*. Mémoire sur les monn. de Simon Machabée.
6.° *Rolin*. Mém. monn. lorraines . . . XI-XII siécle. Nancy, 1841.
7.° *Henaux*. De l'individualité monetaire des munic. Liégeoises. Liége, 1848.
8.° *Duffaitelle*. Observ. monn. Boulogne, 1838.
9.° Quelques med. relat. á l'histoire des Pays-Bas. 1857.
10.° *Morel Fatio*. Monnaie de Gillei Franquemont. Bruxelles, 1863.
11.° Souvenirs numism. du siége de 1552. Metz, 1852. (C. Robert).
12.° Imitations ou contrefaçons de la monnaie suisse . . . á l'étranger, 16-17 siécle. Zurich, 1862.
13.° *Lemaitre* (A). Lettres *ob* des legendes monetaires du Bas-Empire. Paris, 1877.

286. *Ponton d'Amécourt*. Monnaies mérovingiennes de Touraine. Paris, 1870-1873.

287. Catalogo dos ponções, matrizes e cunhos de moeda . . . na nasa da moeda. Lisboa, 1873.

288. — 1.° *Hammer Purgstall*. Siegel der Araber, Persen und Turken.
2.° *Landolina Paterno*. Monete consolari sicule, off. a Cavedoni.
3.° Catal. venda de moedas, medalhas, etc. Leipzig, 1869.

289. *Cohen*. Description gen. monn. Rep. Romaine, med. Cons. Paris, 1857.

290 a 296. *Cohen*. Description hist. monn. et med. Imp. Paris, 1859-1862 O T. 7.° é da 2.ª edição, 1888

297 e 298. *Babelon*. Monnaies de la rep. romaine. Paris, 1885-1886.

299. *Zangroniz*. Estudio de la moneda espanola. Barcelona, 1880.

300. *Delgado* (D. Antonio) Catal. monn. et med. coll. Lorichs. Madrid, 1857.

301 a 303. *Delgado*, Nuevo metodo de classif. med. autonomas de Espana. Sevilla, 1871-1876.

304 a 306. *Heiss* (A.) Descript. gen. mon. hispano-cristianas. Madrid, 1865-1869.

307. *Heiss* (A.) Monn. des rois visigoths d'Espagne. Paris, 1872.

308 e 309. *Wiczay* (M.) Musei Hedervarii in Hungria. Vindobonae, 1814.

310 a 312. *Poey d'Avant*. Monn. féodales de France. Paris, 1858-1862.

313 a 215. Idem. Outro exemplar.[1]

316. *Poey d'Avant*. Monnaies seigneuriales françaises. Fontenay-Vendée, 1853.

317. *Riccio*. Catal. moed. cons e fam. rom. Napoli, 1855. Douradas. Not. off. a Cavedoni.

318. *Riccio*, Monete di cittá antiche. Napoli, 1852.

319. — 1.° *Riccio*. Mon. fam. cons. Napoli, 1836.
2.° Risposta . . . tariffa del conte Riccio.
3.° Poche osservazioni sulla Guida Numismatica . . . Milano 1846.
4.° *Riccio*. Le monete . . . alla Zecca . . . cittá de Luceria. Napoli, 1846.

320. *Riccio*. Monete fam. Rom. Napoli, 1843. 2.ª ed.

321. *Boudard*. Numism. iberienne. Paris, 1859.

322. *Donaldson*. Architectura numism. London, 1859.

323. *Saulcy*. Recherches sur la numism. judaique) Paris, 1854.

324. *Saulcy*. Classif. monet. byzantines. Metz, 1836.

325. *Saulcy*. Idem. Planches.

326. *Saulcy*. Numism. de la Terre Sainte. Palestine, Arabie. Paris, 1874.

327. *Saulcy*. Monnaies datées des Seleucides. Numism. des rois Nabatheens de Petra.

328. *Saulcy*. Numism. des Croisades. Paris, 1847.

329. *Lorichs*. Recherches numism. med. celtibériennes. Paris, 1852.

330. *Paruta*. Sicilia . . descritta con medaglie. Palermo, 1612.

331. *Carellio*. Numm. veterum Italiae. Neapoli, 1812.

332. Idem. Tabulae.

333. *De-Bie*.France metallique. Paris 1636.

334. Monette cufiche dell' I. R. Museo di Milano. Milano, 1819 (imp. penins. hisp.).

335. *Guioth*. Hist. numism. de la rev. belge. Med. monn. jétons. Hasselt, 1844.

336. Idem. Planches.

337 e 338. *Vaillant*. Nummi antiq. fam. roman. Amstelaedami, 1703.

339 a 341. *Vaillant*. Num. imp. romanorum. Romae, 1743.

342. *Friedlaender*. Monnaies de Rhodes, Paris, 1855.

343 a 347. *Zanetti*. Nuova raccolta monete e zecche d'Italia. Bologna, 1775 - 1789.

348. Marchi e Tessieri. Àes grave del museo Kircheriano, Roma, 1839.

349 *Lopez Bustamante*. Medallas antiguas de Munda. Madrid, 1790.

350. *Imhoof Blumer*. Porträtkopfe auf romischen Munzen. Leipzig, 1892.

351. *Hager*. Med. chinoises. Num. chinoise. Paris, 1805.

352. *Heinecch*. Veter. German. aliarumque nationum sigillis. Lipsiae, 1709.

353. *Ricaud de Tiregale*. Med. Empire de Russie. Postdam, 1772.

354. *Eckhel*. Numi veteres anecdoti ex museis Viennae, 1775.

355. *Eckhel*. Doctrina num. veterum. Vindobonae. 1.° vol. 1792, Europa.

356. Idem. 1794. Europa e Asia menor.

357. Idem. Asia menor. Oriente.

358. Idem. Egypto, etc. Indice.

358. Idem. Part. 2.ª 1795. Cons fam.

360. Idem. 1796. Imperio.

361. Idem. 1797. Imperio.

362. Idem. 1798. Imp. Obs. gen. Ind.

363 e 364. Idem. Ex. dos n.os 355 e 356.

365 a 368. *Mommsen*. Hist. de la monnaie romaine. Paris, 1865 a 1875.

369. *Boutkowski*. Dict. numism. Leipzig, 1878.

370. *Ducange*. De imperatorum Constantin. dissert. Romae, 1754.

371. Numismatique de l'ancienne Afrique. Copenhague, 1860. Cyrenaique.

372. Idem. Syitique, Byzacéne, Zeugitane.

373. Idem. Numidia. Mauritania.

374. *Perez Bayer*. Num. hebr. samaritan. vindiciae. Valencia, 1790.

375 a 377. *Perez Bayer*. De num. hebr. samaritanis. Valencia, 1781. 3 exempl.

378. *Bonanni*. Numismata summorum pontificum. Romae, 1715.

379 a 385. *Bonanni*. Numism. pontificum romanorum. Romae, 1699.

386 e 387. *Theupolus* (J. D.) Mus. antiq. numis. Venetiis, 1736.

388. *Longperier*. Medailles des rois perses. Dyn. Sassanide. Paris, 1840.

389. *Fulvius Ursinus*. Fam. roman. num. Romae, 1577.

390 a 392. *Mussellius*. Numism. antiq. Veronae, 1751.

393 a 396. *Begerus*. Thesaurus Brandenburgicus. Coloniae Marchicae. 1696. No t. 1.° gemmae. No 3.° antig. varias muito not.

397 a 403. *Spanhemius*. Dissert. numism. ant. T. 1.° Londini, 1706. T. 2.° Amstelaedami, 1717 3 ex. um dos quaes pert. ao most. de Alcobaça. Tem ret. grav. not.

404. *Boonneville*. Traité des monn. d'or et d'argent. Paris, 1806.

405 e 406. *Havercamp*. Medailles du cabinet de la reine Christine. Haye, 1742 2 exemplares.

407 a 409. Numismata cimelii Caes. reg. Aust. jussu Mariae Theresiae. Vindobonae, 1755. Not. 2 exemplares.

410 a 413. Numism. aerea... museo Pisano... Observ... comment. Mon. Bened. Casinate. Grav. 4.° vol. not.

414. *Mangeart* (Don Thomas). Introd, á la science des medailles. Paris, 1763. Not. antig.

415. *Cuperus*. De elephantis in nummis obviis. Hagae Comitum, 1719.

416. *Hirsch* (J. C.) Bibliotheca Numism. Norimbergae, 1760.

417· *Budaeus*. De asse. Parisiis, 1542.

418. *Budaeus*. De asse. Basileae, 1556. Enc. not.

419. *Budaeus*. De asse. 1524. Enc. not.

420 a 429. *Goltzius*. Opera omnia numism. Antuerpiae, Plantin, 1644. 2 ex. Um pert. a Alcobaça.

430. *Occon et Biragus*. Imp. roman. numism. Mediolani, 1683.

431 e 432. *Vaillant* (J. F.) Numism. aerea. Imp. col. mun. urbibus. Paris, 1688.

433 e 434) *Bandurus*. Numism. imp. roman. Lutetiae, 1718. 2 ex.

435. *Patinus* (C.) Imp. roman, num. Parisiis, 1696 (alg. antig. art.).

436. Idem Argentinae, 1671.

437 e 438. Idem. Amstelodami, 1696.

439 e 440. Museum Mazzuchellianum. Venetiis, 1761-63.

441. *Havercamp*. Med. Cab. R. Christine. Haye, 1742. Tem na capa a marca C. F. Piper. Com esta marca ha na Bibliotheca alguns volumes de valor, como o Rudbeck, e outros relativos á Suecia.

442. Medailles du régne de Louis le Grand. Paris, 1723. Not.

443. Idem. 1702· Ex dono Ludovici Magni. Brazão real. Enc. not.

444. Idem, 1723. Pertenceu ao mosteiro de Alcobaça.

445 a 454. *Pedrusi*. I Cesari in oro, in argento, etc. Parma, 1694-1727. Exemplar off. por ordem de S. Mag. Siciliana. Os vols. 9 e 10 são de Piovene, e tem vistas notaveis de palacios e jardins dos Farnesios.

455 a 464. Idem. Outro exemplar.

465. Tresor de numismatique. Paris, 1858. Rois grecs. N'este volume e nos segg. da coll. as grav. são muito notaveis.

466. Idem. Galerie mythologique.

467. Idem. Bas-reliefs du Parthénon et de Phigalie.

468. Idem. Iconographie des empereurs romains.

469. Idem. Monuments de l'art monetaire. Moed. portug. pl. 41.

470. Idem. Medailles des Papes.

471. Idem. Medailles. italiennes. Beatriz de Portugal, pl. 33.

472. Idem. Idem. 2.ª parte.

473. Idem. Med. allemandes.

474. Idem. Rois et reines d'Angleterre.

475. Idem. Sceaux des rois et reines de France.

476. Idem. Sceaux des grands feudataires de France (Izabel de Portugal, duqueza de Borgonha).

477. Idem. Sceaux des communes, eveques, etc.

478 a 480. Idem. Medailles françaises. Ch. VII à L. XVI.

481. Idem Revolution française.

482. Idem. Empire français. Portugal person. pl. 26. Junot, Wellington, etc.

483 e 484. Idem. Basreliefs et ornements.

485 a 487. *Morellio* (A.) Thesauri. Imp. rom. Amstelaedami, 1752.

488 e 489. *Morellio* (A.) Fam. roman. Amstel. 1734.

490 e 494. *Van Loon* (G.) Hist. metall. des Pays-Bas. La Haye, 1732-37. Dedic. ao principe Eugenio de Saboya. Not. brazão com escudo portugues. O 5.º vol. tem indice geral. V. Portugal, Lisbonne, Pierre, Bresil, Gomez, etc.

495. —1.º *Gessnerus* (I. J.) Numism. regum Macedoniae. Tiguri, 1738.
2.º Num. regum Siciliae...
3.º Num. graeca pop. et urbium. Enc. dourada. Ex. bibliotheca Bunaviana.

496. e 497. *Loubat* (J. F.) The medallic history of U. S. America. 1776-1876. Imp. 1878.

498 e 499. *Tobiesen Duby*. Monnoie des prelats, barons, ducs, Paris, 1790

500. *Tobiesen Duby* Pieces obsidionales et de necessité 1786.

501. *Percy Gardner*. Types of greek coins. Cambridge, 1883.

502. *Bellorius* (J. P.) Adnotationes... num. aenea Vico Parm. Romae, 1730.

503. *Vaillant*. Seleucidarum imperium. Lut. Parisiorum, 1682.

504. *Velazques* (L. J.) Ensayo sobre los alphab. medal. Espana. Madrid, 1752.

505. Idem, Ex. libris D. Pedro de Leiba.

506. *Zuzzeri* (G. L.)
1.º Sopra una med. de Attalo Filadelfo. Venezia, 1767.
2. Duna antica villa del Tusculo e d'un antico orologio á sole. Venezia, 1746. Espelho rom. inscrip. rom. etc.

507. *Xavier* (Felippe Neri). Descripção do coqueiro... e das moedas de Goa. Goa, 1866.

508. Prontuario dele medaglie. Lione, 1577.

509, *Beale Poste*. Celtic inscr. on gaulish and british coins. London, 1861,

510. —1.º *Cohen*. Guide de l'acheteur de medailles rom. et byzantines, Paris, 1876.
2.º *Pinder*. Numism. antiq. inedita. Berolini, 1834. Moedas gregas.
3.º *Terrin*. Dissertation sur deux medailles grecques. Paris 1685.
4.º *Santarem*. (2.º Visconde de). Analyse hist. num. med. Imp. Honorio do IV século. Falmouth, 1818.

511. *Quadra* (D. Sebastian de la). Dialogos de medallas. Madrid, 1844. Inscripções e outras antiquidades. Med. de Hispania. Falsificações eruditas.

512. *Velloso* (José Mariano). Relação das moedas dos paizes estrangeiros. Lisboa, 1800.

513. 1.º *Cointreau*. Hist. abregée du cabinet des médailles de la Bibl. Nationale. Paris. 1800.
2.º Catalogue d'une coll. d'empreintes en soufre de med. grecques et romaines. Paris, an VIII.

514. *Klotzius*. (C. Ad.) Opuscula nummaria. Halae Magdb. 1772.

515. —1.º *Ziervogel* (Evaldus). De re nummaria Svio-gothica. Upsaliae, 1749.
2.º Idem Dissert. acad. usum reí num, in hist. litteraria.
3.º Numophylacium regiae Acad. Upsalensis, Upsaliae, 1753.

G. P. *(Continua)*

3.ª SÉRIE ANNO DE 1897 TOMO VII

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 12

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão da Assembléa Geral em 24 de Outubro de 1897.

Presidencia do Ex.mo Sr. Valentim José Corrêa, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.mo Sr. Silva Leal.

Abriu-se a sessão á hora e meia da tarde, achando-se presentes alem da Mesa, os Ex.mos Srs. Dr. Sousa Viterbo, Ernesto da Silva, Jesuino Ganhado, Cavalleiro e Sousa, Soares O'Sullivand, Adães Bermudes e Rosendo Carvalheira.

O sr. general Pimentel Maldonado pediu desculpa de não comparecer.

O sr. Presidente disse que não podia ser lida a acta da sessão antecedente, por que ainda não estava na mesa.

Mencionou-se a seguinte correspondencia:

Um officio do Ex.mo Sr. Visconde da Torre da Murta, Conservador da Bibliotheca d'esta Associação, acompanhando uma carta, a que se refere a proposta infra transcripta, que lhe dirigira o Ex.mo Sr. Joaquim José da Nova, da Povoa de Varsim, e declarando que, em virtude da auctorisação que lhe era concedida na mencionada carta, determinára já alguns melhoramentos que em breve deviam estar concluidos e de que opportunamente daria contas.

Do mesmo sr. Visconde se recebeu a seguinte proposta, que foi approvada por acclamação:

«Tendo o nosso prestante socio o Ex.mo Sr. Joaquim José da Nova offerecido a esta Real Associação a quantia de vinte mil réis para serem applicados em beneficio da bibliotheca da mesma Associação, cumpre-me o grato dever e a satisfação de propor que na acta d'esta sessão se faça menção d'um voto de louvor e sincero agradecimento ao nosso dedicado socio por mais esta prova espontanea do seu desvelado zelo, constante dedicação e interesse pelos progressos d'esta Associação que tem no mais subido apreço e consideração os seus bons e valiosos serviços. E que d'esta parte da acta se dê conhecimento ao nosso benemerito Socio. 24 de Outubro de 1897. (a) Visconde da Torre da Murta.»

Uma carta do Ex.mo Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos justificando a sua falta á sessão e participando que estivera em Malines, em Agosto proximo preterito, e assistira n'um dia a duas das

sessões do Congresso Archeologico celebrado n'aquella cidade, ao qual havia concorrido na qualidade de delegado da nossa Sociedade e de Director do Museu Ethnologico Portuguez. Os assumptos ventilados n'aquellas sessões foram todos de interesse absolutamente local e por isso elle, sr. Leite de Vasconcellos, não interviera, pois que nos seus estudos só se occupa de Portugal, mas relacionou-se com muitos archeologos belgas, de quem recebeu numerosas provas de deferencia e alguns d'elles lhe fallaram no nosso antigo e saudoso presidente, o Sr. Possidonio da Silva. Tencionando publicar um Relatorio da excursão archeologica que em Agosto e Setembro ultimos realisou por Hespanha, França e Belgica, n'elle se referirá mais d'espaço ao congresso de Malines.

Com esta carta foram recebidas algumas publicações de que o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos é auctor, as quaes offereceu para a nossa Bibliotheca, e entre ellas o 1.º volume das *Religiões da Lusitania.*

Do sr. Dr. Anton Blomberg, bibliothecario da Academia Real das Bellas Artes, historia e antiguidades de Stockholm, foi lido um officio accusando a recepção de alguns numeros do nosso *Boletim*, pedindo a troca de publicações e mandando os ultimos 7 volumes annuaes do jornal d'aquella Academia, com a declaração de que não estão ainda publicados os que são relativos aos ultimos annos (1894 e seguintes).

Do sr. Dr. J. Pérès recebeu-se tambem um officio offerecendo varias publicações em hespanhol.

O Presidente interino da Camara Municipal de Elvas agradeceu, em cumprimento de resolução tomada por aquella camara, o exemplar n.º 144 do *Elogio Historico*, de Possidonio da Silva e pediu que fossem remettidos para a sua bibliotheca todos os numeros do *Boletim* da nossa Associação.

Do Bibliothecario da Bibliotheca Publica do Porto recebeu-se agradecimento pela remessa do *Boletim* n.º 9.

Foram approvadas as seguintes propostas:

Para *socios effectivos*

Os Ex.^mos^ Srs. Francisco Carlos Parente, architecto, em tirocinio, das obras publicas; e Alvaro Augusto Machado, alumno architecto da Real Academia das Bellas Artes de Lisboa;

Para *socios correspondentes:*

Mr. Alphonse de Witte, director da *Revue Belge de Numismatique* e conservador das collecções da Sociedade Real de Numismatica da Belgica, pelos serviços por elle prestados á sciencia em geral e pela attenção especial que lhe merece a numismatica portugueza; e o Ex.^mo^ Sr. José Pinto da Silva Ventura, proprietario na villa da Feira e auctor de uma interessante monographia sobre o convento de S. Salvador de Grijó, que está sendo publicada no nosso *Boletim.*

Entre outras publicações estavam sobre a mesa, offerecidos pelos seus auctores, os seguintes volumes:

Inicios da renascença em Portugal. Quinta e palacio da Bacalhôa em Azeitão. Monographia historico-artistica pelo sr. Joaquim Rasteiro.

Memorias sobre a antiguidade pelo sr. Dr. Antonio dos Santos Rocha.

Estudos historicos sobre pintura pelo sr. Maximiano d'Aragão.

Decoração na construcção civil — N.º 1 — *Algumas indicações sobre a arte de dourar*, pelo sr. Francisco Liberato Telles Castro da Silva.

Congrès international des architects. 5.^eme^ session tenue à Paris du 17 au 22 juin 1889. Organisation, compte rendu et notices. Paris 1896. N'este volume vem impresso o retrato do nosso chorado Presidente Possidonio da Silva e juntamente alguns excerptos de um artigo biographico publicado no jornal *L'Architecture.*

O Sr. Presidente consultou a Assembléa sobre qual dos tres assumptos pendentes de discussão devia merecer preferencia para entrar em ordem do dia: o 1.º d'esses assumptos versava sobre a proposta do Sr. Costa Goodolphim relativamente a projectos para a construcção de habitações economicas; o 2.º, sobre a proposta do Sr. Augusto Ribeiro para a reforma dos estatutos; e o 3.º, sobre a proposta do Sr. Adães Bermudes para se promover a reunião de um congresso nacional de architectura e archeologia por occasião do centenario que se festeja em maio do anno proximo.

O sr. Adães Bermudes ponderou que, tendo a commissão do centenario da India aberto concurso para a apresentação de projectos de habitações economicas, se podiam considerar em parte desde já satisfeitos os intentos do sr. Costa Goodolphim e que, portanto, esse assumpto podia continuar a ser tratado depois de se resolver a questão do congresso. Tambem lhe parecia que para a reforma dos estatutos podia haver um adiamento, porque, se é certo que n'elles existem alguns artigos cuja alteração importava muito fazer, não se póde todavia deixar de reconhecer que d'esse facto não resultam graves prejuisos para a boa marcha dos negocios da Associação. Quanto ao Congresso é que não se dá a mesma rasão de adiamento. Tudo está indicando a conveniencia de que elle se effectue. Desde que apresentou a proposta para tal fim,

encontrou logo adhesões de notaveis homens de sciencia que prometteram o seu poderoso concurso, no que respeita a memorias sobre architectura e archeologia.

Enumerou as vantagens que das companhias de caminhos de ferro se obteriam no transporte das pessoas que viessem tomar parte nos trabalhos do congresso, cujas reuniões poderiam celebrar-se na Sociedade de Geographia, a qual, estava certo, havia de concedel-a. Da commissão organisadora do centenario podia tambem obter-se uma subvenção dentro da verba que ella recebe do governo e que é bastante elevada, em que estão comprehendidas as despezas que se fizerem com varios congressos.

Entende, pois, de toda a urgencia convocar a commissão nomeada para a organisação do congresso de architectura e archeologia, a fim de que apresente os seus trabalhos á Assembléa no mais curto praso possivel.

O sr. Rosendo Carvalheira, conformando-se plenamente com a idéa de que se realise o congresso, entende primeiro que tudo necessario convocar a commissão para que ella conheça quaes são os meios de que dispomos para o effectuar de modo que não façamos má figura; e, visto que faltam pouco mais de seis mezes para a commemoração do Centenario, convem que não haja demora na redacção do programma do mesmo Congresso.

O sr. Bermudes fez ainda algumas considerações sobre os meios de tornar pratica a idéa do Congresso e propoz que a presidencia ficasse encarregada de convocar a commissão que tem de dar parecer sobre a sua proposta relativa ao Congresso e convidal-a a activar os seus trabalhos.

Depois de algumas duvidas expostas pelo sr. Presidente, sobre quaes eram os cavalheiros nomeados para essa Commissão, foi approvado, por proposta do sr. Carvalheira, que a convocação fosse feita, logo que o sr. Presidente consultasse a acta da sessão anterior, na parte respectiva a este ponto.

O sr. Soares O'Sullivand disse que a prioridade da idéa de concurso para apresentação de projectos de habitações economicas pertencia a esta Associação, onde tão importante assumpto tem sido objecto de largo estudo; a commissão do centenario da India aproveitou a idéa. mas é necessario que no congresso de architectura e archeologia, promovido pela nossa Associação, se torne bem evidente que essa iniciativa partiu d'aqui.

O sr. Bermudes observou que na sua proposta estão indicados varios numeros concernentes a parte architectonica, taes como esthetica e saneamento das cidades portuguezas, onde a questão das habitações economicas tem o seu logar, e isto certamente está d'accordo com o que o sr. O'Sullivand deseja.

O sr. Carvalheira entende que effectivamente é necessario evitar que seja prejudicada a nossa iniciativa; e, comquanto a questão das habitações economicas não possa resolver-se de momento, nem ao termo de muitos annos, por uma forma perfeitamente cabal e satisfactoria, julga que no Congresso deve ser exposta e discutida sob o ponto de vista didactico.

O sr. Ernesto da Silva participou quo o socio sr. Joaquim da Conceição Gomes publicára em setembro ultimo a traducção de uma memoria, sobre a antiga Nabancia, que fôra escripta em francez pelo nosso fallecido presidente Possidonio da Silva.

O sr. Cavalleiro e Sousa leu uma breve memoria sobre thermas romanas em Alemquer, das quaes ainda restam vestigios.

O sr. Presidente pediu ao sr. Cavalleiro e Sousa que enviasse para a mesa esta sua memoria a fim de ser publicada no *Boletim*.

O sr. Cavalleiro e Sousa declarou que a este respeito já apresentou em tempo um trabalho que deve existir na Bibliotheca da Associação.

O sr. Carvalheira referiu numerosos actos de vandalismo que teve ensejo de presenciar na digressão em que ha tres meses andou pela provincia do Minho. Ahi se encontram notabilissimos monumentos artisticos. principalmente de architectura do seculo, 12.º, conservados, porém, de tal modo que lhe causou verdadeira indignação e pungente magua. Passando de Arcos de Val de Vez para Ponte de Lima, viu em S. Salvador de Bravães uma egreja de estylo romano bysantino com um portico de delicados lavores, que difficilmente se lhe reconhecem, não porque o tempo os destruisse, mas porque estão vandalicamente cobertos de empastamentos de cal. Entre outros monumentos em que a incuria, a ignorancia e a rapacidade teem produzido os seus naturaes effeitos, citou ainda S. Pedro de Rates, Leça do Bailio, S. João Baptista de Villa do Conde, a egreja de Santa Luzia em Trancoso, etc. Pergunta o que fazem as corporações officiaes, a quem é incumbido velar pela conservação de todos os monumentos que pela sua construcção ou pelas tradicções que representam lhes deviam merecer toda a solicitude e attenção? Porque deixam que se considere perfeitamente nulla a sua existencia em face de tantos attentados contra venerandas preciosidades artisticas que possuimos?

E' urgente que a nossa Associação prosiga nos esforços que energicamente encetou o seu incansavel presidente Possidonio da Silva, ao qual se deve uma insistente propaganda em favor da conservação dos principaes monumentos do Paiz.

Tradições como as d'esta Associação não devem perder-se. E' indispensavel não abrir mão d'este assumpto e empenharmo-nos em salvar do desleixo e da incuria o que ainda nos resta de bem nos dominios da arte e da historia.

O sr. Bermudes, apertando a mão ao sr. Carvalheira, felicitou o calorosamente pelas patrioticas palavras que acabava de proferir.

O sr. Presidente pediu ao sr. Carvalheira que reduzisse a proposta ás reflexões que fizera a fim de poder servir de base de discussão.

O sr. Carvalheira manifestou o seu assentimento a este pedido.

Ainda o sr. Presidente declarou que não estavamos perfeitamente no caso de dirigir censuras a quaesquer entidades, por isso que tambem podiamos ser censurados, por exemplo, em razão de não termos o nosso Museu methodicamente organisado, o que, aliás, era devido á bem conhecida falta de recursos com que luta o nosso cofre para satisfazer os encargos ordinarios.

O sr. Carvalheira disse que lhe parecia não haver difficuldade em alcançar da repartição competente que fossem mandados para o Museu alguns operarios e trabalhadores; bastariam seis ou oito para procederem á melhor collocação de objectos existentes no Museu e cuja arrumação é mais custosa pelo seu peso e dimenções.

Não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão, aprazando a seguinte para domingo 31 do corrente.

Eram tres e meia horas da tarde.

Para constar lavrei a presente que subscrevo.

Eduardo A. da Rocha Dias.

Sessão da Assembléa Geral em 31 de outubro de 1897.

Presidencia do Ex.^mo Sr. Valentim José Corrêa. — Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^mo Sr. Silva Leal. — Abretura á hora e meia da tarde.

Compareceram, alem da mesa, os Ex.^mos Srs. Liberato Telles, Cavalleiro e Sousa, Alvaro Machado, Rosendo Carvalheira, Guilherme de Sousa, Jesuino Ganhado e dr. Sousa Viterbo.

O sr. Presidente justificou a ausencia do sr. Conde de S. Januario e felicitou-se por estarem presentes os novos socios srs. Liberato Telles e Alvaro Machado.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 24 do corrente, resolvendo-se, sob proposta dos srs. Silva Leal e Rosendo Carvalheira, que a mesma acta fosse impressa no *Boletim* da Associação.

Leu se na mesa um telegramma do Sr. Adães Bermudes participando que estava em visita aos monumentos de Santarem arruinados e vandalisados como os do resto do paiz, e que votava a proposta do sr. Carvalheira para se estabelecer uma cruzada a favor dos monumentos nacionaes.

Do Sr. José Pinto da Silva Ventura recebeu se agradecimento pela sua eleição para socio correspondente.

O bibliothecario do Museu Teyler, em Harlem, dirigiu á nossa Associação uma consulta relativamente a alguns moveis, de que enviou duas photographias, e que no Kensington Museu, de Londres, no Museu d'Oxford, etc., estão classificados como trabalho indo-portuguez.

Foi resolvido accusar a recepção d'este officio, dizendo que se ia tratar de colligir os elementos precisos para responder á consulta que n'elle era feita.

Sob proposta do sr. Cavalleiro e Sousa approvou-se a idéa de nomear uma commissão para estudar este assumpto, devendo tal commissão ser composta, dos srs. Gabriel Pereira, Sousa Viterbo, e Rosendo Carvalheira, que pediu escusa, indicando comtudo a maneira de proceder a indagações que habilitam a associação a dar uma resposta cabal.

O sr. Cavalleiro e Sousa insistiu em que fosse nomeado o sr. Carvalheira.

O sr. Presidente, acompanhando estas instancias, propoz, e a Assembléa, approvou que a referida commissão fosse de cinco membros, os srs. Gabriel Pereira, dr. Sousa Viterbo, dr. Leite de Vasconcelos, Guilherme de Sousa e Rosendo Carvalheira.

Estes dois ultimos cavalheiros declararam que, em vista da vontade soberana da Assembléa, e não por que se julgassem habilitados ou competentes, acceitavam a missão que lhes era imcumbida.

O sr. Conde de Marsy, director da Sociedade Franceza de Archeologia para a conservação dos monumentos historicos, agradeceu o exemplar, que se lhe offerecera, do *Elogio historico* de Possidonio da Silva, recordando não só as relações que com elle teve, mas os bons serviços que a conservação dos monumentos de Portugal lhe deve, e pedindo que, pelo facto da dolorosa perda do nosso saudosissimo Presidente, não fique interrompida a correspondencia entre esta Associação e aquelle benemerito Instituto.

O sr. Liberato Telles agradeceu o ter sido nomeado socio effectivo.

O sr. Presidente disse que muito havia a esperar do auxilio de tão digno socio.

O sr. Silva Leal apresentou as seguintes considerações e proposta, fazendo as depois por escripto:

«O nosso paiz se fertil era em conventos e egrejas, onde se notavam, e n'algumas ainda se admiram, bellezas architectonicas, não menos grande é no de casas solarengas com especialidade na formosa provincia do Minho e que são adornadas de brazões que attestam altos feitos praticados pelos fundadores d'aquelles solares, por serviços prestados á patria. O fisco, porém, que nada respeita, entendeu na sua *alta sabedoria* que, embora as casas tivessem sido solares da antiga nobreza, toda a vez que não pertencessem já aos descendentes das familias que os edificaram por havel-os vendido, deveriam os novos proprietarios ser obrigados ao pagamento da decima por um brazão que não lhes respeita e não lhes interessa! Resulta d'ahi que os proprietarios mandam picar os brazões a fim de não serem obrigados a pagar a contribuição, que, como se vê, se não baseia em dados serios. — O brazão é uma pagina historica digna do mais serio respeito, alem de ser tambem um adorno e por conseguinte fazendo parte integrante do edificio. Destruil-o ou mutilal-o é commetter simplesmente um vandalismo, para o que não ha nenhuma attenuante. — Por isso é forçoso que o fisco não se desvie dos tramites marcados pela civilisação para não commetter actos de selvageria. Ora, como a nossa associação resolveu — e honra lhe seja — entrar em plena actividade, reclamando dos poderes publicos a conservação de tudo quanto seja de valor historico, e por consequencia que diga respeito aos estudos archeologicos e architectonicos do paiz, tenho a honra de fazer a seguinte

Proposta

1.º Proponho que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes procure por todos os meios ao seu alcance obter, do governo, para que se conservem todos os brazões em edificios que não estejam na posse dos seus primitivos donos, livrando-os assim das mutilações causadas pelo fisco;

2.º Para que esta associação exponha ao governo de Sua Magestade para que seja modificado o decreto de 8 de setembro de 1887 na parte que diz respeito a este assumpto. (a) *Sebastião da Silva Leal.*»

O sr. Liberato Telles, declarando que estava encarregado da direcção de umas reparações na egreja de S. Paulo em Alma la, perguntou se devia conservar-se como reliquia uma tela de Bento Coelho, muito deteriorada, que existe no tecto d'aquella egreja, ou sujeital-a a uma restauração de resultado duvidoso. Mandou para a mesa uma proposta n'este sentido.

O sr. Carvalheira considera interessantissimas as duas questões a que se referiram os sr. Silva Leal e Liberato Telles. Faz differentes observações mostrando até que ponto é mal cabida a acção do fisco relativamente aos brazões e entende que deve dirigir-se uma representação ao governo para evitar que esses monumentos continuem a ser destruidos. Affirma a opinião de que lhe parece muito preferivel guardar cautelosamente os restos da tela de Bento Coelho a ter de sujeital-a a uma restauração. Ainda assim, entende que esta poderia fazer-se, quando houvesse a certeza de encontrar pessoa idonea que a seu cargo tomasse a execução de semelhante trabalho.

O sr. Jesuino Ganhado, reconhecendo egualmente a importancia dos dois assumptos de que trataram os oradores que o precederam, é de opinião que elles devem ser discutidos em sessão especial.

Assim se resolveu.

O sr. Liberato Telles pediu ao sr. presidente que consentisse em que, na sua ausencia, ficasse o sr. Carvalheira encarregado de o representar como auctor da proposta que fizera.

Tanto o sr. Presidente como o sr. Carvalheira se prestaram da melhor vontade a annuir ao desejo do sr. Liberato Telles.

Entrando-se na ordem do dia, o mesmo sr. Carvalheira leu a proposta que na sessão antecedente fôra pelo sr. Presidente convidado a redigir e apresentar

Esse documento, em que o seu illustrado auctor expõe com phrase eloquente e largo desenvolvimento as suas idéas sobre a questão da conservação dos monumentos nacionaes, conclue pedindo:

1.º Que a Associação, por todos os meios ao seu alcance, determine uma forte corrente de opinião em favor da patriotica idéa de salvaguardar os monumentos nacionaes dos vandalismos e das intemperies de toda a especie a que estão sujeitos;

2.º Que aliste na sua cruzada todas as corporações identicas e ás quaes mais directamente possa interessar o assumpto, para que prestem o seu auxilio, com o seu conselho e com o seu esforço, a fim de mais efficasmente se realisar este plano.

Esta proposta foi ouvida com toda a attenção e geraes demonstrações de applauso

Continuando, o sr. Carvalheira propoz que se registasse na acta d'esta sessão um voto de congratulação e louvores ao reverendo Bispo de Bragança pela recente publicação da sua notavel pastoral, e que o *Diario de Noticias* tambem publicou, relativa á conservação de monumentos historicos, dando-se d'esta resolução conhecimento ao illustre Prelado.

Foi approvado unanimemente.

Disse mais o sr. Carvalheira que era urgente

reclamar do governo algumas reparações no edificio historico onde está o nosso museu, por isso que as aguas da chuva cáem já n'alguns sitios das capellas, como se estava vendo, e tambem se torna indispensavel proceder a uma collocação mais methodica dos objectos expostos, o que não se póde effectuar sem que sejam, como disse na anterior sessão, concedidos pelo ministerio das obras publicas alguns operarios que façam as precisas remoções.

O sr. Jesuino Ganhado adduziu tambem algumas reflexões sobre a necessidade de organisar melhor o nosso Museu e fazer obras nos terraços.

Afinal ficou resolvido que a Mesa, incluindo o sr. Carvalheira, Vice secretario, procurasse o sr. Conde de S. Januario para pedir a S. Ex.ª que expozesse perante o Governo as reclamações e os pedidos que n'esta sessão foram apresentados com referencia ao Monumento do Carmo e ao Museu da nossa Associação.

Sobre a proposta relativa á propaganda em favor dos monumentos artisticos e historicos do paiz, foram expendidos diversos alvitres e citados alguns nomes de corporações da capital e das provincias, ás quaes devemos solicitar apoio e coadjuvação.

O sr. dr. Sousa Viterbo propoz que se formulasse o esboço de uma representação ou circular a essas corporações para ser discutido na sessão proxima.

O sr. Carvalheira propoz que o sr. dr. Sousa Viterbo, muito distincto pelos seus dotes litterarios e pelo seu profundo conhecimento do assumpto, fosse nomeado para elaborar esse projecto de representação.

O sr. dr. Sousa Viterbo motivou a escusa da acceitação d'este encargo.

Resolveu-se por ultimo que o sr. Carvalheira redigisse a projectada representação e que fosse esta a ordem do dia para domingo 7 de novembro.

Eram mais de quatro horas da tarde quando se encerrou a sessão.

Para constar lavrei a presente que subscrevo.

Eduardo Augusto da Rocha Dias

Sessão da Assembléa Geral em 7 de Novembro de 1897.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conde de S. Januario. — Secretario, Rocha Dias. — Abertura á hora e meia da tarde.

Compareceram, alem da Mesa, os Ex.mos Srs. Valentim Corrêa, Dr. Sousa Viterbo, Guilherme de Sousa, Ernesto da Silva, Rosendo Carvalheira, Cavalleiro e Sousa, Silva Leal, Alvaro Machado e Francisco Parente.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 31 de Outubro ultimo.

Um officio da camara municipal de Elvas agradecendo os n.os 1 a 8 do tomo VII, 3.ª série, do *Boletim* da nossa Associação, e pedindo os tomos I a VI do mesmo *Boletim*.

Como, estes seis tomos foram impressos por conta do nosso fallecido Presidente Possidonio da Silva, resolveu se não responder ao officio antes de saber a resolução da sua Ex.ma Familia a tal respeito.

O Sub-Secretario de Minas e Agricultura da Australia accusou a recepção de um exemplar do Elogio historico de Possidonio da Silva, offerecido ao Museu Archeologico e de Minas de Sydney, N. S. Wales.

A Universidade da California enviou tres exemplares do *Prospectus for the Phebe Hearst Archictural Plan of the University of California* em que annuncia a proxima abertura de um concurso internacional de architectos para a organisação de prejectos de um edificio monumental com accommodações para cinco mil alumnos, que deve ser construido em Berkeley (California) destinado á installação da mesma Universidade.

O programma d'este concurso, que, se realisa a expensas de M.me Phébé A. Hearst, viuva do fallecido senador federal George Hearst, foi elaborado por Mr. Guadet, professor na Escola de Bellas-Artes de França.

Mandou-se accusar a recepção dos 3 prospectos e participar que daremos publicidade no nosso Boletim ao programma do concurso, logo que elle seja recebido.

Foi approvado unanimemente para socio effectivo o Ex.mo Sr. Abel Accacio d'Almeida Botelho, distincto escriptor e major do corpo d'estado maior.

O sr. Carvalheira tornou a ler a seguinte proposta já approvada na sessão anterior e muito resumidamente indicada na respectiva acta:

«Compenetrado de que um povo desprovido d'amor e respeito pelas tradições historicas e artisticas do seu passado glorioso, não tem direito ao respeito e consideração dos mais povos onde essas tradições attingem a culminancia de um verdadeiro culto patriotico;

Ponderando que, se os vestigios ou padrões monumentaes de um passado glorioso e fulgido constituem o natural desvanecimento de um povo, tambem o forçam por isso mesmo a cuidar com desvelado amor na guarda e conservação d'esses padrões, defendendo-os tanto quanto possivel da acção destruidora do tempo e dos ataques mil

vezes mais destruidores, criminosos e barbaros dos homens;

Compenetrado ainda de que tudo quanto por iniciativa official ou particular se tem feito com a intenção benemerita de defender das multiplices acções destruidoras os nossos thesouros de tradição e arte, não tem obedecido a uma orientação methodica e conscienciosa baseada sobre os bons principios de restauração aconselhados pelo maior artista e pensador d'este seculo, Violet-le-Duc; e

Convencido de que o processo tumultuario com que entre nós essas pseudo-restaurações teem sido feitas são na maioria dos casos antes a perpetração de vandalismos maiores addicionados aos já existentes do que a correcção dos que a ignorancia e por vezes a malvadez estupida e barbara perpetrou; e

Sendo certo que em todo o mundo civilisado a conservação e guarda dos monumentos attingiu nos ultimos tempos a importancia e verdadeiro alcance de uma benemerita e calorosa cruzada patriotica a que se attribuem foros de dignidade e brio nacional;

Convencido ainda da inanidade dos esforços das corporações a que os governos teem confiado a tarefa da guarda e conservação das nossas reliquias monumentaes, inanidade comprovada pelo cruel abandono a que continuam votados os mais apreciaveis exemplares d'arte e tradições que possuimos; e

Desejando que d'uma vez para sempre se ponha cobro por todos os meios ao nosso alcance a este vergonhoso e deprimente desmazêlo, a esta criminosa incuria, que tão justificadas e energicas censuras nos teem rendido de grande numero de estrangeiros illustres que, ao visitarem os nossos monumentos e ao constatarem os barbarismos e desleixo de que teem sido victimas pela tacita cumplicidade criminosa de todos nós, nos classificam de barbaros do occidente; e

Conscio de que esta Associação, a pezar da completa desprotecção e do proposital e talvez acintoso indifferentismo a que tem sido votada pelas estações officiaes, lhe cumpre velar pela conservação dos padrões monumentaes que devem constituir todo o nosso orgulho de grande povo que fomos;

Tenho a honra de propor o seguinte:

1.º Que por todos os meios ao seu alcance esta Associação promova uma corrente efficaz de protecção a todos os monumentos nacionaes;

2.º Que para que essa corrente se torne energica e se generalise, se promova uma grande representação collectiva de todas as sociedades scientificas do paiz, d'aquellas que mais directamente se correlacionam com este importantissimo assumpto, de forma a que todos os esforços combinados se traduzam n'um fim praticamente util, que tenha por orientação remover d'uma vez para sempre todos os obstaculos até ao completo triumpho d'esta cruzada santa de respeito pelos nossos gloriosos padrões. (a) *Rosendo Carvalheira.*

Depois da leitura d'esta proposta, o mesmo sr. Carvalheira passou a ler o projecto de circular da Associação a todas as corporações e entidades que possam interessar-se na conservação dos monumentos nacionaes.

O sr. Presidente, mostrando-se perfeitamente de accordo com a idéa de se conservarem os monumentos artisticos e archeologicos, entende que esta Associação deve collaborar para esse fim com a commissão dos monumentos nacionaes e não proceder de forma que possa dar motivo a que alguem pense que se pretende melindrar essa commissão.

O sr. Rosendo Carvalheira julga que a commissão dos monumentos nacionaes daria melhores resultados, se a sua organisação fosse diversa do que é actualmente; e prefere que a iniciativa da nossa Associação se exerça independente da mesma commissão, onde, alias, se encontram intelligencias muito distinctas.

O sr. Presidente dá o seu voto ao projecto do sr. Carvalheira e observa que esta Associação o que tem a fazer é prestar ao governo a maior somma de elementos, para que elle possa providenciar convenientemente sobre vigilancia e guarda dos monumentos, sua conservação e restauração; mas, embora se diga na circular que o nosso esforço é isolado da Commissão dos monumentos, não deve o nome d'esta Commissão deixar de ser alli mencionado com toda a deferencia que nos merece.

O sr. dr. Sousa Viterbo ponderou que na sessão passada, entre outras indicações que fizera, quando se tratou dos termos em que poderia ser redigida a circular, fôra já de opinião que se procurasse por todos os meios não susceptibilisar qualquer outra collectividade. Apreciando com elogio o estylo brilhante do sr. Carvalheira quer fallando, quer escrevendo, pede licença para não concordar com algumas idéas expendidas na circular e cita varias phrases que deseja ver modificadas. Entende que, depois de colligidos os pareceres das differentes aggremiações a que nos dirigirmos, deve a nossa Associação fundil-os todos no cadinho da sua critica e apresentar ao governo a conclusão a que se tiver chegado.

Sobre restauração de edificios monumentaes apresenta eruditas e eloquentes reflexões, emittindo a opinião de que só em casos excepcionalissimos deve ser feita; julga de alta conveniencia em materia de arte e historia conserval-os o melhor possivel, sem os alterar em coasa alguma. A muitas restaurações de monumentos, mesmo áquellas que foram executadas por artistas da pujança de Violet-

le-Duc faltam o verdadeiro caracter e o sentimento da epocha, a nitida comprehensão do plano de quem delineou esses monumentos.

O sr. Carvalheira deu explicação do motivo por que empregára na circular as expressões mencionadas pelo sr. dr. Sousa Viterbo, declarando por fim que não tinha duvida nenhuma em se conformar com as indicações feitas durante a discussão, visto que em nada alteravam a idéa fundamental do seu trabalho. Fez considerações sobre a conservação dos monumentos e mostrou-se apologista da sua restauração quando seja realisada segundo todos os preceitos technicos e com perfeito conhecimento das epochas a que esses monumentos pertençam.

O sr. Guilherme de Sousa congratulou-se com a fórma brilhantissima por que foi emprehendida a campanha suscitada pelo sr. Carvalheira em favor dos monumentos do paiz; propoz que a Associação dirigisse tambem uma circular a todos ou quasi todos os jornaes portuguezes solicitando a sua coadjuvação para tornarem bem publicas as resoluções que se tomarem sobre a questão sujeita, e para recolherem quaesquer alvitres que pelos seus leitores sejam apontados; por ultimo, leu a minuta da referida circular.

A Assembléa approvou unanimemente a proposta do sr. Guilherme de Sousa e nomeou este cavalheiro e os srs. Dr. Sousa Viterbo e Rosendo Carvalheira para comporem a commissão encarregada de redigir definitivamente as duas circulares assim como de fazer a relação das corporações, entidades e orgãos da imprensa periodica a quem devem ser remettidas.

Mais se resolveu que essas circulares fossem impressas com as assignaturas da mesa da Associação (presidente, vice-presidentes, secretarios e vice-secretarios) e lidas na primeira reunião da assembléa geral antes de principiarem a ser remettidas ao seu destino.

O sr. Carvalheira, desempenhando-se da missão que lhe fôra incumbida pelo sr. Presidente, quando com o sr. Valentim Corrêa procurára S. Ex.ª, em cumprimento da deliberação da assembléa geral, leu um projecto de representação ao governo pedindo-lhe alguns reparos e melhoramentos no edificio e no museu da nossa Associação.

Foi approvado unanimemente.

O sr. Presidente disse que, attendendo á diminuta despesa em que as obras pedidas devem importar, lhe parecia que esta representação obteria o desejado deferimento; logo que estivesse copiada, assignal-a-hia e seria portador d'ella junto do respectivo ministro.

Em continuação, notou o sr. Presidente a grande falta que se dá nos objectos d'este Museu; não teem, como era preciso que tivessem para elucidação dos visitantes, um cartão ou folha de zinco em que se designe por extracto o que representa cada um d'elles.

Lembrou a conveniencia de se fazer este trabalho antes da celebração do proximo centenario e que poderia ser incumbido a uma commissão ou a algum dos socios que podessem mais facilmente desempenhal-o.

O sr. Valentim Corrêa offereceu-se para fallar a este respeito com o sr. dr. Leite de Vasconcellos, que é actualmente um dos conservadores do museu, esperando que S. Ex.ª não duvidará prestar esse bom serviço á nossa Associação.

O sr dr. Sousa Viterbo propoz que se exarasse na acta d'esta sessão que a assembléa tinha ficado muito agradavelmente impressionada pela maneira como o sr. Rosendo Carvalheira redigira os documentos de que fizera leitura e cuja elaboração lhe fôra confiada.

Esta proposta foi calorosamente approvada.

O sr. Presidente encerrou a sessão, designando a seguinte para domingo 28 do corrente.

E eu Eduardo Augusto da Rocha Dias, segundo secretario servindo de primeiro, lavrei a presente acta.

Eduardo A. da Rocha Dias.

D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR

BISPO DO ALGARVE

No numero 10 do *Boletim* faz-se menção de alguns actos da vida d'este virtuoso e illustradissimo prelado, lustre da egreja luzitana, astro fulgentissimo que irradia immensa luz, a qual de varias formas, se projecta, fazendo desapparecer as trevas do erro e da ignorancia.

Elle e os seus dignos irmãos no episcopado e contemporaneos, D. Fr. Manuel do Cenaculo e D. Fr. Caetano Brandão, formam uma trindade abençoada e viva, fazendo milagres no ensinamento, com a palavra e com o exemplo, das verdades do evangelho, e, como espiritos bem formados conhecendo quanto cuidado lhes deviam merecer as necessidades temporaes, as proviam de remedios efficacissimos.

Com prelados assim, se elles abundassem, como era mister, se fortaleceria a egreja; pois as suas virtudes iriam levar ao coração frio e indifferente o amor da familia, da patria e da humanidade, fonte de todos os heroismos.

Os limites do *Boletim* não comportam uma larga noticia das immensas e variadas obras meritorias d'este venerando prelado.

Apenas apontarei dois factos que revelam perfeitamente a sua virtude e que põem a toda a luz a tempera d'aquelle apostolo do bem, que reagia contra tudo que não fosse conducente á pratica das virtudes civicas e moraes.

Não o abalava do seu proposito a grandeza das pessoas, que lhe impunham o contrario do que elle achasse justo.

Participaram-lhe, antes de entrar na posse do bispado, que a rainha D Maria I, que o havia nomeado bispo, pretendia impetrar do romano pontifice um breve para impôr ao seu bispado uma pensão de dois contos de réis, a favor do tribunal da inquisição; elle resolveu logo não consentir em tal e partiu immediatamente para Salvaterra, onde estava a rainha e ahi não attendeu ás instancias d'ella.

Dizia o digno bispo que por maior que fosse o rendimento do seu bispado nunca sobejaria para soccorrer os pobres e reparar as egrejas e que eram estas as devidas applicações das rendas dos bispados.

A' sua nobre e digna opinião se deveu não ir por diante a imposição da soberana, dizendo que mais facil seria não acceitar o baculo pastoral do que consentir em tal.

Este prelado em 1808, depois de libertado o Algarve dos francezes, foi presidente da junta installada em Faro, governando com um poder quasi supremo.

Depois foi nomeado commandante das armas do Algarve o inglez João Austin.

A 15 de dezembro de 1816 falleceu D. Francisco do Avellar, sendo a sua morte lamentada por todos que n'elle perdiam um bemfeitor.

O coronel inglez Austin, que estava em Tavira, quando teve noticia da sua morte, partiu logo para Faro a despedir-se, dizia, do seu amigo e general; porém á sua chegada, já o cadaver tinha sido sepultado.

Levantou-se a campa do carneiro, onde desceu o inglez e ahi contemplou, mudamente, o cadaver, saindo debulhado em lagrimas.

«Tanta força faz, até em animos estranhos a saudade que deixa apoz sua gloriosa carreira o varão eminente e justo».

José Pinto da Silva Ventura

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Livros de numismatica

(Continuação do n.º 11)

516. — 1.º Dissert. trilinguis. de Aurelio Sulpitio ant. num. 1757.
2.º *Vànder Chijs*. Het Mant-en Genn kabinet. Leide, 1867. (Portugal a pag. 55.)
3.º *Jacob*. Notice sur la rareté des medailles antiques. Paris, 1828.
4.º Melanges de numismatique et d'histoire. VII suite.

517. — 1.º *Hommelius* (C. F.) Jurisprudentia num. imag. illustrata. Lipsiae, 1763 (sigillis, gemmis aliisque picturis vetustis.
2.º Idem. Auctarium jurisp. numism. Lipsiae, 1765.

518. *Harduinus*. Opera varia. Num. saec. Theodosiani. Saec. Justiniani Ant. num. regum francorum.

519. a 521. *Augustinus* (Ant.) Famil. rom. Romae. 3 exemplares.

522. *Poinsinet de Sivry*. Nouvelles recherches sur la science des medailles. Maestricht, 1778.

523. *Riche*. Mon. med. et bijoux. Paris, 1889.

524. — 1.º Coll. num. da India portugueza de José Maria do Carmo Nazareth. Nova Goa, 1890.
2.º *Lavoix*. Monnaies á legendes arabes frappées en Syrie par les croisés. Paris, 1877.
3.º *Santarem* (2.º visconde de). Analyse hist. num. med. imp. Honorio. Falmouth.
4.º *Pereira Leite Netto*. Catalogo das moedas arabes do museu municipal portuense. Lisboa, 1882.
5.º *Stenersen*. Mynt fundet fra Graeslid, etc. Christiania, 1881.
6.º *Gnecchi*. Prontuario dei prezzi per le monete della repub. roman. Milano, 1891.
7.º Estatistica das moedas de ouro, prata, cobre e bronze cunhadas na casa da moeda de Lisboa, 1873.

525. — 1.º Coll. Portugaise. 1894. Venda em Amsterdam. Not. os cruzados de D. Henrique e D. Antonio.

2.º Catal. de coll. de moedas, etc do Bazar Catholico do Leiria, 1891.

3.º Catal. de moedas visigodas de L. J. Ferreira. Porto, 1890. Not. pref. de E. A. Allen Est. Bracara. Egitania.

4.º Catal. de monn. d'outre-mer, Amsterdam, 1896. Moed. port. para Africa, etc.

5.º *Netto*. Catal. moedas arabes.

6.º Catal dos punções, matrizes e cunhos de moeda da casa da moeda org. pelo gravador Casimiro José de Lima. Lisboa, 1873. Estampas.

526. — 1.º *Lemaire*. Procédés de fabrication des monnaies . . . depuis la renaissance. Bruxelles. 1892.

2.º *Pfeiffer*. Antike Munzbildes. Winterthur, 1895.

3.º *Hooftvan Iddekinge*. La plus ancienne monnaie des seigneurs de Coevorde.

4.º Idem. Monnaie d'un seigneur de Cume.

5.º *Longperier*. De l'anousvara dans la num. gauloise.

6.º *Iddekinge*. Groninger en Ommelander praesentie penningen. Groninger, 1870.

7.º *Xavier* (F. N.) Descripção do coqueiro... e moedas de Goa. Nova Goa, 1866. Off. pello a. Not.

528. — 1.º *Gerson da Cunha*. Contributions to the study of indo-portuguese numismatics. Bombay, 1880 a 1884. 4 fasc. Journal of the Bombay branch of the R. A. Soc.

2.º *Leite de Vasconcellos*. Numismatica nacional. Lição inaugural do curso de numismatica da Bibl. Nacional de Lisboa, no anno lectivo de 1888 — 89. Lisboa, 1888.

3.º Idem. Elencho das lições de numismatica. Lisboa, 1889 — 1894.

529. — 1.º *Marques Pereira*, Moeda de Siam. Lisboa, 1879

2.º *Lima*. (C. J de). Duas palavras sobre a actual amoedação do bronze. Lisboa, 1883.

3.º Real casa da moeda de Lisboa, doc. Londres, 1838. Machinas, balancés, etc.

4.º *Azeredo Coutinho*. Apreciação do medalheiro da casa da moeda do Rio. Rio de Janeiro, 1862.

5.º *Zobel de Zangroniz* (Jacob). Spanischen Munzen mit bisher unerklarten Aufschriften. Leipzig, 1863 Est. not.

6.º *Barthélemy* (Anatole de) La Numismatique de 1859 á 1861. Paris, 1862.

7.º *Curtius* Uber den religiosen Charakter der griechischen Munzen. 1869.

8.º Numismatic chronicle and Journal of the numismatic society (London, 1864, março) Moedas das Ptolomens, chinezas, anglo-saxonicas, etc.

530. *Prou* (M.) Monnaies carolingiennes. Paris, 1896.

531. *Carew Hazllit*. Coin collector. London, 1896.

532. *Heiss* (Aloiss) Description générale des monnaies antiques de l'Espagne. Paris 1870. Grav.

533. *Stevenson*. Dictionary of roman coins. London, 1889. Começado por Stevenson, continuado por Smith e acabado por Madden.

534 e 535. *Boutkowski — Glinka* Petit Mionnet de poche. Berlin, 1889.

536. *Babelon*. Des origines de la monnaie. Paris, 1897.

537 *Evans*. Coins of the ancient Britons. London, 1864.

538. *Vaillant*. Numismata imperatorum, etc. Amstelaedami, 1700.

539. *Imhoof — Blumer und Otto Keller*. Tier und Pflenzenbilder auf Munzen und Gemmen. Leipzig, 1889. (Com excel. phototyp.)

540 e 541. *Santos Leitão* (A. J.) Coll. num. Med. e condec. portug. e estrang. refer. a Portugal. Porto, 1897. 2 ex.

542. *Blanchet*. Monnaies romaines. Paris, 1896.

543. *Rada y Delgado*. Bibliografia num. espanola. Madrid. 1896.

(Tambem bibliog. num. portuguesa).

Mencionarei ainda a *Revue Numismatique* em 3 séries a datar de 1836, e em continuação.

G. P.

CORRESPONDENCIA

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — Confundido com a honrosissima participação que V. Ex.ª se dignou dar-me em seu venerando officio de 4 do mez corrente, ácerca da deliberação da assembléa geral da Real

Associação dos Architetos e Archeologos Portuguezes da digna presidencia de V. Ex.ª, a qual approvou e louvou a minha circular de 15 de outubro ultimo sobre *archeologia*, — tenho a honra de vir patentear a V. Ex.ª o meu profundo reconhecimento pela alta consideração e distincto acolhimento que foi dado ao meu humilde escripto.

Não tem elle outro merito senão tentar pôr um dique ao desamor com que tem sido tratadas as reliquias d'alguns monumentos historicos e artisticos d'esta Diocese, insinuando aos seus habitantes o seu valor e importancia, para que os não deixem destruir, prestando assim coadjuvação á Camara Municipal de Bragança. Quiz cumprir um dever.

Aos favores e attenções de V. Ex.ª e da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes correspendo com a minha eterna gratidão.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Bragança, 9 de novembro de 1897. — Ill.ᵐᵉ e Ex.ᵐᵒ Sr. Conde de S. Januario, Presidente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

(a) *José, Bispo de Bragança*

SOCIÉTÉ FRANÇAISE D'ARCHEOLOGIE

Pour la conservation des Monuments historiques. — Reconnue comme Établissement d'utilité publique. — Compiègne, le 27 Août 1897.

Monsieur le Président. — Je m'empresse de vous adresser tous mes remerciments personnels ainsi que ceux du bureau de la société française d'archéologie pour l'envoi que vous avez bien voulu me faire de l'éloge du Ch.ᵉʳ da Silva, prononcé par Mr. Julio de Castilho.

Le Ch.ᵉʳ da Silva appartenait depuis de longues années à notre compagnie, qui lui avait décerné, il y a plus de quinze ans une de ses grandes médailles pour les services qu'il avait rendus à la conservation des monuments historiques en Portugal; il avait pris part à plusieurs de nos congrès et comptait de nombreux amis parmi nous.

Je n'oublierai pas sa dernière visite à Paris au moment du centenaire de l'Institut en 1895 et les adieux touchants qu'il nous fit en nous disant qu'il était trop âgé pour songer à revenir une fois encore en France.

Mr. da Silva avait été particulièrement bien veillant pour moi en plusieurs circonstances et je tien à consacrer à son souvenir une partie du discours d'ouverture du congrès de Morlaix,

Permettez-moi d'espérer, Monsieur le President, que la mort du fondateur de l'Association Royale des Architectes Civils et Archeologues de Portugal ne rompra pas les liens qui unissent votre compagnie à la société française d'archeologie, liens que je serais toujours heureux d'entretenir, soit par correspondance, soit si vous ou quelques uns de vos confrères venez en France.

Veuillez agrèer, Monsieur le President, l'hommage de mes sentiments de haute considèration

Comte de Marsy

Directeur de la Société Française d'Archeologie, et Membre honoraire de l'Association Royale des Architectes Civils et Archeologues Portugais.

Compiègne, le 16 novembre 1897.

Monsieur le Comte de San Januario. — C'est avec gran plaisir que j'ai reçu la lettre que vous m'avez fait l'honneur de m'écrire le 5 de ce mois.

La Société française d'Archeologie sera toujours heureuse de continuer les relations qui l'unissent à l'Association Royale des Architectes Civils et Archéologues Portugais que vous présidez et, afin de rendre ces liens plus étroits, je proposerai au Comité permanent, dans sa prochaine séance mensuelle d'inscrire votre nom sur la liste de ses membres étrangers à la place de celui de votre regretté prédécesseur le Ch.ᵉʳ da Silva.

Je vois que l'on commence à s'occuper du centenaire de Vasco de Gama et je trouve ce matin dans les journaux de Paris les noms des membres qui composent le comité français qui doit s'associer à cette imposante manifestation destinée à rappeler un des faits les plus glorieux des annales du Portugal qui a eu une si grande influence sur le developpement de la civilisation dans l'extrême Orient.

Plusieurs de mes amis figurent au nombre des commissaires et je me ferai un devoir de leur offrir mon concours et celui des membres de la société française d'Archéologie ainsique nous l'avons fait, lors de l'anniversaire de la découverte de l'Amérique et du Congrès d'Huelva en 1892.

Peut être pourrai-je profiter de cette circonstance pour aller à Lisbonne où je ne suis pas allé depuis 1883, et, comme, à cette époque, jai vu très rapi-

dement les monuments historiques si importants de votre beau pays, je serais heureux s'il m'était donné de leur consacrer cette fois le temps necessaire pour les mieux étudier.

Veuillez agréer Monsieur le Président et honoré Confrère, l'hommage de mes sentiments les plus dévoués

Comte de Marsy

Directeur de la Société francaise d'Archéologie, Membre honoraire de l'Association Royale des Architectes Civils et Archeologues Portugais.

ARCHEOLOGIA

MEMORIA OFFERECIDA Á REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Pelo socio

Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa

I

Dissemos já algures, com perfeita convicção, que, os romanos, com terem sido um povo de muitos vicios, o foi tambem de grandes virtudes; nem podia negar-se-lhe uma civilisação bastante avançada e até superior á de todos os povos contemporaneos, ainda os mais civilisados, taes os gregos, egypcios, persas, etc., etc., como facilmente se reconhece pela analise comparada da mais rigorosa ethnographia, e é afirmado pelos numerosos documentos que nos legaram, e são causa da justa admiração dos tempos modernos.

Podemos agora a proposito, acrescentar, que as obras hydraulicas que aquelles deixaram por toda a parte onde dominaram como conquistadores, são outros tantos monumentos d'essa civilisação, sem rival na antiguidade.

Longo seria enumerar as muitas construcções que fizeram, e de que ainda restam notaveis vestigios; o aqueducto de Sertorio, em Evora, por exemplo, é realmente admiravel, embora possamos apontar a contemporanea maravilha da Europa, de analoga utilidade, a estupenda fabrica conhecida por Arcos das Aguas Livres, devido a D. João V.

Nós tivemos sempre pelos romanos uma veneração muito aproximada da idolatria. Foram os opressores do mundo então conhecido, não ha duvida, mas em compensação deve-lhe esse mundo larga civilisação. Não foi culpa d'elles, se impozeram costumes reprovados pelas ideias de hoje; a culpa foi da epocha em que dominaram.

II

Não era tambem sem fundamento que, em uma memoria archeologica, tambem offerecida a esta Associação, dissemos ser, perto de Alemquer, averiguada a existencia de um posto (*crasto*) romano, — posto, que memoria alguma citava, pelo menos de nós conhecida, não obstante essa existencia não ser ignorada na localidade, e posto que então empregassemos tal termo, não tivemos em mente designar precisamente o objecto que tal termo indica; isto é: fortaleza, mas o local de uma colonia militar, como eram as romanas

Perto de Alemquer, dissemos; e, com effeito, a uns dois kilometros, ao poente, existe hoje uma pequena povoação de trabalhadores denominada «Paredes» onde umas venerandas reliquias, de construcção romana, ainda se veem, attestando os restos de uma obra de seculos.

Será de taes ruinas (paredes bastante derrocadas), que veio o nome á povoação a que alludimos? E' possivel. Em todo o caso as probabilidades, fundadas na tradição, a isso conduzem.

III

Mas que papel representaram outr'ora aquellas paredes? Qual foi a epocha em que o desempenhou?

Estas perguntas, que a nós mesmo fizemos por mais de uma vez, examinando-as, tiveram a final resposta. «*Labor improbus omnia vincit.*»

Depois do marco de Trajano existente proximo á quinta do Bravo, onde fora casualmente encontrado; depois dos delicados fragmentos de mosaico romano encontrados em um pavimento terreo de uma adega da mesma quinta; depois das sepulturas e moedas romanas que por ali se teem tambem perguntado, poder-se-ha duvidar da existencia da colonia a que alludimos?

E as *paredes*, pela sua fórma e disposição, não indicará uma represa d'agoa destinada a abastecer a mesma colonia?

Os primeiros objectos, com excepção do mosaico, são tratados por Cardoso e Guilherme Henriques.

Do ultimo eis o resultado do exame a que procedemos, em companhia de um archeologo, Luiz Vermell, que teve a amabilidade de nos procurar, atraido por algumas correspondencias nossas nos jornaes, ácerca das antiguidades de Alemquer.

Concebam-se duas colinas, distanciadas uns 34^{m} na parte inferior do terreno, e quasi unindo-se na parte superior, como formando um triangulo, tendo por base uma grossa parede, que une aquellas colinas na referida parte inferior, de modo a formar

um receptaculo, cujo fundo se vai elevando com a disposiçao do terreno que lhes fica inferiormente, isto é, entre aquellas duas colinas, que assim podiam formar um deposito para 2.000^{m3} de agoa, proveniente das aguas pluviaes vindas dos terrenos elevados contiguos, e para ali encaminhadas naturalmente pelo declive dos terrenos; conceba-se isto, e teremos a primeira ideia do objecto em questão.

Depois a parede mencionada de 2^{m} de grossura, aguentada por tres gigantes ou encontros, para melhor resistir á pressão das aguas depositadas, e ainda dois d'estes encontros, de uns 2 metros de largo, ligados entre si por outra parede parallela com aquella primeira, de 0^{m},9 de grossura, e como que formando assim um outro deposito quadrangular de 5^{m} de altura; finalmente, dois estreitos viaductos que, vindos do interior do grande deposito, atravessavam os dois gigantes até meio da sua largura e para o interior do pequeno deposito, e quasi na altura de 4^{m},5, e ainda a parte inferior da parede livre, do primeiro deposito, com uma abertura e indicios de uma porta ou corrediça, que permittia a saida das aguas sujas ali contidas, ou evitar essa saida quando conviesse; e teremos a segunda ideia d'aquelle objecto.

Por tanto um duplo receptaculo para agoa, que d'ali se ministraria para irrigação e outros usos, vindo ter a um tanque de tijolos, de que encontrámos vestigios, assim como de um canal que devia ligal-o ao deposito descripto,

Vejamos agora como as aguas pluviaes eram retidas, e aproveitadas.

Dissemos que vinham dos terrenos superiores, e por tanto, trazendo detritos d'esses terrenos; entravam no primeiro deposito, e ali se conservavam até attingirem a altura dos viaductos, depois saiam para o segundo deposito, previamente precipitadas no fundo, todas as materias estranhas.

Era assim do segundo deposito, que já clarificadas, se aproveitavam, dando saida a estas pelo canal citado, e do primeiro, inutilisadas pelos detritos, pela corrediça, e iam perder-se n'um rigueiro proximo.

IV

Deposito, portanto de aguas pluviaes, vê-se ter sido obra de singella mas solida construcção, em harmonia com os conhecimentos hydraulicos da epoca, em todo o caso engenhosa, porque, disposta para receber aguas sujas no primeiro receptaculo, d'aqui, pelo peso especifico d'ellas, n'aquelle estado, as superiores, já depuradas, eram dirigidas para o segundo receptaculo.

Quanto á solidez, desnecessario é dizer que é obra romana, sem ser preciso profundar muito os restos venerandos d'ella.

Nao é facil assignar uma epoca a essa obra; mas uma conjectura artificiosa, mas rasoavel, poderá talvez ligal-a á do marco de que fallámos, isto é, do anno em que Adriano foi a terceira vez consul, e *reconstruiu* — alguma coisa que não explica, — segundo se lê n'aquelle marco.

Ora o terceiro consulado de Adriano começou no anno 872 (era de Cesar), mas isto não nos habilita a marcar um anno exacto?

Seria durante as suas viagens pelas provincias do seu vasto imperio, e que tiveram logar desde 873 a 874?

Seja como for, a obra ali se patenteia em suas preciosas reliquias, que podem bem servir de lição do passado; uma pedra de toque por onde se afira a existencia dos vencedores do então mundo conhecido, não menos digna de ser estudada que a sua existencia politica e moral.

V

Eis a legenda do marco de Adriano (*a*)

IMP. CÆS.
DIVI. TRAJANI. PATHIC. F. DI
VI. NERVÆ. NEPOS TRAJA. IYVS.
HADRIANVS. AVG. POT. MAX.
TRIB. POL. XVIIII. COS. III P. P.
REFECIT

Publio Aelio Adriano, XIV imperador dos romanos, filho adoptivo de Trajano, successor de Nerva, é pois o heroe a que allude; e foi por ventura durante as suas viagens que se daria a *reconstrucção*, alludida na legenda? Nomeado consul a terceira vez em 872 (119 depois de J. C.) deu principio ás suas viagens em 873 (120), achando-se já em Roma em 874 (121).

Mas que *reconstrucção* foi essa? Não é facil dizel-o. Referir-se-ha ao deposito descripto, ou a um banho thermal, que podia ter havido na adega, onde além do mosaico, encontrámos vestigios de pavimento, e outros indicios de edificio apropriavel áquelle ou outro destino?

Seja como for, a obra que tinha por fim represar as agoas, para serem convenientemente aproveitadas, lá está em ruinas, e estas afrontando os seculos, devido á solida construcção com que foi feita, e era costume entre os romanos; ruinas em

(*a*) Encontrado na quinta do Bravo, proximo á povoação de Paredes, foi pelo proprietario da mesma quinta, mandado collocar á beira da estrada.

fim, que foram a admiração do investigador, por serem uma lição do passado dos dominadores do então Mundo conhecido.

E terminando, diremos ainda que o nome Bravo póde bem ter a sua origem em algum apellido de familia romana, e de que ainda hoje se encontram muitos na Italia.

A ser assim podemos rasoavelmente admittir que aquella antiga quinta e respectiva casa apalaçada, fosse primitivamente possuida por algum senhor romano, e mais uma rasão para admitir n'essa casa uma therma, usual nas habitações ricas!

Alemquer, março de 1876.

MOSTEIRO DE SÃO SALVADOR DE GRIJÓ

(Por José Pinto da Silva Ventura)

(Continuação do n.º 10)

Mas como é natural aos homens amarem e terem affeição ao logar onde se crearam, alguns conegos dos antigos do mosteiro de Grijó, reclamaram esta mudança e deixaram-se ficar no mesmo mosteiro, e tanto clamaram e souberam negociar que alcançaram do mesmo pontifice Pio V uma bulla de separação dos mosteiro antigo e novo de Villa Nova do Porto, passada no anno de 1566, em que mandou fossem dois mosteiros distinctos e se dividissem as rendas. Foi esta victoria mui festejada dos conegos antigos de Grijó, que se davam uns aos outros muitos parabens e vivas, dizendo: *Laetare Grijó, laetare Grijó*, e elegeram por seu primeiro prior ao padre D. Pedro do Salvador, filho do mesmo mosteiro, que depois foi quatro vezes Prior Geral da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, e lançou a primeira pedra na egreja nova do mosteiro de Grijó, no anno de 1574 em 28 de junho, vesperas dos santos apostolos S. Pedro e S. Paulo.

Os parentes de fundadores de mosteiros e dos que lhes faziam doações costumavam ter n'elles rações ou comedorias; n'este de Grijó havia muitos, acontecendo não chegar o rendimento para todas as despezas, vendo-se por isso obrigado em 1365, o prior mór, D. Affonso Esteves, a pedir a el-rei D. Pedro I, que mandasse uma pessoa do seu serviço faser tombo de todas as rendas, foros, colheitas, censos e pensões que este mosteiro tinha e das suas despezas e que só fosse dado aos comedores o que remanescesse, repartindo-se proporcionalmente.

Houve grande difficuldade em aquietar os comedores com o que lhes ficou a dar o mosteiro, sendo preciso que el-rei D. Fernando, em 1367, mandasse a todas as justiças que defendessem o mosteiro d'estes senhores e lhes fizessem restituir o que lhe tivessem tomado.

Foi Juriom ou Juro Geraldes, corregedor da comarca da Beira, que por ordem del-rei D. Pedro I fez o tombo, d'onde consta haver os seguintes comedores: «O conde D João Affonso natural e tres filhos seus, D. Maria Telles, casada com Alvaro Dias de Sousa que tinha comedoria inteira e dois filhos seus do mesmo marido, João Affonso, o moço comedoria inteira, D. Leonor sua irmã, D. Alvaro Pires de Castro por força e carta del-rei, D. Martinho filho que foi de D. João Affonso de Albuquerque, Vasco Martins de Sousa, por graça del-rei, seu filho Martim Affonso e sua filha Beatriz Marques, D. Margarida de Souza e D. Brites sua filha casada com Henrique Manoel, tres filhos que ficaram de Martim Lourenço Convinha, Lopo Dias de Sousa, D. Branca sua irmã D. Maria de Souza, casada com Ruy Vasques e dois filhos seus, Rodrigo Affonso de Souza e D. Violanta sua mulher, por carta del-rei, uma filha de Fernão Lopes, casada com Fernando Affonso de Mello, D. Aldonça, mulher de Martin Affonso Tello, irmão que foi do dito conde os quaes todos são vinte e oito e destes dezoito tinham comedorias inteiras e os dez o terço de uma.»

Estes eram ricos homens e os que seguem são infancções: Gonçalo Mendes de Vasconcellos e sua mulher, João Mendes seu irmão, Mor Mendes mulher que foi de João Coelho, o moço por parte dos Vasconcellos, um seu filho e uma filha Maria Mendes d'Eça, irmã de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, Diogo Rodrigues de Vasconcellos, João Fernandes Lagominho por parte da mulher que era dos Vasconcellos, dois filhos seus, João Rodrigues filho que foi de Ruy Gomes pela parte do pae Diogo Gomes seu irmão, Maria Rodrigues sua irmã, Leonor Gomes de Vasconcellos, mulher que foi de Bartholomeu Almirante uma filha Genebra, João Lourenço Estela por parte da mulher que foi filha de Gonçalo Gomes, um filho seu e duas filhas, uma filha que foi de João da Cunha chamada Leonor Annes, casada com Fernão de Affonso Castro pela parte dos Vasconcellos, Fernão Mafaldo pela parte da mae, Constancia Esteves de Vasconcellos, Gonçalo Annes d'Abreu da Beira por parte da mulher que era irmã de Estevão Mafaldo e tres filhos e filhas suas Diogo Gomes d'Abreu pela parte da mãe, um seu filho, Vasco Gomes seu irmão Diogo Gonçalves de Castro pela parte da mulher que era filha de João Coelho, um seu filho, João Rodrigues de Portocarrero, pela parte dos Vasconcellos, dous filhos seus, cinco filhos de Gil Martins de Athaide, naturaes por parte da mãi que era morta, os quaes tinham comedorias inteiras, Gil Vasques de Rezende pela parte da mãi que era dos Ribeiros, quatro filhos seus, Vasco da Cunha por parte da mai, Mecia Rodriguez que era dos Vasconcellos e dois

filhos; Vasco Leitão pela parte da mulher que foi filha de João Affonso Pimentel e um filho seu, dois filhos e duas filhas que foram do mesmo João Affonso Pimentel com comedorias inteiras, Gonçalo Paes de Meira pela parte dos Vasconcellos, tres filhos e duas filhas suas, Diogo Gonçalves de Sequeira, dous filhos e duas filhas suas, quatro filhas suas mais e dous filhos que não eram legitimos, Diogo Gonçalves, Vasco Gonçalves Barroso pela parte da mulher, Martin Fernandes da Teixeira e um filho seu, João Coelho o Velho, Maria Coelho sua filha que foi casada com João Pires de Souto-Maior e um filho e mais uma filha, Gonçalo Pires Alcoforado, Maria Ribeiro sua irmã, Fernão Coelho e cinco filhos, Soeiro Coelho, Thereza Rodrigues, filha de Ruy Vasques que casou com Gonçalo Mendes, Affonso Rodrigues de Goes e um filho, Sancha Martins sua irmã, Alvaro Pereira, Gonçalo Pereira, Ruy Pereira, Constança Rodrigues sua irmã, Alvaro Fernandes de Carvalho e quatro filhos e filhas, Martim Affonso Botelho e dous filhos João Lourenço Serneal e tres filhos e filhas e mais uma filha. São estes infanções cento e seis dos quaes cincoenta e um haviam de ter comedorias inteiras e os outros o terço.

Os cavalleiros e escudeiros que pelos mesmos annos tinham mais comedorias eram Lourenço Martin do Avelal filho que foi do mestre d'Aviz D. Martin do Avelal, sua irmã Lucrecia do Avelal, mulher de Nuno Martins de Goes, uma filha e um filho seu a saber Thereza Lourenço do Avelal e Gil Martins do Avelal, Gonçalo Annes do Valle, escudeiro, um filho seu chamado Gonçalo Gomes da Motta, escudeiro, Gonçalo Gil Alvello, Alvaro Gil, filho de Gil Viegas do Rego, cavalleiro, um filho e uma filha sua, Affonso Martins Moreira pela parte da mulher de Pedro Alvello, Rodrigo Annes de Fornos pela parte da mulher e uma filha, Fernão Machado, Leonor Paes, sua mulher Vasco Rodrigues, Meica Rodrigues, Fernão Gonçalves Machado pela parte de Meica Fernandes sua mulher, Gonçalo Fernandes, Lopo Dias do Rego pela parte de sua mulher, uma sua filha, João Fernão e duas filhas suas Fernão Martins, seu irmão, Biringela Domingues, sua mãe, Martin Annes Delcayo o moço, Soeiro Annes, Gonçalo Pires Siqueira e dous filhos seus bastardos, Gonçalo Peixoto, cavalleiro e um seu filho, Gil Esteves Dailias e uma sua filha, Rodrigo Annes de Sá, cavalleiro, sua mulher e duas filhas, João Rodrigues, seu filho da outra mulher, Fernão Pais da Maia, cavalleiro e uma sua filha, Gomes Pais seu irmão. Alvaro Pais seu irmão, Gonçalo Annes de Pinho e Lourenço Annes, seu irmão, Martin Lourenço seu filho, João Pires Avenzaes por parte de sua mulher e uma filha, Fernão de Leira, escudeiro e um filho, Gonçalo Garcia de Figueiredo, cavalleiro, Ayres Gonçalves seu filho, Fernão Affonso de Guimeiro, Gonçalo da Costa, cavalleiro, Sancha Martins de Avelal, Lourenço Martins do Avelal o moço, Ruy Gonçalves de Chacim, dous filhos e uma neta, Nuno Gonçalves, Vasco Gonçalves, Diogo Gonçalves e Gil Gonçalves, filhos de Gonçalo Pires de Vilhalcalvas, Vasco Esteves, Pedro Esteves e Leonor Esteves, filhos de Estevão Martins dos Mendões, Vasco Gil, Diogo Gil, Antonia sua irmã, filha de Gil Martins de Farazan, Gonçalo Annes Borges, Estevão Dias, filho de Diogo Alvares da mãe dos Nogueiras, Senhorinha Annes por parte de sua irmã, Rodrigo Annes de Sá, mulher de Ayrias do Valle, Fernão d'Ayrias seu filho que são por todos sessenta e sete e d'estes tinham rações inteiras cincoenta e os demais meia e assim fazem uns e outros que neste mosteiro tiveram comedorias pelo dito anno de 1365 duzentos e oito.»

Os nomes destas pessoas, que tinham comedorias no mosteiro de Grijó, mostram que ellas pertenciam á mais alta nobreza do seu tempo o que claramente attesta ser este mosteiro muito considerado e respeitado.

Nos seus fastos historicos honra-se com terem sido alli conegos filhos das mais illustres familias e com terem vestido o habito da sua ordem muitos religiosos, que de alli sairam, para desempenhar altos cargos a que lhes davam jus o seu saber e as suas virtudes

Merecem um capitulo á parte.

(Continua)

José Pinto da Silva Ventura.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 10)

Campanhan — freg. conc. de Gondomar. — Egreja matriz interiormente forrada de azulejos. — Palacio acastellado que pertenceu aos Tavoras e ao visconde de Freixo. — Vestigios de mineração romana e arabe.

Campo e Couto (annexas) — freg., conc. de Barcellos. — «E' tradição que a egreja matriz de S. Salvador do Campo foi convento de freiras bentas, e que estas morreram todas de medo *por verem um bicho.*»

Campo (*S. Martinho do*) — freg., conc. da Povoa de Lanhoso. Ruinas de uma torre romana, no logar da *Motta.* — *Inscripções ineditas* pelo sr. dr. Francisco Martins Sarmento (*Bolet, da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Port.*, T. IV, pag. 59.)

Campo (*S. Silvestre do*) — freg., conc. de Coimbra. — Convento de S. Marcos, que foi de frades jeronymos.

Campo do Gerez ou S. João do Campo — freg., conc. de Terras do Bouro. — Ha aqui muitas

antiguidades: restos de construcções romanas e marcos milliarios com inscripções — *Notas archeologicas* pelo sr. dr. Santos Rocha, na *Revista de sciencias naturaes e sociaes* (Porto, 1893), vol. IV, n.º 13, 2.ª serie, n.º 5, pag. 25; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, pag. 338; *O Minho Pittoresco*, t. I, 471, 477; *Promenade au Gerez. Souvenir d'un géologue* par Mr. Paul Choffat (*Bolet. da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 14.ª série, n.º 4).

Campo Maior — villa e concelho. — Castello do tempo dos mouros, mandado reparar por D. Diniz. As muralhas teem dez baluartes. — A egreja de N. S.ª da Expectação é toda de optimo granito e foi construida no sec. XVIII. — Convento de frades franciscanos fund. primeiramente no sitio das Poças, em 1496; passou em 1646 para o castello e d'ahi para o actual sitio em 1708. — Convento de frades de S. João de Deus fund. em 1583 (?) em 1645 (?) para hospital militar, com donativos dos moradores da villa. — Misericordia e hospital fund. no sec. XVI. — Teve albergaria fund. por João Vicente do Castello. — Torre do Mexia e da ermida de N. S.ª do Rosario. — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *O pelourinho* (*Occidente*, vol. I, pag. 53.); *Archeol. Portug.* III, n.ºs 3 e 4, pag. 105.

Campo Pequeno, termo de Lisboa. — Padrão commemorativo das pazes que, a rogos da rainha Santa Izabel, fez o rei D. Diniz com seu filho o infante D. Affonso A inscripção do pedestal é em portuguez. — *Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos* por Vilhena Barbosa; *Relat. e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Panorama*, 1837, pag 44; *O Recreio* (revista semanal litter., 13.ª série, n.º 5, 1892).

Campos e Villa Mean — freg. conc. de Villa Nova da Cerveira. — Capella de Santa Luzia, onde foi a primitiva fundação do convento de freiras de Sant'Anna (benedictinas) de Vianna.

Canal — villa, conc. de Extremoz. — Hospicio de frades paulistas, do Valle do Infante, onde em 1372 se fundou o convento de Santo Antão, que foi demolido no tempo de D. João IV, mudando-se então para Lisboa.

Cannas de Senhorim — villa, conc de Nellas. — Ha aqui muitos dolmens. Houve no logar de *Valle de Madeiros* um convento (duplex ?) de bernardos.

Canavezes — villa, freg. de Santa Maria de Sobre Tamega, conc. de Marco de Canavezes. — Ponte de cantaria, com sete arcos e as guardas guarnecidas de ameias. sobre o Tamega; reedificada pela rainha D. Mafalda, mulher de D Affonso I, a qual mandou construir aqui uma albergaria, a que pertence a capella do Espirito Santo. Egreja matriz edificada tambem por aquella rainha. — *Mem. resuscitadas da provincia de entre Douro e Minho* porFrancisco Xavier da Serra Crasbeeck; *Pontes romanas em Portugal* pelo rev. sr. Pedro Augusto Ferreira (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. V, n.º 12, pag. 182); *Archeologo Portuguez*, t. I, n.º 1, pag. 20 a 28; *Archivo Pitt.*, VII, 257.

Canedo — freg., conc. da Feira. — Matriz no logar do *Mosteiro*, onde houve um convento de freiras benedictinas. Em *Mosteirô* houve outro.

Canellas — villa e concelho. — No sitio da *Fonte do Milho* ha uma muralha, restos de fortaleza antiquissima. Teem aqui apparecido differentes moedas de prata e cobre, quasi todas do imperador Tiberio.

Canidello — freg, conc. de Ponte de Lima. — Torre arabe, chamada «Torre de Florentim Barreto».

Cano — villa, conc. de Fronteira. — Misericordia fund. pelo povo no sec. XVI. Albergaria fund. na mesma epocha.

Cantanhede — villa e concelho. — Misericordia e hospital fund. pelos donatarios (condes de Cantanhede e marquezes de Marialva). — Convento de frades capuchos de Santo Antonio no sitio do Agueiro, fund. em 1675. — *Memoria historico chorographica dos div. conc. do distr. adm. de Coimbra* pelo dr. A L. de S. Henriques Secco; *Introducção á archeologia da peninsula iberica* por Augusto Filippe Simões; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 231; *Religiões da Lusitania* pelo dr. Leite de Vasconcellos, t I, pag. 17.

Cantelães — freg., conc de Vieira. — Castello de *Villa Secca* com galeria subterranea. — *O Minho Pittoresco*, t, I, 491.

Capareiros — villa, conc. de Vianna. — Matriz antiquissima. — Convento muito antigo, de frades bentos, que passou a abbadia secular no sec. XVI. «Era seu padroeiro Payo Peres, que deu o padroado ao arcebispo D. Payo, pelos annos de 1125; seus successores supprimiram o convento, do qual não ha vestigios.» — *O Minho Pittoresco*, t. I, 235.

Caparica — freg. conc. de Almada. — Mais de 30 cisternas de magnifica e dispendiosa construcção *arabe*, na aldeia de *Mofarcem*. — *Torre Velha* ou de S. Sebastião de Caparica, mand. edificar no reinado de D. Sebastião. — Matriz fund. nos fins do sec. XVI. — Convento de capuchos arrabidos fund. em 1564 por D. Lourenço Pires Tavora, quando senhor de Caparica — Convento de *N. S.ª da Rosa*, de frades paulistas, fund. em 1410, e o de frades agostinhos descalços, no logar da *Sobrada*, fund. em 1677.

Capinha — freg, conc. do Fundão — Reducto e 4 revelins, a que dão o nome de castello, construcção de 1642. — *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão* pelo sr. José Germano da Cunha; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hubner; *Corpus - Inscr Hisp. Latin*, vol. II, pag. 49, 51; *Archeol. Port.*, III, pag. 150.

Caramos — freg., conc. de Felgueiras. — Convento de frades agostinhos fund. em 1090 por D. Gonçalo Mendes, filho do conde D. Nuno Mendes. A egreja d'este convento é matriz da freguezia. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 392.

Caravella — freg, termo de Bragança. — Vestigios de uma fortaleza *mourisca* (?) nas proximidades de uma ribeira, a O. da freguezia.

(Continua)

Errata

No *Boletim*, n.º 10, pag 160, linha 26 onde se lê: «o direito real que sobre elle tinha, quando o tivesse este mosteiro» devia ler-se «o direito real que sobre elle tinha, querendo o tivesse este mosteiro».